3a 6
13
16

H 9
4126

MAPPA
DE
PORTUGAL
ANTIGO, E MODERNO

PELO PADRE

JOAÕ BAUTISTA DE CASTRO,

Beneficiado na Santa Baſilica Patriarcal de Lisboa.

TOMO TERCEIRO.
PARTE V.

Neſta ſegunda ediçaõ reviſto, e augmentado pelo ſeu meſmo Author; e recopila em Taboas Topograficas as Povoações principaes da Extremadura, com a deſcripçaõ exacta da Cidade de Lisboa, e ſeu Termo, antes e depois do terremoto; a que ſe ajunta o Roteiro terreſte do meſmo Reino, com as derrotas por traveſſia.

LIVRARIA DE D. FRANC MANUEL

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

LISBOA,
Na Officina Patriarcal de Franciſco Luiz Ameno.

M.DCC.LXIII

Com as licenças neceſſarias, e Privilegio Real.

29 / 973

ADVERTENCIA.

NEſte terceiro Tomo diſtribuo as preciſas noticias, que já dey a ler na quinta Parte do Mappa, mas com alguns retoques, poſto que poucos; porque a inconſtancia continua, em que nos deixou o terremoto paſſado, tem feito produzir a cada paſſo tranſmutaçoẽs differentes, donde ſerá deſculpavel, ſe olhando para o eſtado actual de algumas couſas obſervarem aqui os Leitores ſemblante diverſo.

Naõ pertendo tambem meter aos curioſos na eſperança da continuaçaõ da Obra: A vida, e o Author della, ſaõ os que verdadeiramente podem ſegurar o deſempenho: farey por naõ deſtruir, nem deſmerecer ao menos com a ocioſidade o habito da applicaçaõ, adquirido por tantos annos; e unido ao eſpecial affecto que conſervo à Patria.

Na pag. 416. do primeiro tomo ſe emmende o lugar da ſepultura do Senhor Infante D. Antonio, o qual eſtá ſepultado na Igreja de S. Vicente de Fóra.

LI-

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

POdem-ſe reimprimir os cinco tomos, de que ſe faz mençaõ, e depois voltaráõ conferidos para ſe dar licença que corraõ, ſem a qual naõ correráõ. Lisboa, 23 de Abril de 1762.

Trigoſo. Lima.

Do Ordinario.

POde-ſe reimprimir os tomos de que trata a petiçaõ, e depois tornem para ſe dar licença para correr. Lisboa, 23 de Abril de 1762.

D. J. Arcebiſpo de Lacedemonia.

Do Deſembargo do Paço.

QUe ſe poſſaõ reimprimir, e depois de impreſſos tornaráõ conferidos para as licenças de correr. Lisboa, 24 de Abril de 1762.

Com quatro Rubricas.

POdem correr. Lisboa, 10 de Mayo de 1763.
Trigoſo. Carvalho. Mello.

POdem correr. Lisboa, 16 de Mayo de 1763.
Coſta.

QUe poſſaõ correr, e taixaõ o primeiro e ſegundo tomo em quinhentos reis cada hum, e o terceiro em ſeis toſtões. Lisboa, 16 de Mayo de 1763.
Com tres Rubricas.

MAP-

MAPPA
DE
PORTUGAL.

CAPITULO I.

Explicaçaõ das Taboas Topograficas, em que ſe comprehendem as principaes Povoações da Provincia da Eſtremadura.

1 NAS quatro precedentes Partes do noſſo Mappa temos dado huma informaçaõ generica, e methodica de todo o Reino de Portugal; agora parece naõ ſó juſto, mas util para a Hiſtoria do meſmo Reino, penetrarmos o interior de ſeu Continente, examinando, e deſcrevendo com alguma miudeza as Povoações mais notaveis, de que elle ſe compoem.

2 Para iſſo começamos pela Provincia da Eſtremadura, naõ ſó por ſer a capital do Reino, mas

por vermos nella a diſtincta vantagem, que logra, além de outras, em ſer o aſſento Regio, onde reſide a Mageſtade do ſeu Soberano com toda a pompa, e grandeza da ſua Corte.

3 Das Povoações mais inſignes, iſto he, Cidades, e Villas, de que conſta eſta Provincia, deſenhámos primeiro que tudo as Taboas Topograficas, para que em breve eſpaço, e a huma viſta ſe viſſe com facilidade o mais eſſencial de cada huma por eſta fórma.

4 Na primeira columna, que ſerve como de indice das outras, ſe aſſinaõ os pontos preciſos de cada Povoaçaõ, e eſtas vaõ collocadas por ordem alfabetica nas cabeceiras das outras columnas, e por iſſo diz o ſeu primeiro titulo: *Povoações principaes da Eſtremadura.*

5 *Comarca.* Eſte he o ſegundo titulo da primeira columna, que aponta a Povoaçaõ cabeça de Comarca, a que eſtá ſubordinada civilmente a dita terra. V. g. *Abiul* eſtá ſujeita à Comarca, ou juriſdiçaõ do Corregedor de Thomar; porém quando a tal Villa he a propria cabeça de Comarca, como v. g. *Abrantes*, entaõ ſe denota a ſua iſençaõ com eſte ſinal. *

6 *Dieceſe.* Indica eſte titulo o dominio Eccleſiaſtico, a quem deve obediencia a dita Povoaçaõ, v. g. *Abiul* eſtá no territorio ſubordinado ao Biſpo de Coimbra. Eſcolhemos a palavra *Dieceſe*, por ſer tranſcendente, e propria a explicar a ordinaria juriſdiçaõ Eccleſiaſtica, aſſim Epiſcopal, como Metropolitana, e Patriarcal; mas ſe a dita Povoaçaõ he onde reſide a Igreja Cathedral, ſe diſtingue com eſta nota. †

7 *Altura do Polo.* Moſtra com os numeros, que aponta, os gráos, e minutos de latitude, e longitude Geografica, iſto he, a diſtancia, que as taes Povoações tem da Equinocial para o Polo, e eſta ſe indica nos primeiros numeros; e os que eſtaõ por bai-

baixo immediatamente na ſegunda regra moſtraõ tambem os gráos, e minutos, que diſtaõ as Povoações de Leſte a Oeſte, ou quanto ſe afaſtaõ do primeiro Meridiano. He de advertir, que para determinarmos a ſituaçaõ dos taes lugares, nos valemos da Carta Geografica de Joaõ Bautiſta Hommanu, impreſſa no anno de 1736, por ſer, como já temos dito em outra parte, a que melhor ſe ajuſta às computações mais exactas, e tambem para aſſim ſeguirmos hum calculo igual; pois, como ſabem os doutos, ſaõ diverſiſſimos os ſyſtemas dos Geografos na arrumaçaõ das terras.

8 *Diſtancia de Lisboa.* Manifeſta as legoas, que diſta a tal Povoaçaõ da Corte, a qual fizemos centro de todas as mais terras, conformando-nos com o noſſo Roteiro, e orientando-as, para ſe ſaber em que parte eſtaõ ſituadas.

9 *Foral.* Declara quem deu foral ao dito Lugar, ou quem reformou o antigo, iſto he, quem lhe impoz, ou reformou as primeiras leys municipaes, tributos, ou privilegios. Para iſto examinámos com diligencia os grandes cinco Tomos dos Foraes, que exiſtem no Archivo authentico chamado *Torre do Tombo*, feitos pelo ſeu Guarda mór Fernaõ de Pina em tempo do Senhor Rey D. Manoel, os quaes com urbanidade, e franqueza nos fez ver o ſeu Guarda mór Joaõ Couceiro de Abreu logo nos principios, que emprendémos eſte trabalho.

10 *Paroquias.* Eſte titulo moſtra as Paroquias, que ha no territorio da Povoaçaõ; com advertencia, que o primeiro numero indica as que ha dentro da Villa, e o ſegundo numero correſpondente, e dentro da meſma columna declara as que ha no ſeu Termo, v. g. *Abiul* tem huma Freguezia dentro da Villa, e duas no Termo.

11 *Conventos*, e *Moſteiros.* Neſtes dous titulos ſeparados ſe aſſinaõ os Conventos de Religioſos, e Moſteiros de Religioſas, que exiſtem ou dentro, ou

no Termo da Povoaçaõ. Fazemos differença de Convento a Moſteiro para mayor clareza, e niſto imitamos ao Padre Chroniſta Fr. Manoel da Eſperança, que na 1. *part. da Hiſtoria Serafica num.* 12. *das Declarações Proemiaes* aſſim o obſerva.

12 *Ermidas.* Expoem as Igrejas, que ha na Povoaçaõ, ou no ſeu Termo, com a meſma expreſſaõ dos dous numeros reſpectivos.

13 *Fogos.* Neſte ponto ſe aſſina o numero das familias de cada Povoaçaõ; e por naõ ſer facil a averiguaçaõ exacta de todas, as demarcamos ordinariamente com o numero redondo.

14 *Donatario.* Moſtra quem he o ſenhor da terra, ou a quem pertence o dominio della.

15 *Feira.* Diz em que tempo ha mercado publico livre, ou penſionado nas taes Povoações.

16 Eſtes parecem ſer os pontos mais preciſos, que entendemos ſe deviaõ demarcar em as abbreviadas Taboas do noſſo Mappa, reſervando porém ſempre o mais, que lhe pertence para os outros Capitulos, que ſe haõ de ſeguir, onde diremos tambem o mais eſſencial de cada Villa. E porque, ſegundo o noſſo methodo, devia ſeguirſe primeiramente a deſcripçaõ de *Abiul*, todavia deve preferir a todas as mais Povoações a Cidade de *Lisboa*, como capital naõ ſó da Provincia, mas do Reino todo.

17 A meſma preferencia devia ſeguir a Cidade de *Leiria*, ſe acaſo as memorias, que pedimos, nos chegaſſem a tempo de as podermos coordenar neſte Tomo; porém a pouca applicaçaõ, e diligencia, que até agora temos experimentado em quem ſe offereceo a communicarnolas, nos obrigará a collocalla no lugar natural da ordem progreſſiva alfabetica, e aproveitarnos do que a noſſa unica diligencia, e trabalho tem adquirido, deſejando em tudo conformarnos com a verdade, pondo, e applicando para eſſe effeito todo o cuidado, que entendemos ſer preciſo para ſemelhante empreza. Paſſemos à projecçaõ das Taboas.

TABOAS TOPOGRAFICAS DAS PRINCIPAES POVOAÇÕES, que comprehende a Provincia DA ESTREMADURA.

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Abiul.*		*Abrantes.*	
Comarca.	Thomar.		*	
Dieceſe.	Coimbra.		Guarda.	
Altura do Polo.	39 9	54 51	39 10	24 22
Diſt. de Lisboa.	25. para o Nort.		23. para o Nord.	
Foral.	ElRey D. Manoel reformou o ſeu Foral a 14 de Julho de 1515.		ElRey D. Affonſo Henriques lhe deu Foral, e ElRey D. Manoel o reformou no primeiro de Junho de 1510.	
Paroquias.	1.	2.	4.	14.
Conventos.			2.	
Moſteiros.			2.	
Ermidas.	1.	9.	13.	10.
Fogos.	50.	370.	1000.	1900.
Donatario.	Foy do Duque de Aveiro, hoje he da Coroa.		He cabeça de Marquezado.	
Feiras.	No 1. Domingo de Agoſto.		Em 24 de Fevereiro ſeis dias.	

Aguas

Aguas bellas.	*Aguda.*	*Alanquer.*
Thomar.	Thomar.	*
Coimbra.	Coimbra.	Lisboa.
39 37 10 9		39 8 9 28
20. para o Nord.	23. para o Nort.	7. e meya Nort.
ElRey D. Joaõ I. lhe deu Foral no anno 1390, e ElRey D. Manoel o reformou no anno 1513.		A Infanta Dona Sancha lhe deu Foral, que confirmou D. Manoel no anno de 1510.
1.	1.	5. 13.
		2. 5.
		1.
1. 4.	1.	6. 21.
30. 150.	20. 120.	500. 1500.
De Duarte Sodré.	Do Senhor Infante D. Pedro.	He das Sereniſſimas Rainhas.
Em 27 de Agoſto franca.	Em 28 de Out. e a 13 de Dez. no Term. da Vil.	

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Alcacer do Sal.*		*Alcanede.*	
Comarca.	Setubal.		Santarem.	
Dieceſe.	Evora.		Lisboa.	
Altura do Polo.	38 9	19 50	39 9	24 35
Diſt. de Lisboa.	14. para Leſte.		16. para o Nort.	
Foral.	ElRey D. Affonſo II. a mandou povoar no anno de 1217.		ElRey D. Affonſo I. a mandou povoar no anno 1163, e ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1514.	
Paroquias.	2.	9.	1.	8.
Conventos.	1.			
Moſteiros.	1.			
Ermidas.	11.	5.	17	18.
Fogos.	630.	800.	300.	800.
Donatario.	Do Meſtrado de Santiago.		Do Meſtrado de Avís.	
Feiras.	Na Dominga do Bom Paſtor tres dias franca.			

Al-

Alcobaça.	*Alcoentre.*	*Alcouchete.*
Leiria.	Santarem.	Setubal.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
39 42 9 17	39 10 9 10	38 45 9 30
18. para o Nort.	11. para o Nort.	3. para o Sueſte.
ElRey D. Affonſo I. a fundou no ann. de 1148, e ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral no anno de 1513.	ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral antigo no anno de 1513.	ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral no anno de 1515.
1. 1.	1. 1.	1. 1.
1. 1.		1.
3. 2.	4. 3.	3.
420. 130.	150. 60.	280. 90.
Do D. Abbade de Alcobaça.	Do Conde de Vimieiro.	He do Meſtrado de Santiago.
Em 20 de Agoſto, e em 30 de Novembro.		

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Aldêa Gallega.*	*Aldêa Gallega da Merciana.*
Comarca.	Setubal.	Alanquer.
Dieceſe.	Lisboa.	Lisboa.
Altura do Polo.	38 41 9 21	39 5 9 10
Diſt. de Lisboa.	3. para o Sueſte.	9. para o Norte.
Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1514.	ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral no anno de 1513.
Paroquias.	1. 1.	1. 1.
Conventos.	1. 1.	1. 1.
Moſteiros.		
Ermidas.	2. 3.	3. 7.
Fogos.	450. 200.	130. 200.
Donatario.	He do Meſtrado de Santiago.	He das Sereniſſimas Rainhas.
Feiras.		A 25 de Março, e no Doming. da SS. Trindade.

Alfeiziraõ.	*Alhandra.*	*Alhos-Vedros.*
Leiria.	Torres-Vedras.	Setubal.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
39 28 9 11	38 55 9 11	38 37 9 22
17. para o Nort.	5. para o Nord.	3. para o Sueſte.
ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno de 1513.	D. Soeiro I. Biſpo de Lisboa lhe deu Foral no anno de 1203.	ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno de 1514.
1.	1. 2.	1.
	1.	2.
2.	4. 1.	3. 1.
60. 100.	400. 500.	200. 100.
Do D. Abbade de Alcobaça.	He dos Eminentiſſimos Patriarcas de Lisboa.	He do Meſtrado de Santiago.
Em dia de Santo Amaro tres dias.	Em 15 de Agoſto franca.	

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Aljubarrota.*	*Almada.*
Comarca.	Leiria.	Setubal.
Dieceſe.	Leiria.	Lisboa.
Altura do Polo.	39 30 9 20	38 44 9 13
Diſt. de Lisboa.	18. para o Nort.	meya para o Sul.
Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno de 1514.	ElRey D. Sancho I. lhe deu Foral no anno de 1187.
Paroquias.	2.	2. 4.
Conventos.		1. 3.
Moſteiros.		
Ermidas.	5.	4. 16.
Fogos.	400.	700. 800.
Donatario.	Do D. Abbade de Alcobaça.	He da Coroa.
Feiras.		

Al-

Almeirim.	*Alpedriz.*	*Alváres.*
Santarem.	Leiria.	Thomar.
Lisboa.	Leiria.	Coimbra.
39 10 9 45	39 35 9 20	39 56 10 21
14. para o Nord.	15. para o Nort.	7. para o Nord.
ElRey D. Joaõ I. a fundou no anno de 1411.	ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno 1515.	ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno de 1514.
1.	1.	1.
1.		
3.	4.	3. 9.
300.	200.	40. 260.
He da Coroa.	He da Ordem Militar de Avís.	

Po-

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Alvaro.*		*Alverca.*	
Comarca.	Thomar.		Torres-Vedras.	
Dieceſe.	*Nullius Diœceſis.*		Lisboa.	
Altura do Polo.	39 10	38 8	38 9	55 10
Diſt. de Lisboa.	32. para o Nord.		4. para o Norte.	
Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral no anno de 1514.			
Paroquias.	1.		1.	1.
Conventos.			2.	
Moſteiros.				
Ermidas.	6.	13.	3.	
Fogos.	90.	370.	350.	100.
Donatario.	He do Marquez de Marialva.		Do Proved. das Capell. delRey D. Affonſo IV.	
Feiras.			Em 15 de Julho tres dias franca.	

Al-

Alvorninha.	*Amendoa.*	*Aréga.*
Leiria.	Thomar.	Thomar.
Lisboa.	Guarda.	Coimbra.
39 30 9 22	39 35 10 15	39 54 10 50
13. para o Nort.	20. para o Nord.	27. para o Nord.
ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno de 1513.		ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno de 1513.
1. 1.	1.	1.
5. 13.	3.	2. 3.
500. 200.	140. 60.	230. 200.
Do D. Abbade de Alcobaça.	He da Coroa.	He do Duque de Cadaval.

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Arruda.*	*Aſſinceira.*
Comarca.	Torres-Vedras.	Thomar.
Dieceſe.	Lisboa.	Lisboa.
Altura do Polo.	39 3 9 12	39 34 10 0
Diſt. de Lisboa.	6. para o Norte.	21. para o Nord.
Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral no anno de 1517.	ElRey D. Diniz lhe deu Foral no anno de 1315, e Filippe II. o reformou no anno de 1591.
Paroquias.	1. 1.	1.
Conventos.		1.
Moſteiros.		
Ermidas.	2. 9.	1.
Fogos.	260. 50.	150.
Donatario.	He do Meſtrado de Santiago.	He do Conde de Atalaya.
Feiras.	Em 24 de Junho tres dias franca.	

Ata-

Atalaya.	*Atouguia.*	*Aveiras debaixo.*
Thomar.	Leiria.	Santarem.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
39 31 10 9	39 12 9 0	39 7 9 31
20. para o Nord.	10. para Noroeſt	9. para o Nord.
ElRey D. Diniz lhe deu Foral no anno de 1315.	Guilherme La corni a povoou no ann. de 1165, e ElRey D. Sancho I. lhe deu Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral.
1.	1.	1.
	1	1.
4. 3.	6. 3.	2.
350. 250.	100. 120.	200.
He do Conde de Atalaya, hoje Marq. de Tanc.	Foy do Conde de Atouguia, hoje he da Coroa.	He do Conde de Aveiras.
A 20 de Janeiro tres dias franca.		Em 8 de Setembro no Lugar das Virtudes.

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Aveiras de cima.*	*Avelar.*
Comarca.	Santarem.	Ourem.
Dieceſe.	Lisboa.	Coimbra.
Altura do Polo.	39 8 9 32	
Diſt. de Lisboa.	9. para o Nord.	25. para o Nord.
Foral.	ElRey D. Manoel reformou o ſeu Foral no anno de 1513.	
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		
Moſteiros.		
Ermidas.	2. 1.	2.
Fogos.	100. 50.	50. 200.
Donatario.	He das Cõmendadeiras de Santos de Lisboa.	He da Caſa do Infantado.
Feiras.		

Azam-

Azambuja.		*Azambujeira.*		*Azeitaõ limite.*	
Santarem.		Santarem.		Setubal.	
Lisboa.		Lisboa.		Lisboa.	
39	5	39	18	38	30
9	22	9	21	9	18
10. para o Nort.		15. para o Nort.		7. para o Sueſte.	
ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno de 1513.		ElRey D. Joaõ IV. a fez Villa no anno de 1654.		ElRey D. Pedro I. lhe confirmou ſeus privilegios.	
1.		1.		2.	
				1.	1.
4.	3.	2.		14.	
700.	200.	40.	110.	200.	100.
De D. Antonio Rolim de Moura.		He do Conde de Soure.		Foy da Caſa de Aveiro, hoje he da Coroa.	
No ultimo Domingo de Outubro.					

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Batalha.*	*Barreiro.*
Comarca.	Leiria.	Setubal.
Dieceſe.	Leiria.	Lisboa.
Altura do Polo.	39 9 34 31	38 9 36 12
Diſt. de Lisboa.	19. para o Nort.	2. para o Sul.
Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1504.	
Paroquias.	1.	1.
Conventos.	1.	1.
Moſteiros.		
Ermidas.	1. 9.	3.
Fogos.	200. 300.	300.
Donatario.		Foy da Caſa de Aveiro, hoje he da Coroa.
Feiras.	Em 15 de Agoſt. oito dias franca.	

Bellas.	*Cabrella.*	*Cadaval.*
Torres-Vedras.	Setubal.	Torres-Vedras.
Lisboa.	Evora.	Lisboa.
38 50 9 0	38 32 9 51	39 13 9 12
1. e meya Nort.	12. para Sueſte.	12. para o Nort.
	O Venerav. Rey D. Affonſo I. lhe deu Foral, e D. Manoel a fez Villa no anno de 1517.	ElRey D. Fernando a fez Villa no anno de 1371.
1.	1. 1.	1. 8.
		1.
2. 7.	3. 1.	4. 17.
100. 300.	300.	120. 900.
He do Conde de Pombeiro.	He do Meſtrado de Santiago.	He cabeça de Ducado.
		Em 8 de Dezembro.

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Caldas.*	*Ç,amora Correa.*
Comarca.	Alanquer.	Setubal.
Dieceſe.	Lisboa.	Lisboa.
Altura do Polo.	39 26 9 11	38 50 9 30
Diſt. de Lisboa.	14. para o Nort.	7. para o Leſte.
Foral.	A Rainha Dona Leonor a mandou povoar no anno de 1488.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1510.
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		
Moſteiros.		
Ermidas.	5.	1.
Fogos.	300.	160.
Donatario.	He das Sereniſſimas Rainhas.	Foy da Caſa de Aveiro, hoje he da Coroa.
Feiras.	A 14 de Agoſto tres dias franca.	

Ca-

Canha.	*Caſcaes.*	*Caſtanheira.*
Setubal.	Torres-Vedras.	Torres-Vedras.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
38 43 9 38	38 49 8 54	38 56 9 30
9. para o Leſte.	5. para o Oeſte.	7. para o Nord.
O Venerav. Rey D. Affonſo I. lhe deu Foral.		ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1510.
1.	2. 4.	1.
	2.	1.
		1.
2.	13. 9.	2.
200. 150.	900. 800.	500.
He do Meſtrado de Santiago.	He cabeça de Marquezado.	He da Caſa do Infantado.

Po-

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Santa Catharina.*	*Cella.*
Comarca.	Leiria.	Leiria.
Dieceſe.	Lisboa.	Lisboa.
Altura do Polo.	39 24 9 19	39 26 9 11
Diſt. de Lisboa.	16. para o Nort.	19. para o Nort.
Foral.	Dom Fr. Joaõ Martins, Geral de Alcobaça.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral, e a fez Villa.
Paroquias.	1. 3.	1.
Conventos.		
Moſteiros.		
Ermidas.	3. 7.	2. 3.
Fogos.	180. 390	130. 80.
Donatario.	Do D. Abbade de Alcobaça.	Do D. Abbade de Alcobaça.
Feiras.	A 25 de Novembro 2. dias franca.	

Cezimbra.	*Chaõ do Couce.*	*Chamuſca.*
Setubal.	Thomar.	Alanquer.
Lisboa.	Coimbra.	Lisboa.
38 27 9 6	39 55 10 0	38 16 9 52
6. para o Sul.	24. para o Nord.	17. para o Nord.
ElRey D. Sancho I. a mandou povoar no anno de 1200.		ElRey D. Sebaſtiaõ lhe deu Foral no anno de 1561, e a fez Villa.
2. 2.	1.	1.
		1.
3.		
2. 2.	1.	5.
500. 780.	30. 60.	630.
Foy da Caſa de Aveiro, hoje he da Coroa.	He da Caſa do Infantado.	He das Sereniſſimas Rainhas.
		A 13 de Fevereiro tres dias.

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Chileiros.*	*Cintra.*
Comarca.	Torres-Vedras.	Alanquer.
Dieceſe.	Lisboa.	Lisboa.
Altura do Polo.	38 56 9 6	38 54 8 57
Diſt. de Lisboa.	4 para Noroeſt.	5. para Noroeſt.
Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral antigo no anno de 1516.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1519.
Paroquias.	1. 1.	4. 6.
Conventos.		3.
Moſteiros.		
Ermidas.	3. 2.	5. 16.
Fogos.	100.	560. 2000.
Donatario.	He da Caſa do Infantado.	He das Sereniſſimas Rainhas.
Feiras.		

Coina.	*Collares.*	*Cós.*
Setubal.	Torres-Vedras.	Leiria.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
38 35 9 21	38 55 8 46	39 30 9 21
3. e meya Sueſt.	6. para Noroeſt.	19. para o Nort.
ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1516.	ElRey D. Diniz lhe deu Foral, e D. Manoel o reformou no anno de 1516.	Dom Fr. Pedro Gonçalves, Geral de Alcobaça.
1.	1.	1.
	1.	
		1.
2.	3. 6.	2. 7.
170.	100. 250.	100. 150.
He das Cõmendadeiras de Santos.	He da Coroa.	Do D. Abbade de Alcobaça.

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Dornes.*		*Ega.*	
Comarca.	Thomar.		Leiria.	
Dieceſe.	Coimbra.		Coimbra.	
Altura do Polo.	39 10	45 11	39 9	59 46
Diſt. de Lisboa.	26. para o Nord.		30. para o Nort.	
Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1513.		ElRey D. Manoel lhe confirmou o Foral no anno de 1514.	
Paroquias.	1.	2.	1.	1.
Conventos.				
Moſteiros.				
Ermidas.	5.	16.	2.	12.
Fogos.	130.	280.	100.	140.
Donatario.	He do Meſtrado de Chriſto.		He do Meſtrado de Chriſto.	
Feiras.			A 3 de Fevereiro, e a 11 de Novembro.	

En-

Enxara dos Cavalleiros.	*Ericeira.*	*Erra.*
Torres-Vedras.	Torres-Vedras.	Santarem.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
38 56 9 10	39 3 8 49	39 0 10 10
5. para o Norte.	7. para Noroeſt.	14. para o Leſte.
ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral em 20 de Novembr. de 1519.	ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral em 30 de Agoſto de 1513.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1514.
1.	1.	1. 1.
		1.
1. 2.	4.	
70. 80.	250.	200.
He dos Viſcond. de Villa-Nova de Cerveira.	He Cabeça de Condado.	He do Conde de Atalaya.

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Evora de Alcobaça.*	*Ferreira.*
Comarca.	Leiria.	Thomar.
Dieceſe.	Lisboa.	Coimbra.
Altura do Polo.	39 25 9 22	39 33 10 20
Diſt. de Lisboa.	19. para o Nort.	28. para o Nord.
Foral.	D. Fr. Martinho II. Geral de Alcobaça.	
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		
Moſteiros.		
Ermidas.	3.	3.
Fogos.	250.	18. 170.
Donatario.	Do D. Abbade de Alcobaça.	He do Meſtrado de Chriſto.
Feiras.		

Fi-

Figueiró dos Vinhos.	*Golegã.*	*Grandola.*
Thomar.	Santarem.	Setubal.
Coimbra.	Lisboa.	Evora.
39 55 10 10	39 25 9 58	38 10 9 40
28. para o Nord.	18. para o Nord.	16. para o Sul.
ElRey D. Sancho I. a fez Villa no anno de 1187.		ElRey D. Joaõ III. lhe deu Foral no anno de 1543.
1.	1.	1. 2.
1.	1.	
1.		
5.	4. 3.	5.
500.	600.	250. 550.
He do Conde de Redondo.	He da Coroa.	He do Duque de Cadaval.
Em 27 de Julho tres dias franca.	Em 11 de Novembro 3. dias	

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Lamaroſa.*	*Lavradio.*
Comarca.	Santarem.	Setubal.
Dieceſe.	Lisboa.	Lisboa.
Altura do Polo.	39 1 10 0	38 36 9 12
Diſt. de Lisboa.	15. para o Nord.	2. para o Sul.
Foral.		
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		1.
Moſteiros.		
Ermidas.	3.	
Fogos.	50.	140.
Donatario.	He de Manoel Telles de Menezes.	He cabeça de Condado.
Feiras.		

Lei-

Leiria Cidade.	*Lisboa Cidade, e Corte.*	*Lourinhã.*
*	*	Torres-Vedras.
†	✠	Lisboa.
39 47 9 36	38 48 9 15	
21. para o Nort.		10. para o Nort.
ElRey D. Sancho I. lhe deu Foral no ann. de 1195, e D. Joaõ III. a fez Cidade no anno de 1545.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral em 7 de Agoſto de 1500.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1512.
2. 24.	41. 37.	1. 2.
3.	40. 15.	1.
1.	24. 8.	
10. 84.	136. 152.	5.
1070. 8000.	400U000.	200. 450.
He da Coroa.		He do Conde de Monſanto.
	Todas as terças feiras da ſemana.	Em 16 de Agoſto.

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Maçaõ.*	*Maçãs de Caminho.*
Comarca.	Thomar.	Thomar.
Dieceſe.	Guarda.	Coimbra.
Altura do Polo.	39 27 10 25	39 46 10 12
Diſt. de Lisboa.	27. para o Nord.	26. para o Nord.
Foral.		
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		
Moſteiros.		
Ermidas.		1.
Fogos.	450.	40.
Donatario.	He do Meſtrado de Chriſto.	He da Coroa.
Feiras.		

Maçãs de Dona Maria.	*Mafra.*	*S. Martinho.*
Ourem.	Torres-Vedras.	Leiria.
Coimbra.	Lisboa.	Lisboa.
39 46 10 13	39 3 9 5	39 25 9 10
27. para o Nord.	6. para Noroeſt.	17. e meya Nort.
	ElRey D. Diniz lhe deu Foral no anno de 1304, e D. Manoel o reformou no anno de 1513.	D. Fr. Eſtevaõ Martins, Geral de Alcobaça.
1.	1. 1.	1.
	1.	
	2.	3. 1.
40. 350.	400. 200.	100. 60.
He da Coroa.	He dos Viſcond. de Villa-Nova de Cerveira.	Do D. Abbade de Alcobaça.
	Em 30 de Novembro.	

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Mayorga.*	*Moita.*
Comarca.	Leiria.	Setubal.
Dieceſe.	Lisboa.	Lisboa.
Altura do Polo.	39 24 9 25	38 39 9 21
Diſt. de Lisboa.	18. para o Nort.	3. para o Sul.
Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1513.	ElRey D. Pedro II. a fez Villa.
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		
Moſteiros.		
Ermidas.	3. 5.	4.
Fogos.	140. 50.	170.
Donatario.	Do D. Abbade de Alcobaça.	He do Conde de Alvor.
Feiras.		

Montargil.	*Mugem.*	*Obidos.*
Santarem.	Santarem.	Alanquer.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
38 58 10 5	39 5 9 43	39 20 9 18
15. para o Nord.	12. para o Nord.	13. para o Nort.
ElRey D. Diniz lhe deu Foral no anno de 1315.	ElRey D. Diniz lhe deu Foral no anno de 1304.	
1.	1.	4. 16.
		2.
		5. 50.
320. 100.	200.	1000. 2800.
Era de D. Joaõ Rolim de Moura. Paſſou para hum filho ſegũdo do Conde de Val de Reys.	He do Duque de Cadaval.	He Cabeça de Condado. Em 13 de Setembro tres dias franca.

Po-

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Oeiras.*	*Ourem.*
Comarca.		*
Dieceſe.	Lisboa.	Leiria.
Altura do Polo.	38 9 ſ0 0	39 9 42 ſ0
Diſt. de Lisboa.	3. para o Poente.	22. para o Nord.
Foral.	ElRey D. Joſeph I. a fez Villa no anno de 17...	ElRey D. Pedro II. lhe reformou o ſeu Foral no anno de 169ſ.
Paroquias.	1. 1.	1. 4.
Conventos.	1.	1.
Moſteiros.		
Ermidas.	20.	3. ſ0.
Fogos.	ſ00.	900. 2000.
Donatario.	He Cabeça de Condado.	He da Sereniſſima Caſa de Bragança.
Feiras.		

Pal-

Palmella.	*Pampilhoſa.*	*Payo de Pelle.*
Setubal.	Thomar.	Thomar.
Lisboa.	Guarda.	*Nullius Diœceſis.*
38 13 9 21	40 0 10 40	39 25 10 5
5. para o Sueſte.	34. para o Nord.	20. para o Nord.
		ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno de 1519.
2. 2.	1.	1.
1. 2.		1.
5. 3.	1. 1.	1. 2.
900. 300.	400.	40. 100.
He do Meſtrado de Santiago.	He da Coroa.	He do Meſtrado de Chriſto.
Em 8 de Dezembro franca.		

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Pederneira.*		*Pedrogaõ grande.*	
Comarca.	Leiria.		Thomar.	
Dieceſe.	Lisboa.		Coimbra.	
Altura do Polo.	39 9	36 11	40 10	0 25
Diſt. de Lisboa.	18. para o Nort.		33. para o Nord.	
Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno de 1513.		D. Pedro Affonſo, filho de D. Affonſo I. lhe deu Foral, que confirmou ElRey D. Affonſo III.	
Paroquias.	1.	1.	1.	4.
Conventos.				1.
Moſteiros.				
Ermidas.	3.	3.	7.	3.
Fogos.	250.	400.	420.	680.
Donatario.	Do D. Abbade de Alcobaça.		He do Conde de Redondo.	
Feiras.				

Pe-

Peniche	*Pias.*	*Pombal.*
Leiria.	Thomar.	Leiria.
Lisboa.	*Nullius Diœceſis.*	Coimbra.
39 16 9 0	39 38 10 1	39 50 9 50
12. ao Nornord.	24. para o Nord.	28. para o Nort.
		ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral.
3.	1. 2.	1. 2.
1.		
6.	2. 30.	3. 30.
900.	130. 660.	800. 600.
Foy do Conde de Atouguia, hoje he da Coroa.	He do Meſtrado de Chriſto.	He do Meſtrado de Chriſto.

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Ponte de Sor.*		*Porto de Mós.*	
Comarca.	Thomar.		Ourem.	
Dieceſe.	Portalegre.		Leiria.	
Altura do Polo.	39 10	9 25	39 9	30 31
Diſt. de Lisboa.	23. para o Nord.		19. para o Nort.	
Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1514.			
Paroquias.	1.	1.	3.	6.
Conventos.			1.	
Moſteiros.				
Ermidas.	2.		2.	27.
Fogos.	160.	120.	900.	1400.
Donatario.			He da Sereniſſima Caſa de Bragança.	
Feiras.	A 4 de Outubro.		Dia do Eſpir. S. A 7 de Agoſto. A 13 de Dezẽb.	

Póvos.	*Pouſa-Flores.*	*Punhete.*
Torres-Vedras.	Ourem.	Thomar.
Lisboa.	Leiria.	*Nullius Diœceſis.*
38 58 9 20		39 25 10 10
7. para o Norte.	26. para o Nord.	21. para o Nord.
ElRey D. Sancho I. pelos annos de 1194.		ElRey D. Sebaſtiaõ a fez Villa.
1.	1.	1.
3.		4. 2.
300.	300.	350. 100.
He da Caſa do Infantado.	He da Caſa do Infantado.	
		A 5 de Agoſto.

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Puſſos.*		*Redinha.*	
Comarca.	Thomar.		Leiria.	
Dieceſe.	Coimbra.		Coimbra.	
Altura do Polo.	39 9	50 50	39 9	55 50
Diſt. de Lisboa.	25. para o Nord.		28. para o Nort.	
Foral.			D. Galdim Paes lhe deu o ſeu Foral.	
Paroquias.	1.		1.	1.
Conventos.				
Moſteiros.				
Ermidas.	1.	6.	2.	1.
Fogos.	150.	40.	400.	160.
Donatario.	He da Coroa.		He do Meſtrado de Chriſto.	
Feiras.				

Salir do Mato.	*Salir do Porto.*	*Salvaterra de Magos.*
Leiria.	Alanquer.	Santarem.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
39 22 9 10	39 25 9 9	39 0 9 40
18. para o Nort.	12. para o Nort.	7. para o Leſte.
D. Fr. Martinho III. Geral de Alcobaça.	ElRey D. Affonſo Henriques lhe deu Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1517.
1.	1.	1.
3. 3.	2.	3.
150.	70.	300.
Do D. Abbade de Alcobaça.		He da Coroa.

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Santarem.*	*Sardoal.*
Comarca.	*	Thomar.
Dieceſe.	Lisboa.	Guarda.
Altura do Polo.	39 19 9 40	39 25 10 23
Diſt. de Lisboa.	14. para o Nord.	24. para o Nord.
Foral.	ElRey D. Affonſo III. reformou o ſeu Foral no anno de 1254.	
Paroquias.	13. 33.	1. 4.
Conventos.	13. 2.	1.
Moſteiros.	2. 2.	
Ermidas.	20. 30.	5. 9.
Fogos.	2160. 8000.	600. 200.
Donatario.	He da Coroa.	He do Marquez de Fontes.
Feiras.	Em Domingo da Paſcoela, e a 11 de Outubro.	A 28 de Outubro.

Se-

Setubal.	*Sobral de Monte Agraço.*	*Sovereira Formoſa.*
*	Torres-Vedras.	Thomar.
Lisboa.	Lisboa.	Guarda.
38 28 9 18		39 44 10 31
6. para o Sul.	6. para o Norte.	28. para o Nord.
ElRey D. Sancho I. lhe deu o Foral.		D. Gil Sanches lhe deu Foral no anno de 1213.
4.	1. 1.	1.
9.		
2.		
3. 2.		
3000.	100. 420.	300.
He do Meſtrado de Santiago.		He do Conde de Sarzedas.
A 25 de Julho.		

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Soure.*	*Tancos.*
Comarca.	Leiria.	Thomar.
Dieceſe.	Coimbra.	Lisboa.
Altura do Polo.	40 0 39 42	39 27 10 5
Diſt. de Lisboa.	29. para o Nort.	19. para o Nord.
Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1513.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de
Paroquias.	1. 1.	1.
Conventos.		
Moſteiros.		
Ermidas.	5.	3. 1.
Fogos.	600. 400.	400.
Donatario.	He cabeça de Condado.	He do Conde de Atalaya, hoje titulo de Marquezado.
Feiras.	Em dia de S. Martinho.	

Tho-

Thomar.	*Torres-Novas.*	*Torres-Vedras.*
*	Santarem.	*
Nullius Diœceſis.	Lisboa.	Lisboa.
39 40 10 0	39 32 9 52	39 10 9 3
22. para o Nord.	19. para o Nord.	7. para o Norte.
ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno de 1510.	ElRey D. Sancho I. lhe deu Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno de 1510.
2. 12.	4. 7.	4. 19.
3. 1.	2.	2. 2.
1.	1.	
15. 56.	8. 4.	7. 4.
1100. 2700.	1200. 1000.	600. 2800.
He do Meſtrado de Chriſto.	Foy do Duque de Aveiro, hoje he da Coroa.	He da Coroa.
Em 20 de Outubro.	A 12 de Março.	

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Turquel.*	*Villa Franca de Xira.*
Comarca.	Leiria.	Torres-Vedras.
Dieceſe.	Lisboa.	Lisboa.
Altura do Polo.	39 27 9 21	38 57 9 20
Diſt. de Lisboa.	16. para o Nort.	6. para o Nord.
Foral.	ElRey D. Affonſo Henriques lhe deu Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral no anno de 1510.
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		
Moſteiros.		
Ermidas.	2.	7.
Fogos.	200.	950.
Donatario.	Do D. Abbade de Alcobaça.	
Feiras.		No 1. Domingo de Outubro 3 dias franca.

Villa de Rey.	*Villa Verde.*	*Ulme.*
Thomar.	Torres-Vedras.	Alanquer.
Guarda.	Lisboa.	Lisboa.
39 32 10 21	39 12 9 20	39 14 9 9
27. para o Nord.	9. para o Norte.	16. para o Nord.
ElRey D. Diniz lhe deu Foral no anno 1285.	ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno 1513.	ElRey D. Sebaſtiaõ lhe deu Foral no anno de 1561.
1. 2.	1.	1.
	1.	
3.	3.	2.
460. 280.	350.	120.
He do Meſtrado de Chriſto.	He Cabeça de Condado.	He das Sereniſſimas Rainhas.

CAPITULO II.

Da Cidade de Liſboa.

1 SEndo Liſboa a Corte, e Cidade principaliſſima de Portugal, que já de ſeculos anteriores competia com as mais nobres Povoações da Europa, (1) e que em attençaõ à ditoſa mageſtade de ſeu ſitio, o Imperador Julio Ceſar a condecorara com o glorioſo nome de *Felicitas Julia.* (2) Tendo ultimamente chegado em noſſos dias ao auge da mayor grandeza, quiz a adverſidade dos tempos, ou permittio a inexcrutavel providencia do Altiſſimo, que ficaſſe ſua magnificencia desfigurada com o formidavel flagello do terremoto, e vehementiſſimo incendio, acontecido no dia fatal do primeiro de Novembro de 1755 pelas nove horas, e tres quartos da manhã, pouco mais, ou menos.

2 Foy aquelle dia taõ infauſto, que para lembrança funeſta dos vindouros deve ficar aſſinalado com pedra negra, como faziaõ os antigos: e que ſem embargo de o ter conſagrado a Igreja para o feſtivo culto de todos os Santos, naõ foy baſtante para que elles interpozeſſem as ſuas multiplicadas rogativas diante de Deos, a fim de obviar tamanha ruina, e deſtroço; porque parece naõ foy aquelle dia o tempo opportuno, em que os Santos ſó rogaõ o digno ao Omnipotente, como diſſe o Profeta. (3)

3 Naõ

[1] Luiz Vartomano, lib 7. cap. 4. das ſuas Navegações Marin Sicul. de reb. Hiſpan. lib. 2. Vaſæus Chron Hiſpan. c 20. Medin Grandez. de Heſpanh. liv. 2 c. 57. Serra Apparat. Synonim p. 111S. Barezzo Barezzi Propr in. Hiſt. Geograf. p. 378. Far ſobre a eſt 57 do cant 3. de Cam. [2] Plin. lib. 4. c. 22. Gruter. Inſcript. p. 252, e 261. Brito Monarch. Luſit. liv. 4. c. 20. [3] Pſalm. 31. verſ. 6.

3 Naõ obſtante com tudo a laſtimoſa decadencia, a que ſe reduziraõ as ſuas fabricas, e edificios, de que a ſeu tempo faremos mençaõ com grande magoa noſſa, convem referir primeiro pelas memorias, que ainda conſervamos, o eſtado florente, em que ſe achava a Cidade, cuja vaſta extenſaõ no parecer de alguns, (1) valendo tanto como o reſtante do mais Reino, obriga-nos a notar em pontos diſtinctos as ſuas mais conſideraveis prerogativas.

§. I.

Sitio, Clima, e Origem.

3 ESTá Lisboa fundada nas margens do rio Tejo, duas legoas ao Norte da ſua foz, e na parte onde o mar Oceano entrando pela barra dentro Leſte-Oeſte, conſtitûe em eſpecie de agradavel bahia huma enſeada immenſamente eſpaçoſa. Nella ſe fórma o mais famoſo porto entre os melhores do mundo, naõ ſó pelo ſeguro abrigo, que com as montanhas circumviſinhas ſobranceiras ao rio dá ao innumeravel genero de embarcaçóes miudas, e groſſas, que nelle ſurgem; mas por ſervir de frequente, e importante eſcala ao commercio das naçóes, e ter ſido aquelle notavel centro donde ſe tiraraõ linhas de glorioſas conquiſtas para toda a circumferencia do Univerſo. Affaſta-ſe da Equinocial para o Norte 38. gr. e 48. min. E do primeiro Meridiano 9. gr. e 15. min. (2)

4 He muito deſigual, e quebrado o ſeu terreno,

---

[1] Gil Gonçalv. de Avila no Theatr. de las grandez. de Madrid, p. 502. Botero nas Relaç. univ. part. 1. liv. 1. pag. 15 Davity Deſcr da Europ. tom 1. p. 188. [2] Seguimos eſte calculo, por entendermos que he o mais exacto, naõ ignorando o que diz o Padre Ricciolo, lib. 7. c. 19. ſer tanta a diverſidade de opinióes, que tem havido ſobre a latitude de Lisboa, que naõ ſe atrevia a aſſinalla; porém com bons fundamentos ſempre elegeo, e ſeguio a que expomos.

no, por ſer compoſto de montes, e valles; o que obrigou a Cadaval Gravio darlhe o attributo de *Acròpolis*, que quer dizer montuoſa. (1) Eſta irregular ſituaçaõ embaraça o poderſe ver perfeitamente de parte alguma o corpo todo da Cidade; porém olhando do alto de algum dos ſete montes, em que eſtá edificada, baſta a agradavel viſta da marinha para compenſar todo o deſcommodo.

5 Prolonga-ſe pela parte Boreal do rio deſde o Convento de Belem até o de Xabregas, em que ha duas legoas de extendida, e povoada praya; e por eſta face ainda he mais deleitavel aos olhos a ſua formoſa perſpectiva, a qual produz com a nova erecçaõ de palacios, e jardins melhor figura, e ſemblante, que no tempo antigo. (2) Pelo certaõ occupa de fundo o eſpaço de meya legoa, e fórma pela banda oppoſta a ſemelhança de hum imperfeito ſemicirculo, ou arco tortuoſo.

6 Em todo eſte ambito ſe hia Lisboa engroſſando com tanto exceſſo, que os ſeus ſete montes parece, que gemendo ao pezo da grande povoaçaõ, a obrigaraõ paſſar aos campos, e arrebaldes viſinhos, nos quaes vemos fabricarſe continuamente de novo bairros inteiros com eſpaçoſas, e nobiliſſimas caſas; emendando-ſe ao meſmo tempo, quanto he poſſivel, a deſigualdade do terreno, e eſtreiteza das ruas, que ſe via nas primitivas fabricas da Cidade.

7 In-

[1] Grav. apud Poyares no Diccionar. Geografic. p. 252. [2] Damiaõ de Goes, que no ann. de 1542 fez huma Deſcripçaõ Latina de Lisboa, diz, que quem olhaſſe da Villa de Almada para eſta Cidade, ſe lhe repreſentaria a figura de huma bexiga, ou buxo de peixe. *Siquis ex oppido Almada rectis, immotiſque oculis urbis ſitum, figuratumque vellit contemplari, illam certè veram veſicæ piſcis effigiem referre comperiet.* Porém iſto era em tempo, que a Cidade ſó ſe extendia deſde as portas da Cruz até Santos o velho, como ſe poderá obſervar nas plantas antigas de Lisboa, que traz Jorge Braunio no *tom.* 1. *Civit. Orb. terrar.* impreſſas no anno de 1572, e tambem Abrahaõ Ortelio.

7 Incluía-ſe a mais antiga ſituaçaõ della deſde o monte do Caſtello, com tudo o que corre entre as portas do Sol, e Ferro até à Ribeira com os ſuburbios do Oriente, e Occidente. (1) Pouco a pouco ſe foy alargando, em fórma que no anno de 1500 já a ſua grandeza podia competir com as melhores Cidades do mundo; (2) e no anno de 1550 pareceo taõ exceſſiva a ſua vantagem, que excitou ao Arcebiſpo D. Fernando de Vaſconcellos mandar fazer huma Deſcripçaõ pelo ſeu Guarda-Roupa Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira, (3) para que ſe viſſe o augmento da Cidade, e com tudo ſegundo conſta da meſma Relaçaõ naõ tinha Lisboa naquelle tempo mais que tres mil e cem paſſos de comprido, e mil e quinhentos de largo.

8 Aſſim foy nobremente creſcendo o territorio até o tempo delRey D. Sebaſtiaõ, o qual pela infeliz jornada de Africa, deixando Lisboa deſerta, começou eſta capital a experimentar huma notavel deterioridade; e ſobrevindo-lhe baſtantes oppreſsões, e calamidades (4) com o deſabrigo, e remota aſſiſtencia de alheyo Soberano, ſe vio ſenſivelmente opprimida a ſua opulencia, e grandeza. (5) Porém aſſim como o Reino felizmente reſuſcitou na reſtituiçaõ de Reys proprios, aſſim em Lisboa renaſceo o eſplendor antigo, e neſte augmento hia continuando florente com a cultura de edificios inſignes, e com a excellencia de ſua populoſa extenſaõ, a qual ha-

[1] Brand. Monarq. Luſitan. lib. 10. cap. 26. [2] Goes na Olyſſipo. [3] Suppoſto que eſta obra intitulada: *Summario de algumas couſas aſſim Eccleſiaſticas, como Seculares, que ha na Cidade de Lisboa*, ſahio impreſſa no anno de 1551 na Officina de Germaõ Galharde em nome de Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira, Guarda Roupa do ſobredito Arcebiſpo: com tudo o Biſpo de Targa D. Fr. Thomé de Faria na Decad. 1. liv. 9 c. 6, attribue a ſua compoſiçaõ ao proprio Arcebiſpo D. Fernando [4] Luiz de Torres nos Succeſſos de Portug part 1 c 2. e 6. [5] Sever. de Faria diſcurſ. 1. *Sobre o muito que importa para a conſervaçaõ, e augmento da Monarquia Portugueza aſſiſtir Sua Mageſtade com ſua Corte em Lisboa.*

havia ſubido àquelle ponto, que tinha premeditado hum noſſo Poeta. (1)

9 O clima he o melhor de toda Heſpanha, temperadiſſimo, de ares puros, e ſaudaveis; pois ordinariamente em todas as eſtações do anno ſe moſtraõ os Aſtros benevolos ao ſeu terreno: parece que ſe vive aqui em huma continuada Primavera. (2) Eſta celeſtial clemencia quer Luiz Mendes de Vaſconcellos, (3) que ſeja communicada por influxos do ſigno de Aries; ſe bem o Doutor Manoel Bocarro (4) aſſenta fixamente, que o ſigno de Libra he o que predomina mais directo neſta Cidade, ſobre a qual eſtá perpendicular em rigor Geometrico, ſegundo a computaçaõ de Tico Brahe.

10 A ſua primeva, e originaria fundaçaõ he muito controverſa, e entre os varios pareceres, em que ſe dividem os Geografos, e Hiſtoriadores, naõ ha hum, que em taõ remota antiguidade poſſa aquietar o animo inteiramente. Recolheremos todavia em curto eſpaço quanto ſe encontra ſemeado ſobre o aſſumpto. O primeiro parecer affirma, que Ulyſſes famoſo Capitaõ Grego, depois de conquiſtar Troya, e reduzilla a cinzas, viera fundar na ultima coſta de Heſpanha a Cidade de Lisboa, a quem dera o nome de Ulyſſea. Affirmaõ que fora Eſtrabo o

---

[1] Gabr. Pereir. no Poema de Lisboa Edificada, cant. 10. eſt. 137.

Aqui, famoſo Alcides Luſitano,
Vereis hum mundo numa ſó Cidade,
A quem de prata, e d'ouro o Tejo ufano
Banha em ſinal de eterna mageſtade.

[2] Neufville, Hiſtoir. gener. de Portug. tom. 1. p. 35. Pivati, Nuovo Dizionar. ſcientific. e curioſ. tom. 6. p. 244. Brand. na Monarch. Luſit. tom 3. liv. 10. cap. 26. Sever. de Far. Diſcurſ. 1. Politic. p. 18. v. Maced. Flor. de Heſp. cap. 1. [3] Vaſconcel. no Sitio de Lisboa, p. 105., a quem ſegue Oliveir. Grandez. de Lisb. fol. 136. Marinh. de Azevedo, Fundaçaõ de Lisb. liv. 1 c. 26. [4] Bocarro, Annotaç. Aſtrolog. ao 1. Anacephal. da Monarq. Port. eſt. 67.

o Author deſta opiniaõ, (1) o qual por fé de Poſſidonio, Artemidoro, e Aſclepiades Mirliano, pretende moſtrar por infallivel a navegaçaõ de Ulyſſes a eſtas partes, ſegundo varios monumentos nauticos, que exiſtiaõ ſuſpenſos em hum Templo, que à Deoſa Minerva havia alli erecto aquelle Capitaõ Grego. (2) A eſta decantada ſentença ſe aggregaraõ outros muitos Eſcritores. (3)

11 Porém contra iſto militaõ algumas razões urgentes, e indiſpenſaveis à evidencia da verdade; porque do contexto de Eſtrabo naõ ſe infere a verdadeira ſituaçaõ local de Lisboa, que vemos fundada à borda do Tejo; antes claramente falla o Author

[1] *Dehinc Abdera, Phænicum ipſa etiam edificium. Superiora regioni: montane loca, Ulyxeam oſtentant, in qua eſt Minerve templum, ut autor eſt Poſſidonius, & Artemidorus, & Aſclepiades Myrleanus: qui in Turdetania litterarum Ludimagiſter extitit... Is monumenta quædam de Ulyxis errore in Minervæ templo eſſe commemorat. Parmas ſuſpenſas. Apluſtria: roſtraque navalia.* Strabo liv. 3. da impreſſaõ de Roma no anno de 1470. [2] O Capitaõ Luiz Marinho no liv. 2. c.17. da Fundaçaõ de Lisboa, diz, que eſte Templo fora fundado no Caſtello de Liſboa junto da torre, que chamaõ de Ulyſſes. O Padre Antonio Vieira na Palavra do Pregad. empenh. p 246., diz, que o dito ſumptuoſo Templo fora o que hoje ſe vê mudado, ou convertido no inſigne Convento de Chelas; porém cada hum falla ao ſeu arbitrio ſem exhibir documento ſolido, que acredite o ſeu dito; e em ſemelhantes materias ſó teſtemunho antigo dá authoridade. [3] Solin. cap 26. Marin Sicul. lib. 2 de reb. Hiſp c.3 S. Iſidor. de Origin. lib. 25 cap. 1. Nebriſ. de reb. Hiſp. ad Lector. Vaſæus Chron. Hiſp. c.10. Luc. Tudenſ. Chron. mund. ætat. 3. Luiz Nun. in Hiſp. c.35. Franc Taraph. de reb. Hiſp. tratando de Gorgoris. Carrilho Annal. Chronol. ad an. 2820. Garibai tom. 1. liv. 4. cap. 29. Fr. Juan de la Puente Conveniencia de las dos Monarquias tom. 1. l. 3. c. 4. §. 4. Salazar de Mendoz. Origen de las Dignid. ſeglar. de Caſtilla l. 1 c. 2. Rodrig. Mend. Poblacion gener. de Eſp. pag. mihi 146. Monçon Eſpejo de Princip l. 1 c 90. Colmenar. Hiſtor. de Segovia c. 2. § 1. Quintana Hiſtor. de Madrid l 1. c. 4. Goes na Oliſipo. Brito Monarch. Luſit. liv. 1. c. 22. Oliv. Grandez. de Lisboa trat. 2. c. 2. Eſtaço Antiguid. de Port. c 7. Marinho liv 2. cap. 16. da Fundaçaõ de Lisboa. Duarte Nun. Orig da ling. Port. p 9 Cam. c. 3. eſt. 57. Mouſinho de Quevedo no Aff. African. cant. 3. eſt. 42 Gabr. Pereir. na Ulyſſéa cant. 7. eſt. 46. Macedo na Ulyſſipo p. 182.

thor da regiaõ, e montanhas de Granada, onde ſitúa Abdéra, que hoje querem huns ſeja *Almeria*, outros *Adra*: e perſuadirnos, que viſto naõ ſe achar a Cidade de Ulyſſéa no lugar onde a colloca Eſtrabo, e nella o Templo de Minerva, ſeja a noſſa Lisboa a meſma de que falla aquelle antiquiſſimo Geografo, he argumento muito violento, como pretende provar Gaſpar Eſtaço, a quem ſegue o Capitaõ Luiz Marinho de Azevedo.

12 Além de que affirma Paulo Merula, Coſmografo inſigne, (1) que naõ paſſara Ulyſſes do eſtreito de Gibraltar; e ſobre tudo aſſevera o grande Herodoto, Pay, e Principe da Hiſtoria Grega, (2) ſerem os Focenſes os primeiros Gregos, que uſaraõ largas navegações, e que impellidos da violencia dos ventos vieraõ por acaſo inveſtigar as ultimas coſtas do Oceano Athlantico; ſendo eſte primeiro acceſſo, ou arribada quaſi ſeis ſeculos poſterior às ruinas de Troya. (3) Donde ſó por eſte fundamento bem ſe podia convencer de fabuloſa a Colonia, ou Fundaçaõ de Lisboa, attribuida a Ulyſſes.

13 E he certo, que das ſuas occidentaes peregrinações já como fantaſticas, deſconfiaraõ, e duvidaraõ muito Aulo Gelio, Seneca, Cornelio Tacito, (4) e poſitivamente, quanto à fundaçaõ de Lisboa, nos deſenganaõ os illuſtres Filologos Chriſtovaõ Collero, Juſto Lipſio, Gerardo Joaõ Voſſio, Lourenço Valla, Mariana, D. Joaõ de Ferreras, e os

[1] *Urbis nomen ab Ulyſſe (quod ex Myrliani verbis conatur facere Strabo) derivare, abſurdiſſimum; quum is extra fretum Herculeum nunquam navigarit.* Paul. Merul. part 2. Coſmograph. lib. 2. cap. 26. [2] *Hi Phocenſes primi Græcorum longinquis navigationibus uſi ſunt. Adriam ſimul, & Tyrrhenum, Iberiam, atque Tarteſum oſtenderunt.* Herodot. na Clio lib. 1., ſegundo a verſaõ de Henrique Eſtefano, e Friderico Sylburgio. [3] Vide Petav. tom. 2. de Doctrin. tempor. p. 291. [4] A. Gel. Noct. Actic. lib. 14. cap. 6. Seneca ep. 88. Tacit. de morib. & popul. Germanor.

e os erudítos Geografos Samuel Bochart, Chriſtovaõ Cellario, e outros. (1)

14 Reconhece a ſegunda opiniaõ ainda mayor antiguidade a Lisboa; porque lhe dá por fundador a Eliſa, filho de Javan, e biſneto do Patriarca Noé, confirmando alguns o credito deſte partido com a vulgar tradiçaõ, que ainda entre nós permanece, de chamarmos aos campos viſinhos de Lisboa, por onde corre o Tejo *Lizirias*, nome derivado com facil corrupçaõ de Eliſa. (2) He o corifeo deſta ſentença Joaõ Goropio Becano, Medico Brabantino, de agudo, e ſingular engenho, que na ſua *Hermathèna*, ou eſtatua de Mercurio, e Minerva (3) foy o primeiro que deſcobrio taõ glorioſos principios a eſta inclyta Cidade, por cujo invento pretende jactancioſamente o meſmo Author, e he juſto, que os Lisbonenſes lhe ſejamos agradecidos. Seguem-no baſtantes. (4)

---

[1] Coleto Specileg. ad Cornel. Tacit. pag. mihi 595. n. 2. Juſt. Lipſ. nas Notas que fez a Tacito allegado nota 14. Voſſio tom. 5. lib. 1 de Origin. Idolatr. c 33. *Æque vanum de Oliſipone condita ab Ulyſſe.* Valla tract. de reb. à Ferdinand. Aragon. rege geſtis lib. 1. p. 1008. na Collecçaõ de Roberto Bello Marian. Hiſtor. de Eſp. tom. 1. liv. 1. cap. 12. fin. Ferreir. part. 1. Synopſ. Hiſtor. p. 60. Bochart. Geograph ſacr. tom. 2. lib. 1. cap. 35. *Jam quæ ad Tagum eſt, Luſitaniæ hodie metropolis, Oliſippo, fruſtra ab Ulyſſe deducitur, cum ſit Phœnicium* alis ubbo, *id eſt, amænus ſinus.* Cellar. Geogr. antiq. lib. 2. c. 1. §. 8. *Sed nugæ ſunt, quæ de Ulyſſe conditore adferuntur.* Colmenar. Delices de Portug. tom. 4. p. 748. [2] D. Fr. Manoel na Cart. 62. da centur. 3. [3] *Lisbonam igitur non ab Ulyſſe vel dictam, vel conditam fuiſſe exiſtimo, ſed multo eſſe antiquiorem... Nobis è ſacra Hiſtoria liquet Eliſa fratrem Tarſis fuiſſe; quo fit ut credam, Tarſeſium quidem prius Tarteſum condidiſſe, atque inde Eliſam partim fratris vicinia, partim locorum clementia allectum ad oſtium Tagi urbem ſtatuiſſe, & de nomine ſuo* Elis-mon *vocaſſe, unde* Elisbon, *ac deinde* Lisbon *fuerit nuncupata, duplici digamma in Beta commutatio. Quis non videt quanto hæc nomenclatura propius accedat ad Urbis nomen, quod hactenus ſibi ſervavit, licet Græci ambitioſe illud conati ſint ad Ulyſſipolin detorquere?* Joan. Gorop in Hermathen. lib 9. p. 229., e na Hiſpanica lib. 4. p. 53. [4] Covarruv. Theſor. de la lengua Caſtellan. verbo *Lisbona*. Brand. Monarq. Luſit. lib 10. cap 26. Cunha Hiſtor. Eccleſ. de Lisb. part. 1. cap 2 § 7 Sever. de Far. Not. de Port. diſc. 5. §. 2. Salgad. de Araujo Mart. Luſ. p. 83. Fonſ. Evor. glor. n. 9.

15 Sem duvida he deſculpavel o aſſenſo, que os noſſos Eſcritores tributaõ a eſta illuſtre ſentença, ou já pelo reſpeito, e decoro, que nos communica taõ nobre, e antigo Fundador, ou pela difficuldade, que ha em conhecermos quanto nos liſongea o amor da patria; porém a fallar ſeriamente a verdade, e examinando imparcial a força da dita opiniaõ, nella naõ ſe encontra mais que huma engenhoſa violencia, ou conjectura, e como lhe chama em caſo identico o inſigne Eſcriturario Bento Pereira (1) adevinhaçaõ dos cap. 10. do *Geneſis*, e 27. de *Ezechiel*, em que ſe firma (2) corroborada unicamente com a ſingular etymologia de huma raiz Hollandeza, ſegundo pretende o meſmo Goropio, que por intereſſe de vangloria ſe quiz fazer celebre na invençaõ de opiniões extravagantes, como dizem Juſto Lipſio, Scaligero, e Iſaac Bullart. (3)

16 Abraçando as duas precedentes opiniões, determina a terceira coordenallas em melhor chronologia, affirmando que Lisboa fora primeiramente edificada por Eliſa aos 278 annos depois do Diluvio; e que paſſados 900 annos viera Ulyſſes amplialla. He eſta ſentença muito plauſivel pela qualidade dos Authores, que a approvaõ, e ſeguem. (4)

17 Suſtenta, e qualifica a quarta opiniaõ, que Lisboa fora ſem duvida fundada por Gregos, ou foſſem huns, ou outros, os quaes como coſtumavaõ impor os nomes às ſuas novas colonias deduzidos,

---

[1] Pereir. in Geneſ. c. 10. lib. 15. [2] Pined. de reb. Salom. lib. 4. cap. 14. p. 208 Pinto in Ezech. c 27. Bochart. Geogr ſacr. tit 2 lib. 3. c. 4 Kircher de Arca Noe p. 223. [3] J. Lipſ. cent. 3. epiſt. 44 Scalig. apud Card. Bona in notitia Author., que vem no fim da Divina Pſalmodia. Bullart Academie des Sciences tom. 2. p. 177. [4] Marinh. de Azeved. Fundaç. de Lisboa liv. 2. cap. 10. Vieira Palavra de Deos empenhada p. 245. Joaõ Salgado Marte Luſitan. certam. 1. art. 4. Cardoſ. Agiol. Luſit. a 13 de Junho. Carv. Corograf. Port tom. 3. trat. 8. cap. 2. Santa Maria Ceo aberto liv. 1. cap. 5. Soar. Memor. delRey D. Joaõ I. liv. 3. n. 1203. Garcez Ferr. ſobre o cant. 8. de Cam. eſt. 3. n. 9. Lima Geogr. Hiſtor. tom. 2. cap. 12.

dos, e indicativos da mayor fertilidade, em que os ſitios ſe ſingulariſavaõ, vendo diſcorrer pelas ribeiras do Tejo grande numero de velozes ginetes, e fecundiſſimas egoas, lhe chamaraõ *Olis hippon*, como ſe lê em Ptolomeu, iſto he, *Olios equile*, ou *equorum*, ſegundo vertem Joaõ Noviamago nas Taboas do meſmo Ptolomeu, e Nono Pinciano nas Caſtigações de Pomponio Mela; (1) donde os Romanos conformando-ſe com a alluſaõ, ou etymologia dos Gregos, deduziraõ depois o nome *Oliſipo*, que deraõ a eſta Cidade, conforme entende Lourenço Valla, (2) e parece o quiz dizer tambem Plinio, (3) a quem ſegue Paulo Merula, (4) e o noſſo Juriſconſulto Joaõ de Barros na Deſcripçaõ do Minho.

18 Omittindo outras opiniões menos recebidas, ou extrahidas de monumentos fabuloſos, (5) concluimos dizendo: que a averiguaçaõ deſte ponto he ſummamente ardua, e que naõ permitte deciſaõ abſoluta pelo remoto da ſua antiguidade, em que naõ ha documento ſolido, que o determine, (6) conſtituindo ſem duvida eſta meſma incerteza huma das veneraveis excellencias, que condecoraõ Liſboa; pois ninguem poderá dizer della rectamente quando naõ foy, nem taõ pouco affirmar quando começou a ſer.

§. II.

---

[1] Noviomag. in lib. 2. Ptolom. tabul. 1. Geogr. Non. Pincian. in lib 3. Pompon. Mel. cap 1. [2] *In Portugallia Oliſippona. Quod nomen ab iis corrumpitur, qui velut ab Ulyſſe Ulyxbonam dicunt, neſcientes Ulyſſis illius viri nomen, ſed ſic à Latinis eſſe corruptum; præterea Ulyſſem illuc non navigaſſe: poſtremo hanc vocem, ſi Græcam originem ſectari libet, ab equis ductam.* L. Valla ſupra allegado. [3] *A tago in ora Oliſippo: equorum à Favonio vento conceptu nobilis.* Plin. l. 4. c. 24. da impreſ de Veneza do an. de 1469 na Officina de Joaõ Spira. [4] *Oliſippo enim meo quidem judicio, quaſi olis ippon; quo innuitur totum illum Hiſpaniæ tractum, tanquam equorum quoddam fuiſſe ſtabulum, ob incredibilem equarum iis in locis fæcunditatem.* Merula ſupra allegad. [5] Vide Barreir. Corograf. p. 153. Marinh. de Azevedo liv. 2. c. 12. [6] *Oliſiponem igitur quis primum condiderit, in tanta ſeculorum vetuſtate, pro certo nos affirmare non audemus.* Goes in Deſcript. Oliſip.

§. II.

Nações varias, que a dominaraõ.

1 OS primeiros habitadores, que occuparaõ Lisboa, conforme a noſſa Geografia, foraõ os póvos a quem Plinio chama Turdulos antigos, (1) donde ſe propagaraõ os Turdulos modernos da Andaluzia, e Turdetanos do Algarve. Era eſta gente a mais bem entendida, e valeroſa de toda Heſpanha, e deraõ provas baſtantes do ſeu valor em varios recontros, que tiveraõ com os Celtas, Barbaros da Arrabida, e Sarrios da Beira.

2 Naõ menos experimentaraõ a ſua boa politica os Fenices, os Gregos, e particularmente os Carthaginezes, de quem ha memorias mais verdadeiras. Confederaraõ-ſe eſtes com os noſſos eſtreitiſſimamente, ſervindo-lhes a noſſa amiſade, riquezas, e outros bens com que a natureza dotou Liſboa, para que naõ contentes com os intereſſes do commercio, deixaſſem de ſe levantar com a terra, e ſubjugalla a ſeu imperio.

3 As meſmas qualidades de paiz taõ fertil, taõ ameno, taõ benigno, ſerviraõ de incentivo em grande parte à ambiçaõ dos Romanos, cujo poder prevalecendo contra os Carthaginezes triunfou das ſuas armas; e introduzindo-ſe abſolutos na Luſitania, fizeraõ ſua a Cidade de Liſboa entre as mais Povoações, que ſujeitaraõ, cuſtando-lhe todavia naõ pouca perda de ſeus exercitos, derrotados pela noſſa gente. (2) Aqui poderamos fazer mençaõ de muitos ſucceſſos memoraveis dos Liſbonenſes antigos,

---

[1] Plin. lib. 4. cap. 21. Monarq Luſitan. liv. 10. c 26. Vide o noſſo Mappa tom 1 part 2. cap 1. n. 49. [2] Livio lib. 35. cap. 1. lib 36. c. 46. lib. 39. c. 31. Oroſio lib. 5. cap. 4. Moral. Pineda, e out os apud Fr. Bern. de B ito na Monarq. Luſitan. liv. 2. c. 27. 28. Reſend. de Antiq. Luſitan. lib. 1. & 3.

gos, principalmente dos celebres, e valeroſos Capitáes *Ceſaron*, *Cancheno*, *Viriato*, e outros, ſe eſte fora o noſſo principal aſſumpto, contentando-nos, por nos conformar com o ſyſtema, que ſeguimos, referir o ſufficiente.

4 Concluida finalmente a famoſa batalha de Munda contra os filhos de Pompeyo, ſe vio a noſſa Provincia pacificada com a preſença do Imperador Julio Ceſar, a quem Lisboa, já naquelle tempo de grande nome, pela conducta benefica do Imperador, lhe deu homenagem. Tanto eſtimou Ceſar eſte lance de obediencia, que para premio da Cidade, e expreſſaõ do ſeu goſto, ou para melhor perpetuar ſua fama, mandou que dalli por diante Lisboa ſe denominaſſe *Felicitas Julia*, iſto he, Felicidade de Julio Ceſar, e que ſeus Cidadãos gozaſſem o foro municipal, que conſiſtia em poderem militar nas Legiões Romanas, gozando alli das honras que mereceſſem: e que pelos Magiſtrados obtidos nas ſuas patrias tinhaõ ingreſſo para os de Roma, podendo pedillos, e participallos, e juntamente governarſe pelas ſuas leys particulares, e gozarem de outras muitas prerogativas. (1)

5 Além de varios Authores, que referem ter dado Julio Ceſar a Lisboa o honorifico tiulo de *Felicitas Julia*, e o privativo de municipio, (2) ſe acha elle acreditado em varias Inſcripções aqui deſcobertas, que ſe podem ver em D. Rodrigo da Cunha. (3) Nós accreſcentaremos mais huma que ſe manifeſtou no anno de 1749, extrahindo-ſe dos alicerſes de humas caſas fronteiras à eſquina da Paroquial Igreja da Magdalena no principio da traveſſa, que vay para as Pedras Negras. Por naõ ſe perder eſta memoria, perſuadimos, que ſe collocaſſe eſta bem conſervada, e moldurada lapida, com outras mais Inſ-

---

[1] Panvin. lib. 2. de Imper. Rom. [2] Apud Brito na Monarq. Luſit. liv. 4. cap. 20. [3] Cunha Hiſtor. Eccleſ. de Lisboa part. 1. cap. 4.

Inſcripções Romanas, que alli ſe deſcobriraõ, na face collateral da parede das ditas caſas reedificadas, e tem a em que agora reparamos quaſi doze palmos de comprido, e quatro e meyo de largo em hum perfeito rectangulo. Diz a Inſcripçaõ gravada na pedra deſta fórma:

L. Caecilio L. F. Celeri RecTo
Quaeſt. Provinc. Baet.
Trib. Pleb. Praetori
Fel. Iul. Oliſipo.

6 He o ſentido deſta Inſcripçaõ: *Que a Cidade de Lisboa, ou Felicidade Julia, chamada em outro tempo Oliſipo, dedicara aquella memoria a Lucio Cecilio, filho de Lucio Celer Rectiſſimo Queſtor da Provincia Betica, Tribuno da Plebe, e Pretor.* De cujo monumento ſe infere, que Lisboa conſervava o dictado de *Felicitas Julia* em tempo do Imperador Domiciano, em cujo Imperio veyo governar na Betica o ſobredito Pretor Cecilio Celer, que foy perto dos annos 88 de Chriſto, ſegundo a Chronologia do P. M. Fr. Henrique Flores na bem trabalhada, e erudita obra de *Heſpanha ſagrada.* (1) Deſte Pretor ſe lembra Marcial, (2) louvando muito o ſeu governo: o motivo porém que houve para os noſſos Lisbonenſes lhe dedicarem aquella memoria, ignoramos. De outras Inſcripções Romanas, que confirmaõ iſto, trataõ largamente os Authores que allegamos. (3) Advertindo, que até o anno 245 de Chriſto ha memoria de permanecer ainda Lisboa com o meſmo titulo, ſegundo conſta da Inſcripçaõ, que traz Giutéro, pag. 273. dedicada ao Imperador Filippe.

7 Foy

[1] Flor. Heſpanha ſagrad. tom. 1. cap. 16. p. 237. [2] Mart. lib. 7. epigr. 51.

Ille meas gentes, & Celtas rexit Iberos,
Nec fuit in noſtro certior orbe fides.

[3] Brito na Monarq. Luſit liv. 5. Luiz Marinho nas Antiguidad. de Lisb. liv. 3. Reſend. de Antiquit. Cunha nos Biſpos de Lisboa.

7 Foy proſeguindo o dominio Romano em noſſas terras até o anno de 409, em cujo tempo ſuccedendo a invaſaõ dos Alanos, Vandalos, e Suevos em todo eſte Continente, (1) ſe vio arruinada a Monarquia Imperial. Os barbaros Septentrionaes diſcordes, e divididos em bandos, cauſavaõ mutuas hoſtilidades nas Provincias: determinaraõ ſorteallas, e cahio a ſorte da Luſitania aos Alanos, ſegundo refere Idacio no ſeu *Chronicon* ſobre o anno de 411.

8 Pouco tempo durou a reſidencia dos orgulhoſos Alanos neſta Provincia, e Cidade; porque vindo os Godos com ſeu Rey *Theodorico*, os derrotou, e ſubmetteo a ſeu imperio. Succederaõ logo varias alterações, e com ellas ſentio Lisboa os eſtragos, e os roubos, que lhe fulminaraõ os Suevos, capitaneados por *Maldras*, que com ſinal de paz a invadiraõ fraudulentos, conforme expreſſa o meſmo Idacio ſobre os annos de 457. Durou eſte governo em varios Reys Godos até expirar o ſeu dominio em D. Rodrigo com a cruel entrada dos Sarracenos.

9 Apoderados os Arabes de Heſpanha pelos annos de 714, padeceo Lisboa a ſua conquiſta nos de 716, entregando-ſe todavia por capitulações ao inimigo *Abdalariz*, a quem ſe ſujeitou com a liberdade de Religiaõ; até que paſſados 38. annos, o Rey Arabe *Abderraman* com poderoſo exercito a conquiſtou, e debaixo deſte cativeiro ſopportaraõ os Lisbonenſes rigoroſos effeitos de hum jugo tyranno. (2) Por eſte meyo tempo he crivel, que os Mouros corrompeſſem o nome antigo da Cidade chamando-a *Liſibo*, por naõ terem no ſeu idioma uſo da letra P. Depois diſſeraõ *Liſiboa*, e ultimamente *Lisboa*, que hoje permanece. (3)

[1] Petav. Doctrin. tempor. tom.2. pag.mihi 440. [2] Brito na Monarq. Luſit. liv.7. cap. 6. [3] Barreir na Corografia, p.63. Herbelot na Bibliot. Oriental, diz, que os Arabes pronunciaõ Lisboa deſta ſorte: *Aſchbounah*; e que ha nella huma rua, ou bairro chamado *Harat al Magrourin*, que quer dizer: Rua dos atrevidos.

10 Começavaõ-ſe já a ouvir os vitorioſos clamores, e felices progreſſos da reſtauraçaõ de Heſpanha, quando no anno de 798 D. Affonſo o *Caſto*, já Rey acclamado de Galliza, e Aſturias com o ſoccorro de Carlos Magno, invadindo Portugal, cercou eſtreitamente Lisboa; e vencendo-a por aſſalto, poz tudo a ſaque, e em miſeravel fuga ao Capitaõ *Mugahit*, que a governava. (1) Logrou porém a Cidade pouco tempo a pacifica reſidencia dos Chriſtãos; porque no anno de 811 a tornaraõ a uſurpar os Mouros pelo Rey de Cordova *Aliantan*, e poſto que à cuſta de huma dilatada reſiſtencia; e neſta ſujeiçaõ barbara permaneceo até o anno de 951, em que ElRey de Leaõ D. Ordonho III. a veyo recobrar à força de rigido combate. (2)

11 Correraõ alguns annos, e devia outra vez ſacudirſe da obediencia dos Chriſtãos; porque conſta da Hiſtoria dos Godos, (3) que a 6 de Mayo de 1093 a conquiſtara ElRey D. Affonſo VI. de Caſtella, e ficaraõ ſendo os Mouros ſeus tributarios. Foy continuando na meſma ſujeiçaõ até o noſſo Conde D. Henrique, a quem ſeu ſogro D. Affonſo VI. havia dado em dote todas as terras conquiſtadas em Portugal; mas porque o numero da guarniçaõ Chriſtã foy muito menor do que era preciſo para manter firme o preſidio, ſuccedeo rebelarem-ſe os infieis contra o Conde; e aſſim ſe tornou a perder Lisboa, e reduzirſe totalmente ao aſpero ſenhorio dos Arabes. Vamos referindo eſtes varios conflictos na fé do noſſo diligentiſſimo Chroniſta Brandaõ, naõ ignorando haver Author, (4) que ſe inclina, a que Lisboa naõ fora tirada aos Mouros deſde o ſeu primeiro dominio, ſenaõ pelo ſanto Rey D. Affonſo Henriques.

12 Em

---

[1] Monarq. Luſit. liv. 7. c. 11. Huerta Anales de Galiza tom. 2. p. 304.
[2] Sampiro apud Monarq. Luſit liv. 7. cap. 22. [3] Ibid. liv. 8. cap. 6.
[4] Souſa na Hiſtor. Geneal. tom. 1. pag. 59.

12 Em fim chegou o anno de 1147, e com elle a occaſiaõ feliz de ſer Lisboa ultimamente reſgatada por eſte glorioſiſſimo Principe, de cujo grande eſpirito, e valor ſempre a fama publicara maravilhoſos effeitos. Era ardua a empreza, e ſe fazia difficultoſa a conquiſta, por ſer a Cidade huma das mais formidaveis Praças da Eſtremadura, fortalecida com robuſtas muralhas, e guarnecida com hum innumeravel preſidio de Mouros; motivos que já no anno de 1140 haviaõ fruſtrado ao meſmo Heróe ſemelhante projecto.

13 Agora porém auxiliado com o poder de huma famoſa expediçaõ de duzentas náos, que das partes do Norte havia ſahido para a conquiſta da Terra ſanta, e compellida de huma furioſa tempeſtade, viera demandar o abrigo das noſſas Coſtas, determinou ElRey D. Affonſo pôr em ultima execuçaõ os ſeus ſantos deſignios.

14 Será juſto darmos aqui noticia deſta armada, e de algumas circunſtancias notaveis ſuccedidas no cerco de Lisboa, valendo-nos para iſto com eſpecialidade de hum documento coetaneo, e authentico até agora incognito aos noſſos Eſcritores. He huma Carta Latina, que Arnulfo, peſſoa diſtincta, que vinha na dita armada, eſcreveo no anno de 1147 ao Biſpo de Terona em França, chamado Milon, dando-lhe conta da dita expediçaõ, e ſeu progreſſo, a qual Carta extrahida dos manuſcritos das inſignes Bibliothecas Aquicinetenſe, e Gemblacenſe Abbadias de França, deſcobrimos no tom. 1. *Veterum monumentorum*, a pag. 800. da Collecçaõ de Martene, e Durand, Monges Benedictinos de S. Mauro, impreſſa em Pariz no anno de 1724. Diz aſſim conforme a noſſa verſaõ, deixando outras antecedencias da dita Carta.

15 „ Na ſegunda feira depois do Eſpirito San-
„ to entrando pela barra do rio Douro, arribámos
„ ao Porto, onde achámos o Biſpo daquella Cida-

,, de, que com antecipada ordem delRey eſperava
,, alvoraçado a noſſa vinda. Alli nos demorámos on-
,, ze dias aguardando pelo Conde Arnoldo de Ar-
,, deſcot, e o Condeſtavel, que ſe haviaõ ſepara-
,, do de nós por cauſa da tempeſtade, e em todo
,, eſte tempo experimentámos no bom commodo
,, dos viveres com outras delicias, e refeſcos do paiz
,, a benevolencia do Rey. (1)

16 ,, Chegados o Conde, e o Condeſtavel, fo-
,, mos continuando a noſſa viagem, e ao ſegundo
,, dia da jornada entrando pela foz do Tejo na Vi-
,, gilia dos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, démos
,, fundo em Liſboa, cuja Cidade, conforme a tra-
,, diçaõ das Hiſtorias dos Sarracenos, foy edificada
,, por Ulyſſes depois da deſtruiçaõ de Troya; e eſ-
,, tá ella fundada com admiravel extructura de mu-
,, ros, e torres ſobre hum monte inſuperavel às for-
,, ças humanas. (2)

17 ,, Aſſim que pozémos pés em terra armámos
,, barracas; e ajudados do favor Divino em o pri-
,, meiro de Julho, tomámos os arrebaldes da Cida-
,, de. Depois de varios aſſaltos contra as muralhas,
,, naõ ſem grande prejuizo de parte a parte, gaſtá-
,, mos em preparar maquinas até o primeiro de A-
,, goſto. (3)

18 ,, Jun-

[1] ,, Secunda feria ad Portugallim per alveum fluminis, qui Do-
,, rius dicitur, applicuimus, ubi Epiſcopum civitatis ejuſdem adven-
,, tum noſtrum cum magno gaudio juxta præceptum Regis præſto-
,, lantem reperimus. Ubi per dies XI. adventum Comitis Arnoldi de
,, Ardeſcot, nec non Chriſtiani Conſtabularii, qui à nobis prædi-
,, cta tempeſtate diviſi erant expectantes, æquam venditionem tam
,, vini, quàm cæterarum deliciarum ex benevolentia Regis habuimus.
[2] ,, Exinde Comite Arnoldo, ſimulque Stabulario receptis, navi-
,, gantes, ſecunda die apud Ulixisbonam in Vigilia Apoſtolorum Pe-
,, tri, & Pauli appulimus. Quæ civitas, ſicut tradunt hiſtoriæ Sarra-
,, cenorum, ab Ulyxe poſt excidium Troiæ condita, mirabili ſtru-
,, ctura tam murorum, quàm turrium ſuper montem humanis vi-
,, ribus inſuperabilis, fundata eſt. [3] ,, Circa quam figentes tento-
,, ria Kalendis Julii ſuburbana ejus Divina virtute adjuti, cepimus.

,, Poſt

18 ,, Junto da praya fabricámos duas ſumptuo-
,, ſas torres, huma para a parte do Oriente, onde
,, ſe tinhaõ aquartelado os Flamengos, outra na
,, parte Occidental, onde eſtavaõ alojados os In-
,, glezes, e fizemos tambem varias pontes para nos
,, facilitar a entrada da Cidade por cima dos ſeus
,, muros. (1)

19 ,, No dia da Invençaõ do Protomartyr San-
,, to Eſtevaõ ſe começaraõ a mover para a bateria
,, as maquinas, e as náos; porém rebatidas naõ ſó
,, do vento contrario, mas dos inſtrumentos belli-
,, cos, com que nos ſacudiaõ, nos retirámos com
,, algum damno; e no tempo que os noſſos pugna-
,, vaõ com os Sarracenos, defendendo os Ingle-
,, zes com menos vigilancia a ſua torre, naõ a po-
,, deraõ livrar do improviſo incendio, que a abra-
,, zou. (2)

20 ,, Logo com certa maquina começámos a
,, romper a muralha; o que vendo os Mouros,
,, lançando por cima della fogo oleoginoſo, a redu-
,, ziraõ a cinzas, experimentando-ſe entaõ de par-
,, te a parte innumeravel mortandade, que cauſa-
,, vaõ os arremeços das ſettas, e os tiros de outras
,, armas offenſivas. Quebrantados algum tanto os
,, noſſos com a derrota da maquina, e da gente, ſe
,, applicaraõ a fazer novos reparos, e engenhoſos
,, ar-

,, Poſt hæc aſſultus varios circa muros non ſine magno noſtrorum, ,, & illorum detrimento facientes, uſque ad Kalendas Auguſti in ma- ,, chinis faciendis tempus protraximus. [1] ,, Siquidem duas turres ,, juxta littus, unam in Orientali parte, ubi Flandrigenæ conſederant, ,, alteram in Occidentali, ubi Angli caſtra locaverant, magno ſumptu ,, conſtruximus Pontes etiam quatuor in navibus, ſex per quos no- ,, bis aditus ſuper Urbis muros paterent, conſtruximus. [2] ,, Hæc ,, in Inventione B. Stephani Protomartyris admoventes, vento con- ,, trario repulſi, necnon & magnellis quodammodo læſi naves retra- ,, ximus. Deinde nobis ex noſtra parte pugnantibus cum Saracenis, ,, Anglici minus cautè ſuam turrim cuſtodientes, hanc ex improviſo ,, igne ſuccenſam extinguere non potuerunt.

„ artificios, eſperando ſempre da miſericordia de
„ Deos. (1)

21 „ Padeciaõ neſta occaſiaõ os Sarracenos den-
„ tro da Cidade os effeitos de falta de viveres;
„ porque ſuppoſto, que alguns ſe achavaõ com
„ abundancia de mantimentos, ſe fecharaõ com el-
„ les de modo, que muitos dos miſeraveis paizanos
„ morriaõ à fome, outros ſem horror algum traga-
„ vaõ cães, e gatos. A mayor parte deſtes miſera-
„ veis ſe paſſavaõ aos Chriſtãos pedindo, que os
„ bautizaſſem. Taes houve, que desfalecidos ſobre
„ os muros já com as mãos cortadas, eraõ apedre-
„ jados pelos proprios. Outros muitos ſucceſſos
„ proſperos, e adverſos nos aconteceraõ, ſegundo
„ permittem os varios movimentos da guerra, os
„ quaes deixamos de referir por evitar prolixida-
„ de. (2)

22 „ Era dia da Natividade de Maria Santiſſi-
„ ma, quando certo Italiano, natural de Piſa, ho-
„ mem de grande induſtria, começou a edificar hu-
„ ma altiſſima torre de madeira no meſmo ſitio,
„ onde ſe tinha queimado a dos Inglezes, para cu-
„ jo complemento concorrendo diſpendio Regio,
„ e diligencia do Exercito, ſe gaſtou todo o mea-
„ do de Outubro. Com igual actividade outro En-
„ ge-

---

[1] „ Interim nos quadam machina murum efodere cœpimus.
„ Quod videntes Saraceni, igne oleo admixto, eandem machinam in
„ favillam redegerunt; præterea mortes innumeras tam magnellis,
„ quam ſagittis, noſtris inferentes, ipſi quoque à noſtris puniti ſunt.
„ Noſtri de fractura machinarum, & ſuorum contritione aliquantis
„ perfracti, in miſericordia Dei ſperantes, ingenia, & machinas
„ reparare cœperunt. [2] „ Interea Saraceni Civitatis, qui alimentis
„ abundabant, ſuis concivibus egentibus alimenta adeo ſubtrahebant,
„ ut quamplurimi eorum fame morerentur: quidam autem eorum
„ canes, & cattos non abhorrebant devorare. Horum pars plurima
„ Chriſtianis ſe obtulit, & Baptiſmi Sacramenta ſuſcepit. Quidam
„ autem illorum, truncatis manibus ad murum remiſſi, à ſuis con-
„ civibus lapidati ſunt. Multa nobis adverſa, ſeu proſpera ſecundum
„ quod varius eventus eſt belli, acciderunt, quæ propter prolixita-
„ tem vitandam ſilentio tranſivimus.

„ genheiro fez grandes cavas por debaixo dos mu-
„ ros, cuja operaçaõ mal ſoffrendo os Mouros, fa-
„ zendo occultamente huma ſahida, pelejaraõ com
„ os noſſos ſobre a cava a peito deſcoberto deſde
„ as dez horas da manhã até a tarde em o dia feſti-
„ vo do Arcanjo S. Miguel. (1)

23 „ Porém os noſſos amparados com alguns
„ frecheiros, que lhes reſiſtiaõ, de tal ſorte entu-
„ piraõ as paſſagens, que ao recolherſe os Mouros
„ apenas eſcapou algum delles ſem golpe, ou feri-
„ da; e continuando em abrir, e fundar a mina de
„ dia, e de noite, a acabaraõ de encher de madei-
„ ros no dia proprio, em que ElRey juntamente
„ com os Inglezes vinha encoſtar aos muros a ſua
„ torre. Pondo-ſe entaõ fogo à mina em a noite de
„ S. Gallo Abbade, ardendo a fachina, rebentou
„ hum lanço da muralha, cahindo della quanto oc-
„ cupava o eſpaço de duzentos pés. (2)

24 „ Ao eſtrondo da ruina, acordando os noſ-
„ ſos, pegaraõ em armas, e acomettendo com gran-
„ des alaridos a brecha, eſperavaõ que fugiſſem os
„ que vigiavaõ, e guarneciaõ os muros; porém
„ acodindo os Arabes em grande numero, ſe po-
„ zeraõ em defeza na parte, em que a eminencia
„ de

---

[1] „ Tandem quidam Piſanus natione vir magnæ induſtriæ circa
„ Nativitatem S. Mariæ turrim ligneam miræ altitudinis in ea parte,
„ qua prius Anglorum turris deſtructa fuerat, coaptavit, & opus lau-
„ dabile tam ex regio ſumptu, quam ex totius exercitus labore circa
„ medium Octobris conſumavit. Similiter quidam ſub muro Civi-
„ tatis ingentes cavationes ſuo ingenio, & multorum auxilio fecit,
„ quod Saraceni moleſtè ferentes in feſto S. Michaelis circa horam
„ tertiam latenter exeuntes, nobiſcum uſque ad veſperam ſuper fo-
„ veam pugnam continuabant. [2] Nos autem, ſagitariis eis oppo-
„ ſitis, vias per quas redire ſperabant, adeo vallavimus, ut vel nul-
„ lus, vel vix aliquis eorum ſine plaga evaderet. Hinc noſtri die, no-
„ ctuque laborantes, opus ſubterraneum lignis levigatis impletum
„ eadem die conſumaverunt, qua Rex cum Anglicis muris turrem
„ ſuam applicabat. Siquidem in ipſa nocte Sancti Galli Abbatis, igne
„ foſſæ impoſito, ligniſque ardentibus, corruit murus ſpatio ducen-
„ torum pedum.

,, de hum monte fazia difficil a entrada, continu-
,, ando todavia o combate deſde a meya noite até
,, à hora nona do outro dia, em que finalmente os
,, noſſos fatigados, e baſtantemente feridos, foraõ
,, deſamparando a peleja a tempo, que a torre ſe
,, hia apropinquando, de que o povo barbaro an-
,, dava pelas ruas tumultuoſamente vexado. (1)

25 ,, Chegou a torre guarnecida de bellicoſos
,, ſoldados a ſobreenteſtar com a muralha, quando
,, dado ſinal, ſe vio ao meſmo tempo inveſtir con-
,, tra os Mouros com maravilhoſo aſſalto o Exer-
,, cito da noſſa parte, e os Lorenezes na cortadu-
,, ra dos muros. A ſoldadeſca delRey, que peleja-
,, va na fortaleza da torre atormentada com as deſ-
,, cargas dos Sarracenos, ſe moſtrou entaõ com me-
,, nos alento, de tal fórma, que os Mouros, que
,, ſahiraõ fóra dos muros, queimariaõ ſem duvida
,, a torre, ſe alguns dos noſſos, que por acaſo ti-
,, nhaõ alli vindo, os naõ embaraçaſſem. (2)

26 ,, Como a noticia deſte perigo chegaſſe aos
,, ouvidos do noſſo Exercito, ſe deſpediraõ prom-
,, ptamente os melhores batalhões delle para defen-
,, der a torre, por ſe naõ fruſtar na perda della a
,, noſſa eſperança. Vendo entaõ os Sarracenos o
,, gran-

[1] ,, Noſtri de tanta ruina ſomno expergefacti, ſumptis armis
,, cum magno clamore aſſiliebant, ſperantes vigiles cuſtodes muro-
,, rum fugiſſe. Ad ruinam autem cum veniſſent, mons aditu diffici-
,, lis ſuperiminebat, & turba Saracenorum parata ſtabat in defenſio-
,, ne. Nihilominus autem noſtri aſſiliebant, nec à pugna media no-
,, cte inchoata uſque ad diei horam nonam ceſſabant. Tandem va-
,, riis percuſſionibus attriti, pugnæ ſe ſubtrahebant, quouſque com-
,, municatio turris admoveretur, & ſic Saracenorum populus hinc
,, inde vexaretur. [2] ,, Et ecce turris viris bellicoſis impleta muro
,, ſuperiminebat. Eadem hora exercitus noſtræ partis, Lotharingis
,, ad fracturam murorum inditio pugnantibus, Saracenos mirabili
,, aſſultu impetebant. Interim milites Regis, qui in arce turris pu-
,, gnabant, magnellis Saracenorum territi, minus viriliter pugna-
,, bant, uſque adeo, quod Saraceni exeuntes, turrim concremaſ-
,, ſent, ſiquidam de noſtris, qui caſu ad eos venerant, non obſtitiſ-
,, ſet.

„ grande valor, com que os Lorenezes, e Flamen-
„ gos ſubiraõ para a fortaleza da torre, ficaraõ taõ
„ preoccupados de medo, que arremeçando os al-
„ fanges aos pés, moſtravaõ as mãos deſarmadas
„ por ſinal da paz que pediaõ. (1)

27 „ Com effeito o Alcaide mór, ou o Gover-
„ nador do Caſtello diſpondo-ſe a partido com os
„ noſſos, pacteou em que recebeſſemos todas as al-
„ fayas precioſas de ouro, e prata que poſſuíaõ, e
„ que ElRey tomaſſe poſſe da Cidade, e ſeus mo-
„ radores com toda a mais terra, que lhe perten-
„ ce; e aſſim ſe concluío eſta victoria mais divi-
„ na, que humana com a perda de duzentos mil e
„ quinhentos Mouros em dia das Onze mil Vir-
„ gens. (2)

28 Toda eſta relaçaõ he hum documento, e ſingular anedocto, que moſtra grande authoridade, naõ ſó por ſer authentica, mas pelo arreglado, e conforme que ſe acha com as noſſas Hiſtorias, e outros Eſcritores veridicos, e coetaneos. No dia da chegada da armada a Lisboa concorda com o livro intitulado: *Fortalitium Fidei*, que allega o noſſo Chroniſta Frey Antonio Brandaõ, (3) e com o que eſcreveo o Abbade Dodechino. (4) Em o numero das náos, de que conſtava a armada, combina com o

[1] „ Hæc periculi fama cum ad noſtras veniſſet aures, meliores
„ exercitus noſtræ partis ad defendendam turrim, ne noſtra ſpes in
„ ea adnullaretur, tranſmiſſimus. Videntes autem Saraceni Lotha-
„ ringos, & Flamingos tanto fervore in arcem turris aſcendentes,
„ tanta formidine territi ſunt, ut arma ſubmitterent, & dextras ſi-
„ bi in ſignum pacis dari peterent. [2] „ Unde factum eſt, ut Al-
„ chaida princeps eorum hoc pacto nobiſcum conveniret: ut noſter
„ exercitus omnem ſupelectilem eorum cum auro, & argento acci-
„ peret, Rex autem Civitatem cum nudis Saracenis, & tota terra
„ obtineret. Conſummata eſt autem hæc divina non humana victo-
„ ria in ducentis millibus & quingentis viris Saracenorum in feſto
„ undecim millium Virginum. [3] Fortal. Fidei apud Brand. Monarq. Luſit. liv. 10. cap. 31. [4] Dodechin. apud Marinh. de Azeved. liv. 4. c. 23.

o que diſſe Auberto Miréo, e o meſmo Dodechino. (1) No anno da tomada de Lisboa coincide com a Hiſtoria dos Godos, que tranſcreve o meſmo Brandaõ, e com outros muitos Eſcritores. (2) No dia da victoria convem com o que cantou Soeiro Goſuino, Poeta nobiliſſimo, e muito chegado àquelles tempos. (3) Finalmente em tudo mais que expreſſa eſta Carta, ſe qualifica de legitima a ſua narraçaõ, e de ſummamente veneravel a ſua authoridade.

29 Paſſado algum tempo, ſegundo refere Rodolfo de Diceto, (4) emprenderaõ os Mouros recuperar outra vez Lisboa com ſuas induſtrias. Entraraõ pela barra dentro infinitas galeras comboyando huma náo de mayor vulto chamada *Dromund*, em que vinha huma tal maquina com que intentavaõ entrar armados dentro da Cidade. Inſpirou Deos no animo de hum noſſo valeroſo ſoldado, que lançando-ſe às ondas deu hum furo na náo, e fazendo-a ir ao fundo, varou com a maquiná em terra, e a ſuſpendeo ſobre os muros. Pela manhã foy viſta dos Sarracenos, que envergonhados, e raivoſos de verem deſvanecida a ſua idéa, fugiraõ, mas atrevidamente vingativos foraõ cativando quantos Chriſtãos encontravaõ pelas prayas.

30 Deſtruida a Mouriſma começou o Imperio Lu-

[1] Miræus Rer. Belgicar. Chron. ad an. 1147. *Belgæ eodem zelo moti, cum in Luſitaniam appuliſſent, Oliſiponem Saracenis eripuerunt, & Alphonſo Portugalliæ Regi tradiderunt. Dodechinus, & Robertus de Monte referunt ducentas fere naves Flandricas, & Anglicas huic expeditioni interfuiſſe.* [2] Brand. na Monarq. Luſ. tom. 3. fin. Document. 1. Duarte Galv. Chron. delRey D. Aff. Henriq cap. 30. p. 42. Cunh. Hiſtor. Eccleſ. de Lisb. part. 1. cap. 33. n 4. Faria e Souſa Europ. Portug. tom. 2. p. 1. cap. 4. n. 15. Cardoſ. Agiolog. Luſ. tom. 3. p. 674. Mariana Hiſtor. gener. de Eſp. tom. 1. liv. 10. cap. 19. [3] Goſuino apud Brand. allegado, e Cunha nos Biſp. de Lisboa part. 2. cap. 25. n. 5. [4] Rudolfo de Diceto no liv. intitulad. *Imagines Hiſtoriarum* p. 614. o qual vem no livro *Hiſtoriæ Anglicanæ Scriptores antiqui*, impreſſo em Londres no anno de 1652.

Luſitano, e continuando pelo eſpaço de mais de quatrocentos annos até à morte do Cardeal Rey D. Henrique, ſe vio entaõ alterado, e interrompido pelo poder de Filippe II. Rey de Heſpanha, que no anno de 1580 ſe fez ſenhor do Reino, decidindo à força de armas na ponte de Alcantara o direito à Coroa, que por juſtiça lhe naõ tocava.

31 Deſta ſorte permaneceo ſeſſenta annos o dominio Heſpanhol até Filippe IV., cujo governo fazendo-ſe aſperiſſimo por via de Miniſtros ſeveros, que manejavaõ os negocios de Portugal, deſpertou a alguns Cavalheiros, e Prelados do Reino, para que ſe reſolveſſem a comprar a todo o riſco a liberdade da patria.

32 Para executarem huma acçaõ taõ juſta, eſcolheraõ o primeiro dia de Dezembro do anno 1640, ſempre memoravel em todos os ſeculos, e nelle acclamaraõ em Lisboa por legitimo, e verdadeiro Rey dos Portuguezes ao Sereniſſimo Senhor D. Joaõ IV. Duque VIII. de Bragança, a quem direitamente competia o throno, e a Coroa. Neſta Sereniſſima Caſa, e deſcendencia continúa o Imperio Luſitano, e hoje no Fideliſſimo Rey, e Senhor D. Joſeph I. felizmente reinante, e o XXV. na dignidade Real deſde a glorioſa eſtirpe do ſanto Rey D. Affonſo Henriques.

§. III.

Fortificaçaõ antiga, e moderna.

1 A Fortificaçaõ que defende eſta Cidade ſe tem reedificado, e augmentado por varias vezes, ſegundo requer ou a damnificaçaõ dos tempos, ou o mayor numero de ſeus habitadores. Deſde o inclyto D. Affonſo Henriques até ElRey D. Fernando, conſiſtia unicamente, como já diſſemos,

mos, (1) na antiga fortaleza do Caſtello, com tudo o que corria deſde as portas do Sol até à Ribeira, donde ſubiaõ as muralhas a fechar outra vez no meſmo Caſtello. (2) Ficando tudo mais que era do dito Caſtello até S. Vicente, e da porta do Ferro até as portas de Santa Catharina, e tudo o que toma do Caſtello até às portas da Mouraria, e de Santo Antaõ, em arrebaldes. (3)

2 Todo eſte pequeno recinto guarneciaõ para boa ſerventia doze portas com os nomes ſeguintes.

I. *Porta do Ferro.* Chamava-ſe o arco da Conſolaçaõ, e eſtava junto da Igreja de Santo Antonio.

II. *Porta do Mar antiga*, hoje chamado poſtigo da rua das Canaſtras, que fica fronteiro à porta traveſſa da Igreja da Miſericordia.

III. *Porta do Mar.* Defronte do Cáes de Santarem, a que chamaõ o arco de Jeſus. Por eſta porta foy invadida a Cidade pelo exercito Alemaõ, que auxiliou a ElRey D. Affonſo Henriques.

IV. *Poſtigo do Conde de Linhares.* Ficava onde hoje eſtá a porta principal do palacio do Conde de Coculim para a banda do mar.

V. *Porta do Chafariz delRey.* Ficava no ſitio da parede do meſmo chafariz.

VI. *Porta de Alfama.* Eſtá defronte da porta principal da Igreja de S. Pedro.

VII. *Porta do Sol.* Fica junto da Igreja de S. Braz. No adro deſta Igreja ſe vê ainda em cima de huma ſepultura huma grande bala de pedra, que foy atirada aos noſſos pelos Mouros com os ſeus canhões pedreiros, de que uſavaõ na ultima defenſa deſta Cidade.

VIII. *Porta de Alfofa.* Eſtá no fim da calçada de S. Criſpim da parte de cima.

IX. *Porta de S. Jorge.* He por onde ſe entra para

[1] Mappa de Portug. tom. 2. part 4. c. 3. § 3 num. 17. [2] Galv. Chron. delRey D. Affonſ. Henriq. cap 30. Monarq. Luſit. liv. 10. c. 26. [3] Oliveira Grandezas de Lisboa, pag. 45.

ra o Caſtello, e reſidia o corpo da guarda antes do terremoto.

X. *Porta de D. Fradique.* Era huma porta no Caſtello, que hoje ſe acha tapada de pedra, e cal, e nella ſe abrio hum cano para extracçaõ das aguas do Hoſpital dos Soldados.

XI. *Porta do Muniz.* Eſta porta fica dentro do Caſtello, e no fim da rua direita da Paroquial de Santa Cruz. Chama-ſe do Muniz em memoria do illuſtre Capitaõ Martim Muniz, que para facilitar aos noſſos a entrada deſta porta, quando conquiſtavamos a Cidade aos Mouros, ſe deixou cahir atraveſſando-ſe nella; por cima do qual paſſaraõ os Chriſtãos contra toda a violencia dos Arabes. Para eterna lembrança deſta acçaõ ſe mandou collocar ſobre a meſma porta huma cabeça de pedra, que ainda hoje dura. (1) O Conde de Caſtel-Melhor Joaõ Rodrigues de Vaſconcellos e Souſa ſeu decimoquarto neto no anno de 1656 lhe mandou no meſmo lugar abrir huma Inſcripçaõ, que refere tudo. (2)

XII. *Porta da Traiçaõ.* Fica para a parte da muralha, em que eſtá a porta do Muniz, e por hum dos ſeus poſtigos ha ſerventia, que vem dar ao caminho da coſta do Caſtello.

3 Depois de paſſarem dous ſeculos, governando ElRey D. Fernando, e vendo a neceſſidade, que padecia Lisboa de fortificaçaõ, damnificada pelos prejuizos, que pouco antes lhe haviaõ feito os Caſtelhanos, por conſelho de Joaõ Annes de Almada, Védor da Fazenda, a mandou cercar de novos muros, e altas torres no anno de 1373, ordenando, que para mayor expediçaõ, e adiantamento da obra trabalhaſſem da parte do mar os moradores de Alma-

---

[1] Brand. Monarq. Luſ. liv. 10. cap. 28. e Franciſco Botelho de Moraes no Poema *Alphonſo*, liv. 12. eſt. 20. da primeira impreſſaõ, dá a entender, que eſta porta era a chamada do Sol: e na impreſſaõ de Salamanca liv. 10. eſt. 11. chama-lhe a porta do Norte. [2] Vide Demonſtr. Hiſtor. de Fr. Apollinario da Conceiçaõ, p. 190.

mada, Cezimbra, Palmella, Setubal, Coina, Benavente, e toda a mais gente de Riba-Tejo: e da parte da terra, os de Cintra, Caſcaes, Torres Vedras, Mafra, Alanquer, Arruda, Atouguia, Lourinhã, Chileiros, Póvos, Villa-Franca, e Aldêa-Gallega. (1)

4 Com tanta diligencia ſe operou neſta reedificaçaõ, que ſe concluío no anno de 1375 a nova cerca, ou muros novos, dando-ſe de terreno à nova planta ſete mil paſſos de circumferencia, e accreſcentando-ſe nas muralhas de mais as portas ſeguintes.

I. *Porta de S. Lourenço.* Ficava no cimo da calçada da Roſa, e junto onde hoje exiſte o palacio do Viſconde de Villa-Nova da Cerveira. Eſta porta ſe demolio no anno de 1700.

II. *Porta da Mouraria.* Exiſte ainda hoje junto ao palacio do Marquez de Alegrete.

III. *Porta da rua da Palma.* Permanece na meſma rua, que lhe dá o nome.

IV. *Porta da rua da Pella.* He onde chamaõ o arco da Graça, pelo qual ſe vay para o Collegio de Santo Antaõ.

V. *Porta de Santa Anna.* Ficava para baixo da Paroquial de Noſſa Senhora da Pena, e no ſitio onde ſe vê hoje huma Ermidinha chegada ao muro das Religioſas Commendadeiras de S. Bento de Avís.

VI. *Porta de Santo Antaõ.* Exiſte junto da Igreja de S. Luiz dos Francezes. Por ella ſe faz tranſito para a praça do Rocio. Ainda nos lembramos ver aqui collocadas nas ſuas couceiras as portas com que ſe fechava, chapeadas de ferro, as quaes no anno de 1727 ſe tiraraõ para dar mayor deſafogo à publica, e mageſtoſa entrada, que fez em 6 de Janeiro de

---

[1] Duart. Nun. Chronic. delRey D. Fernand. p. 238. Oliveir. Grandezas de Lisboa pag. 45. Cunha nos Biſpos de Lisboa part. 2. cap. 103. num. 4.

de 1728 o Marquez de los Balbazes, Embaixador extraordinario de Heſpanha.

VII. *Porta das eſtrivarias delRey.* Ficava entre a Inquiſiçaõ, e as caſas do Duque de Cadaval, fazendo frontaria para o Rocio.

VIII. *Porta do Condeſtavel*, ou poſtigo do Carmo. Chama-ſe hoje *Poſtigo de S. Roque*, por conſervar em cima do arco huma Imagem do Santo. Junto delle, para a parte da Igreja de S. Roque, exiſtia ainda hum alto torreaõ, que com o terremoto paſſado deſabou, e entupio a paſſagem para o palacio do Marquez de Niza, onde aſſiſtia o Eminentiſſimo Cardeal Patriarca, em que morreraõ dous ſeus gentis-homens.

IX. *Porta, ou poſtigo da Trindade.* Ficava junto deſte Convento na traveſſa por onde ſe ſahe para a rua larga de S. Roque.

X. *Porta de Santa Catharina.* Exiſtia junto da Igreja do Loreto, e atraveſſava o largo da rua até enteſtar com as cavalharices delRey, que agora ſe arruinaraõ com o terremoto. Derrubou-ſe eſta porta no anno de 1702.

XI. *Porta do Duque de Bragança.* Eſtava no ſitio onde ſe fez o palacio do Marquez de Valença, que tambem ſe conſumio com o terremoto, e incendio.

XII. *Porta de Catequefarás.* Chama-ſe hoje *Poſtigo do Corpo Santo*, e eſtava junto da Ermida de Noſſa Senhora da Graça.

XIII. *Porta dos Cubertos.* Por ella ſe fazia tranſito para a praça da Corte-Real, ou para o largo do Corpo Santo.

XIV. *Poſtigo do Carvaõ.* Chamou-ſe arco do Eſpinho, e ſe entrava por elle da Tanoaria para a Fundiçaõ. Com o magnifico edificio do theatro Regio ſe demolio no anno de 1754, e no ſeguinte com o terremoto, e incendio, que o arruinou, ſe acabou de confundir o ſitio de todo.

XV.

XV. *Porta da Oura*, chamado o arco do Ouro. Ficava fronteira ao arco debaixo de Palacio, e fazia paſſagem da Tanoaria para o largo da Patriarcal. Tambem ſe demolio com a erecçaõ do edificio do theatro Regio.

XVI. *Porta dos Armazens.* Ficava por baixo do novo quarto de Palacio, e por ella ſe fazia paſſagem do Real theatro para o largo do Relogio.

XVII. *Porta do arco das Pazes.* Era por onde ſe hia do largo das tendas da Capella para o Terreiro do Paço. Depois do terremoto, e em Agoſto do anno de 1757, ſe mandou demolir com baſtante parte do Palacio.

XVIII. *Porta da Moeda.* Exiſtia por baixo do quarto, que ultimamente occupou a Sereniſſima Rainha Dona Maria Anna de Auſtria, e olhava para o Terreiro do Paço. Hoje ſe acha tambem confundida.

XIX. *Porta, ou arco dos Pregos.* Fazia frente para o Terreiro do Paço, e lhe correſpondia da parte do mar o Forte chamado do meſmo Terreiro. Arruinou-ſe totalmente com o fogo.

XX. *Porta dos Barretes.* Chamava-ſe antes do terremoto, e incendio, Arco do Açougue. Hoje eſtá o ſeu ſitio perturbadiſſimo.

XXI. *Porta da Ribeira.* Ficava junto à eſcada de pedra, que eſtava entre o Veropezo, e a traveſſa do Açougue. Mandou-a demolir o Senado no anno de 1619.

XXII. *Porta da Portagem.* Confinava com a parede da rua do Principe.

XXIII. *Porta nova do Mar.* Era da parte da Ribeira chegada à caſa chamada dos Bicos.

XXIV. *Porta da Judiaria, ou do Roſario.* He por donde ſe vinha da Paroquial de S. Pedro ſahir à Ribeira.

XXV. *Poſtigo de Alfama*, a que alguns chamaõ das Alcaçarias. Fica defronte do campo da lã.

XXVI. *Porta do Chafariz de dentro.* Fica-lhe fronteiro da parte do mar o chafariz da praya.

XXVII. *Porta, ou poſtigo da polvora.* Era a ultima da banda da marinha, contigua à antiga cadêa das galés, junto à Ermida de Noſſa Senhora do Roſario.

XXVIII. *Porta da Cruz.* Eſtá fronteira à Igreja do Paraiſo. Damiaõ de Goes na Deſcripçaõ de Lisboa chama a eſta a primeira porta da Cidade.

XXIX. *Poſtigo do Arcebiſpo.* Ficava antes de chegar ao Convento de S. Vicente de Fóra.

XXX. *Porta de S. Vicente.* Ficava no ſitio onde ſe vê hoje o paſſadiço para a cerca do Convento.

XXXI. *Poſtigo de Noſſa Senhora da Graça.* Exiſtia hum pouco affaſtado do Convento Graciano, e ſe mandou demolir no anno de 1700.

XXXII. *Poſtigo do caracol da Graça.* Tambem ſe derrubou no meſmo anno, e exiſtia no cimo da declividade do monte, que vem dar às Ollarias.

XXXIII. *Porta de Santo André.* Eſta era a ultima porta aberta na cortina da muralha, que hia fechar no Caſtello.

4 No anno de 1650, reinando o Senhor Rey D. Joaõ IV., ſe traçou nova fortificaçaõ a Lisboa, recommendando-ſe a execuçaõ da nova planta, em que trabalharaõ os inſignes Engenheiros Mr. Legarte Francez, Joaõ Gilot Hollandez, e Joaõ Coſmander Jeſuita, natural de Bruſellas, à diligencia, e actividade do Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes: (1) eſte a fez erigir com trinta

[1] *Omnem Tagi ripam, qua Ulyſſiponem alluit, perpetuo militari ſepimento circumdedit, & maritima loca urbi vicina, munimentis ſibi invicem opitulantibus ita complexus eſt, ut nullibi ſine hoſtium pernicie fieri poſſit in terram excenſio. Opus quoque immenſi & laboris, & moliminis aggreſſus eſt, Joanne Rege ei dante negotium, ut Urbem Ulyſſiponenſem propugnaculis cingeret, quorum inchoata multa, & multa abſoluta non ſine ſtupore cernuntur.* Aleixo Collotes de Jantillet Horæ ſucceſſivæ, pag. 150.

e dous baluartes, e grande extenſaõ de muralhas, que deſcrevemos no *tom. 2. part. 4. deſte Mappa, cap. 3. §. 3. n. 19.*

5 Começada, e creſcida a obra, pareceo demaſiadamente grande o recinto, que ſe havia tomado, e aſſim ficou ſuſpenſa, e imperfeita, mas ſempre moſtrando a mageſtade, e grandeza da idéa: e ſem embargo, que depois ſe intentou remediar alguns defeitos da dita fortificaçaõ, mandando-ſe para eſſe fim chamar a eſta Corte ao noſſo Engenheiro Manoel Mexia, eſte achando mayores difficuldades no remedio, naõ quiz alterar a fortificaçaõ executada.

6 Joaõ Gilot achando-ſe em Lisboa no anno de 1652, querendo cingir em menor circumferencia o exceſſo da dita fortificaçaõ, apreſentou ao Principe D. Theodoſio, que governava as armas, huma nova planta, que conſervamos, cujo deſenho era começar o reducto pela lombada, que fica hum pouco fóra do ſitio de S. Joaõ de Deos, e pela quinta de Filippe Jacome até Noſſa Senhora da Eſtrella, onde ſe juntava com a ladeira, que vem do Sacramento, e dahi atraveſſando a quinta de Franciſco Soares, e ſeguindo aquelles oiteiros, paſſava pela cerca do Noviciado da Companhia, deſcia à rua de S. Joſeph, donde ſubia ao oiteiro dos Capuchos, e rodeando a quinta do Ramires, caminhava por linha recta ao pé do oiteiro, que eſtá junto a Noſſa Senhora do Monte, e dahi correndo direito ao mar, acabava hum pouco mais para dentro de Santa Apollonia; aſſentando neſta traça ametade dos baluartes, que moſtrava o primeiro deſenho.

7 Eſta planta naõ ſe poz em operaçaõ; e ſuppoſto que a primeira incompletamente erecta, e já hoje em muita parte deſtruida, e turbada, pareceo entaõ demaſiadamente grande, o tempo foy moſtrando que o ſeu ambito naõ era improprio ao augmento da povoaçaõ. Agora porém que vemos, naõ ſem laſtima noſſa, huma grande parte da Cidade arrui-

ruinada, e os ſeus arrebaldes, e baldios occupados com caſas, e barracas, que tudo tem confundido, e ſe eſpera nova planta para a ſua renovaçaõ, he juſto que tambem ſe intente o fortificalla de novo, para ficar naõ ſó regular, quanto for poſſivel, mas forte, e inexpugnavel.

8 He bem verdade, que ſendo o territorio, e a ſituaçaõ de Lisboa forte por natureza, naõ neceſſita ſer muito fortificada por arte; nem tem o receyo, como já ponderaraõ Luiz Mendes de Vaſconcellos, e Severim de Faria, (1) de poder ſer acomettida improviſamente; ,, porque conſiderada
,, pela marinha, della à foz do rio Tejo ha tres le-
,, goas; e voltando ſobre o ſeu terreno, quaſi tu-
,, do he coſta brava, tendo muito poucos, e ruins
,, ſurgidouros, e faceis de defender; ſendo o que
,, lhe fica mais perto o de Caſcaes, que eſtá cinco
,, legoas deſta Cidade, e he praça bem preſidiada. E
,, ſe o inimigo deſembarcar em Peniche, quando a
,, noſſa negligencia o deixar fazer, a pouco cuſ-
,, to ſe poderá desbaratar pela aſpereza do cami-
,, nho, e pelo difficultoſo paſſo da cabeça de Mon-
,, tachique.

9 ,, Pela barra dentro quaſi que he impoſſivel a
,, invaſaõ, por cauſa dos cachopos, torres de S.
,, Juliaõ, e mais fortes, e fortalezas, que por alli
,, ha: e a ſahida ainda he muito mais trabalhoſa;
,, porque ſó com eſpeciaes ventos, e marés ſe exe-
,, cuta; e nenhum General ſerá taõ imprudente,
,, que ſe meta com huma Armada dentro de hum
,, porto, onde a retirada lhe naõ ſeja ſegura, e
,, prompta.

10 ,, Naõ tem Lisboa menos ſegurança por
,, terra; porque pelo Alentejo he difficil vir a ella
,, exercito algum, ſe ſe quizer impedir; porque

L ii ,, ſa-

---

[1] Luiz Mendes de Vaſconcel. no Sitio de Lisboa, p. 220. Sever. de Far. nos Diſcurſ. var. Polit. diſc. 1. p. 15. v.

„ ſahindo das terras cultivadas, ſe dá na charneca, a
„ qual pelo mais breve caminho tem onze legoas,
„ onde ſó com o fogo que nella ſe pegue, ſe póde
„ embaraçar, e deſtruir as tropas; e quando iſto
„ ſe naõ faça, e o exercito chegar ao rio, naõ po-
„ derá vadeallo taõ facilmente.

11 „ Vindo pela Beira o inimigo, ou ha de vir
„ dar a Sacavem, onde o ſeu rio he taõ fundo co-
„ mo o de Lisboa, ou ha de vir por Vialonga, que
„ he a eſtrada mais livre que póde ter; mas defen-
„ dendo nós a paſſagem do Lumiar, e as mais da-
„ quelles montes, que correndo para Noſſa Senho-
„ ra da Luz, e Sacavem, fazem por beneficio da
„ natureza hum muro fortiſſimo a eſta Cidade, naõ
„ poderá ſer expugnada ſem muito trabalho, e pe-
„ rigo. De ſorte, que ſendo Lisboa por ſi taõ de-
fenſavel, lhe baſtará qualquer fortificaçaõ para fi-
car ſeguriſſima.

§. IV.

Multidaõ de ſeus Habitadores.

1 NAõ he muito facil formar calculo certo ao grande numero dos moradores, que habitaõ, e compoem eſta nobiliſſima Cidade; porque ſó a multidaõ dos eſtrangeiros proteſtantes, que francamente aqui aſſiſtem para o commercio, e naõ ſe aliſtaõ no rol annual dos Parocos, difficulta muito eſta diligencia: todavia por naõ defraudarmos totalmente aos deſejoſos de huma das principaes noticias deſte aſſumpto, referiremos ao menos por curioſidade chronologicamente os exames, e averiguações, que em varios tempos ſe fizeraõ ſobre eſta computaçaõ.

2 No anno de 1528 Henrique da Mota, Eſcrivaõ da Camera delRey D. Joaõ III. tirando por ordem do meſmo Senhor huma Relaçaõ exacta do po-

povo, que havia em Lisboa, e ſeus arrebaldes, achou o ſeguinte. (1)

Fogos na Cidade, e arrebaldes	14U014
No Termo	4U034
A ſaber:	
Viuvas	4U305
Clerigos moradores	U720
Bairro dos Eſcolares de Alfama	1U734
Alcaçova com a cerca velha	1U127
Povoaçaõ dos muros a dentro, e Ribeira	8U025
Arrebaldes, Catequefarás até Alcantara	U554
Villa-Nova de Andrade	U408
Santo Antaõ com hortas	U200
Mouraria, e povoaçaõ de S. Lazaro	U745
Porta da Cruz, e Enxobregas	U080
Quintas nos limites de Santa Juſta, Martyres, e Santo Eſtevaõ	U150
Somma	18U048

3 No anno de 1551 Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira, Guarda-Roupa do Arcebiſpo D. Fernando de Vaſconcellos no Tratado, ou Summario, que fez por ordem do meſmo Arcebiſpo de algumas couſas aſſim Eccleſiaſticas, como Seculares, que havia na Cidade de Lisboa, achou ter, além da Corte (2)

Viſinhos	18U000
Almas	100U000
Eſcravos	9U950

4 No anno de 1552 em huma Relaçaõ m. ſ. que vimos, feita com muita miudeza, das grandezas do Lisboa, diz, que havia na Cidade duzentos e trinta e cinco officios, em que ſe occupaõ

Ho-

[1] Refere Cunha na Hiſtor. m. ſ. dos Arcebiſp. de Lisboa, ſendo que Gaſpar Barreiros na Corografia, pag. 54. aſſina menor numero.
[2] Rodr. de Oliv. Summar. pag. 118. da impreſſaõ moderna.

Homens	39U000
Mulheres	11U500
Havia mais Orfãos	3U000
Meninos de Eſcola	4U000
Mulheres ſolteiras	5U000

5 No anno de 1561 Gaſpar Barreiros, Conego da Sé de Evora, diz, que no ſeu tempo era julgada commummente Lisboa por huma povoaçaõ de trinta mil viſinhos, ſendo que elle a computava por dezaſete mil. (1)

6 No anno de 1600 Joaõ Botero Beneſe, Abbade de S. Miguel nas ſuas noticioſas *Relações Univerſaes*, (2) achou ter Lisboa vinte mil caſas, e povo infinito.

7 No anno de 1608 Luiz Mendes de Vaſconcellos diz, que no ſeu juizo era incomprehenſivel o numero da gente, que entaõ vivia em Lisboa; pois ſó em hum pequeno bairro della, chamado a Lapa, havia cinco mil caſas. (3)

8 No anno de 1620 Fr. Nicoláo de Oliveira, Religioſo Trinitario, no livro, que compoz das *Grandezas de Lisboa*, lhe aſſina vinte e ſete mil viſinhos, e cento e onze mil peſſoas. (4)

9 No meſmo anno D. Franciſco de Herrera e Maldonado na vida, que eſcreveo do Veneravel Bernardino de Obregon, diz, que por computo certiſſimo ſe achavaõ na povoaçaõ de Lisboa cento e quinze mil fogos. (5)

10 No anno de 1623 Gil Gonçalves de Avila no *Theatro das Grandezas de Madrid*, affirma que nunca ſe pode ajuſtar o numero dos habitadores de Liſboa; porém que os mais curioſos lhe numeravaõ quinhentas mil peſſoas. (6)

11 No

[1] Barreir. Corograf p 54. [2] Botero Relazioni Univerſali part. 1. lib. 1. pag. 16. [3] Vaſconcel. Sitio de Lisboa pag. 162. [4] Oliveir. Grandezas de Lisboa pag. [5] Herrer. Vida do Ven. Obregon p. 141. [6] Avila Theatr. de Madrid, pag. 592.

11 No anno de 1624 Manoel Severim de Faria, Chantre de Evora, nos *Diſcurſos Politicos* (1) diz, que o numero da gente em Lisboa era taõ grande, que ſe tinha no ſeu tempo pelo mayor povo da Europa.

12 No anno de 1642 o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha, Arcebiſpo de Lisboa, na *Hiſtoria Eccleſiaſtica* deſta Cidade, lhe aſſinou cincoenta mil viſinhos. (2)

13 No anno de 1645 Rodrigo Mendes da Silva na *Poblacion general de Eſpaña* (3) lhe attribuío mais de cincoenta mil viſinhos.

14 No anno de 1652 o Capitaõ Luiz Marinho de Azevedo, eſpecial indagador das grandezas de Lisboa, eſcreve, que teria eſta Cidade no ſeu tempo vinte oito mil e duzentos viſinhos; porém que os mais curioſos reputavaõ comprehender oitocentas mil peſſoas. (4)

15 No anno de 1660 Pedro Davity na *Deſcripçaõ geral da Europa* lhe aſſinou mais de cento e vinte mil habitadores. (5)

16 No anno de 1668 Monſ. de Ivigné no *Diccionario Theologico-Hiſtorico*, naõ lhe aſſinou mais que o numero de vinte mil caſas, trasladando o que diſſe Damiaõ de Goes. (6)

17 No anno de 1704 pelas Relações dos Parocos mandadas ao Arcebiſpo D. Joaõ de Souſa, que nós vimos, numerava entaõ Lisboa, excepto os eſtrangeiros, noventa mil fogos.

18 No anno de 1707 D. Joaõ Alvares de Colmenares, eſcrevendo as *Delicias de Portugal*, deu a Lisboa o numero de trinta mil caſas. (7)

19 No meſmo anno o Padre Antonio Maria Bonuc-

---

[1] Sever. Diſcurſ 1. pag. 15. v. [2] Cunh. Catalog. dos Biſp. de Lisb. part 1. cap. 5. n. 1. [3] Silv. Deſcripcion de Portug. c. 2. [4] Marinh. de Azeved. Antiguid de Lisb. part. 1. liv. 1. c. 29. [5] Davity tom. 1. p. 185. [6] Ivignè Diction. Theol. verb. Lisboa. [7] Colmenar. Delic. de Port. tom. 4. p. 749.

nucci no Sermaõ das Exequias do Sereniſſimo Rey D. Pedro II. prégado em Roma, a pag. 10, e 14 diz, que em Lisboa ſe contava naquelle tempo mais de quinhentas mil peſſoas.

20 No anno de 1712 o Padre Antonio Carvalho da Coſta na *Corografia Portugueza*, conforme a ſomma extrahida dos fogos, que elle affina às Freguezias, reſulta mais de vinte mil fogos. (1)

21 No anno de 1716 o Papa Clemente XI. em Conſiſtorio de 7 de Dezembro, declarou pela atteſtaçaõ, que lhe foy de Lisboa, que ſó a parte Occidental della continha quaſi trezentos mil habitadores. (2)

22 No anno de 1730 a *Deſcripçaõ de Lisboa*, eſcrita em Francez, e impreſſa em Amſterdaõ, lhe deu o numero de duzentas e cincoenta mil almas. (3)

23 No anno de 1736 o Padre D. Luiz Caetano de Lima, ſem embargo que no tom. 2. da *Geografia Hiſtorica* ſe exima prudentemente de aſſinar numero certo de habitadores em Lisboa, com tudo das Relações que tranſcreve, lhe deu ſó na parte Occidental dezanove mil quatrocentos e vinte dous fogos. (4)

24 No anno de 1739 Antonio de Oliveira Freire na *Deſcripçaõ Corografica de Portugal* lhe attribuío oitocentas mil peſſoas. (5)

25 No anno de 1754 mandando-ſe a Roma huma atteſtaçaõ dos habitadores que continha Lisboa para ſe paſſarem as Bullas ao ſegundo Patriarca o Eminentiſſimo Cardeal Manoel, ſe lhe aſſinou mais de ſeiſcentos mil habitantes conforme o calculo moderno.

26 De todas eſtas computações ſe deduz quanto ſe

---

[1] Carv. da Coſta Corograf. Portug. tom. 3. tratad. 8. [2] Ex Cod. Titul. S. Patr. Eccleſ. Lisb. tom. 1. pag. 118. [3] Deſcription de la Ville de Lisbonne pag. 8. [4] Lima Geograf. Hiſt. tom. 2. p. 647. [5] Oliveir. Freire Deſc. Corogr. de Port. pag. 106.

ſe tem alterado com os tempos o populoſo da Cidade, na qual ſe naõ póde fixar numero abſolutamente certo de habitadores; e muito menos depois que no tragico terremoto, e incendio geral de Lisboa pereceo taõ grande multidaõ laſtimoſamente. Huns dizem (1) que foraõ quinze mil os mortos: outros (2) vinte quatro mil: outros (3) ſetenta mil. Perda foy eſta, que naõ ſe poderá calcular taõ facilmente.

27 Verdade ſeja, que ainda que a mayor parte dos moradores, que por altiſſimo deſtino eſcaparaõ do triſte golpe daquelle dia, deſampararaõ a Cidade; os ſeus campos, e contornos para onde ſe refugiaraõ, ſe viraõ ampliados de ſorte, que como ſe Lisboa tivera a qualidade de Hydra, ou a natureza da Fenix, por cada bairro que ſe extinguio, creſceraõ muitos; por cada caſa, e rua que ſe abrazou, renaſceraõ multiplicadas: caſas, e ruas no campo do Curral; caſas, e ruas no campo de Santa Clara; caſas, e ruas na Cotovia, em Campolide, em Belem, no ſitio do Rato; e tudo cheyo, e povoado com baſtante numero de gente.

28 De maneira, que Lisboa neſte particular parece que naõ ſentio diminuiçaõ alguma, pois cada dia ſe acha infinitamente mais fornecida, e augmentada em povo; e com a capacidade de poder povoar, e ſoccorrer todos os annos da meſma ſorte as ſuas Conquiſtas em todas as quatro partes do mundo; ſem que todavia, como até agora experimentámos, ſe dê a conhecer a falta dos que ſe auſentaõ, ſenaõ nos olhos dos que ficaõ.

[1] P. Anton Pereir. no Comment. de Terræmot. & incend. Oliſipon. pag. 9. [2] Pedegache Nova, e fiel Relaç do Terremoto pag. 20. [3] Joſeph de Oliv. Trovaõ na ſua Cart. Relator. deſte ſucceſſo p. 11.

§. V.

Novo plano regular da Cidade.

1 REconhecida, e obſervada a deſtruiçaõ de Lisboa com o grande terremoto, e incendio do primeiro de Novembro de 1755, foy preciſo intentarſe a ſua renovaçaõ. Havia differentes modos para eſta ſe executar. Primeiro, reſtituindo-a promptiſſimamente ao ſeu antigo eſtado, levantando as caſas nas ſuas meſmas alturas, e diſpondo as ruas como eſtavaõ; ſervindo os proprios deſtroços, e ruinas para a erecçaõ dos edificios, e evitando deſta ſorte o trabalho, e deſpeza dos deſentulhos.

2 Porém neſte projecto lhe faltava a attençaõ ao melhoramento de huma Cidade, que ſe pertendia edificar de novo em occaſiaõ opportuna, conſervando-lhe outra vez as ruas eſtreitas, que as faz de aborrecivel uſo; e as caſas nas meſmas alturas, cauſando o horror, que ſe tem concebido aos terremotos.

3 O ſegundo modo era, levantar os edificios nas ſuas antigas alturas, e mudar as ruas eſtreitas em ruas largas. Aſſim ficaria melhor a ſerventia do publico, e ſe conſervava na altura das caſas abundantes commodos para os habitadores, e a Cidade ficaria mais formoſa do que d'antes era, melhorando-ſe alguns edificios mayores arruinados. Porém neſta idéa ſe encontra o defeito de ſe naõ acautelar contra o flagello dos terremotos nas alturas dos edificios.

4 O terceiro modo era, diminuindo as alturas a dous pavimentos ſobre o terreo, e mudando as ruas eſtreitas em largas; acautelando-ſe por eſte modo contra ſemelhantes aſſaltos, diminuindo as alturas dos edificios, por ſe temerem nos mais altos as ruinas mais certas; como pelo contrario nas ruas mais lar-

largas mayor facilidade para ſe eſcapar dos deſtroços, que nas eſtreitas ſervem de grande impedimento ao retiro. Mas tem contra ſi eſte arbitrio os clamores dos donos dos edificios extinctos, e outros diminutos de rendimento pela diminuiçaõ dos inquilinos; entre cujos clamores ſeriaõ muito diſtinctos os dos Morgados, Eccleſiaſticos, e Irmandades, como tambem tinha contra ſi a accomodaçaõ dos deſentulhos; e mais que tudo a graviſſima deſpeza com que ſe havia de ſubſtituir a diminuiçaõ dos edificios extinctos.

5 O quarto modo era, arrazando toda a Cidade baixa, levantando-a com os entulhos; ſuaviſando aſſim as ſubidas para as partes altas, e fazendo deſcenſo para o mar com melhor, e ſuave correnteza das aguas; formando novas ruas com liberdade competente aſſim na largura, como na altura dos edificios. Mas eſta idéa, poſto que vencia ao terceiro modo em evitar o embaraço dos deſentulhos, e em dar melhor ſerventia à Cidade, ſempre ficava com o grave pezo de dar a cada hum a juſta compenſaçaõ do que lhe pertencia.

6 O quinto modo podia ſer deſprezar Liſboa arruinada, e formar outra de novo deſde Alcantara até Pedrouços; com permiſſaõ porém de que os donos das caſas de Liſboa arruinada as podeſſem levantar como quizeſſem. Facilitava-ſe eſte modo mais que todos, porque naõ tinha que vencer difficuldades de deſentulhos, e ſuas acomodações: offerecia campo docil, e livre das eminencias de Liſboa antiga, ſem neceſſidade de averiguar o eſtado das caſas que ſe deviaõ conſervar, ou derribar, nem ouvir clamores dos donos das que inteiramente ſe deſprezaſſem. Com eſte arbitrio ſe edificaria com mais goſto, pelas melhoras, e avanços, que geralmente ſe reconhecem no terreno, e prayas do ſitio de Belem, e ſuas viſinhanças, livrando aos habitadores do horror que conceberaõ na deſtruiçaõ da

Cidade arruinada; e com incomparavel brevidade, e boa organiſaçaõ de ruas, e de edificios, ſe formaria huma Lisboa nova, ſem que os dominantes dos edificios de Lisboa deſtruida tiveſſem de que ſe queixar, pois ſe lhe naõ fazia violencia alguma, nem ſe lhes impedia a reedificaçaõ dos ſeus edificios para ſe valerem delles à ſua vontade.

7 Eſtas eraõ as idéas que pareciaõ attendiveis; porém com mais madura ponderaçaõ determinou Sua Mageſtade por Decreto de 3 de Dezembro de 1755, que da Cidade arruinada foſſem promptamente ſeus edificios demolidos, e ſe alinhaſſem as ruas com rectidaõ, e largura competente à commodidade dos ſeus habitantes: e que nos outros bairros, cujos edificios ficaraõ no eſtado de admittir concerto, ſe melhoraſſem as ruas quanto foſſe poſſivel: e para que em ſemelhante obra taõ neceſſaria ao bem commum naõ houveſſe prejuizo nos particulares, eſtabeleceo varias providencias por dous Decretos, hum de 12 de Mayo de 1758, e outro de 15 de Junho de 1759.

8 E porque nas ruas rectamente alinhadas podeſſem os proprietarios dos terrenos edificar as ſuas propriedades com a certeza da qualidade dos habitantes, e dos artifices, eſtabeleceo por Decreto de 15 de Novembro de 1760 a diſtribuiçaõ das ruas ſeguintes, que jazem entre as praças do Commercio, e a do Rocio.

Rua nova d'ElRey. Nella ſe devem arruar os Mercadores da claſſe da Capella, applicando-ſe as logens, que delles ſobejarem para as vendas dos outros Mercadores de louça da India, de chá, e das mais fazendas do ſeu trafico.

Rua Auguſta. Neſta rua ſe devem alojar os Mercadores de lã, e ſeda, applicandoſe-lhes onde naõ chegarem as logens as mais que neceſſarias forem na rua de Santa Juſta.

Rua Aurea. Nella ſe accommodaráõ os Ourives do

do ouro, alojando-ſe nas accommodações que delles ſobejarem os Relojeiros, e Volanteiros.

Rua bella da Rainha. Nella ſe accommodaráõ os Ourives da prata, e nas logens que ſobejarem, ſe alojaráõ os Livreiros que antes viviaõ na ſua viſinhança.

Rua nova da Princeza. Nella ſe accommodaráõ os Mercadores de fancaria; deſtinando-ſe os ſobejos della, ſe os houver, às logens de Quincalheria.

Rua dos Douradores. Eſta rua, que ſerá immediata à rua bella da Rainha, cortando ao naſcente della, ſe diſtribuirá para os Douradores, Batefolhas, Latoeiros de lima, ficando livres as logens, que nella ſobejarem, para tendas, tavernas, e outros miſteres.

Rua dos Corrieiros. Eſta rua, que ficará entre a rua bella da Rainha, e a rua Auguſta, teráõ nella arruamento os officios de Corrieiro, Selleiro, e Torneiro.

Rua dos Sapateiros. Neſta rua, que mediará entre a rua Auguſta, e rua Aurea, ſe devem arruar a hum lado della os Sapateiros, e o outro lado ſe deixará livre para outros miſteres do povo.

Rua de S. Juliaõ. Aſſim ſe denominará a primeira das ſeis traveſſas, que cortaõ as ſobreditas ruas, principiando da banda do Naſcente, e nella ſe devem accommodar os Algibebes.

Rua da Conceiçaõ. Aſſim ſe denominará a ſegunda das referidas ſeis traveſſas, e nella ſe accommodaráõ os Mercadores de logens de retroz.

Rua de S. Nicoláo. Aſſim ſe denominará a terceira das ditas traveſſas, e nella ſe accommodaráõ as logens de Quincalheria, que couberem.

Rua da Victoria. Aſſim ſe denominará a quarta das referidas traveſſas, e nella ſe accommodaráõ as logens, que reſtarem dos referidos Mercadores de Quincalheria.

Rua

Rua da Aſſumpçaõ. Aſſim ſe denominará a quinta das ſobreditas traveſſas, e nella ſe arruaráõ os Cerigueiros aſſim de chapeos, como de agulha.

Rua de Santa Juſta. Aſſim ſe denominará a ſexta, e ultima das referidas traveſſas, e nella ſe alojaráõ os mercadores de lã, e ſeda, que naõ tiverem baſtante accommodaçaõ na rua Auguſta.

9 Determinada com eſta formalidade a diſtribuiçaõ das principaes ruas, ſe principiou a renovaçaõ da Cidade pelo edificio publico de hum mageſtoſo Arſenal, e a Bolſa do Negocio com a accommodaçaõ dos Tribunaes; largando Sua Mageſtade o ſeu Palacio antigo do terreiro do Paço, aſſim como os Senhores Reys ſeus anteceſſores haviaõ largado os em que habitavaõ, que ſe achaõ hoje ſervindo de outros uſos.

10 E para Palacio da ſua reſidencia eſcolheo a elevaçaõ do terreno ſuperior ao Tejo, e à Cidade de Lisboa, que jaz entre o largo de S. Joaõ dos Bem caſados, e o caminho que vay do Senhor Jeſus da Boa Morte para o Rato, com as demarcações que ſe aſſinaõ no Decreto que para eſte effeito paſſou a 2 de Julho de 1759. Ficando eſte ſitio ſendo cabeça, e parte principal da Corte, e Cidade de Lisboa, que por eſte novo plano ficará mais extenſa, regular, e decoroſa.

§. VI.

Catalogo dos ſeus Prelados.

1 QUerer enlaçar huma ſerie direita dos Prelados ſuperiores, que governaraõ a Santa Igreja de Lisboa deſde os primitivos tempos da Chriſtandade aqui eſtabelecida, he materia ſummamente eſcura, difficil, e embaraçada; e aſſim evitando o metermo-nos em taõ eſpeſſas trevas, reduzimos eſtas memorias com a poſſivel clare-

reza, e brevidade a tres claſſes: Biſpos, Arcebiſpos, Patriarcas.

BISPOS.

2 PRetende o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha deduzir a origem da Cadeira Pontificia na Santa Igreja Lisbonenſe deſde a promulgaçaõ do Evangelho, e quer que S. Manſos, Diſcipulo do Senhor, enviado pelos Apoſtolos a Heſpanha, foſſe o ſeu primeiro Biſpo regionario; (1) e ſem embargo que de algum modo milita pela parte de D. Rodrigo o Breviario Eborenſe, reconhecido pelo inſigne André de Reſende, e a tradiçaõ immemorial daquella Diecese, naõ obſtante a aſſeveraçaõ contraria de Papebroquio, e ſeus erudítos continuadores Antuerpienſes, que negaõ abſolutamente a vinda de S. Manſos a Heſpanha, (2) com tudo ſaõ taõ debeis os fundamentos, em que ſe eſtriba D. Rodrigo, que nos deixa ainda muito pouco ſeguros, e ſatisfeitos na baze Pontificia da noſſa Igreja.

3 A meſma debilidade padecem as memorias Epiſcopaes do *Anonymo* Diſcipulo de Santiago mayor: de *Filippe Filoteo*, que dizem ſer mandado por S. Clemente Papa no anno de 92: de *S. Pedro I.* pelos annos de 166: de *Pedro II.* no anno de 213: de *Jorge* no anno de 260: de *Pedro III.* pelos annos de 297, em cujo tempo ſuccedeo o glorioſo martyrio dos tres Santos irmãos Veriſſimo, Maxima, e Julia: de *S. Gens*, ou *Geneſio*, que floreceo no tempo de Diocleciano: de *Januario* pelos annos de 300: de *Potamio* (3) pelos annos de 356: de *Antonio* no anno de

---

[1] Cunha Hiſtor. Eccleſ dos Biſp. de Lisb. part 1. cap. 9. Reſende na Hiſtor. de Evora cap. 9. [2] Papebroch. tom. 5. Acta Sanctor. a 21 de Mayo pag. 35., e 5 de Agoſto pag. 11. [3] Padilha Hiſtor. Eccleſ. c. 51. cent. 4. ſeguindo a Morales liv. 10. c. 37 diz, que Potamio fora o primeiro Biſpo de Lisboa; porém Luiz Marinho liv. 3. c. 34 das Antiguida-

de 373 : de *Neobridio* pelos annos de 430 : de *Julio* no anno de 461 : de *Azulano* em quaſi o meſmo tempo : de *Joaõ* pelos annos de 500 : de *Eolo* pelos annos de 536 : de *Neſtoriano* pelos annos de 578 ; porque todos, ou quaſi todos eſtes Prelados, que o ſobredito D. Rodrigo, e outros Eſcritores conſtituem neſta Cathedral, ſaõ duvidoſos : pelo que ſeparando nós o verdadeiro do incerto, começamos a ſerie dos Biſpos de Lisboa por

I.

Paulo.

Deſde antes do anno 589.

4 HE eſte o primeiro Paſtor Eccleſiaſtico, que encontramos com teſtemunho authentico regendo a Dieceſe Lisbonenſe. Verdade ſeja, que naõ podemos duvidar da anterior exiſtencia de outros Prelados della, naõ ſó por vermos a honra da ſua Cadeira Epiſcopal eſtabelecida já no tempo do Concilio de Eliberi, celebrado no principio do quarto ſeculo ; mas porque o martyrio com que muitos Varões ſantos illuſtraraõ eſta Cidade em tempo do Gentiliſmo, he prova de eſtar nos Fieis radicada a Religiaõ Evangelica, animada, e perſuadida pelo exemplo dos ſeus Prelados : (1) porém as turbulentas,

dades, defende fortemente, que Potamio naõ fora Prelado deſta Igreja. Sem embargo, que de Potamio, como Biſpo de Lisboa, ſe faz mençaõ no famoſo Libello, que os Presbyteros Marcellino, e Fauſtino, Luciferianos, eſcreveraõ aos Imperadores Valentiniano, Theodoſio, e Arcadio, que vem no tom. 5. Biblioth. Patr. pag mihi 652. Porém os Padres Antuerpienſes affirmaõ ſer eſte Libello mendaciſſimo : o meſmo dizem Tilemont tom. 7., e outros apud Florez tom 10. da Eſpaña ſagrada, e tom. 13. pag. 147. [1] Eſte Concilio foy celebrado ou no ann. de 300, ou 301, como parece a Tillemont tom. 5. tit. de S. Eulalia : e ſuppoſto que D. Fernando de Mendonça na ediçaõ, e commentarios que

tas, e vivas perſeguições dos primeiros ſeculos, e accidentes particulares, privaraõ a poſteridade da ſua noticia.

5 Conſta pois a exiſtencia de Paulo pela ſubſcripçaõ, que delle vemos no Concilio III. de Toledo, celebrado no anno de 589 à inſtancia delRey Recaredo contra a perfidia Arriana, onde no lugar decimo oitavo das firmas dos Prelados, que alli concorreraõ, ſe lê: *Paulus Oliſiponenſis Eccleſiæ Epiſcopus ſubſcripſi*, (1) inferindo-ſe daqui ſer elle hum dos ſuffraganeos antigos naquelle tempo de Merida, pois que precedia a quarenta e quatro Biſpos daquella ſanta Aſſemblea.

II.

Goma, ou Gomarelo.

Deſde o anno de 610.

6 COm certeza ſe naõ póde dizer ſe eſte Biſpo foy immediato ſucceſſor de Paulo, como quer D. Rodrigo da Cunha, (2) e bem duvída Luiz Marinho de Azevedo. (3) A memoria que temos delle he acharſe na confirmaçaõ do Decreto delRey Gundemaro em favor da Igreja de Toledo, confor-

que lhe fez, naõ expreſſa mais que dezanove Biſpos, que ſe congregaraõ, ſem nomear o de Lisboa; com tudo como conſta de outros Codices, que foraõ quarenta e tres Biſpos, e entre os mencionados por Mendoça vem expreſſo o de Oſſonoba, ſendo Cidade do Algarve mais retirada, e menos illuſtre que Lisboa, ha fundamento para dizermos, que falta a ſubſcripçaõ do noſſo Prelado: quanto mais, que na Carta 68. de Cypriano, ſegundo affirma o P. M. Flores na Eſpaña ſagrada tom. 4. pag. 82. ſe faz memoria do Biſpado Lisbonenſe. [1] Conforme o tom. 13. pag. 129. dos Concilios da Collecçaõ Regia Pariſienſe; impreſſa no anno de 1644. Veja-ſe a Monarq. Luſitan liv. 6 c. 19. O P. Flores no tom. *6.* pag. 147. o colloca no lugar decimo ſetimo. [2] Cunha part. 1. cap. 22. da Hiſt. Eccleſ. de Lisboa. [3] Mar. de Azev. liv. 4. cap. *6.*

me o Synodo, que alli fez celebrar no anno de 610, onde firmou no lugar duodecimo. Ainda perſevera a memoria deſte Prelado até o anno de 614, no qual celebrando-ſe o Concilio de Tarragona, ſe vê alli aſſinado Fructuoſo como Procurador do noſſo Biſpo, como advertio Loayſa, e Padilha. (1)

III.

Viarico, Ubarico, ou Dialico.

Deſde o anno de 633.

7 COm toda eſta variedade ſe lê o nome deſte noſſo Prelado nos Codigos dos Concilios de Toledo, a que aſſiſtio. No IV. Toledano, celebrado pelos annos de Chriſto 633, aſſinou no lugar quadrageſimo quinto dos Biſpos concurrentes, neſta fórma: *Viaricus Oliſiponenſis Eccleſiæ Epiſcopus ſubſcripſi*. No Concilio V. celebrado no anno de 636, ſubſcreveo no lugar decimo terceiro, e ſe vê aſſinado *Ubaricus*. No Concilio VI., que ſe congregou no anno de 638, vemos no lugar trigeſimo quarto ao meſmo Prelado com o nome *Dialico*. (2) Entre eſte Biſpo, e Gomarelo adverte Luiz Marinho, que bem podia ter havido outros Biſpos, pois ſe paſſaraõ vinte annos de interpolaçaõ; mas naõ ha memoria alguma delles que ſeja veridica. Ambroſio de Morales, a quem ſegue Frey Bernardo de Brito, e Marinho de Azevedo, fazem dous differentes Biſpos de hum ſó, porque ſeparaõ Viarico de Ubarico. (3)

IV.

[1] Padilha Hiſtor. Eccleſ. part. 2. cent. 7. cap. 5. [2] Tom. 4. Concilior. p. 522. Cunha nos Biſp. de Liſb. part. 1. c. 23. Monarq. Luſ. liv. 6. c. 22. [3] Moral. liv. 12. c. 25. Brit. na Monarq. l. 6. c. 21. Marinh. liv. 4. c. 6.

IV.

Neufridio, ou Neufredo.

Deſde o anno de 646.

8 O Nome deſte Prelado ſe verifica pelo Concilio VII. de Toledo, celebrado no anno de 646, onde achamos ſubſcrevendo em ſeu lugar ao Abbade Criſpino como Procurador do noſſo Biſpo, e aſſinou no lugar trigeſimo. (1) Devia Neufridio ſucceder immediatamente a Viarico pelo pouco tempo intermedio, que ſe paſſou entre hum, e outro Concilio. Paſſados poucos annos, iſto he, no de 653, aconteceo o glorioſo martyrio de Santa Iria natural de Thomar.

V.

Ceſario, ou Ceſar.

Deſde o anno de 656.

9 ANtes de Ceſario conjectura D. Rodrigo da Cunha, (2) que houvera outro Biſpo chamado Vicente, e que aſſiſtira por ſeu Procurador Servando ao Concilio VIII. Toledano; porém o fundamento de D. Rodrigo he frivolo. O mais certo he, que a Neufredo ſuccedeo Ceſario, e o encontramos aſſinado no lugar undecimo do Concilio X. Nacional, celebrado em Toledo em tempo de Receſvintho, Rey Godo, pelos annos de Chriſto 656 no dia primeiro de Dezembro. (3)

N ii VI.

[1] Conſta do tom. 14. Concilior. pag. 667. Flores tom. 6. da Eſp ſagr. p. 184. poem no lugar ſegundo a Criſpino, que aſſiſtio como Vigario de Neufredo. [2] Cunha nos Biſpos de Lisboa part. 1. cap. 26. [3] Tom. 15. Concilior. p. 413.

VI.

Theodorico.

Deſde o anno de 666.

10 ACha-ſe o nome, e dignidade de Theodorico expreſſo no Concilio de Merida, que ſe celebrou pelos annos de 666, e nelle ſubſcreveo em quinto lugar, neſta fórma: *Theodoricus in Chriſti nomine Sanctæ Oliſiponenſis Eccleſiæ Epiſcopus ſubſcripſi.* (1)

VII.

Ara.

Deſde o anno de 683.

11 NAõ ſe póde affirmar certamente ſe eſte Prelado foy immediato ſucceſſor de Theodorico. Sabe-ſe que foy aſſiſtir ao Concilio Nacional, e XIII. de Toledo, congregado pelo Rey Ervigio a 4 de Novembro de 683, e nelle ſubſcreveo em ultimo lugar. (2)

VIII.

Landerico.

Deſde o anno de 688.

12 PRovavel he que ſuccedeſſe eſte Biſpo immediatamente a Ara pelo pouco tempo que ſe paſſou entre hum, e outro. Encontra-ſe o ſeu nome nas Actas do Concilio Toledano XV., e no

[1] Tom. 15. Concilior. p.474. [2] Tom. 17. Concil. p. 41. e 50.

no lugar quinquageſimo ſexto. No Concilio XVI., tambem Toledano, firmou no lugar quinquageſimo quarto. He de parecer Luiz Marinho, que a Landerico ſuccedera outro Prelado chamado Harderico; (1) mas deſejaramos, que allegaſſe documento, que reforçaſſe o ſeu voto.

13 Com a entrada dos Mouros, que foy pelos annos 714, em cujo tempo governava ainda a noſſa Igreja o Biſpo Landerico, ſegundo parece a D. Rodrigo da Cunha, ceſſaraõ as memorias dos ſeus Prelados, e ſua Dieceſe, a qual ſem duvida naquelles laſtimoſos tempos padeceo grande interrupçaõ na ſua liberdade, poſto que naõ ſe extinguio o Chriſtianiſmo; pois conſta que ſe conſervou na Igreja dos Santos Veriſſimo, Maxima, e Julia, no monte de S. Gens, e na Igreja de S. Felix em Chelas. (2) Reſtaurada finalmente eſta Cidade do poder dos Arabes, ſe foy continuando em paz a ſerie Pontificia de ſeus Prelados, ſendo delles o primeiro, que ſe ſeguio a occupar a Cadeira Epiſcopal

IX.

D. Gilberto.

Deſde o anno de 1147.

14 TAnto que o inclyto Rey D. Affonſo I. recuperou Lisboa, conſtituio em primeiro Prelado da ſua Igreja a D. Gilberto, Eccleſiaſtico benemerito, e Inglez de naçaõ, que tinha vindo na armada eſtrangeira, e cooperou para a conquiſta da Cidade. Foy logo D. Gilberto ſagrado pelo Arcebiſpo de Braga D. Joaõ Peculiar, em cujas mãos fez juramento de obediencia, ficando deſde entaõ a Igre-

---

[1] Mar. de Azev. liv. 4. cap. 10. [2] Cunha nos Biſpos de Lisboa part. 1. cap. 32.

Igreja de Lisboa ſuffraganea a Braga, tendo ſido antecedentemente ſujeita a Merida. (1)

15 Eſtabeleceo o novo Biſpo no anno de 1150 o Cabido da Sé com o numero de Dignidades, e Prebendas neceſſarias; e na meſma Cathedral ordenou, que ſe rezaſſe, e celebraſſe pelo Breviario, e Miſſal da Anglicana Igreja de Salisbury, Cidade da Provincia de Viltonia, a que os Inglezes chamaõ Wiltshire, e conſequentemente introduzio eſta Liturgia em toda a ſua Dieceſe, cujo rito ſe obſervou até o anno de 1536, em que o Arcebiſpo Infante D. Affonſo o fez abolir com a introducçaõ do Romano. (2)

16 No anno ſeguinte de 1151 achamos memoria do grande eſpirito deſte Prelado, pois com zelo Apoſtolico fez perſuadir a muitos de ſeus nacionaes vieſſem continuar em Heſpanha a expugnaçaõ dos infieis. (3) E depois de ordenar as tres Paroquias de S. Vicente, dos Martyres, e de Santa Juſta, cheyo de merecimentos, e dias, completou o ultimo prazo da vida aos 27 de Abril de 1166. Foy ſepultado na ſua Sé na Capella mór da parte direita em tumulo alto, que paſſados tempos ſe demolio pelo embaraço, que fazia aos Officios Divinos.

X.

---

[1] Garibay tom.4. l. 34. c.12. Brand. Monarq. Luſit. liv.10. cap.30. [2] Cunha nos Biſpos de Lisb. part.2. c.1. Pereir. na Chronic. do Carmo tom. 2. part. 1. n. 141.; e na Diſſertaç. Apologet. n. 105. [3] *Gilbertus Epiſcopus Oliſiponis prædicans in Angliam plurimos ſolicitavit in Hiſpaniam proficiſci Iſpalim obſeſſuros, & expugnaturos.* Conſta da Hiſtoria intitulada *Regum Anglicorum*, eſcrita por Simeaõ Dunelmenſe, e continuada por Joaõ Prior de Haguſtalde.

X.

D. Alvaro.

Deſde o anno de 1166.

17 COmo o Biſpo D. Gilberto ainda em ſua vida tinha nomeado por Coadjutor, e ſeu futuro ſucceſſor a D. Alvaro, que entaõ era Meſtre-Eſcola da Sé, tanto que D. Gilberto faleceo, começou elle a exercer logo a ſua Dignidade; poſto que lha embaraçaraõ os Conegos com alguns vãos pretextos, que o Papa Alexandre III. decidio no anno de 1168 a favor de D. Alvaro.

18 Huma das grandes provas, que confirmaõ a virtude deſte Prelado, he entrar elle neſte anno a continuar o ſeu governo taõ eſquecido das oppoſições paſſadas, que a ſua primeira acçaõ foy convidar com generoſidade, e clemencia aos meſmos Conegos ſeus emulos, dando-lhes faculdade para diſporem das rendas das ſuas Prebendas, (devia ter Breve para iſſo) que ſe venceſſem em hum anno depois de ſeus obitos. (1)

19 Conſtituío quatro Paroquias, a ſaber: S. Jorge, Santa Cruz, S. Bartholomeu, e S. Martinho. Aconteceo no ſeu tempo a trasladaçaõ do eſtimavel theſouro do corpo glorioſo de S. Vicente Martyr, o qual do Promontorio do Algarve, onde havia annos eſtivera occulto, o mandou transferir ElRey D. Affonſo Henriques para Lisboa, collocando-ſe na Cathedral com grande ſolemnidade em 15 de Setembro de 1173. Deſde entaõ concedeo o meſmo Rey a eſta Cidade o poder tomar por brazaõ de Armas a inſignia de huma Náo com a imagem do Santo, e dous corvos na popa, e proa para per-

[1] Cunha no Catal. dos Biſpos de Lisboa part. 2. c. 7.

perpetuo teſtemunho, de que aſſim fora o corpo do Santo milagroſamente conduzido a Lisboa. (1) Faleceo finalmente eſte Prelado a 11 de Setembro de 1185, e foy ſepultado na Sé em a Capella de Santiago chamada vulgarmente da Pombinha. Advertimos, que Fr. Antonio de Yepes no tom. 5. da Chronica geral de S. Bento, pag. 16. col. 1., faz mençaõ por eſte tempo de hum Biſpo Lisbonenſe chamado Antonio, e julgamos ſerá equivocaçaõ naſcida da letra inicial de Alvaro.

XI.

D. Soeiro I.

Deſde o anno de 1185.

20 LOgo que o Biſpo D. Alvaro faleceo, foy ſublimado à dignidade Prelaticia D. Soeiro, o qual havia ſido eleito ainda em vida de ſeu anteceſſor. Era elle peſſoa de grandes merecimentos, e por iſſo muito eſtimado delRey D. Sancho I., que a ſeu reſpeito concedeo baſtantes privilegios a eſta Cidade, e à ſua Cathedral. Nella eſtabeleceo D. Soeiro as Quartenarias, para que foſſem em mayor numero os Miniſtros da Igreja. Do anno 1199 por diante ficou eſte Biſpado Lisbonenſe ſuffraganeo a Compoſtella por compoſiçaõ, que fez o Papa Innocencio III. com os Arcebiſpos de Braga, e Santiago. (2) Terminou D. Soeiro ſeus dias em 28 de Se-

[1] Brand. na Monarq. Luſitan. liv. 11. cap. 24. Cunha no Catal. dos Biſp. de Lisb. part. 2. cap. 8. Flores na Heſp. ſagrad. tom. 8. pag. 188. Donde Mouſinho de Quevedo no Affonſo Africano cant. 3. eſt 41. cantou

Por Armas ſuas huma Náo pregoa,
Que dous corvos diſcorrem popa a proa.

[2] Cunha na Hiſtor. de Braga part. 2. cap. 18. n. 8. e no Catalog. dos Biſp. de Lisb. part. 2. cap. 7. n. 5.

Setembro de 1209, conforme D. Rodrigo, ou no de 1210, ſegundo o Chroniſta Brandaõ. (1)

XII.

D. Soeiro Viegas II.

Deſde o anno de 1210.

21 FOy eſte Prelado naõ ſó illuſtre no ſangue, mas inſigne no eſplendor da prudencia, por cujas prendas era muito do agrado delRey D. Sancho I., e de ſeu filho D. Affonſo II., o qual tanto que ſubio ao throno, e começou a contender com ſuas irmãs ſobre as terras, que lhes havia deixado ElRey ſeu pay, de cujo litigio ſe queixaraõ ellas ao Papa Innocencio III., ElRey para informar ao Pontifice da ſua cauſa, enviou a Roma o Biſpo D. Soeiro, o qual com a rara capacidade, de que era dotado, ſoube compor a negociaçaõ admiravelmente.

22 Neſta jornada teve a fortuna de tratar com familiaridade a S. Boaventura, a quem informou de muitas acções prodigioſas do noſſo glorioſiſſimo patricio Santo Antonio, que ſerviraõ muito para lhe compor a vida, como o Santo Doutor confeſſa no ſeu Prologo. A meſma amiſade contrahio com os bemaventurados Patriarcas S. Domingos, e S. Franciſco, de que reſultou a vinda, e entrada de taõ exemplares Religiões neſta Cidade.

23 As letras, e as virtudes, que guardavaõ excellente harmonia em D. Soeiro, lhe naõ embotaraõ o valeroſo eſpirito das armas contra os inimigos da Fé na grande empreza de Alcacer do Sal, Praça de robuſtas forças naquelle tempo; devendo-ſe

[1] Cunha Catalog. dos Biſpos de Liſboa cap. 19. n. 10. Monarq. Luſit. liv. 12. cap. 10.

à actividade deſte Prelado o conquiſtarſe aos Mouros em 21 de Outubro de 1219. (1)

24 Com o novo reinado delRey D. Sancho II. ſe perverteo a fortuna de D. Soeiro; porque pela ambiçaõ dos validos delRey, foy elle experimentando algumas violencias, que os Miniſtros ſeculares faziaõ aos Eccleſiaſticos, vendo-ſe obrigado, por conſervar a liberdade da ſua Igreja, retirarſe, e peregrinar por terras eſtranhas, até que reſtituido à Patria com grandes honras do Papa Gregorio IX., faleceo a 9 de Janeiro de 1232. (2) Foy ſepultado na Sé, e na Capella, que chamaõ de Santo Amaro. Se eſte Prelado renunciou o Biſpado, e tomou o habito Dominicano, he ponto que naõ ſe póde averiguar com facilidade, e aſſim o deixamos indeciſo. (3)

XIII.

D. Payo.

Deſde o anno de 1232.

25 DEſte Prelado naõ ha mais noticia, que ſer eleito em Biſpo de Lisboa depois da morte de D. Soeiro, e ter ſido Conego de Viſeu, e D. Prior de Guimarães. Faleceo a 19 de Abril de 1233. O noſſo Chroniſta Fr. Antonio Brandaõ, liv. 15. cap. 8. diz, que entre os Biſpos D. Soeiro, e D. Ayres Vaſques naõ encontrara memorias de outro Prelado nas Eſcrituras, que lhe vieraõ à maõ.

XIV.

[1] Seguimos agora eſta epoca, perſuadidos do que affirma D. Rodrigo da Cunha nos Biſpos de Lisboa part. 2. cap. 25., explicando os verſos de Goſuino, Poeta coetaneo de D. Soeiro. [2] Brand. na Monarq. Luſit. liv. 13 cap. 10. Cunha nos Biſp. de Liſb. part. 2. c. 32. Cardoſ. no Agiol. Luſit. a 29 de Janeir. Ann. Hiſtor. tom. 3. a 10 de Setemb. [3] Vide Cunha no Catal. dos Biſp. de Liſb. part. 2. c. 2. per tot.

XIV.

D. Joaõ I.

Deſde o anno de 1240.

26 TAmbem ha poucas memorias deſte Biſpo. Conſta ſómente, que depois da ſua exaltaçaõ ſe auſentara para Roma, por ſe livrar dos diſturbios daquelles tempos, e que lá morrera no anno de 1241, em cujo anno a 20 de Outubro já o Cabido governava em *Sede vacante*, como conſta da licença, que paſſou para ſe fundar neſta Cidade o Convento de S. Domingos. (1) Equivocou-ſe D. Rodrigo da Cunha, parecendo-lhe que eſte Biſpo fora D. Joaõ Soares Alaõ, ſenhor da herdade do Hoſpital de S. Utropio, exiſtente na Freguezia de S. Bartholomeu; (2) porque o tal D. Joaõ Soares Alaõ foy Biſpo de Silves no Algarve deſde o anno de 1297. (3)

XV.

D. Ayres Vaz, ou Vaſques.

Deſde o anno de 1244.

27 NAſceo D. Ayres Vaſques em Galliza na terra chamada de Lima de pays nobiliſſimos, e da illuſtre familia dos Soares de Albergaria. Ignora-ſe o anno em que foy exaltado à Cadeira Epiſcopal; ſabe-ſe que a primeira acçaõ ſua fora fundar em Santarem a Collegiada de Santa Maria de Marvilla em 25 de Novembro de 1244. No

[1] Souſa Chron. de S. Doming. part. 1. p. 162. [2] Cunha Hiſtor. Ecclеſ. de Lisb. part. 2. c. 41. n. 8. [3] Conſta da 5. part. da Monarq. Luſit. liv. 17. cap. 42. e cap. 61., e do Catalogo dos Biſpos do Algarve, que vem no fim das ſuas Conſtituições, num. 16.

anno ſeguinte ſe achou no Concilio, que Innocencio IV. fez celebrar em Leaõ de França, e alli na preſença do meſmo Pontifice, e de todos os venerandos Padres alli congregados, fez huma elegante Oraçaõ por parte delRey D. Sancho II., (1) a quem ſeus emulos queriaõ privar do Reino para enthronizarem a ſeu irmaõ D. Affonſo.

28 No anno de 1248 já reſtituido ao Reino fez Conſtituições para o bom regimen da Igreja, e poz novos limites às Paroquias da ſua Dieceſe. Nas guerras, e conquiſtas do Algarve acompanhou ſempre a ElRey D. Affonſo II. Sagrou a Igreja de Alcobaça em 29 de Setembro de 1252. (2) Aſſiſtio nas Cortes, que no anno de 1254 ſe celebraraõ em Leiria. Expirou finalmente no Convento de S. Vicente de Fóra, donde dizem tinha ſido Religioſo, a 6 de Outubro de 1258, tendo governado eſta Dieceſe quinze annos, e foy ſepultado na Igreja do meſmo Convento.

XVI.

D. Mattheus.

Deſde o anno de 1259.

29 MUito memoravel ſe fez o Biſpo D. Mattheus entre os Prelados Lisbonenſes. Fora elle Meſtre-Eſcola de Lisboa, grandemente eſtimado delRey D. Affonſo III., e naõ menos dos Pontifices Alexandre IV., e Urbano IV., a quem ſer-

---

[1] Refere eſta Oraçaõ por extenſo em Portuguez o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha na Hiſtoria dos Biſpos de Lisboa, part 2 cap. 45. do num. 5. por diante, a qual traduzida com elegancia na lingua Latina vimos em hum m. ſ. do inſigne D Manoel Caetano de Souſa, que tivemos na noſſa maõ, e tratava dos Biſpos de Lisboa. [2] Fr Bernard. de Brito na Chron de Ciſter liv. 3 c. 22. diz, que a Igreja de Alcobaça fora ſagrada no ann. 1222 pelo Biſpo D. Alvaro, couſa que D. Rodrigo da Cunha reprova nos Biſp. de Lisb. part. 2. c. 46. n. 3.

ſervio em muitas negociações paſſando a Roma depois de eleito, e donde veyo ſagrado. Tanto que chegou à Patria cuidou muito no governo da ſua Igreja, e reforma dos coſtumes, celebrando tres vezes Synodo, e publicando no ultimo, que foy no anno de 1271, Conſtituições novas, com que atalhou alguns abuſos introduzidos neſta Dieceſe.

30 Foy o primeiro que no anno de 1264 fez celebrar em Liſboa com grande pompa a feſta do Corpo de Deos, que Urbano IV. inſtituira. (1) Erigio de novo a Paroquia de S. Joaõ Bautiſta, e S. Mattheus no Lumiar, Termo de Liſboa. Paſſou ſegunda vez a Roma no anno de 1272 a negocios delRey D. Affonſo III., naõ ſe eſquecendo entre elles do que pertencia ao bom governo, e augmento da ſua Igreja. Reſtituido porém a ella pelos annos de 1280, continuou em fazer acções dignas de hum bom Paſtor; até que cheyo de merecimentos, acabou ſeus dias a 19 de Setembro de 1282. Foy ſepultado na Capella de S. Nicoláo da ſua Cathedral.

XVII.

D. Eſtevaõ Annes de Vaſconcellos.

Deſde o anno de 1284.

31 ERa D. Eſtevaõ filho de D. Joaõ Pires de Vaſconcellos, deſcendente do grande Martim Moniz, que fez famoſo o ſeu nome, e valor na tomada do Caſtello de Liſboa. Obteve a dignidade Epiſcopal em competencia de D. Domingos Jardo, que lhe ſuccedeo; e ſuppoſto que governou quaſi cinco annos, e aſſiſtio a hum Concilio, que fez celebrar em Braga D. Tello no anno de 1286, o Pa-

---

[1] Veja-ſe a Hiſtor. Critic. da Prociſſaõ de Corpus feita pelo Doutor Ignacio Barboſa.

Papa Nicoláo IV. veyo a approvar a eleiçaõ de D. Domingos. O certo he que o governo deſte Prelado foy eſtando elle ſempre auſente, e aſſim veyo a morrer no anno de 1290. (1)

XVIII.

D. Domingos Jardo.

Deſde o anno de 1289.

32 FOy D. Domingos Jardo peſſoa de mais alta fortuna, que naſcimento. O pobre lugar de Jarda, que fica na Freguezia de Bellas, lhe foy patria, e appellido. A propenſaõ que tinha ao eſtudo das letras o levou à Univerſidade de Pariz, donde inſtruido, e já perfeito literato voltou ao Reino; e a ſua erudiçaõ o introduzio no agrado delRey D. Affonſo III., que o fez ſeu Capellaõ, e do ſeu Conſelho. ElRey D. Diniz lhe deu o emprego de Chanceller mór, e com outras mercês o elevou a Biſpo de Evora no anno de 1283, até que o Pontifice Nicoláo IV. o transferio para o de Liſboa em 7 de Outubro de 1289.

33 Entre as acções mais louvaveis da ſua vida foy a fundaçaõ do Hoſpital de S. Paulo, que hoje he o Convento de Santo Eloy de Conegos Seculares de S. Joaõ Evangeliſta com o intuito, além do ſerviço de Deos, de ſe cultivarem nelle as letras de que havia falta no Reino; donde diz o Chroniſta mór Fr. Franciſco Brandaõ, (2) que os principaes talentos, que teve Portugal em letras naquelle tempo, ſe devem a eſte gazalhado do Biſpo D. Domingos. Cheyo finalmente de annos, e enfermida-

[3] Vide Cunha na Hiſtor. dos Arcebiſp. de Braga part. 2. cap. 39 n. 3. e nos Biſpos de Liſboa part. 2. cap. 65. Alcobaça Illuſtrada p. 331. e 487. [2] Brand. Monarq. Luſit. liv. 16. cap. 49. Cunha nos Biſpos de Liſboa part. 2. cap. 69.

dades diſpoz da abundancia de ſeus bens em hum prudentiſſimo teſtamento; e chamado ao deſcanço eterno, terminou ſeus dias em Lisboa a 16 de Dezembro de 1293. Jaz na Capella do Sacramento do Convento de Santo Eloy.

XIX.

D. Joaõ Martins de Suilhães.

Deſde o anno de 1294.

34 POr ſangue, virtude, e letras ſe fez digno de eterna memoria eſte noſſo Prelado. Era elle da familia dos Porto-Carreiros, ampliſſima em Portugal naquelle tempo. Principiou logo o governo da ſua Dieceſe com a fundaçaõ do Moſteiro de Santa Clara de Lisboa; e no anno ſeguinte iſentou o novamente erecto em Odivellas da juriſdiçaõ dos Biſpos. Alcançou delRey D. Diniz muitos privilegios para a ſua Cathedral, e acompanhou ao meſmo Rey na jornada, que fez a Aragaõ no anno de 1304, inſtituindo antes diſſo o Morgado de Suilhães. No anno de 1307 fez Synodo Dieceſano, em que ordenou novas Conſtituiçóes para atalhar muitos abuſos, e reformar o Eccleſiaſtico.

35 Foy aſſiſtir a alguns Concilios Provinciaes, que os Arcebiſpos de Compoſtella, como Metropolitanos de Lisboa, celebraraõ nos annos de 1306, e 1310. Por morte do Arcebiſpo de Braga D. Martim Pires foy D. Joaõ promovido àquella Primacial; até que rematando a carreira da vida, acabou na paz do Senhor no primeiro de Mayo de 1325.

XX.

D. Fr. Eſtevaõ II.

Deſde o anno de 1312.

36 FOy D. Eſtevaõ Religioſo de S. Franciſco; e paſſando a Avinhaõ, onde reſidia o Papa Clemente V. com varios negocios delRey D. Diniz, o Pontifice o nomeou Biſpo do Porto, fazendo-o juntamente adminiſtrador dos bens que os Templarios poſſuiaõ neſte Reino. Com a meſma adminiſtraçaõ o elevou o ſobredito Pontifice a Biſpo de Lisboa por Bulla de 8 de Outubro de 1312. (1)

37 Trocada a fortuna com deſgoſtos, que teve com ElRey, e deſavenças com o ſeu Cabido, voltou para Avinhaõ; e vendo o Papa que naõ era facil reſtituirſe eſte Prelado à ſua Igreja, ſegundo os negocios andavaõ embaraçados, ſuccedendo naquella occaſiaõ vagar o Biſpado de Cuenca em Caſtella a velha, o proveo nelle, concorrendo tambem para iſſo a ſupplica do Infante D. Affonſo, de quem D. Eſtevaõ era muito parcial. Alli finalmente deixou de viver no anno de 1336, e ſe mandou ſepultar no Convento de Santa Cruz de Coimbra, para o qual havia alcançado muitas graças Pontificias. (2)

XXI.

[1] Aſſim o traz Vvadingo no tom. 3. dos Annaes, e concorda com elle Brand. na Monarq. liv. 18. c. 44; porém D. Rodrigo nos Biſpos do Porto pag. 2. cap. 15. diz que fora no anno de 1316 [2] Brand. Monarq. liv. 19. c. 32. Cunha Biſpos de Lisboa p. 2. cap. 84.

XXI.

D. Gonçalo Pereira.

Deſde o anno de 1322.

38 ERa D. Gonçalo Pereira illuſtre aſcendente do inclyto Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira. Criou-ſe no Paço delRey D. Diniz; eſtudou em Salamanca; foy Deaõ da Sé do Porto; e como peſſoa de brio, politica, e letras o elegeo ElRey para varias negociações na Curia, que reſidia naquelle tempo em Avinhaõ. Lá foy eleito Biſpo de Evora, que naõ ſe effeituou; porém o Papa Joaõ XXII. o nomeou Biſpo de Liſboa em 21 de Agoſto de 1322, perſuadido das grandes prendas, que nelle via.

39 Condecorado em tal dignidade veyo brevemente para a ſua Igreja, onde no anno de 1324 celebrou hum Synodo, em que fez algumas Conſtituições, que pareceraõ oneroſas aos ſubditos, que ao depois o meſmo Biſpo revogou por ſe conformar com a vontade delRey. No anno de 1326 paſſou para Arcebiſpo de Braga, que neceſſitava de Prelado de authoridade para atalhar as deſordens, que entaõ alli ſe commettiaõ, e elle com effeito embaraçou, e lhe poz remedio com muita prudencia.

40 Naõ ſó deu o Biſpo D. Gonçalo Pereira baſtantes provas das ſuas letras, e capacidade, mas tambem do ſeu valor, e zelo da patria na defenſa deſte Reino, perſeguindo em varias acções bellicoſas aos Caſtelhanos entaõ noſſos adverſarios, e acompanhando a ElRey D. Affonſo IV. na batalha do Salado, em que ſahio vitorioſo. Foy arbitro de muitas pazes entre Principes poderoſos, e inquietos; até que cheyo de merecimentos, e deſempenhando o caracter de bom Prelado, e de Cavalhei-

ro, finalizou os ſeus dias no anno de 1358. Jaz na Sé de Braga. (1)

XXII.

D. Joaõ Affonſo de Brito.

Deſde o anno de 1326.

41 PEla transferencia, que fez para Braga D. Gonçalo Pereira, foy eleito Biſpo de Liſboa D. Joaõ Affonſo de Brito em 4 de Março de 1326, achando-ſe em Avinhaõ, ſendo Deaõ de Evora. Reſtituido a Lisboa, achou no agrado delRey D. Affonſo IV., e do Principe D. Pedro toda a eſtimaçaõ, que mereciaõ as ſuas letras, nobreza, e procedimento. Eſte conceito o fez eſcolher para miniſtrar as bençãos matrimoniaes na Sé ao meſmo Principe D. Pedro, e à Senhora D. Conſtança ſua conſorte, em cujo luzidiſſimo acto fez o Biſpo exceſſivos gaſtos, que ElRey depois lhe remunerou grandioſamente. Cuidou ſempre muito na reforma do Clero, e acabou em ſanta velhice a 25 de Julho de 1341.

XXIII.

D. Vaſco Martins.

Deſde o anno de 1342.

42 O Biſpo D. Vaſco foy ſobrinho do Biſpo do Porto D. Giraldo, e em ſua caſa teve a primeira educaçaõ, na qual aproveitou tanto, que veyo a ſucceder ao tio na Cadeira Epiſcopal; e depois de ter governado aquella Dieceſe o eſpaço de qua-

[1] Cunha na Hiſtor. dos Arceb. de Brag. p. 2. c. 43. e nos Biſp. do Porto p. 2. c. 18. e nos de Lisb. p. 2. c. 87. Monarq. Luſit. liv. 19 c. 32. 36. e 39. Fr. Raf. de Jeſus na 7. p. da Monarq. liv. 10. cap. 10. n. 5. ajuſta bem o anno em que eſte Prelado morreo, e he o que ſeguimos.

quatorze annos, paſſou para a de Lisboa em 26 de Agoſto de 1342, por evitar muitas duvidas, que alli tivera com ElRey D. Affonſo IV., e com a Camera. Tanto que tomou poſſe da Prelazia Lisbonenſe, começou logo a viſitar a ſua Dieceſe, dando juntamente principio ao livro, que o Cabido deſta Cathedral chamava o livro da *Roda*, e propriamente conſtava de toda a renda da Sé, cujo livro depois de muitos annos andar uſurpado, o vieraõ reſtituir naõ ha muitos tempos, e ſe conſervava no Cartorio da Baſilica de Santa Maria. Governou eſte Prelado a noſſa Igreja pouco mais de dous annos; e ſendo chamado pelo Senhor ao deſcanço eterno, morreo em o anno de 1344, e foy ſepultado na Cathedral.

XXIV.

D. Eſtevaõ Anes.

Deſde o anno de 1344.

43 ACHava-ſe D. Eſtevaõ em Avinhaõ, quando ſabendo-ſe alli da morte de D. Vaſco, o Pontifice Clemente VI. o promoveo na Cadeira Epiſcopal em o fim do anno de 1344, e ſem vir nunca ao Reino, de Avinhaõ governou eſta Igreja pelos ſeus Vigarios geraes o eſpaço de quatro annos, vindo a falecer ou no de 1348, ou no de 1349.

XXV.

D. Theobaldo.

Deſde o anno de 1348.

44 O Meſmo Pontifice Clemente VI. elegeo para Biſpo de Lisboa por morte do anteceſſor a D. Theobaldo Francez de naçaõ, o qual,

como naquelle tempo havia peſte em Portugal, naõ ſe reſolveo vir a eſte Reino, e de Avinhaõ governou a ſua Igreja por Vigarios geraes. Naõ ha no ſeu governo acçaõ memoravel. Morreo em 28 de Mayo de 1356.

XXVI.

D. Reginaldo.

Deſde o anno de 1356.

45 TAmbem eſte Biſpo foy Francez; e como familiar do Papa Innocencio VI., falecendo D. Theobaldo, o elegeo o Pontifice Prelado Lisbonenſe a 20 de Junho de 1356, cuja Igreja governou auſente por ſeu Vigario geral. Depois o meſmo Pontifice o mudou para Biſpo de Autun, ou Auguſtodonenſe em França, (1) onde faleceo, deixando todavia neſta noſſa Igreja algumas memorias ſuas nos Anniverſarios, que eſtabeleceo.

XXVII.

D. Lourenço Rodrigues.

Deſde o anno de 1359.

46 PEla mudança, que o Biſpo D. Reginaldo fez da Igreja de Lisboa para a de Autun em Agoſto de 1358, foy logo no anno ſeguinte promovido neſta Cathedral D. Lourenço; e tanto que tomou poſſe, cuidou primeiro que tudo, como vigilantiſſimo Paſtor, na reforma do Clero, para o que

[1] D. Rodrigo da Cunha nos Biſp. de Lisb. part. 2. cap. 97. n. 4. diz que D. Reginaldo fora transferido para a Igreja de Avinhaõ, fundado em huma conjectura ſua unicamente; porém nós fundamo-nos para dizer que fora para Autun, porque aſſim o affirma Pulgar na *Hiſtoria Palentina*, lib. 3. cap. 6.

que publicou Conſtituições, que todos juraraõ, e as fazia cumprir com todo o rigor. Viſitava todos os annos peſſoalmente a ſua Dieceſe com grande utilidade das ſuas ovelhas. Perderaõ ellas muito com a ſua morte, que foy em 19 de Junho de 1364.

XXVIII.

D. Pedro Gomes Barroſo.

Deſde o anno de 1365.

47 HA varias opiniões ſobre a naturalidade deſte Prelado: huns o fazem filho de Toledo, outros de Cuenca; e até no appellido achamos differença, chamando-lhe huns D. Pedro Gomes de Albernoz. (1) O certo he, que elle ſuccedeo na dignidade Epiſcopal a D. Lourenço no anno de 1365, e que a mayor parte do ſeu governo foy eſtando em Avinhaõ, donde paſſou para o Biſpado de Coimbra, e ultimamente veyo occupar o de Sevilha, onde faleceo no anno de 1374.

XXIX.

D. Fernando.

Deſde o anno de 1370.

48 FOy D. Fernando immediato ſucceſſor de D. Pedro; e ſuppoſto fora eleito em Avinhaõ, e de lá governou a mayor parte do tempo a Igreja Lisbonenſe, conjecturamos, que ou morrera em Lisboa, ou ſe mandara ſepultar neſta Cathedral. Fundamo-nos para aſſim o dizer; porque quando o

[1] D. Man. Caet. de Souſa no Catal. dos Cardeaes Portuguezes, que vem no tom. 5. da Colleçaõ Academica, pag. 71.

o memoravel, e Fideliſſimo Rey D. Joaõ V. mandou aperfeiçoar o pavimento da Capella mór da antiga Sé pelos annos de 1743, bolindo-ſe em algumas ſepulturas, ſe achou em huma campa, que eſtava à entrada do arco da parte da Epiſtola, inſculpida na meſma lapida huma figura de relevo com habito Epiſcopal, e em roda humas letras Goticas, que diziaõ: *Jacet in Domino Reverendus in Chriſto Pater Dominus Fernandus Epiſcopus Ulyxbonenſis*: e naõ podia ſer outro, ſenaõ eſte Prelado.

XXX.

D. Vaſco II.

Deſde o anno de 1371.

49 EStando D. Vaſco em Avinhaõ aſſiſtindo ao Papa Gregorio XI., eſte o fez Biſpo de Lisboa, cuja Igreja governou ſó dous mezes pela mudança ao Arcebiſpado de Braga, a que o meſmo Pontifice o elevou, e lá faleceo em 18 de Novembro de 1372.

XXXI.

D. Agapito Colona.

Deſde o anno de 1371.

50 PEla translaçaõ de D. Vaſco a Arcebiſpo de Braga fez o Papa Gregorio XI. eleiçaõ para Biſpo de Lisboa a Agapito Colona, Romano illuſtre, que entaõ era Biſpo de Brexa, Cidade de Veneza. Governou eſte Prelado nove annos a Santa Igreja de Lisboa, e o mais do tempo auſente em Avinhaõ. Depois renunciando o Biſpado foy eleito Cardeal do titulo de Santa Priſca, retendo todavia o governo deſta Cidade até a morte, que foy a 3 de Ou-

Outubro de 1380. Jaz em Roma na Igreja de Santa Maria Mayor. (1)

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

XXXII.

D. Joaõ de Aix.

Deſde o anno de 1381.

51 FOy eſte Prelado Francez de Naçaõ. O Papa Urbano VI. o mudou para Arcebiſpo de Aix na Provença ſua patria. Governou a noſſa Dieceſe quaſi dous annos, mas ſempre auſente, andando neſte tempo as couſas Eccleſiaſticas muito cheyas de perturbações por via do ſciſma, que finalizou com o Concilio Conſtancienſe, e com a eleiçaõ do Papa Martinho V.

XXXIII.

D. Martinho.

Deſde o anno de 1381.

52 ERa D. Martinho Caſtelhano, e natural de C,amora, Prelado de merecimento, e de virtude, o qual ſendo Biſpo de Silves no Algarve, foy eleito para Arcebiſpo de Braga pelo Cabido daquella Primacial pela morte de D. Vaſco; porém eſta promoçaõ naõ teve effeito, porque naõ a quiz approvar o Papa Gregorio XI. e o mandou reſidir na ſua Igreja de Silves, donde foy nomeado para eſta de Liſboa por Clemente VII. em oppoſiçaõ de Urbano VI., por cauſa do ſciſma, que entaõ havia na Igreja Catholica. ElRey D. Fernando, que ſe-

[1] Ughel. Ital. ſacr. tom. 1. p. 467. e 854. Ann. Hiſt. tom. 3. p. 125 Cunha Biſp. de Liſboa p. 2. c. 103.

ſeguio o partido de Clemente, admittio ao Biſpo D. Martinho, e por elle lhe mandou dar obediencia a Avinhaõ com grande apparato, donde voltando para Lisboa mandou limitar as Paroquias do ſeu Biſpado.

53 Falecendo ElRey D. Fernando, ſuccedeo no anno de 1383 a acclamaçaõ delRey D. Joaõ I., Meſtre entaõ de Aviz, em cujo dia houve extraordinarios alvoroços neſta Cidade; e porque o Biſpo D. Martinho, ignorando os motivos daquella improviſa alteraçaõ, eſtando nos paços da Cathedral, ſe ſubio à torre para ver o que era, naõ conſentindo que ſe repicaſſem os ſinos, como o povo queria; eſtimulados, e cegos, entraraõ por huma freſta da torre, e della precipitaraõ ao Biſpo D. Martinho tyrannamente, trazendo-o de raſtos até a praça do Rocio, onde eſteve o cadaver alguns dias ſem lhe darem ſepultura; de cujo furioſo ſacrilegio pediraõ depois perdaõ ao Papa Urbano VI. Aconteceo eſte horrivel cataſtrofe a 6 de Dezembro de 1383. Porém a 22 do meſmo mez, e anno, naõ tendo ainda chegado a noticia a Avinhaõ, onde reſidia Clemente VII., eſte havia elevado a D. Martinho à eminencia de Cardeal. (1)

XXXIV.

D. Joaõ Anes.

Deſde o anno de 1383.

54 PAſſando o Biſpo D. Joaõ de Aix para a Igreja Aquenſe, ſita na Provença, elegeo o Papa Urbano VI. a D. Joaõ Anes, natural de Thomar, em Biſpo de Lisboa, que entaõ era Conego da

[1] Cunha nos Biſpos de Lisboa part. 2. c. 107. Catalogo dos Biſpos do Algarve n. 26. Severim Noticias de Portugal diſc. 8 Memor. dos Cardeaes Portuguezes Ann. Hiſtor. tom. 3. pag. 447. e 526.

da Sé, peſſoa de merecida eſtimaçaõ por virtudes, e letras. Expediraõ-ſe as Bullas em 25 de Fevereiro de 1383, e logo em Abril, e Setembro do meſmo anno ordenou duas ſolemniſſimas Prociſsões em acçaõ de graças, pelos dous prodigios, que ſuccederaõ em Lisboa no apertado cerco das tropas Caſtelhanas, que as noſſas Hiſtorias referem.

55 Tanto que o Reino teve alguma quietaçaõ depois da victoria de Aljubarrota em o anno de 1386, começou o zeloſo Prelado com a reforma do Clero, e augmento das Igrejas, as quaes viſitou com grande utilidade de todas, recuperando para ellas muita fazenda, que andava alienada. Tendo cumprido onze annos em o Paſtoral officio com toda a ſatisfaçaõ das ſuas ovelhas, foy exaltado à nova dignidade de Arcebiſpo de Lisboa, como logo veremos.

MAPPA CHRONOLOGICO
dos Biſpos de Lisboa.

Biſpos duvidoſos.

	Ann. de Chriſt.		Ann. de Chriſt.
S. Manſos	36	Potamio	356
Anonymo	. .	Antonio	373
Filippe Filoteo	92	Neobridio	430
S. Pedro I.	166	Julio	461
Pedro II.	213	Azulano	. . .
Jorge	260	Joaõ	500
Pedro III.	297	Eolo	536
S. Gens	. . .	Neſtoriano	578
Januario	300		

Biſpos certos.

Paulo	589	Ceſario	656
Goma	610	Theodorico	666
Viriaco	633	Ara	683
Neofridio	646	Landerico	688

Biſpos em tempo de Reys Portuguezes.

	Ann. de Chriſt.		Ann. de Chriſt.
D. Gilberto	1147	D. Joaõ Affonſo	1326
D. Alvaro	1167	D. Vaſco Martins	1342
D. Soeiro I.	1186	D. Eſtevaõ III.	1344
D. Soeiro Viegas	1210	D. Theobaldo	1354
D. Payo	1233	D. Reginaldo	1356
D. Joaõ I.	1240	D. Lourenço Rodrigues	1359
D. Ayres Vaſques	1244	D. Pedro Gomes	1365
D. Mattheus	1259	D. Fernando	1370
D. Eſtevaõ Anes	1284	D. Vaſco II.	1371
D. Domingos Jardo	1289	D. Agapito	1371
D. Joaõ Martins Suilhães	1294	D. Joaõ de Aix	1381
D. Eſtevaõ II.	1311	D. Martinho	1383
D. Gonçalo Pereira	1322	D. Joaõ Anes	1383

ARCEBISPOS.

1 O Memoravel Rey D. Joaõ I. querendo gratificar generoſamente aos naturaes deſta Cidade o muito que haviaõ cooperado para a ſua exaltaçaõ ao throno, naõ ſatisfeito ainda de lhes dar ampliſſimos privilegios civís, determinou como Principe religioſiſſimo, e magnanimo, enchelmos tambem de honras Eccleſiaſticas; por cujo motivo conſtituío a ſua Igreja Cathedral ſenhora iſenta, ſem dependencia de outro ſuperior mais que da Sé Apoſtolica.

2 Era até eſte tempo a Dieceſe de Lisboa ſuffraganea de Compoſtella deſde o anno de 1199, em que o Arcebiſpo de Braga D. Martinho Pires a deixou, e dimittio àquelle Prelado. (1) Para obter eſte foro Metropolitico, recorreo o zeloſo Rey ao Papa Bonifacio IX., e eſte aſſentindo benigno às ſuas

(1) Cunha Hiſtor. Eccleſ. de Braga part. 2. cap. 18.

ſuas ſupplicas, mandou paſſar a Bulla da nova erecçaõ em 10 de de Novembro de 1394, (1) aſſinando-lhe por ſuffraganeos os Biſpos de Lamego, Guarda, Silves, e Evora; poſto que eſte, que entaõ era D. Joaõ Affonſo de Brito, logo no anno de 1396, por Breve do meſmo Pontifice, ſe eximio da obediencia do de Lisboa. Tem havido até agora os ſeguintes Arcebiſpos.

I.

D. Joaõ Anes.

Deſde o anno de 1394.

3 ERaõ taõ relevantes os merecimentos do Biſpo D. Joaõ Anes, (a quem alguns erradamente accreſcentaõ o appellido de Eſcudeiro) como já nos onze annos antecedentes havia moſtrado na ſua Prelazia, que obrigaraõ ao Rey, e ao Pontifice Bonifacio IX. a exaltallo à nova dignidade Archiepiſcopal. Foy continuando no governo deſta Igreja com felicidade, naõ obſtante algumas contradições, que teve com o Biſpo de Evora D. Martinho ſobre a ſua iſençaõ, e com o do Porto D. Joaõ Eſteves ſobre a fundaçaõ da Igreja do Salvador.

4 Serenado tudo, veyo elle a concluir em paz os ſeus dias a 3 de Mayo de 1402 com dezoito annos, e dez mezes de Arcebiſpo. Sepultou-ſe na Capella de S. Sebaſtiaõ da ſua Sé, por ſer parente do Arcebiſpo de Braga D. Joaõ Martins de Suilhães, que a fundara. Eſtava a ſepultura antigamente collocada ſobre quatro leões grandes de pedra, aos

Q ii quaes,

---

[1] Marian. liv. 18 cap. 13. Bzovio, Mireo, e outros, a quem ſegue Cunha nos Biſpos do Porto part 2. c. 23.; os quaes dizem, que eſta erecçaõ fora no anno de 1290. Nós no tom. 2. part. 3 deſte Mappa pag. 11. ſeguindo a Joſeph Soares da Silva, a pozemos no ann. de 1393. O certo he, que foy no anno ſeguinte, como ſe póde ver na Bulla, que vem no tom. 1. das Provas da Hiſtoria Genealogica da Caſa Real, pag. 364.

quaes, por embaraçarem muito a Capella, mandou tirar o Conego Pedro Lourenço de Tavora, e tranſferir os oſſos para o tumulo onde agora eſtá dentro da parede.

II.

D. Joaõ Eſteves de Azambuja, Cardeal.

Deſde o anno de 1402.

5 FOy eſte Prelado natural da Villa, que lhe deu o appellido, filho de Affonſo Eſteves, Senhor de Salvaterra, e Repoſteiro mór. Antes de ſer Eccleſiaſtico militou valeroſamente nas guerras, que ElRey D. Joaõ I. teve com Caſtella. (1) Depois foy Conego de Coimbra, e de Evora, Prior na Igreja de Monçaõ no Minho, e da de Alcaçova em Santarem. ElRey D. Joaõ I. o fez ſeu Conſelheiro; e pelo bom conceito, que fazia do ſeu talento, e capacidade, o mandou a Roma conſeguir do Papa Bonifacio IX. diſpenſa para poder caſar, pois era profeſſo na Ordem equeſtre de Aviz.

6 Pelos ſeus merecimentos o nomeou ElRey Biſpo do Porto, onde elle creou de novo a dignidade de Arcediago, a quem unio para ſempre a Igreja de S. Thyrſo de Meinedo. Sagrou o Templo de Noſſa Senhora da Oliveira em Guimarães, ſendo já Biſpo de Coimbra. Foy duas vezes por Embaixador a Caſtella tratar a negociaçaõ das pazes, que ſe vieraõ a concluir no anno de 1402. Por eſte tempo foy promovido a Arcebiſpo de Lisboa, logo depois que faleceo D. Joaõ Anes; e condecorado com eſta dignidade paſſou à Italia para aſſiſtir ao Concilio, que em Piſa ſe fez no anno de 1409, a fim de ſe ſerenar o pernicioſo ſciſma, que entaõ opprimia a Igreja Catholica. Depois paſſou

[1] Chronica delRey D. Joaõ I. part. 1. cap. 162. e part. 2. cap. 19.

ſou a Jeruſalem a viſitar os ſantos Lugares.

7 Creſceraõ tanto os merecimentos do Arcebiſpo D. Joaõ Eſteves, e era tanto o reſpeito, que ſe tinha às ſuas letras, e virtudes, que por attençaõ a ellas no anno de 1411 lhe conferio o Papa Joaõ XXIII. o Capello de Cardeal com o titulo de S. Pedro ad Vincula, e de Santa Eudoxia, ficandolhe o Arcebiſpado em titulo de Commenda. Para receber o Capello paſſou a Roma, e de lá acompanhou ao Pontifice até a Cidade de Conſtança em Alemanha, onde ſe celebrou outro Concilio para dar a deſejada paz à Igreja de Deos, que ſe via afflicta, e dividida com o governo de tres Pontifices.

8 Obſervando entaõ o noſſo Cardeal Arcebiſpo, que as couſas ſe encaminhavaõ a ficar Joaõ XXIII. fóra do Pontificado, ſe auſentou triſte de Conſtança, paſſando a Bruges, Cidade de Flandes, para dahi fazer caminho para Portugal; porém adoecendo gravemente, faleceo a 23 de Janeiro de 1415, excedendo na morte a fama que tivera na vida, porque acabou como ſanto, vivendo virtuoſo. Seus oſſos foraõ trasladados ao Moſteiro do Salvador deſta Cidade, que elle havia edificado, e dotado. (1)

III.

D. Diogo Alvares.

Deſde o anno de 1414.

9 SEndo Graõ Prior de Guimarães, foy D. Diogo elevado a Biſpo de Evora no anno de 1406, em cujo governo ſuccedeo aquelle raro caſo de

[1] Faria e Souſa no Epitome part. 4. c. 6. Severim Noticias de Portug. diſc. 8. Memor. dos Cardeaes Portug. Cunha nos Biſpos do Porto part. 2. c 23., e na Addiçaõ a eſte capitulo, que vem a pag 447. Ann. Hiſtor. tom. 1. pag. 143. Faſtos da Luſitania tom. 1. pag. 290. Alguns o fazem Biſpo do Algarve, mas naõ conſta.

de hum excommungado, que refere o Padre Fonſeca na *Evora glorioſa pag.* 285. Vivendo ainda o Cardeal Arcebiſpo D. Joaõ Eſteves de Azambuja, foy D. Diogo eleito em Arcebiſpo de Lisboa por Joaõ XXIII. no anno de 1414. Porém naõ obſtante a nomeaçaõ Pontificia, deſcuidando-ſe o novo Arcebiſpo da expediçaõ das Bullas, lhe naõ quiz o Cabido dar poſſe, por cujo motivo padeceo muitas contradições. E vendo ElRey D. Joaõ I. a renitencia, com que o Arcebiſpo eſtava, eſcreveo no anno de 1422 ao Cabido da Sé, para que lhe naõ obedeceſſem, e governaſſem o Arcebiſpado no eſpiritual, e temporal. Na meſma conformidade eſcreveo tambem o Infante D. Pedro aos Priores, Miniſtros, e Guardiães dos Conventos de Lisboa, e a todos os Grandes do Reino, que obedeceſſem ao Cabido.

10 Vendo-ſe o Arcebiſpo neſte aperto, ſe valeo da authoridade do Pontifice Martinho V., que chegou a eſcrever a ElRey D. Joaõ, e ao Infante D. Duarte ſeu filho primogenito, para que fizeſſem deſiſtir ao Deaõ, e Cabido das duvidas com que lhe impediaõ a adminiſtraçaõ pacifica da ſua Igreja. Cuja ſupplica ſendo pouco attendida delRey, e do Principe, o Arcebiſpo ſe recolheo a Evora, onde com deſgoſtos acabou a vida em 5 de Mayo de 1424. Jaz ſem inſcripçaõ na clauſtra da meſma Sé, e na Capella, que alli fez erigir o Conego Fernaõ Affonſo Cicioſo.

IV.

D. Pedro de Noronha.

Deſde o anno de 1424.

11 ERa D. Pedro de Noronha natural do Reino das Aſturias, filho de D. Affonſo, Conde de Gijon, neto por baſtardia dos Reys Henrique

que II. de Caſtella, e de D. Fernando de Portugal. (1) Vindo a eſte Reino, e tendo vinte e tres annos de idade, no de 1419 lhe concedeo Martinho V. a adminiſtraçaõ do Biſpado de Evora em 11 de Janeiro a inſtancias delRey D. Joaõ I.; e pela morte do Arcebiſpo D. Diogo Alvares o elevou o meſmo Pontifice a Metropolitano de Lisboa contra a poſtulaçaõ, que o Cabido deſta Cathedral fazia para a peſſoa de D. Fernando, Chantre de Coimbra.

12 Promovido D. Pedro em Arcebiſpo no anno de 1424, tendo naõ mais que vinte e oito annos de idade, começou a tratarſe com grande pompa, e luzimento de Principe, occupando-ſe em exercicios improprios ao ſeu caracter, e em divertimentos alheyos da ſua paſtoral obrigaçaõ, a qual incumbia à vigilancia dos ſeus Vigarios Geraes, que foraõ Chriſtovaõ Anes, Affonſo Anes Chantre, e Joaõ de Elvas Prior de Aveiras. Com eſtes deſcuidos fez padecer a liberdade Eccleſiaſtica dos ſeus ſubditos com as vexações do poder ſecular, de que Martinho V. o reprehendeo, e ſe remediou com o Concilio Provincial, que celebrou em Braga o Arcebiſpo D. Fernando a 22 de Dezembro de 1426.

13 No anno de 1428 paſſou o noſſo Arcebiſpo a Aragaõ por Embaixador delRey D. Joaõ I. ſobre o negocio do caſamento do Infante D. Duarte com a Infanta D. Leonor, cuja negociaçaõ completou com beneplacito de todos. (2) Pela morte delRey D. Duarte, que deixou por Governadora do Reino a Rainha D. Leonor ſua mulher, a cuja determinaçaõ ſe oppozeraõ os Tres Eſtados do Reino, quiz o Arcebiſpo D. Pedro ſuſtentar o partido da Rainha viuva com grande tenacidade, fazendo-ſe forte no ſeu Palacio, que era junto dos Paços do Caſtello; e porque os Vereadores da Cidade ſuſpei-

---

[1] Gaſpar Barreir. no ſeu Nobiliario. Fonſeca na Evora glorioſa pag. 285. n 506. [2] Zurita lib. 13. cap. 45. Ruy de Pina Chron. do Infante D. Pedro cap. 28. e 34.

peitaraõ, que o Arcebiſpo ſe queria apoderar do Caſtello pela porta que chamaõ do Moniz, a Camera lhe mandou derrubar certos cubellos, de que o Arcebiſpo tomou grande ſentimento, e ſe ſahio de Lisboa para Alhandra.

14 Foraõ-ſe augmentando as turbulencias de maneira, que a Camera da Cidade formou capitulos contra o Arcebiſpo cheyos de ludibrios, e os remeteo ao Papa, para que o privaſſe da dignidade. Vendo-ſe o Arcebiſpo injuriado, e perſeguido, ſe auſentou para Caſtella, e logo o Infante D. Pedro lhe mandou ſequeſtrar as rendas. Neſta auſencia ficou o Cabido governando como em Sé vacante; porêm trabalhando os apaixonados do Arcebiſpo, para que elle tornaſſe para o Reino, intervindo tambem niſſo a Santidade de Urbano VI., lhe foy concedida licença do Infante D. Pedro, entaõ Regente, no anno de 1442.

15 Vindo o Arcebiſpo outra vez para Lisboa, erigio no anno de 1445 em Collegiada a Igreja de Santa Maria da Villa de Ourem; e eſta he a ultima acçaõ, que ſabemos deſte Prelado, o qual faleceo a 12 de Agoſto de 1452 em Lisboa, e eſtá ſepultado no meyo da Capella do Santiſſimo Sacramento da antiga Sé.

V.

D. Luiz Coutinho.

Deſde o anno de 1453.

16 MUy liberal ſe moſtrou o Padre Antonio Carvalho da Coſta para com a Igreja Metropolitana de Lisboa; porque no Catalogo dos ſeus Prelados, que expende no *tom.* 3. *da Corografia Portugueza*, *pag.* 345., numera antes de D. Luiz Coutinho a D. Vaſco de Menezes, e a D. Fernando

do de Caſtro, os quaes ſaõ duvidoſos; porque o Arcebiſpo D. Pedro de Noronha morreo em 12 de Agoſto de 1452, como conſta da ſua inſcripçaõ ſepulchral, e logo em 23 de Setembro do meſmo anno, conſta que dera Ordens com licença do Cabido *Sede vacante* na Capella de S. Bartholomeu da Sé o Biſpo de Tagaſte D. Joaõ; e as tornou a dar com a meſma licença em 14 de Junho do anno ſeguinte, em que já o Arcebiſpo D. Luiz Coutinho era falecido, como ſe moſtra da Bulla de Nicoláo V., paſſada a ſeu ſucceſſor D. Jayme em 30 de Abril de 1453.

17 De ſorte, que o governo de D. Luiz Coutinho naõ podia alargarſe mais que de Setembro de 1452 até o principio de Abril de 1453, em que vaõ quando muito ſete mezes de Prelazia, em cujo limitado eſpaço naõ póde caber o governo de mais dous Prelados.

18 Foy em fim D. Luiz Coutinho filho de Gonçalo Vaz Coutinho, ſegundo Marichal do Reino, Alcaide mór de Trancoſo, e de Lamego; e de D. Leonor Gonçalves de Azevedo. Teve primeiramente o Biſpado de Viſeu pelos annos de 1440; e ſendo Embaixador delRey em Roma, ſe achou na eleiçaõ do Anti-Papa Felix IV., e por elle foy creado Anti-Cardeal no mez de Abril de 1443. Foy tambem Biſpo de Coimbra no anno de 1444, e acompanhou até Alemanha a Imperatriz D. Leonor, filha delRey D. Duarte, que ſe deſpoſou com o Imperador Federico III. Naõ conſta onde morreo, nem quando.

VI.

D. Jayme, Cardeal.

Deſde o anno de 1453.

19 FOy D. Jayme filho do Infante D. Pedro, e neto delRey D. Joaõ I. de boa memoria. Sendo de quatorze annos, ficou prizioneiro na batalha da Alfarrobeira, aonde tinha ido acompanhar a ſeu pay, que alli perdeo infelizmente a vida. Eſcapando da prizaõ, paſſou a Flandes, e foy buſcar o abrigo de ſua tia a Infanta D. Iſabel, Condeſſa daquelles Eſtados, e mulher de Filippe III. Eſta Senhora o mandou a Roma, ſendo entaõ Pontifice Nicoláo V., que affeiçoado das Reaes perfeições, que concorriaõ neſte Principe, o fez adminiſtrador perpetuo da Igreja Lisbonenſe em 30 de Abril de 1453, a qual ſe achava vaga por morte de D. Luiz Coutinho.

20 Naõ conſtituío logo o Pontifice a D. Jayme Arcebiſpo, por naõ ter ainda competente idade, pois contava ſó vinte annos. Todavia deſta ſorte começou a governar por ſeus Vigarios Geraes: tal foy Luiz Anes, que em ſeu nome aſſiſtio nas Cortes, que ſe celebraraõ em Lisboa por ElRey D. Affonſo V. pelos annos de 1455, e 1456. Subindo ao Summo Pontificado Calliſto III., antepondo os merecimentos aos annos do noſſo Arcebiſpo, logo na primeira creaçaõ de Cardeaes, que fez em 18 de Setembro de 1456, lhe deu o Capello com titulo de Santa Maria *in Porticu*, promovendo-o depois ao de Santo Euſtachio.

21 Feito Cardeal conſeguio do Papa a Bulla da Cruzada para eſte Reino, mandando-a no anno de 1457 a ElRey D. Affonſo V. ſeu primo pelo Biſpo de Silves D. Fr. Alvaro Paes, que ſe achava em Ro-

Roma, a quem o Pontifice fez ſeu Legado, e o Cardeal ſeu Governador, ou Commiſſario Geral no Arcebiſpado de Lisboa.

22 Succedendo no anno ſeguinte de 1458 a morte do Papa Calliſto III., e ſeguindo-ſe logo na Cadeira Pontificia Pio II., quiz eſte levar ávante a empreza de ſeu anteceſſor em fazer guerra aos Turcos. Para eſte effeito publicou hum Concilio em Mantua, para onde partindo de Roma no principio do anno de 1459 com o Collegio dos Cardeaes, o noſſo adoecendo em Florença de hum mal, que ſó tinha o remedio no perigo da caſtidade, quiz antes D. Jayme perder a vida na flor dos annos, que manchar o candido arminho da ſua pureza. Eſpirou finalmente a 21 de Abril de 1459 com grande ſaudade de todos. Jaz ſeu corpo em Florença no Convento de S. Miniato de Religioſos Benedictinos. (1)

VII.

D. Affonſo Nogueira.

Deſde o anno de 1459.

23 ERa D. Affonſo Nogueira filho de Affonſo Anes Nogueira, Alcaide mór de Lisboa. Nos ſeus primeiros annos abraçou a nova Reforma da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, que inſtituío neſte Reino o Veneravel Meſtre Joaõ, e foy hum dos ſeus primeiros companheiros. Levado da devoçaõ, e deſejo de communicar com os primeiros fundadores da Congregaçaõ de S. Jorge em Alga, paſſou a Veneza, e de lá trouxe para os de Portugal a capa azul, continuando a viver aqui taõ exemplarmente, que o Papa Nicoláo V. obrigado

R ii da

[1] Zurita liv. 16. c. 39 Bzovio tom. 15. ad an. 1427. n 5. Bozius de Sign. Eccleſ. lib. 11. ſign. 48 c. 7 e outros apud Cardoſ. no Agiolog. Luſit. tom. 2 p. 585. Nun. Deſcr. de Portug. cap. 87 p. 134.

da ſua fama o fez Biſpo de Coimbra na mudança de D. Luiz Coutinho, e por morte do Cardeal D. Jayme o transferio Pio II. para Arcebiſpo de Lisboa aos 17 de Setembro de 1459, como conſta da Bulla. (1)

24 Padece equivocaçaõ o Padre Antonio Carvalho da Coſta na ſua *Corografia tom.* 3. *pag.* 346. onde diz, que D. Affonſo Nogueira fora tambem Biſpo do Porto, dignidade que naõ occupou. Correndo o anno de 1463, celebrou Pontifical o noſſo Arcebiſpo, e lançou a primeira pedra na Caſa nova de Noſſa Senhora da Luz, junto ao Lugar de Carnide, com aſſiſtencia delRey D. Affonſo V., e de toda a Corte. No anno de 1464, padecendo Lisboa huma grande epidemia, por fugir della ſe recolheo o Arcebiſpo D. Affonſo à Villa de Alanquer; e no mez de Outubro deſte anno quiz a Divina Providencia, que elle faleceſſe do meſmo mal. Foy trazido ſeu corpo para a Igreja Paroquial de S. Lourenço deſta Cidade, onde jaz na Capella de Santa Victoria como Inſtituidor do Morgado dos Nogueiras, que hoje poſſue o Excellentiſſimo Viſconde de Villa-Nova de Cerveira.

25 Outra equivocaçaõ encontramos no Biſpo de Targa D. Fr. Thomé de Faria, o qual naquellas ſuas famoſas Decadas deſte Reino, que deixou manuſcritas, e imperfeitas, eſcreve na primeira Decad. liv. 9. cap. 2., que ElRey D. Affonſo V. elegera para Arcebiſpo de Lisboa a hum certo Duarte, grande Letrado, e Confeſſor da Rainha D. Iſabel, o qual exercera admiravelmente eſta dignidade; e porque tinha ſido em Pariz companheiro de Franciſco Barboſa, inſigne Juriſta, o fizera ſeu Vigario Geral. (2) Noticia he eſta, que naõ ſe póde ve-

[1] Eſta Bulla exiſte no Cartorio do Senado da Camera de Lisboa no liv. 5. dos Privileg. Apoſtol. fol. 55. [2] *Quam dignitatem mirificè exercuit, egregiamque viri indolem Rex introſpiciens humeris ejus regni pon-*

verificar nem pelos ſucceſſos, nem pela chronologia.

VIII.

D. Jorge da Coſta, Cardeal.

Deſde o anno de 1464.

26 NAſceo D. Jorge da Coſta na Villa de Alpedrinha, Biſpado da Guarda, no anno de 1406 de pays honrados. Teve principio a ſua boa fortuna com a protecçaõ da Senhora Infanta D. Catharina, filha delRey D. Duarte; o qual a rogos da meſma Infanta, e perſuadido das ſuas diſtinctas prendas, o nomeou Biſpo de Evora, e por morte de D. Affonſo Nogueira o fez transferir para Arcebiſpo de Liſboa em 26 de Novembro de 1464, ſendo Summo Pontifice Paulo II.

27 A primeira acçaõ executada neſta Metropoli he a erecçaõ da Capella de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ, e S. Luiz, que mandou fabricar com grande diſpendio no Convento de Santo Eloy para jazigo da ſobredita Infanta. No anno de 1469 foy por Embaixador a Caſtella ſobre negocios de caſamentos Regios, que naõ tiveraõ effeito; e no de 1471 acompanhou a ElRey D. Affonſo V. na jornada, e conquiſta de Tangere, e Arzilla, achando-ſe ſempre inſeparavel o noſſo Arcebiſpo do lado delRey, o qual ſe valeo muito em todas as ſuas emprezas da prudencia do ſeu conſelho.

28 Paſſando ElRey a França, ficou o Arcebiſpo no Reino por primeiro Miniſtro, e principal Conſelheiro do Principe; e neſte emprego ſe naõ deſcuidou das obrigaçoẽs da ſua Prelazia, antes poz em nova praxe limitar as Paroquias da Cidade, as quaes

pondus impoſuit. Haud oblitus Eduardus antiqui ſodalitii cum Franciſco Barboſa eundem pro Pontificalibus muniis Epiſcopum Targenſem creari fecit in ſuum Coadjutorem. Saõ as palavras do Author.

quaes viſitou todas peſſoalmente, e tambem algumas Villas do Arcebiſpado, unindo ao Convento de S. Bento de Xabregas as Igrejas de S. Leonardo de Atouguia, e a de S. Miguel de Cintra.

29 A inſtancias delRey D. Affonſo V. lhe concedeo Xiſto IV. o Capello de Cardeal em 18 de Dezembro de 1476 com o titulo dos Santos Pedro, e Marcellino; e voltando de França ElRey D. Affonſo por Novembro do anno de 1477, recebeo D. Jorge na primeira Oitava do Natal as honras da nova dignidade na Igreja do Convento de Santo Eloy, eſtando preſente ElRey, e toda a Corte.

30 Como o Principe D. Joaõ lhe naõ era muito affeiçoado, porque invejava os extraordinarios favores, que lhe fazia ſeu pay, reſolveo prudentemente o Arcebiſpo paſſar a Roma, e o Pontifice o recebeo com ſummo agrado, correndo ſempre taõ proſperos os tempos ao Cardeal Arcebiſpo, que pareciaõ poucas as dignidades, com que os Summos Pontifices Innocencio VIII., Alexandre VI., Pio III., e Julio II. o enriqueceraõ nos vinte e oito annos, que aſſiſtio naquella Curia.

31 Foraõ ſem duvida as honras, e as dignidades a que ſubio o noſſo Arcebiſpo as mayores da Igreja Catholica depois da Suprema, para a qual tambem teve muitos votos em tres eleições differentes. Eraõ as ſuas virtudes, que o elevaraõ a eſtado taõ eminente, ſingulariſſimas, até que fazendo pauſa ao progreſſo da vida, a terminou em Roma em 19 de Agoſto de 1508 com cento e dous annos de idade. Jaz na Igreja de Noſſa Senhora do Populo da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho em hum nobiliſſimo depoſito. (1)

32 No

[1] Cunha nos Biſpos do Porto part. 2. cap. 33. Severim de Faria nas Notic. de Portug. diſc. 8. § 11. Duarte Nun. Deſcripç. de Port. p 134. v. Cardoſo Agiolog. Luſit. tom. 2. pag. 116. Lima Geogr. Hiſtor. tom. 1. pag. 372. Franc. de Santa Maria Ann. Hiſtor. tom. 2. pag. 550. Fonſeca Evora glorioſa n. 512.

32 No capitulo 33 do livro, que eſcreveo D. Franciſco Herrera e Maldonado da vida do ſervo de Deos Bernardino de Obregon, ſe acha a noticia de outro Arcebiſpo de Lisboa chamado D. Miguel de Menezes governando eſta Igreja pelos annos de 1497, porém julgamos ſer apocrifo; porque o Arcebiſpo D. Jorge começou o ſeu governo no anno de 1464, e renunciou no de 1500 em ſeu irmaõ D. Martinho da Coſta; quanto mais que naõ ha Author algum, que ſe lembre de ſemelhante Prelado.

IX.

D. Martinho da Coſta.

Deſde o anno de 1501.

33 ACHando-ſe D. Martinho em Roma na companhia de ſeu irmaõ o Cardeal D. Jorge, eſte por cauſa de huma doença grave renunciou nelle o Arcebiſpado de Lisboa em 28 de Junho de 1500 com faculdade delRey D. Manoel. Pouco depois da nomeaçaõ partio D. Martinho para o Reino, e aqui no anno de 1502 bautizou ao Principe D. Joaõ, que depois foy Rey, e terceiro no nome, em a Capella de S. Miguel dos Paços do Caſtello, chamados da Alcaçova.

34 Na fome que todo o Reino padeceo no anno de 1503, mandou vir eſte Prelado muito trigo de fóra por ſua conta, e elle por ſua propria maõ o repartia já cozido aos pobres, e o mandava dar pelas caſas das gentes mais neceſſitadas, exercitando neſta occaſiaõ memoraveis actos de caridade. Em 18 de Julho de 1509 benzeo a Igreja do Real Moſteiro da Madre de Deos, a qual hoje ſerve de Capitulo dentro da clauſura.

35 Contava D. Martinho oitenta e ſete annos de idade, quando acompanhou até Saboya a Senhora In-

Infanta D. Brites, que ſe foy deſpoſar com o Duque Carlos. Recolhendo-ſe a Portugal, adoeceo no mar, e naõ podendo continuar a viagem até Liſboa, deſembarcou em Gibraltar, onde faleceo em 28 de Novembro de 1521. Dizem alguns, que de paixaõ, por lhe embaraçar em Roma ElRey D. Manoel a nominata de Cardeal, que Leaõ X. determinava conferirlhe. De Gibraltar o trasladou ſeu ſobrinho Chriſtovaõ da Coſta no anno de 1558, e o fez ſepultar na Sé de Lisboa entre os Arcebiſpos D. Fernando, e D. Jorge. (1)

X.

D. Affonſo, Infante, e Cardeal.

Deſde o anno de 1523.

36 NAſceo em Evora a 23 de Abril de 1509 o Infante D. Affonſo, filho terceiro do Senhor Rey D. Manoel, e da Sereniſſima Rainha D. Maria ſua ſegunda mulher. Ainda naõ contava oito annos, quando o Papa Leaõ X. no anno de 1516 o admittio ao numero, e Collegio dos Cardeaes com o titulo de Biſpo Targitano, Diacono Cardeal de Santa Luzia: e ſuppoſto que eſte indulto foy concedido com a reſerva de ſe lhe naõ dar o barrete, ſenaõ quando o Infante tiveſſe dezoito annos, todavia ſempre foy tratado com a reſpectiva honra de Cardeal.

37 Por morte do Arcebiſpo D. Martinho lhe concedeo Adriano VI. a adminiſtraçaõ dos frutos deſte Arcebiſpado, declarando-o já deſde entaõ por Arcebiſpo, contando elle de idade quatorze annos ſómente; e quando chegou o dia 17 de Setembro do

[1] Far. Europ. Portug. part. 2. p. 547. Ann. Hiſtor. tom. 2. p. 552. Lima Geograf. Hiſtor. tom. 1. p. 377.

do anno de 1523, eſcreveo o Infante ao Cabido de Lisboa, dizendo-lhe, que eſtava provido no Arcebiſpado pelo Papa Adriano VI. a ſupplicas delRey D. Joaõ III. ſeu irmaõ, e que aſſim fazia ſeu Procurador ao Deaõ Fernaõ Gonçalves para tomar a poſſe. Tanto que entrou em dezoito annos de idade recebeo com toda a pompa em Almeirim o Capello de Cardeal aos 27 de Junho de 1526, e no de 1535, aſſiſtindo D. Affonſo em Evora ſua ordinaria reſidencia, cuja Igreja, e a de Viſeu tambem governava, partio para Lisboa a tratar da ſua ſagraçaõ, por lhe haver chegado o Pallio em 22 de Novembro do dito anno.

38 Cuidou ſempre muito eſte Prelado em exercer com obras dignas o officio de bom Paſtor. Muitas vezes bautizava por ſuas proprias mãos as crianças, e levava o Santiſſimo Viatico aos enfermos, e de melhor vontade aos mais pobres, a quem deixava ſufficientes eſmolas; e dizia, que eſtas obrigações primeiro eraõ ſuas, que dos outros Parocos, e por iſſo devia primeiro que os outros cumprir com ellas. Nos Domingos, e dias Santos enſinava a Doutrina Chriſtã às ſuas ovelhas com muita affabilidade, eſtabelecendo taõ util exercicio por todas as Freguezias da ſua Dieceſe, e impondo eſta obrigaçaõ aos Parocos; aos quaes em Synodo, que fez celebrar na Sé em o anno de 1536 a 25 de Agoſto, tambem ordenou tiveſſem livros para aſſentar os nomes das peſſoas bautizadas, e dos Padrinhos, couſa que antes do ſeu governo ſe naõ praticava, e a cujo exemplo o fez eſtabelecer em toda a Igreja Catholica o ſagrado Concilio Tridentino.

39 Rezando-ſe até o ſeu tempo na Sé, e em todo eſte Arcebiſpado pelo Breviario da Igreja de Salisbury de Inglaterra, que havia introduzido o Biſpo D. Gilberto, elle em ſeu lugar mandou, que ſe admittiſſe o Romano, de que uſamos. O Pontifice Paulo III. approvou eſta introducçaõ por Bulla

de 9 de Dezembro de 1538, dirigida ao Cabido da Igreja Lisbonenſe. Era nos Pontificaes mageſtoſo, e nos Ritos Eccleſiaſticos muito verſado, e perito; e como inclinado ao eſtudo das letras, amava, e favorecia aos homens doutos, e applicados.

40 Sendo o tratamento da ſua caſa regido com grande eſplendor, que pouco ſe differençava da Caſa Real, era igualmente modeſtiſſima, e exemplar toda a ſua familia. Teve muitas dignidades, porque foy Adminiſtrador dos Biſpados de Viſeu, Evora, e Guarda; D. Abbade de Alcobaça, Commendatario do Convento de Santa Cruz de Coimbra, e de S. Joaõ de Tarouca: teve a Purpura Cardinalicia com os titulos de Santa Luzia *in ſeptem foliis*, de S. Braz, e de S. Joaõ, e S. Paulo. Finalmente cheyo de honras, merecimentos, e virtudes, mas naõ de annos, terminou nos trinta e hum de vida aos 21 de Abril de 1540, deixando com eterna ſaudade huma feliz, e perpetua memoria. Jaz no Convento de Belem em ſepultura propria. (1)

41 Pertende o Biſpo de Targa D. Fr. Thomé de Faria na *Decada* 1. *liv.* 9. *cap.* 5. introduzir neſta Igreja Metropolitana por Arcebiſpo a D. Miguel da Silva, que depois foy Cardeal, e deſnaturaliſado do Reino por ElRey D. Joaõ III.; porém claramente ſe moſtra ſer apocrifo; porque o Cardeal Arcebiſpo D. Affonſo faleceo em 21 de Abril de 1540, e o Arcebiſpo D. Fernando lhe ſuccedeo por eleiçaõ do Papa Paulo III. em 29 de Setembro do meſmo anno, que ſaõ cinco mezes de intervallo, nos quaes naõ he veroſimil, que ElRey nomeaſſe dous Arcebiſpos de Lisboa.

XI.

---

[1] Goes Chron. delRey D. Manoel part. 2. c. 42. Cardoſ. Agiol. Luſitan. tom. 2. p. 666. Fr. Manoel dos Sant. Alcob. illuſtr. p. 331. e 350. Severim de Faria Prompt. Eſpirit. p. 32. v. e nas Notic. de Port. diſc. 8. §. 12. e outros apud Barboſ. na Bibl. Luſit. tom. 1. pag. 21.

XI.

D. Fernando de Vaſconcellos e Menezes.

Deſde o anno de 1540.

42 ESte veneravel Prelado naſceo em Lisboa, filho ſegundo de D. Affonſo de Vaſconcellos, primeiro Conde de Penella. Profeſſou o Inſtituto de Santo Agoſtinho no Real Convento de S. Vicente, donde foy Prior, e pela fama dos ſeus merecimentos o elevou ElRey D. Manoel a Biſpo de Lamego, que Leaõ X. approvou em Novembro de 1513. Como era dotado de maduro conſelho, e prudencia, ElRey D. Manoel o conſultava na mayor importancia dos negocios, fazendo-o ſeu Capellaõ mór, que continuou a exercer no governo delRey D. Joaõ III.

43 Morto o Sereniſſimo Infante Cardeal D. Affonſo, lhe conferio Paulo III. a dignidade Archiepiſcopal de Lisboa em 16 de Setembro de 1540, de que tomou poſſe em 8 de Novembro do meſmo anno por ſeu Procurador o Deſembargador, e Prior de Meixedo Diogo Gonçalves. No anno de 1543 foy conduzir a Caſtella a Princeza D. Maria, filha delRey D. Joaõ III., que ſe deſpoſou com o Principe D. Filippe, filho do Imperador Carlos V., na qual jornada, e funçaõ fez grandes gaſtos para em tudo ſer luzida. Voltando a Lisboa cheyo de honras, ſe oppoz com zelo, a que ElRey D. Joaõ III. naõ levaſſe ávante a diviſaõ, que queria fazer de alguns Biſpados, a qual todavia naõ pode embaraçar.

44 Quando ElRey D. Joaõ III. tomou o collar do Tuſaõ de ouro na Capella dos Paſſos de Almeirim em 6 de Junho de 1546, o noſſo Arcebiſpo lhe deu o juramento. No anno ſeguinte de 1547 fez o livro das rendas, ou o Cenſual do Arcebiſpado,

obra de grande utilidade, o qual conſtava das rendas, que o Arcebiſpo tinha: das propriedades, que pertenciaõ à Meſa Archiepiſcopal, e do que ſe pagava de foro de cada huma: das Igrejas do Arcebiſpado, e o que pagavaõ de viſitaçaõ: do que ſe pagava de confirmaçaõ de todos os Beneficios, que o Arcebiſpo confirmava: das Igrejas, que ao Arcebiſpo pagavaõ luctuoſa por falecimento dos Reitores, e quanto ſe pagava de cada huma: de quem era a apreſentaçaõ, e collaçaõ das Igrejas do Arcebiſpado: do Regimento do que ſe havia pagar na Chancellaria, e do Regimento do Eſcrivaõ da Camera; cujo Cenſual vimos, e ſe conſervava no inſigne Cartorio da antiga Metropoli de Lisboa, que infelizmente conſumio o incendio de Novembro de 1755.

45 Acontecendo em Dezembro de 1552 o ſacrilegio, que hum herege Inglez commetteo na Capella Real, arrebatando das mãos do Sacerdote, que eſtava dizendo Miſſa, a Hoſtia conſagrada, o vigilante Arcebiſpo com a dor deſte lamentavel caſo mandou fixar huma Paſtoral, em que exhortava aos Fieis para huma verdadeira penitencia, ordenando huma Prociſſaõ em deſaggravo do Santiſſimo deſde a Sé até à Igreja de S. Domingos, em que elle foy deſcalço, e o mais do Clero com exemplar humildade, e compunçaõ.

46 Em todas as ſuas acções moſtrou bem o zelo da patria, e o augmento, que deſejava à ſua Cathedral, onde para mayor culto, e decencia dos Divinos Officios mandou fazer as cadeiras do coro debaixo, e de cima, o Altar mór, as grades de bronze, e o Altar de S. Vicente: e no anno de 1554 fundou em Santo Antonio do Tojal a Igreja, palacio, e jardim. Teve com o Cardeal D. Henrique contradicções, e deſgoſtos, de que ſe queixou ao Papa Paulo IV. juſtamente; porque foy eſte Prelado ſabio, generoſo, e ſingular cortezaõ, affavel

pa-

para os pretendentes, e caritativo para os pobres, muito douto, e muito verdadeiro, e viſto nas antiguidades, e materias de eſtado; e ſuppoſto que os dous erudítos Barboſas lhe accreſcentaõ tambem o caracter de Inquiſidor geral, naõ vimos até agora documento ſolido, que verifique nelle eſta dignidade; e ſe a teve, naõ chegou a tomar poſſe. Contando em fim oitenta e tres annos de vida, faleceo ſantamente em Lisboa aos 7 de Janeiro de 1564, e foy ſepultado na Capella mór da Sé. (1)

XII.

D. Henrique, Cardeal, e Rey.

Deſde o anno de 1564.

47 O Cardeal Infante D. Henrique aſſiſtia em Evora, donde era Arcebiſpo quando faleceo ElRey D. Joaõ III. ſeu irmaõ; e como a Rainha viuva D. Catharina ficou governando o Reino na menoridade delRey D. Sebaſtiaõ ſeu neto, que contava pouco mais de tres annos, lhe foy preciſo, para que a Sereniſſima Rainha podeſſe ſuſter o pezo do regimen Monarquico, deixar a reſidencia daquella Metropoli, e vir aſſiſtir na Corte de Lisboa.

48 Para eſte effeito renunciou o Arcebiſpado em D. Joaõ de Mello, Biſpo do Algarve, e paſſou para a Metropolitana de Lisboa por Bulla de Pio IV. pela vacatura de D. Fernando. Nos annos, que governou eſta Dieceſe, o reconheceraõ as ſuas ovelhas ſempre zeloſo Paſtor; e como amante das letras, e ſeu agmento fundou o Seminario de Santa Ca-

[1] Barboſ. Bibliot. Luſit. tom. 2. pag. 63. e ſeu irmaõ nos Faſtos da Luſitan. tom. 1. pag. 102. Vide Souſa Hiſtor. Geneal tom 1. pag. 127. Gil Gonçalv. de Avila Hiſtor. de Salam. liv. 3. cap. 23. Lima Geograf. Hiſtor. tom. 1. pag. 367.

Catharina, eſtabelecendo-lhe rendas para ſua ſubſiſtencia em 30 de Novembro de 1566.

49 No meſmo anno celebrou na Cathedral Igreja o primeiro Concilio Provincial, que começou na Dominga da Sexageſima aos 13 das Kalendas de Março, preſidindo de huma parte o Cardeal Arcebiſpo com aſſiſtencia do Biſpo de Leiria D. Gaſpar do Caſal, e D. Gaſpar Cano Biſpo de S. Thomé, e D. Jorge de Lemos do Funchal, e D. Joaõ de Portugal Biſpo da Guarda, e D. André de Noronha de Portalegre, todos ſeus ſuffraganeos: aſſiſtiraõ mais D. Pedro, Biſpo de Hiponia; D. Juliaõ de Alva, Biſpo de Miranda; D. Jeronymo Pereira de Salé; D. Belchior Belliago de Féz, todos Biſpos Provinciaes, e muitos Procuradores da Provincia, Clero, e Religioſos.

50 Da outra parte preſidio ElRey D. Sebaſtiaõ com ſua avó a Sereniſſima Rainha D. Catharina, e a Sereniſſima Princeza D. Maria ſua tia, e o Senhor D. Duarte, Condeſtavel do Reino, filho do Infante D. Duarte, e grande numero de Fidalgos, e Grandes do Reino, Magiſtrado, e Nobreza. Fizeraõ-ſe as outras ſeſsões do Concilio, que foraõ mais cinco, todas no mez de Dezembro do dito anno; as quaes depois verteo elegantemente na lingua Latina o erudíto André de Reſende, e ſe conſervaõ na livraria da Excellentiſſima Condeſſa do Redondo D. Margarida, eſcritas em excellentes caracteres.

51 Foy taõ grande o deſejo, que eſte Sereniſſimo Prelado teve da ſalvaçaõ das almas, que mandou executar neſta Dieceſe todos os Decretos do Concilio Tridentino, que trataõ da reforma dos coſtumes, para cujo fim os fez traduzir em Portuguez, e imprimir. Alcançou tambem do Vigario de Chriſto hum Jubileo annual para todos os Fieis, que ſe confeſſaſſem, e commungaſſem nas quatro feſtas principaes do anno, o qual já tinha conſeguido para a Metropoli de Braga, e depois alcançou para a de Evora.

52 Di-

52 Dimitindo finalmente a Prelazia Liſbonenſe em 1569, havendo entregado o governo Eccleſiaſtico a D. Jorge de Almeida, e o Monarquico a ElRey D. Sebaſtiaõ com ſolemne apparato nos Paços da Ribeira, voltou para Evora, onde falecendo a 6 de Agoſto de 1574 o ſeu Arcebiſpo D. Joaõ de Mello, foy ſegunda vez confirmado naquella Metropolitica dignidade, a qual illuſtrou com as meſmas exemplares virtudes.

53 Porém ſuccedendo em Africa a deſtruiçaõ do noſſo exercito, e a perda tragica delRey D. Sebaſtiaõ, foy o Cardeal acclamado Rey deſta Monarquia em 28 de Agoſto de 1578 na Igreja do Hoſpital Real de Liſboa, pela devoçaõ de ter ſido nella conſagrado em Arcebiſpo de Braga pelo Cardeal Infante ſeu irmaõ na Dominica in Albis de 1539. Empregado no governo do Reino, como os deſgoſtos foraõ creſcendo, e atribulando os ſeus muitos annos, veyo a falecer em Almeirim a 30 de Janeiro de 1580. Jaz ſepultado no Convento de Belem. (1)

XIII.

D. Jorge de Almeida.

Deſde o anno de 1570.

54 ELeito em Arcebiſpo de Liſboa D. Jorge de Almeida, filho quinto de D. Lopo de Almeida, e neto de D. Diogo Fernandes de Almeida, Prior do Crato, e Monteiro mór delRey D. Joaõ II. pela renuncia, que fizera o Cardeal Infante, tomou poſſe deſta Igreja no anno de 1570 por Bulla de Pio V. O povo eſtimou geralmente eſte Prelado pela boa fama, que já tinha adquirido a ſua virtude; e para acreditar mais o ſeu Paſtoral officio, con-

[1] Vide Barboſa na Bibliot. Luſit. pag. 439. tom. 2.

convocou no anno de 1574 hum Concilio Dieceſano, que foy o ſegundo, onde eſtabeleceo prudentes Conſtituições.

55 O Papa Gregorio XIII. o creou Inquiſidor geral deſte Reino à inſtancia do Cardeal D. Henrique; e elle com todo o esforço ſe oppoz a ElRey D. Sebaſtiaõ na ſua temeraria jornada de Africa; mas vendo que o naõ podia diſſuadir, recorreo a Deos com preces publicas, mandando expor o Santiſſimo em todo o Arcebiſpado para applacar a ira de Deos, que naquelles tempos ameaçava o Reino com as deſordens do governo Secular.

56 Auſentando-ſe ElRey para Africa, ficou o Arcebiſpo governando em companhia de outros quatro Fidalgos; e com a triſte noticia da perda delRey na lamentavel batalha de Alcacer, e depois com a morte do Cardeal Rey D. Henrique, foy ſempre o Arcebiſpo D. Jorge em quem ſe conſervou firme o zelo da patria, até ſe ver ſujeito ao dominio eſtranho delRey Filippe de Caſtella, o qual tomando poſſe deſte Reino, deixou em Lisboa em ſeu lugar por Governador no anno de 1583 a ſeu ſobrinho o Cardeal Alberto, Archiduque de Auſtria, com quem tendo o Arcebiſpo hum deſgoſto por cauſa do provimento de huns Beneficios de Torres-Novas, veyo a falecer em breves dias a 20 de Março de 1585 com grande ſentimento de todos; porque foy eſte hum Prelado de grande authoridade, prudencia, e letras. Jaz na Capella mór da antiga Sé à maõ eſquerda do Arcebiſpo D. Martinho. (1)

XIV.

---

[1] Souſa Hiſtor. Geneal. tom. 5. pag. 654. Lima Geograf. Hiſtor. tom. 1. pag. 369.

XIV.

D. Miguel de Caſtro.

Deſde o anno de 1586.

57 NAſceo D. Miguel de Caſtro na Cidade de Evora pelos annos de 1536, e foraõ ſeus pays D. Diogo de Caſtro chamado o *Magro*, Mordomo mór da Princeza D. Joanna, mulher do Principe D. Joaõ; e de D. Leonor de Ataide, filha do grande Nuno Fernandes de Ataide, Alcaide mór de Alvor, e Senhor de Penacova. Sendo Prior da Igreja de S. Chriſtovaõ foy preſentado para Biſpo de Viſeu, de que tomou poſſe no anno de 1579. O Papa Xiſto V. no anno de 1586 o promoveo para Arcebiſpo de Lisboa, de que tomou poſſe a 2 de Julho do meſmo anno.

58 Entregando ElRey Filippe o governo de Portugal ao Archiduque Alberto, lhe deu por adjunto ao noſſo Arcebiſpo, o qual na auſencia que o dito Archiduque fez a Flandes pelos annos de 1593, ficou continuando o governo Ariſtocratico de Portugal juntamente com os Condes de Portalegre, Santa Cruz, Sabugal, e Miguel de Moura, Eſcrivaõ da Puridade. Na grande occurrencia de negocios a que aſſiſtia ſe naõ deſcuidou o noſſo Arcebiſpo das obrigações Paſtoraes; e aſſim fez ſe concluiſſe a Igreja, e torre de Santo Antonio do Tojal, e na Sé edificou huma Capella com ſeis Capellães perpetuos, dotando-lhe precioſos ornamentos.

59 Com zelo da pureza da Religiaõ paſſou a Valhadolid, onde entaõ reſidia a Corte dos Reys de Heſpanha, para embaraçar o requerimento do perdaõ geral, que pretendia a gente da naçaõ Hebrea. No anno de 1615 lhe recahio todo o governo do Reino com titulo de Vice-Rey, cuja authoridade,

conſelho, e virtudes eraõ ſufficientes à expediçaõ dos mayores negocios. Com decreto delRey ordenou no anno de 1618, que na Sé trouxeſſem ſómente os Conegos capello nas murças, e que foſſem forradas de carmezim, e as dos meyos Conegos, e Quartanarios forradas de negro ſem capello.

60 Sendo eſte Prelado de vida inculpavel, parece que a ſua nimia bondade, e tolerancia deraõ azos à grande relaxaçaõ, e deſenvoltura de ſeus domeſticos, de que ſe originaraõ baſtantes eſcandalos, e murmurações. Faleceo com boa opiniaõ em o primeiro de Julho de 1625, e jaz na ſepultura, que elle mandou fazer à porta principal da Sé com eſte ſincéro, e humilde epitafio: *D. Miguel de Caſtro, Arcebiſpo que foy de Lisboa, ſe mandou enterrar neſte lugar; pede lhe lancem agua benta, e lhe rezem hum P. N. e huma Ave Maria.* (1)

XV.

D. Affonſo Furtado de Mendoça.

Deſde o anno de 1627.

61 DOm Affonſo Furtado de Mendoça foy filho de Jorge Furtado de Mendoça, deſcendente por varonia da Caſa do Duque do Infantado, e de D. Mecia Henriques, filha de D. Pedro de Souſa, e neta do primeiro Conde do Prado. Depois de varias dignidades, a que o elevaraõ neſte Reino os ſeus merecimentos, conſeguio a Mitra deſta Metropoli por conceſſaõ de Urbano VIII. no anno quarto do ſeu Pontificado; e a 3 de Mayo de 1627 tomou poſſe do Arcebiſpado.

62 O governo politico deſte Reino, a que El-Rey

[1] Souſa na Hiſtoria Genealogica tom. 6. pag. 294., e no Agiologio Luſitano tom. 4. em o primeiro de Julho.

Rey Filippe III. o chamou para o exercitar com o Conde de Baſto D. Diogo de Caſtro, e com o Conde de Portalegre D. Diogo da Silva, lhe opprimia muito o ſeu eſcrupulo na obrigaçaõ, e cuidado que devia applicar ao regimen das ſuas ovelhas; porém a ſua vaſta capacidade, e inteireza de juſtiça no manejo de ambas as expedições, acreditavaõ a grande esfera do ſeu talento.

63 Succedeo em Lisboa em a noite de 15 para 16 de Janeiro de 1630 o execrando ſacrilegio de ſe roubar do Sacrario da Paroquial Igreja de Santa Engracia a Pyxide com as ſagradas Fórmas; e eſte delicto penetrou de ſorte o ſentimento do vigilante Prelado, que ſuppoſto ordenou para deſaggravo do Sacramento muitas, e muito grandes feſtas, com tudo deſta ſacrilega acçaõ teve origem a ſua morte, pois em breve tempo veyo a acabar a vida com huma geral ſaudade das ſuas ovelhas em 2 de Junho de 1630. Mandou que o ſepultaſſem na Capella mór da Cathedral junto aos degráos do Presbiterio da parte do Evangelho.

XVI.

D. Joaõ Manoel.

Deſde o anno de 1633.

64 PEla vacancia de D. Affonſo Furtado de Mendoça foy aſſumpto à Metropolitana de Liſboa D. Joaõ Manoel, illuſtriſſimo deſcendente del-Rey D. Duarte, e filho de D. Nuno Manoel, ſenhor da Caſa da Atalaya; e de D. Joanna de Ataide, filha do primeiro Conde da Caſtanheira. Deſta Igreja mandou tomar poſſe a 13 de Mayo de 1633 pelo Biſpo de Targa D. Gaſpar do Rego, por ſe achar entaõ aſſiſtente em Madrid, aonde fora tratar negocios conſideraveis da Religiaõ, que ſe ori-

ginaraõ da grande Junta de varios Prelados do Reino, que ElRey Filippe II. mandou fazer no Convento de Thomar, ſendo naquelle tempo D. Joaõ Manoel Biſpo de Coimbra.

65 O zelo com que D. Joaõ Manoel ſolicitava o remedio para extinguir neſte Reino a gente da naçaõ Hebrea; o eſplendor da ſua Caſa, e familia; as acções de ſua vida bem compaſſadas, lhe grangearaõ taõ boa opiniaõ, que ElRey Filippe II. o nomeou Vice-Rey de Portugal, em cujo governo entrou a 12 de Mayo de 1633, e a 15 do dito mez, que foy dia do Eſpirito Santo, foy toda a Relaçaõ Metropolitana com ſeus Officiaes darlhe a obediencia. Neſte acto o Doutor Mattheus Peixoto Barreto, Conego Prebendado da Sé de Lisboa, Proviſor do Arcebiſpado, lhe fez huma falla eloquente.

66 Vinte e tres dias logrou a poſſe deſta dignidade Arcebiſpal, nos quaes naõ foy viſitar a ſua Sé por cauſa da doença, que foy creſcendo de tal maneira, que ſendo-lhe levado da Sé com todo o Cabido o Santiſſimo Viatico ao Forte do Palacio Real, em que eſtava, naõ deu lugar a doença para lhe ſer tambem levada a ſanta Unçaõ da meſma Sé, e a recebeo da Paroquia de S. Juliaõ. Faleceo a 4 de Julho de 1633 às ſete horas de tarde. No dia ſeguinte foy levado à ſepultura, que elegeo na Capella mór, que fez à ſua cuſta no Convento de Jeſus deſta Cidade. Naõ foy acompanhado do Cabido, aſſim por elle o naõ pedir no ſeu teſtamento, como por ſe eſcuſarem competencias com os Fidalgos Aulicos, que queriaõ levar o eſquife, e com os Capellães da Capella Real, que ſe perſuadiaõ competirlhes o officio da encommendaçaõ, por ſer Vice-Rey o Prelado, e falecer em Palacio. (1)

XVII.

[1] Souſa Hiſtoria Genealog. tom. 11. pag. 539. D. Franc. Manoel Epanaf. 1.

XVII.

D. Rodrigo da Cunha.

Deſde o anno de 1636.

67 FOy D. Rodrigo da Cunha de geraçaõ illuſtre; porque foy filho de D. Pedro da Cunha, ſenhor da Taboa, e Conſelheiro de Eſtado; e de D. Maria da Silva, filha de Ruy Pereira da Silva, Alcaide mór de Silves. As grandes virtudes, e letras grangearaõ a D. Rodrigo os mayores empregos da Republica Eccleſiaſtica. Servio por Inquiſidor no Tribunal do Santo Officio de Lisboa oito annos, e tendo trinta e oito de idade foy nomeado Biſpo de Portalegre. Daqui paſſou à Cadeira Epiſcopal do Porto, e depois de a governar nove annos, foy promovido à Primacial de Braga, da qual ſe transferio à Metropolitana de Lisboa, de que tomou poſſe em o primeiro de Mayo de 1636, fazendo ſua entrada publica deſde a Igreja de S. Luiz nas portas de Santo Antaõ até à Sé Cathedral com a pompa, e apparato que ordena o Ceremonial Romano.

68 Tantas repetidas promoçóes saõ os melhores elogios da grande esfera, e capacidade deſte Prelado. Todas as Igrejas anhelavaõ eſte Paſtor, em cujo zelo, e piedade ſe promettiaõ ſaudaveis abrigos. Logo que tomou poſſe deſta Cathedral convocou Synodo Dieceſano, havendo mais de ſeſſenta annos, que ſe naõ fazia, e nelle ordenou Conſtituiçóes muito convenientes ao governo do Arcebiſpado, pelas quaes ſe governa ainda hoje o Patriarcado.

69 O amor conſtante da patria o fez taõ deſintereſſado, e repugnante às promeſſas dos Miniſtros Caſtelhanos, que na Junta que ſe celebrou em Madrid

drid no anno de 1638 com os Grandes daquelle Reino para ſe unir em ſua Provincia o de Portugal, foy o voto do noſſo Arcebiſpo alli convocado o mais efficaz na oppoſiçaõ; originando-ſe depois que de lá voltou no anno ſeguinte aquelles nobres penſamentos de liberdade, que com tanta actividade ſoube influir nos corações dos Fidalgos Portuguezes para acclamarem Rey o Sereniſſimo Duque de Bragança D. Joaõ IV.

70 Em toda a parte foy venerado o talento do Arcebiſpo D. Rodrigo. As vigilias dos ſeus eſtudos, que publicou em varios volumes, ſaõ eſtimadas pelos ſabios. As letras unidas ao exercicio das virtudes lhe fazem perpetuar a ſua memoria. Foy douto, ſobrio, pio, recto, modeſtiſſimo, zeloſo da patria, eſmoler, e ſem fauſto: morreo pobre no primeiro de Janeiro de 1643, deixando por legado às quatro Sés, de que fora Prelado, repartidos os ſeus Pontificaes. Jaz ſepultado na Baſilica de Santa Maria à entrada da porta traveſſa chamada vulgarmente do ferro, para onde ſe trasladaraõ ſuas cinzas no anno de 1702 por ordem de ſeu ſobrinho D. Pedro Alvares da Cunha, Trinchante mór de Sua Mageſtade. (1)

XVIII.

D. Antonio de Mendoça.

Deſde o anno de 1669.

71 ANtes de D. Antonio de Mendoça, que era filho do Conde de Val de Reys, foy nomeado em Arcebiſpo de Lisboa D. Manoel da Cunha, Commiſſario da Bulla da Cruzada, Biſpo de Elvas, e Capellaõ mór delRey D. Joaõ IV.; mas

[1] Leitaõ Trat. Analit. pag. 443. Souſ. Hiſtor. Geneal. tom. 1. no Apparat. num. 82., e tom. 11. pag. 816. Barboſ. Bibl. Luſitan. tom. 3. pag. 641.

mas como naõ chegou a tomar poſſe, por falecer a 30 de Novembro de 1658, o naõ collocamos neſte Catalogo. Eraõ os merecimentos de D. Antonio de Mendoça taõ plauſiveis, que fizeraõ lembrar ao Soberano as muitas dignidades a que o elevou; porque foy Miniſtro da Meſa da Conſciencia, onde ſubio ao gráo de Preſidente. Foy Deputado da Junta dos Tres Eſtados, Commiſſario da Cruzada, nomeado Biſpo de Lamego, e Arcebiſpo de Braga; até que o Principe regente D. Pedro, attendendo ao relevante de ſeus meritos, o nomeou Arcebiſpo de Lisboa, de cuja Igreja tomou poſſe em 27 de Outubro de 1669 por ſeu Procurador o Doutor Eſtevaõ Brioſo de Figueiredo.

72 Elevado à Cadeira Metropolitana deſta Dieceſe, ſe applicou nas vigilias de Paſtor ao bem eſpiritual de ſuas ovelhas, obviando a eſcandaloſa vida de humas, e remediando a neceſſidade de outras; e ſobre tudo attendendo às iſenções, e liberdade de ſuas regalias; ſuſtentando por eſſe reſpeito rigoroſos litigios com o Capellaõ mór D. Luiz de Souſa, que lhe veyo a ſucceder na dignidade, e de quem D. Antonio de Mendoça triunfou com juſtiça. Faleceo a 14 de Fevereiro de 1675, e foy ſepultado na ſua Cathedral. (1)

XIX.

D. Luiz de Souſa, Cardeal.

Deſde o anno de 1676.

73 HAvia naſcido D. Luiz de Souſa na Cidade do Porto, filho ſegundo dos Condes de Miranda. Paſſou na ſua infancia a Madrid com ſua

---

[1] Chronica dos Coneg. Regr. liv. 10. cap. 15. n. 15. Barboſ. Faſtos da Luſitan. tom. 1. pag. 536.

ſua mãy a Condeſſa D. Leonor de Mendoça, filha do primeiro Conde de Penaguiaõ, e lá ſe criou no Paço com a nobre indole, e exercicio de Menino da Rainha; e voltando para eſte Reino, como a natureza o dotara de hum genio muito agradavel, entrou a poſſuir a eſtimaçaõ do Principe D. Theodoſio; e a inſinuações deſte paſſou a Roma no anno de 1651, onde ſe graduou Doutor Canoniſta; e depois de ver, e obſervar os coſtumes de varias gentes da Europa, ſe reſtituío ao Reino em 26 de Setembro de 1656.

74 Como o Papa Alexandre VII. lhe havia feito mercê da Cadeira de Deaõ na Sé do Porto, foy a exercer a ſua dignidade, e juntamente o governo daquella Relaçaõ civil por mercê delRey D. Affonſo VI. Foy creſcendo a fama dos merecimentos, e talento de D Luiz de Souſa, de que inteirado ElRey D. Pedro II. o conſtituío ſeu Capellaõ mór no anno de 1669, e o Papa Clemente X. o fez Biſpo de Bona, em cujo emprego deu baſtantes provas de quanto zelava a ſua juriſdiçaõ, e privilegios. Por morte de D. Antonio de Mendoça foy eleito Arcebiſpo de Lisboa, de que tomou poſſe a 22 de Janeiro de 1676.

75 Será memoravel na poſteridade o governo deſte Prelado pelas ſuas acções acompanhadas todas de grande acerto, e cheyas de piedade, e magnificencia. Cuidou primeiro que tudo na reforma dos coſtumes; e intentando abolir as profanas repreſentações dos theatros, ideou o melhor remedio, alcançando do Papa Innocencio XI. no anno de 1682 o Jubileo do Lauſperenne para todas as Igrejas de Lisboa, diſtribuido alternativamente pelo circulo do anno. Com o meſmo zelo da Religiaõ cooperou muito para a converſaõ dos Gentios, dando ſempre utiliſſimas providencias na Junta das Miſsões, de que foy Preſidente.

76 Parece que tinha o Ceo deſtinado para gloria da

da ſua pia generoſidade, que no ſeu fauſto governo ſe deſcobriſſem as veneraveis Reliquias do inclyto Martyr S. Vicente até alli occultas deſde o tempo do Senhor Rey D. Manoel, que mandando-as recolher em huma caixa de pedra, e colocalla em huma caſa da Cathedral no vaõ da parede do Altar do meſmo Santo, deixaraõ ficar os artifices a porta da dita caſa incognita com pedras ſemelhantes à meſma parede: e pelo incidente de bolirem neſta para certa obra no anno de 1692, ſe achou a caſa, e a caixa das Reliquias; e entaõ fazendo extrahir o zeloſo Prelado com grande jubilo o eſtimavel theſouro, o collocou em hum precioſo cofre de prata no anno de 1693, o qual exiſtindo expoſto à publica veneraçaõ dos Fieis em huma bem polida Capella, que mandou fabricar de finiſſimos marmores, e artificioſos embutidos junto do Altar mór da meſma Sé à parte da Epiſtola, devorou tudo infauſtamente o tragico incendio de Novembro de 1755.

77 Condecorado ultimamente com a Purpura de Cardeal pelo Papa Innocencio XII. no anno de 1697, continuou no exercicio de obras dignas da ſua grande idéa. Aperfeiçoou o Palacio Archiepiſcopal: reedificou o Templo, e Convento de Santa Catharina de Ribamar de Religioſos Arrabidos: edificou no Dominicano Convento da Batalha o ſumptuoſo mauſoléo para depoſito das cinzas do Conde ſeu pay: erigio na Cartuxa de Laveiras hum novo dormitorio, de que naõ ſe acabou mais que hum lanço: eſtabeleceo renda para ſuſtentaçaõ perpetua de hum Monge no deſerto de Buſſaco; e ſobre tudo conſervando ſempre hum eſpecial amor aos livros, ajuntou a mais copioſa, ſelecta, e bem ornada livraria, que até os ſeus tempos ſe tinha viſto, e que os ſabios grandemente celebraõ. Morreo finalmente em 4 de Janeiro de 1702, e jaz na Capella de Noſſa Senhora da Piedade da Terra ſolta, que eſtá na clauſtra da Baſilica de Santa Maria

em ſepultura raza com a breve inſcripçaõ : *Sub tuum præſidinm.* (1)

XX.

D. Joaõ de Souſa.

Deſde o anno de 1703.

78 A Nobreza do ſangue do Illuſtriſſimo Dom Joaõ de Souſa he bem notoria, e venerada como deſcendente da eſclarecida familia, e caſa dos Senhores de Gouvea de Riba-Tamega, chefes do ramo Real dos Souſas Condes do Redondo. Naſceo eſte veneravel Prelado em Lisboa no anno de 1647; e educando-ſe com a doutrina, e exemplo do grande meſtre das virtudes, que naquelle tempo florecia D. Diogo de Souſa, Arcebiſpo de Evora, ſeu tio, foy delle hum digno imitador.

79 Aſſociado ao Collegio Pontificio de S. Pedro na Univerſidade de Coimbra, nella ſe doutorou nos ſagrados Canones. Teve o Arcediagado de Santa Chriſtina, dignidade na Primacial de Braga. Servio o Tribunal do Santo Officio em Lisboa alguns annos no lugar de Deputado, e de Sumilher de Cortina delRey D. Pedro II., por cuja ordem lhe foy offerecido o Priorado mór de Palmella, que naõ aceitou. Foy nomeado Biſpo de Miranda, que tambem naõ admittio. Paſſou na armada, que foy a Turim conduzir o Duque de Saboya no anno de 1682 por ſeu Sumilher de Cortina, donde voltando ao Reino foy nomeado Biſpo do Porto pela renuncia, que daquelle Biſpado tinha feito D. Fernando Cor-

[1] Manoel de Souſa Moreira no Theatro Genealogico da Caſa de Souſa. Cardoſ. Agiol. Luſit. tom. 3. p. 283. Papebroch. na Dedicat. do tom. 5. Act. Sanctor Bluteau na Dedicat. da 2. part. das Primic. Evang. Souſa Hiſtor. Geneal. tom. 12 pag. 537. Diogo Barboſ. Biblioth. Luſit. tom. 3. pag. 152. Ignacio Barboſ. Faſtos da Luſitan. tom. 1. pag. 61.

Correa de Lacerda; e nelle o confirmou Innocencio XI. no anno de 1684. Daqui foy promovido para Arcebiſpo de Bragà, e ultimamente para a Metropolitana de Lisboa no anno de 1703.

79 Em todas eſtas Diceſes obrou acções de hum bom Paſtor, fazendo-ſe diſtinguir entre todas nos immenſos actos de caridade, que uſava com os pobres de tal fórma, que foy chamado o Santo Joaõ Eſmoler do ſeu ſeculo, pois chegou a dar até a propria cama em que pobremente dormia. Contaõ-ſe delle prodigios em abono deſta, e de outras virtudes, as quaes chegando aos ouvidos do Summo Pontifice Innocencio XII., lhe eſcreveo huma Carta em fórma de Breve com grandes elogios, onde concluindo lhe recommenda a perſeverança das virtudes na imitaçaõ de ſi proprio, dizendo: *Reliquum eſt, ut tui ſimilis eſſe pergas.*

80 Taõ grandes meritos foraõ bem perſuaſivos diante dos Sereniſſimos Reys D. Pedro II., e D. Joaõ V. para a nomina de Cardeal, que naõ teve effeito; porque primeiro que a Purpura Cardinalicia chegou D. Joaõ de Souſa a veſtir a funebre mortalha em 29 de Setembro de 1710, dia em que ſantamente faleceo hum dos mais exemplares Prelados deſta Dieceſe. Jaz no cemiterio dos pobres na antiga Cathedral ſem epitafio, em humilde ſepultura, como havia determinado. (1)

PATRIARCAS.

1 QUerendo o Fideliſſimo Rey D. Joaõ V. promover, e exaltar com ardentiſſimo zelo o mayor culto de Deos, e o eſplendor da ſua Igreja, impetrou do Summo Pontifice Clemente XI. a Bulla Aurea, que começa: *In ſupremo*

 Apoſ-

[1] Souſa Hiſtoria Genealogic. tom. 12. pag. 850. Fonſeca Evora glorioſa num. 597. Carvalho Corografia Portug. tom. 3 p. 349. Anno Hiſtorico tom. 3. pag. 107.

Apoſtolatûs ſolio, expedida aos 7 de Novembro de 1716, pela qual fez erigir na Collegial inſigne da Real Capella huma Cathedral Metropolitana, e Patriarcal, dividindo para eſte effeito a Cidade de Lisboa, e ſeu Arcebiſpado em duas Metropolis com territorios diſtinctos, ficando os que pertenciaõ à linha diviſoria da parte do Naſcente ſujeitos ao Prelado de Lisboa Oriental, e os que olhavaõ para o Poente ao Patriarca de Lisboa Occidental, a quem tambem unio a dignidade de Capellaõ mór, e o privilegio de poder andar veſtido em habito purpureo.

2 Feita a diviſaõ, nomeou ElRey em primeiro Patriarca ao Illuſtriſſimo D. Thomás de Almeida entaõ Biſpo do Porto: e para que a ſua juriſdiçaõ Metropolitica Patriarcal foſſe omnimoda, tornou a unir as duas Cidades, e Metropolis em huma ſó por Bulla do Papa Benedicto XIV., paſſada a 13 de Dezembro de 1740, e começa: *Salvatoris noſtri*, abrogando, e extinguindo a antiquiſſima Sé de Lisboa Oriental, incorporando, e eſtabelecendo huma ſó Igreja Patriarcal, a quem conſtituío por ſuffraganeos os Biſpados de Leiria, Lamego, Guarda, Portalegre, e os Ultramarinos do Funchal, Angra, Maranhaõ, e Graõ Pará.

I.

D. Thomás de Almeida, Cardeal.

Deſde o anno de 1717.

3 DA grande, e illuſtriſſima Caſa dos Condes de Avintes, e Arcos naſceo D. Thomás de Almeida em Lisboa aos 11 de Setembro de 1670. Logo nos ſeus primeiros annos teve para as ſciencias huma inclinaçaõ taõ dominante, que contribuío muito para ſe fazer diſtincto entre os mais appli-

applicados ſeus contemporaneos. Doutorado na Univerſidade de Coimbra na faculdade dos ſagrados Canones, tendo alli ſido Porcioniſta do Real Collegio de S. Paulo, paſſou para Deputado da Inquiſiçaõ de Lisboa a 21 de Junho de 1695, e daqui para Deſembargador do Porto, qualificando primeiro no ſupremo Tribunal do Deſembargo do Paço a ſua ſciencia com o rigoroſo exame *de jure aperto.*

4 Do Porto veyo para a Caſa da Supplicaçaõ de Lisboa, e neſta Corte, e ſeus Tribunaes, deſde o miniſterio de Paroco da Igreja de S. Lourenço, em que foy Prior, exerceo as mais honroſas occupações; pois foy Procurador da Fazenda, e Eſtado da Rainha, Deputado da Meſa da Conſciencia, Juiz do Fiſco Real, Chanceller mór do Reino, Secretario das Mercês, Expediente, e Eſtado, Provedor das Obras do Paço, cujos ſublimes empregos cumprio inteiramente com acerto, benevolencia, e zelo.

5 Taõ ſublimes merecimentos ſe faziaõ dignos de hum premio tambem ſublime. Aſſim foy elevado à dignidade Epiſcopal de Lamego por Bulla de Clemente XI. de 6 de Dezembro de 1706, e naquella Dieceſe deu bem a conhecer o caracter de ſeu generoſo coraçaõ. Deſte paſtoral governo paſſou para o do Porto em 17 de Outubro de 1709, onde no anno ſeguinte fez celebrar hum Synodo Dieceſano para o bom regimen dos ſeus ſubditos, os quaes em todo o tempo que tiveraõ a felicidade de o conhecer Paſtor, experimentaraõ juntamente nelle huma prudente vigilancia, e hum amor caritativo de pay.

6 Conhecendo o Fideliſſimo Rey D. Joaõ V. as relevantes prendas de D. Thomás de Almeida, o elegeo para a nova dignidade de Patriarca de Liſboa, que o Papa Clemente XI. confirmou pela Conſtituiçaõ *Romani Pontificis* de 7 de Dezembro de 1716, em virtude da qual mandou elle tomar poſ-

ſe

ſe em 9 de Janeiro de 1717 por ſeu eſpecial Procurador o Illuſtriſſimo D. Joſeph Dionyſio Carneiro; e a 13 de Fevereiro do meſmo anno fez ſua entrada publica ſolemniſſima, e com huma pompa nunca até alli viſta de igual eſplendor, e luzimento deſde as portas de Santo Antaõ até a Igreja Patriarcal. Conſtituido em taõ alta dignidade, e accumulado de honras, e mercês, que a generoſidade incomparavel delRey lhe tributou, deu principio ao exercicio da ſua Prelatura no primeiro de Março do ſobredito anno, indo peſſoalmente viſitar a mayor parte do ſeu Patriarcado, conferindo no meſmo tempo o Sacramento da Confirmaçaõ a muitas mil peſſoas, e diſtribuindo com maõ larga pelos pobres innumeraveis eſmolas.

7 Querer numerar as funções differentes, e copioſas, que exerceo como proprias da ſua dignidade em todo o progreſſo dos trinta e ſete annos que a occupou, ſeria fazer huma narraçaõ immenſamente dilatada. Baſta dizer, que adminiſtrou o Bautiſmo a muitos Sereniſſimos Infantes de Portugal, e Grandes do Reino: benzeo muitos Templos, ſinos, e imagens: conferio todos os gráos das Ordens a innumeraveis peſſoas, que ſe deſtinavaõ ao eſtado Eccleſiaſtico: ſagrou hum numero muito creſcido de Biſpos, e Arcebiſpos: fez, e celebrou infinitos Pontificaes: e finalmente em todas as diverſiſſimas funções ordinarias, e extraordinarias, que incanſavelmente executou, e a que aſſiſtio, fez brilhar ſempre com a ſua reſpectiva, mas agradavel preſença, hum ſummo deſembaraço, intelligencia, gravidade, e luzimento com geral acclamaçaõ de todos. Bem ſe via, que para eſtabelecer taõ alta dignidade ſó era proprio o ſublime eſpirito de hum tal Prelado.

8 Havia elle já como Patriarca poſſuido as honras da Purpura Cardinalicia; porém o Papa Clemente XII. venerando muito as grandes virtudes de

D.

D. Thomás, o aſſociou ao ſagrado Collegio, creando-o Cardeal no Conſiſtorio de 20 de Dezembro de 1737 por nomina delRey, que ſempre ſe lembrou de o exaltar a mayores venerações. Como era dotado de hum animo heroicamente generoſo, foraõ muitas as occaſiões, em que o manifeſtou.

9 Tal foy o magnifico Palacio, e delicioſo Jardim, que fez edificar em o ſitio de Santo Antonio do Tojal: os dous chafarizes publicos, e perennes de excellente agua conduzida de longe para aquelle lugar por aqueductos reforçados: a reedificaçaõ, e augmento do Palacio, e Quinta Archiepiſcopal de Marvilla, com a ſoberba, e utiliſſima calçada do novo caminho pela parte da marinha: a nobiliſſima fonte de agua ſalutifera encaminhada para a Villa de Alhandra, até entaõ deſtituida de taõ preciſo elemento.

10 Eſta meſma generoſidade, e grandeza de animo ſeguio na edificaçaõ dos Templos para augmentar o culto Divino. Diſpendeo groſſiſſimo cabedal no Moſteiro, e fundaçaõ da Igreja das Religioſas Trinas de Campolide: na dos Clerigos da Miſſaõ em Rilhafolles: na erecçaõ da nova Paroquia de Santa Iſabel, à qual para effeito de ſe concluir a Igreja deu toda a ſua precioſiſſima copa de prata, que conſtava de mais de mil e quinhentos marcos de pezo, mandando fabricar para ſeu uſo outra de metal mais humilde. Em fim ſaõ taõ copioſos os argumentos de generoſidade, clemencia, juſtiça, religiaõ, caridade, e outras meritorias virtudes, que reſplandeciaõ neſte Eminentiſſimo Prelado, que a meſma abundancia das ſuas louvaveis acções nos faz pobre de palavras para as expreſſar devidamente. Morreo aos 27 de Fevereiro de 1754 com toda a firmeza de hum homem Chriſtaõ, Heróe, e juſto. Jaz ſeu corpo em ſepultura raza ao pé da Capella mór no meyo do cruzeiro da Igreja de S. Roque de Lisboa.

II.

D. Joſeph Manoel, Cardeal.

Deſde o anno de 1754.

1 NAſceo eſte Eminentiſſimo Prelado em Liſboa aos 25 de Dezembro de 1686, nono filho de D. Luiz Manoel de Tavora, IV. Conde da Atalaya. Deſtinando-ſe à vida Eccleſiaſtica, foy Porcioniſta no Collegio Pontificio de S. Pedro, donde veyo para Deaõ da inſigne Collegiada de S. Thomé na Capella Real. A ſua grande integridade de animo o fez lembrar ao Fideliſſimo Rey D. Joaõ V. para Deputado da Junta dos Tres Eſtados; e com a erecçaõ da Santa Igreja Patriarcal foy Principal Decano da ſacroſanta Igreja de Liſboa, e creado Cardeal pela Santidade de Benedicto XIV. no anno de 1747.

2 Por fallecimento do Eminentiſſimo D. Thomás de Almeida foy eleito pelo Fideliſſimo Rey D. Joſeph I. em ſegundo Patriarca aos 9 de Março de 1754, e a 2 de Junho do meſmo anno mandou tomar poſſe da ſua Igreja pelo Principal D. Joaõ de Mello com grande acclamaçaõ dos ſeus ſubditos, eſperando todos da rectidaõ da ſua juſtiça huma reforma dos coſtumes, que a relaxaçaõ tem viciado.

3 Como o nobre coraçaõ de taõ egregio Prelado eſtava ſempre no exercicio da paciencia chriſtã com a tolerancia de repetidas moleſtias; ellas lhes ſubminiſtraraõ no animo huma grande diſpoſiçaõ, e alento em o geral fracaſſo do terremoto, e incendio de Liſboa ſuccedido no ſegundo anno de ſeu Pontificado. Conſtantemente ſoffreo naõ ſó os deſcommodos proprios naquella ſubita ruina; mas ſentio muito mais os trabalhos, o deſamparo, e a deſordem em que ſe vio o rebanho das ſuas ovelhas diſper-

perſas, e attenuadas. Aſſim o moſtrou na providente determinaçaõ com que mandou erigir Altares em muitas partes do campo, dando tambem faculdade a todos os Sacerdotes para exercerem naquelle aperto o miniſterio de Confeſſores; porque ao afflicto, e deſanimado povo em occaſiaõ taõ penoſa lhes naõ faltaſſe o poſſivel conforto eſpiritual, já do Sacrificio da Miſſa, já da abſolviçaõ das culpas. Atenuado finalmente das muitas moleſtias que padecia querendo buſcarlhes algum alivio com a mudança de ares, paſſou para o ſeu palacio da Atalaya, mas lá o eſperava a morte que elle havia tempo premeditava, e preparado com o Santo Viatico, faleceo a 9 de Julho de 1758 da huma hora para as duas da tarde.

III.

D. Franciſco Saldanha, Cardeal.

Deſde o anno de 1759.

1 DO illuſtre tronco dos Senhores de Aſſequins, e Condes da Ponte, naſceo eſte Eminentiſſimo Prelado em Lisboa a 20 de Mayo de 1723, filho ſeptimo de Luiz de Saldanha da Gama, e D. Anna de Menezes filha dos Condes de Santiago. A Providencia Divina o dotou de hum genio taõ docil, e ſuave, que affeiçoando-ſe ao exercicio das letras, e fazendo nella diſtinctos progreſſos, paſſou a ſer Porcioniſta no Collegio Real de Coimbra, onde fez os ſeus actos com eſplendor, e applauſo dos Meſtres.

2 Na promoçaõ dos Prelados da Santa Igreja Patriarcal foy elle hum dos que lembraraõ promptamente à vigilancia do Senhor Rey D. Joaõ V. de cuja dignidade tomou poſſe em 15 de Janeiro de 1743. Da qual paſſou para a de Principal em 23 de Agoſto de 1755. E depois no anno ſeguinte foy

elevado à ſublime dignidade Cardinalicia pelo Papa Benedicto XIV.

3 Como a grande capacidade deſte Principe Eccleſiaſtico faz attender na ſua peſſoa, e virtudes merecimentos ſuperiores a todos os cargos, o elegeo a meſma Santidade de Benedicto XIV. para Viſitador, e Reformador Geral Apoſtolico da Religiaõ da Companhia de Jeſus neſtes Reinos de Portugal, e ſeus Dominios pela Bulla *In ſpecula ſupremæ dignitatis*, paſſada em o primeiro de Abril de 1758 em Santa Maria Mayor: a cuja incumbencia deu exercicio em o primeiro de Junho do dito anno na Igreja de S. Roque com grande benignidade, e prudencia.

4 Naõ ſatisfeita a generoſidade do Fideliſſimo Rey D. Joſeph I. de honrar a peſſoa do Senhor D. Franciſco, lhe conſeguio do Papa Benedicto XIV. a Bulla de Patriarca III. de Lisboa, em cuja dignidade foy eleito a 25 de Julho de 1758, por morte do Eminentiſſimo D. Joſeph Manoel. Della mandou tomar poſſe o novo Prelado a 12 de Julho de 1759 pelo Principal D. Fernando dos Condes de Santiago, fazendo-ſe a funçaõ com grande acompanhamento da Corte pelas onze horas da manhã: e a 5 de Agoſto do meſmo anno ſe fez na Capella do ſeu Palacio da Junqueira a ceremonia da ſagraçaõ; dando elle veſpera da Natividade da Senhora 7 do Setembro ſeguinte a ſua entrada, à qual aſſiſtiraõ as Peſſoas Reaes, e toda a Corte com pompa, e luzimento eſpecial.

5 Eu bem quizera elogiar as grandes virtudes deſte Prelado Eminentiſſimo, mas os eſtreitos limites a que me cingi, me naõ permittem incluir o immenſo no abbreviado; ſó digo que no progreſſo de ſua exemplar vida, que a Deos pedimos ſeja dilatada, todas as ſuas acções ſublimes o conſtituiráõ immortal na memoria dos homens.

MAPPA CHRONOLOGICO
dos Arcebiſpos, e Patriarcas de Lisboa.

	Ann. da erecçaõ.
1 D. Joaõ Anes	1394
2 D. Joaõ Eſteves de Azambuja, Cardeal	1402
3 D. Diogo Alvares	1414
4 D. Pedro de Noronha	1424
5 D. Luiz Coutinho	1453
6 D. Jayme, Cardeal	1453
7 D. Affonſo Nogueira	1459
8 D. Jorge da Coſta, Cardeal	1464
9 D. Martinho da Coſta	1501
10 D. Affonſo, Infante, e Cardeal	1523
11 D. Fernando de Vaſconcellos, e Menezes	1540
12 D. Henrique, Infante, Cardeal, e Rey	1564
13 D. Jorge de Almeida	1570
14 D. Miguel de Caſtro	1586
15 D. Affonſo Furtado de Mendoça	1527
16 D. Joaõ Manoel	1633
17 D. Rodrigo da Cunha	1636
18 D. Antonio de Mendoça	1669
19 D. Luiz de Souſa, Cardeal	1676
20 D. Joaõ de Souſa	1703

PATRIARCAS.

1 D. Thomás de Almeida, Cardeal	1717
2 D. Joſeph Manoel, Cardeal	1754
3 D. Franciſco Saldanha, Cardeal	1759

§. VI.

Da Capella Real, e Santa Igreja Patriarcal de Lisboa.

1 SEndo ſempre os Soberanos Reys Portuguezes taõ pios, e religioſos, huma das couſas, em que pozeraõ mayor cuidado, foy no governo, e or-

dem da ſua Capella, a qual deſde o principio do Reino tiveraõ com grande mageſtade, culto, e concerto.

2 O coſtume de ter Capella Real foy introduzido em Heſpanha pelos Reys Suevos, (1) dos quaes ſe lê no Concilio de Lugo, celebrado no anno de 569, reinando ElRey Theodomiro, que tinhaõ por Capellães móres aos Biſpos de Dume junto a Braga, cujas ovelhas, e ſubditos eraõ ſó a familia do Paço, e criados delRey, como bem adverte Fr. Bernardo de Brito contra Garcia de Loyaza. (2) Faziaõ os taes Biſpos Pontificaes na Capella, que devia ſer de grande mageſtade, pois entre os Condes do Paço era nomeado o Conde dos Sacrarios, que todos entendem ſer o Theſoureiro mór da Capella Real.

3 Eſte antiquiſſimo monumento de Religiaõ, e pio coſtume, deduzido aſſim dos Reys Suevos, achamos conſtantemente imitado, e obſervado pelos noſſos Monarcas, pois deſde o primitivo reinado do ſanto Rey D. Affonſo Henriques ſe vê erecto o officio de Capellaõ mór na peſſoa do Arcebiſpo de Braga D. Payo Mendes, conforme a doaçaõ do meſmo Rey feita aos 6 das Kalendas de Junho de 1146, que exiſte no Cartorio da Sé daquella Primacial, onde entre outras couſas diz: *Inſuper dono tibi, atque concedo in Curia mea totum illud, quod ad Clericale officium pertinet, ſcilicet, Capellaniam, Scribaniam, & cætera omnia, quæ ad Pontificis curam pertinent, ut in manu tua, in manu ſucceſſorum tuorum, qui me dilexerunt, totum meum conſilium committo.* E do meſmo tempo conſta ſer erecta em Capella Real a Igreja de Noſſa Senhora da Oliveira em Guimarães,

[1] Turtureti no liv. Capilla Real de Madrid apud Carafa de Capella Regis utriuſque Siciliæ cap. 1. n. 7. [2] Monarq. Luſit. part. 2. liv. 6. cap 14. Veja-ſe tambem a Cardoſo no Agiolog. Luſit. tom. 1. pag. 399. e o Author do Santuar. Marian. tom. 7. p. 152.

rães, (1) e com a propria dignidade enobrecidas a de Santa Cruz em Coimbra, a de Santa Maria de Alcaçova em Santarem, e à ſua imitaçaõ as Paroquiaes de S. Bartholomeu, e S. Martinho em Liſboa, e a Igreja de Noſſa Senhora da Eſcada junto a S. Domingos. (2)

4 Continuou eſte culto diſtincto até o tempo delRey D. Diniz, que no anno de 1299, querendo neſta materia levar ventagem a ſeus anteceſſores, foy o primeiro que com a Rainha Santa Iſabel ſua eſpoſa inſtituío dentro do ſeu Palacio, que era no Caſtello de Lisboa, Capella Real com a invocaçaõ de S. Miguel, eſtabelecendo-lhe Miſſa perpetua, e ordenando tambem ſe rezaſſem nella as Horas Canonicas, ſegundo o eſtylo Romano, conſentindo niſſo o Biſpo da Cathedral de Lisboa, que entaõ era D. Joaõ Martins de Soalhães; o qual paſſados dous annos, no de 1301 juntamente com o beneplacito do ſeu Cabido, por gratificar os beneficios, que do dito Rey haviaõ recebido, ſe obrigou por huma eſcritura publica a manter dous Capellães com ſeus Mouſinhos, iſto he, Acolytos, naõ ſó na ſobredita Capella Real de Lisboa, mas tambem na de Torres-Vedras, que alli inſtituira a Rainha D. Brites, mãy do dito Rey D. Diniz, como tudo conſta de duas certidões, que vimos, extrahidas da Torre do Tombo, e aſſinadas pelo ſeu Guarda mór Joaõ Couceiro de Abreu. (3)

5 Governando ElRey D. Duarte, e vendo que na dita Capella de Lisboa ſe naõ cantava como devia ſer, mandou em 18 de Março de 1437, que ſe obſervaſſe a inſtituiçaõ delRey D. Diniz, accreſcentando para eſſe effeito o ordenado ao Capellaõ mór em duzentas e dez mil livras cada anno, e nome-

[1] Eſtaç. nas Antiguid. de Portug. cap. 25. num. 6. [2] Souſ Hiſt. Geneal da Caſa Real Portug. tom. 1. [3] Veja-ſe tambem Brandaõ na Monarq. Luſit. part. 5. liv. 17. cap. 48. e liv. 18. cap. 9.

meando logo na tal dignidade a Affonſo Vicente, criado do Infante D. Henrique ſeu irmaõ.

6 Seguio-ſe no governo ſeu filho ElRey D. Affonſo V., que herdando o meſmo zelo da Religiaõ, quiz augmentar o eſplendor da ſua Capella, eriginado mayor numero de Capellães, e Cantores para rezarem nella ſolemnemente as Horas Canonicas; e ſem embargo, que o Chroniſta mór Frey Franciſco Brandaõ (1) diga que para iſto mandara vir o ſobredito Rey huma copia do Ceremonial, que os Reys de Inglaterra praticavaõ na ſua Capella, por onde ſe regulaſſem os ſeus Capellães, conſta todavia do Breve de Eugenio IV., (2) paſſado em Florença no anno de 1439, que eſta graça fora concedida, para que na Capella Real deſte Reino ſe celebraſſem os Officios Divinos ſómente pelo rito Romano.

7 Todo eſte louvavel intento ſe vio executado em tempo delRey D. Joaõ II., o qual, como diz Reſende, (3) ordenou no anno de 1495, que houveſſe na ſua Capella todos os dias Horas Canonicas, applicando-lhe para iſſo rendas, e diſtribuições como em Sé Cathedral, e alcançando do Papa Xiſto IV. grandes iſenções, e privilegios para os Miniſtros, que ſerviſſem, e ſe occupaſſem nella.

8 Depois quando o venturoſo Rey D. Manoel mandou edificar no terreiro do Paço o magnifico Palacio chamado da Ribeira, mudando-ſe do Caſtello, collocou alli a ſua Capella Real, dedicando-a ao Apoſtolo S. Thomé, Protector da India, e foy o ſeu primeiro aſſento no lugar do Tribunal da Me-

---

[1] Brand. Monarq. Luſitan. pag. 441. [2] *Cum itaque in dicendis Horis Canonicis morem Romanæ Eccleſiæ in Capella tua obſervari ſpeciali devotione deſideres... Horas Canonicas per Capellanos, & Cantores tuos pro tempore exiſtentes, necnon Miſſas, & Officia hujuſmodi dicere valeant, nec teneantur, ſi voluerint, ad morem, vel ordinem alium ſuper his obſervandum.* Vide Souſ. no tom. 5. das Prov. [3] Reſende Chronic. cap. 57. e 190.

Meſa da Conſciencia, onde eſteve até o anno de 1581, como conſtava da memoria inſcripta em huma lapida embebida na parede por cima do aſſento do Preſidente, que dizia:

D. O. M.
Sub honore D. Thomæ Apoſtoli
Hic Rex Emmanuel Capellam Regiam
Dicavit, & translata fuit anno
1581.
Locum profanari vetat Religio.

E he de ſaber, que o antigo portico da dita Capella, que eſtava à maõ eſquerda de quem hia para o terreiro do Paço por baixo da ſala dos Porteiros da Cana, ſe acabou de deſmanchar em 2 de Abril de 1751, abrindo-ſe no lugar do ſeu pavilhaõ duas janellas para a nova Secretaria de Eſtado dos negocios do Reino. Conſeguio ElRey D. Manoel muitos privilegios do Papa Leaõ X., com que exaltou a dignidade de Capellaõ mór, os quaes refere Cabedo, e D. Antonio Caetano de Souſa. (1)

9 ElRey D. Joaõ III., por ſer naturalmente inclinado às couſas da Igreja, ſe eſmerou muito mais na authoridade da ſua Capella, enriquecendo-a de precioſos ornamentos, e accreſcentando mayor copia de Muſicos. Obteve tambem no anno de 1522 do Pontifice Adriano VI. o indulto de ſe poder rezar nella todos os Sabbados do anno o Officio de Noſſa Senhora, e nas terças feiras o do Archanjo S. Miguel, naõ ſendo dias claſſicos, ou duples. (2)

10 A ordem da liturgia, que por eſte tempo praticavaõ os Reys na aſſiſtencia da Capella Real, era eſta: Havia huma cortina, dentro da qual eſtava ElRey aſſentado em cadeira, e detrás delle os In-

---

[1] Cabed. de Patron. Regio cap. 43. Souſ. Hiſtor. General. tom 2. das Provas p. 245. & ſeq. [2] O meſmo Souſ. ibid. p. 758.

Infantes em outras cadeiras mais baixas, e hum pouco affaſtadas. Os filhos dos Infantes tinhaõ em lugar de cadeiras almofadas, e ſó quando ElRey ouvia Miſſa em tribuna, ſe aſſentavaõ em cadeiras razas com alcatifas pequenas, affaſtadas hum pouco da delRey. Havia mais hum pagem do livro chegado à cortina, e ſervia de ter as Horas, por onde ElRey rezava.

11 Da parte de fóra da cortina eſtava o aſſento dos Duques, e depois o banco dos Condes; e o dos Biſpos ficava defronte delRey, e acima da cortina o aſſento dos Embaixadores. Havia cinco modos de cortina, e eraõ: *Cortina cerrada*, quando ElRey eſtava com os Principes; *Cortina alçada*; quando eſtava com a Rainha; *Cortina*, quando eſtava em algum Coro de Religioſos; *Cortina*, quando eſtava em tribuna; e *Cortina*, quando eſtava em janellas.

12 A' porta da Capella o Arcebiſpo, ou Biſpo mais antigo dava agua benta a ElRey, ao Principe, e Infantes; porém nos Pontificaes, que cahiaõ em Domingo, o Biſpo, que fazia o Pontifical, lha dava na cortina; e quando naõ havia Biſpo na Capella, fazia eſte officio nos Domingos o Diacono na cortina, e nas Miſſas rezadas o Hebdomadario. Naõ ſe começava a Miſſa até ElRey naõ fazer ſinal ao Deaõ, e elle (ſendo Pontifical) o fazia ao Biſpo, e ſendo a Miſſa cantada, ao Meſtre da Capella, e nas rezadas ao Theſoureiro mór.

13 Principiada a Miſſa, dizia o Capellaõ mór a Confiſſaõ, Gloria, e Credo com ElRey dentro na cortina; e havendo ElRey de rezar o Officio Divino, o fazia com elle o Capellaõ mór, e em ſua auſencia o Deaõ. O Evangelho, incenſo, e paz, que os Reys tomavaõ na cortina, levava o Arcebiſpo, ou Biſpo, que preſidia no banco, acompanhado do Theſoureiro, e Meſtre das Ceremonias, e o Porteiro da Capella; e nos Pontificaes, quando naõ havia Biſpo, o Hebdomario. Os que davaõ agua benta in

incenſo, e paz, faziaõ reverencia aos Reys, e Principes ſómente, aos quaes em ſeu lugar incenſavaõ tres vezes, e elles faziaõ inclinaçaõ ao Altar; aos Infantes porém ſe incenſava duas vezes, eſtando fóra das cadeiras.

14 Muitas vezes vinhaõ fallar a ElRey, eſtando na cortina, Religioſos, Fidalgos, e Senhores, dando para iſſo ordem o Deaõ ao Porteiro, o qual tinha cuidado de haver ſilencio na Capella, e dava os lugares aos Biſpos, e Condes; e quando ElRey ouvia Miſſa em alguma Tribuna, Camera, ou Coro, eſtava ſempre à porta. Tudo que era da juriſdiçaõ da Capella deſpachava ElRey com o Capellaõ mór, Deaõ, e Eſmoler.

15 Nas quatro Paſcoas do anno, e nas Miſſas novas dos ſeus Capellães hiaõ os Reys à offerta, ſahindo fóra da cortina, acompanhados dos Infantes, e Senhores, levando ElRey a Rainha à maõ direita até o Altar, onde o ſeu Eſmoler eſtava de joelhos com a offerta junto do Subdiacono, que tinha o prato nas mãos para a receber. Aqui ſobre huma alcatifa grande tinhaõ o Repoſteiro mór delRey, e o Védor da Rainha cada hum ſua almofada na maõ, a qual punhaõ aos Reys, e de joelhos offertava primeiro a Rainha, dando-lhe ElRey niſto o primeiro lugar, e depois ElRey, lançando-lhe o Eſmoler a offerta no prato, e com iſto ſe tornavaõ os Reys com a meſma ordem, fazendo-lhes os Fidalgos, e Grandes ſuas cortezias, que ſó neſtes dias ſe permittia; porque aos Reys de Portugal ninguem fazia mezura, ſenaõ os Senhores, que elles mandavaõ cubrir.

16 Quando ElRey eſtava em parte, que naõ hia à offerta, mandava por ſi ao ſeu Eſmoler; porém no dia de Reys offerecia ſempre ElRey com a ſua propria maõ a offerta, para o que ſahia da cortina, e poſto de joelhos diante do Biſpo ſobre a almofada, (que já tinha poſto na alcatifa o Repoſteiro

mór) tomava o Eſmoler da maõ do Eſcrivaõ da Eſmolaria huma ſalva grande, em que hiaõ trinta cruzados de ouro, e huma quantidade de incenſo, e myrrha, e a apreſentava a ElRey, o qual tomava com ſuas máos cada couſa deſtas, e a offerecia no prato, que tinha o Subdiacono. A cinza, e a palma de dia de Ramos dava a ElRey o Biſpo, que a benzia; e a véla de Noſſa Senhora das Candeas, e da Paſcoa tomava dentro da cortina da maõ do Mordomo mór, que lhe dava o Biſpo Capellaõ mór.

17 Os tres dias, que o Santiſſimo Sacramento eſtava deſencerrado até dia de Paſcoa, dormiaõ os Reys deſte Reino junto ao Altar ſem ſe deſpirem, e jejuavaõ eſtes tres dias a paõ, e agua; e na manhã de Paſcoa mandavaõ fazer huma ſolemne Prociſſaõ, em que hiaõ os Reys, Principes, e Infantes com todas as Damas, e Cortezãos, precedendo adiante os Porteiros das maſſas, e todo o genero de inſtrumentos muſicos, que na Corte havia. Acompanhavaõ a ElRey neſta Prociſſaõ o Mordomo mór, Porteiro mór, Védor da Caſa, e Meſtre-Sala com os Cavalleiros do habito de Chriſto. Ordinariamente levava ElRey huma das varas do Pallio, e as outras os Commendadores mais antigos; porém ElRey D. Sebaſtiaõ uſou em lugar delles dos Condes, e Conſelheiros de Eſtado, e elle hia ſempre veſtido com o ſeu habito branco de Cavalleiro.

18 Quando eſta Prociſſaõ paſſava pelo terreiro do Paço, ſe chegavaõ bem à terra as mais das náos, e navios, que naquella paragem eſtavaõ, e diſparavaõ toda a artilharia, e muitas invençóes de fogo feſtivo. A todos os Fidalgos, que hiaõ na Prociſſaõ, mandava ElRey duas vélas, e ao povo ſe repartiaõ em numero de ſete, ou oito mil. Chegando à ſala grande, ſe recolhiaõ ElRey, Rainha, e Infantes a commungar em ſeus Oratorios. ElRey ouvindo Miſſa rezada de ſeu Confeſſor, commungava da ſua maõ: tinhaõ-lhe a toalha dous Biſpos,

e dous Capellães Fidalgos duas tochas. Depois da Communhaõ ſe recolhia algum eſpaço, e logo ſe retirava à ſua Camera, donde tornava a ſeu tempo para ouvir a Miſſa do dia com a Rainha, Principe, e Infantes, Damas, e mais Corte, veſtidos todos de feſta.

19 Dia do Corpo de Deos hia ElRey à Sé acompanhar a Prociſſaõ. Sahia do Paço com a Rainha, Infantes, Damas, e toda a mais Corte, levando o Mordomo mór, e Porteiro mór ſuas canas ao hombro, e o Copeiro mór o eſtoque. Os outros Porteiros hiaõ com maſſas de prata, os Reys de Armas com as ópas ricas, e o Apreſentador das Tavoas da Rainha com ellas ao hombro. Apeavaõ-ſe todos na Sé, onde ouviaõ Miſſa cantada por huma Dignidade da Igreja, mas officiada pela Capella. Depois ſe ordenava a Prociſſaõ, e por concerto, que fez o Arcebiſpo D. Fernando de Vaſconcellos e Menezes, que tambem era Capellaõ mór, hum anno levava o Cabido a maõ direita, e o outro a Capella Real. ElRey hia detraz dos Commendadores da Ordem de Chriſto, poſto no meyo, e o Commendador mór da parte direita. (1) Nos ultimos annos delRey D. Joaõ, porque naõ podia tornar com a Prociſſaõ à Sé, ordenou que ſe desfizeſſe em S. Domingos, ficando o Senhor encerrado no Sacrario da Capella mór, e daqui teve principio eſte coſtume, que durou muitos tempos depois.

20 Entrando neſte Reino os poderoſiſſimos Reys de Caſtella, naõ conſentiraõ todavia, que ſe dimi-

 nuiſſe

---

[1] Tirámos a memoria deſta Liturgia de alguns manuſcritos, que vimos do inſigne Chantre de Evora Manoel Severim de Faria, dos quaes tambem teve noticia o eruditiſſimo, e Excellentiſſimo Principal D. Franciſco de Almeida, pois faz menç õ deſta Concordata nas Notas ao primeiro tomo do *Codex Titulor.* S. L. E. pag. 59. Veja-ſe tambem a Relaçaõ da ſolemniſſima Prociſſaõ, que ſe fez em Lisboa no anno de 1588 no recebimento das Reliquias, que ſe collocaraõ na Igreja de S. Roque, pag. 11.

nuiſſe o decoro, e eſplendor da Capella Real, antes ſabendo Filippe II., que naõ havia nella eſtatutos ſobre a fórma do ſeu governo, miniſtrando-ſe ſómente as couſas por tradiçaõ, e coſtume, mandou fazer novo Regimento em 2 de Janeiro de 1592, ſendo Capellaõ mór D. Jorge de Ataide.

21 Conſtava elle de vinte capitulos, dos quaes daremos hum breviſſimo extracto, por ſer eſte o primeiro Regimento da Capella Real, de que temos memoria. No primeiro trata do Capellaõ mór, ſuas qualidades, obrigações, e regalias. No ſegundo do Deaõ, que deve ſucceder em Capellaõ mór. No terceiro do Biſpo dos Pontificaes, que naõ tenha obrigaçaõ Paſtoral, para eſtar liberto, e fazer os Pontificaes na Capella. No quarto dos Prégadores. No quinto do Auditor do Capellaõ mór, e Juiz ordinario dos Capellães, e mais Miniſtros da Capella. No ſexto do Theſoureiro da Capella, o qual diz, que ſerá Capellaõ de authoridade, e terá as chaves do Sacrario, e do theſouro.

22 No ſetimo trata do numero dos Capellães, e ordena que além do Capellaõ mór, Deaõ, e Theſoureiro haja trinta Capellães, vinte e ſeis para rezarem no Coro, e os quatro para confeſſarem: aqui manda tambem que todos tragaõ lobas, e ſobrepellizes, ſalvo os que forem Freires das Ordens de Chriſto, e S. Bento de Aviz, que traraõ mantos brancos de ſeu habito ſobre as lobas; e os Freires do habito de Santiago naõ traraõ mantos, ſenaõ ſobrepellizes, conforme a ſua Regra, e todos juntamente rezaráõ na Capella as Horas Canonicas Romanas.

23 No oitavo trata do provimento dos Capellães, que quer ſejaõ todos filhados. No nono do Meſtre das Ceremonias, que ordena ſejaõ dous eſcolhidos de entre os Capellães. No decimo dos Cantores, Tangedores, e Porteiros. Diz que haja hum Meſtre de Capella, e vinte e quatro Cantores,

ſeis

ſeis de cada voz, dous baixões, e huma corneta, os quaes Cantores ſeraõ tambem filhados: que haja dous Tangedores de orgaõ, quatro Porteiros da Capella, e que nenhum deſtes Miniſtros poderáõ entrar nella, nem ir nas Prociſsões com eſpadas, nem com ſombreiros, nem capas de capello, ſenaõ com manteos, ou farregoilos compridos, que pelo menos paſſem de meya perna, com barretes, carapuças, ou gorras.

24 Trata no capitulo undecimo dos Moços da Capella, e ordena que haja dezoito, de bom naſcimento, vida, e coſtumes: que tragaõ roupas compridas, que pelo menos lhe dem quatro dedos abaixo dos joelhos, e na Capella tragaõ lobas com mangas até os pés, e os que a tiverem, a traraõ tozada por todas as partes; e tanto que algum delles caſar, ſerá logo riſcado, e paſſará a outro foro. No duodecimo falla dos Moços da Eſtante, e diz que haja quatro. No decimo terceiro trata do Varredor da Capella. No decimo quarto da diſtribuiçaõ: alli ſe vê que o gaſto todo da Capella naquelle tempo montava em hum conto quinhentos ſetenta e dous mil quatrocentos oitenta e dous reis, o qual por parecer pouco a ElRey, o accreſcentou, e dotou em dous contos de reis.

25 No capitulo decimo quinto trata da eleiçaõ dos Officiaes da diſtribuiçaõ. No decimo ſexto trata das offertas, e diz como em dia de Reys dava o Eſmoler mór doze mil reis, e cinco arrateis de incenſo, e hum de myrrha; e em dia, que algum Capellaõ dizia Miſſa nova, lhe dava o meſmo Eſmoler ſeis mil reis para elle, e mais vinte e quatro mil reis para repartir pelos outros Capellães: que em dia da adoraçaõ da Cruz em Sexta feira ſanta dava o dito Eſmoler doze mil reis; e nos dias do naſcimento dos Reys, Rainha, e Principes dava tantos cruzados, quantos eraõ os annos de ſuas idades.

26 No decimo ſetimo expoem os ordenados,

que

que percebiaõ cada anno os Miniſtros da Capella, com a diſtribuiçaõ ſeguinte; advertindo, que o Meſtre da Capella além do ſeu ordenado tinha cinco moyos de trigo, e todos os mais Miniſtros, quando eſtavaõ doentes, tinhaõ Medico, Cirurgiaõ, e Botica, ſegundo neſte meſmo capitulo faz expreſſa mençaõ o Regimento.

1	Ao Capellaõ mór	600U000
1	Ao Deaõ	400U000
1	Ao Biſpo dos Pontificaes	200U000
4	A cada hum dos Prégadores	50U000
1	Ao Auditor da Capella	20U000
1	Ao Promotor da Juſtiça	10U000
1	Ao Theſoureiro da Capella	100U000
30	A cada Capellaõ	40U000
3	A cada Meſtre de Ceremonias	12U000
1	Ao Meſtre da Capella	80U000
24	A cada Cantor	50U000
2	A cada Organiſta	50U000
4	A cada Porteiro	40U000
18	A cada Moço da Capella	20U000

No capitulo decimo oitavo trata de como ſe haõ de multar as faltas. No decimo nono do Recebedor, e no vigeſimo das deſpezas miudas.

27 O meſmo Capellaõ mór D. Jorge de Ataide em 31 de Agoſto de 1608 fez huma conſulta a ElRey para haver de ſe reformarem algumas couſas da Capella; e ElRey ordenou, que os trinta Capellães do Regimento ſe reduziſſem a vinte e quatro, e que deſtes foſſem tres Letrados, e Confeſſores, aos quaes ſe accreſcentaſſe mais dez mil reis de congrua, e tres moyos de cevada com a obrigaçaõ de terem mula. Tambem reformou o numero dos Cantores, mandando que houveſſe quatro Tiples, cinco Contraltos, cinco Tenores, e tres Contrabaixos.

28 Naõ

28 Naõ foy menor a eſtimaçaõ, e cuidado no augmento da Capella Real, que teve ElRey D. Filippe III., pois conhecendo a authoridade dos Capellães Regios, mandou ao Arcebiſpo D. Miguel de Caſtro, que entaõ o era deſta Cidade, e hum dos cinco Governadores deſte Reino, que foſſe fazer o Pontifical nas Exequias delRey Filippe II., e que naõ levaſſe as Dignidades da Sé para lhe aſſiſtirem, por quanto era ſervido que os Capellães da ſua Real Capella o fizeſſem. (1)

29 Depois no anno de 1610 ſe renovou com grande magnificencia a meſma Capella, e o ſeu pateo por direcçaõ do Marquez de Caſtello Rodrigo, ſendo Vice-Rey deſte Reino, à cuſta dos quatrocentos mil cruzados, que a Cidade de Lisboa promettera a ElRey D. Filippe III. E no anno de 1619, tendo o Marquez de Alanquer, Vice-Rey de Portugal, certeza de que o dito Rey Filippe III. vinha a eſta Cidade, mandou logo, entre outras muitas couſas, concertar os Paços de Lisboa; e porque a Capella Real ficava em baixo, e dava grande deſcommodo a ElRey, a fez edificar de novo no andar de cima, (2) poſto que incomparavelmente muito mais ennobrecida, e augmentada pelo Fideliſſimo Rey D. Joaõ V.

30 Com a feliz Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV. adquirio a Capella Real novo luſtre, e adiantamento. Foy ſempre nos Sereniſſimos Duques de Bragança muito diſtincta a ſobrenatural ſympathia para as couſas Eccleſiaſticas, e eſte Principe, que nos ſoberbos Palacios de Villa-Viçoſa tinha ſubido a huma alta reputaçaõ o eſplendor da ſua Capella, illuſ-

---

[1] Conſta de huma Carta, ou Aviſo regiſtado na Secretaria de Eſtado Anno de 1599 [2] Aſſim conſta da Hiſtoria annual de Portugal m. ſ. de Manoel Severim de Faria. O Author do Santuario Marian. tom. 1. pag. 297. diz, que depois da Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV. eſtivera a Capella Real na Sala dos Tudeſcos, em quanto ſe naõ fabricava a nova Capella.

illuſtrando-a com ampliſſimos privilegios, e graças Pontificias, (1) continuou a meſma magnificencia na de Lisboa, diſpondo nova ordem de liturgia para os dias, e feſtas ſolemnes, em que aſſiſtia publicamente aos divinos Officios com pompa Regia na fórma ſeguinte. (2)

31 Tanto que o Capellaõ mór dava recado em como tudo eſtava prompto para ElRey poder ir, ſahia Sua Mageſtade do ſeu apoſento acompanhado dos Titulos, Officiaes da Caſa, e mais Fidalgos, que alli ſe achavaõ, e eraõ aviſados antecedentemente pelo Porteiro mór. Os Titulos hiaõ da parte direita, e eſquerda por ſuas precedencias diſtancia de tres, ou quatro paſſos diante delRey, e diante delle o Mordomo mór com a ſua inſignia na maõ, que ainda naõ ſendo Titulo, hia neſte lugar, excepto ſe acompanhavaõ Infantes, diante dos quaes paſſava o Mordomo mór. Depois dos Titulos hiaõ os tres Officiaes da Cana, Porteiro mór no meyo, o Veador da banda direita, e o Meſtre-Sala da eſquerda; e havendo dous Veadores, o que naõ era de ſemana hia tambem da parte direita, mas no meyo com o Porteiro mór. Os demais Officiaes da Caſa, e Moços Fidalgos hiaõ diante deſtes ſem precedencia, e mais adiante os outros Fidalgos, que alli ſe achavaõ. Os Officiaes da Caſa eraõ Mordomo mór, Porteiro mór, Camareiro mór, Eſtribeiro mór, Guarda mór, Repoſteiro mór, Copeiro mór, Veador, Meſtre-Sala, Trinchantes, Capitães da Guarda, Capellaõ mór, Sumilheres da Cortina, Apoſentador mór, Monteiro mór, Armador mór, Eſmoler mór.

32 Detraz de Sua Mageſtade hiaõ os Cardeaes, e depois delles os Embaixadores, e logo os Arcebiſpos, e Biſpos, e Capellaõ mór com elles, ſe era Biſpo; e naõ o ſendo, hia com os meſmos Officiaes da

[1] Refere Souſa no tom. 4. das Prov. pag. 738. [2] Ibidem.

da Caſa; advertindo, que ſe ElRey levava cauda, lhe hia pegando nella deſcuberto o Camareiro mór mais junto à Peſſoa. Neſta fórma baixava Sua Mageſtade à Capella; e à porta, que eſtava no fim da eſcada, que deſcia da galaria da banda de fóra, por huma, e outra parte eſtavaõ as guardas em duas alas governadas por ſeus Capitães, e Tenentes. O Corregedor do Crime da Corte, e Caſa hia diante de todos, levando comſigo o Meirinho da Corte.

33 Antes delRey chegar à porta da Capella, o Arcebiſpo, ou Biſpo mais antigo, que alli ſe achava, ſe adiantava para dar agua benta a Sua Mageſtade, e naõ havendo Biſpo, o fazia o Capellaõ mór, ainda que naõ foſſe Biſpo. Tanto que ElRey entrava na cortina, lhe chegava o Repoſteiro mór a cadeira, ou almofada, e o meſmo fazia aos Infantes filhos legitimos delRey, e na auſencia do Repoſteiro mór tocava ao Veador da Caſa eſta ceremonia; e logo que Sua Mageſtade ſe aſſentava, ſahiaõ todos, que o acompanharaõ, para os ſeus lugares.

34 Os Cardeaes tinhaõ ſeus lugares da parte do Evangelho mais chegados ao Altar em cadeiras de eſpaldas, e logo abaixo em banco cuberto de rás os Arcebiſpos, e Biſpos por ſuas antiguidades, começando a precedencia do Altar. O Capellaõ mór, ſendo Biſpo, ſe ſentava em huma cadeira raza, que eſtava da cortina para cima, entre ellas, e os degráos, que ſubiaõ para a parte do Evangelho; e quando Sua Mageſtade naõ hia à Capella, ſe ſentava no banco dos Biſpos, precedendo a todos, ainda que foſſe mais moderno, por Dieceſano da Caſa Real; e naõ ſendo Biſpo, eſtava em pé abaixo da cortina com os Sumilheres, nem fazia funçaõ alguma na Capella ſem ſobrepelliz.

35 Os Embaixadores ſe aſſentavaõ da grade para dentro em cadeiras razas de veludo com almofadas do meſmo defronte da cortina delRey, alguma couſa mais para baixo, e diante de cada hum ſe pu-

nha hum banquinho cuberto com hum panno de veludo. Os Duques da meſma grade para dentro junto à cortina delRey em cadeiras razas de veludo com ſuas almofadas do meſmo, e huma alcatifa debaixo das cadeiras naõ muito larga, em que punhaõ os joelhos. Da grade para fóra em primeiro lugar ſe punha o aſſento do Mordomo mór, ainda que naõ foſſe Titulo, por preeminencia do officio, ſendo que entaõ era a cadeira raza de couro preto. Depois delle ſe ſeguiaõ os aſſentos dos Marquezes, que eraõ cadeiras razas de veludo com almofadas do meſmo, e logo abaixo o dos Condes, que era hum banco cuberto com eſpaldeira de rás.

36 O Sumilher da ſemana ſe punha ao canto da cortina da banda debaixo, e os tres Officiaes da Caſa, Porteiro mór, Veador, e Meſtre-Sala em pé com ſuas inſignias da grade para dentro em fileira defronte da cortina delRey, alguma couſa por cima do lugar dos Embaixadores. Dentro da cortina ſe aſſentava Sua Mageſtade em cadeira de eſpaldas, e logo abaixo o Principe, e os Infantes em cadeiras iguaes, e em igual fileira; e os filhos dos Infantes mais abaixo em almofadas, duas a cada hum em lugar de cadeiras. O abrir da cortina tocava ao Sumilher da ſemana.

37 Depois de ElRey eſtar na cortina, hia logo o Capellaõ mór ao *Aſperges*, no dia, que ſe devia fazer: e fazendo primeiro ſua inclinaçaõ a ElRey, lhe deitava agua benta, e do meſmo lugar, fazendo a meſma inclinaçaõ, a deitava à Rainha, e logo ao Principe, e Infantes, os quaes, quando lha deitavaõ, a vinhaõ buſcar hum paſſo fóra da cadeira, e ſeus filhos dous, a quem o Capellaõ mór, ſendo Biſpo, naõ fazia inclinaçaõ; e naõ ſendo Biſpo, deitava agua benta o Prelado mais antigo.

38 Começada a Miſſa, hia o Capellaõ mór dizer a Confiſſaõ, Gloria, e Credo com ElRey dentro da cortina, e ſe havia de rezar o Officio Divino,

no, o rezava tambem com elle, e em ſua auſencia tocava ao Deaõ da Capella. Trazia o meſmo Capellaõ mór o Evangelho, o incenſo, e o Porta-Paz para ElRey beijar, e o Principe, e os Infantes; advertindo que ElRey, e o Principe ficavaõ aſſentados, e os Infantes hiaõ beijar, fazendo mezuras a Sua Mageſtade à ida, e vinda.

39 Quando ElRey hia à offerta, eſtava preſtes hum Repoſteiro com huma almofada de veludo, e beijando-a, a dava ao Repoſteiro mór, e elle tomando-a em ambas as mãos, e beijando-a, a punha aos pés do Celebrante, que eſtava no ultimo degráo do Altar; e ſe a Rainha eſtava preſente, lhe punha o ſeu Veador outra almofada na meſma fórma. Alli hia ElRey com a Rainha, e o Celebrante lhe dava a Imagem a beijar, e lhe deitava a bençaõ; e ſe era Biſpo, lhe dava tambem o anel a beijar; e o Eſmoler, que eſtava diante do Subdiacono, lançava a offerta no prato, e logo ſe tornava ElRey à cortina; e quando ſahia, tambem ſahiaõ o Principe, e Infantes, e eſtavaõ em pé fóra da cortina, até que Sua Mageſtade voltava, e quando paſſava, lhe faziaõ mezura, e ſe tornavaõ a ſeus lugares. Se a offerta era no dia da Cruz, ou de Miſſa nova, hiaõ primeiro offerecer os Prelados por ſuas antiguidades, e toda a Capella depois delles; e entaõ ElRey, Principe, Infantes, Embaixadores, Duques, Marquezes, Condes, e Fidalgos. Em dia de Reys ſe fazia a offerta da meſma ſorte, ſó com a differença, que o Eſmoler dava a offerta ao Principe, e eſte a ElRey, que a lançava por ſua maõ no prato.

40 Em dia de Noſſa Senhora das Candeas hiaõ primeiro tomar as vélas os Prelados, e Capella, e depois ElRey. Dava as vélas quem fazia o Officio, e depois que ElRey vinha do Altar, a entregava ao Capellaõ mór, e eſte a dava a hum Moço Fidalgo; e quando queria ſahir a Prociſſaõ, tornava eſte a dalla acceza ao Capellaõ mór, o qual a entregava a El-

ElRey. A véla, que ſe dava a Sua Mageſtade, era de huma vara, e duas terças de comprido, e tinha cinco arrates de pezo: a da Rainha era quaſi, ou pouco menos, da meſma grandeza, e pezo: a dos Infantes de vara e meya, e de tres arrates e meyo de pezo: a dos Embaixadores, e Duques de vara e terça, e de tres arrates: a dos Arcebiſpos, e Marquezes de vara e ſeſma, e de dous arrates e meyo: a dos Biſpos, e Condes de huma vara, e de dous arrates: a dos do Conſelho de huma vara menos huma ſeſma, e de arratel e meyo, e aſſim à proporçaõ a das outras peſſoas.

41 Na Prociſſaõ da meſma feſtividade hia Sua Mageſtade atraz do Biſpo com os Commendadores Prelados com os ſeus mantos; e havendo alguns Prelados, hiaõ atraz dos Capellães, diante do Celebrante. Em dia de Cinza hia ElRey tomalla ao Altar mór na meſma fórma, em que hia às offertas; e depois que o Biſpo a dava às peſſoas Reaes, para o que lhe tiravaõ a mitra, a tornava a pôr para dar a cinza aos Embaixadores, Duques, Marquezes, e Condes, eſtando em pé, e depois ſe ſentava, e a dava aos Officiaes da Caſa, Fidalgos, e mais gente.

42 No dia de Paſcoa dava o Mordomo mór a véla a ElRey para ir na Prociſſaõ, na qual como hia o Sacramento, e Sua Mageſtade com manto, naõ lhe levava o Camareiro mór a cauda, mas ElRey a punha ſobre as guarnições da eſpada. Os Commendadores hiaõ com ſeus mantos do Pallio para traz, e Sua Mageſtade no fim de todos, ſeguindo-ſe junto a elle de huma, e outra parte as Dignidades da Ordem de Chriſto, e depois as de Santiago, e Aviz. Neſte dia de Paſcoa commungava Sua Mageſtade com todos os Commendadores, e Cavalleiros das Ordens: ao dizer da Confiſſaõ ſe inclinava ElRey hum pouco, punha-lhe o Repoſteiro mór a almofada, mas Sua Mageſtade ſempre lha mandava tirar: ſuſtentavaõ-lhe a toalha dous Sumilheres, e

da-

dava-lhe a Communhaõ quem dizia a Miſſa, e o lavatorio o Capellaõ mór; e ſe eſte dizia a Miſſa, dava-lhe o lavatorio o Deaõ. Depois hiaõ commungar os Commendadores por ſuas antiguidades.

43 Com eſta formalidade aſſiſtia o Senhor Rey D. Joaõ IV. às funções Eccleſiaſticas na ſua Capella, cuja liturgia praticaraõ depois ſeus ſucceſſores com pouca diſcrepancia, naõ ſe eſquecendo jámais de augmentar nella o mayor culto de Deos tanto no formal, como no material: e como o Sereniſſimo Rey D. Pedro II. herdou de ſeu memoravel Pay o meſmo eſpirito de Religiaõ, naõ foy nelle menor a grandeza de ſeu zelo, nem deſigual o ardor de promover o decoro da ſua Igreja. Entre outros monumentos, que qualificaõ o deſvélo daquelle Real animo, foy a fabrica do Theſouro da Capella Real, que mandou fazer, e exiſtia no ſitio da Calcetaria junto da Caſa da Moeda, como conſta de huma inſcripçaõ aberta em letras de bronze em huma pedra primoroſamente lavrada, a qual inſcripçaõ foy compoſta pelo Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes; e porque naõ ſe perca de todo a ſua memoria, a copiamos aqui.

Sacram æque ſupellectilem
Regii Sacelli
Hæc domus condit,
Ac vere Regiam Conditoris munificentiam,
Pietatem, Religionem aperit,
Auguſtiſſimi videlicet Principis Petri,
Cujus auſpiciis, & expenſis
Erecta, compta, ditata eſt.
Anno ab aſſerta orbis ſalute
M. DC. LXXXII.
A' vindicata Luſitana libertate XLIII.

Todo eſte edificio ultimamente ſe demolio no mez de Abril de 1751, quando o Fideliſſimo Rey D. Joſeph I. fez doaçaõ das caſas, e ſitio da Calcetaria

ao

ao Reverendo Collegio dos Excellentiſſimos Princípaes da Santa Igreja Patriarcal, para nelle fazerem o Tribunal da Congregaçaõ da adminiſtraçaõ da fazenda, e theſouro da dita Igreja.

44 Chegou finalmente o tempo, e o governo do ſempre memoravel, magnanimo, e Fideliſſimo Rey D. Joaõ V., em que eſtava decretado do Ceo para a Capella Real a mayor oſtentaçaõ da ſua grandeza. Aquelle grandioſo eſpirito igualmente Regio, e Religioſo, que deſde o ſeu principio lhe inſpirou Deos para exaltar as glorias da ſua Igreja, ſe vio nelle taõ conſtantemente continuado até os ultimos alentos da ſua vida, que bem podemos dizer a acabara, levando atraveſſados no peito os ſagrados deſignios, e incomprehenſiveis idéas da mageſtade no augmento inſaciavel da Religiaõ, e ſeu culto.

45 Ainda naõ tinha completos tres annos de governo, quando em 24 de Janeiro de 1709 manifeſtou logo o ſeu liberal genio em accreſcentar a conſignaçaõ à ſua Capella Real, conſtituindo-lhe mais hum conto e ſeiſcentos mil reis todos os annos de congrua nos rendimentos da Alfandega deſta Cidade. No meſmo anno ampliou por Breve de Clemente XI. a Dignidade, regalias, e juriſdições do ſeu Capellaõ mór.

46 Naõ ſatisfeita a ſua idéa, fez erigir na ſua Real Capella por Conſtituiçaõ do meſmo Summo Pontifice Clemente XI. em o primeiro de Março de 1710 huma inſigne Collegiada com o titulo de S. Thomé Apoſtolo, condecorada com grandes prerogativas, e honras, inſtituindo-lhe ſeis Dignidades, dezoito Conegos, e doze Beneficiados, além de outros Miniſtros, ſubordinados todos ao Capellaõ mór, como ſeu proprio Ordinario, e lhes eſtabeleceo para congrua ſuſtentaçaõ doze contos quinhentos e cincoenta mil quinhentos e ſeſſenta reis; de fórma que ao Deaõ competia quatrocentos mil reis de congrua, a cada hum dos cinco Dignidades tre-

trezentos mil reis, a cada hum dos dezoito Conegos trezentos mil reis, a cada hum dos doze Beneficiados cento e cincoenta mil reis, e a cada hum dos Manſionarios oitenta mil reis, e aſſim tomaraõ poſſe aos 16 de Mayo de 1710. (1)

47 Conſtituida deſta fórma a inſigne Collegiada de S. Thomé na Capella Real, paſſou o meſmo Soberano a condecorar os ſeus Miniſtros com hum habito choral diſtincto do antigo, ordenando que os Conegos pudeſſem trazer ſobre o roquete capa magna roxa com capello forrado de pelles brancas de arminho em tempo de Inverno, iſto he, deſde Veſperas de todos os Santos até Sabbado de Alleluia, e no Veraõ uſariaõ das meſmas capas forradas de ſeda encarnada; e os Beneficiados trariaõ tambem capa magna roxa com capello forrado de pelles cinzentas no tempo de Inverno, e no Veraõ andariaõ com a meſma capa, e capello forrado de ſeda roxa, (2) accreſcentando mais a cada Conego cem mil reis, e a cada hum dos Beneficiados cincoenta mil reis.

48 Toda eſta abundancia de graças, e honras, com que o magnanimo Rey D. Joaõ V. engrandeceo a ſua Real Capella, ainda ſe naõ proporcionava com o dilatado do ſeu pio, e Regio coraçaõ; e aſſim obtendo da Santidade de Clemente XI. a Bulla Aurea, que começa: *In ſupremo Apoſtolatus ſolio*, expedida em 7 de Novembro de 1716, fez exaltar a ſua inſigne Collegiada em Cathedral, Metropolitana, e Patriarcal com a invocaçaõ de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ, dividindo para eſte effeito eſta

[1] Conſta da Bulla *Apoſtolatus miniſterio* de Clemente XI, expedida no primeiro de Março do anno de 1710, que vem no tom. 1. Codex Titulor. S L. E. pag. 11. [2] Conſta do Indulto de Clem. XI. *Romanum decet Pontificem*, paſſado a 30 de Janeiro de 1716. O meſmo concedeo Innoc. XIII. pela Bulla *Ad regimen univ. Eccleſ.*, cujo privilegio de andarem os Beneficiados da Santa Igreja Patriarcal em habito Prelaticio ſe naõ poz em pratica.

ta Cidade, e ſeu Arcebiſpado em duas partes, como temos dito, eſtabelecendo na parte Occidental hum Patriarca, a quem unio a Dignidade de Capellaõ mór com diſtincta juriſdiçaõ da Metropolitana, o qual como Patriarca ficou ſuperior a todos os Arcebiſpos, e Biſpos do Reino, e ainda ao de Braga.

49 Para mayor decoro, e magnificencia da ſua dignidade lhe alcançou a regalia de poder andar veſtido em habito purpureo à maneira do Arcebiſpo Salisburgenſe Primaz de Alemanha, e outros muitos privilegios, e preeminencias, unindo-lhe tambem as honras, e tratamento de Cardeal, que lhe mandou dar por Decreto de 17 de Fevereiro de 1717. E porque eſta honra Cardinalicia lhe foſſe propria, e fixa, fez com que o Papa Clemente XII. naõ ſó o elevaſſe àquella Dignidade, como o elevou por Bulla de 27 de Dezembro de 1737, que começa: *Inter præcipuas Apoſtolici miniſterii*; mas pela meſma eſtabeleceo para ſempre, que a peſſoa, que foſſe preconizado Patriarca de Lisboa, foſſe logo creado Cardeal no Conſiſtorio immediatamente ſeguinte.

50 A eſtas exuberantes prerogativas, realçando ſempre ElRey com exceſſo a ſua inexplicavel grandeza, conſignou do Patrimonio Real, e do rendimento dos quintos das Minas geraes para ſuſtentaçaõ magnifica do Patriarca, e ſeus ſucceſſores, em perpetua doaçaõ todos os annos duzentos e vinte marcos de ouro, que montaõ mais de cincoenta mil cruzados, e o grande rendimento da Liziria da Foz de Almonda, para que ſem prejuizo dos pobres podeſſe luzir com eſplendor em taõ alta Dignidade. (1) E proſeguindo na ampliaçaõ da nova Cathedral, creou novas Dignidades, e Conegos para formarem hum reſpeitoſo Cabido, enchendo-os de gran-

[1] Conſta da Carta de Doaçaõ delRey do primeiro de Abril de 1719, que vem no tom. 1. do Codex Titulor. S. L. E. pag. 288. e 292.

grandes authoridades, e honras, (1) além das que o Papa Clemente XI. lhes outorgou pela Conſtituiçaõ *Gregis Dominici*, de 3 de Janeiro de 1718.

51 Continuou a exercitar novas grandezas, que já pareciaõ impoſſiveis à imaginaçaõ, e ſómente ſondaveis, e factiveis à dilatada esfera da ſua idéa. Tornou a unir as duas Cidades em huma ſó, e por Conſtituiçaõ do Papa Benedicto XIV, paſſada em 13 de Dezembro de 1740, e principia: *Salvatoris noſtri*, fez abrogar, e extinguir a antiquiſſima Sé de Lisboa Oriental, incorporando, e eſtabelecendo huma ſó Igreja Patriarcal com omnimoda juriſdicaõ Metropolitica; e para que as ſuas Dignidades ſe diſtinguiſſem mais eſpecificamente, erigio hum excellentiſſimo Collegio de vinte e quatro Excellentiſſimos Principaes com habito Cardinalicio, e ſetenta e dous Prelados, ou Miniſtros de habito Prelaticio, divididos em varias jerarquias, a ſaber, Prelados Presbyteros com inſignias Epiſcopaes, e exercicio de Pontifical, Protonotarios, Subdiaconos, e Acolytos. Vinte meritiſſimos Conegos, doze Reverendos Beneficiados de ſetecentos mil reis, trinta e dous Reverendos Beneficiados, trinta e dous Reverendos Clerigos Beneficiados, e outros mais Miniſtros da Igreja Patriarcal, condecorando a todos com grandes privilegios.

52 A toda eſta pompa ſumptuoſiſſima accreſcentou com generoſidade incomparavel precioſiſſimos ornamentos, joyas de inextimavel valor, armações primoroſas, peças de ouro, e prata innumeraveis, com que dotou, e enriqueceo a Santa Igreja Patriarcal para ſe celebrarem nella todas as ſuas funções com magnifico apparato; e para que naõ ſó as obras, mas as vozes chegaſſem ao Ceo com pura, e ſuave harmonia, ſem miſtura de ſinfonias profanas,

[1] Conſta do Alvará de 24 de Dezembro de 1716. Ex Codic. tom. 1 pag. 169.

nas, mandou vir de varias Provincias de Italia os melhores Muſicos com groſſos eſtipendios, de que formou hum Coro eſpecial, e grave dos mais ſelectos Cantores. Fez tambem guarnecer a torre da Igreja de muitos, e harmonioſos ſinos. Conſtava ella de dous andares de ſineiras: o primeiro tinha dous em cada lado, em que havia oito ſinos: no ſegundo andar havia quatro ſineiras; porém o ſino grande tomava todo o vaõ do meyo, de ſorte que ſe via por todas as quatro partes, e ſe ſuſtinha em madeiras, que naõ tocavaõ nas paredes da torre. O primeiro ſino peza oitocentas arrobas, e toca nas feſtas da primeira claſſe, e nas exequias das Peſſoas Reaes, Patriarcas, Cardeaes, e Principaes: o ſegundo peza cento cincoenta e duas arrobas; toca nas ſegundas claſſes, e dobra aos Fidalgos titulares, Monſenhores, e Conegos: o terceiro tem cento e dez arrobas, e toca nas exequias dos Beneficiados: o quarto oitenta e ſete arrobas, e toca pelos Capellães: o quinto tem ſetenta e ſete arrobas, e toca pelos Sacriſtas: o ſexto trinta e cinco arrobas: o ſetimo vinte e nove arrobas: o oitavo vinte e cinco: o nono vinte e duas: a garrida duas. Havia outra torre chamada do Relogio ſeparada da Igreja Patriarcal, cujos ſinos tocavaõ nos dias ſeguintes: Dia de Reys, S. Vicente, Sabbado de Alleluya, Domingo de Paſcoa, Sabbado, e Domingo do Eſpirito Santo, Corpo de Deos ſó à Procisſaõ, Conceiçaõ, e Natal.

53 Era tenue para eſte grande Monarca toda a profuſaõ, que ſe empregava no culto da Igreja, para cujo ornato mandou tambem fazer, e conduzir de todas as partes do mundo os adornos, adereços, e alfayas mais precioſas. (1) Entre ellas ſaõ dignos de eſpecial memoria os nove riquiſſimos caſtiçaes, e ma-

(1) *Qui ſacras Orientalium Chriſtianorum ſupellectiles, & Eccleſiaſticos codices ad Regii ſui ſacelli ornatum undique conquiſivit.* Aſſemanus in Bibliothec. Mediceæ Catalogo, pag. 81.

maravilhoſa Cruz de exquiſita, e nova invençaõ, que a ſua heroica piedade mandou fabricar a Florença, e a Roma no anno de 1732 pelo deſenho, e artificio do famoſo Antonio Arrighi Romano, cuja primoroſa, e incomparavel arquitectura excedeo a importancia de trezentos mil cruzados. Toda a maquina de prata excellentemente dourada, que fórmava a grande Cruz, ſe levantava na altura de dezaſete palmos deſde a planta do pé de figura quadrangular, que tinha tres palmos e meyo de diametro.

54 Era eſta obra no ſeu genero unica, e ſingular, e que mereceo as attenções, e elogios do Sacro Collegio Pontificio, Principes, e Nobreza Romana a primeira vez, que lhes foy manifeſta. Com a meſma admiraçaõ foy applaudida de todos os Cavalheiros Toſcanos, e Corte Florentina, e verdadeiramente a obra, a idéa, e a materia vencia o mais encarecido louvor. Viaõ-ſe diſtribuidos com admiravel ſimetria pelas bazes, e balauſtes aſſim da Cruz, como dos caſtiçaes muitos ſymbolos, jeroglyficos, e genios, Querubins, e eſtatuas, humas de vulto, outras de meyo relevo com differentes acções, que alludiaõ com propriedade aos myſterios de Chriſto, e de Maria Santiſſima: outros caracterizavaõ a magnificencia da Santa Igreja Patriarcal, outros o imperio da Mageſtade Portugueza no Reino, e ſuas Conquiſtas; porém tudo guarnecido com muitos, e polidos feſtões da meſma prata dourada, com muitas tarjas, e quartellas de perfeitiſſimo lapislazuli, com muitos engraçados eſmaltes, e embutidos de epigrafes, de pedras, e diamantes precioſiſſimos.

55 Eſta Cruz, e eſtes caſtiçaes, como taõ ſingulares, eſtavaõ deſtinados para ornar a banqueta do Altar da Capella mór deſta Santa Igreja ſómente nas funções Regias de Caſamentos, Bautiſmos, e Acclamações de noſſos Principes, ou em outros

quaeſquer dias, que o Rey determinaſſe; porque para as outras feſtividades reſervava o theſouro deſta Igreja proporcionadamente outros ternos de caſtiçaes, e Cruzes tambem magnificos, e de preço, e artificio eſtimavel, conſtituindo-ſe deſta fórma ainda na opiniaõ dos meſmos eſtrangeiros huma Regia Capella, ou Igreja Patriarcal a mais mageſtoſa, rica, e egregia, que ſe venerava em todo o mundo Chriſtaõ. (1) Porém tudo laſtimoſamente pereceo com o incendio do primeiro de Novembro de 1755.

56 Parte deſta inimitavel generoſidade ſe confirma com as pingues congruas, e ordenados, que eſtabeleceo para o diſpendio, e Miniſtros da dita Igreja, importando o ſeu dote até 18 de Julho de 1747 hum milhaõ e dezoito mil cruzados entre o antigo, e moderno; e parecendo impoſſivel, que eſta generoſa grandeza podeſſe ainda creſcer no auguſto coraçaõ delRey, ſabemos que em quanto viveo, foraõ ſempre as ſuas acçÕes para com a Igreja continuados padrões de ouro, que juntamente erigio à eternidade do ſeu auguſtiſſimo, e immortal nome. Para que ſe veja com diſtincçaõ o que percebem por anno todos os Miniſtros da Santa Igreja Patriarcal, e outras deſpezas, que nella ſe fazem, expomos por curioſidade o Mappa ſeguinte, calculado ſegundo a folha da primeira mezada do anno de 1754, donde o extrahimos; ſendo preciſo advertir, que de entaõ até o preſente ſe tem admittido mais Muſicos Italianos, e Capellães Cantores tambem com ordenados muito pingues, ſem embargo que em muitas partes tambem ſe diminuio o diſpendio com a ruina que tem padecido o groſſo da ſua Fabrica. *Cal-*

---

[1] *Ex quibus omnibus patet, Capellam Regiam, ſeu Eccleſiam Patriarchalem Oliſiponenſem ob ſummam, ac ferè ſingularem Joannis V.* Re*gis munificenciam, & pietatem nulli in toto Chriſtiano orbe Eccleſiæ, vel Miniſtrorum copia, dignitate, & opibus, vel ſacrarum rerum cultu, & ſplendore, vel denique privilegiis, juribuſque concedere.* Carafa de Capella Regis utriuſque Siciliæ, pag. 448.

Calculo de todo o rendimento da Reverenda Fabrica da Santa Igreja Patriarcal até o anno de 1747.

Renda chamada dote antigo	30:005U560
Rendimento das Terças dos Biſpados, e mais Beneficios	94:982U512
Rendimento das Igrejas, Caſas, e producto das Lizirias	31:474U717
Rendimento dos juros diſtratados, comprados, &c.	250:843U880
Somma total	407:306U669

Congrua dos Excellentiſſimos, e Reverendiſſimos Principaes da Santa Igreja Lisbonenſe.

Cada hum dos 24 Excellentiſſimos e Reverendiſſimos Principaes recebe em 10 mezes do anno a 50 moedas por mez	2:400U000
Recebe mais nos dous mezes para inteirar o anno	753U200
Recebe mais do accreſcimo incerto das rendas	1:500U000
Congrua total de cada hum	4:653U200
Além diſto recebe cada hum dos cinco Excellentiſſimos Principaes Primarios cada anno	100U000
E o Excellentiſſimo Principal Decano	200U000

Congrua, e ordenados, que os Miniſtros, e Manſionarios da Sacroſanta Igreja Patriarcal de Lisboa recebem cada anno.

Num.		
72	A cada Illuſtriſ. e Rever. Monſ.	1:600U000
20	A cada Reverendo Conego	1:000U000

12	A cada Reverendo Beneficiado	700U000
32	A cada Reverendo Beneficiado	500U000
32	A cada Rever. Clerigo Beneficiado	250U000
2	A cada Meſtre de Ceremonias	110U000
3	A cada Meſtre de Ceremonias	100U000
	A cada Meſtre de Cerem. da Baſil.	
7	A cada Acolyto da Capella mór	50U000
	Capellães Cantores.	
17	A cada hum	150U000
1	A hum	280U000
2	A cada hum	260U000
1	A hum	250U000
1	A hum	170U000
3	A cada hum	130U000
4	A cada hum	100U000
1	A hum P. Theſoureiro do theſour.	150U000
1	A outro	130U000
2	A cada Theſoureiro da Sacriſtia	110U000
1	Ao Theſoureiro da cera	140U000
20	A cada Sacriſta	74U400
	Capellães, que dizem as Miſſas das Cap^{e}llas antigas.	
1	Pelo Senhor Rey D. Manoel	44U640
1	Pela Rainha Dona Maria	Da meſma eſmola.
1	Por ElRey D. Joaõ III.	
1	Pelo Cardeal D. Henrique	
1	Pelo Principe D. Joaõ	
1	Pela Princeza Dona Joanna	
1	Por ElRey D. Joaõ IV.	
1	Pela Rainha Dona Catharina	
1	Pela Rainha Dona Anna de Auſtria	
1	Por ElRey D. Sebaſtiaõ	
2	Pelos Anjos	
1	A S. Sebaſtiaõ	
3	Por tençaõ	
1	Pelas Almas	54U800

Can-

Cantores Italianos, e Portuguezes.

1	A hum	892U800
6	A cada hum	720U000
1	A hum	660U000
16	A cada hum	600U000
3	A cada hum	540U000
17	A cada hum	480U000
1	A hum	444U000
3	A cada hum	364U000
2	A cada hum	300U000
3	A cada hum	240U000
3	A cada hum	192U000
3	A cada hum	180U000
1	A hum	160U000
5	A cada hum	150U000
1	A hum	100U000
1	A hum	84U000
3	A cada hum dos Cantores antigos	100U000
1	A hum	54U000
4	A cada Organiſta	130U000
1	Ao Compoſitor da ſolfa Italiana	180U000

Officiaes ſeculares.

1	Ao Porteiro do Excel. Collegio	120U000
2	A cada Cuſtodio dos Apoſent.	40U000
4	A cada Cuſtodio da Baſilica	60U000
12	A cada Maſſeiro	30U000
4	A cada Curſor	20U000
6	A cada Varredor	44U640
2	A cada Faquino	74U400
1	Ao Ourives	640U000
1	Ao Armador	240U000
1	A outro Armador	172U000
1	A Capelleira	9U480

2 Aos

2	Aos Sineiros	100U000
	Com varios repiques	200U000
1	Affinador dos orgãos	20U000
1	Eſcritor, Miniator, e Eſtampador	600U000
	Varias deſpezas.	
12	A cada Confeſſor	50U000
42	A cada huma das Religiões, que coſtumaõ vir prégar	24U000
	Com cera	6:200U000
	Com a pintura da cera	210U000
	Com Procisſões, bancos, e limpeza da Igreja	2:000U000
	Com a limpeza, e concerto da prata	250U000
	Lavagem, e encreſpad. da roupa	392U000
	Concertos de roupa branca	120U000
	Azeite para 45 alampadas	500U000
	Vinho para as Miſſas	150U000
	Hoſtias	24U000
	Incenſo	24U000
	Carvaõ	20U000
	Palmas	600U000
	Folhinhas de reza	48U000
	Trezena de Santo Antonio	70U000
	Pannos verdes, e encarnados	60U000
	Com armações da Igreja cinco vezes no anno, por cada vez 26U000; e quando ſe arma a eſcada, ſe dá mais 6U000; e pela arm. do pateo 100U000 importa tudo cada anno	236U000
	Com o Seminario	1:800U000
	Com deſpezas incertas	800U000

57 Faltava ao material da Igreja a ſagrada fabrica de hum edificio competente, que mereceſſe no magnifico o nome de Baſilica, e Templo Regio Patriarcal. Preoccupado o zelo delRey com eſte ſantiſſimo penſamento, mandou chamar à ſua Real preſença em 7 de Fevereiro de 1719 alguns Fidalgos, Miniſtros, e Medicos pelo que tocava à eleiçaõ de hum ſitio ſaudavel, e Arquitectos, que dirigiſſem a projecçaõ da grande obra, que intentava.

58 Havia S. Mageſtade examinado do mar, e dos lugares mais eminentes os ſitios, que podiaõ entrar em queſtaõ em toda a agradavel perſpectiva da ſua grande Cidade, tendo mandado tirar huma planta exacta de Lisboa, e reduzindo toda a duvida à queſtaõ de haver de edificarſe a Igreja Patriarcal, e novo Palacio no lugar, em que hoje eſtavaõ, ou no ſitio chamado Buenos Aires na parte da Cidade eminente à ribeira de Alcantara.

59 Os Medicos aſſentaraõ uniformemente, que o ſitio, em que eſtava hoje o Palacio, e a Santa Igreja, naõ era o que a arte, que profeſſavaõ, devia eſcolher por favoravel à ſaude, porque o monte do Caſtello, e os edificios altos da Cidade lhe embaraçavaõ o Norte, e os ventos mais benignos: que todos os outros participavaõ de vapores impuros, e eſte damno ſe accreſcentava com o das aguas detidas, e das meſmas prayas, e marezia, de que reſultava a humidade, e quentura nociva à ſaude, e que ainda que o naõ julgavaõ peſtilente, reconheciaõ em Buenos Aires todas as vantagens, que a Filoſofia natural, e a Medicina procuravaõ no caſo propoſto.

60 Os mais votos ſe dividiraõ; porque os Marquezes de Abrantes, e Minas, o Conde de Aſſumar, o Padre D. Manoel Caetano de Souſa, Monſ. Berger ſe inclinavaõ a edificar no terreiro do Paço. O Marquez de Alegrete, os Condes de Aveiras, Unhaõ, Ericeira, Valladares, e S. Lourenço, e

Federico foraõ de parecer, que ſe preferiſſe Buenos Aires, e D. Filippe Ibarra, principal Arquitecto Siciliano, naõ declarou o ſeu voto. Com eſta diverſidade de pareceres ficou indeciſo o projecto, contentando-ſe ElRey de que ſuppoſto à maneira de David naõ edificara na ſua Corte ſumptuoſo Templo a Deos, como emprendera, deixava ao menos as riquezas, para que ſeu filho imitando a Salamaõ o edificaſſe.

61 Deſta ſorte aproveitando-ſe do antigo Templo da ſua Real Capella, e vendo que Deos aceitava em toda a parte as adorações, e os holocauſtos, melhorando, e accreſcentando em algumas partes a fabrica do edificio quanto foy poſſivel, intentou a ſagraçaõ da Igreja com o novo titulo de Salvador do Mundo, e Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ. Para iſſo decretou o dia 13 de Novembro de 1746, em que o Eminentiſſimo, e Reverendiſſimo Cardeal Patriarca D. Thomás de Almeida com todas as ceremonias, que manda o Pontifical Romano, e com maravilhoſo, e grave deſembaraço ſagrou a Igreja, e o Altar mór da Sacroſanta Igreja Patriarcal, onde collocou as Reliquias dos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, Santiago Mayor, e S. Thomé.

62 Na ſegunda feira ſeguinte, que ſe contavaõ 14 do dito mez, e anno, o Arcebiſpo de Lacedemonia D. Joſeph Dantas Barboſa ſagrou o Altar do Santiſſimo Sacramento dedicado à Santiſſima Trindade, e collocou nelle as Reliquias dos Apoſtolos Santo André, e Santiago Menor.

63 Na terça feira ſagrou o Altar dedicado à Sagrada Familia o Biſpo, que tinha ſido do Rio de Janeiro D. Fr. Joaõ da Cruz, da Ordem dos Carmelitas Deſcalços, e lhe collocou as Reliquias dos Apoſtolos S. Filippe, e S. Bartholomeu.

64 Na quarta feira o Altar dedicado a S. Thomé, e mais Apoſtolos ſagrou o Biſpo de S. Thomé D. Fr. Luiz das Chagas, da Ordem dos Eremitas

Deſcalços de Santo Agoſtinho, e lhe collocou as Reliquias de S. Mattheus Evangeliſta, e S. Barnabé Apoſtolo.

65 Na quinta feira os Altares dedicados o primeiro aos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, Proceſſo, e Martiniano; e o ſegundo aos Santos Martyres Vicente, e Sebaſtiaõ, e S. Roque, ſagrou o Biſpo de Angola D. Fr. Manoel de Santa Ignez, da Ordem dos Carmelitas Deſcalços, e collocou no primeiro as Reliquias de S. Braz, e S. Januario Martyres, e no ſegundo as de S. Lourenço, e S. Sebaſtiaõ Martyres.

66 Na ſexta feira os Altares dedicados o primeiro a Santo Antonio, e o ſegundo a S. Carlos, e e S. Filippe Neri, ſagrou o Biſpo do Maranhaõ D. Fr. Franciſco de Santiago, da Provincia de S. Franciſco da Cidade, e collocou no primeiro as Reliquias de S. Canuto, e Santo Thomás de Cantuaria Martyr, e no ſegundo as de Santo Eſtevaõ Protomartyr, e S. Venancio Martyr.

67 No ſabbado os Altares dedicados o primeiro a Santa Iſabel, S. Bento, S. Bernardo, S. Franciſco, S. Domingos, Santa Tereſa, Santa Sancha, Santa Joanna; e o ſegundo a S. Franciſco Xavier, S. Franciſco de Borja, e Santo Ignacio, ſagrou o Biſpo de Malaca D. Fr. Miguel de Bulhões, da Ordem de S. Domingos, e collocou no primeiro as Reliquias de S. Wenceslao, e S. Hermenegildo Martyres, e no ſegundo as de Santo Euſtaquio, e S. Pedro Martyres.

68 No Domingo finalmente, que ſe contavaõ 20 de Novembro do ſobredito anno, o Altar dedicado a Noſſa Senhora da Piedade ſagrou o Biſpo de Coimbra D. Miguel da Annunciaçaõ, da Congregaçaõ dos Conegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, e lhe collocou as Reliquias dos Santos Innocentes, e S. Vito Martyres.

69 Como o Fideliſſimo Rey D. Joaõ V. era taõ

zeloſo, e pontual na obſervancia da liturgia, ou ſerviço Divino, quiz que na ſua Real Capella ſe executaſſem todas as funções Eccleſiaſticas com a mayor exacçaõ, decoro, e reſpeito. Naquellas, em que elle publicamente aſſiſtia, chamadas Capellas Patriarcaes, que juntamente vem a ſer funções da Capella Real, ſe faziaõ por hum de tres modos: ou celebrando o Patriarca, ou aſſiſtindo ſómente, ou naõ aſſiſtindo, e de qualquer modo, occorrendo os dias determinados de Capella, ſempre Sua Mageſtade deſcia a ella, uſando-ſe diverſas formalidades nas ceremonias, conforme os dias; e porque o rito he hoje o meſmo, diremos brevemente o que conduz, e pertence a cada funçaõ.

70 Sempre que Sua Mageſtade deſce à Capella, he recebido por todas as Jerarquias dos ſeus Miniſtros à porta della; e achando-ſe preſente o Patriarca, lhe pertence como Capellaõ mór, lançar agua benta a todas as Peſſoas Reaes; e quando naõ eſtá preſente o Patriarca, faz eſta acçaõ ou o Deaõ, ou outro, que ſeja o mais antigo dos Principaes. Logo que entra na Capella, ou ſe recolhe della para o Paço, vay fazer oraçaõ ao Altar do Sacramento, acompanhando-o ſempre a Corte, e todas as Ordens de Prelatura, os Principaes, e ainda o Patriarca.

71 Em dia de Reys celebra a Miſſa o Deaõ; e eſtando eſte impedido, o Principal ſeu immediato. O Patriarca ſó coſtuma aſſiſtir, e neſte caſo, acabado o Evangelho, vay o Subdiacono da Miſſa dar a beijar o Texto ao Patriarca, e logo deſcendo com o livro ao plano, troca aquelle com outro livro tambem dos Evangelhos, que immediatamente vay offerecer aberto a ElRey para oſcular o Texto, e ſucceſſivamente faz o meſmo aos Senhores Infantes.

72 Ao Offertorio entraõ na Quadratura o Repoſteiro mór, o Guarda-Tapeçaria para lhe dar a almofada delRey, e hum Moço da Tapeçaria com ella

ella debaixo do braço. O Eſmoler mór ſeguido de tres Moços da Camara ſem eſpada com as offertas em pratos, e vaſos dourados, e fazendo todos as devidas reverencias, ſe aviſinhaõ ao throno do Patriarca. Ao meſmo tempo chegaõ tambem ao de ElRey o Mordomo mór, o Capitaõ da Guarda Real, e os Camariſtas de todas as Peſſoas Reaes. Entaõ ſe levanta ElRey, e ſeguido dos Senhores Infantes deſce ao plano, ajoelha ao Altar, reverencea ao Patriarca, (o qual para lhe correſponder ſe levanta, mas torna-ſe logo a aſſentar) e ajoelhando ſobre a almofada, que já tem poſto o Repoſteiro mór, recebe do Eſmoler mór, que tambem eſtá de joelhos, os tres vaſos deſcubertos, e os offerece ao Patriarca; o que feito, ſe retira ao ſeu throno, e todos os mais fazem o meſmo.

73 Acabada a incenſaçaõ do Altar, vem o Diacono da Miſſa, depois de ter incenſado ao Celebrante, diante do Patriarca, e entrega o thuribulo ao Principal Presbytero aſſiſtente, o qual acabando de incenſar o Patriarca, continúa a incenſar a ElRey, e mais Peſſoas Reaes. Depois incenſa o Diacono aos Principaes do throno Patriarcal, aos da Quadratura, aos Prelados mitrados aſſiſtentes, e naõ aſſiſtentes, Protonotarios, a Corte de ElRey, e depois della aos mais Prelados Subdiaconos, e Acolytos.

74 O meſmo ſobredito Presbytero aſſiſtente depois do *Agnus Dei* vay ao Altar receber a Paz do Celebrante, e a vem dar ao Patriarca, a ElRey, e aos Senhores Infantes, e ſe recolhe ao ſeu lugar da Quadratura, onde o eſtá eſperando o Presbytero aſſiſtente do Celebrante, o qual recebe delle a Paz para a communicar aos mais Principaes, e Prelados mitrados; e depois de a ter dado a eſtes, a communica ao Meſtre de Ceremonias, e eſte a vay dar aos Protonotarios, à Corte delRey, e às mais Ordens de Prelaturas.

75 Quando o Patriarca naõ aſſiſte, he a primeira

ra Dignidade dos Principaes o que dá o livro dos Evangelhos a ElRey para o oſcular, e tambem he o que o incenſa, e lhe dá a Paz. As offertas no tal caſo ſaõ recebidas pelo Celebrante *apud Altare*, eſtando em pé com as coſtas para a Cruz, e ſem mitra; e ElRey ajoelha no primeiro degráo ſobre almofada poſta pelo Repoſteiro mór. Quando ElRey naõ aſſiſte, he o Eſmoler mór o que dá eſtas offertas ao Patriarca; e ſe tambem eſte naõ eſtá preſente, as recebe do meſmo Eſmoler mór o Celebrante, eſtando ainda no Altar ſentado no faldiſtorio, e cuberto de mitra.

76 No dia das Candeas naõ celebra o Patriarca, mas faz a bençaõ, e diſtribuiçaõ das vélas, e ElRey vay receber a ſua ao throno do Patriarca, depois os Senhores Infantes, os Principaes, os Prelados mitrados, Penitencieiros, (por eſtarem paramentados) Protonotarios, a Corte delRey, os Subdiaconos Patriarcaes, e todos os mais pela ſua ordem coſtumada; porém quando o Patriarca naõ faz eſta acçaõ, vay Sua Mageſtade ao Altar receber a véla da maõ do Celebrante, o qual lha dá eſtando em pé, e ſem mitra; e ou aſſiſta, ou naõ aſſiſta o Patriarca, ſempre ElRey acompanha a Prociſſaõ, ſeguindo-o a ſua Corte. Iſto meſmo ſe obſerva em Domingo de Ramos.

77 Em quarta feira de Cinza faz o Patriarca a bençaõ, e impoſiçaõ da cinza, e aſſiſte à Miſſa ElRey com os Senhores Infantes, que vaõ recebella depois dos Principaes; e quando o Patriarca naõ aſſiſte, vaõ ao Altar recebella da maõ do Celebrante.

78 Na manhã de Quinta feira ſanta deſce Sua Mageſtade muito cedo particularmente com os Senhores Infantes à Capella do Sacramento para receber da maõ do Cura a Communhaõ por deſobrigaçaõ Paſcal; mas volta logo para cima a eſperar o tempo de deſcer publicamente para aſſiſtir à Miſſa ſo-

ſolemne, no fim da qual acompanha Sua Mageſtade a Prociſſaõ do Sacramento até o Sepulcro com cirio que lhe dá acezo o Mordomo mór: o que feito com o coſtumado cortejo, ſe recolhe ao Paço, onde immediatamente com as coſtumadas ceremonias lava os pés a treze Pobres, dando-lhe hum eſplendido jantar, que conſta de varias iguarias expoſtas em meza magnifica; e a meſma funçaõ faz a Rainha no ſeu quarto.

79 Nos dias em que coſtuma celebrar o Patriarca he hum dos Principaes da Ordem Diaconal o Diacono da Miſſa, e a elle toca o incenſar a ElRey, e por iſſo depois que ao Offertorio incenſa o Patriarca, vay diante de ElRey, e o incenſa com tres ductos, e da meſma ſorte aos Senhores Infantes. Volta para o Altar, e incenſa ao Deaõ, que ſerve de Presbytero aſſiſtente da Miſſa, e ſubſequentemente aos dous Principaes Diaconos aſſiſtentes do Patriarca. Depois deſce à Quadratura a incenſar os Principaes, e torna ao Altar, e incenſa os Prelados mitrados aſſiſtentes tanto de huma parte, como da outra, e logo larga o thuribulo a hum Subdiacono Patriarcal, e eſte o incenſa com dous ductos, e paſſa a incenſar com hum aos Prelados mitrados naõ aſſiſtentes, aos Penitencieiros, Protonotarios, Corte de ElRey, e às mais ordens de Prelatura. Ao tempo da Paz vay o Deaõ para o lado da Epiſtola, e recebendo-a do Patriarca, a vay dar a ElRey, e aos Senhores Infantes. Deſce à Quadratura, e depois de a ter communicado aos tres cabeças das Ordens dos Principaes, torna ao Presbyterio, onde faz o meſmo ao primeiro Prelado mitrado aſſiſtente de cada parte: ultimamente a communica a hum Subdiacono Patriarcal, que a vay diſtribuir a todos os mais com a meſma preferencia, que diſſemos do incenſo.

80 Em ſexta feira ſanta naõ coſtuma celebrar o Patriarca, mas ſó aſſiſtir. O throno delRey naõ tem neſ-

neſſe dia eſpaldar, nem docel, nem cubertura os degráos: as cadeiras, e almofadas ſaõ de cor roxa, e ſem ouro. ElRey, e Suas Altezas vaõ adorar a Cruz depois dos Principaes, e neſſe meſmo tempo, o Eſmoler mór lança no prato a coſtumada offerta, ou eſmola.

81 No dia do Corpo de Deos deſce ElRey à Capella com manto da Ordem de Chriſto para pegar na vara do Pallio, o que faz à porta della, recebendo-a da maõ do Mordomo mór. A' ſahida do pateo larga a vara, e acompanha a Prociſſaõ atraz do Sacramento, e ao recolherſe torna a pegar na vara do Pallio à entrada do pateo, e a leva até os cancellos do Altar mór. No dia oitavo de tarde, que he a ſolemnidade do Corpo de Deos da Caſa, vem ElRey aſſiſtir à Prociſſaõ, e pega na vara do Pallio à ſahida da porta da Capella, e a leva até o fim da Prociſſaõ. Em dia da Conceiçaõ da Senhora aſſiſte tambem ElRey à Miſſa, ou a celébre o Patriarca, ou algum dos Principaes, e ao Offertorio vay offerecer o tributo do Reino com aquella formalidade, que em outras occaſiões referimos acima.

82 Com eſta magnificencia, e rito concorre El-Rey às funções na ſua Real Capella, e Igreja Patriarcal, onde todas as ceremonias Eccleſiaſticas tocantes ao culto Divino ſe executaõ com huma pompoſa exacçaõ, e admiravel reſpeito, applaudido até dos meſmos eſtrangeiros, os quaes confeſſaõ eſtar ſincopada neſta Igreja, com emulaçaõ virtuoſa, a gravidade, o eſplendor, e o decoro da meſma Capella Pontificia de Roma.

83 Neſta conformidade ſe achava a liturgia na Santa Igreja Patriarcal de Liſboa, quando impenſadamente ſobrevindo o tragico accidente do terremoto em o primeiro de Novembro, ſeus Miniſtros, que eſtavaõ acabando de rezar Terça para ſe começar a Miſſa, ſe viraõ ſummamente perplexos, attonitos, e afflictos.

84 Deſ-

84 Deſampararaõ com preſteza o Coro, que era no meyo da Igreja, procurando cada hum em confuſa deſordem eſcapar de taõ proxima ruina, ameaçada por hum violento, e continuado tremor, que fazia horroroſamente abalar todo o edificio. Taes houve naquelle ſubitaneo conflicto, que ſofregos do ſeu damno, achando as paſſagens entupidas com o tumulto da gente, querendo fugir à morte, pretenderaõ anticipalla, lançando-ſe inconſideradamente das janellas ao pateo chamado da Capella, onde poſto que livraraõ a vida, ficaraõ todavia eſtropeados.

85 Nova conſternaçaõ occupou naquelle tranſe o animo dos Excellentiſſimos Principaes; porque achando-ſe em ſeus cubiculos quaſi promptos para entrarem à Capella mór, naõ podiaõ buſcar o deſvio opportuno, por ſe acharem fechadas as portas dos corredores. Conſtrangidos da neceſſidade, preferiaõ ao conſelho proprio o alheyo, mas com huma conſtancia chriſtã pediaõ a Deos miſericordia; até que abrindo-ſe huma porta cuidou cada qual eſcapar do perigo por onde o quiz favorecer o ſeu deſtino; menos o do Excellentiſſimo Principal D. Franciſco de Noronha, filho dos Marquezes de Angeja, que dirigindo apreſſadamente os paſſos pelo corredor, que hia dar à ſala dos Tudeſcos, alli experimentou na flor da idade o cruel incidente da morte intempeſtiva; porque deſabando de improviſo a varanda ſobranceira ao Corpo da Guarda, cahio ſubmergido entre as ruinas; ſervindo-lhe de mortalha a meſma purpura, que era a ſegunda vez com que ſe ornara, por haver ſido modernamente exaltado deſde a nobiliſſima jerarquia dos Conegos ao ſacro Collegio dos Principaes.

86 Ao terremoto ſuccedeo o incendio, que devorou irreparavelmente toda a grande opulencia daquelle Templo. Neſta confuſaõ, e deſamparo, derrubadas as pedras do Santuario, e diſperſos os ſeus

Miniſtros, faltou por alguns dias a harmonia nos miniſterios, por ſe naõ haver aſſinalado lugar commodo, e conveniente ao ſeu exercicio.

87 Soube o Eminentiſſimo Prelado, que a Ermida de S. Joaquim, e Santa Anna, contigua ao palacio do Marquez de Abrantes em o ſitio de Alcantara, havia ficado iſenta de ruinas, e alli ordenou ſe collocaſſe interinamente a Baſilica Patriarcal, onde ſe deu principio aos Officios Divinos com as primeiras Veſperas da Conceiçaõ da Senhora, aſſiſtindo igualmente divididos por turmas, ſegundo a poſſibilidade dos Miniſtros, Principaes, Monſenhores, Conegos, Beneficiados, e Capellães Cantores.

88 Aſſim ſe foy continuando até dia de S. Thomé, em o qual eſtando-ſe rezando Matinas ſuccedeo hum grande tremor, que metendo em ſuſto a todos pela experiencia da tragedia recentemente paſſada, os obrigou a ſahir com impeto para a rua: e ſem embargo de naõ cauſar o tremor alguma ruina à dita Ermida, ſe reſolveo erigir promptamente hum Altar dentro no jardim do meſmo Marquez, onde ſe foraõ concluir os Officios Divinos no meſmo dia, e ſe continuaraõ nos dous ſeguintes. Depois com taboado, e lonas ſe formou huma barraca em o terreno mais plano do jardim, na qual deſde 24 de Dezembro ſe começou a officiar, ſervindo de Sacriſtia a da meſma Ermida.

89 Como para a grandeza de taõ Regia Metropoli era preciſo hum terreno mais amplo, e deſafogado, lembrou à vigilancia do Eminentiſſimo Patriarca, e Excellentiſſimos Principaes aproveitarſe do grande edificio, que no ſitio da Cotovia havia principiado o Conde de Tarouca, o qual tendo trezentos e vinte e ſeis palmos em quadro, era de huma àrea capaciſſima para comprehender naõ ſó a Igreja, mas todas as ſuas officinas adjacentes.

90 Eſcolhido o ſitio, ſe começou a projecçaõ da

da nova fabrica, edificando-ſe as paredes interiores de frontal; e naquella parte que havia de ſervir para caſa de paramentos de Sua Eminencia, por ſe haver acabado mais promptamente, ſe levantou hum Altar, no qual feita a ceremonia da bençaõ por Monſenhor Perim em 16 de Junho de 1756, em cujo dia ſe principiaraõ alli os Officios Divinos, e continuaraõ até 8 de Junho de 1757, no qual concluida a nova Igreja, e a ceremonia da bençaõ por Monſenhor Bernardes, Preſidente da turma, diſſe no ſeu Altar mór a primeira Miſſa rezada por Monſenhor Guimarães.

91 Conſta eſta nova Igreja Patriarcal de tres naves; a primeira de quarenta palmos de largo, e cada huma das duas de dezoito. Tem de comprido cento ſetenta e hum palmos até a Capella mór, e eſta onde eſtá a Quadratura dos Principaes, tem de largo cincoenta palmos, e noventa de comprido. O ſeu Cruzeiro, que he ſummamente alegre, fórma a figura, ou zimborio oitavado com oitenta palmos de largura. Nelle ha duas Capellas, que proporcionaõ a Cruz da Igreja, cada huma com quarenta palmos de largo, e ſeſſenta e cinco de fundo. Serve a da parte do Evangelho para depoſito do Santiſſimo, e a da Epiſtola he dedicada à ſagrada, e devota Imagem de Noſſa Senhora da Piedade. No meyo da Igreja ha mais duas Capellas fundas; huma que fica para a parte da Epiſtola, e tem quarenta palmos de largo, e noventa e hum de comprido, e ſerve de Baſilica; e a que lhe correſponde tem trinta e ſeis de largo, e ſeſſenta e cinco de comprido. Conſta mais a Igreja de quatro Capellas pequenas de cada lado, que ao todo fazem treze Altares, além do que eſtá na Sacriſtia, e outro na Capella interior dos Monſenhores.

92 Fizeraõ-ſe tambem vinte e quatro cubiculos para os Excellentiſſimos Principaes; caſas de paramentos para o Eminentiſſimo Patriarca; caſas de fabri-

 bri-

brica, da Congregaçaõ, de theſouro, de armarios, e para outras officinas preciſas. Fizeraõ-ſe tres coretos para Muſica; huma tribuna para as Mageſtades, outra para as Damas; e ſobre o portico, ou atrio da Igreja, que conſta de trinta e ſeis palmos de largo, e noventa de comprido, há outra tribuna, que occupa o meſmo eſpaço, a qual ſerve para verem della as Mageſtades as funções da Igreja, e a Prociſſaõ de Corpus Chriſti. Em o angulo da parte do Naſcente, e dentro do recinto, ha de ſineicar a torre, que conſtará de duas ordens de ſineiras, e no alto dellas, para firmeza da meſma torre, o ſino grande, que eſcapou da ruina ſó com a perda de huma aza.

93 Reduzida a eſte eſtado o mais commodo, que foy poſſivel, na occaſiaõ preſente a magnificencia da Santa Igreja Patriarcal, obſerva com tudo exactamente a formalidade da ſua liturgia do meſmo modo, que antes do terremoto; excepto a fórma da reſidencia nos Miniſtros da Baſilica; porque attendendo à ſua poſſibilidade, permittio o Eminentiſſimo Prelado, com o conſentimento Regio, ſe dividiſſem por turmas na conjunctura preſente.

§. VII.

Igrejas Paroquiaes dentro da Cidade.

1 HUma das partes integrantes, que contribue naõ pouco a ennobrecer a Hiſtoria Eccleſiaſtica de qualquer Dioceſe, he a noticia das ſuas Igrejas Paroquiaes; por cuja cauſa exhibimos agora por ordem alfabetica, ſegundo o noſſo eſtylo, a ſerie de todas as que exiſtem dentro em Liſboa, com a mais verdadeira, e antiga inſtituiçaõ, que podémos indagar de cada huma.

2 Deſte modo reproduzimos naõ ſó as memorias do eſtado, em que ſe achavaõ antes que o commum

infortunio do terremoto fizeſſe conſumir muitos dos ſeus documentos; mas accreſcentamos a circunſtancia das que padeceraõ ruina, e perda em taõ grande fatalidade, mencionando tambem o eſtado, que actualmente conſervaõ, com os mais Templos adjacentes dentro dos ſeus limites.

I.

Noſſa Senhora da Ajuda.

3 COnſiderada preſentemente a vaſta extenſaõ de Lisboa, já eſta Freguezia naõ he reputada ſuburbana, mas antes ſe julga incluſa dentro dos limites da Cidade, por cuja cauſa na ſolemniſſima Prociſſaõ do Corpo de Deos ſe manda concorrer, e emparelhar a ſua Cruz com as outras da Corte, naõ obſtante afaſtarſe do centro, e coraçaõ della huma legoa para o Poente na eminencia de hum ſitio apraſivel.

4 Naõ ha no Cartorio deſta Igreja noticia da ſua primeira origem; porque os mais antigos livros dos aſſentos dos bautizados diſcorrem deſde o anno de 1592, e já no de 1587 havia nella Irmandades, como bem ſe collige de huns paineis de azulejo, que ainda permanecem nas paredes da Igreja, onde ſe declara ſerem feitos no dito anno, e pertencerem hum à Irmandade de S. Vicente, outro à do Santo Nome de Jeſus, outro à da Senhora da Ajuda; e a meſma inferencia de antiguidade ſe póde fazer por algumas antigas ſepulturas, que aqui ſe conſervaõ.

5 No alpendre da Igreja, defronte da porta principal, eſtá hum monumento de pedra antiquiſſimo metido no vaõ da parede com ſuas columnas, e por detraz da dita ſepultura fórma hum painel de marmore, em que ſe vê gravado hum elmo, e huma eſpada com as letras abertas na meſma lapida, que dizem: *Já fuy home, hoje ſaa terra.*

6 Quan-

6 Quando em 20 de Agoſto de 1663 ſe tiraraõ deſta Igreja as campas de pedra para ſe porem outras de taboas, o Padre Clemente de Seixas, Capellaõ de Noſſa Senhora, teve a curioſidade louvavel de copiar em hum livro de quarto, que ſe conſerva ainda no Cartorio, os letreiros, que eſtavaõ eſculpidos nas ditas campas, onde entre outros ſe lê hum de huma ſepultura, que eſtava no alpendre deſta Igreja, e dizia: *Sepultura do Capitaõ Bartholomeu Ferraz de Andrade, Coronel que foy no Reino de Infantaria do eſclarecido Rey D. Joaõ III., e de Iſabel de Oliveira ſua mulher, e de ſeus deſcendentes, e herdeiros.* 1550.

7 Em humas memorias m. ſ. que vimos do Deſembargador Franciſco Monteiro Leiria, extrahidas do Cartorio do Senado de Lisboa, donde era Vereador, encontrámos huma celebre petiçaõ feita ao Cabido de Lisboa aos 8 de Março de 1550, que declara, e ſerve muito ao intento, e he do teor ſeguinte: *Diz Bartholomeu Ferraz de Andrade, Coronel neſtes Reinos de Portugal, que elle tinha vivido neſte mundo mais do que eſperava viver, no qual tempo que aſſim viveo, correo grande parte delle trabalhando por ganhar honra, e fama de ſuas obras, por ficar delle memoria aos que delle deſcendeſſem: e como quer que ſempre foy ajudado do Senhor Deos, e da Virgem Maria ſua Madre, queria ordenar a caſa, e morada donde havia morar para ſempre, &c.* O deſpacho do Cabido foy: Que havendo reſpeito à ſua muita nobreza, e virtude lhe dá o jazigo dos alpendres de Noſſa Senhora da Ajuda.

8 Do referido ſe collige bem a antiguidade da Igreja; porém quanto à dignidade Paroquial, ſuppomos que ſeria erecta pouco depois do anno de 1551; porque neſte tempo, em que imprimio Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira o Summario das couſas de Lisboa, ainda lhe naõ dava o titulo de Paroquia, mas ſó de Ermida annexa à Sé.

9 O

9 O Paroco teve o titulo de Cura, hoje logra o predicamento de Reitor, e o apreſenta como Donatario o Eminentiſſimo Cardeal Patriarca. Tem de rendimento certo hum moyo de trigo, hum quarto de vinho, e cinco mil reis em dinheiro cada anno. O incerto he o chamado pé de Altar, que unido tudo renderá quatrocentos mil reis. Satisfaz-ſe o rendimento certo por ordem dos Reverendos Conegos Camararios da Baſilica de Santa Maria, que ſaõ os Fabricanos deſta Igreja, por perceberem parte dos dizimos da Freguezia.

10 Ha na Igreja cinco Capellanias: huma da Irmandade de Noſſa Senhora da Ajuda em Domingos, e dias Santos, com a congrua de trinta mil reis: outra da meſma Irmandade inſtituida por Domingos da Coſta Belem de Miſſa quotidiana com ſeſſenta mil reis. As tres ſaõ da Irmandade das Almas, de eſmola cada huma de ſeſſenta mil reis. Tem mais a Irmandade do Santiſſimo, e quaſi extinctas a do Menino Jeſus, e a de Santo Antonio.

11 Comprehendem-ſe neſta Freguezia os ſitios de Alcantara, a quem fertiliza a ſua ribeira, Alcolena, Santo Amaro, Noſſa Senhora da Ajuda, Belem, chamado antigamente o Surgidouro de Raſtello, Bom-Succeſſo, Cazellas, Junqueira, Monſanto, Oliveiras, Pedrouços, Pimenteira. E como ha notavel diſtancia de huns a outros, tem eſta Paroquia diſtribuido, e deſtinado com piedoſa providencia tres Depoſitos, ou Sacrarios, para ſe adminiſtrarem os Sacramentos aos freguezes mais commoda, e promptamente. Hum eſtá na Igreja Matriz, outro no Real Convento de Belem, outro no Moſteiro das Flamengas de Alcantara; de cujos Sacrarios ſe tem já ſacramentado algumas Peſſoas Reaes, como foraõ o Senhor Rey D. Pedro II. no anno de 1706, a Senhora Infanta D. Maria Anna em 27 de Julho de 1752, a Sereniſſima Rainha D. Maria Anna de Auſtria em 24 de Julho de 1754, e ul-

ultimamente o Sereniſſimo Infante D. Antonio, que em 20 de Outubro de 1757 faleceo na quinta da Tapada com grande ſaudade de todos.

12 Como pelo terremoto paſſado naõ padeceſſe eſta Igreja ruina alguma, e Sua Mageſtade Fideliſſima deſejaſſe ter junto à ſua Real Peſſoa a conſolaçaõ eſpiritual dos Officios Divinos; mandou que por Miniſtros da Santa Igreja Patriarcal ſe déſſe principio a elles neſta Paroquial de Noſſa Senhora da Ajuda em Veſpera da Conceiçaõ da Virgem, do meſmo anno de 1755.

13 No dia ſeguinte deſceo ElRey à Igreja com toda a Corte, aſſiſtindo a Rainha, Princeza, e Infantas no Coro alto da meſma Igreja como em tribuna. Succedeo na manhã deſte meſmo dia ao tempo da Miſſa hum tremor da terra, que fez aſſuſtar grandemente a todos os circunſtantes; de que procedeo mandar ElRey, que ſe abbreviaſſe a conſtrucçaõ da ſumptuoſa Barraca, ou Caſa de campo Regia de madeira, a qual ſe andava fazendo junto deſta Paroquia para habitaçaõ interina das Mageſtades.

14 Concluido com toda a diligencia eſte novo, e eſpaçoſo apoſento, ſe transferiraõ para elle as Mageſtades Fideliſſimas, e mais Peſſoas Reaes deſde as magnificas tendas de campanha, que haviaõ mandado armar por occaſiaõ do grande terremoto do primeiro de Novembro em huma das ſuas quintas de Belem, onde reſidiaõ. A primeira funçaõ, que ſe celebrou neſta nova, e Regia morada, foraõ as primeiras Veſperas do Natal do meſmo anno de 1755, aſſiſtindo ElRey na tribuna da Capella, que ſe fez da parte da Epiſtola.

15 Transferio-ſe tambem para eſta nova Capella Real o Sacramento da Paroquia, donde o adminiſtra o Reitor della aos ſeus freguezes, naõ ſendo Peſſoa Real a que communga. Todos os mais actos Paroquiaes ſe celebraõ na Igreja de Noſſa Senhora da Ajuda; e ſuppoſto que na Regia Barraca ſe vê

tam-

tambem a fonte Bautiſmal, ella naõ ſerve mais que para as funções dos Sabbados de Alleluya, Pentecoſte, e bautiſmos de filhos de Criados.

16 Havia aqui Coro todos os dias ordinariamente rezado pelos Capellães, e cantado nos dias ſolemnes, Domingos, e dias Santos; celebrando-ſe a liturgia pelos Miniſtros da Patriarcal: ſendo que os que Sua Mageſtade nomeou para officiarem alli quotidianamente, foraõ quatorze Capellães, nove Muſicos, hum Meſtre de Ceremonias para aſſiſtir ſómente às Miſſas, e Veſperas ſolemnes; quatro Moços de Capella, e hum Theſoureiro, que tambem ſerve de Altareiro. Mandou-ſe fazer mais huma torre de madeira totalmente ſeparada da Paroquia, na qual ſe collocaraõ quatro ſinos, que o Arcebiſpo de Lacedemonia ſagrou, e lhe aſſiſtiraõ Conegos da Baſilica, fazendo-ſe eſta funçaõ dentro da meſma Barraca, aſſiſtindo Sua Mageſtade na tribuna.

17 Sempre que ElRey tem de aſſiſtir publicamente na Igreja com a Corte (que he em todos aquelles meſmos dias, em que o coſtumava fazer na Patriarcal) o vem ſervir hum Principal em habito ordinario de murzeta, e manteleta. A' entrada da porta lhe lança agua benta, e aſſiſte a toda a funçaõ, tendo o ſeu lugar em banco de eſpalda, cuberto de raz, ſituado da parte da Epiſtola bem defronte do throno Real. Adminiſtra tambem a Sua Mageſtade o livro dos Evangelhos para o beijar, depois de ſer cantado pelo Diacono: elle o incenſa, e no tempo da Paz, a vay receber do Celebrante da Miſſa, e a communica por amplexo a Sua Mageſtade, e Altezas.

18 Nos dias das Candeas, e Palmas, depois que o Principal dá a véla, ou Palma ao Celebrante, logo immediatamente ſe retira ao ſeu lugar; porque, primeiro que elle, a vaõ receber ElRey, e mais Peſſoas Reaes: porém no dia de Cinza, exercita Sua Mageſtade o acto de humildade, indo recebella de-

pois do Principal: e pela meſma razaõ em ſexta feira ſanta depois do Principal adorar a Cruz, unido juntamente com o Celebrante, entaõ he que S. Mageſtade, e Altezas a vaõ adorar. Toda eſta formalidade, que em a nova Regia Capella ſe pratíca reſpectiva às funções liturgicas, he para ſupprir deſte modo na occaſiaõ preſente o pio intuito do magnanimo Fundador, em quanto outra vez materialmente ſe naõ incorpora ao Palacio Regio a Metropoli Patriarcal, como fora ſupplicada, e concedida pelos Summos Pontifices.

19 Dentro dos limites deſta Paroquia exiſtem os Templos ſeguintes.

Convento.

Noſſa Senhora de Belem. De Religioſos de S. Jeronymo. He edificio nobiliſſimo, e mageſtoſo, onde, como bem diz Manoel de Faria, (1) ſe vê acompanhada a grandeza de curioſidade, de arte a arquitectura, e de preço a materia. Fundou-o junto do mar, naõ muito diſtante da foz do Tejo, ElRey D. Manoel no anno de 1499, que ElRey D. Joaõ III. ſeu filho ampliou com igual magnificencia, conforme expreſſaõ os Diſticos Latinos compoſtos pelo Meſtre André de Reſende, que eſtaõ gravados em pedra por cima da portaria do Convento, e dizem:

Vaſta mole ſacrum Divinæ in litore Matri
Rex poſuit Regum Maximus Emmanuel.
Auxit opus hæres Regni, & pietatis uterque
Structura certant, religione pares.

Neſ-

[1] Faria ſobre a eſtanc. 87. do cant. 4. de Cam. Veja-ſe tambem a Damiaõ de Goes na Chron. delRey D. Manoel part. 1. cap 53 e part 4. cap. 85. Carvalho na Corografia Portug. tom. 3. p. 665. Colmenares nas Delicias de Portug. tom. 4. p. 766., e a 2. part. da noſſa Recreaçaõ Proveitoſa p. 416.

Neſta grande Igreja eſtaõ depoſitados os corpos de muitas Peſſoas Reaes, que declaraõ as inſcripçóes dos ſeus tumulos. Havia reſiſtido fortemente eſte ſoberbo edificio ao terremoto geral do primeiro de Novembro de 1755; mas como ficou abalado, e lhe naõ applicaraõ reparos convenientes para ſua mayor ſegurança, no mez de Dezembro do ſeguinte anno cahio a abobeda da Igreja, e ſe arruinaraõ muitas das ſuas partes. Defronte deſta ſagrada, e Real fabrica, dentro da agua, fez edificar o meſmo Rey D. Manoel da parte do Norte huma torre de eſtructura quadrada, e magnifica, munida com duas batarias alta, e baixa para defender naõ ſó o Convento, mas a entrada do porto de Liſboa. Novamente ſe vê aqui nas margens do Tejo hum formoſo, e eſpaçoſo cáes, que no anno de 1753 mandou fazer o Fideliſſimo Rey D. Joſeph I. para commodo melhor do deſembarque, e para adorno da Caſa Regia de campo, que alli ha.

Moſteiros.

Noſſa Senhora do Bom-Succeſſo. De Religioſas Dominicas Irlandezas junto a Pedrouços. Teve principio a ſua fundaçaõ no anno de 1626, e ſe clauſurou no de 1639, para cujo diſpendio concorreo a Condeſſa de Atalaya D. Iria de Brito com o fim de ſer para Religioſas de S. Jeronymo, que depois pelo patrocinio da Rainha D. Luiza de Guſmaõ, e diligencia do ſeu Confeſſor Fr. Domingos do Roſario Dominico, veyo a ſervir para as Religioſas Irlandezas. Saõ ſujeitas immediatamente ao Geral de S. Domingos, e por commiſſaõ ao Reitor do Collegio de Noſſa Senhora do Roſario dos Irlandezes, ſituados ao Corpo Santo. A pequena ruina, que lhe fez o terremoto, ſe acha reparada.

Calvario. De Religioſas Obſervantes Franciſcanas, que fundou no anno de 1617 defronte do Pa-

lacio de Alcantara D. Violante de Noronha, mulher de Manoel Telles de Menezes. Totalmente ficou eſte Moſteiro arruinado, e abatido, perecendo nas ſuas ruinas vinte e duas Religioſas, quatro Recolhidas, e ſeis Serventes. As poucas que eſcaparaõ, foraõ algumas para o Moſteiro que lhe fica defronte, chamado das Flamengas, e outras para as caſas de ſeus parentes.

Noſſa Senhora da Quietaçaõ. De Religioſas Deſcalças da primitiva Regra de Santa Clara, chamadas vulgarmente Flamengas; porque as Fundadoras fugindo da perſeguiçaõ dos Calviniſtas dos Paizes baixos de Alemanha, vieraõ refugiarſe a eſte Reino pelos annos de 1582, em tempo que governava El-Rey Filippe II., o qual mandando-as recolher primeiramente no Moſteiro da Madre de Deos, e depois na Ermida de Noſſa Senhora da Gloria, paſſaraõ ultimamente para eſte Moſteiro de Alcantara no anno de 1586, em cujo tempo ſe tinha acabado de edificar por diſpendio do meſmo Rey. Naõ teve eſte Moſteiro ruina conſideravel, e a que padeceo, ſe acha reparada.

Ermidas.

Noſſa Senhora dos Afflictos, e Santo Chriſto. Na quinta do Principal D. Lazaro Leitaõ, ſituada na Junqueira. Padeceo muito pouco pelo terremoto.

Santo Amaro. Na eminencia de hum monte de excellente viſta. Sobe-ſe por huma bem lançada eſcada de pedraria com eſpaçoſos taboleiros. A construcçaõ da Igreja moſtra antiguidade, e della faz mençaõ Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira, que eſcreveo no anno de 1551. Foy huma das que eſcaparaõ felizmente ao terrivel deſtroço do terremoto. Defronte deſta Igreja, para a parte da marinha, exiſte hum palacio dos Excellentiſſimos Saldanhas, no qual havia hum eſpaçoſo jardim em terrapleno taõ miſtico da praya, que as aguas da viſinha ribeira lhe

eſtaõ

eſtaõ pelas marés batendo nos muros. Compunha-ſe, além da excellente horta, de copados arvoredos frutiferos, e ſilveſtres quaſi ſempre frondoſos. Toda eſta viçoſa, e verde formoſura, ſe vio laſtimoſamente no dia do terremoto desfeita, e desfigurada; porque embravecidas, e alteradas as aguas do mar viſinho, rompendo o freyo das prayas ao primeiro eſtremecimento da terra, avançaraõ, desfizeraõ, e ſalmouraraõ tudo em breves minutos; introduzindolhe dentro paſmoſamente com a reſaca das ondas grandiſſimos maſtros de navio.

Noſſa Senhora da Annunciaçaõ. Na deliciosa quinta, e palacio de Diogo de Mendoça Corte-Real. Tambem ficou intacta.

Santo Antonio. Na quinta de Antonio Joſeph Diniz de Ayala no ſitio de Oliveiras.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta do Duque de Cadaval no Lugar de Pedrouços.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. No Lugar de Belem na traveſſa da Horta, inſtituida pelo Padre Joſeph da Silva de Carvalho, Clerigo Secular, e tio do adminiſtrador actual Joſeph da Silva Pinto.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na Fabrica da Polvora. Naõ padeceo ruina conſideravel.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta que foy do elegante, e erudíto D. Franciſco Manoel de Mello na ribeira de Alcantara. Ficou iſenta de ruina.

Noſſa Senhora da Graça. Na quinta de Joſeph da Cunha de Araujo no Lugar de Cazellas.

S. Joaquim, e Santa Anna. Na quinta do Marquez de Abrantes em Alcantara. Eſta Ermida, que naõ padeceo com o terremoto o minimo abalo, ou ruina, eſtá edificada ſegundo o goſto moderno da Arquitectura. Conſta de tres Altares ornados com excellentes pinturas do noſſo inſigne Lisbonenſe Franciſco Vieira. Tem muitos, e precioſos paramentos ſummamente aſſeados, e taes que puderaõ baſtantemente ſupprir a indigencia, em que ſe vio a San-

Santa Igreja Patriarcal logo no principio da ſua deſtruiçaõ, e incendio; porque eſtabelecendo-ſe aqui, como já diſſemos, por benigno conſentimento dos Excellentiſſimos Marquezes ſeus Padroeiros, acharaõ os Miniſtros da Santa Igreja commodo, e agazalho taõ amplo, que os noſſos mayores elogios naõ ſaõ baſtantes para engrandecer a nobreza de animo, e piedade com que alli fomos recebidos.

S. Joaõ Bautiſta. Nas caſas de Joaõ Jorge na Junqueira. Ficou ſem damno, e ſempre nella ſe celebrou.

Noſſa Senhora da Nazareth. Na quinta de Gervaſio do Couto na Pimenteira.

Noſſa Senhora do Populo. Na quinta que foy do Deſembargador Joſeph Fiuza Correa em Alcantara. Naõ teve ruina.

Noſſa Senhora do Livramento, e S. Joſeph. Eſta Igreja ſe começou a erigir em Belem no ſitio que fica entre a quinta do meyo, e a quinta de cima, onde eſtá o Real Palacio, lugar em que a Mageſtade Fideliſſima de D. Joſeph I. em a funeſtiſſima noite de 3 de Setembro de 1758 eſcapou milagroſamente de dous execrandos tiros de bacamarte, com que lhe queriaõ tirar a ſua vida eſtimadiſſima varios ſocios conjurados para taõ horrivel inſulto. Agradecido a taõ eſpecial favor de Maria Santiſſima, e ſeu caſto Eſpoſo S. Joſeph, quiz Sua Mageſtade que ficaſſe taõ efficaz patrocinio perpetuamente memoravel na erecçaõ deſte Templo; cuja primeira pedra que era de marmore branco, e de palmo e meyo em quadro, tinha em as duas faces oppoſtas as Inſcripções ſeguintes.

JOSEPHUS I.
LUSITANIÆ REX
Fideliſſimus
Deiparæ Liberatricis
Protectione

III.

III. Nonas Septembris Anni MDCCLVIII.
Hîc inter denſos globos plumbeos
Soſpes evadens
Conjuratorum inſidias
In eum
Gemina ſcloporum diſploſione
Irruentium
Templum hoc
In perpetuum tanti beneficii
Monumentum
Ædificari fecit.

Da outra parte dizia aſſim:

✠
Hujus Templi in honorem
Dei, & Beatiſſimæ Virginis Mariæ
Liberatricis, ac ipſius Sponſi
Sancti Joſeph dicandi
Lapidem hunc primum
In fundamentum
Ab ipſo Rege delatum
Benedixit, ac impoſuit
Emũs D. Franciſcus I.
S. R. E. Cardinalis de Saldanha
Patriarcha Lisbonen.
Summo Pontifice Clemente XIII.
Die III. Septembris.
Anno Domini M. DCC. LX.
Poſt terræmotum V.

Eſta pedra fundamental, que eſtava em huma padiola ſobre huma credencia foy levada ſolemnemente por ElRey aſſiſtido do Senhor Infante D. Pedro, o Senhor D. Joaõ, e o Marquez de Angeja: e depois que o Patriarca lançou ſobre ella a bençaõ com toda a ceremonia conforme o Pontifical Romano, tornou ElRey, e os mais Senhores a caminhar

nhar com ella proceſſionalmente aſſiſtido de toda a Corte, e Collegio dos Principaes, e Capella Real; e chegando até o lugar do aliceríe, nelle ſe collocou a pedra; e alli lançou o Eſmoler mór doze Medalhas ſeis de ouro, e ſeis de prata de varios lotes. As mayores que eraõ de ouro pezava cada huma 52U000 reis; as do lote mediano 39U000 reis; e as do ultimo lote 26U000. O ſeu feitio tambem era de tres qualidades, porque humas tinhaõ de huma parte em perfil o retrato de Sua Mageſtade, e ao redor eſta letra: *Joſeph I. Portugalliæ Rex*, e no reverſo: *B. V. Mariæ Liberatrici, & S. Joſeph Protectori ſuo accepti beneficii monumentum poſuit an. Domini MDCCLX.* Outras tinhaõ as imagens de Noſſa Senhora do Livramento, e S. Joſeph, e por baixo eſta letra: *A' periculis cunctis libera nos*: e no reverſo em relevo o frontiſpicio que ha de ter a nova Igreja, e ao redor: *Accepti beneficii hoc poſuit monumentum*, e em baixo: *An. Dñi MDCCLX.* As outras tinhaõ de huma parte as Armas Reaes, e em circulo: *Joſephus Portugalliæ, & Algarbiorum Rex anno regni ſui X.* No reverſo a planta da nova Igreja, e em roda a ſeguinte letra: *In honorem B. V. M. Liberatricis, & S. Joſeph fundavit Bethlem anno Domini MDCCLX.*

19 Conſtava eſta Freguezia, antes do terremoto, de ſeiſcentos fogos. Preſentemente ſe tem augmentado o ſeu numero, pelo muito povo, que para eſte ſitio concorreo, onde ſe tem edificado innumeraveis barracas em o terreno baldio. As ſuas ruas ſaõ as ſeguintes.

Ruas, e Traveſſas.

Em *Alcantara*, rua Direita, rua da Cruz, e da Tapada: traveſſa das Fontainhas, dos Fornos, das Pedreiras, do Principe, do Quebracoſtas. Em *Belem*, rua Direita, traveſſa das Brazias, ou de Manoel de Faria, do Ferreiro, da Horta, do Guarda mór, da Praça, do Serralheiro.

Fre-

Freguezias confinantes.

A de Santos, Santa Iſabel, Senhora do Amparo em Bemfica, S. Romaõ de Carnexide.

II.

Santo André.

20 ESta Freguezia he das antigas da Cidade, e foy do Padroado Real; porém ElRey D. Diniz em o primeiro de Agoſto de 1286 fez doaçaõ delle a Aires Martins, e a ſua mulher Maria Eſteves, attendendo naõ ſó aos merecimentos do dito Aires Martins, que foy Eſcrivaõ da Puridade, e ſeu Vice-Chanceller, mas às ſupplicas do Biſpo de Liſboa D. Joaõ Martins de Soalhães, que era ſeu particular amigo. (1)

21 Paſſados alguns annos, vendo os Padroeiros, que era muito tenue a renda, que a Igreja tinha, e naõ menos a falta de Miniſtros para o culto Divino, doaraõ à meſma Igreja o direito do Padroado, e juntamente as fazendas, que poſſuhiaõ na Azoya, Freguezia de Santa Iria, para que houveſſem mais dous Capellães, ou Raçoeiros, que com o Reitor rezaſſem em Coro as Horas Canonicas, e viveſſem em Communidade, determinando, que aſſim que vagaſſe algum Beneficio, o podeſſe apreſentar logo o Reitor com o beneplacito dos mais Raçoeiros: e falecendo o Reitor, os ditos Raçoeiros elegeſſem de entre ſi hum delles no eſpaço de ſeis dias immediatos ao ſeu fallecimento; e naõ concordando na eleiçaõ dentro do dito tempo, ficaria devoluta ao Reitor do Convento de Santo Eloy deſta Cidade para o nomear dentro de outros ſeis dias; e naõ o fazendo, poderia entaõ o Prelado mayor, ou o ſeu Viga-

[1] Brandaõ na Monarquia part. 5. liv. 16. cap. 61.

gario geral eleger Prior, com tanto que foſſe ſempre hum dos taes Raçoeiros. (1)

22 Eſta formalidade de eleiçaõ ainda hoje ſe pratíca, e della ha exemplos antigos, e modernos. No anno de 1439 vagando o Priorado deſta Igreja, e elegendo os Beneficiados Prior, como era coſtume, ſe oppoz o Procurador da Coroa delRey D. Affonſo V., pretendendo, e allegando, que ao Rey tocava a apreſentaçaõ, por ſer Igreja do ſeu Padroado; e correndo litigio, obtiveraõ os Beneficiados ſentença a ſeu favor, que ſe guarda no Cartorio da Igreja, e ſe confirmou por outra reſoluçaõ da ſagrada Rota em o primeiro de Fevereiro de 1602, a inſtancias do Doutor Ambroſio Cardoſo, Prior deſta Paroquia.

23 O rendimento deſte Priorado, e Reitoria, tirando a terça do Prelado, ſe regula huns annos por outros em quatrocentos até quinhentos mil reis; advertindo, que eſta renda he attendendo a dous Beneficios, que por Bulla de Alexandre VI. ſe annexaraõ ao Priorado deſde o anno de 1496. Ha neſta Igreja cinco Beneficios, de que he Donatario o meſmo Prior, e rende cada hum cem mil reis. Antigamente naõ ſó dava o Prior os Beneficios, mas tambem collava nelles aos Beneficiados na preſença de hum Notario Apoſtolico, de cujos actos ha no ſeu Cartorio baſtantes documentos. A negligencia, ou diſſimulaçaõ de algum Prior deixou perder eſta regalia, em que ſe introduziraõ depois os Prelados deſta Diecceſe.

24 Achaõ-ſe inſtituidas neſta Igreja cinco Capellanías: a primeira, de que he Capellaõ, e Adminiſtrador o Prior, inſtituío Aires Martins, e ſua mulher Maria Eſteves, Padroeiros, com o titulo de Santo Ambroſio, e com Miſſa quotidiana, que hoje ſe acha na eſmola de toſtaõ, mas tem caſas de reſi-

[1] Santuar. Marian. tom. 7. pag. 73.

ſidencia. Junto ao Altar deſta Capella eſtaõ ſepultados a dita Inſtituidora, e ſeus filhos; e da inſcripçaõ da meſma ſepultura conſta, que ſeu marido, e Padroeiro Aires Martins, indo viſitar os lugares ſantos de Jeruſalem, morrera no caminho.

25 A ſegunda Capella inſtituío o Beneficiado, que foy deſta Igreja, Martinho Domingues na Capella de Noſſa Senhora da Vida com a eſmola ordinaria de ſeis vintens. Saõ ſeus Adminiſtradores, e Donatarios o Prior, e Beneficiados. A terceira inſtituío na meſma Capella hum Prior, que foy deſta Igreja chamado Bartholomeu Vaz de Lemos, com obrigaçaõ de Miſſa cantada em todos os Sabbados: anda a adminiſtraçaõ della na caſa, e morgado de Joaõ Pedro de Noronha Soares.

26 Inſtituío a quarta Capella Antonio Alvares Malheiros com Miſſa quotidiana na Capella de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, de eſmola de trinta e cinco mil reis, que hoje ſe acha reduzida a meyo annal de Miſſas, e he ſeu Adminiſtrador Jeronymo Leite Malheiro Pacheco. A quinta he a do Senhor Jeſus da Pobreza, e Almas, erecta ha pouco tempo por huma nova Irmandade, que fabricou eſta Capella no vaõ, que ſervia de porta traveſſa da Igreja, e tem hum Capellaõ, que lhe diz Miſſa todos os Domingos, e dias Santos do anno, a quem ſe dá cincoenta mil reis.

27 A Padroeira inſtituío mais neſta Igreja ſete Mercieiras, que hoje ſe achaõ reduzidas a quatro por Bulla de Xiſto V. deſde o anno de 1586. Tem caſas em que vivem, e cada huma cincoenta e dous alqueires de trigo cada anno; duzentos e cincoenta reis em dinheiro cada mez, dez toſtões para manto, trezentos reis para çapatos, dous toſtões para o jantar da Paſcoa, e outros dous para o do Natal, e hum pote de azeite. Provê eſtas merciarías o Prior em mulheres donzellas honeſtas, e recolhidas, ou viuvas de bom procedimento, preferindo ſempre as

que tiverem tido bens de ſeu, e ſe acharem reduzidas a pobreza. Diſpoz mais a Padroeira, que no fim de Laudes, e Veſperas ſe lhe rezaſſe no Coro hum Reſponſo; e em dia da Commemoraçaõ dos Defuntos ſe diſtribuiſſe pelos pobres, e neceſſitados hum ſaco de paõ, a que tudo ſe tem dado cumprimento.

28 Com o lamentavel ſucceſſo do terremoto paſſado cahio todo o corpo da Igreja até a porta, a qual ficando com as ruinas entulhada, a gente que eſtava dentro eſcapou toda felizmente, retirando-ſe pela ſerventia, que tem o Prior para as caſas da ſua reſidencia. Ficou todavia livre a Capella mór, o Cruzeiro, a Sacriſtia, e as duas Capellas de Santo Ambroſio, e a da Senhora da Vida, que he Imagem milagroſa, e de muita devoçaõ, a qual paſſados tres dias foy tirada a todo o riſco por certos devotos, que a foraõ collocar em hum Altar da Igreja do Menino Deos, que eſtá perto, para onde foy tambem conduzido o Diviniſſimo Sacramento. Alli eſteve até que o Prior mandando fazer à ſua cuſta, e dos Beneficiados huma decente accommodaçaõ de madeira dentro da meſma Igreja Paroquial, e na parte que naõ teve ruina, fez reſtituir outra vez o Sacramento, e a Imagem da Senhora immaculada, collocando-a no Altar mór, e deu principio aos Divinos Officios em dia da Conceiçaõ da Virgem, no meſmo anno, com huma ſolemne Miſſa cantada em acçaõ de graças. Neſte eſtado ſe acha a Igreja, e ſe vaõ continuando nella os Officios Eccleſiaſticos com o decoro poſſivel.

29 Tem dentro do ſeu territorio o

Convento.

Noſſa Senhora da Graça. De Religioſos Eremitas de Santo Agoſtinho, Templo de huma nobre, e mageſtoſa fabrica, elevada ſobre a eminencia de

hum

hum ſitio chamado em outro tempo *Almoſala*, que ultimamente reedificara o Veneravel Fr. Luiz de Montoya no anno de 1556. O Author da *Corografia Portugueza no tom. 3. pag.* 357., largamente o deſcreve. Entre todas as ſuas partes mais memoraveis, ſerá ſempre digna de attençaõ a ſingular tribuna, com o ſeu precioſiſſimo cofre, depoſito do Santiſſimo Sacramento. Prenda compoſta de muitas dadivas, para as quaes concorreraõ o Arcebiſpo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes, o de Hiponia D. Fr. Antonio Botado, e Filippa de Vilhena, mulher do grande Vice-Rey da India Affonſo de Albuquerque. Igual apreço ſe deve fazer da Capella do Senhor dos Paſſos, cuja Imagem de Chriſto com a Cruz às coſtas he da mayor veneraçaõ, e reſpeito que tem eſta Corte, e talvez o Reino. Merece tambem eſpecial memoria a primoroſa Sacriſtia, na qual ſe fazia admiravel o mais rico, e decente depoſito dos Vaſos, e Reliquias ſagradas, para cujo diſpendio, e ornato contribuío muito o precioſo movel de Mendo de Foyos Pereira, Secretario de Eſtado delRey D. Pedro II. Naõ menos he attendivel a excellente Bibliotheca, onde ſe numera huma grande, e eſcolhida collecçaõ de volumes de todas as faculdades, e bellas letras, impreſſos, e manuſcriptos.

30 Padeceo muito eſte edificio com o grande terremoto, eſpecialmente a Igreja. Apontaremos em ſumma as partes mais conſideraveis da ſua ruina. Sendo o Coro della hum dos melhores da Corte, e eſtando os Religioſos nelle cantando Terça para ſe entrar à Miſſa Conventual, ao ſegundo Pſalmo começou a abalarſe tudo com hum vehementiſſimo tremor: ſahiraõ os Religioſos a toda a preſſa, quando de improviſo cahio o tecto, e logo o plano com tanta violencia, que a Imagem de hum Crucifixo, collocada junto às grades do dito Coro, ſe fez em pedaços, e ſe lhe foy achar a cabeça na Capella mór,

mór, que he huma grande diſtancia. Aqui ſe deſtruío totalmente naõ ſó todo o ornato do Coro, mas tres admiraveis orgãos, que nelle eſtavaõ, fazendo ſe mais ſenſivel a perda do mayor, por ſer antigo, e por ter humas vozes ſuaviſſimas, a que talvez naõ igualaſſe outro algum da Cidade.

31 Depois do Coro cahio a Capella mór, mas ficou livre toda a ſua grande tribuna, e nella o Santiſſimo Sacramento, que eſtava recluſo no precioſo, e ſingular cofre. Logo cahio o tecto do cruzeiro, e o da Igreja com ſeus altiſſimos gigantes, exceptuando hum, que com admiraçaõ de todos ficou ſuſtido em huma pequena parte da ſua baze, dando niſto a inferirſe, que o movimento do terremoto fora provavelmente o de pulſaçaõ. Deve aqui notarſe, que ſendo as paredes meſtras da Igreja fabricadas ſem alicerſes, conforme a ſanta idéa do Veneravel Montoya, que nas Cruzes que mandou diſtribuir, e collocar pela ultima cimalha, dizia eſtava toda a firmeza daquella maquina, foy couſa prodigioſa, que nenhuma dellas teve agora ruina, ficando firmes como dantes; excepto a parede do frontiſpicio, que ſem embargo de ſer mais forte, por ſer feita poſteriormente ao Veneravel Padre, ſe arruinou.

32 Quaſi todas as Capellas do corpo da Igreja padeceraõ igual ruina com mais, ou menos damno. As duas collateraes do cruzeiro ficaraõ totalmente deſtruidas; porém as ſuas ſagradas Imagens com felicidade ſe deſcobriraõ, e recuperaraõ. Eraõ ellas a ſempre veneravel do Senhor dos Paſſos, que ficando dentro da ſua tribuna opprimida com o pezo da parede, que ſobre ella cahio, foy extrahida pela nobre, e pia diligencia de alguns Grandes da Corte, ſuggeridos do empenho, e devoçaõ do noſſo Monarca Fideliſſimo. A outra Imagem era a prodigioſa da Senhora da Graça, cujo corpo ſendo cuberto de prata primoroſamente lavrada em tempo,

e por obſequio da Infanta D. Maria, filha do Senhor Rey D. Manoel, ſe achou todo desfeito; porém a cabeça, e as mãos ſem macula conſideravel: devendo-ſe à piedade do Illuſtriſſimo Monſenhor Joſeph Franciſco de Mendoça, que muito ſe preza de ſer ſeu afilhado, a nova refórma do corpo da Senhora, que hoje ſe vê caprichoſamente eſtofado.

33 Eſtas duas Imagens ſe achaõ já expoſtas à publica veneraçaõ dos Fieis; participando tambem do meſmo culto a Imagem veneranda, e prodigioſa do Santo Chriſto crucificado, que ao Veneravel Padre Montoya vieraõ offerecer dous mancebos quaſi myſterioſamente. Eſta deſcoberta de entre as ruinas ſem lezaõ reputavel, por diligencia do Excellentiſſimo Biſpo do Porto D. Fr. Antonio de Souſa, ſe collocou em huma bem ornada Capella, que elle lhe mandou edificar no antecoro, que de preſente tem o Convento, e depois ſe trasladou para a Capella do Sacramento.

34 A nobiliſſima Sacriſtia com o ſeu notavel Santuario tambem ſe arruinou, cahindo naõ ſó o tecto, mas a parede, que a dividia da Capella mór; e com eſta o Altar, em que ſe conſervavaõ as mais precioſas Reliquias. Deſtas ſe acharaõ muitas em ſeus lugares: taes foraõ ſeis corpos de prata dos Santos Apoſtolos, a de Santo Agoſtinho, Santa Monica, os Santos Lenhos, a cabeça de Santa Chriſtina, e outras nos ſeus cofres tambem de prata: entre eſtas ſe achou ſem damno algum a cana de hum braço do glorioſo Martyr S. Vicente, que agora ſe faz mais eſtimavel, por ſer a unica Reliquia notavel, que exiſte do corpo do Santo, depois que no grande incendio, de que participou a Baſilica de Santa Maria, ſe reduzio laſtimoſamente a cinzas o tumulo, e o cofre em que ſe achava depoſitado. Conſervaõ os Religioſos eſta Reliquia de tempo antiquiſſimo, e como teſtemunho certo, e invariavel

vel da antiguidade do ſeu Convento. (1)

35 Appareceo tambem debaixo daquellas ruinas a grande, e precioſa Cruz, donativo que fez a eſte Convento o Illuſtriſſimo D. Fr. Aleixo de Menezes; e ſem embargo de ſe achar com baſtantes quebras, e muitas de ſuas pedras precioſas, ſacudidas della com impulſo da ruina, quaſi todas ſe deſcobriraõ, excepto hum diamante de mayor grandeza, e algumas outras pedras mais miudas, que naõ appareceraõ. Acha-ſe todavia taõ rico, e veneravel inſtrumento da Redempçaõ humana já concertado, e reſtituido à ſua antiga fórma. Os ornamentos, e mais prata da Sacriſtia tudo ſe ſalvou, ainda que eſta pela mayor parte baſtantemente damnificada; porém aquelles ſe preſervaraõ de todo o riſco, por cauſa dos fortiſſimos caixões, em que ſe guardavaõ. O que ſe faz ſenſivel he deſtruirſe totalmente a maravilhoſa pedra, que eſtava no meyo da Sacriſtia, onde ſe collocavaõ os Calices; porque naõ ſó era eſtimavel pelo precioſo da materia, mas pelo exquiſito debuxo de ſeus marchetados, e embutidos: os Calices porém ſuppoſto ficarem todos amaſſados, já ſe achaõ reſtituidos à ſua antiga fórma, e dourados de novo.

36 O clauſtro grande, ſendo todo fabricado de cantaria, padeceo grandiſſimo abalo em ſuas abobedas, e cahio quaſi toda a cimalha real, e os balauſtres com ſeu corrimaõ, que formavaõ as varandas por cima della. A formoſa caſa da Livraria com ſuas eſtantes de grande cuſto, e o dormitorio do Novicia-

[1] Fundaõ-ſe na memoria da Trasladaçaõ do invicto Martyr, feita por Eſtevaõ, Chantre da meſma Sé, e coetano, a qual ſe tranſcreve no Appendix da 3 p. da Monarq. Luſit. Eſcritur. 25., onde ſe lem eſtas palavras: *Currunt igitur prænominati Regulares aliquid de Reliquiis pretioſi Martyris petituri.* Donde ſe infere, que os taes Religioſos eraõ Eremitas de S. Agoſtinho; pois que entre elles ſe acha de tempo immemorial huma tal Reliquia do Santo Martyr, que elles pediraõ com tanta efficacia, e juſtiça; e he crivel ſer eſta a que ſe lhes deu entaõ

ciado, que ficava por baixo, tudo ſe arruinou; porém o incanſavel zelo, e deſvélo do Excellentiſſimo Biſpo do Porto, Provincial que entaõ era, acodindo prompto ao deſentulho, fez com que os livros naõ padeceſſem damno conſideravel, e lhe deſtinou a caſa da livraria velha, que fica por cima do Capitulo, para ſua mais ſegura reſidencia, mandando reedificar tambem o dormitorio do Noviciado: fez examinar por Arquitectos a torre dos ſinos; mas por eſtarem todas as ſuas pedras gateadas de ferro, deſenganaraõ os Meſtres que tinhaõ a ſegurança preciſa, poſto que o ſentimento, que fizeraõ as ſuas obras mortas, e adjacentes, cauſaſſe ſuſto ao principio.

37 Em todo eſte lamentavel cataſtrofe ficaraõ comprehendidos dous Religioſos, que eſtavaõ no Confeſſionario, o Padre M. Fr. Marcos de Santo Antonio, e o Definidor Fr. Alberto de Brito. Vendo em fim os Religioſos, que as ſuas forças naõ podiaõ chegar ao reparo, e reedificaçaõ de taõ magnifico edificio; porque conſtando, que ſemelhante obra cuſtara ao Veneravel Padre Fr. Luiz de Montoya, em tempo que tudo era mais barato, ſeſſenta mil cruzados, e agora ſeriaõ preciſos mais de ſeiſcentos, tomaraõ a reſoluçaõ de formar Igreja na caſa grande entre o clauſtro, e portaria, a qual tem adornado com cinco Altares, e ſua quadratura, em que celebraõ os Officios Divinos com toda a decencia.

Ermida.

O Senhor dos Paſſos. Na calçada, que vay para a Graça, a qual adminiſtra a Irmandade do Santiſſimo da Freguezia.

38 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de cento, e quarenta fogos, e numerava ſetenta moradas de caſas, em que habitavaõ quinhentas e cincoenta peſſoas. Depois do terremoto achaõ-ſe du-

zentos e treze fogos, e ſetecentas cincoenta e ſete peſſoas. Eſte augmento he cauſado de algumas propriedades de caſas, que de novo ſe fizeraõ junto ao ſequeiro chamado da Graça. Diſtribuem-ſe pelas ſeguintes

Ruas, e Becos.

Adro da Igreja, rua Direita, rua dos Cegos, beco dos Froes, beco da Lage, calçada do Convento da Graça.

Freguezias confinantes.

Santa Marinha, S. Thomé.

III.

Noſſa Senhora dos Anjos.

39 HE eſta Freguezia filial da de Santa Juſta, que o Cardeal Arcebiſpo D. Henrique deſannexou della, por ſer grande o ſeu deſtricto, eſtabelecendo-a na Ermida de Noſſa Senhora dos Anjos, que depois ſe ampliou com o dinheiro produzido de cinco por cento dos alugueres das caſas exiſtentes na meſma Paroquia em tempo delRey Filippe IV. O Paroco tendo ſómente titulo de Cura, o Eminentiſſimo Cardeal Patriarca D. Thomás de Almeida o collou em o predicamento de Reitor, cuja Reitoria lhe renderá ſetecentos e cincoenta mil reis.

40 Neſta Igreja ha huma Collegiada de onze Capellães com ſeſſenta e quatro mil reis de congrua annual cada hum, e he ſeu Donatario, e Adminiſtrador D. Franciſco Innocencio de Souſa Coutinho. Ha mais a Irmandade do Santiſſimo com dous Capellães, a das Almas com quatorze, a de Noſſa Senhora da Conceiçaõ com hum: a Confraria dos Anjos com hum, e a de S. Joaõ Bautiſta com outro.

41 Por cauſa do terremoto ficou eſta Igreja arruinada, e aſſim o Paroco transferio o Sacramento pa-

para a Ermida do Deſembargador Alexandre Metello no Campo do Curral, onde exiſtio por alguns annos. A meſma deſtruiçaõ experimentaraõ muitas propriedades de todo eſte territorio; das quaes humas já eſtaõ reparadas, outras jazem na meſma ruina. Dentro dos limites deſta Paroquia deſde as portas do Paço da Rainha, ou Bempoſta até Arroyos, e dentro do Olival de Noſſa Senhora do Monte ſe fizeraõ de novo varios abarracamentos fabricados huns de madeira, e tabique, outros de pedra, e cal, para habitaçaõ de muita gente, que para alli veyo fugindo ao incendio, e deſtroço do interior da Cidade.

42 Eſtaõ edificados na circumferencía deſta Freguezia os ſeguintes

Conventos.

Noſſa Senhora do Deſterro. De Religioſos Bernardos, fundado no anno de 1591, ſegundo conſta de huma inſcripçaõ aberta em pedra, que ſe vê collocada no clauſtro velho, a qual tranſcreve o Author do *Santuario Mariano em o tomo* 1. *pag.* 289. Ordinariamente aſſiſtem aqui poucos Religioſos. No anno de 1750 foraõ levados a occupar eſte Convento os doentes do Hoſpital Real, que em 10 de Agoſto do dito anno ſe vio reduzido a cinzas com hum deploravel incendio. Fizeraõ-ſe as accommodações preciſas para todos à cuſta da Fazenda Real, com que a grande piedade do Fideliſſimo Rey D. Joſeph I. mandou benigno ſoccorrer o ſeu deſamparo. Aqui eſtiveraõ até o anno de 1751, em que voltaraõ para a enfermaria de S. Camillo, que foy a que ſómente eſcapou no ſobredito Hoſpital, e os Religioſos ſe reſtituiraõ outra vez ao ſeu Convento, que em todo eſte tempo haviaõ eſtado hoſpedados nos Paços chamados do Arcebiſpo a Santa Maria. Experimentou eſte edificio com o terremoto a ruina da Igreja, cujas abobedas totalmente ſe abateraõ.

O Convento poſto que em partes arruinado, ainda ſe habita pelos Religioſos.

43 *Noſſa Senhora de Penha de França.* De Religioſos Eremitas de Santo Agoſtinho. Eſtá edificado eſte Convento na eminencia de hum monte entre os mais altos da Cidade, e no ſitio chamado antigamente *Cabeça de Alperche*, donde com agradavel perſpectiva ſe moſtra aos olhos hum dos mais formoſos paineis, que a natureza pode pintar; porque olhando do alto para o fundo da campina dilatada, eſtaõ-ſe vendo em todos os ſeus arredores copioſos arvoredos, quintas agradaveis, hortas amenas, e terras lavradías; e ao longe montes, e ſerras, que dalli ſe aviſtaõ na diſtancia de mais de oito legoas.

44 Deve o ſeu principio ao zelo de hum Antonio Simões, official de Dourador, que no primeiro de Agoſto de 1603, fazendo doaçaõ aos Religioſos da Igreja da Senhora de Penha de França, que já exiſtia deſde o anno de 1597, elles com eſmolas foraõ fazendo o Convento, e o chegaraõ a concluir com os bens de Antonio Cavide, inſigne bemfeitor da Ordem, e devotiſſimo da Senhora. Depois no anno de 1754 ſe renovou a Igreja primoroſamente tambem à cuſta de eſmolas dos Fieis. O Senado de Lisboa por voto que fez em occaſiaõ de huma grande peſte, que em outro tempo opprimira eſta Cidade, coſtuma ir de madrugada em prociſſaõ todos os annos a eſta Igreja em dia de Noſſa Senhora das Neves. (1)

45 Achava-ſe cabalmente perfeito eſte ſagrado edificio, e com a permanencia de cento e cincoenta e dous annos deſde a ſua primeira fundaçaõ, quando ſuccedendo o fatal dia de todos os Santos, padeceo a ſua Igreja hum deſtroço horrivel com o tremendo terremoto. Cahio primeiramente o Coro; e foy

[1] Santuar. Marian. tom. 1. pag. 149. Corograf. Portug. tom. 3. pag. 421. Souſa no Agiolog. Luſitan. tom. 4. pag. 436.

foy alta providencia de Deos, que ſendo tempo de ſe congregarem nelle os Religioſos para rezar, mandaſſe o Prelado ſuſpender naquella hora o toque do ſino, em quanto ſe demoravaõ alguma couſa mais na Igreja com a expediçaõ das confiſsões dos Fieis, que em grande numero haviaõ alli concorrido. A verdade do ſucceſſo fez ver depois, que aquella ſuſpenſaõ de minutos ao ingreſſo do Coro, mais pareceo cautela cheya de vaticinio, que de acaſo, para que naquelle lugar ninguem pereceſſe.

46 Outra differença de ſorte experimentaraõ os que ſe achavaõ dentro da Igreja, porque cahindo as ſuas abobedas de improviſo, ficaraõ todos ſepultados debaixo dellas. Conjectura-ſe, que ſeriaõ mais de trezentos os mortos: o certo he, que pelo numero das ſagradas Fórmas, que ſe achou menos nas Pyxides do Sacrario, ſe calculou depois terem commungado naquelle dia oitocentas peſſoas. Aqui acabou entre ellas, ajudando à Miſſa, o Irmaõ Leigo Fr. André de Penha de França, natural de Chaves, de idade mais de ſetenta annos, e Religioſo em quem reſplandecia hum conglebado de muitas virtudes. Acompanhou-o no meſmo fim o Irmaõ Donato Joſeph de Macedo. Igual ſaudade deixou o Padre Fr. Joſeph de S. Joaquim, o qual dous mezes antes tendo dito a ſua primeira Miſſa nova, e naquelle dia havendo-a acabado de dizer, ſe achava dando graças a Deos na ſua cella, que abatendo-ſe com elle, o ſepultou.

47 Cahindo a Capella mór, e a ſua tribuna, ficou a Imagem da veneranda, e milagroſa Senhora de Penha de França debaixo das ſuas ruinas; e acodindo logo os Religioſos com muita gente no Domingo ſeguinte para diligenciarem a ſua extracçaõ, ſe ſingularizou entre todos naquella empreza o gentil deſembaraço de hum valeroſo Sargento chamado Antonio Dias Panaõ, para o qual eſtava guardada a gloria de ſalvar daquellas ruinas o ſagrado vulto da Se-

Senhora. Com incanſavel diligencia deſcobrio elle a Imagem, e recebendo-a logo com fervoroſa devoçaõ em ſeus braços, entoando louvores ao Ceo, com immenſo povo que o ſeguia, a foy transferir, e collocar ſobre o eirado de huma quinta proxima ao adro da Igreja para ſer viſta de todos. Alli eſteve a prodigioſa Senhora quaſi hum mez aſſiſtida dos Religioſos, e de hum extraordinario concurſo do povo, que a todas as horas com perpetuos rogos, e inceſſantes lagrimas pediaõ a Deos pelos merecimentos de taõ ſoberana Virgem a ſuſpenſaõ daquelle flagello.

48 Como os Religioſos nunca ſe apartaraõ do Convento, e ficaraõ na ſua cerca adminiſtrando o remedio eſpiritual a muita gente, foraõ proſeguindo na tarde da ſegunda feira o deſentulho das ruinas; entre as quaes deſcobrindo o cofre do Sacramento, que ſe achou intacto, o levaraõ para a Ermida da Senhora do Monteagudo, que fica pouco diſtante, com huma devota prociſſaõ. Logo na terça feira, continuando a empreza, deſcobriraõ felizmente vivo, de entre as ruinas, hum homem chamado Filippe Neri, meſtre Pedreiro, que como eſtava ainda eſcrito no livro da vida, foy reſpeitado em todo aquelle tempo da ſua ſepultura dos proprios inſtrumentos, que a outros ſerviraõ de morte.

49 Na caſa chamada de Profundis, dentro do Convento, levantaraõ os Religioſos hum Altar, onde collocaraõ o Sacrario. Depois com a poſſivel decencia fizeraõ huma barraca de madeira, em que deſpenderaõ quatrocentos mil reis, tudo de eſmolas, e expozeraõ a veneranda Imagem da Senhora. Porém concorrendo cada vez mais a piedade, e devoçaõ, erigiraõ huma nova Igreja de tabique, e de pedra, e cal, que tem importado doze mil cruzados, onde a Senhora he venerada, como ſempre, pelos Fieis com hum culto, e fervor extraordinario.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Hoſpicio de Religioſos Capuchos da Provincia da Conceiçaõ da Beira, e Minho, reedificado no anno de 1738 na eſtrada da Carreira dos Cavallos pela devoçaõ, e diſpendio do Sereniſſimo Infante D. Franciſco; e ultimamente o Sereniſſimo Senhor Infante D. Pedro o mandou reedificar de novo no anno de 1755 em todas as ſuas officinas, dormitorios, e cellas com generoſidade verdadeiramente Regia. Com o terremoto padeceo pequeno damno; porém os Religioſos para ſe livrarem de todo o ſuſto, rezaraõ alguns tempos na portaria, e mandaraõ renovar na parede do Altar mór hum pedaço de abobeda, que unicamente padecera.

Noſſa Senhora da Nazareth. Collegio, e Noviciado que foy dos Padres Jeſuitas, que ſe deſtinavaõ para as Miſsões da India, foy fundado no ſitio de Arroyos em o anno de 1705. Foy pequena a ruina, que o terremoto cauſou a eſte edificio, que já ſe acha reſtaurada.

Ermidas.

Santo Antonio. Na quinta dos Cypreſtes, que he de Franciſco Monteiro de Souſa.

Santo Antonio. Na quinta de Luiz Alvares de Andrade, acima de Arroyos.

Santa Barbara. Na quinta que foy do Deſembargador Luiz Borges de Carvalho, e hoje he de D. Ignez Roſa de Moura. Naõ teve com o terremoto deſtroço algum, antes ficou taõ intacta, que ſe abrigou nella a Parroquia de S. Jorge.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Nas caſas de D. Chriſtovaõ Manoel de Vilhena a Arroyos. Tambem naõ padeceo ruina conſideravel.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta do Pina.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. No campo Real da Bempoſta. Foy erecta pela Sereniſſima Infanta de Portugal, e Rainha de Graõ Bretanha a Senhora D. Catharina, eſtabelecendo neſta Igreja, e Capella

Real

Real huma Collegiada com doze Capellães cantores obrigados ao Coro todos os dias, e com a congrua de oitenta mil reis cada hum. He hoje ſeu Donatario, e Adminiſtrador o Sereniſſimo Senhor Infante D. Pedro, por ter conſeguido por ſentença a grande Caſa do Infantado, o qual em 11 de Dezembro de 1758 accreſcentou mais oito Capellães com cem mil reis cada hum de congrua, hum Theſoureiro, hum Moço de Capella, cinco Cantores, hum Organiſta, e hum Maceiro, e fez reduzir a Igreja a fórma magnifica, e competente a huma Regia Collegiada.

S. Gonçalo. Ao poço dos Mouros, de que he Adminiſtrador Jeronymo Pereira Coutinho.

Jeſus, Maria, Joſeph. No Paço da Bempoſta, de que he Adminiſtrador Joaõ da Silva Furtado. Com o terremoto ficou arruinada baſtantemente.

S. Joaõ Bautiſta. Na quinta da Cruz de Almada.

S. Joaõ Bautiſta. Na quinta que hoje he do Deſembargador Joaõ Marques Bacalháo.

Noſſa Senhora do Monte. Foy edificada no anno de 1243 por huma D. Suſana. Os Religioſos Eremitas de Santo Agoſtinho logo nos principios da ſua introducçaõ neſta Cidade habitaraõ aqui, e foy eſte o ſegundo Convento, que tiveraõ com o titulo de Eremitorio de S. Gens. Por juſtos motivos o deſampararaõ, mas ſempre ficaraõ conſervando a ſua adminiſtraçaõ, e he governada por hum Capellaõ, Religioſo do meſmo Convento, eleito em Capitulo.

50 Debaixo do alpendre deſta Igreja, em hum angulo delle, permanece ainda a cadeira de S. Gens, que o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha conjectura ter ſido Biſpo de Lisboa. Eſteve ella na primeira habitaçaõ deſtes Religioſos Eremitas na raiz do monte, na qual dizem ſe ſentava aquelle ſanto Prelado para prégar ao povo: foy tansferida para o ſitio onde agora ſe acha: e he mayor a ſua veneraçaõ, depois

pois que a Sereniſſima Rainha D. Maria Anna de Auſtria lhe mandou pôr grades de ferro à roda na occaſiaõ quando veyo aqui no anno de 1723 ſentarſe nella para ſer bem ſuccedida nos ſeus Reaes partos, ſegundo a inveterada fé, que as matronas Liſbonenſes tem com a interceſſaõ deſte Santo, experimentando quando eſtaõ proximas ao parto, o ſerem bem ſuccedidas, ſe aſſim o executaõ.

51 Totalmente ſe arruinou eſta Ermida com o terremoto, fallecendo debaixo de ſuas ruinas o Ermitaõ Donato da Ordem, que tinha naquelle inſtante acabado de commungar, e ſe achou depois de joelhos com os braços em cruz. A ſagrada Imagem da Senhora, que he perfeitiſſima, e titular da Igreja, ſe achou debaixo das ruinas ſem leſaõ conſideravel, e logo o Padre Capellaõ regente, com adjutorio de muitos devotos, lhe fez edificar huma Capella de madeira no meſmo ſitio, e territorio da Ermida, onde com a poſſivel decencia foy por algum tempo venerada, e com fervor ſe foy cuidando na reedificaçaõ do Templo arruinado para onde depois ſe trasladou.

Noſſa Senhora do Monteagudo. Exiſte no caminho de Penha de França. Foy edificada por Lourenço Pires de Carvalho, Commiſſario da Bulla da Cruzada, no anno de 1693, e he hoje ſeu Adminiſtrador o Conde de Soure. Ficou intacta, e firme aos impulſos do terremoto.

Noſſa Senhora da Nazareth. Nas Olarias.

Noſſa Senhora do Populo. No Palacio de D. Franciſco Innocencio de Souſa Coutinho em Arroyos.

Noſſa Senhora dos Remedios. Na quinta de Manoel de Oliveira.

Santa Roſa. Em Arroyos no Palacio do Senhor de Murça. Naõ ſentio ruina alguma. Antes para eſta Ermida ſe foraõ refugiar algumas Paroquias.

S. Vicente Ferrer. Ao forno do tijolo. Tambem naõ padeceo ruina.

52 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de dous mil cento e quarenta fogos; agora numera em todo o ſeu deſtricto, e habitantes em caſas, dous mil cento e dezaſete fogos: e diſperſos naõ ſó nos dous abarracamentos, que acima diſſemos dentro nos limites da Freguezia, mas tambem nas outras alheyas, que conforme a Paſtoral do Eminentiſſimo Cardeal Patriarca, ſe reputaõ como proprias, duzentos noventa e tres fogos; que todos juntos vem a fazer o numero de dous mil quatrocentos e dez fogos, até o anno de 1757. Conſta das ſeguintes

Ruas.

Arroyos, Santa Barbara, Bempoſta grande, e pequena, Bombarda, Calçadas de Alvalade, de Santo André, do Conde de Pombeiro, do Monte, Caracol da Penha, Carreira dos Cavallos, Carreirinha, Cruz dos quatro caminhos, Cruz dos Siganos, Eſtrada de Sacavem, Fontainha, Graça, Monteagudo, Olarias, Penha de França, Poço de Mouros, Rol, Rua Nova, Sol, Terreirinho, Traveſſa do Monte.

Becos.

Almocreves, Cativos, Joaõ do Monte, Jordaõ, Imaginario.

Freguezias confinantes.

Santo André, Santa Engracia, S. Lourenço, Senhora dos Olivaes, Senhora da Pena, S. Sebaſtiaõ da Pedreira, Senhora do Soccorro.

IV.

S. Bartholomeu.

53 A Mayor antiguidade, que podémos deſcobrir deſta Paroquia, he a que conſta de huma eſcritura feita pelo Biſpo de Lisboa D. Alvaro no anno de 1168, na qual ſe faz já mençaõ da Igreja de S. Bartholomeu, como bem adverte D. Ro-

Rodrigo da Cunha. (1) Foy Capella Real delRey D. Diniz, quando vivia no palacio fronteiro da Igreja, para a qual tinha paſſadiço, e tribuna: e querendo o Biſpo D. Domingos Jardo fundar o Hoſpital de S. Paulo, hoje Convento de Santo Eloy, no deſtricto deſta Freguezia, ElRey D. Diniz no anno de 1286 lhe fez mercê do Padroado della para applicar ao Hoſpital as ſuas rendas. (2)

54 De ſorte, que o Reitor de Santo Eloy, em quem recahio o Padroado por transferencia do Biſpo, he o que hoje apreſenta a dita Igreja, que renderá, huns annos por outros, ſeiſcentos mil reis. Reedificou-ſe o antigo edificio por diligencia do Prior Manoel da Silva e Moura pelos annos de 1707, pouco mais, ou menos. (3)

55 Ha aqui tres Beneficios, que apreſenta, e colla o Reitor do ſobredito Convento, e renderá cada hum, entre frutos, anniverſarios, e pé de Altar, noventa mil reis. Ha mais tres Capellanías: huma que inſtituío Joaõ da Fonſeca com obrigaçaõ de Miſſa quotidiana, e de rezar no Coro: outra que ordenou Maria de Alcaçova, mulher de Antaõ da Fonſeca: outra de Franciſco de Matos, que todas pelo ſeu tenue rendimento ſe naõ ſatisfazem, e vaõ para os legados naõ cumpridos. Houve aqui tambem outra Capella, que inſtituío o Biſpo do Algarve Joaõ Soares Alaõ no anno de 1308, de que ſe lembra o Author da Monarquia Luſitana, liv. 18. c. 30. Ha mais na Igreja duas Confrarias, huma das Almas com a protecçaõ de S. Miguel: outra de Santo Antonio dos Pobres, além da do Santiſſimo Sacramento.

56 Naõ lhe reſultou a eſta Igreja pequeno prejuizo com o terremoto, e incendio memoravel; porque hum lhe derrubou o tecto, e frontaria; e ou-

[1] Cunha Hiſtor. Eccleſ. de Lisboa part. 2. cap 7. [2] Ibid. cap. 69. Monarq. Luſit. liv. 16. cap. 54. [3] Santuar. Marian. tom. 7. p. 136.

outro lhe deſtruío as melhores tres Capellas, que tinha: devorou a mayor parte da ſua prata, e dos ſeus ornamentos, e tirou a vida a quarenta e cinco peſſoas deſta Paroquia; ſalvando-ſe todavia ſem leſaõ alguma os ornatos, e mais fabrica pertencentes à milagroſa Imagem da Senhora da Graça. Vendo-ſe neſte deſamparo, e conſternaçaõ o Paroco deſta Igreja, como os ſeus freguezes ſe tinhaõ ido abarracar em mayor numero para o Campo de Santa Clara, quinta do Alcaide Fidalgo, Cardal, e Cruz dos quatro caminhos, determinou erigir huma barraca decente, poſto que pobre, no Cardal da Graça, aonde exiſtio, ſem faltar à adminiſtraçaõ dos Sacramentos.

57 Ha no ſeu deſtricto os Templos ſeguintes.

Convento.

Santo Eloy. De Conegos Seculares de S. Joaõ Evangeliſta. Foy fundado pelo Biſpo D. Domingos Jardo no anno de 1286 com o titulo de Hoſpital de S. Paulo. Por morte do Biſpo ficou ſeu ſobrinho Affonſo Annes com o governo do dito Hoſpital, e com o titulo de Provedor; até que indo em decadencia a ſua adminiſtraçaõ, recorrendo ao Papa Eugenio IV. o Infante D. Pedro, que governava eſte Reino pela minoridade de D. Affonſo V., o deu a eſta nobiliſſima Congregaçaõ, do qual tomou poſſe D. Affonſo Nogueira em 24 de Abril de 1442. Foraõ os Conegos deſta veneravel Congregaçaõ os que inſtituiraõ a primeira Irmandade do Santiſſimo Sacramento, que houve em Liſboa. (1)

58 Com o grande, e inſolito abalo do terremoto, padeceo eſta Igreja notavel deſtroço. Cahiraõ-lhe immediatamente as duas torres, huma chamada a torre velha, onde eſtavaõ os ſinos, e o relogio; e

[1] Santa Maria no Ceo Aberto na Terra liv. 1. p. 299. e liv. 2. p. 437. Santuar. Marian. tom. 1. p. 188.

e a outra chamada a torre nova, que ainda naõ tinha ſinos, e exiſtia por cima da porta da Igreja. Logo lhe cahio o tecto, e as ſuas paredes até as cimalhas das Capellas, ficando os dous arcos da Capella mór, e do Coro em pé. Ao meſmo tempo cahio tambem o tecto da Sacriſtia, e huma parede, que ficava para a banda do pateo, e corria igual com a parede fronteira da Capella mór, que toda ſe abateo.

59 Neſte eſtrago conjectura-ſe, que acabaraõ a vida mais de noventa peſſoas; e da Communidade pereceraõ o Reitor, e Vice-Reitor, o Procurador geral, mais dous Padres, hum Coriſta, e hum Leigo.

60 O Convento ſó teve de ruina com o terremoto, cahir ametade da parede do frontiſpicio para a parte do Limoeiro: o mais reſiſtio firme; porém ſobrevindo o fogo, ardeo todo o dormitorio, e livraria, que eſtava nas varandas do clauſtro; ficando todavia illeſas do incendio a caſa do Cartorio, que tambem eſtava no meſmo clauſtro, e a Igreja, e a Sacriſtia: mas naõ ſe poderaõ livrar da actividade das chammas os celeiros, adegas, refeitorio, e botica, que eſtavaõ por baixo do dormitorio.

61 Reſolveraõ os Padres neſte deſamparo hirem no meſmo dia buſcar o abrigo de outro ſeu Convento, que tem em o ſitio de Xabregas junto à marinha; e paſſado algum tempo, o novo Reitor, que elegeraõ, chamado Joſeph da Cruz Ortigaõ, mandou fazer no clauſtro deſte Convento arruinado huma barraca por modo de hoſpicio, e no andar de cima nove cellas. Fez mais huma Capellinha com hum ſó Altar para ſe dizer Miſſa, e outras accommodações, e officinas, em que actualmente aſſiſte com dous Padres, e tres Leigos.

Se-

Seminario.

Santa Catharina. De Collegiaes ſeculares, eſtabelecido pelo Cardeal D. Henrique, ſendo Arcebiſpo de Lisboa. Eraõ governados por hum Reitor Jeſuita, e Vice-Reitor Clerigo ſecular, que os acompanhava ao Collegio de Santo Antaõ, onde hiaõ aprender as faculdades, que alli ſe enſinavaõ. Tambem padeceo muito com o terremoto, e incendio, ficando em deploravel eſtado.

62 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de cento e quarenta fogos, e de quinhentas peſſoas: preſentemente acha-ſe com cincoenta e hum fogos, e cento e ſetenta peſſoas; porque ſe arruinaraõ, e deſtruiraõ com o fogo mais de noventa e ſete moradas de caſas. As ruas eſtaõ quaſi deſertas, e ſaõ as ſeguintes.

Ruas.

Amargura, Chaõ da Feira, Jeruſalem, Lage, Paſſadiço, Portas de Alfofa, Seminario, Torre, Traveſſa do Chaõ da Feira.

Freguezias confinantes.

Santa Cruz do Caſtello, S. Mamede, Santa Maria, Santiago.

V.

Santa Catharina.

63 FOy fundada eſta Igreja na eminencia de hum monte, chamado antigamente do Pico, ou Belver, em 27 de Mayo de 1557 pela devoçaõ delRey D. Joaõ III., e da Rainha D. Catharina ſua mulher, intervindo o Padre Fr. Miguel de Valença da Ordem de S. Jeronymo. Deu a Rainha para a ſua fabrica a mayor parte do gaſto, e a dotou de muitos, e precioſos ornamentos. (1) Depois a

---

[1] Brand. Monarq. Luſit. liv. 18. cap. 46. Cardoſo Agiolog. Luſit. tom. 2. pag. 715.

a inſtancias da meſma Rainha foy erecta em Paroquia com beneplacito do Cabido da Sé Metropolitana por eſcritura feita em 9 de Outubro de 1559, deſmembrando-ſe do territorio, que pertencia à Paroquia dos Martyres, e começou a exercer as ſuas regalias deſde o primeiro de Janeiro de 1560. (1)

64 Aſſim a foy poſſuindo a dita Rainha no ſeu Real Padroado, conſervando porém ſempre na ſua adminiſtraçaõ a Confraria antiga dos Livreiros, (por ſerem miniſtros da ſabedoria, de que eſta Santa he Protectora) os quaes ſe tinhaõ mudado para eſta nova Igreja, da Ermida de Santa Catharina de Ribamar, onde tiveraõ o ſeu primeiro eſtabelecimento, deſde o anno de 1460; até que a ſupplicas do Livreiro da Caſa Real, fez a Rainha mercê do Padroado ao dito Officio, incorporado em Irmandade no anno de 1567, com a obrigaçaõ de ſervir ſempre de Juiz hum Fidalgo da primeira grandeza, como até o preſente ſe obſerva.

65 O Paroco tem predicamento de Cura, que a Meſa da ſobredita Irmandade, como Donataria, provê annualmente, e tambem tres Coadjutores, e hum Theſoureiro, que ſaõ os Miniſtros deſta Igreja, aos quaes confirma o Prelado deſta Dieceſe. Ao Cura renderá a Paroquia ſeiſcentos mil reis, ſó do que ſe chama pé de Altar, porque naõ tem dizimos, e a cada hum dos Coadjutores cento e ſeſſenta mil reis, e o meſmo ao Theſoureiro.

66 Tem eſta Igreja cinco Irmandades, a do Santiſſimo, a das Almas, Santa Catharina, S. Joſeph, S. Sebaſtiaõ. Conta dezanove Capellas, a ſaber: quatro da Irmandade do Santiſſimo, das quaes huma he de ſeſſenta mil reis, e as tres de cincoenta: dez da Irmandade das Almas, todas de quarenta e oito mil reis: huma no Altar de Noſſa Senhora da

---

[1] Bayaõ Portug. Cuidad. liv. 4. cap. 20. Fr. Apollin. Demonſtraç. Hiſtor. pag. 212.

da Nazareth com ſua Confraria, e Capellaõ com cincoenta mil reis: huma no Altar do Santo Chriſto de eſmola quotidiana de cento e vinte reis, a qual adminiſtra Bernardo de Almada, Provedor da Caſa da India: duas que adminiſtra a Irmandade da Congregaçaõ da Doutrina, e cada huma de cem mil reis, mas com obrigaçaõ de acompanhar o Santiſſimo; e huma que adminiſtra a Irmandade de Santa Catharina com a congrua de cincoenta mil reis.

67 Experimentou eſta Paroquia baſtante ruina com o terremoto; pois naõ ſó deſtruío o ſeu impulſo a Igreja Paroquial, e a dos Religioſos de Jeſus da Ordem Terceira, mas os palacios do Conde de S. Lourenço, da Condeſſa do Rio-grande, de D. Joſeph de Lancaſtro, de D. Joſeph de Menezes, de D. Antonio Alvares da Cunha, e mais duzentas e quarenta e nove propriedades de caſas de varios ſenhorios, e moradores; das quaes vinte e duas totalmente conſumio o incendio ſubſequentemente ao terremoto.

68 Neſte doloroſo eſtado paſſou logo o Paroco a eſtabelecer a Freguezia na Ermida do Eſpirito Santo do Recolhimento dos Cardaes; e porque eſta naõ tinha commodidade opportuna para ſe recolherem nella as inſignias da Irmandade do Santiſſimo, foy abrigarſe tambem na Barraca dos Religioſos Terceiros, donde ſahia o Santiſſimo por Viatico aos enfermos; conſervando juntamente na dita Ermida o Sacramento para as Communhões quotidianas dos freguezes, e mais povo. Aqui permaneceo até 23 de Novembro de 1757, em cujo dia ſe transferio para a antiga Igreja Paroquial, que ſe acha ſufficientemente reedificada, e onde ſe fez em acçaõ de graças hum triduo feſtivo com toda a ſolemnidade.

69 No ſeu deſtricto exiſtem os Conventos ſeguintes.

Con-

Conventos.

Noſſa Senhora de Jeſus. De Religioſos da Terceira Ordem de S. Franciſco. Teve origem em huma Ermida, em que habitava hum Ermitaõ no ſitio dos Cardaes, e della tomaraõ poſſe os Religioſos no anno de 1595, onde fizeraõ Hoſpicio. Depois no anno de 1615 a 30 de Julho ſe lançou a primeira pedra no edificio novo, em que ſe diſſe a primeira Miſſa a 24 de Fevereiro de 1623. (1) He Templo grandioſo com eſpaçoſa área. Fabricou-lhe a Capella mór o Arcebiſpo de Lisboa D. Joaõ Manoel no anno de 1633, por cujo principio ficaraõ ſendo Padroeiros della os Condes de Atalaya, hoje Marquezes de Tancos. A Capella dos Terceiros Seculares he attendivel: fórma quaſi huma Igreja ſeparada com ſete Altares perfeitamente adornados.

70 Todo eſte ſagrado Templo ficou ſujeito à laſtimoſa ruina, que lhe occaſionaraõ os violentos impulſos do terremoto. Cahio primeiramente a parede do oculo, que ficava ao Norte por cima da Capella mór, e arruinando o ſeu tecto, que era de cantaria almofadada, deſpedaçou naõ ſó todo o retabulo de talha dourada, e todo o Altar mór, mas a precioſa Capella do Santiſſimo, que lhe ficava contigua. Os arcos de pedra, que ſuſtentavaõ o tecto da Igreja, e dividiaõ o Cruzeiro, e o Coro, ſe desfizeraõ, e levaraõ comſigo parte do ornato do meſmo Coro, e offenderaõ outras partes da Igreja, acabando de ſe arruinar tudo em a noite de 20 de Janeiro de 1756, em que cahio o tecto da Igreja, e ſe perdeo o Coro, que conforme os Arquitectos

[1] Aſſim o refere Fr. Appollinar. da Conceiçaõ no Clauſtro Franciſcan. pag. 66; porém Jorge Cardoſo no Agiolog. tom. 1. pag. 87. diz, que os Religioſos tomaraõ poſſe a 4 de Outubro de 1599, a quem ſegue D. Luiz de Lima na Geogr. Hiſtor. tom. 2. p. 151, e o Author do Santuar. Marian. tom. 1. p. 308., e tom. 7. p. 109.

de bom goſto, era o mais formoſo, e regular, que havia na Corte.

71 Arruinou-ſe tambem a caſa do Refeitorio magnifica, o Dormitorio da parte do Sul, e o do Cardal, que fica ao Norte; o lanço do Clauſtro immediato à Igreja, e a Enfermaria com as ſuas officinas. As ſagradas Imagens, que ſe veneravaõ neſte Templo, e com elle participaraõ dos ſeus deſtroços, achaõ-ſe todavia pela mayor parte já remediadas, e expoſtas à publica veneraçaõ por diligencia de varios devotos. Dentro da Igreja morreraõ vinte e huma peſſoas, a ſaber: dous homens, e dezanove mulheres. Dos Religioſos foy ſó o P. Prégador Fr. Manoel da Madre de Deos com oitenta e cinco annos de idade, e ſeſſenta e dous de profeſſo, o que pereceo dentro do Convento, porque nos eſtragos da rua Nova ficou ſepultado Fr. Manoel de S. Jeronymo Farto, Commiſſario da Corte.

72 Vendo-ſe os Religioſos em tanta oppreſſaõ, e deſarranjo, foraõ refugiarſe na Capella de S. Franciſco, que eſtá na ſua cerca, onde no dia ſeguinte 2 de Novembro celebraraõ, e officiaraõ, transferindo para a dita Capella o diviniſſimo Sacramento, que ficou ſem perigo algum no ſeu Sacrario. Neſte lugar ſe conſervaraõ muitos Religioſos em corpo de communidade, reparados com pobre abrigo das inclemencias do tempo. Daqui ſahiaõ a adminiſtrar os Sacramentos aos moribundos, e a buſcar os mortos para lhes dar decente ſepultura. Daqui ſoccorriaõ as neceſſidades do proximo, exercitando compaſſivos muitos actos de caridade com o attenuado povo, que em turbas ſe havia acolhido àquelle lugar.

73 Continuava o deſcommodo, e apertava o rigor do tempo; e aſſim foy preciſo ao P. Commiſſario Viſitador, e Provincial mandar levantar, entre outras, huma decente barraca, onde ſe principiaraõ a celebrar os Officios Divinos com ſolemni-

da-

dade, canto, e orgaõ na veſpera da Natividade de Chriſto de 1755, e ſe continuaraõ até que novamente ſe reſtituiraõ à Igreja, que ſe acha nobremente reedificada. Muito deve a Communidade ao zelo dos RR. PP. Fr. Manoel da Conceiçaõ Poyares, Ex-Definidor, e Miniſtro local da Caſa, e ao Commiſſario Provincial, e Viſitador; porque hum mandando deſentulhar a Igreja, e reſgatar dos eſtragos das ruinas muitas excellentes pinturas, e traſtes eſtimaveis, por naõ perecerem de todo; e o outro mandando reſtaurar varias porções do Convento, o tem feito capaz, quanto he poſſivel, de habitarem nelle os Religioſos.

74 A grandioſa Capella dos Terceiros, cujo tecto era de abobeda, cahio ao primeiro tremor, mas a tempo que todos os que eſtavaõ dentro haviaõ fugido para o pateo do Hoſpital, de ſorte que naõ perigou ninguem; deſpedaçando a abobeda o que continha a Capella, e ficando tambem deſtruida a caſa do Deſpacho: porém tudo ſe acha reſtaurado excellentemente pelo zelo, e diſpendio dos Irmãos Terceiros.

Santiſſimo Sacramento. De Religioſos Pauliſtas da Congregaçaõ da Serra de Oſſa. Deve eſte Convento a ſua erecçaõ ao grande zelo do P. M. Jubilado Fr. Diogo da Ponte, que com o patrocinio delRey D. Joaõ IV. lhe deu principio no anno de 1647 com huma grandeza, e magnificencia notavel. Com o terremoto participou de algumas ruinas; porque cahiraõ as pyramides das duas torres, e varanda; abrio a abobeda da Igreja pelo meyo quaſi hum palmo; cahiraõ até o meyo as paredes das ultimas duas cellas, que olhaõ para o Norte, e Occidente, e padeceraõ ſeu deſtroço as paredes do novo dormitorio: porém naõ chegou o infortunio a tirar a vida neſte lugar, mais que a huma mulher, que morreo da ferida de huma pedra, que lhe cahio eſtando dentro do Cruzeiro.

75 Obrigou eſta fatalidade aos Religioſos irem aquartelarſe na cerca em barracas, que a prompta providencia dos Prelados mandou fazer, e com eſpecialidade huma para ſe celebrarem nella os Officios Divinos, em quanto a Igreja ſe naõ punha expedita: neſta diligencia ſe trabalhou com efficacia. O Templo ficou com a vantagem de melhorar no eſplendor, deſafogo, e claridade; porque ſobre as paredes antigas da Igreja ſe accreſcentaraõ na altura mais ſeis palmos, para ſe plantar ſobre ellas vigamento, e formar o tecto de eſtuque. O Convento porém ſe acha inteiramente naõ ſó reparado, mas habitado, e abaſtecido com o grande reforço de groſſas linhas de ferro, que ſe introduziraõ por entre as paredes quaſi em todas as cellas, e dormitorios.

Recolhimentos.

Noſſa Senhor'a do Carmo. He adminiſtrado pelo Conde de S. Lourenço. Teve grande ruina, e as Recolhidas foraõ quaſi todas para o palacio, que foy do Conde de Sabugoſa na viſinhança de Santo Amaro, o qual hoje poſſue o dito Conde de S. Lourenço.

Eſpirito Santo. Foy fundado no anno de 1671 por D. Maria Borges, mulher nobre, para nelle viverem retiradas do mundo algumas mulheres graves. Deſde o anno de 1680, que o adminiſtraõ os Religioſos de Jeſus da Terceira Ordem de S. Franciſco. Padeceo pequena ruina com o terremoto, e a que teve, ſe acha recuperada.

76 Conſtava eſta Paroquia antes do terremoto de mil oitocentos e ſetenta e quatro fogos; peſſoas de communhaõ oito mil duzentas e cincoenta e cinco. Acha-ſe preſentemente com mil quatrocentos e ſeſſenta e cinco fogos: e oito mil e vinte peſſoas de communhaõ, e cento e quarenta menores, diſtribuidas pelas ſeguintes ruas; a mayor parte deſertas.

Ruas.

Adro da Igreja, Almada, Arrochela, Bica grande, e pequena, Cabral, Caldeira, Calçada do Combro, Cardaes, Caſas cahidas, Conde, Convertidas, Cruz, Cruz de páo, Direita, Era, Eſperança, Ferreiros, Frontaria de S. Bento, Gaivotas, Igreja, Joaõ Braz, Lambaz, Marcos Marreiros, Parreiras, Paz, Peaes de S. Bento, Pedro Dias, Portugueza, rua Nova de S. Bento, Secretario, Sol, Terreirinho da Cruz, Valle, Valle das Chagas.

Becos, e Traveſſas.

Arcipreſte, Carraſco, Benedicto, Bento da Silva, Esfolabodes, Judeo, Larangeiro, Marçal, Paſcoa, Queimada, Roſa, Rua Freſca, Siqueira.

Freguezias confinantes.

Encarnaçaõ, Santa Iſabel, Mercês, S. Paulo, Santos.

VI.

Chagas de Jeſus.

77 SEm embargo de naõ ter eſta Freguezia territorio determinado, por ſer ſómente propria para os homens maritimos da carreira da India, e mais Conquiſtas; com tudo como tem pia Bautiſmal, e goza das regalias Paroquiaes, a incluimos em o numero das Freguezias da Cidade.

78 Teve o ſeu principio de huma Irmandade das Chagas, que no Convento da Santiſſima Trindade deſta Corte inſtituira Fr. Diogo de Lisboa, Miniſtro do meſmo Convento; e por diſcordia, que houve entre a Irmandade, e os Religioſos, ſe ſeparou delles, pedindo licença ao Pontifice Paulo III. para erigirem à ſua cuſta huma Igreja, que tiveſſe todas as inſignias de Paroquia, e faculdade para nomearem Capellaõ, e ter hum Hoſpital, em que ſe curaſſem os feridos, e enfermos das Armadas; allegando para iſſo os ſerviços, que os da dita Irmanda-

dade, como homens navegantes, tinhaõ feito à Igreja nas Armadas contra os Infieis.

79 Concedeo-lhes benignamente Paulo III. o que pediaõ, e pondo elles em execuçaõ a faculdade Pontificia, deraõ ordem a fabricar a Igreja no alto de hum dos montes deſta Cidade para a parte do Occidente, onde ſe diſſe a primeira Miſſa em dia de Santo André do anno de 1542. O meſmo Pontifice a annexou à Igreja Lateranenſe de Roma com varios privilegios, que Urbano VIII. confirmou em 23 de Outubro de 1623, depois de varias duvidas, que a Irmandade teve com o Ordinario: ſendo que a Bulla do Papa declara, que no que toca à iſençaõ do Ordinario quer ſe guarde a fórma do Concilio Tridentino; e em quanto ao Cura adminiſtrar os Sacramentos aos individuos deſta Irmandade, devia ſer primeiramente approvado pelo Prelado Diecеſano. (1)

80 He a dita Irmandade Padroeira, e Adminiſtradora de todos os bens pertencentes a eſta Igreja, na qual tem Cura, hum Theſoureiro, e tres Capellães, cujo rendimento he incerto; pois ſe extrahe de todos os que embarcaõ nas náos de ElRey, que fazem viagem para a India, e Braſil; e tambem das eſmolas, que daõ aos Fieis à milagroſa Imagem da Senhora com o titulo da Piedade, que ſe venerava em hum Altar por debaixo da Capella mór. (2)

81 Ficou eſta Igreja naõ ſó arruinada com o terremoto, mas deſtruida totalmente com o fogo, que pelas duas horas da tarde daquelle fatal dia do primeiro de Novembro a devorou: nella perderaõ a vida tres mulheres, e hum Religioſo Xabregano, e ficaraõ outras algumas peſſoas eſtropeadas. Perdeo a

---

[1] Fr. Joaõ Figueira Carpi in Chr. Ord. Sanct. Trinit. ad an. 1493, e Fr. Pedro de Altuna in Chron. p. 1. l. 2. p. 210., dizem, que o Conſervador Apoſtolico deſta graça ſaõ os Biſpos do Algarve. [2] Fr. Agoſtinho de Santa Maria no Santuario Mariano tom. 1. p. 324.

a Igreja os ſeus ornamentos, e a mayor parte da ſua prata; e nas ruinas da Capella mór ficaraõ as ſagradas Pyxides, com o Sacramento, poſto que dentro do Sacrario; e as venerandas Imagens da Senhora da Piedade, do Senhor morto, de S. Joaõ Evangeliſta, e Santa Maria Magdalena, que todas eſcaparaõ do incendio.

82 Socegado daquelle ſuſto por alguns dias, recorreo o cuidadoſo Paroco deſta Igreja à diligencia de extrahir daquella miſeravel ruina ao diviniſſimo Sacramento, o qual achando-ſe intacto, e as demais Imagens da Capella mór, foraõ conduzidas para o Oratorio da quinta de Bento Gonçalves Forte, chamada a quinta nova a ſete Rios, onde eſtiveraõ até 20 de Junho de 1756, em que diſpoſta, e erecta huma nova Ermida de madeira, e frontal em o ſitio dos Cardaes na Cotovia, ſe eſtabeleceo alli a Paroquia, onde preſentemente ſe acha; naõ ſe tendo feito mais reparo na antiga, que deſentulharſe, e demolirſe algumas paredes, que ameaçavaõ eminente ruina.

VII.

S. Chriſtovaõ.

83 DEſta Paroquia naõ darey noticia alguma; porque para eu publicar o verdadeiro, e hiſtorico ſummario de todas as Freguezias deſta Corte, ſegundo o actual eſtado, em que ſe achavaõ antes do terremoto, me vali de ordem ſuperior para os Reverendos Parocos me participarem as informações veridicas, e competentes, o que elles executaraõ com acerto, e pontualidade.

84 Porém ſendo repetidas as diligencias, que ſe fizeraõ, para que o R. Doutor Joaquim Salter de Mendoça, Prior deſta Igreja, me communicaſſe as noticias da dita Paroquia, ſe achou ſempre nelle huma tal repugnancia, que me reſolvi procurallo em

11 de Mayo de 1755, dizendo-lhe, que a impreſſaõ deſte tomo tinha chegado aos termos de parar por falta das noticias ſupplicadas. A iſto me reſpondeo ſevéro (ſem mais informaçaõ da minha empreza) que naõ as dava, por quanto ſemelhantes obras eraõ inuteis; pois nellas ſe comettiaõ muitos erros, por naõ ſerem eſcritas, e authenticadas com documentos originaes.

85 Deſta ſua repoſta diſcreta, e prudente ſó tirey o deſengano, e a republica literaria póde ter bem fundada expectaçaõ, de que o meſmo R. Prior a illuſtrará com as memorias hiſtoricas da mencionada Freguezia, as quaes ſó elle poderá compor com aquelle acerto, e formalidade, que ſe admira nas ſuas ſentenças, e acordãos; por ſer hum Miniſtro muito eſpecialiſſimo da Curia Patriarcal, e ſer a ſua inteireza unicamente comparada, com a urbaniſſima attençaõ, e exacta pontualidade com que ouve as partes, e deſpacha os pretendentes.

VIII.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ.

86 TEve origem eſta Paroquia em tempo do Cardeal Arcebiſpo D. Henrique, o qual em 16 de Janeiro de 1568 a erigio, e incorporou na Igreja da Real Collegiada da Conceiçaõ dos Freires da Ordem de Chriſto, tirando o computo dos ſeus fogos parte da Freguezia de S. Juliaõ, e parte da Magdalena. Alli ſe conſervou até o anno de 1682, no qual por controverſias, que houve entre o Cura, e os Beneficiados da Collegiada, por Decreto de ElRey D. Pedro II., e Paſtoral do Arcebiſpo D. Luiz, ſe mudou para a Ermida de Noſſa Senhora da Victoria, ſita na Caldeiraria, Freguezia de S. Nicoláo, onde permaneceo até o anno de 1699.

87 Havia-ſe dado principio na Rua Nova, chama-

mada dos Ferros, a huma ſumptuoſa Igreja deſde 15 de Junho de 1698 com o titulo de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, e com tanta diligencia, e fervor ſe trabalhou na fabrica, que logo no ſeguinte anno de 1699 ſe diſſe nella a primeira Miſſa a 23 de Agoſto. Ordenou entaõ o Cardeal Arcebiſpo D. Luiz de Souſa, que para ella ſe transferiſſe o Santiſſimo Sacramento da Ermida de Noſſa Senhora da Victoria, onde eſtava. Aſſim ſe fez com huma ſolemniſſima Prociſſaõ em 13 de Setembro de 1699, levando o meſmo Cardeal Arcebiſpo a ſagrada Cuſtodia com o Santiſſimo, acompanhando-o os Conegos da Cathedral, e todo o Clero da Cidade.

88 Eſtabelecida a Paroquia em a nova Igreja, ſe acabou eſta de concluir, e aperfeiçoar no anno de 1730. O Paroco até o anno de 1754 teve o predicamento de Cura amovivel; porém o Eminentiſſimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida, conferindo a dita Igreja como Prelado Donatario em o ſeu Gentil-homem Eccleſiaſtico Braz Joſeph Rebello Leite, o collou com o titulo de Reitor, e lhe rende trezentos e cincoenta mil reis. Ao Cura com a ſua Capella, e mais beneſſes, renderá cento e quarenta mil reis. Tem hum Theſoureiro, que apreſenta a Meſa do Santiſſimo, ſem recorrer ao Prelado, e leva a terça parte das offertas por coſtume aſſim introduzido.

89 Ha neſta Igreja doze Capellães com obrigaçaõ de Coro, cujas Capellas ſe levaõ por concurſo, e ſaõ providos nellas, os que tem melhor voz, e ſciencia de Cantochaõ. Adminiſtra eſtas Capellas a Meſa do Santiſſimo, que dá a cada Capellaõ oitenta mil reis, excepto hum, que tem cem. Ha mais hum Ajudante do Coro com trinta mil reis, e beneſſes da Igreja. A Irmandade do Santiſſimo tem nove Capellães com diverſa congrua; porque quatro tem ſeſſenta mil reis cada hum; tres recebe cada hum cincoenta mil reis; hum cincoenta e cinco;

e outro trinta mil reis, e meyo annual de Miſſas de eſmola de cento e cincoenta reis cada huma. A Irmandade das Almas tem quinze Capellães com cincoenta mil reis cada hum. Tem mais tres Irmandades, huma de Santa Anna, outra de Noſſa Senhora do Roſario erecta no anno de 1715, com hum Capellaõ de oitenta mil reis, (1) e outra de Noſſa Senhora Mãy dos Homens com ſeu Capellaõ de seſſenta mil reis.

90 Neſte eſtado ſe conſervava eſta Paroquia, quando ſuccedendo o grande terremoto, o Coro ſe abateo, e a frontaria da Igreja algum tanto ſe abrio pelo meyo de entre as duas torres, ficando tudo o mais em pé, com a perda porém de ſetenta e ſeis peſſoas, que alli morreraõ. Havia o Cura Joſeph Frazaõ pouco antes ſahido com o Santiſſimo debaixo do Pallio, como he coſtume, para dar o ſagrado Viatico a hum enfermo, que habitava na rua da Tinturaria; e ſupportando com grande ſuſto a violencia daquelle fatal fenómeno, vendo-ſe expoſto ao urgente riſco da vida no meyo de ruas eſtreitas, cujos edificios ameaçavaõ manifeſtas ruinas com os amiudados tremores da terra, naõ podendo voltar para a ſua Igreja com o receyo do perigo, ſe conduzio como pode para o terreiro do Paço.

91 Alli mal accommodado, mas com a aſſiſtencia de vinte e cinco Irmãos do Santiſſimo, que ſempre o acompanharaõ zeloſos, ſacramentou mais de quatrocentas peſſoas, que já em turbas deſordenadas, e em triſtes clamores tinhaõ vindo buſcar o deſafogo daquella praça para evitar os eſtragos, em que viaõ perecer os amigos, e os parentes. Informado porém, que ſobre a primeira afflicçaõ padeciaõ os moradores a violencia do fogo, que já ſem haver quem o atalhaſſe, hia abrazando toda a Fregue-

[1] Vid. Liverzani Theſaur. Reſol. ſacr. Congreg. Concil. tom. 1. pag. 400.

guezia, determinou procurar o abrigo da Igreja dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangeliſta, chamada vulgarmente o Beato Antonio, que fica na diſtancia de meya legua pela marinha acima, onde com o Senhor ſacramentado ſe recolheo, ſeriaõ quaſi dez horas da noite, levando apoz ſi huma grande multidaõ de homens, mulheres, e meninos, em mayor numero de tres mil almas; que como gente arrancada das ſuas caſas, e deſpedaçada dos ſeus bens, com vozes, e lagrimas hiaõ lamentando a ſua perda; mas ſempre louvando, e ſeguindo aquelle ſupremo Senhor, e Omnipotente, que ſem reſiſtencia póde fundar, e desfazer os Reinos, e as Cidades, eſperando ſó nelle o remedio de tanto deſarranjo.

92 Paſſados dez dias, ordenou o Arcebiſpo Vigario Geral, que viſto ficar livre de ruina a Ermida de Santa Roſa de Lima, contigua ao palacio do Senhor de Murça Luiz Guedes de Miranda, ſituada às Fontainhas, ſe transferiſſe para ella a Freguezia, onde eſteve até 4 de Abril de 1756; em cujo dia paſſou a eſtabelecerſe no terreiro do Paço em huma barraca de frontal, que conſta de tres Altares, com a porta para o Naſcente; e aqui actualmente exiſte com o deſcommodo, que a eſtreiteza da habitaçaõ occaſiona, e a ſua indigencia permitte; tendo ſó a conſolaçaõ de livrar do incendio os livros dos bautizados, recebimentos, confiſſaõ, e defuntos, com os mais, que pertenciaõ a eſta Freguezia, excepto o dos bautizados, que corriaõ deſde Março de 1754 até o dia do terremoto, que ſe queimaraõ na Sacriſtia.

93 Naõ ſeria prodigio, mas pareceo mais que pura caſualidade, o que agora referimos. Obſervouſe, que ficando totalmente deſtruidas no ambito deſta Paroquia as mais propriedades, ſó eſcapaſſem à vehemencia do terremoto, e voracidade das chammas aquellas caſas da Tinturaria, onde como temos

dito, ſe havia recolhido o Santiſſimo Sacramento ao primeiro eſtremecimento da terra; as quaes deſamparadas de ſeus inquilinos, a Providencia as defendeo deſorte no meyo de tanto incendio, que até humas innocentes aves, ficando alli recluſas, e ſolitarias pelo eſpaço de cinco dias, teſtemunhando taõ laſtimoſo eſpectaculo, ſe ſalvaraõ depois illezas com admiraçaõ univerſal.

94 Dentro do deſtricto deſta Paroquia exiſte a ſeguinte

Collegiada.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Dos Freires da Ordem de Chriſto. A primeira fabrica da Igreja tinha ſido Synagoga dos Judeos, aos quaes em certos dias da ſemana lhes hia prégar o Veneravel Fr. Miguel de Contreras Religioſo Trinitario. Depois ElRey D. Manoel a mandou purificar, e conſagrar em Templo, mudando para aqui os Freires da Ordem de Chriſto, em troco da Ermida de Noſſa Senhora do Reſtello, que era da dita Ordem, em o ſitio de Belem, onde o meſmo Rey havia fundado o ſumptuoſiſſimo Convento, que alli ſe vê. (1) Dotou eſta Igreja o meſmo Rey com rendas para ſua ſubſiſtencia. Deu-lhe Regimento em 29 de Janeiro de 1504, que approvou Julio II., eximindo-a, e às peſſoas della do poder dos Ordinarios, ſujeitando-os *pleno jure* a ElRey, como Adminiſtrador da Ordem de Chriſto.

95 Foraõ os Miniſtros deſta Igreja accreſcentados em diverſos tempos, e ultimamente pelo Senhor Rey D. Joaõ V. por conſulta da Meſa da Conſciencia em 28 de Mayo de 1733, na qual ſe manda dar ao Vigario cento e ſeſſenta mil reis, e moyo e meyo de trigo; ao Theſoureiro oitenta mil reis, e meyo

---

[1] Goes Chron. delRey D. Manoel part. 4. cap. 85. Santuar. Marian. tom. 1. p. 120. Sá Memor. Hiſtor. part. 2. num. 338.

meyo moyo de trigo; a cada Beneficiado cento e ſeis mil reis, e hum moyo de trigo; aos Moços do Coro vinte e cinco mil reis a cada hum; e além deſtes ordenados repartem entre ſi outras certas diſtribuições. Suppoſto naõ padecer muito eſte Templo com o terremoto, com tudo o incendio o abrazou de fórma, que delle ſe naõ vê mais que o eſqueleto com toda a pedraria eſtalada, ſendo que a torre naõ cahio, nem deſmentio da nivelaçaõ. El-Rey no ſitio da Capella mór mandou erigir huma barraca para os Freires rezarem, e o corpo da Igreja ſe mandou demollir por cauſa do novo Plano regular da Cidade.

96 Numerava eſta Freguezia antes do terremoto oitocentos e cincoenta fogos, e tres mil e quatrocentas peſſoas. Preſentemente ſe acha com oitenta e quatro fogos, e quatrocentas e trinta e oito almas. Os doze Capellães cantores ſe reduziraõ a cinco. Os oito da Irmandade do Santiſſimo ſe recopilaraõ a quatro; e os quinze da Irmandade das Almas a dous. Aquellas ruas, e traveſſas, por onde ſe diſtribuiaõ os moradores, eſtaõ hoje taõ confuſas, e alteradas, que naõ ſe diſtinguem nellas mais que montes de pedras, e de caliça. Eraõ ellas as ſeguintes.

Ruas.

Adro da Conceiçaõ, Corrieiria em parte, Gibitaria, S. Joaõ, Largo dos Carmelitas, Largo do poço da Fotea, Latoeiros, Mataporcos, Mercadores, Pateo da Roſa, Rua nova em parte, Tinturaria.

Becos, e Traveſſas.

Chamiça, Coveiro, Feijaõ, Lavacabeças, Mena, Ourinol, Paſteleiro, Sardinha, Seguros, Tintes, Traveſſa da Conceiçaõ, e da Corrieiria.

Freguezias confinantes.

S. Juliaõ, Santa Maria Magdalena, S. Nicoláo.

IX.

IX.

Santa Cruz do Caſtello.

97 HE provavel, que o inclyto, e ſanto Rey D. Affonſo Henriques fundaſſe eſta Igreja, logo depois que tomou Lisboa aos Mouros. Della ſe faz mençaõ naquella eſcritura do Biſpo D. Alvaro, que referimos acima na Paroquia de S. Bartholomeu, em cuja antiguidade tambem eſta deve coincidir. Tem o Paroco predicamento de Prior, que apreſenta por concurſo o Prelado, e rende ſeiſcentos e quarenta mil reis. Conſta de cinco beneficios, que dá o Papa, e rende cada hum cento e ſetenta mil reis. Hum delles tem dous apreſtimos, ou pensões, com as quaes chega a render duzentos e ſetenta mil reis. Apreſentaõ neſta Igreja o Viſconde de Villa Nova da Cerveira, e o Conde de Villa Nova, duas Capellas, cada huma de quarenta mil reis. A Confraria das Almas tem ſó dous Capellães, com cincoenta mil reis cada hum.

98 Pelo terremoto ſe arruinou a Igreja; mas o Paroco teve a providencia de mandar fazer no meſmo adro huma Ermida de madeira, com todos os commodos neceſſarios a huma Freguezia, onde aſſiſte ainda exercendo as obrigações Paroquiaes. Os edificios de todo eſte elevado terreno padeceraõ tambem grandiſſima derrota: mais de quarenta e ſeis moradas de caſas ſe arruinaraõ, e entre ellas o theſouro da tapeſſaria, e roupas; as caſas do Conde de Santiago; o Paço Real, que hoje era dos Alcaides móres de Lisboa, a Torre do Tombo, os quarteis dos quatro Regimentos de Infantaria da guarniçaõ da Corte, as torres chamadas de Ulyſſes, e algumas porções de muralhas, com as caſas dos Tenentes do Caſtello, que eſtas ſe acabaraõ de conſumir com o fogo; perecendo laſtimoſamente neſta Paroquia cincoenta e cinco peſſoas.

99 Achaõ-

99 Achaõ-ſe preſentemente já reedificadas muitas moradas de caſas de varios moradores; e ſupposto que os Regimentos dos Soldados, que neſte Caſtello ſe aquartelavaõ, paſſaraõ para varios ſitios da Cidade, onde ſe achaõ abarracados, ainda nos quarteis deſtruidos ſe accomodaõ mais de trezentos homens. Contém eſta Paroquia dentro do ſeu deſtricto.

Hoſpital.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. De Religioſos Hoſpitalarios de S. Joaõ de Deos. Foy fundado no anno de 1673, governando ElRey D. Pedro II. como Principe Regente. Curavaõ-ſe aqui os Soldados enfermos, e os Religioſos lhe aſſiſtiaõ com toda a caridade. Com o terremoto, e incendio geral ſe deſtruio tudo, e os Religioſos paſſaraõ para o ſeu Convento de S. Joaõ de Deos à Pampulha.

Recolhimento.

Noſſa Senhora da Encarnaçaõ. Para amparo, e abrigo de algumas orfans nobres, e peſſoas honradas erigiraõ alguns Religioſos, e homens de negocio deſta Corte hum Recolhimento, que ſuſtentavaõ. Vendo ElRey D. Joaõ III. o bom fim, a que ſe dirigia acçaõ taõ pia, tomou eſte Recolhimento debaixo da ſua protecçaõ no anno de 1543, dotando-o com rendas certas, e annuaes para ſuſtentaçaõ de vinte e huma orfans honradas, filhas de Miniſtros, e ainda Fidalgas, cujos pays houveſſem fallecido em ſerviço da Coroa: ordenando, que de tres em tres annos ſe enviaſſem para a India, e Braſil algumas das ditas orfans com carta para os Vice-Reys, e Governadores as cazarem com a decencia poſſivel, preferindo-as nos provimentos de officios para ſeus dotes; e tiveraõ na India tanta eſtimaçaõ eſtas orfans, que huma chamada D. Maria foy Rainha da Maldi-

va;

va; porque o Rey daquellas Ilhas cazou com ella em Goa no anno de 1548, (1) e ſoube ella muito bem reconhecer a criaçaõ, que teve no Recolhimento, pois mandou para a Igreja delle hum frontal, e huma caſulla, que para memoria ainda ſe conſervava no anno de 1731.

100 A primeira habitaçaõ das orfans foy junto ao Hoſpital Real em humas caſas contiguas à Roda, ou beco dos engeitados, na Biteſga, e por occaſiaõ de hum contagio, que houve na Corte, as mandou mudar daquelle ſitio ElRey D. Sebaſtiaõ para humas caſas junto do Caſtello. O bom trato, recolhimento, e honra, com que viviaõ eſtas orfans, lhes fez adquirir tal nome, que muitas donzellas, e ainda viuvas, com as qualidades do Eſtatuto, procuravaõ recolherſe como Porcioniſtas neſte Recolhimento; e aſſim creſceo tanto o numero, que já naõ cabiaõ; por cuja cauſa no anno de 1583 paſſaraõ para as caſas do Duque de Aveiro, que eraõ onde ſe fez o Hoſpital dos Soldados. No tempo de ElRey D. Joaõ IV. paſſaraõ para as caſas, em que eſtavaõ antes do terremoto, e tinhaõ ſido de D. Fradique Manoel, e a ſuperioridade do tal Recolhimento, que tinha ſua Igreja com Sacrario, e Capellaõ, he da adminiſtraçaõ da Meſa da Conſciencia. Desfez tudo o terremoto, e o incendio; paſſaraõ as Recolhidas para diverſas partes até ſe repararem as ruinas, e poderem reſtituirſe ao antigo domicilio.

Ermidas.

O Eſpirito Santo. Dizem, que eſta Ermida fora fundada em tempo de ElRey D. Manoel, pelos navegantes da carreira da India, logo nos principios do ſeu deſcobrimento. Tambem ſe arruinou com o terremoto.

S.

---

[1] Santa Maria no Ceo aberto liv. 4. cap. 28. pag. 10. 15. e 1019.

S. Miguel. Vulgarmente chamada à Ermida de Santa Barbara. (1) Padeceo a meſma ruina.

101 Dentro do Caſtello, e limites deſta Freguezia exiſtia o Archivo Real, ou Cartorio de todo o Reino, chamado *Torre do Tombo*, onde ſe conſervaõ, e guardaõ as Doações, Leys, Privilegios, e tudo que coſtumaõ os Reys mandar paſſar pela Chancellaria do Reino, para memoria dos vindouros. Do Prologo do livro 8. *da Eſtremadura*, que eſtá no meſmo Archivo, mandado fazer por ElRey D. Manoel, conſta que os Senhores Reys ſeus anteceſſores haviaõ já conſtituido eſte Cartorio em huma das torres de Lisboa, conforme ſe infere das palavras ſeguintes: *Por tanto hordenarom noſſos anteceſſores neeſta noſſa muy nobre, e ſempre leal Cidade de Liſboa huma torre, em que para ſempre eſteveeſſe ho tombo, e a memoria de todas eſtas couſas, a qual aſſy hordenada, e ſabida foy avida por couſa de tanta eſtima, e prudencia, nom ſoomente em noſſos regnos, mas em outras partes, que alguns Reys, Duques, Marquezes, Condes, e Prelados dos Regnos de Caſtella, e de França, e de outros Senhorios, mandarom poer na dita torre em guarda, e fieldade ſeus teſtamentos, eſcaymbos, permudaçoens, e outros contrautos, e aſſy eſcrituras outras que memorias de ſuas couſas contem &c.*

102 Porém ElRey D. Joaõ III. devia mandar fazer no anno de 1540 a caſa neſte Caſtello de S. Jorge, para ſe collocar o Cartorio com melhor diſpoſiçaõ; porque aſſim o dava a entender a Inſcripçaõ Latina, que eſtava ſobre a porta, pela qual ſe entrava para a primeira caſa dos armarios, indo da primeira caſa da Torre, onde ſe eſcrevia, e dizia aſſim:

Sempiternæ memoriæ ſacrum.

Joannes III. Rex Portugalliæ, & Algarbiorum, Mauritanicus, Lybicus, Ætiopicus, Arabicus, Perſicus, Indi-

[1] Vide o noſſo Mappa de Portug. Tom. 2. part. 3. pag. 230.

dicus, cujus celſi animi virtus, pia mentis religio, ſumma prudentia, ac mirabilis Divini cultus obſervantia, inter omnes ætatis ſuæ Principes ſumma cum laude incredibilis pacis arte floruere, Bibliothecam hanc in communem Reipublicæ utilitatem, ac perpetuum maiorum ſuorum Regum, æternique nominis ſui monumentum fieri, ordinarique curavit. Ann. Domini MDXXXX. ætatis ſuæ XXXVIII. & Regni XVIII.

Regnante Petro II. D. Antonio Alvares da Cunha Regii Archivi Cuſtode Maximo, & Petro Semmedo Eſtaço ipſiusmet Archivi à ſecretis hæc inſcriptio inſtaurata fuit. Ann. Domine MDCLXXXVII.

103 Na parede fronteira ſe achava em hum quadro pintado hum ſolho com a declaraçaõ no letreiro ſeguinte.

No anno de MCCCXXI. junto a Montalvaõ no Tejo ſe tomou hum Solho da grandeza, que repreſenta eſta pintura, e peſou pelos peſos de Santarem XVII. arrobas e meya, de que ha juſtificaçaõ neſte Arquivo, que nelle mandou lançar D. Diniz, a quem ſe preſentou, como conſta da meſma juſtificaçaõ.

104 Eſta juſtificaçaõ, e inſtrumento legal ſe guarda na gaveta das Extravagantes, como diz o noſſo Chroniſta mór Fr. Franciſco Brandaõ no *livro 19. da Monarquia Luſitana cap.* 24., e accreſcenta, que o tal Solho tinha taõ grande boca, que mettendo-lhe por ella hum rapoſo, que os caçadores tinhaõ morto, o lançava fóra com o ſopro, e reſpiraçaõ. De comprido tinha dezaſete palmos, e ſete de groſſo, e da cabeça pelo eſpinhaço até à cauda lhe contavaõ trinta eſcamas como conchas grandes.

105 O Guarda mór actual deſte Archivo Manoel da Maya, Meſtre de Campo General, e Engenheiro mór do Reino, peſſoa de hum muito diſtincto zelo da patria, havia reformado eſte Cartorio com louvavel fadiga; porém ſuccedendo a funeſta tragedia do eſpantoſo terremoto, e arruinando, e deſ-

deſtruindo o alto edificio, em que eſtava o Cartorio, ſe pozeraõ os ſeus livros, e papeis em grande confuſaõ; mas neſte apertado caſo foy Manoel da Maya o reſtaurador do Real Archivo da Torre do Tombo, pois naõ ſó o livrou das primeiras ruinas, mas do ſegundo, e mayor ſuſto; porque faltandolhe dezanove livros da Chancellaria do Senhor Rey D. Affonſo V., eſtes ſe foraõ deſcobrir em 28 de Dezembro de 1755 com grave perigo de vidas, onde parecia impoſſivel, que o terremoto os podeſſe ter lançado; devendo-ſe à providencia, e actividade do dito Guarda mór a boa arrecadaçaõ do Archivo; pois prompta, e interinamente o mandou recolher em huma caſa de madeira com ſeu telhado, que fez erigir com parte dos deſtroços do meſmo edificio na Praça de armas do dito Caſtello.

106 E porque o edificio antigo ſe achava deſtruido, aberto, e proſtrado, fez com que em 26, e 27 de Agoſto de 1757, por Decreto de ElRey ſe mudaſſe todo o Cartorio da Torre do Tombo para dous quartos das caſas chamadas dos Biſpos contiguas ao Convento de S. Bento da Saude, e com ſerventia para a rua, ou calçada publica da Eſtrella, que medeia entre o dito Convento, e o das Religioſas Francezinhas do Crucifixo. Conſta eſta accommodaçaõ de primeiro, e ſegundo pavimento alto, e baixo, ambos fechados de excellentes abobedas ſem o receyo do perigo de fogo: deſtinando-ſe o quarto alto para recolher os livros das Chancellarias em caſas ſeparadas, ficando outras para ſe guardarem aquelles livros, e documentos, que na antiga Torre eſtavaõ na caſa chamada da Coroa; e o quarto baixo fica para nelle eſcreverem os Officiaes deſte expediente.

107 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de trezentos e vinte e dous fogos, e agora ſe acha com duzentos e cincoenta e hum diſtribuidos pelas ſeguintes

Ruas.

Caſtellejo da parte de fóra, Cozinhas, Crafta, Eſpirito Santo, Flores, Hoſpital, largo de Santa Barbara, largo da Igreja, e do Recolhimento, Mouraria, Praça de Armas, Rua Direita da Igreja para as portas do Caſtello, Rua Direita para o Recolhimento, Rua Nova da Madeira.

Becos.

Do Forno, Hoſpital, Penozinhos.

Freguezias confinantes.

S. Bartholomeu, Santiago, S. Thomé.

X.

Noſſa Senhora da Encarnaçaõ.

108 QUerendo o Cabido da antiga Cathedral de Lisboa inſtituir huma nova Paroquia, e deſmembrar porçaõ do territorio, que comprehendia a Freguezia dos Martyres por ſer muito extenſo, ſe contratou com os Italianos, para que a admittiſſem na ſua Igreja, fazendo-ſe deſte contrato hum inſtrumento publico em 2 de Janeiro de 1551. Algumas memorias conſtituem eſte ajuſte no anno de 1560; outras no de 1604, outras pouco depois do anno 1523. O certo he, que no anno de 1551 já exiſtia na Igreja do Loreto eſta Paroquia, como conſta da Relaçaõ de Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira.

109 Aconteceo em 29 de Março de 1651 o deploravel incendio, que reduzio a cinzas toda aquella ſumptuoſa Igreja; e paſſando a Freguezia para a Ermida de Noſſa Senhora do Alecrim, como conſta da Eſcritura, que os Italianos fizeraõ com o Deſembargador Antonio Moniz de Carvalho, e ſua mulher D. Iſabel Soares de Albergaria, Padroeiros da dita Ermida, em 7 de Mayo de 1651; alli ſe conſervou até o anno de 1676, em que reedificada

á dita Igreja do Loreto, ſe reſtituio outra vez para ella. (1)

110 Eſte regreſſo ſe fez com grande ſolemnidade em 7 de Setembro de 1676. Sahio a Prociſſaõ da ſobredita Ermida, e diſcorrendo pelas principaes ruas do bairro Alto acompanhada de todas as Religiões da Corte, que levavaõ andores com os ſeus Patriarcas, era conduzido o Santiſſimo pelo Nuncio D. Marcello Durazzo, Arcebiſpo de Calcedonia, que no dia ſeguinte celebrou pontificalmente com a aſſiſtencia de ElRey. No ſegundo dia fez Pontifical D. Fr. Chriſtovaõ de Moura, Proviſor do Arcebiſpado de Lisboa; e no terceiro dia celebrou o Arcediago de Bago D. Joaõ Maſcarenhas, aſſiſtindo todos os Conegos em corpo de Cabido.

111 Alguns annos depois pertenderaõ os Italianos conſeguir o direito do Padroado deſta Freguezia, ſobre o qual tiveraõ litigio com o Reverendo Cabido, e durou até o anno de 1679, no qual ſe ordenou ao Paroco Manoel Ferreira Lobato, conſumiſſe na Miſſa, que celebraſſe na Igreja do Loreto, todas as Fórmas, que eſtiveſſem no Sacrario, e acabada ella, ſe paſſaſſe para a Ermida de Noſſa Senhora do Alecrim, onde havia no meſmo dia celebrado outro Sacerdote, e conſagrado Fórmas, para dalli por diante ſe adminiſtrar o Santiſſimo Sacramento aos Freguezes na dita Ermida.

112 Determinara a Condeſſa de Pontevel D. Elvira de Vilhena, viuva do primeiro Conde de Ponte-

[1] Perſuadem-ſe alguns, que a primeira transferencia, que eſta Freguezia fizera depois de ſe queimar a Igreja do Loreto, fora para o Convento da Santiſſima Trindade, e aſſim o affirma huma Relaçaõ, Additamento, que modernamente ſe fez ao Summario de Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira, accreſcentando mais, que eſtivera tambem no Recolhimento das Convertidas; porém além de ſer iſto muito duvidoſo, como já ponderou Fr. Apollinario da Conceiçaõ na *Demonſtraçaõ Hiſtorica num.* 262., verifica-ſe o contrario pela Eſcritura, que allegamos, a qual ſe acha nas Notas do Tabelliaõ Theodoro da Coſta e Souſa.

tevel Nuno da Cunha de Ataide, edificar à ſua cuſta hum Templo a Noſſa Senhora da Encarnaçaõ, e elegendo o ſitio fronteiro à Igreja do Loreto, deu principio à obra em 4 de Junho de 1698, deitando no fundamento do edificio a primeira pedra com acto ſolemne o Cardeal Arcebiſpo D. Luiz de Souſa; e concluindo-ſe a fabrica no anno de 1708, fez o Cabido celebrar nella a primeira Miſſa em 9 de Setembro, cedendo o Padroado da meſma Igreja na dita Condeſſa fundadora em ſua vida ſómente, a qual a dotou com tanta liberalidade, e com o verdadeiro fim do culto de Deos, que por fugir à minima vangloria, naõ quiz ter o goſto de entrar na Igreja ſenaõ depois de morta, que foy em 30 de Dezembro de 1718, onde jaz na ſua Capella mór. (1)

113 Concluido taõ mageſtoſo Templo, ſe paſſou para elle o Santiſſimo Sacramento da Ermida de Noſſa Senhora do Alecrim em 8 de Setembro de 1708, fazendo-ſe para eſta transferencia huma Prociſſaõ ſolemniſſima, compoſta de muitos andores, e figuras a cavallo ricamente veſtidas, e de hum carro triunfante de ſoberba fabrica, e continuaraõ as feſtas na ſobredita Igreja nova por oito dias ſucceſſivos com grande, e geral applauſo. (2)

114 Tem o Paroco predicamento de Cura; mas tem tres Coadjutores com a meſma obrigaçaõ, e hum Theſoureiro, e todos apreſentados annualmente pelo Eminentiſſimo Patriarca, a quem pertence *in ſolidum* o Padroado deſta Igreja, a qual rende ao Cura trezentos, e cincoenta mil reis; e a cada hum dos Coadjutores cento e dezaſeis mil reis; e toda eſta renda he procedida do que chamaõ pé de Altar.

115 Naõ ha aqui Beneficiados, mas tem a Igreja doze Capellães de Coro, a ſaber: quatro que inſti-

[1] Souſa Hiſtor. Geneal. tom. 12. part. 2. pag. 915. [2] Anno Hiſtor. tom. 3. pag 36.

tituio a Condeſſa fundadora com eſmola de cem mil reis cada hum, e meyo annual de Miſſas livres, com obrigaçaõ de acompanharem o Santiſſimo, quando ſahir fóra: a Meſa do Santiſſimo he que adminiſtra eſtas Capellas: outros quatro Capellães do Coro inſtituio D. Antonia Franciſca de Mendoça, viuva de Joaõ Rebello de Campos, com a congrua de duzentos mil reis, e huma Miſſa livre cada ſemana, e com a meſma obrigaçaõ.

116 Os outros quatro Capellães tem Capellas na meſma Igreja, de que a Meſa do Santiſſimo he adminiſtradora, huma das quaes inſtituio o ſobredito Joaõ Rebello de Campos, com a congrua de oitenta mil reis, e huma Miſſa livre cada ſemana; outra Capella inſtituio Luiz Salinas de Oliveira com cento e dez mil reis de congrua, e Miſſa livre; as outras duas ſaõ inſtituidas pela Meſa do Santiſſimo com a meſma obrigaçaõ de Coro, e de acompanhar o ſagrado Viatico, quando ſahir fóra aos enfermos.

117 Ha mais as Capellas ſeguintes. Duas que inſtituio Eſtevaõ da Silva com ſetenta e cinco mil reis cada huma; duas que inſtituio Maria Nunes da Silva com oitenta mil reis; huma que inſtituio o Padre Manoel de Souſa Caldeira com ſeſſenta mil reis; huma que inſtituio Maria Barboſa com cincoenta mil reis; outra que inſtituio Marcos da Silva com ſeſſenta mil reis; quatro de Nicoláo Pereira com oitenta mil reis, e com a obrigaçaõ dos Capellães confeſſarem na Igreja, e acompanharem o Santiſſimo. De todas eſtas Capellas he adminiſtradora a Meſa do Santiſſimo Sacramento. Havia mais neſta Igreja ſeis Irmandades: a do Santiſſimo, a das Almas, com ſeis Capellães, cada hum com cincoenta mil reis, e Miſſa livre cada ſemana; a de S. Joaõ Bautiſta, a de S. Vicente Ferrer, a de Noſſa Senhora dos Prazeres, e a de Santo Antonio, que todas tinhaõ ſeus Capellães.

118 Tal

118 Tal era o eſtado deſta Paroquia até o tempo, em que ſuccedendo o eſpantoſo, e nunca viſto terremoto, padeceo a Igreja a deſtruiçaõ do ſeu Coro, e a ruina de duas pyramides da torre, que deſabando ſobre o adro, tiraraõ a vida a huma mulher, e a dous Padres da meſma Igreja, o Padre Pedro Ivo, e o Padre Manoel Pinto. Depois ſobrevindo o fogo, eſte conſumio tudo de ſorte, que apenas ſe ſalvou o Cartorio, menos os tres livros, que actualmente ſerviaõ para os aſſentos dos bautizados, recebimentos, e obitos, que ſe queimaraõ.

119 Cuidou logo o Paroco em mudar o Sacramento para a Igreja fronteira do Loreto, donde em o meſmo dia ſe transferio para a Paroquial de Santa Iſabel; e porque haviaõ concorrido para alli os ſagrados Vazos de outros Templos, fez o Reverendo Coadjutor Vicente Ferreira Rolim erigir dentro do ambito das chamadas obras do Conde de Tarouca, huma decente barraca, em que collocou o Santiſſimo para melhor expediçaõ dos actos paroquiaes: daqui ſe paſſou para a parte de fóra, e levantou altar contiguo à parede do meſmo edificio, para melhor commodidade do povo. Porém como aquelle ſitio era ſummamente deſabrido, e naõ havia reparos opportunos para reſiſtir à inclemencia do tempo, convidado da piedade de Jorge Rodrigues Meſtre das Reaes Obras, que no ſitio do Pombal havia feito huma barraca de madeira mais commoda, transferio para ella o Santiſſimo no mez de Fevereiro ſeguinte, e alli eſteve até veſpera de Ramos do meſmo anno de 1756, em cujo dia ſe mudou para a Igreja do Convento de S. Roque, onde exiſte na Capella do meſmo Santo, que fica no corpo da Igreja da parte da Epiſtola.

120 No deſtricto deſta Freguezia ſe achaõ erectos os ſeguintes

Con-

Conventos.

S. Pedro de Alcantara. De Religioſos Arrabidos, cuja Igreja foy fundada pelo primeiro Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes em 12 de Agoſto de 1680. No adro della fez edificar o Inquiſidor Geral D. Fr. Veriſſimo de Alencaſtre, huma Capella dedicada aos Santos Martyres Portuguezes, Veriſſimo, Maxima, e Julia, eſtabelecendo renda para quatro Capellães Clerigos ſeculares, com oitenta mil reis cada hum, dos quaes he hoje Donatario, e adminiſtrador o Conde de Villa Nova. Defronte da Igreja deſte Convento, e no grande terrapleno, que alli ſe ampliou, ſe erigio hum publico Chafariz de cantaria com cinco bicas de excellente agua, conduzida por canos deſde o Chafariz de Campolide, e começou a correr no dia 8 de Setembro de 1754.

121 Eſta Igreja, e Convento padeceo grande ruina em o dia do terremoto; porque tudo que ſe diz Convento da fundaçaõ, principiando do frontiſpicio da Igreja, dormitorios, portaria, Sacriſtia, caſa de Capitulo, menos o clauſtro, refeitorio, de profundis, e cozinha, tudo ſe proſtrou, e deſtruio com todos os livros, e couſas pertencentes ao Coro, e com a perda de baſtantes peſſoas. Achaõ-ſe preſentemente accommodados os Religioſos em varias cellas, e caſas do meſmo Convento da reedificaçaõ moderna; e a Igreja no ſitio onde era a portaria do carro debaixo de huma grande abobeda, accreſcentando-ſe huma barraca em hum pateo, que faz Capella, Coro, e Sacriſtia; e aqui ſe fazem os actos da Communidade, e funções Eccleſiaſticas, em quanto ſe naõ conclue a reedificaçaõ fundamental.

S. Roque. Caſa profeſſa que foy dos Religioſos da Companhia de Jeſus, os quaes no anno de 1555 ſe eſtabeleceraõ neſte ſitio por ordem de ElRey D.

Joaõ III., tomando poſſe de huma Ermida de S. Roque aqui edificada deſde o anno de 1506. Reedificou-ſe depois no anno de 1567. (1) Teve principio neſta Igreja em o ultimo de Dezembro de 1718, a inſtancias do Eminentiſſimo Cardeal Patriarca D. Thomás de Almeida, o ſolemne, e piiſſimo acto de acçaõ de graças a Deos, que ſe coſtumava fazer todos os annos neſte meſmo dia com magnificencia, onde concorriaõ, e aſſiſtiaõ publicamente as Peſſoas Reaes com todos os Grandes da Corte, e ſe cantava o *Te Deum* a dous córos pelos melhores Muſicos, e inſtrumentos, alternando alguns verſos devotiſſimamente todos os Eſtudantes do Collegio de Santo Antaõ, e o mais concurſo do povo. Depois do terremoto ceſſou neſta Igreja o dito acto; porque ſe coſtuma fazer na Capella Regia do novo Palacio, junto a Noſſa Senhora da Ajuda, tambem com grande pompa, e aſſiſtencia das Peſſoas Reaes.

123 Em 13 de Janeiro de 1751 foy a primeira vez, que ſe patenteou neſta Igreja de S. Roque a precioſa, e ſingular Capella de S. Joaõ Bautiſta, onde ſe admiraõ huns excellentes quadros de obra Moſaica, a qual o ſempre memoravel, e Fideliſſimo Rey D. Joaõ V. mandou aqui collocar, tendo-ſe fabricado em Roma pelos melhores Artifices, da mais fina, e precioſa pedraria, e ornada com os mais primoroſos ornamentos, em cuja fabrica maravilhoſa, dizem que ſe diſpendera a importancia de dous milhões. O flagello do terremoto arruinou parte do frontiſpicio da Igreja, e a torre; mas tudo ſe acha reparado.

Hoſpital.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Dos Clerigos Pobres. Foy inſtituido em 12 de Dezembro de 1651 pelo Te-

[1] Telles Chron. da Companhia part. 2. liv. 4. c. 25. Santuar. Mariam. tom. 7. pag. 124.

Tenente General da Artilharia Ruy Correa Lucas, e ſua mulher D. Milicia da Silveira, para treze Clerigos Pobres, que naõ ſejaõ naturaes de Lisboa, e coſtumaõ vir a eſta Cidade a ſeus negocios. A Igreja ſe começou a edificar em 18 de Abril de 1722: tem ſido adminiſtrado eſte Hoſpicio em diverſos tempos por Henrique Henriques de Miranda, Joſeph Galvaõ de Lacerda, Rodrigo de Oliveira Zagalo, e ultimamente o he por Franciſco Carneiro de Araujo, ſubordinado porém ao Provedor dos Reſiduos, e à Meſa da Conſciencia. Pelo terremoto padeceo ſua ruina; mas eſta ſe reparou deſorte, que a parede, e frontaria da rua ficou melhorada no ſeu proſpecto.

Collegio.

Dos Cathecumenos. Para ſerem catequizados, e inſtruidos na doutrina Chriſtã, e na crença da Fé Catholica os Turcos, e quaeſquer Infieis, que vem a eſta Cidade, inſtituio o Cardeal Rey D. Henrique eſte Collegio no anno de 1579, a inſtancias do Padre Pedro da Fonſeca Jeſuita. (1) Eſtá na rua dos Calefates. Tem Regimento, que ſe lhe fez no anno de 1608, que faz executar hum Reitor Clerigo ſecular, e hum Provedor com titulo de Superintendente, que depois de o haver ſido vinte e cinco annos o Biſpo de Targa D. Fr. Jeronymo de Gouvea, a Meſa da Conſciencia encarregou depois eſta ſuperintendencia a hum dos ſeus Deputados.

Recolhimento.

Noſſa Senhora da Natividade. Das Convertidas. He caſa pia, que inſtituiraõ os Padres da Companhia de Jeſus no anno de 1586, para mulheres governadas por huma Regente, e dirigidas pelos meſmos Padres.

[1] Telles Chron. da Comp. tom. 2. pag. 183.

dres. (2) Fezlhe o terremoto graviſſimo prejuizo; defórma que as obrigou a paſſarem para o ſitio da Fonte Santa, onde eſtiveraõ abarracadas até paſſarem para o ſitio do Rego.

Ermida.

Noſſa Senhora do Alecrim. Foy fundada no anno de 1641. Acha-ſe arruinada, e totalmente deſtruida com o terremoto, e incendio.

124 Conſtava eſta Freguezia de dous mil e ſetenta e dous fógos; e de nove mil quinhentos e vinte tres habitadores. Hoje numera unicamente quatro mil peſſoas. As ruas deſta Paroquia como experimentaraõ os terriveis effeitos do incendio depois do terremoto, achaõ-ſe pela mayor parte deſertas, e eraõ as ſeguintes.

Ruas.

Atalaya, Barroca, Caletates, Chagas, Conde, Flores, Gaveas, Hoſpital das Chagas, largo de S. Roque, Lima, Loreto, Metade, Moinho de vento, Mouros, Norte, Parreiras, Roſa das Partilhas, S. Roque, Sequeiro das Chagas, Teixeira, Trombeta.

Traveſſas.

Agua de Flor, Ataide, Boahora, Braz da Coſta, Cara, Eſpera, Eſtrella, Fieis de Deos, Guarda mór, Horta ſecca, e pequena, S. Pedro de Alcantara, Poço da Cidade, Queimada, Salgadeiras.

Freguezias confinantes.

Santa Catharina, S. Joſeph, Martyres, Mercês, Sacramento.

XI.

[1] Franco Imagem da Virtude tom. 1. liv. 2 pag. 397.

XI.

Santa Engracia.

125 INflammada de zelo, e charidade Chriſtã a Sereniſſima Infanta D. Maria, por ſe achar moradora no ſitio do Campo de Santa Clara, e viſinha ao Convento da meſma Santa, fez deſannexar da Paroquia de Santo Eſtevaõ por Breve de 30 de Agoſto de 1568 do Papa Pio V., e conſentimento do Arcebiſpo eleito D. Jorge de Almeida em 2 de Dezembro de 1569, huma grande porçaõ dos moradores, que ficavaõ extra muros deſta Cidade, erigindo de novo hum Prior, Cura, e Beneficiados, que ſe denominaraõ da Paroquia de Santa Engracia, cuja Igreja ſe edificou por finta dos ditos freguezes deſannexados.

126 Dividio entaõ o Arcebiſpo a renda deſta Igreja em nove partes, das quaes foraõ quatro para o Reitor de Santo Eſtevaõ, tres para o de Santa Engracia, e as duas para dous Coadjutores de ambas as Paroquias. De oito Beneficiados, que havia na Igreja de Santo Eſtevaõ, ſeparou tres para a nova Igreja de conſentimento delles, os quaes haviaõ de rezar nella em Coro, e dizer as Miſſas cantadas dos anniverſarios, e Capellas, que tinhaõ em Santo Eſtevaõ, e as de ſemana, que lá lhe pertenciaõ. (1)

127 Preſentemente conſta de hum Paroco, o qual tem predicamento de Prior apreſentado pelo Patriarca, e lhe rende quinhentos mil reis: tem mais hum Beneficiado Coadjutor, com a congrua de cento e oitenta mil reis. Na Igreja ha a Irmandade do Santiſſimo com dous Capellães; a do Senhor da Via-Sa-

[1] Conſta de humas memor. m. ſ. dos Arceb. de Lisboa extrahidas do Cartorio do Senado deſta Cidade, que tivemos na noſſa maõ, e tambem do liv. 21. p. 146. e 244. da Chancellaria delRey Filippe II.

Sacra, e Almas com quatro; a Confraria de Noſſa Senhora da Eſperança, e a de Santo Antonio.

128 Em a noite tempeſtuoſa de 15 de Janeiro de 1630 ſe arrombou a porta do Sacrario deſta Paroquial Igreja, e delle uſurparaõ as ſagradas Fórmas. Cauſou grande horror, e ſentimento eſte atrevido ſacrilegio: fizeraõ-ſe exactas diligencias para ſe deſcobrir o perfido executor: achou-ſe hum Simaõ Pires Solis, que por indicios foy condemnado, inda que aceleradamente a ſer queimado vivo, cortadas primeiro as mãos. (1) Deſte execrando roubo permittio a Providencia do Altiſſimo, que ſe originaſſe para ſua mayor gloria accidental, a erecçaõ de huma illuſtriſſima Irmandade da melhor Fidalguia da Corte, que com o numero de cem peſſoas, e o nome reverente de Eſcravos do Santiſſimo Sacramento o ſervem, e feſtejaõ todos os annos por tres dias ſucceſſivos, aſſiſtindo ElRey, e a Capella Patriarcal no primeiro, e ultimo delles.

129 Deſde entaõ determinou a Fidalguia de Liſboa fazer huma nova Igreja no meſmo ſitio, transferindo-ſe a Paroquia para a Ermida da Senhora do Paraiſo; e porque o ambito deſta Ermida naõ he capaz de comprehender a multidaõ da Nobreza, e pompa, que concorre naquelle triduo, ſe fazia a feſta no grande Templo de S. Vicente de Fóra, e depois do terremoto ſe faz na Real Capella de Noſſa Senhora da Ajuda, em quanto ſe naõ conclue o inſigne edificio da nova Igreja, que depois de padecer fatal ruina eſtando quaſi acabada, ſe edificou pela meſma Nobreza outra de mais elegante fabrica no anno de 1682, cuja primeira pedra fundamental lançou nos ſeus alicerſes com toda a ceremonia o Senhor Rey D. Pedro II., a qual continha a ſeguinte inſcripçaõ:

Cùm

---

[1] Brito de Lemos no Abcedario Milit. p. 84. Cardoſ. Agiol. Luſit. tom. 2. p. 690. Anno Hiſtor. tom. 1. a 15 de Janeiro.

Cùm ineunte trigeſimo ſupra milleſimum ſexenteſimum ſalutis anno ex D. Engratiæ Æde quidam nefarius homo per tenebras procelloſæ noctis Sanctiſſimum Corpus Domini furatus eſſet, Nobilitas Luſitana in tanti ſacrilegii expiationem centumvirale ſodalitium conſtituit, & eodem in loco magnificum Templum propriis ſumptibus conſtruere decrevit, ut ubi impia manus ſacroſanctam Euchariſtiam temerare fuerat auſa, ibi à piis animis æternum colenda foret. At opere jam perfectioni proximo fortè collapſo, iterum Nobilitas Luſitana impellente, ac magnificè adjuvante Sereniſſimo Petro Portugalliæ Principe, & Moderatore, aliud Templum, ſed elegantioris ſtructuræ, erigere ſtatuit, cujus primum fundamentorum lapidem idem Sereniſſimus Princeps pro inſita Luſitanis Regibus pietate propria manu jecit. Ann. Dñi M.DC.LXXXII.

Eſte mageſtoſo Templo, que he de figura orbicular, ainda ſe naõ terminou de todo; porque chegando até à cimalha real, houve entre os Arquitectos receyo de que ſobrepondo-lhe as abobedas, padeceſſem as ſuas paredes outro laſtimoſo fracaſſo; e aſſim eſtá ha annos em profundo eſquecimento aguardando mayor opportunidade de tempo à ſua final perfeiçaõ.

130 Nem eſte edificio, nem a Igreja Paroquial padeceraõ com o terremoto ruina alguma; ſó a experimentaraõ os edificios grandes, e ordinarios do ſeu territorio, dos quaes huns ſe achaõ já reedificados, outros ainda jazem nas meſmas ruinas. Como o temor, e deſamparo dos freguezes foy urgente, dos quaes morreraõ trinta, reſolveraõ-ſe os que ficaraõ vivos occupar os terrenos baldios com barracas, e tendas de campanha no Campo de Santa Clara, no largo da portaria do carro da Graça, e ſeu Cardal, na Cruz dos quatro caminhos, no Olival de Penha de França, para onde concorreraõ no principio do laſtimoſo deſaſtre.

131 Com-

131 Comprehende dentro dos ſeus limites os ſeguintes

Conventos.

Santa Maria de Jeſus de Xabregas. De Religioſos Franciſcanos da Santa Provincia dos Algarves. Foy fundado por D. Guiomar de Caſtro, mulher de D. Alvaro Gonçalves de Ataide, primeiro Conde de Atouguia, no anno de 1455, por doaçaõ, que deſte ſitio lhe fez ElRey D. Affonſo V. No anno de 1460 em 17 de Abril tomaraõ os Religioſos poſſe com hum acto ſolemniſſimo, a que aſſiſtio o meſmo Rey, e muita Nobreza. Os Religioſos fundadores, que no anno antecedente tinhaõ vindo da Ilha Terceira, foraõ nove, dous Sacerdotes, e ſete Leigos, e o Prelado ſe chamava Fr. Pedro da Zarça, Frade Leigo, porque naquelle tempo precediaõ as virtudes às letras. Aſſiſtem neſte Convento mais de cem Frades ordinariamente, e nelle eſtá ſepultado Fr. André Cidade, pay do Santo Patriarca da hoſpitalidade S. Joaõ de Deos, que tomando aqui o Serafico habito, em ſó dous annos, que viveo na Religiaõ, mereceo acabar com opiniaõ de Santo em 11 de Março de 1520. He muito celebrada na Igreja deſte Convento huma prodigioſa Imagem de Noſſa Senhora com o titulo de Mãy dos Homens, que fez collocar aqui o devotiſſimo, e Religioſiſſimo Padre Fr. Joaõ de Noſſa Senhora, Miſſionario, e Varaõ verdadeiramente Apoſtolico dos noſſos tempos.

132 Na geral deſtruiçaõ do terremoto padeceo eſte Convento huma total ruina, aſſim na Igreja, como nos ſeus Dormitorios, e clauſtros, mas com a felicidade de que naõ morreo ninguem, e ſó cahio a frontaria do dormitorio grande da parte do adro; porque o mais ſe demolio para ſe reedificar de novo, como ſe vay fazendo, principiando a obra pelo dormitorio chamado dos Prégadores. Vinte

dias

dias eſteve a Communidade poſta na cerca ao rigor do tempo, e com limitado reparo, até que formando dentro em huma caſa terrea, que ſervia de celeiro, huma pobre Igreja com quatro Altares, alli celebraraõ os Officios Divinos até à Feſta dos Reys do anno de 1757, em cujo dia ſe mudaraõ para outra caſa, que ſervia de enfermaria, onde erigiraõ nova Igreja com ſete Altares, Coro, e orgaõ para o culto Divino, e ainda aqui exiſtem em accomodações de madeira.

Noſſa Senhora dos Anjos. De Religioſos Barbadinhos Miſſionarios Italianos, de que já fallamos no tom. 2. part. 3. cap. 3. §. 9. deſte noſſo Mappa. Foy o dos bem livrados no terremoto.

Collegio.

S. Franciſco Xavier. Foy de Religioſos Jeſuitas, fundado por Jorge Fernandes de Villa Nova no anno de 1679, que deixou hum riquiſſimo legado, para ſe enſinarem publicamente aos meninos as primeiras letras, e rudimentos da Grammatica Latina. Teve pequena ruina com o terremoto geral.

Moſteiros.

Madre de Deos. De Religioſas Franciſcanas Deſcalças da primeira Regra de Santa Clara. Foy fundado pela Rainha D. Leonor em 23 de Junho de 1509, e melhorado no edificio, e Igreja por El-Rey D. Joaõ III. Venera-ſe aqui hum precioſo exemplar do Santo Sudario de Chriſto muito ſemelhante ao original, que eſtá em Turim, e hum grande theſouro de notaveis reliquias. A devotiſſima Imagem da Mãy de Deos, que na Igreja deſte Moſteiro ſe venera em ſua Capella da parte do Evangelho, he da mayor perfeiçaõ, e reſpeito, que ſe

conhece em todo o Reino. (1) Merece tambem honroſa memoria a Sacriſtia deſte Templo, pelo primor, aceyo, e bom goſto, com que eſtá ornada por diligencia, e direcçaõ do devoto Padre Joſeph Pacheco da Cunha Clerigo ſecular.

133 Grande ruina experimentou a Igreja deſte Moſteiro, a qual quaſi milagroſamente ſe ſuſteve aos impetuoſos abalos, com que a accommetteo o terremoto paſſado. Levaraõ as Religioſas toda a força delle no Coro, donde huma ſó ſahio mal ferida na cabeça, que logo melhorou. Apearaõ-ſe meyas paredes da Capella mór, a parede do Coro correſpondente à Igreja, e algumas officinas do interior da Clauſura, que tudo ſe acha quaſi reparado com maõ larga pela magnificencia da Mageſtade Fideliſſima de ElRey D. Joſeph I.

Santos o Novo. De Religioſas Commendadeiras da Ordem de Santiago. Foy fundado por ElRey D. Joaõ II. em huma Ermida da invocaçaõ de Noſſa Senhora do Paraiſo, ſituada entre o Convento de Xabregas, e o Moſteiro de Santa Clara, e para elle mandou o dito Rey mudar as Religioſas, que ſe conſervavaõ no antigo Moſteiro de Santos o velho, que hoje he Igreja Paroquial. Fez-ſe eſta trasladaçaõ em 5 de Setembro de 1490 (2). trazendo-ſe com religioſa pompa, e ſolemnidade os corpos dos Santos Martyres Veriſſimo, Maxima, e Julia, acompanhando as ſagradas Reliquias, e as Religioſas o Cabido da Cathedral com toda a Cleresia, e Religiões. He eſte Moſteiro de grande authoridade; porque ſe trataõ as Religioſas como Senhoras, que ſaõ; e a ſua Commendadeira ſempre he huma Senhora de conhecida nobreza, e qualidade, que preſen-

---

[1] Fr. Jeron. de Belém Chron. Serafic. part. 3. liv. 13. cap. 8. p. 27.

[2] Aſſim o eſcreve Fr. Jeron. Roman. na Hiſt. da Ord. Equeſtre de Santiag., e Garcia de Reſende na Chron. de ElRey D. Joaõ II. cap. 11. Porém D. Rodrigo da Cunha nos Biſpos de Lisboa part. 1. cap. 18. n. 8., diz que a translaçaõ fora no anno 1475.

ſentemente he D. Maria Roſa de Portugal deſde o anno de 1743, em que foy nomeada depois da morte de ſeu marido o Conde de Pombeiro D. Pedro de Caſtello-Branco da Cunha. Com o terremoto ficou eſte grande edificio arruinado por dentro, e incapaz de habitarem nelle as Religioſas, as quaes mandaraõ fazer na ſua Cerca varias barracas, onde permanecem ainda.

134 *Santa Clara.* De Religioſas Seraficas obſervantes da Provincia chamada de Portugal. Foy fundada a Igreja no anno de 1294 por huma D. Ignez, viuva de D. Vivaldo nacional de Genova, mas Cidadaõ honrado de Lisboa, poſto que já no anno de 1292 exiſtiaõ aqui Religioſas. (1) Deſte Moſteiro ampliſſimo, exceptuando o dormitorio chamado da bençaõ, e o dos corredores, duas varandas, e algumas Capellas, tudo mais, que em dormitorios, e caſas particulares recolhia mais de ſeiſcentas mulheres entre Religioſas educandas, recolhidas, e criadas, ficou ou de todo abatido, ou irreparavelmente arruinado com o terremoto. O ſeu famoſo Templo, que era hum monte de ouro, e na grandeza excedia a todos os dos mais Moſteiros da Corte, ficou totalmente proſtrado, excepto a tribuna, e coſtas da Capella mór, ſepultando mais de quatrocentas peſſoas, que eſtavaõ aſſiſtindo aos Officios Divinos. O Coro de cima, que era hum Paraiſo na terra, tambem ſe abateo, e ſervio de ſepultura com ſuas ruinas a quaſi todas as Religioſas, que foraõ cincoenta e ſeis, além de oito educandas, huma noviça, quatorze recolhidas, quarenta e tres criadas, e nove eſcravas, que por todas fazem cento e trinta e huma peſſoas dentro do Moſteiro, que pereceraõ neſta tragica fatalidade.

Santa Apollonia. De Religioſas da primeira Regra de

[1] Monarq. Luſit. liv. 17. cap. 19. Corograf. Portug. tom. 3. p. 379 Fr. Apollin. Clauſtro Franciſc. p. 133.

de Santa Clara. Deu principio a eſte Moſteiro huma Beata de habito fechado, que profeſſava a Regra de S. Franciſco, e lhe chamavaõ Iſabel da Madre de Deos, a qual tinha vindo de Villa-Viçoſa com a familia da Sereniſſima Caſa de Bragança. Foy muito venerada da Rainha D. Luiza, que a intitulava a ſua Capuchinha. Recolheo-ſe eſta ſerva de Deos em huma Ermida de Santa Apollonia, que era dos Confeiteiros, com o intuito de tratar da Capella da Santa, e como era muito eſtimada da Caſa Real, a levou comſigo a Senhora D. Catharina para Inglaterra no anno de 1662, donde voltando depois no anno de 1693, tornou para a dita Ermida; e com outras mais companheiras, eſpecialmente huma que chamavaõ Luiza da Aſſumpçaõ, deu principio ao Recolhimento por direcçaõ do P. Fr. Amaro da Eſperança Commiſſario dos Terceiros de S. Franciſco da Cidade.

135 Muito deveo eſte Recolhimento na ſua origem à Caſa Real; porque as melhores peças, e ornamentos de valor, Imagens de Santos, e ſeus ricos veſtidos lhos deu a Sereniſſima Rainha D. Luiza, e até o veſtido, com que ſe recebeo a Senhora Rainha da Gram-Bretanha na Sé de Lisboa, lho mandou dar para veſtidos de Santos. Vivendo pois eſtas ſervas de Deos com grande exemplo, e edificaçaõ, houve por bem o Papa Clemente XI. transformar o Recolhimento em Moſteiro, cujas Recolhidas em 6 de Fevereiro de 1718 profeſſaraõ com grande ſolemnidade, e com obediencia ao Ordinario Dieceſano. Ficou pouco arruinado eſte Moſteiro; porém as Religioſas ſe abarracaraõ no Forte a elle contiguo, e a piedade de certo Devoto o tem mandado reedificar todo à fundamentis, com promta, e liberal grandeza.

Recolhimento.

Noſſa Senhora dos Anjos. Foy inſtituido pelo Excel-

cellentiſſimo Principal D. Lazaro Leitaõ no anno de 1747 para recolhimento de Viuvas nobres, e ſe eſtabeleceo no meſmo Hoſpicio, que os Religioſos Barbadinhos Italianos largaraõ.

Ermidas.

Santa Anna.

Senhora da Conceiçaõ. No Valle de Chellas.

Senhora da Conceiçaõ, e Santo Antonio no Caes dos Soldados.

S. Joaõ Bautiſta.

Madre de Deos. Na traveſſa do Caſcaõ.

Senhora do Paraiſo. Eſta Ermida ſerve de Paroquia, e della eſcrevem D. Rodrigo da Cunha nos Biſpos de Lisboa pag. 260. O Author da Corografia Portugueza tom. 3. pag. 366. e o do Santuario Mariano tom. 7. pag. 68.

S. Pedro de Alcantara. Junto a Santa Apollonia.

Senhora do Roſario da Reſtauraçaõ. Ao Grilo. Foy fundada eſta Ermida por D. Gaſtaõ Coutinho Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, e do ſeu Conſelho, inſtituindo-a por cabeça de Morgado na quinta chamada do Grilo, cujos Capellães, que ſaõ quatro, provê o adminiſtrador, mas com approvaçaõ, e beneplacito do Geral dos Loyos, e de dous Conegos, que para iſto elege a Communidade, e ſem ſeu conſentimento naõ ſe póde remover algum dos ditos Capellães, como diz Santa Maria na Chronica intitulada *Ceo aberto na terra liv. 2. pag. 493.*

Senhora do Roſario. Em Villa Gallega.

136 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de mil trezentos e trinta fogos: preſentemente conſta de mil duzentos e dez; em cujo numero ſente a diminuiçaõ de cento e vinte. Experimenta mais a decadencia na qualidade de ſeus habitadores, que os mais opulentos deſertaraõ, por ficarem diſtantes os tribunaes; vindo occupar as caſas os Hereges

pro-

proteſtantes, que já paſſaõ de quatorze fogos, por ſe acharem agora mais proximas as Alfandegas. Diſtribuem-ſe os moradores pelas ſeguintes

Ruas.

Santa Apollonia, Bica do Capato, Caes, Calçada dos Barbadinhos, Calçada do Forte, do Grilo, Cruz, Cruz da pedra, e dos quatro caminhos, Galé, Graça, Grilo, Paraiſo, Penha, Piedade, Xabregas.

Becos, e Traveſſas.

Arcipreſte, Calçada de Santa Clara, e da Cruz, Campo de Santa Clara, Caſcaes, Conde de Avintes, Era, Flores, Freiras, Lages, Meyo, Mouros, Paraiſo, Poſtigo do Arcebiſpo, de S. Vicente, Rapoſo, Santos, Valle de Chellas, Valle eſcuro, Veronica, Vibre, Zagallo.

Freguezias confinantes.

Senhora dos Anjos, Santo Eſtevaõ, Senhora dos Olivaes, S. Vicente.

XII.

Santo Eſtevaõ.

137 A Memoria mais fidedigna, que encontramos da antiguidade deſta Paroquia, he do anno de 1295, no qual a 18 de Mayo paſſou El-Rey D. Diniz Proviſaõ para ſer collado nella em Prior o Meſtre Joaõ, Fyſico da Rainha D. Brites; e foy elle o ultimo que obteve eſta Igreja, eſtando ainda no Padroado Real; porque a 8 de Julho do meſmo anno fez o dito Rey mercê delle ao Biſpo de Lisboa D. Joaõ Martins de Soalhães, para continuar em ſeus ſucceſſores, (1) e deſta ſorte ſe incorporou na Mitra, cujos Prelados ſaõ preſentemente ſeus Donatarios.

138 O

---

[1] Cunha Catalog. dos Biſp. de Liſb. part. 2. cap. 77.

138 O Paroco tem predicamento de Prior, que he provido por concurſo, e ſe eſtima a ſua renda em quatrocentos mil reis; ſendo que deſtes ha de dar a quarta parte a hum Coadjutor. Ha aqui oito Beneficios, que apreſenta alternativamente a Sé Apoſtolica, e o Prelado Dieceſano, e rende cada hum cincoenta mil reis. As Irmandades, que ſe achaõ aqui eſtabelecidas, ſaõ: a do Santiſſimo, que apreſenta huma meya Capella: a da Via-Sacra, que apreſenta tres Capellas, para o que tem propriedades vinculadas: a da Conceiçaõ, e Mãy dos Homens: a de Noſſa Senhora da Atalaya, Imagem antiga, e milagroſa, e que tem huma Irmandade dos mareantes, e peſcadores com ſeu Capellaõ.

139 Aos inſolitos abalos do terremoto cahio neſta Igreja huma Imagem de pedra do Santo Patrono Protomartyr, que eſtava no frontiſpicio, e arruinou o Coro com a ſua queda, mas já ſe acha reedificado: apeou-ſe parte da torre, que ameaçava ruina; e com o temor de outra mayor, paſſou a Paroquia para a Ermida de Noſſa Senhora do Roſario no largo do ſitio das Galés. Naõ conſta que morreſſe na Igreja peſſoa alguma neſſe dia; porém pelo deſtrito da Freguezia, ſegundo o aſſento do livro dos obitos, naõ chegaraõ a quarenta: contém no ſeu territorio as ſeguintes

Ermidas.

Senhor Jeſus da Boa nova. A's portas da Ribeira junto da Galé. He adminiſtrada por huma Irmandade Secular com o titulo da Via-Sacra. Tem para ſeu eſtabelecimento duzentos mil reis em huma propriedade myſtica à dita Ermida, a qual com o terremoto naõ padeceo deſtroço.

Noſſa Senhora dos Remedios. Junto ao Chafariz de dentro. Tem de rendimento oito mil cruzados, e he adminiſtrada pela Irmande do Eſpirito Santo, que

ſe-

ſe compoem dos navegantes, e peſcadores de Alfama, com ſeu Juiz conſervador, que he o Corregedor do Crime da Corte. Tem tambem ſeu hoſpital para ſe curarem nelle os Irmãos pobres. (1) Ficou arruinada com o terremoto, porém acha-ſe inteiramente reedificada.

140 Conſtava eſta Paroquia antes do terremoto de mil cento e vinte e nove fogos, e quatro mil trezentas e vinte cinco peſſoas de communhaõ: preſentemente numera oitocentos e ſetenta e oito fogos; e tres mil quatrocentas peſſoas de communhaõ. Diſtribuem-ſe pelas ſeguintes

Ruas.

Portas da Cruz, (2) Rua direita, dos Remedios, do Vigario.

Freguezias confinantes.

Santa Engracia, S. Miguel, Salvador, S. Vicente.

XIII.

S. Joaõ da Praça.

141 A Origem deſta Paroquia he antiga, porque já no anno de 1317 achamos, que o Biſpo de Lisboa D. Fr. Eſtevaõ II. collara nella em 28 de Setembro ao Prior, a quem ElRey D. Diniz havia feito mercê como Padroeiro da dita Igreja. (3) A meſma mercê fez depois ElRey D. Affonſo IV. a hum Capellaõ da Capella Real, como conſta do livro dos Padroados, que eſtá na Torre

[1] Santuar. Marian. tom. 1. p. 231. [2] Neſte ſitio fundou ElRey D. Diniz no anno de 1290 a primeira Univerſidade que houve em Portugal, como diz o Chroniſta Brandaõ na Monarquia Luſitana part. 5. liv. 16. cap. 82 accreſcentando, que póde eſte Reino venerar eſta Porta como ſolar das boas letras, e primeira habitaçaõ da ſciencia, e que parece naõ quer Deos tenha Portugal nenhuma boa dita, que naõ ſeja apadrinhada de ſua Cruz ſagrada. [3] Cunha Hiſtor. Eccleſ. de Lisb. part. 2. c. 84. n. 7.

re do Tombo na caſa da Coroa fol. 14. verſ. col. 1. O Senhor Rey D. Pedro II. fez mercê deſte Padroado a D. Pedro Joſeph de Noronha, primeiro Marquez de Angeja.

142 Rendia eſta Igreja ao Prior antes do terremoto quatrocentos mil reis, e cada hum dos quatro Beneficios, que ha aqui, renderá pouco mais, ou menos cem mil reis. Sobre a apreſentaçaõ deſtes Beneficios litiga o Procurador da Coroa com os Beneficiados, ſem embargo de que ſe moſtraõ muitas apreſentações feitas pelos Priores. Ha neſta Igreja as Irmandades, e Capellanías ſeguintes. A do Santiſſimo com huma Capella de oitenta mil reis: a das Almas com dez Capellães de cincoenta mil reis: a de S. Joaõ Bautiſta: a de Noſſa Senhora da Encarnaçaõ, a qual ſó conſta de Cortadores, e apreſenta dous Capellães com ſeſſenta mil reis cada hum. Além deſtas eſtabeleceo aqui huma Capella a Santa Catharina hum Joſeph Rodrigues de Figueiredo, que concorria com tudo que era preciſo.

143 Com o geral fracaſſo do terremoto, e incendio, ſe arruinou, e queimou, ficando em deploravel eſtado; à viſta do qual determinou a Meſa com o Paroco ſe collocaſſe o Santiſſimo em huma Ermida exiſtente na traveſſa da Veronica, em quanto ſe cuidava em melhor accommodaçaõ; o que depois ſe fez, erigindo huma decente Ermida no Caes de Santarem, onde exiſte. Numera trezentos fogos diſtribuidos pelas ſeguintes

Ruas.

Adro da Igreja, Santo Antonio na Ribeira, Arco do Chafariz, e do Conde de Coculim, e o de Jeſus, Armazens, Atafonas, Baraõ, Caes de Santarem, largo da Botica, Marichal, Paſteleiro, Rua direita de S. Joaõ da Praça da parte eſquerda, Temte lá, Varandas do Conde de Villa-Flor.

Becos.

Santo Antonio, Igreja, Joaõ Seco, Pardieiro, Silva.

Freguezias confinantes.

S. Jorge, Santa Maria, S. Pedro.

XIV.

S. Jorge.

144 COincide a antiguidade deſta Freguezia com a de S. Bartholomeu. ElRey D. Diniz a annexou à cadeira do Meſtre-Eſcola da Sé, que nunca a apreſentou, e ſempre andou em concurſos, e renuncias até o preſente. O Paroco tem predicamento de Prior, cuja renda era eſtimada em ſeiſcentos mil reis. Ha na Igreja quatro Beneficios, que ſervidos chegavaõ a duzentos mil reis cada hum, e eſtes tem hum apreſtimo na Chamuſca, em que naõ entra o Prior, o qual rende a cada hum vinte moedas. Saõ eſtes Beneficios da apreſentaçaõ do Prelado, e tambem de renuncia.

145 As Capellas, que havia na Igreja, eraõ a do Santiſſimo, inſtituida por Franciſco de Lima, que a Meſa apreſenta com ſeſſenta mil reis de congrua para o Capellaõ: duas das Almas com cincoenta mil reis cada huma: mais huma do Menino Jeſus, que era dos Cegos. Defronte deſta Igreja houve antigamente hum Collegio, que o Doutor Diogo Affonſo Manga-ancha mandou fundar no anno de 1447, para dez Collegiaes pobres. (1)

146 Ficou tambem deſtruida com o terremoto, e fogo, por cuja cauſa ſe transferio para a Ermida de Santa Barbara, para diante do Campo do Curral, e depois ſe tornou a eſtabelecer do modo poſſivel na meſma Freguezia. Conſtava de cincoenta e oito fogos, e das ruas ſeguintes preſentemente deſertas.

Ruas.

[1] Leitaõ Ferreira Noticias Chronologic. num. 764.

Ruas.

Parte da rua direita, que vay do largo da Igreja para o Limoeiro da banda direita, Parte do beco do Bogio, Parte do beco do Alecrim do meſmo lado da Igreja.

Freguezias confinantes.

S. Joaõ da Praça, Santa Maria, S. Martinho.

XV.

S. Joſeph.

147 O Cardeal Infante D. Henrique, ſendo Arcebiſpo de Lisboa deſmembrou do territorio da Freguezia de Santa Juſta, por ſer dilatado, a porçaõ que deu a eſta de S. Joſeph a 20 de Novembro de 1567, erigindo a Paroquial na Ermida da meſma invocaçaõ, que os Pedreiros, e Carpinteiros haviaõ fundado à ſua cuſta com licença do Arcebiſpo D. Fernando de 6 de Julho de 1545 fóra dos muros antigos de Lisboa, paſſando as portas de Santo Antaõ mil e quatrocentos paſſos andantes.

148 Ha pouco mais de cem annos, que a mayor parte deſta Freguezia eraõ matos cerrados com algumas hortas, olivaes, e quintas; hoje eſtá ſummamente povoado o ſeu deſtricto, que entre as Paroquias da Cidade he hum dos mais apraziveis, pois obſervado da Cotovia faz hum proſpecto agradavel todo o ſeu terreno.

149 Tem o Paroco predicamento de Vigario, poſto que o Cardeal Arcebiſpo no Alvará da fundaçaõ da Freguezia, que vimos, lhe dá ſómente o titulo de Cura. He Igreja da Mitra, e rende mais de ſeiſcentos mil reis. Tem hum Coadjutor, que a Irmandade de S. Joſeph apreſenta, e o Prelado approva, levando por iſſo a quarta parte de todos os beneſſes, e emolumentos da Igreja, como expreſſamente o declara o meſmo Alvará. Conſta mais de

hum Cura, a quem o Vigario dá trinta mil reis, e de hum Theſoureiro, que apreſenta o Prelado, e coſtuma render perto de cem mil reis.

150 Na Igreja ha as Irmandades, e Capellas ſeguintes. A de S. Joſeph erecta pelos Pedreiros, e Carpinteiros no anno de 1532, como conſta da inſcripçaõ, que eſtá no frontiſpicio da meſma Igreja, que logo tranſcreveremos. Eſta Irmandade tem a adminiſtraçaõ da Capella mór, e a da Senhora da Fé com ſete Capellães, a quem daõ quarenta e oito mil reis a cada hum. Ha mais a Irmandade do Santiſſimo baſtantemente opulenta, e foy erecta no anno de 1571, como conſta do ſeu Compromiſſo, e adminiſtrava, e pagava a doze Capellães de Miſſa quotidiana, cujos inſtituidores ſaõ os ſeguintes.

151 O Conde da Caſtanheira Simaõ Correa da Silva inſtituio duas de ſetenta mil reis cada huma. D. Marianna da Maya huma de oitenta mil reis. Joſeph de Moraes, e ſua mulher Iſabel Martins outra de ſeſſenta mil reis. Franciſco Ribeiro da Fonſeca tres de ſetenta mil reis. Barbara de Carriaõ duas de cem mil reis. Tem mais tres Capellães, que dizem as Miſſas pelos Irmãos, e outras de legados, que deixaraõ Affonſo Gonçalves, o Padre Belchior do Rego Belliago, Joaõ de Carriaõ, Franciſco Pires, e outros. Dá tambem eſta Irmandade do Santiſſimo hum dote de oitenta mil reis cada anno, que deixou o P. Manoel Pereira.

152 Ha mais huma Capella, que inſtituio Manoel Galvaõ de ſeſſenta mil reis, e ha mais outras de ſeſſenta e cinco mil reis inſtituidas pelo Sargento mór de batalha Antonio de Sá de Almeida. A Irmande das Almas tem doze Capellães com quarenta e quatro mil reis cada hum, cuja congrua ſahe toda das eſmolas, que ſe tiraõ quotidianamente dos fieis com a bacia.

153 Com o terremoto paſſado padeceo eſta Igreja pequena ruina, ficando ſómente o ſeu frontiſpicio

cio algum tanto eſquartejado, por cujo motivo a Irmandade do Santiſſimo mandou fazer no campo da horta por detraz do palacio de Marco Antonio huma barraca de madeira, para onde ſe mudou o Sacramento, e ſe faziaõ as funções Paroquiaes. Aqui eſteve a Freguezia até 22 de Julho de 1757, em cujo dia ſe reſtituio por ordem de Sua Eminencia para a ſua antiga Igreja, a qual os Pedreiros, e Carpinteiros reformaraõ, e melhoraraõ, quanto à arquitectura da frontaria, onde fizeraõ eſculpir eſtes dous padrões. O primeiro, que fica da banda do Evangelho, diz:

In. a. o.

Por cauſa do lamentavel terremoto do primeiro de Novembro de 1755 ſe arruinou a frontaria deſta Igreja. A Irmande do Senhor S. Joſeph, como Padroeira da meſma, a mandou levantar no eſtado em que ſe acha no anno de 1757.

Ultra non commovebitur, lib. 1, Par. 17. 9.

Debaixo deſte padraõ eſtaõ gravadas na meſma pedra com primor os inſtrumentos do officio de Pedreiro, nos quaes ſe lem eſtas letras: *Hic eſt Faber.* Marc. 6. 3. *Joſeph faber lapidarius.* Calmet. As letras *In. a. o.* que eſtaõ no principio, querem dizer *In anathema oblivionis*: iſto he, para memoria perpetua da gratidaõ: cuja epigrafe he tirada do cap. 16. de Judith. v. 23.

154 O ſegundo padraõ eſtá da parte da Epiſtola, e diz:

M. S.

Na era de 1537 ſe principiou a Confraria do Senhor S. Joſeph, que foy a primeira deſte Reino: e na era de 1546 a 7 de Abril ſe tirou S. Joſeph de Santa Juſta para eſta caſa.

Poſſederunt filii Joſeph. Joſué. 16. 4.

De-

Debaixo deſta inſcripçaõ ſe vem inſculpidas as ferramentas do officio de Carpinteiro muito bem abertas, e ſobre a ſerra ſe lê *Joſeph faber lignarius.* Verſ. Hebraica.

155 Comprehende eſta Paroquia dentro dos ſeus limites os Templos ſeguintes.

Convento.

Corpus Chriſti. De Religioſos Carmelitas Deſcalços, erecto no anno de 1756 no principio da traveſſa fronteira ao palacio de D. Diniz de Almeida.

Hoſpicios.

Brunos. He dos Religioſos da Cartuxa de Laveiras, e eſtá na eſtrada do Salitre, na rua da Palmeira. Foy principiado em huma horta, que lhes deu o Biſpo Capellaõ mór D. Jorge de Ataide no anno de 1609, para dote de duas cellas, que eſtabeleceo no dito Convento. Tem ſua Capellinha, onde diz Miſſa o Procurador, quando vem à Cidade. A ruina que padeceo com o terremoto, ſe acha recuperada.

Carmelitas Calçados. Da Provincia do Maranhaõ. Eſtá na rua direita de Santa Martha, e foy fundado no anno de 1745.

Dominicos. Na Igreja de Santa Joanna. Foy fundado em 25 de Novembro de 1699, em huma quinta de D. Alvaro de Caſtro, ſita a diante de Santa Martha, e a deixou em teſtamento para ſe eſtabelecer hum Collegio de Miſſionarios da India. Pelo terremoto naõ padeceo ruina alguma; e aſſim como aqui aſſiſtiaõ poucos Religioſos, e as da Annunciada ſe conſideraſſem na urgencia de abandonarem o ſeu Moſteiro, mudaraõ ſe para a cerca de Santa Joanna, accommodando-ſe em varias barracas, que mandaraõ erigir. Depois com animo de perſiſtirem neſte ſitio, tem concorrido a grandeza de ElRey com

com o diſpendio de duzentos mil cruzados, para lhes fazer hum Moſteiro ampliſſimo, que ainda naõ eſtá completo.

Mercenarios. Eſte Hoſpicio foy fundado na rua do Paſſadiço no anno de 1747, e nas terras do Deſembargador Antonio de Macedo, que as deu para o tal edificio, ſendo Procurador Geral o Padre Fr. André Pinto da Silva. A pequena ruina, que padeceo, ſe acha remediada.

Moſteiros.

Noſſa Senhora da Annunciada. De Religioſas Dominicas. Foy primeiramente habitado de Religioſos de Santo Antaõ no anno de 1400. Trocaraõ eſte Convento no anno de 1539 com o das Freiras da Annunciada, que ElRey D. Manoel havia fundado no anno de 1519 ao pé do Caſtello, junto à Mouraria; e aſſim as Religioſas trouxeraõ comſigo a invocaçaõ da Annunciada para o Convento dos Frades de Santo Antaõ, e os Frades levaraõ o nome do Santo para o Moſteiro, que ainda hoje conſerva o de Santo Antaõ o Velho. Com o terremoto ſe arruinou baſtantemente naõ ſó o Moſteiro, mas a Igreja, ficando neſta toda a ſua abobeda aberta pelo meyo até o arco da Capella mór, e perecendo neſte eſtrago dez Religioſas; entre as quaes merece eſpecial memoria a Madre Soror Caetana da Encarnaçaõ, filha do II. Marquez de Tavora, de vida exemplariſſima, e virtuoſa: naõ menor lembrança deixaraõ da ſua virtude as Madres Soror Joſefa Tereſa, Soror Anna Felicia, e Soror Luiza Victoria, filha dos Barões da Ilha grande, e de vida inculpavel. Preoccupadas as mais Religioſas do grande temor, que tambem a violencia do fogo já proximo as ameaçava, reſolveraõ ſahiſſe toda a Communidade para huma horta alli contigua chamada do Cardador, onde eſtiveraõ até Quarta feira ao jantar, em cujo dia

ſe-

ſe paſſaraõ para o Convento de Santa Joanna, onde ſe conſervaõ ainda em huma grande accommodaçaõ, que ElRey lhes mandou fazer generoſamente.

156 Defronte deſte Moſteiro exiſtia o palacio dos Condes da Ericeira, hoje Marquezes do Louriçal, fundado por Fernando Alvares de Andrade do Conſelho de ElRey D. Joaõ III. no anno de 1533. Depois ſe accreſcentaraõ dous novos quartos, que tudo comprehendia cento e vinte caſas, dez pateos, jardins, e hortas, e lograva mais de duzentas pinturas, muitas dellas de Ticiano, Corregio, Rubens; e ſobre tudo huma excellente livraria, que continha dezoito mil volumes impreſſos: mil Collecções de papeis varios, a Hiſtoria do Imperador Carlos V., eſcrita pela ſua propria maõ, hum livro de hervas, e plantas illuminadas com as ſuas naturaes cores, que foy de Mathias Corvino Rey de Hungria, Cartas de marear dos primeiros deſcobridores das noſſas Conquiſtas, e muitos volumes manuſcritos em diverſas materias pelos Senhores da Caſa de Ericeira. Tudo iſto devorou o incendio no meſmo dia do grande terremoto, reduzindo a cinzas em breves minutos taõ precioſas, e irrecuperaveis alfayas.

Santa Martha. De Religioſas de S. Franciſco. Teve principio depois do anno de 1569 em hum Recolhimento de donzellas orfans, que por agencia do Padre Antonio de Monſerrate da Companhia de Jeſus, ElRey D. Sebaſtiaõ eſtabeleceo para as filhas dos ſeus criados, que haviaõ morrido da grande peſte ſuccedida em Lisboa por aquelle tempo. Transformou-ſe em Moſteiro no anno de 1580, lançando-ſe a primeira pedra a 6 de Fevereiro, e no anno de 1583 ſe reduzio a clauſura a inſtancias do Padre Pedro da Fonſeca Jeſuita, que lhe fez Eſtatutos eſpeciaes em ordem à ſua conſervaçaõ. He ſujeito ao Ordinario. Alguma couſa padeceo com o ter-

terremoto, que obrigou às Religioſas abarracarem-ſe na ſua cerca; porém reparada a ruina, ſe achaõ já reſtituidas às ſuas cellas. O grande palacio dos Condes de Redondo contiguo a eſte Moſteiro, para cuja Capella mór tem huma mageſtoſa tribuna, onde tivemos a honra de celebrar a noſſa primeira Miſſa em 7 de Novembro de 1733, ficou izento dos horroroſos abalos do terremoto; antes ſerviraõ algumas das ſuas officinas de commodo, e abrigo aos pobres doentes, e miſeraveis, a que os Senhores deſta Caſa mandaraõ aſſiſtir caritativamente por acçaõ propria da ſua innata piedade.

Ermidas.

Noſſa Senhora do Bom Succeſſo. Na Calçada do Lavre, que antigamente ſe chamava Calçada de Damiaõ de Aguiar. Foy edificada no anno de 1568 por Joaõ Rodrigues Torres. A Imagem da Senhora dizem, que apparecera ſobre o bocal de hum poço, que eſtá debaixo da meſma Capella. Permanece ainda aqui huma Irmandade da Via-Sacra, que inſtituio o Veneravel Fr. Antonio das Chagas. Naõ padeceo ruina alguma, e nella reſidio depois do terremoto a Collegiada da Miſericordia.

Noſſa Senhora da Gloria. Foy edificada eſta Ermida por Fernaõ Paes, nobre Cidadaõ do Porto, no anno de 1570. Depois a poſſuiraõ os Condes da Caſtanheira, e hoje D. Luiz de Portugal. Neſta Igreja eſtiveraõ hoſpedadas humas Religioſas Flamengas, que no anno de 1582 vieraõ para eſte Reino deſterradas, fugindo à hereſia Lutherana, em tempo de ElRey Filippe II., e depois de quatro annos, ſe paſſaraõ para o ſitio de Alcantara, onde ſe edificou o Moſteiro de Noſſa Senhora da Quietaçaõ. Acha-ſe eſta Ermida arruinada por cauſa do terremoto.

S. Luiz Rey de França. Conſta que a Confraria de

S. Luiz da Naçaõ Franceza eſtivera na Ermida de Noſſa Senhora da Oliveira no anno de 1558. Começou-ſe a fazer a nova Igreja de S. Luiz às portas de Santo Antaõ no anno de 1563, a qual ſe concluio, e juntamente hum Hoſpital para agazalhar, e curar os doentes pobres da ſua Naçaõ, no anno de 1572, em cujo anno a 20 de Agoſto lhes concedeo licença o Arcebiſpo D. Jorge de Almeida para ſe dizer nella Miſſa, a qual ſe verificou a 25 dia do Santo: e por ficarem izentos da Matriz, ſe contrataraõ com o Cura da Igreja de S. Joſeph, que entaõ era Nuno Cabral Camello, em ſeiſcentos reis cada anno. Tambem nos conſta de documentos authenticos, que vimos, que a Imagem do Santo, e mais ornamentos eſtiveraõ na Ermida de Noſſa Senhora da Victoria. Tem a dita Confraria, e o ſeu Capellaõ muitos privilegios concedidos pelo Papa Paulo IV. no anno de 1561. Fez a dita Irmandade no anno de 1580 hum concerto com Marcos Heitor, Coſinheiro mór na caldeiraria, por eſte lhe fazer mercê de humas caſas ſuas, ſitas defronte da dita Igreja, onde ſe fez o adro, com obrigaçaõ de lhe mandarem dizer cada ſemana huma Miſſa rezada pela ſua alma, e de ſua mulher, com outras mais clauſulas. A ruina, que teve com o terremoto, ſe acha recuperada.

Noſſa Senhora da Pureza. Na calçada de S. Roque. Foy fundada no anno de 1581 por Manoel de Caſtro Solicitador dos Orfãos, e ſua mulher Filippa Lourenço, e a dotaraõ de cem mil reis para a Fabrica. Agora a adminiſtra o Conde de Caſtello melhor, que comprou o direito aos herdeiros em 18 de Mayo de 1711. Naõ padeceo ruina alguma, e nella exiſte a Paroquia de S. Nicoláo.

157 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de mil e cem fogos, e de cinco mil e ſeiſcentas peſſoas de communhaõ. Depois ſe tem augmentado, e povoado pelas terras da Cotovia, e algumas hor-

hortas mais de ſeſſenta fogos, e ſe vaõ continuamente erigindo propriedades em grande numero com ruas, a que ainda ſe naõ ſabe os nomes, ſendo as antigas as ſeguintes

Ruas.

Calçada da Gloria, e do Lavre, Calçadinha de Santo Antonio, ou de Rilhafolles, Caridade, Carriaõ, Cazal das Moças, Ciſterna, ou Santa Barbara, Condes, Direita, Eſperança, Fé, Horta dos Ulmeiros, Largo de S. Luiz, Macedo, ou Oliveirinha, Metade, Palmeira, Paſſadiço, Praga, Pretas, Rua Nova da Gloria, Salitre, Telhal.

Becos.

Mancebia, Siqueiro, Tem tem.

Traveſſas.

Açougue, Cotovia, Deſpacho, Freiras, Melro, Parreiras, Paſſagem, Sem ſahida.

Freguezias confinantes.

Senhora da Encarnaçaõ, Santa Iſabel, Santa Juſta, Pena, S. Sebaſtiaõ da Pedreira.

XVI.

Santa Iſabel.

158 CReſcendo exceſſivamente a povoaçaõ nos ſuburbios da Cidade, e ſitio de Campolide, determinou o Eminentiſſimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida erigir huma nova Paroquia, ſeparando parte dos moradores das Freguezias de Santos, e S. Sebaſtiaõ da Pedreira, e parte da de Santa Catharina, e S. Joſeph, e elegendo para eſta erecçaõ a Ermida de Santo Ambroſio, que exiſtia pouco acima do Moſteiro de Trinas no ſitio do Rato, nella diſſe Miſſa a 14 de Mayo de 1741, collocando no Sacrario o Santiſſimo Sacramento com grande ſolemnidade, ordenando que dalli por diante ſe invocaſſe a Freguezia com o titulo de Santa Iſa-

Iſabel Rainha de Portugal, e que os Freguezes do territorio aſſignado reconheceſſem por ſeu Paroco ao Reverendo Feliſberto Leitaõ de Carvalho, a quem conſtituio no caracter de primeiro Reitor della.

159 No anno ſeguinte de 1742 a 4 de Julho fez o meſmo Eminentiſſimo Cardeal Patriarca fundar huma nova Igreja para eſtabelecimento da Paroquia, cuja primeira pedra lançou nos fundamentos do edificio, com rito ſolemne, o Excellentiſſimo Principal Almeida ſeu ſobrinho. Subio a obra de cantaria até a cimalha Real, mas deſcobrindo-ſe no deſenho alguns exceſſos, em que naõ ſe reparou no principio, e tambem por falta de cabedaes, eſteve ſuſpenſa alguns annos: até que deſejoſo o magnanimo Prelado de ver concluido hum Templo, que elle havia principiado com goſto, entregou generoſamente em 27 de Outubro do anno de 1753 á Irmandade do Santiſſimo da dita Paroquia toda a ſua precioſa copa de prata, com cuja importantiſſima eſmola ſe foy continuando a obra da Igreja com fervor, emendando-ſe do primeiro riſco o que foy poſſivel.

160 Rendia eſta Freguezia ao ſeu Reitor mais de ſeiſcentos mil reis, e depois do terremoto, quaſi que rende outro tanto. Apreſenta elle quatro Curas para o ajudarem no miniſterio, e tem hum Theſoureiro, que apreſenta o Prelado, e renderá mais de cento e cincoenta mil reis. Ha na Igreja dezaſeis Capellas a ſaber: huma do Santiſſimo, outra de Noſſa Senhora da Arrabida, e quatorze das Almas, de cincoenta mil reis cada huma. Ha mais huma Irmandade da Via-Sacra com o titulo do Senhor Jeſus dos Afflictos.

161 Na laſtimoſa tragedia do terremoto foy eſta Paroquia a mais bem livrada; porque nem a Igreja, que ainda naõ eſtá acabada, nem a em que reſide a Paroquia ſentiraõ ruina alguma; nem conſta, que

que em todo o deſtricto da Freguezia padeceſſe alguem. Só na rua da Cotovia deſde as caſas de D. Rodrigo até as obras do Conde de Tarouca, e bairro do Pombal houve alguma derrota nos edificios; porém tudo reparavel, e já habitado.

162 Exiſtem no deſtricto deſta Freguezia os ſeguintes Templos.

Conventos.

S. Bento da Saude. De Monges Benedictinos. Foy erecto no anno de 1598 pelo ſeu Geral Fr. Balthazar de Braga a expenſas da Religiaõ, como conſta dos diſticos latinos abertos em huma pedra, que ſe lem por cima da portaria, que dá entrada para os Clauſtros, que dizem:

Cui tantum ſacratur opus, cui nobile Templum
Hæc Bene bis dicto dedicat Ordo Niger.
Qui parat expenſas Monachum ditiſſima pulchrum
Pauperies propriis ſumptibus fecit opus. &c.

O vulgo cuida que fora fundado pelo Marquez de Caſtello-Rodrigo, o qual ſó tomou a Capella mór à ſua conta, e para ſeu jazigo; cujo contrato desfizeraõ os Religioſos com os herdeiros do Marquez, dando-lhe eſte Convento dez mil cruzados no anno de 1718, ſendo entaõ Abbade o Padre Fr. Bartholomeu de S. Jeronymo. He eſte edificio magnifico pela ſituaçaõ do terreno, e pela grandeza de todas as ſuas partes, que o compoem.

162 Do inſolito, e geral eſtrago do terremoto ficou todo eſte ſagrado edificio taõ preſervado ainda da menor ruina, que eſteve em termos de ſe congregar no ſeu Templo a nobiliſſima, e grande Communidade da Santa Igreja Patriarcal, para nelle exercer as funções Eccleſiaſticas; e aſſim ſe mandou logo inſinuar ao D. Abbade deſte Convento por carta do Secretario de Eſtado o Excellentiſſimo Sebaſtiaõ

tiaõ Joſeph de Carvalho e Mello, cuja copia he a ſeguinte.

163 *Tendo a incomparavel piedade de ElRey Noſſo Senhor preferido a todos os grandes cuidados da conjunctura preſente o de ſe reſtabelecerem logo, e ſem perda de tempo os exercicios de Coro, e da Santa Igreja Patriarcal, em que ſe devem perennemente dar a Deos os infinitos louvores, que devemos à ſua Divina miſericordia, por nos preſervar depois de huma taõ grande calamidade as Reaes Peſſoas de Suas Mageſtades com toda a Familia Real, e a huma taõ grande parte das peſſoas, que conſtituem todos os eſtados deſte Reino. E naõ ſe achando nem na Corte, nem nos ſeus ſuburbios outra Igreja com eſtado de ſubſtituir com a brevidade, que he indiſpenſavel à Patriarcal, de que Deos foy ſervido privarnos, ſe naõ for o Templo deſſe Moſteiro, que a Divina clemencia preſervou dos eſtragos a que ſe reduziraõ tantos outros: para que de todo naõ ceſſem os ſeus ſantos louvores, me manda Sua Mageſtade participar a V. Paternidade, que neſta extremoſa urgencia, de acordo com o Eminentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Cardeal Patriarca, tem aſſentado, em que neſſa Igreja de S. Bento da Saude, e em algumas das caſas, e officinas miſticas a ella, que neceſſarias forem, ſe celebrem por ora, e em quanto o meſmo Senhor naõ der mais ampla providencia, que tem determinado, todos os Officios Divinos, que até o dia primeiro do corrente ſe celebravaõ na Santa Igreja Patriarcal: eſperando que o zelo do ſerviço de Deos, e de Sua Mageſtade, que tanto tem reſplandecido na Communidade a que V. Paternidade reſide, neſta occaſiaõ o fará cooperar para o dito effeito, de ſorte que os exercicios da Cathedral ſe façaõ compativeis com os do Coro, que a meſma Communidade frequenta com taõ exemplar obſervancia. Deos guarde a V. Paternidade. Paço de Belém a 17 de Novembro de 1755.*

164 Eſta determinaçaõ naõ teve effeito, porque a Patriarcal foy para a Ermida de S. Joaquim, em Alcantara, como temos dito; mas naõ deixou taõ vaſto edificio de dar commodo dentro do ſeu am-

ambito ao Archivo Real da Torre do Tombo, como já diſſemos, e à Academia Militar, ou Aula da Fortificaçaõ, que ſe eſtabeleceo em huma caſa ſituada no portico da Igreja, para onde tem ſua principal ſerventia oppoſta à portaria conventual do ſobredito Convento, cujo exercicio teve principio em Outubro de 1757.

Noſſa Senhora da Eſtrella. Dos meſmos Monges Benedictinos, fundado no anno de 1572 pelos ſeus Reformadores. Serve de Collegio aos taes Religioſos. Padeceo fatal deſtroço com o terremoto; porém toda a ſua grande ruina ſe acha quaſi remediada.

Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ. Noviciado que foy dos Religioſos Jeſuitas no ſitio da Cotovia, fundado em 23 de Abril de 1603 por Fernaõ Telles da Silva, Governador da India, e ſua mulher D. Maria de Noronha. Experimentou eſte Templo ſeu deſtroço, mas já ſe acha reſtabelecido, e nelle fundado nobremente o novo Collegio chamado dos Nobres.

Senhor Jeſus da Boa Morte. Hoſpicio de Congregados, que fundou o Irmaõ Antonio dos Santos no anno de 1736, e de quem já fallamos no tom 2. part. 3. deſte noſſo Mappa cap. 3. §. XIX. Naõ padeceo ruina alguma com o terremoto.

Moſteiro.

Noſſa Senhora dos Remedios. De Religioſas Trinitarias, no ſitio do Rato. Havia Manoel Gomes de Elvas Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade em ſeu teſtamento, que fez em Lisboa a 29 de Junho de 1620, inſtituido dous Morgados de ſeus bens, de que hoje he Adminiſtrador Luiz Joſeph Correa de Lacerda, Tenente Coronel do Regimento de Olivença, mandando que à cuſta dos ſeus bens ſe fizeſſe com a mayor grandeza hum Moſteiro da Ordem, e invocaçaõ da Santiſſima Trindade, para o qual havia

via alcançado licença de ElRey, e que ſe fundaſſe em o ſitio de Campolide, chamado hoje o Rato, e que nelle entrariaõ quarenta Religioſas ſem dote, as quaes ſeriaõ apreſentadas pelos ſucceſſores, e Adminiſtradores dos referidos Morgados por elle inſtituidos; como tambem dous Capellães; para cujas deſpezas, e ſuſtentaçaõ deixou fundo competente. Determinou mais que na Capella mór ſe faria jazigo para os ditos Adminiſtradores; e que o ſeu corpo foſſe depoſitado na Igreja de Noſſa Senhora do Carmo deſta Corte, para que quando eſtiveſſe acabada a Igreja do Moſteiro foſſem para ella trasladados os ſeus oſſos. Depois que morreo o dito Manoel Gomes de Elvas, ſe deu principio à fundaçaõ do Moſteiro, e chegando-ſe a concluir, houve entre os teſtamenteiros algum deſcuido, até que o zelo, e actividade do Patriarca D. Thomaz de Almeida, fazendo que em o mez de Junho de 1721 tiveſſe principio a clauſura do Moſteiro, nelle entraraõ Religioſas com apreſentações do Adminiſtrador. E porque ſe reconheceo que as rendas applicadas ao dote do Moſteiro naõ poderiaõ ſubſiſtir para a prompta ſuſtentaçaõ das quarentas Religioſas, como recommendava ſeu Inſtituidor, ſe reduzio ao numero de trinta; e mais ſeis Converſas para o miniſterio particular do Moſteiro, em cujo numero ſe conſerva preſentemente ſujeito à juriſdicçaõ do Ordinario. Os oſſos do Inſtituidor até agora naõ ſe trasladaraõ por falta de noticias, que ha do lugar onde poſitivamente foy ſepultado ſeu corpo na Igreja do Carmo. A pequena ruina que padeceo eſte Moſteiro, e Igreja pelo terremoto, logo ſe remediou.

Hoſpicio.

Dos Miſſionarios do Varatojo. Na rua da Conceiçaõ à Cotovia, por mercê delRey Fideliſſimo D. Joſeph I. deſde o anno de 1760.

Er-

Ermidas.

Santo Ambroſio. Preſentemente ſerve de Paroquia. Naõ experimentou ruina alguma.

Santa Anna. Na ribeira de Alcantara.

Senhora da Conceiçaõ. Na Fonte Santa.

Senhora da Conceiçaõ. Na quinta chamada do Inferno.

S. Joaõ dos Bem-Caſados. Edificou-a Antonio Simões, official de Dourador no anno de 1580.

Noſſa Senhora Mãy dos Homens. Na quinta de Joſeph Ribeiro Eſcrivaõ dos Armazens, fundada no anno de 1755.

S. Pedro. Fundada por hum Pedro Marques no anno de 1621.

Noſſa Senhora da Piedade. Na quinta chamada do Tenente Coronel.

Noſſa Senhora dos Prazeres. Na quinta dos Condes da Ilha, junto à ribeira de Alcantara, com quem o povo de Lisboa tem grande devoçaõ.

165 Depois do terremoto ſe fundaraõ as Ermidas, e Templos ſeguintes:

Santa Anna. Defronte da Igreja nova de Santa Iſábel, fundada por D. Margarida.

Santo Antonio, e Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na rua de S. Joaõ dos Bem-Cazados. Foy fundada no anno de 1756 por D. Nuno, filho do Duque de Cadaval.

Noſſa Senhora da Piedade das Chagas. Aos Cardaes, de que já fallámos.

A Santa Igreja Patriarcal. No ſitio das obras do Conde de Tarouca, de que tambem já fallámos.

S. Franciſco de Borja. Reſidencia que foy dos Procuradores Jeſuitas da America, e Aſia. Hoje ſerve de Seminario da Patriarcal.

Senhor Jeſus dos Afflictos. Na rua da Madre de Deos.

Santo Antonio. Na rua para baixo do Pombal, on-

de eſteve a Paroquia da Encarnaçaõ. Fabricou-ſe de madeira pelo Meſtre de obras Jorge Rodrigues de Carvalho, mas depois ſe extinguio.

Santo Antonio. Onde eſteve a Miſericordia na rua de S. Bento. He de Antonio Rodrigues Gil.

Menino Jeſus. Em a rua chamada Campo de Ourique.

Noſſa Senhora dos Milagres. Que fundou Manoel de Jeſus na traveſſa dos ladrões.

Convento de Noſſa Senhora do Monte do Carmo. No ſitio das Aguas livres.

Convento de S. Franciſco. Na quinta de D. Elena, hoje dos Padres da Congregaçaõ do Oratorio ao Rato. Eſtes dous Conventos naõ foraõ de muita preſiſtencia, porque ſe fizeraõ para accommodaçaõ interina dos Religioſos, que andavaõ ſem abrigo por cauſa do terremoto, e incendio lhes deſtruir os ſeus Conventos, para os quaes ſe recolheraõ depois de ſe fazerem promptos.

166 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de mil quatrocentos e ſeſſenta fógos, e de cinco mil ſeiſcentas e vinte e ſeis peſſoas de communhaõ. No anno de 1757 numerava dous mil quatrocentos e quinze fógos: e onze mil ſeiſcentas e cincoenta e cinco peſſoas de communhaõ. Todo eſte augmento accreſceo a eſta Freguezia, pelos muitos edificios, que no ſeu terreno baldio ſe tem edificado, e vay continuando, de fórma, que ſerá a Paroquia mais populoſa da Cidade, e como bem diz no ſeu *Clamor Juſtificado* o Reitor da Conceiçaõ, Braz Joſeph Rebello Leite, della ſe podem ſeparar ovelhas para outras duas Paroquias ſufficientemente. As ruas que tem nome, ſaõ as ſeguintes.

Ruas.

Almas, Santa Anna, Santo Antonio, Arrabida, S. Bento, Boa Morte, Senhora do Cabo, Campolide, Campo de Ourique, Cardaes, Conceiçaõ, Cotovia, Eſtrella, Fabrica, Fonteſanta, Hortanavia,

via, S. Joaõ dos Bemcaſados, Santa Iſabel, Largo do Rato, Madre de Deos, Senhora dos Milagres, Monte Olivete, Norte, Penha de França, Pombal, Prazeres, Santa Quiteria, Rato, Ribeira de Alcantara, Rua nova da Patriarcal, Salitre, Sol, Traveſſa dos cegos, Val de Pereiro.

Freguezias confinantes.

Ajuda, Bemfica, Santa Catharina, Encarnaçaõ, S. Joſeph, Mercês, Santos, S. Sebaſtiaõ da Pedreira.

XVII.

S. Juliaõ.

167 ENtre as Igrejas Paroquiaes de Liſboa goza eſta chamada em outro tempo S. Giaõ, de huma muito antiga, e honroſa origem; porque ſegundo a memoria de alguns eſcritores (1) já no anno de 1200 eſtava erecta em Paroquia, ſendo nella bautizado o Papa Joaõ XXI. ou XXII. a quem chamaraõ Pedro Juliaõ. Naõ conſegue menor honra, e gloria em terem ſido aqui purificados com a agua do Bautiſmo o Veneravel Padre Affonſo de Caſtro, que morreo Martyr nas Molucas, e o Veneravel Meſtre Joaõ Vicente, fundador da illuſtriſſima Congregaçaõ dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangeliſta. (2)

168 Reinando ElRey D. Sancho II. dizem que fora a antiga Igreja ſagrada pelo Biſpo D. Domingos Jardo no anno de 1241, e que ElRey D. Diniz fizera doaçaõ do Padroado della ao Cabido da Sé. Depois quando ElRey D. Manoel mandou edificar à borda do Tejo o mageſtoſo palacio, chamado Paços da Ribeira, como exiſtente dentro dos limites deſta Paroquia, a honrou com tanta eſpecialidade,

[1] Agiolog. Luſit. tom. 3. p. 324. Monarq. Luſit. liv. 75. cap. 43 da impreſſaõ accreſcentada. [2] Idem Agiol tom. 1. no 1. de Janeiro. Santa Maria no Ceo Aberto liv. 3. cap. 1.

que naõ ſó a mandou generoſamente reedificar, (1) mas ordenou, que quando foſſe preciſo aos enfermos do Paço receber os Sacramentos, ſe adminiſtraſſe tudo deſta Freguezia, naõ obſtante haver Sacrario na Capella Real de S. Thomé; e para ſalvar os privilegios do ſeu Capellaõ mór, e poder livremente exercer eſtas funções dentro de Palacio o Prior de S. Juliaõ, lhe fez mercê de o condecorar com o titulo de Capellaõ Regio. (2)

169 Continuaraõ os Auguſtiſſimos Reys Portuguezes em promover o culto deſta Igreja de tal fórma, que ElRey D. Sebaſtiaõ por ſeu Embaixador Lourenço Pires de Tavora, alcançou do Papa Pio IV. em 20 de Outubro de 1560 hum Breve, para que a Confraria do Santiſſimo deſta Freguezia ſe annexaſſe à que exiſtia em Roma na Igreja do Convento da Minerva, e lograſſe os meſmos privilegios, e indulgencias, que ſaõ muitas, e podeſſe communicallas a outras Confrarias de Portugal, e ſuas Conquiſtas, logrando por eſte reſpeito o titulo de Archi-Confraria.

170 Naõ ſatisfeita a devoçaõ deſte Soberano Monarca, para mayor culto do Santiſſimo Sacramento deſta Paroquia, lhe fez a mercê de vinte arrobas de cera de quatro em quatro annos; e eſta grandioſa eſmola, que ſe havia extincto com a introducçaõ dos Reys Filippes, renovou o feliciſſimo Rey D. Joaõ IV., querendo juntamente ſer admittido por Confrade com o Principe D. Theodoſio, que no anno de 1644, foy eleito Juiz da ſobredita Archi-Confraria, ficando deſde entaõ por eſtylo elegerſe para Juiz perpetuo della huma das Peſſoas Reaes, as quaes coſtumavaõ mandar pagar todos os annos a eſta Paroquia oito mil reis pelas conhecenças, a que eraõ obrigados como ſeus Paroquianos, as

---

[1] Goes Chron. de ElRey D. Manoel part. 4. cap. 85. Mariz Dialog. 4. cap. 19. [2] Almeid. nas Notas ao Codex Titulor. S. L. E. tom. 1. num. 4. pag. 25.

as peſſoas que viviaõ no Paço; cujo pagamento por ſupplica do Prior, e Beneficiados, mandou o Senhor Rey D. Pedro II. por Decreto de 18 de Julho de 1679, que ſe pagaſſe na folha da Ucharia, como de facto ſe pagava.

171 Conſtituida porém a Capella Real em Paroquia propria de toda a Regia familia, por Breve de Clemente XI. de 24 de Agoſto de 1709, e erigindo-ſe nella huma nova Confraria do Santiſſimo Sacramento, mandou ElRey D. Joaõ V. por Decreto de 27 de Março de 1710, que as vinte arrobas de cera, que ſe coſtumavaõ dar à Irmandade do Santiſſimo da Freguezia de S. Juliaõ, ficaſſem applicadas para a Irmandade do Santiſſimo da ſua Real Capella; retribuindo todavia a falta deſta mercê com huma vantajoſa eſmola.

172 Conſta eſta Paroquia de hum Prior, que o Eminentiſſimo Patriarca apreſenta, cujo rendimento de frutos certos, e incertos importava cada anno, pouco mais ou menos, em ſeiſcentos mil reis. Tem ſeis Beneficiados de alternativa com o Pontifice, e Prelado, e com obrigaçaõ de Coro de manhã, e tarde; rende cada hum cento e cincoenta mil reis. Tem mais dous Curas, que apreſenta o Prior, e dous Theſoureiros, hum da Igreja com rendimento pingue, e outro da Irmandade do Santiſſimo, que ella apreſenta, e juntamente he ſeu Capellaõ.

173 A Archi-Confraria do Santiſſimo foy opulenta, e ſe prezava de ter o movel mais precioſo, e de ricos ornamentos para o culto Divino. (1) Provia, e adminiſtrava vinte e tres Capellas de varios Inſtituidores, a ſaber: tres de oitenta mil reis, quatro

---

[1] Macedo nas Flores de Heſpanha cap. 9. excel. 9. Veja-ſe a Relaçaõ da ſolemne Prociſſaõ do Corpo de Deos, que eſta Irmandade fez a 2 de Setembro de 1582, e ſe imprimio novamente na Officina de Joſeph Antonio da Silva no anno de 1731, e Jorge Cardoſo no Agiol. Luſit. tom. 3. p. 324., que como filho deſta Paroquia eſcreve muitas grandezas della.

tro de ſeſſenta, oito de cincoenta, duas de quarenta e ſeis, duas de quarenta, huma de trinta. Mais duas Capellas de Miſſa quotidiana, que a meſma Irmandade inſtituio com cincoenta mil reis cada huma pelas almas dos ſeus Irmãos, e com Breve de Benedicto XIV. para que os Altares deſta Igreja, onde as ditas Miſſas ſe diſſeſſem, foſſem privilegiados *pro interim.* Inſtituio neſta Igreja a Madre Soror Maria Tereſa de S. Lourenço huma Capella, para depois de ſua morte ſer adminiſtrada por eſta Irmandade, com a eſmola de mil e duzentos reis cada Miſſa.

174 Havia huma Sacriſtia da Irmandade do Santiſſimo, por cima da qual eſtava a caſa do Deſpacho, e outra em que ſe guardavaõ os ornamentos. Tambem tinha dous Carneiros, ou Jazigos, para depoſito dos defuntos, hum antigo nos degráos da Capella mór, outro à porta da Igreja. No Altar mór eſtavaõ as Imagens de S. Juliaõ, e de Santa Baſiliza, de cuja Irmandade he Juiz perpetuo o Marquez de Abrantes. Eſtavaõ mais outras duas Imagens de S. Pedro, e S. Paulo, que mandou fazer a Irmandade dos Clerigos, que aqui eſtabeleceraõ o Prior, e Beneficiados no anno de 1652.

175 Das Capellas, que eſtavaõ da parte do Evangelho, era a primeira a dos Alemães com o titulo de S. Bartholomeu, que tinha na Igreja a ſetima parte, por ſer no principio Ermida de Santa Barbara, cuja Imagem conſervavaõ no meſmo Altar, que era dos Bombardeiros, e por concederem eſtabelecerſe nella Freguezia, ficaraõ conſervando a dita ſetima parte com grandes privilegios. Tinha Sacriſtia por baixo da Capella, e ſua porta, que era a traveſſa da Igreja. Apreſentava cinco Capellães, o primeiro com obrigaçaõ de ſer Confeſſor, e lhe rendia cem mil reis, e a cada hum dos quatro cincoenta mil reis.

176 A ſegunda Capella era de S. Sebaſtiaõ, que eſta-

eſtava abaixo da porta traveſſa, e ainda entrava na dita ſetima parte, e com Irmandade, que era dos Sapateiros de vaca, de que ſempre o Juiz havia de ſer Alemaõ. A terceira Capella era do Senhor Jeſus Crucificado, Imagem veneravel, tinha Sacriſtia propria com Irmandade dos Mercadores, Sirgueiros, e Veſtimenteiros, e ſeu Capellaõ, a quem davaõ ſeſſenta mil reis.

177 Da parte da Epiſtola eſtava a Capella de Noſſa Senhora das Candeas, e por eſtar unida, e incorporada ao Cabido de S. Joaõ Lateranenſe em Roma, gozava dos ſeus privilegios. A ſua Irmandade era dos Alfayates de medida, com dous Capellães perpetuos de cincoenta mil reis. Seguia-ſe a Capella de Santa Catharina dos Alfayates da Calcetaria com ſeu Capellaõ: a de Santa Anna, dos Tanoeiros: a de Santo Eloy, dos Ourives do ouro, com ſeu Capellaõ de ſeſſenta mil reis, e pelas Miſſas de Natal lhe davaõ huma moeda de ouro: a de Santiago, que he dos Sombreireiros, com ſeu Capellaõ; e todas eſtas Capellas com privilegio Real, para que naõ poſſa nenhum dos officios, que lhes pertence, entrar na caſa dos Vinte quatro, ſem primeiro terem ſervido eſtas Irmandades. A das Almas apreſentava trinta e quatro Capellas, cujo rendimento, que era de cincoenta mil reis cada huma, ſahia todo das eſmolas, que ſe pedia com a bacia. A de Santo Antonio com ſeu Capellaõ de cincoenta mil reis.

178 Acontecendo em o primeiro de Novembro o tragico infortunio do terremoto, ſe arruinou a Igreja, e veyo toda ao chaõ, perecendo em ſuas ruinas algumas peſſoas, e entre ellas alguns Miniſtros Eccleſiaſticos da meſma Igreja, cauſando fim naõ menos laſtimoſo o incendio ſucceſſivo; porque reduzio a cinzas toda a opulencia deſte famoſo Templo, eſcapando unicamente do fogo, poſto que debaixo do entulho, a caſa do Deſpacho da Irmanda-

de-

de de Noſſa Senhora das Candeas, e a fabrica, e Capella da Confraria de Santo Antonio. Neſta urgencia, e deſamparo tomou o Paroco a providente reſoluçaõ de mandar erigir no terreiro do Paço huma barraca de madeira, onde permaneceo exercitando as funções Paroquiaes até 8 de Janeiro de 1758, em cujo dia ſe transferio para o antigo ſitio da Igreja, dentro de cujo ambito ſe edificou outra de frontal muito decente, que conſta de cinco Altares, para a qual concorreraõ, Prior, Beneficiados, e alguns devotos com ſuas eſmolas ampliſſimas.

179 Dentro dos limites deſta Freguezia ſe comprehende o ſeguinte

Convento.

Noſſa Senhora da Boa Hora. De Religioſos Agoſtinhos Deſcalços. Eſtá fundado no fundo da rua nova de Almada, e no ſitio chamado em outro tempo as Fangas da farinha. Houvera aqui antigamente hum pateo de comedias contiguo ao palacio dos Senhores de Barbacena, e correndo o anno de 1633, vindo refugiarſe a Lisboa os Religioſos Dominicos Irlandezes, perſeguidos dos hereges de Inglaterra, Luiz de Caſtro do Rio lhes fez mercê daquelle terreno para nelle fundarem religioſa habitaçaõ, onde eſtiveraõ até o anno de 1658, no qual ſe paſſaraõ para o ſitio do Corpo Santo, onde a Rainha D. Luiza de Guſmaõ lhes havia fundado Convento mais amplo. Devoluta a primeira habitaçaõ dos Dominicos Irlandezes, vieraõ occupalla os Congregados do Oratorio de S. Filippe Neri em 16 de Julho de 1668, e aqui permaneceraõ até o anno de 1674, em cujo anno, veſpera da Aſſumpçaõ da Senhora, com ſolemne prociſſaõ ſe mudaraõ para a Igreja do Eſpirito Santo chamado da Pedreira, que fica na meſma rua hum pouco mais acima. Até que finalmente os Religioſos Agoſtinhos Deſcalços vieraõ a

ſer

ſer os ultimos habitadores deſta Caſa, da qual tomaraõ poſſe no meſmo anno de 1674 por mercê da Rainha D. Luiza, e conſentimento do Viſconde de Barbacena Jorge Furtado de Mendoça, primeiro Padroeiro deſte Convento. (1) Com o terremoto, e incendio ficou totalmente deſtruido, e os ſeus Religioſos paſſaraõ para huma barraca de madeira, que a providencia do ſeu Vigario Geral fez erigir no ſitio de Belem. Preſentemente ſe achaõ alguns Religioſos occupando o antigo ſitio, e da portaria do carro fizeraõ Igreja onde rezaõ.

Ermida.

Noſſa Senhora da Oliveira. Eſtava no adro deſta Igreja Paroquial, e a mandaraõ fazer Pedro Eſteves, e ſua mulher Clara Giraldes naturaes de Guimarães. (2) Paſſou ao dominio dos Lavapeixes da ribeira, os quaes, como pobres, naõ podendo reedificar a Ermida, que ſe havia arruinado, renunciaraõ todo o dominio, e poſſe della no Prior, e Beneficiados de S. Juliaõ; e eſtes depois no anno de 1646 venderaõ o chaõ da Ermida aos Confeiteiros por ſetenta mil reis, para a reedificarem, como fizeraõ, e com o direito de poderem apreſentar Capellaõ, o qual preſidiria em todas as funçóes, que ſe fizeſſem na dita Ermida, ſem que a Igreja o encontraſſe em couſa alguma; para o que ſe obrigaraõ os Confeiteiros a darlhe como foro, ou cenſo cada anno ſeis mil reis; e das feſtas, que pertencem à Caſa, ſendo com Veſperas, mil e duzentos reis, e ſendo ſó Miſſa, ſeis toſtões, entrando o Capellaõ igualmente com o dito Prior, e Beneficiados em todas as offertas das feſtas, que pertencem à dita Ermida. A eſta

[1] *Santuar. Marian.* tom. 1. p. 226., e tom. 7 p. 131. [2] Corograf. Portug. tom. 1. p. 86. Santuar. Marian. tom. 1. p. 57. e tom. 7. p. 148.

deſtruio, e desfez o incendio totalmente, perecendo nella o ſeu Capellaõ mór.

180 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de mil e ſeiſcentos fógos, e de peſſoas de communhaõ ſete mil e dezaſeis. Preſentemente numera em varias partes da Cidade abarracadas mil ſetecentas, e dezanove peſſoas. As ruas, de que ſe compunha eſta Freguezia, poſto que ſe achaõ todas confuſas, e deſtruidas, e naõ para ſe ver, mas ſim para ſe chorar, eraõ as ſeguintes

Ruas.

Adro da Igreja, Arco dos Barretes, Arco dos Prégos, Baluarte, Bocanegra, Calçada de S. Franciſco, (1) Calcetaria, Canal de Flandes, Confeitaria, (2) Corrilho, Crucifixo, Eſteiras, Fangas da Farinha, Ferraria, Fórnos, Louceiras, Manilhas, Mercadores, Ourives, Painel do Anjo, Parreirinha do Eſpirito Santo, Parreirinha detraz da Igreja, Paſſadiço, Paſſarinhos, Porta traveſſa, Rua nova do Almada, Rua nova dos Ferros, (3) Salvagens, Tronco, Varandas do terreiro do Paço.

Be-

---

[1] Eſta Calçada ſe começou a reedificar por novo, e nobre deſenho em Março de 1754, fundando-ſe de pedraria lavrada, e elevando-ſe deſde a boca da Calcetaria nivelada com a eſquina da Capella mór da Patriarcal até o palacio, que foy do Conde da Ribeira aos Martyres. O grande terremoto arruinou, e deſtruio tudo antes de ſe concluir.

[2] Neſta rua exiſtia hum famoſo Nicho por modo de Oratorio, em que eſtava collocada a Imagem de Maria Santiſſima com o titulo da Oliveira, que floreceo em muitos milagres, mas o incendio conſumio tudo de fórma, que ſe lhe naõ diviſaõ os veſtigios da ſituaçaõ, conſervando-ſe todavia ainda a Imagem da Senhora em huma barraca no terreiro do Paço por pia actividade de alguns devotos.

[3] Por baixo da Ermida de Noſſa Senhora da Oliveira, eſtava hum chafariz com grande tanque, a que chamavaõ dos Cavallos, por cauſa de dous, que alli havia de bronze, como diz Duarte Nunes Chron. de ElRey D. Fernando, pag. 205. Eſta rua, que era taõ populoſa, ſe vê deſerta, e já confuſa, e extincta com o novo Plano da Cidade.

Becos.

Alemo, Gaſpar das náos, Jardim, Joaõ de Deos, Lages, Loureiro, Vidro.

Traveſſas.

Da rua das Eſteiras, da rua dos Ourives, do Tronco.

181 Com as Reaes obras deſde o anno de 1714 ſe havia ſupprimido muita parte deſta Freguezia, extinguindoſe-lhe as ruas do arco do Ouro, Tanoaria, Largo da Patriarcal, Trabuqueta, Calçada antiga de S. Franciſco, Beco das Cruzes, Torrinha, e outras; porém o fatal incendio de 1755 a fez reduzir à ultima decadencia, vendo-ſe deſtituida de Templo, de caſas, de ruas, e de freguezes.

Freguezias confinantes.

Conceiçaõ, Magdalena, Martyres, S. Nicolao.

XVIII.

Santa Juſta, e Rufina.

182 HUma das tres Freguezias primitivas, que formou, e inſtituio neſta Cidade o Biſpo D. Gilberto, logo que o inclyto D. Affonſo Henriques a conquiſtou aos Mouros, foy a de Santa Juſta; (1) e ſegundo conſta das noſſas Hiſtorias (2) correndo o anno de 1173, a primeira Igreja, para onde foy conduzido o ſagrado corpo do invicto Martyr S. Vicente, aſſim que chegou do Promontorio Sacro do Algarve a eſte porto, foy para eſta de Santa Juſta, (3) para cuja lembrança permane-

Qq ii cia

[1] Cunha nos Biſp. de Liſb part. 2. cap. 2 [2] Monarquia Luſit. liv. 11. cap. 23. Galv. Chron. de ElRey D. Affonſ. Henriq. cap. 44.

[3] He fama, que naquella occaſiaõ vieraõ deſembarcar com a ſagrada Reliquia a eſta Igreja, onde chegava o mar com braço navegavel; mas niſto parece naõ convir de boa vontade o noſſo Chroniſta Fr. Antonio Brandaõ no lugar acima allegado; onde diz, que no valle, que ficava entre o Caſtello, e a Igreja dos Martyres, houvera grandes eſcaramuças na tomada de Liſboa, o que naõ podia ſer, ſe o terreno eſtiveſſe cuberto de aguas.

cia na porta principal da Igreja hum Nicho de pedra da parte do Evungelho com a Imagem do Santo. (1)

183 Com deſconfiança ſe deve trazer à memoria neſte lugar a eſpecial noticia, que nos offerece Fr. Apollinario da Conceiçaõ na *Demonſtraçaõ Hiſtorica num.* 204., copiada de hum livro m. ſ. intitulado *Antiguidades de Lisboa*, compoſto por Antonio Coelho Gaſco, o qual affirma, que naquelle tempo o Deaõ da Sé chamado Roberto, com beneplacito dos mais Conegos deſannexaraõ de ſi huma Coneſia para a darem a D. Moniz, que entaõ era o Prior deſta Paroquia, em gratificaçaõ de lhes naõ querer embaraçar a transferencia do veneravel Corpo de S. Vicente para a Metropoli; e que eſtando os Priores de Santa Juſta na poſſe deſte decoroſo predicamento mais de cento e oitenta annos, ſe levantara o Cabido com a Coneſia, deſmembrando-a da promeſſa, e direito antigo dos Priores, conſtituindo-a Doutoral; porém com tanta infelicidade, que os Conegos nella providos dalli por diante morriaõ ſem duvida de algum deſaſtre, o que ſe obſervou em muitos caſos ſucceſſivos até o anno de 1609, interpretando taõ infeliz derrota a ſer caſtigo do Santo; como querendo ſe conſervaſſe neſta Paroquia a memoria do ſeu primeiro depoſito, com a diſtincta honra do ſeu Prior. Mas como eſta noticia he fundada no ſolitario teſtemunho de hum ſó Author, e com algumas circunſtancias, que debilitaõ o ſeu credito, por iſſo dizemos, que ſe deve ler com deſconfiança.

184 Tem o Paroco deſta Igreja predicamento de Prior, e naõ de Vigario, que em Juizo contencioſo

[1] *Tandem adplicuiſſe* (falla Reſende do corpo de S. Vicente) *Oliſiponi, juxta fanum Divarum Juſtæ, & Rufinæ, quo loci porta Urbis etiam nunc eſt Sancti Vincentii adpellata. Eo enim uſque mare tunc erat, quod paulatim poſtea propulſum amplianda Urbi locum reliquit.* Reſende in epiſt, ad Kebedum pag. 164.

cioſo obteve por ſentença no anno de 1752 o Prior Alexandre Ferreira Freire contra os Beneficiados. He Igreja de concurſo, e do Padroado Eccleſiaſtico, poſto que antigamente foy do Padroado Real, que ElRey D. Diniz transferio no anno de 1305 aos Religioſos de S. Vicente de Fóra. (1) Eſtima-ſe o ſeu rendimento em ſeiſcentos mil reis, e ha na Igreja oito Beneficios de duzentos mil reis cada hum; ſeis do quaes ſaõ do Padroado Eccleſiaſtico com alternativa com o Papa, dous do Padroado Real, por ſe lhe annexarem no anno de 1550 os frutos de huma Commenda, e ſe unirem para repartir pro rata entre os Beneficiados toda a maça da terça beneficial, ficando das duas, que reſtaõ, huma para a Coroa, e outra para a Mitra.

185 Das Irmandades aqui eſtabelecidas, he antiquiſſima, e exemplar a dos Clerigos chamados Ricos, naõ ſó pelos muitos bens eſpirituaes de que goza; mas pelos muitos fóros, e propriedades de que foy poſſuidora com o titulo da Santiſſima Trindade, à qual deu principio no anno de 1247 o Padre Pedro Domingues eſtabelecendo-a na Sé. Depois paſſou para a Paroquial de Santiago, e dahi para a da Magdalena donde veyo para Santa Juſta. Aſſim conſta do Prologo do ſeu Compromiſſo approvado pelo Arcebiſpo D. Miguel de Caſtro a 11 de Fevereiro de 1593. O Senhor Patriarca D. Thomaz de Almeida confirmou o Additamento de varios Capitulos em 14 de Setembro de 1731.

186 A Irmandade do Santiſſimo era muito rica, e copioſa. Della era Juiz perpetuo o Duque de Cadaval. Conſtava de outras Irmandades, como a das Almas, com quinze Capellães de cincoenta mil reis cada hum, de Santa Juſta, que he dos Oleiros, de S. Marçal dos Paſteleiros, de Santa Cicilia dos Muſicos, e outras Confrarias, que todas faziaõ ſuas feſtas com eſplendor.

187 Re-

(1) Monarquia Luſitan. liv. 18. cap. 21.

187 Reſiſtio fortemente eſte Templo aos violentos abalos do terremoto, de fórma que nelle ſe cantou Miſſa conventual, e houve Sermaõ no meſmo dia de todos os Santos, e aſſim permaneceo eſtavel até à noite; mas vendo o Prior no dia ſeguinte, que o incendio já implacavel acommetia por quatro partes atrevidamente a Igreja, deu ordem primeiro que tudo a pôr em ſalvo o Santiſſimo Sacramento, e pegando nos dous vaſos ſagrados, que eſtavaõ no Sacrario, hum da ſua Paroquia, e o outro da de S. Nicolao, que alli ſe havia recolhido já pela ruina do ſeu Templo, ſe encaminhou proceſſionalmente para a viſinha praça do Rocio.

188 Era eſpectaculo verdadeiramente laſtimoſo vêr o enleyo, a confuſaõ, e a ancia com que homens, e mulheres vinhaõ por fugir do fogo, e das ruinas buſcar atropeladamente o valhacouto daquella Praça; porém o que mais fazia mover a lagrimas, era verſe huma piedoſa comitiva de peſſoas devotas atraz do Sacramento, as quaes naõ ſe lembrando de ſalvarem as proprias alfayas das ſuas caſas, tomaraõ zeloſamente a ſeu cargo, livrarem ſobre ſeus hombros os ornamentos, e Imagens ſacras deſta Igreja, para que naõ experimentaſſem o deſacato ſacrilego de tamanho incendio.

189 Com prompta diligencia ſe erigio na dita Praça hum tabernaculo, ou barraca, aindaque humilde, decente, defronte da Igreja do Hoſpital, em que ſe collocaraõ as ſagradas pyxides, e daqui ſe deu o Viatico a innumeravel copia de Catholicos feridos perigoſamente nas ruinas, que deſde o terreiro do Paço, e Ribeira, e mais partes eraõ conduzidos por caridade àquelle theatro tragico do Rocio. Aproveitaraõ-ſe do meſmo tabernaculo para recolherem nelle o Santiſſimo da Igreja do Hoſpital Real, e do Hoſpicio, ou Enfermaria dos Religioſos Arrabidos alli exiſtente.

190 Dous mezes e meyo eſteve a Freguezia em bar-

barraca na ſobredita Praça, adminiſtrando-ſe nella os Sacramentos, e fazendo-ſe todas as funções Paroquiaes; porém creſcendo a innundaçaõ das agoas do inverno, ſe transferio o Sacramento para a Ermida de S. Camillo, ſita no palacio, que foy do Marquez de Caſcaes ao Borratem, onde eſteve até veſpera de Ramos do anno de 1757, em cujo dia ſe mudou para a ſua antiga Igreja, dentro da qual ſe fez huma accommodaçaõ, que cuſtou mais de cinco mil cruzados, onde exiſtio algum tempo, até que ſe mandou deitar a baixo por cauſa do novo Plano da Cidade.

191 No ambito deſta Paroquia ſe comprehendem os Templos ſeguintes.

Convento.

S. Domingos. De Religioſos da Ordem dos Prégadores. Foy primeiramente fundado por ElRey D. Sancho II., o qual em Outubro de 1241, lançou a primeira pedra nos aliceſſes. Depois no anno de 1249 lhe mandou fazer a Igreja ElRey D. Affonſo III, e o dormitorio ElRey D. Manoel. A mayor parte do Convento foy fabricado pela induſtria dos Priores delle, que ajudados de peſſoas particulares, e devotas, foraõ mudando, e melhorando conforme a neceſſidade dos tempos, e cabedal, com que ſe achavaõ. Aſſim vimos no anno de 1724, que por actividade do Provincial Fr. Antonio do Sacramento ſe reduzio ao moderno todo o corpo da Igreja antiga, emmendando-ſe a deſigualdade das Capellas, pois as que ficavaõ em a nave da parte do Evangelho, eraõ fundas, e eſcuras, e as da parte da Epiſtola eſtavaõ quaſi todas à face da parede, e com deſigualdade humas mais altas do que outras. Ultimamente no anno de 1748, ſe fabricou a Capella mór de excellente pedraria lavrada pelo deſenho, e riſco do inſigne Joaõ Federico Ludovici, e concluida-

da pelo celebre Belino de Padua, cuja obra cuſtou mais de cem mil cruzados, para a qual havia concorrido a generoſa piedade de ElRey D. Joaõ V., com a eſmola de vinte e dous mil cruzados, além de outros adjutorios preciſos, que mandou fazer promptos dos ſeus Armazens Reaes.

192 Todo eſte ſagrado edificio padeceo muito com o grande terremoto, pois ao primeiro impulſo delle cahio o oculo do frontiſpicio da Igreja, que matou baſtante numero de gente, que vinha fugindo para o adro. Cahio logo a tribuna da Capella da Senhora do Roſario, e a de S. Domingos, a torre do ſino, fazendo precipitar tudo que achou por diante; grandes porções das paredes dos dormitorios, e Capella do Noviciado, e da grande caſa da Livraria, e parte das paredes do dormitorio de cima, que olhava para o Rocio.

193 Neſte deploravel eſtado poz o terremoto ao Convento; mas pegando no meſmo dia o fogo de huma véla, que eſtava na tribuna da Capella da Senhora da Defenſaõ, em huma cortina, daqui ſe communicou o incendio à meſma tribuna, Igreja, e Convento, fazendo em cinzas tudo, que naõ eſtava debaixo de abobedas; eſcapando ſómente do fogo o Noviciado, e o dormitorio junto a elle; ſendo que eſte ficou taõ arruinado com o terremoto, que foy preciſo fazer novos arcos na horta, e novas paredes, aſſim da parte do Hoſpital, como da parte do Norte.

194 Conſumio o fogo na Igreja todas as ſagradas Imagens; ſendo entre ellas de perda ſenſivel a do Senhor Jeſus Crucificado, muito antiga, e de grande veneraçaõ, a da Senhora do Roſario, e a formoſiſſima das Virtudes; ſalvaraõ-ſe porém com grande trabalho os cofres, em que eſtava o Santiſſimo Sacramento na Capella mór, que ficou illeza, e na do Senhor dos Paſſos, e o Relicario, que com o Sacramento envolto em hum Corporal eſtava em

con-

continuo lauſperene no lado da ſobredita Imagem do Senhor Jeſus.

195 Com a meſma fatalidade ſe abrazaraõ no Coro junto à Capella mór os excellentes quadros, com que ſe ornavaõ as paredes, e eraõ todos do punho do noſſo inſigne Bento Coelho: todos os livros, que ſerviaõ neſſe dia no Coro, que eraõ de eſtampa em pergaminho com huma bem lavrada eſtante de páo ſanto, que tinha ſido da Baſilica de Santa Maria, ſendo ainda Cathedral. Queimaraõ-ſe outros originaes de admiraveis pinturas, hum precioſo ornamento de veludo bordado de ouro alto com as armas do Santo Officio, que ſervia para a feſta de S. Pedro Martyr, toda a armaçaõ da Igreja, que era de damaſco carmeſim com galões de ouro, huma eſtante grande de prata, que ſervia no Coro nas feſtas mais ſolemnes, e havia cuſtado dez mil cruzados, hum throno mageſtoſo de prata, que tinha quatro mil marcos lavrada, e aſſentada em xaraõ, para nelle ſe expor em Quinta feira Santa o Santiſſimo Sacramento em hum grande cofre de prata, que tinha dado o Eminentiſſimo Cardeal da Cunha, todos os paramentos ricos da Irmandade dos Paſſos, que ſerviaõ na ſua Prociſſaõ, todas as alampadas de prata da Igreja, que eraõ vinte, e entre eſtas duas da Capella do Senhor dos Paſſos, que tinhaõ cuſtado perto de dez mil cruzados: tambem devorou o fogo a Ermida de Noſſa Senhora da Eſcada com todas as ſuas veneraveis Imagens, a qual eſtava por cima da Igreja ſobre a nave da parte do Evangelho.

196 Entre as perdas, e prejuizos, que padeceo eſte Convento, foy muito penoſo para todos a da grande copia de livros, que o fogo conſumio, ſem deixar hum ſó nas ſuas duas famoſas Bibliothecas. Exiſtiaõ eſtas no fim do dormitorio de cima, e conſtava a mayor de huma formoſa caſa com ſeis janellas para o Naſcente, e Poente, e tinha cento e dous palmos e meyo de comprido, quarenta e ſete e meyo

de largo, e vinte e oito de altura. Para vencer, e occupar eſta, corria por cima das primeiras eſtantes huma varanda, para onde ſe ſubia por huma eſcada occulta metida por entre a parede. Nas eſtantes debaixo, que eraõ quarenta e tres, ſe continhaõ tres mil oitocentos e quarenta e cinco volumes; e nas de cima, que tinha quarenta e ſeis eſtantes, ſe numeravaõ cinco mil novecentos e quarenta e tres livros. Eraõ todos encadernados em paſta dourada, e de todas as faculdades diſtribuidos methodicamente, franqueando-ſe a ſua liçaõ a todas as peſſoas de fóra em qualquer hora do dia; para o que além do Bibliothecario mór, havia hum Leigo deſtinado a facultar eſte miniſterio, com ſua tença eſtabelecida pelo memoravel zelo do Religioſiſſimo Padre Frey Manoel Guilherme.

197 Na outra caſa da livraria chamada pequena contigua a eſta, ſe guardavaõ livros muito raros, e particulares manuſcritos, e entre eſtes os originaes dos Commentarios ſobre a ſagrada Eſcritura do Padre Fr. Franciſco Foreiro, e do Padre Fr. Franciſco de Bovadilha: o original da Chronica do Padre Fr. Luiz de Cacegas, que eſcreveo a Hiſtoria da Provincia de Portugal: o original do Tratado do Purgatorio do Padre Fr. Manoel Homem: as Poſtillas do Doutor infeliz Antonio Homem: hum tomo de Sermões da propria letra do Veneravel Fr. Joaõ de Vaſconcellos: os manuſcritos do Beneficiado Franciſco Leitaõ Ferreira, Cura que foy da Igreja do Loreto, e eraõ cento e quatro volumes entre grandes, e pequenos cheyos de muitas noticias adquiridas pelo ſeu incanſavel eſtudo; e outros muitos mais, que faziaõ o computo de cinco mil e quinhentos volumes, os quaes unidos com os da caſa grande formavaõ o numero de quinze mil cento e oitenta e oito corpos de livros.

198 Seguio a meſma infelicidade a famoſa Botica deſte Convento, ardendo com toda a ſua fabrica.

A Sacriſtia porém, ſuppoſto padecer ſua ruina com o terremoto, que lhe rachou em varias partes a abobeda, com tudo o fogo lhe naõ entrou dentro, ſem embargo de lhe queimar a porta; porque intrepidamente a defendeo da voracidade das chammas o Irmaõ converſo Fr. Diogo do Roſario, que no eſtado ainda de ſecular ſervia neſte tempo na Sacriſtia, ſalvando ſe por ſua intrepida actividade toda a prata, e ricos ornamentos, que eſtavaõ nella guardados: expondo-ſe elle a perder a vida entre as lavaredas, naõ ſó para ſalvar a Sacriſtia, mas para recolher o frontal rico bordado de ouro, que eſtava no Altar mór, em que já o fogo tinha pegado, e toda a prata da banqueta do meſmo Altar; executando tudo com zelo grande, ſem ter quem o ajudaſſe, porque todos ſe haviaõ retirado do Convento amedrontados.

199 Neſte eſtrago falleceraõ o Padre Preſentado Fr. Manoel dos Santos excellente Prégador, que eſtava para prégar naquelle dia, o Padre Fr. Joſeph de Caſtellobranco, filho dos Condes de Pombeiro, e o Padre Fr. Antonio Joſeph Ceſar organiſta, hum official da botica, e dous criados do Convento, ficando muitos outros Religioſos mal tratados, e feridos. Parte delles ſe foraõ logo refugiar para o Convento de Santa Joanna, outros para o de S. Domingos de Bemfica, e outros para o de Santarem. O Prior, que entaõ era Fr. Joaõ Franco, ficou com alguns Religioſos no Rocio guardando o cartorio, e ſepultando mortos no adro.

200 Quando o fogo deu lugar, ſe recolheraõ eſtes poucos para o Convento, e paſſados dous mezes começaraõ a tirar o entulho, demolir as paredes arruinadas, e no dormitorio, que cahe para o Rocio, fizeraõ algumas accommodações: e quando chegou o Triduo das quarenta Horas, em hum lanço do clauſtro fizeraõ Igreja, expozeraõ o Santiſſimo, e tiveraõ Sermões; da meſma ſorte celebraraõ

os Officios da Semana Santa, e pela Paſcoa do Eſpirito Santo, ſervindo já de Igreja a caſa do Capitulo, nelle ſe fez a feſta das Juſtiças com aſſiſtencia do Regedor.

201 Demolindo as paredes do dormitorio de cima, reformaraõ os dormitorios de baixo, e o que cahe para a parte do Hoſpital o eſtenderaõ pelo dormitorio, que era do Noviciado. Fizeraõ da parte da adega caſa de Botica com porta para o clauſtro. Fizeraõ huma caſa de livraria, que já tem guarnecida com baſtantes livros facultativos, e de Hiſtoria. Serve-lhe de Igreja a caſa do Capitulo, e hum lanço do clauſtro: a caſa de Profundis de Refeitorio, o antecoro de Aula de Theologia, e a caſa da portaria de Aula para os Collegiaes Clerigos do Collegio de Noſſa Senhora da Eſcada; e finalmente ſe achaõ com accommodações para noventa Religioſos.

Hoſpicios.

Santo Antonio. De Religioſos Capuchos da Provincia da Piedade, exiſtente no Palacio do Duque do Cadaval, para a parte do Rocio, em que principiaraõ a reſidir deſde o anno de 1640. Arruinou-ſe com o terremoto.

S. Camillo de Lelis. De Clerigos Regulares Miniſtros de enfermos, erecto no anno de 1754 na Ermida de S. Mattheus, que ficou perdendo eſte titulo com a introducçaõ dos ditos Religioſos, aos quaes ſe uniraõ por Decreto Pontificio, e Regio os Congregados da Tomina, para aſſiſtirem a agonizar os moribundos do Hoſpital Real, occupando para eſte effeito parte do palacio, que foy do Marquez de Caſcaes, cujas caſas mandou comprar o Fideliſſimo Rey D. Joſeph I., para ſe incorporarem à enfermaria, que eſcapou do incendio ſuccedido em 10 de Agoſto de 1750, que abrazou o dito Hoſpital. Eſta Ermida de S. Mattheus foy titular do Morgado,

do, e grande caſa de Monſanto. D. Luiz de Caſtro, Senhor della, alcançou do Papa Paulo III. huma Bulla paſſada em Roma a 29 de Abril de 1541, pela qual lhe concedeo faculdade para comprar a Chriſtovaõ de Magalhães Eſcrivaõ da Camera de Lisboa, hum eſpaçoſo predio, ſituado nas viſinhanças do Poço do Borratem, foreiro em vidas à Paroquial de S. Nicolao, e unillo ao Morgado de ſua caſa, e fazer no dito predio accommodaçaõ para tres Capellães, e vinte Mercieiros, que ſe occupavaõ na Ermida ſobredita de S. Mattheus. Hoje tudo vemos extincto. O terremoto arruinou alguma couſa a Ermida; porém eſtá reparado, e melhorado todo o damno.

N. Senhora da Conceiçaõ. De Religioſos Arrabidos junto ao Hoſpital Real, fundado no anno de 1542.

Ermidas.

Noſſa Senhora do Amparo. Exiſtia debaixo dos Arcos do Rocio, onde havia huma enfermaria para peſſoas incuraveis, que a Irmandade da Miſericordia adminiſtrava. Conſumio tudo o incendio. Depois por aviſo do Conde de Oeiras de 19 de Junho de 1759 ſe cortou, e abrio por eſte meyo huma rua de quarenta palmos de largo até a rua dos Canos ſeparando o Convento de S. Domingos do Hoſpital Real.

Noſſa Senhora da Eſcada. Era Igreja antiga, e que conſervava ſua memoria deſde o Biſpo D. Gilberto. Eſtava contigua ao adro do Convento de S. Domingos, e com tribuna Regia para a ſua Igreja. Tambem o terremoto, e incendio a arruinou, e conſumio.

Noſſa Senhora da Graça. Na chamada Hortinha do Hoſpital. Padeceo a meſma deſgraça.

Hoſ-

Hoſpital Real.

202 Eſte Hoſpital intitulado de todos os Santos, foy fundado por ElRey D. Joaõ II., que lançou a primeira pedra no edificio a 15 de Mayo de 1492. ElRey D. Manoel o acabou, e alcançou Breve de Alexandre VI. no anno de 1501, que começa: *Ferentes in deſideriis cordis noſtri, ut hoſpitalia, &c.*, para incorporar nelle todos os mais Hoſpitaes, que ſe achavaõ diſperſos por differentes partes do Reino, mandando fabricar juntamente todas as caſas, que faziaõ face para a praça do Rocio deſde a rua da Biteſga, até o Convento de S. Domingos. O grandioſo edificio da Igreja padeceo hum fatal incendio em 27 de Outubro de 1601, e em 10 de Agoſto de 1750 lhe ſuccedeo outro, que o reduzio totalmente a cinzas; ficando unicamente da Igreja a admiravel fachada do ſeu portico, taboleiro, e eſcadas, e das enfermarias a de S. Camillo. (1)

203 Fez-ſe mais ſenſivel eſta deſgraça, porque havia bem pouco tempo, que ſe tinha concluido inteiramente a reedificaçaõ do dito Hoſpital em Templo, enfermarias, e caſas do Rocio com grande diſpendio, para o qual concorrera naõ ſó a incomparavel piedade de ElRey D. Joaõ V., mas a grande ſomma de dinheiro, que ſe lhe applicou da teſtamentaria de hum Franciſco Pinheiro, por Bulla de Benedicto XIV., e aſſim ſe reduzio todo o Hoſpital à enfermaria de S. Camillo, que para mayor commodo dos doentes ſe alargou para o palacio do Marquez de Caſcaes.

204 Succedendo porém o eſpantoſo incendio no dia

---

[1] Trataõ do Hoſpital Real Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira no ſeu Summario pag. 60. da impreſſaõ moderna. Fr. Nicol. de Oliv. nas Grandez. de Lisboa fol. 118. D. Franciſco de Herrera na Vida do Ven. Obregon, pag 148. Coſta na Corograf. Port. tom. 3. pag. 395. Ann. Hiſtor. tom. 2. pag 86. Oliveira Freire Deſcripç. Corograf. de Portug. pag. 78.]

dia de todos os Santos, depois do memoravel terremoto, experimentou eſte Hoſpital a extrema deſtruiçaõ. Os enfermos, que eſcaparaõ, foraõ trazidos para baixo das cabanas do Rocio, onde eſtiveraõ quaſi tres ſemanas miſeravelmente expoſtos ao rigor do tempo. Depois ſe paſſaraõ para humas cocheiras do Conde de Caſtello melhor, fronteiras ao palacio do Conde de Povolide. Hoje achaõ-ſe reſtituidos ao meſmo Hoſpital, por ſe terem nelle feito muitas enfermarias, por ordem, e deſpeza Real.

205 No territorio deſta Freguezia exiſte o Tribunal do Santo Officio nos Paços chamados dos *Eſtàos*, que mandou fazer o Infante D. Pedro, filho de ElRey D. Joaõ I., quando governava eſte Reino, deſtinando-o para ſe apozentarem nelle os Embaixadores. (1) Sobre a palavra *Eſtàos* ha varias interpretações. O Padre Fonſeca (2) diz, que ſe chamou eſte palacio dos Eſtàos, por ſerem os ſeus aliceſes fundados ſobre eſtacas de pinho, a reſpeito de ſer o ſolo de arêa todo inundado de agua. O P. D. Rafael Bluteau (3) diz, que ſe deriva da palavra *ſtallum*, que na baixa latinidade queria dizer: *locus ubi quis ſtat*; ou do Francez *Eſtau*, que vale o meſmo, que corte de açougue, e poderia ſer que no Rocio houveſſe antigamente açougue no lugar, onde ſe fizeraõ os taes paços. Joſeph Soares da Silva (4) diz, que Eſtàos ſe deriva da palavra Franceza *Eſtau*, que ſignifica huma tenda pequena portatil, ou fixa, em que ſe moſtraõ os generos, que ſe vendem; porque no pateo deſte Palacio ſe vendiaõ como na Capella, varias mercadorias.

206 Nenhum deſtes Authores alcançou a genuina intelligencia da palavra *Eſtàos*, a qual parece, que ſó ſe entende pelo que ſe lê na Chronica de El-

Rey

[1] Brand. Monarq. Luſit. liv. 10. cap. 26. Nun. Chron. de ElRey D. Joaõ I. cap. 101. [2] Fonſec. Evora Glorioſ. n. 92. [3] Blut. no Supplem. verb. Eſtàos. [4] Silva Vida de ElRey D. Joaõ I. liv. 1, cap. 72. pag. 367.

Rey D. Affonſo V. cap. 8., compoſta por Duarte Nunes, onde diz: „ No tempo das Cortes entre
„ outras liberdades, que o Infante em nome de El-
„ Rey concedeo ao povo de Lisboa, foy que na-
„ quella Cidade naõ houveſſe apoſentadorias, e que
„ ſe fizeſſem os *Eſtàos* no Rocio, em que ElRey
„ podeſſe alojar a ſua Corte. . . Pelo qual benefi-
„ cio quizeraõ os Cidadãos ordenar huma eſtatua de
„ marmore ao Infante ſobre os meſmos Eſtàos, que
„ elle mandou edificar; e perguntando ao Infante,
„ com que fórma, e poſtura queria, que ſe fabri-
„ caſſe, elle com roſto triſtonho lho defendeo, &c.
Confirma-ſe iſto com hum Alvará paſſado em Almeirim a 13 de Outubro de 1449, que ſe achava no Cartorio da Sereniſſima Caſa de Bragança no maço 94. n. 1., que nos communicou o Excellentiſſimo Manoel da Maya, e dizia: „ Nós ElRey faze-
„ mos ſaber a bos Vereadores, Procurador, e ho-
„ mens bons da noſſa mui nobre, e mui leal Cida-
„ de de Lisboa, que nas Cortes, que em eſſa Ci-
„ dade fizemos, foi acordado ſegundo ſabees, que
„ nos bairros dos Senhores àcerca dos paaços que
„ em eſſa Cidade tiveſſem, foſſem feitos *Eſtàos*,
„ em que os ſeus podeſſem pouſar por ſeus dinhei-
„ ros, e por quanto o Conde de Ourem mei primo
„ hi tem ſeus paaços como ſabees, porem vos man-
„ damos, que logo mandees fazer os ditos Eſtàos
„ no dito ſeu bairro o mais acerca dos ſeus paaços,
„ que bem poderdes em tal guiſa, que os ſeus abaſ-
„ tadamente em elles poſſaõ pouzar, &c. Ficou
eſte palacio totalmente arruinado, e deſtruido com o terremoto, e o Tribunal mandou fazer no meyo do Rocio huma accommodaçaõ interina de madeira em quanto ſe reedificava o antigo, que já ſe acha expedito pelo que toca ſómente ao Tribunal.

207 Conſtava eſta Paroquia antes do terremoto de mil novecentos e quarenta fogos, e de oito mil peſſoas de communhaõ: preſentemente numera duas

mil

mil novecentas e ſetenta e ſeis peſſoas, diſtribuidas pelas ſeguintes ruas; das quaes conſumio totalmente o fogo as que vaõ aqui aſſinaladas com aſteriſcos.

Ruas.

Adro, Albardeiros, Alemos, Arcas *, Arco de Joaõ Correa, Arcos do Rocio, (1) Balthazar de Faria, Barroca, Biteſga *, Borratem, Calçada de Santa Anna, Carreiros, Corredor *, Creſpa *, Cutellaria *, Noſſa Senhora da Eſcada, Fontainhas, Hoſpital Real, e de S. Lazaro, (2) Inquiſiçaõ, Lagar do Cebo *, Magalhães, Mendanha *, Meſtre Gonçalo *, Mouraria, Nuno Alvares, Pocinho d'entre as hortas *, S. Pedro Martyr, Porta nova, Praça da palha *, Valverde *, Vinagres.

Becos.

Alemo, Bonete, Calçada de S. Chriſtovaõ, D. Carlos, Comedia *, Craſta *, Criſtaleiras *, Farinhas,

[1] Por baixo deſtes arcos, que eraõ vinte e cinco de pedraria com ſua abobeda, cujo ſolo parte pertencia ao Senado, parte aos Religioſos Dominicos, e que occupavaõ o comprimento do Rocio deſde a Biteſga até o adro de S. Domingos, exiſtiaõ quaſi duzentas logeas portateis por huma, e outra parte, onde ſe vendia panno de linho, chitas, colchas, meyas, fitas, rendas, e outros muitos generos de ſemelhante mercadoria, as quaes tendas recolhiaõ todas as noites para armazens certos homens de ganhar chamados mariolas, a quem pagava cada tendeiro por mez ſete toſtões, huns por outros, e vinha a importar na roda do anno quatrocentos e vinte mil reis. Hoje fizeraõ logeas em que ſe vendem varios generos. Eſtava a grande, e eſpaçoſa praça do Rocio, que tem mais de quatrocentos paſſos de comprido, e duzentos de largo, cercada de nobres edificios, e do famoſo Templo do Hoſpital Real com o ornato de hum viſtoſo chafariz: e pouco antes do fatal terremoto ſe tinha feito nella o primeiro combate de touros (ainda que mal preſagiado pelo povo) a 22 de Julho de 1755, havendo já ſuccedido na meſma praça, e no anno de 1647 outro ſemelhante feſtejo, como ſe prova da Relaçaõ, que imprimio Antonio Barboſa Bacelar. Hoje porém ſe vê reduzida a hum proſpecto muito differente. [2] Eſta rua, onde exiſte huma Ermida com hum Hoſpital, naõ eſtá nos limites deſta Paroquia, mas ſim no territorio da Freguezia de Noſſa Senhora do Soccorro; porém ficou pertencendo à de Santa Juſta pela renda, que o Senado lhe paga,

nhas, Ferro, Forno, Frades*, (1) Ligeiro, Mezes, Pato, Povoas, Regedor, Reſende*, Tarouca.

Freguezias confinantes.

S. Chriſtovaõ, S. Joſeph, S. Lourenço, S. Nicolao, Senhora da Pena, Senhora do Soccorro.

XIX.

Noſſa Senhora do Loreto.

208 NAõ tem eſta Freguezia determinado territorio, pois ſendo eſtabelecida para os individuos da naçaõ Italiana diſperſos, e reſidentes por toda Lisboa, tranſcende o ſeu exercicio Paroquial por hum limite interminavel. Foy erecta a primeira Igreja em huma Ermida da invocaçaõ de Santo Antonio, que os Confrades Italianos ampliaraõ por conceſſaõ do Papa Leaõ X., e de ElRey D. Manoel pelos annos de 1517, annexando-ſe depois ao Cabido Lateranenſe por breve, que o dito Cabido lhe paſſou em 20 de Abril de 1518, confirmado pelo meſmo Pontifice Leaõ X., e por Clemente VII. em 1523, e ultimamente por Benedicto XIII. em 6 de Abril de 1726.

209 A primeira vez que ſe abrio eſta Igreja na ſua primeira edificaçaõ, foy em 8 de Janeiro de 1522, reinando já ElRey D. Joaõ III., que lhe concedeo o uſo da muralha antiga da Cidade junto à qual eſtá edificada fóra das portas, que ſe chamaõ de Santa Catharina. E no anno de 1573 recorreraõ os Italianos a ElRey D. Sebaſtiaõ, repreſentando-lhe, que para a dita Igreja ficar perfeita, conforme a planta, era neceſſario derribarſe huma torre, que ſervia de

[1] Neſte beco exiſtia hum Hoſpicio dos Religioſos de Belem, o qual devia ſer antigo, pois Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira no ſeu Summario, que imprimio no anno de 1551, faz memoria delle. O fogo totalmente o converteo em montes de pedras.

de fortaleza da Cidade, a cujo requerimento deferio ElRey como pediaõ debaixo de certas condiçoes, a que os Italianos ſe obrigaraõ por eſcritura de 24 de Abril de 1577.

210 Vendo-ſe os Confrades Italianos com a Igreja feita, e annexa ao Cabido Lateranenſe, determinaraõ inſtituilla Paroquia nacional iſenta. Queixouſe o Cabido Metropolitano de Lisboa ao Papa Paulo III., o qual commetendo a cauſa ao Tribunal da Rota, ſentenciou eſte, que os taes Confrades naõ podiaõ inſtituir Paroquia no deſtricto da Freguezia de Noſſa Senhora dos Martyres ſem conſentimento do Cabido de Lisboa, e que os privilegios Lateranenſes naõ lhe podiaõ valer, ſenaõ em quanto a graças eſpirituaes. Paſſados porém cinco annos, movido a piedade o Cabido da Cathedral Lisbonenſe, permittio, que na dita Igreja de Noſſa Senhora do Loreto ſe erigiſſe huma Paroquia, renunciando os Italianos todos os privilegios preſentes, e futuros, que foſſem contra a juriſdiçaõ Ordinaria, de cujo contrato ſe fez hum inſtrumento publico em 2 de Janeiro de 1551.

211 Succedeo queimarſe eſta Igreja Quarta feira da ſemana de Lazaro em 29 de Março de 1651 com a perda de mais de quatrocentos mil cruzados, podendo-ſe apenas ſalvar o cofre do Santiſſimo Sacramento, que ſe transferio para a Ermida de Noſſa Senhora do Alecrim, e a 17 de Abril do dito anno em dia de Noſſa Senhora dos Prazeres ſe começou a deſentulhar a Igreja para a nova reedificaçaõ, cuja obra durou vinte e cinco annos, ficando hum Templo acabado com todo o aſſeyo, e mageſtade em fabrica, adorno, e pinturas.

212 Com eſte motivo alcançaraõ os ditos Italianos em Agoſto de 1664 hum monitorio do Cardeal Colona Arcipreſte da ſacroſanta Baſilica Lateranenſe, e Juiz ordinario privativo das ſuas cauſas, em que annularaõ a mencionada tranſacçaõ, ou com-

poſiçaõ entre o Cabido Metropolitano de Lisboa, e elles Italianos, por ſer feita ſem conſentimento do Cabido Lateranenſe, ſobre cuja cauſa tinhaõ os Italianos obtido já huma ſentença na Legacia em 23 de Novembro de 1662, em que ſe julgou extincto o ſobredicto contrato com o incendio, e ruina da meſma Igreja, naõ paſſando à novamente reedificada a ſujeiçaõ, e obrigaçaõ, que tinha a primeira ao Cabido de Lisboa, por força do contrato.

213 Mas naõ obſtante iſto, conſta que depois da ſua reedificaçaõ fora eſta Igreja viſitada pelo Cardeal Arcebiſpo D. Luiz de Souſa em 25 de Agoſto de 1677, e ultimamente em 29 de Outubro de 1725 pelo Doutor Manoel Lopes Simões, Miniſtro entaõ da Curia Patriarcal, e depois Biſpo de Portalegre, conforme a ordem do Eminentiſſimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida.

214 He adminiſtrada eſta Igreja por hum Provedor, Eſcrivaõ, Theſoureiro, e mais votantes Italianos, que ſe elegem annualmente na primeira Dominga de Setembro. Apreſenta a Meſa hum Cura, que lhes adminiſtra os Sacramentos em qualquer Paroquia, em que habitem; e quando morrem, os vay buſcar para a ſepultura com Eſtola, Cruz, e tumba propria da Naçaõ, ao qual daõ ſufficiente ordenado com caſas junto da Igreja, para morar elle, e o Theſoureiro.

215 Ha nalla dezaſeis Capellães com obrigaçaõ de Coro, e Miſſa quotidiana, dos quaes oito foraõ inſtituidos por Franciſco André Carrega, negociante Genovez, que falleceo em 6 de Junho de 1676, e eſtabeleceo renda para ſubſiſtencia de quatro eſtudantes ſervirem na Sacriſtia: outros quatro Capellães inſtituio Nicolao Micon, tambem contratador Genovez, que falleceo em 22 de Abril de 1675. Foraõ eſtes dous Italianos os principaes motores da reedificaçaõ da Igreja, cujos retratos originaes ſe conſervavaõ nas paredes da Sacriſtia, na qual os

cor-

corpos dos ſobreditos eſtaõ ſepultados.

216 Ceſar Gherſi, que falleceo em 28 de Março de 1697, e ſeu irmaõ Joaõ Thomaz Gherſi, fallecido em o primeiro de Janeiro de 1700, ambos teſtamenteiros dos mencionados reedificadores, inſtituiraõ mais tres Capellães; e Mathias Thomaz Gherſi, que morreo em 7 de Março de 1705 inſtituio outro, que fazem os dezaſeis Capellães do Coro, os quaes por terem diverſidade nos ordenados, determinou a Meſa no anno de 1720, ſendo entaõ Provedor Thomaz Caetano Medici, e Theſoureiro Pedro Franco Olivieri, que cada Capellaõ do Coro tiveſſe de ordenado cem mil reis, e que a hum delles ſe lhe déſſe cento e vinte mil reis, com obrigaçaõ de enſinar Grammatica aos eſtudantes da Sacriſtia, que tambem augmentaraõ ao numero de ſete com ordenado mais avantajado.

217 Tem eſta Igreja mais oito Capellães de Miſſa quotidiana, e de varios inſtituidores; huma de oitenta mil reis, que inſtituio o Deſembargador Paulo Joſeph de Andrade; outra de ſeſſenta e quatro mil reis, inſtituida por Joaõ André Cambiaſo, negociante Genovez. As outras foraõ inſtituidas, tres por Antonio da Silva, que falleceo em 20 de Dezembro de 1679 com cincoenta mil reis a cada Capellaõ, e com varias eſmolas para pobres, e viuvas honeſtas; duas que inſtituio o Doutor Clemente Felix de cincoenta mil reis cada huma, e outra de Miſſa quotidiana por vivos, e defuntos. Paga mais a Meſa cem mil reis a hum Organiſta, e a hum Meſtre de Capella, e Muſicos para Domingos, e dias Santos differentes ordenados. Reſplandece tambem aqui huma Irmandade de Clerigos com grande aſſeyo, e grandeza em todas as ſuas funções.

218 Com o violento accidente do terremoto proximo paſſado, naõ foy eſta Igreja a que experimentou ruina conſideravel, ſem embargo de ſerem grandes os abalos, a que reſiſtio. Cairaõ ſómente al-

gu-

gumas pyramides, e pedras da ſua famoſa torre, e frontiſpicio ſem prejuizo de peſſoa alguma. Eſta grande fortaleza animou gente innumeravel a buſcarem o refugio deſte ſagrado aſylo, onde paſſaraõ o dia, e toda a noite do Sabbado primeiro de Novembro, até o Domingo ſeguinte em clamores a Deos.

219 No meyo de tanta conſternaçaõ, e ſuſtos, aſſiſtiraõ ſempre com eſtremada conſtancia, e valor o Paroco deſta Igreja Joaõ da Coſta Machado, e o ſeu Theſoureiro o Beneficiado Clemente da Fonſeca, os quaes depois de fazerem o officio, e obrigaçaõ de bons Miniſtros Eccleſiaſticos, confeſſando, e dando a Communhaõ a hum grande numero de peſſoas, vendo que no Domingo de tarde ſe vinha aproximando o fogo, tiveraõ o vigilante acordo de pôr em ſalvo os livros da Paroquia, e os vaſos ſagrados do Diviniſſimo Sacramento, que eſtavaõ nos Sacrarios deſta Igreja, dous que lhe pertenciaõ, dous do Convento de Noſſa Senhora da Boa-hora, hum da Freguezia do Santiſſimo Sacramento, e outro da Paroquial da Encarnaçaõ, que todos ſe tinhaõ acolhido à ſombra deſte Templo, pegando o Padre Cura em quatro, e o Padre Theſoureiro em dous, com ſobrepelizes, e Eſtolas ſahiraõ no Domingo quaſi noite, e os foraõ collocar na Igreja da Freguezia de Santa Iſabel, que fica mais de dous mil paſſos diſtante, obrando em tudo quanto correſpondia ao deſempenho do ſeu caracter, e fazendo deſte modo memoravel o ſeu eſpirito, vigilancia, e zelo.

220 Porém a felicidade, que concedeo a eſte Templo o impulſo do terremoto, lhe naõ outorgou o triſte infortunio do incendio; porque communicando-ſe na ſegunda feira 3 de Novembro pelos telhados do palacio, que foy do Secretario de Guerra Joaõ Pereira da Cunha Ferraz, e hoje era da meſma Igreja, e a ella contiguo, naõ ſó a abrazou,

mas

mas conſumio toda a prata, que nella havia, todas as alampadas, e eſpecialmente a grande, que eſtava no cruzeiro, que pezava onze arrobas, os muitos, e ricos ornamentos, os ſingulares quadros de bellas pinturas, que ornavaõ as Capellas, fazendo o meſmo incendio eſtalar com a força das ſuas chammas as primoroſas eſtatuas dos ſagrados Apoſtolos, os jaſpes, e a pedraria das famoſas columnas dos Altares, e de toda a Igreja.

221 Vio-ſe todavia, que a violencia do fogo reſpeitara o ſagrado vulto da Senhora do Loreto, imagem de cedro, feita em Italia, a qual eſtando no Altar mór, cahio para detrás delle, e alli ſe preſervou intacta, participando da meſma fortuna os veneraveis oſſos do Martyr S. Juſtino, com outras Reliquias, que ſe guardavaõ em huma caixa de madeira dourada no concavo do meſmo Altar. Tambem a ambula dos Santos oleos eſcapou das chammas, queimando-ſe o armario, onde eſtava junto à pia bautiſmal.

222 O que fez mayor admiraçaõ foy, communicarſe o incendio à grande caſa do deſpacho da Irmandade dos Italianos, e devorar alli muita prata, e hum riquiſſimo ornamento inteiro de lhama branca recamado de ouro, e matizes, que poucos annos antes ſe havia mandado fabricar a Genova: conſumir, e abrazar huma grande porta de angelim da caſa do Cartorio, e theſouro da meſma Igreja, e naõ entrar na caſa nem huma pequena faulha, ſalvandoſe prodigioſamente tudo quanto eſtava dentro della; porém calculando-ſe pelo groſſo a perda, que o incendio cauſou a eſta Igreja, ſe reputa em mais de quinhentos mil cruzados.

223 Como a Sacriſtia, e hum grande corredor chamado Via-Sacra ficaraõ ſem damno algum, determinaraõ os Italianos ſe fizeſſe nella a Igreja, e aſſim no vaõ do Altar, que havia na meſma Sacriſtia, ſe abrio huma porta para a rua larga de S. Roque,

e na parede fronteira ſe fez o Altar mór, onde ſe collocou o Sacrario, e a Imagem da Senhora, e no concavo os oſſos de S. Juſtino Martyr, no Altar collateral da parte do Evangelho ſe collocou a Imagem do Santo Chriſto milagroſo, que ſe venerava em hum dos pulpitos, e o tinha livrado do incendio o Padre Pedro Franciſco Caneva, Capellaõ da meſma Igreja, levando-o para ſua caſa; no Altar da parte da Epiſtola ſe collocou a Imagem de Santo Antonio, que tambem livrou hum devoto, levando-a para a Ermida da quinta do Deſembargador Joſeph Simões Barboſa, no ſitio de Palma. A' entrada da Igreja da parte eſquerda no vaõ de huma porta ſe poz a pia de bautizar, e ſe fizeraõ grades de madeira pintada à roda dos Altares. O corredor, ou via-ſacra, que fica detrás do Altar mór, ſe dividio, e na parte, que correſponde immediata ao meſmo Altar ſe formou Coro, onde rezaõ os Padres Capellães.

224 Principiaraõ a celebrarſe os Officios Divinos neſta Igreja nova no dia 5 de Junho de 1756, e ſe continûa a rezar no Coro de manhã, e de tarde pelos Capellães, que ſendo antes dezaſeis, ſaõ agora quatorze, porque ſe ſuſpenderaõ duas Capellanias, por falta dos rendimentos hipothecados em propriedades, que ſe queimaraõ, e havendo tambem na dita Igreja, como diſſemos, oito Capellanias de Miſſa quotidiana ſem obrigaçaõ de Coro, pela meſma cauſa ſe ſuſpenderaõ tres, huma de cem mil reis, e as duas de cincoenta e tres cada huma. Neſte eſtado ſe acha eſta Igreja, em cuja reedificaçaõ ſe cuida com diligencia.

XX.

XX.

S. Lourenço.

225 A Memoria mais authentica da antiguidade deſta Paroquia, he hum Padraõ de pedra com letras antigas, que ſe acha neſta Igreja, do qual conſta, que o Biſpo de Lisboa D. Mattheus na era de 1309, que correſponde aos annos de Chriſto 1271, erguera com ſuas mãos na dita Igreja hum Altar à honra da Virgem Santa Victoria a rogos de Vicente Martins Vigario de ElRey, e Alvaro de Lisboa, que o edificaraõ. O certo he que deſde o ſeu principio atè agora foy eſta Igreja ſem contradiçaõ alguma do Padroado dos Viſcondes de Villa Nova da Cerveira, como adminiſtradores do morgado dos Nogueiras, e Capella de Santa Anna aqui inſtituida, como ſe póde ver em D. Rodrigo da Cunha. (1)

226 Rendia o Priorado quatrocentos mil reis, e cada Beneficiado dos quatro, que aqui ha, e apreſenta o meſmo Padroeiro, rende cem mil reis. As Capellas, que ha neſta Igreja, ſaõ as ſeguintes: tres que apreſentaõ os ſobreditos Padroeiros, como adminiſtradores do morgado de Santa Anna, e tem de congrua quarenta mil reis cada hum. Apreſentaõ mais outra, que ſe acha reduzida a cento e noventa e cinco Miſſas: apreſentavaõ mais duas, que ſe achaõ reduzidas a huma ſó de duzentas e dezaſeis Miſſas. Ha outra Capella de Santa Vitoria, que adminiſtrava D. Antonio da Silveira de lote de oitenta mil reis, que nunca ſe ſatisfez. Ha outra de Santa Catharina com obrigaçaõ de Coro, que adminiſtra huma D. Iſabel Joſefa, aſſiſtente em Tilheiras. Adminiſtraõ os Priores outra Capella de oitenta mil reis com

[1] Cunha nos Biſpos de Lisboa part. 2. cap. 92.

com obrigaçaõ de Coro. A Irmandade do Santiſſimo provê, e adminiſtra quatro, e a Irmandade das Almas tres de cincoenta mil reis cada huma.

227 Padeceo eſta Igreja com o terremoto baſtantemente, porque ao ſeu abalo cahio o Coro, e quaſi metade do tecto da Igreja deſde a porta principal, deixando todavia illeza a Capella mór, e naõ perecendo neſta ruina peſſoa alguma. Serenado o violento fracaſſo, ſe mudou logo o Sacramento para a Igreja do Menino Deos, e dentro da cerca do Viſconde de Villa nova da Cerveira ſe erigio hum Altar, em que ſe celebraraõ os Officios Divinos por alguns dias, em quanto por ordem do dito Viſconde ſe reparou, e ornou com muita decencia huma das ſalas do ſeu palacio, para onde veyo em prociſſaõ o Sacramento, e em que ainda ſe celebraõ todas as funções pertencentes ao culto Divino.

228 Dentro do deſtricto deſta Paroquia eſtá

Moſteiro.

Noſſa Senhora do Roſario. De Religioſas Dominicas. Foy fundado no anno de 1519 por Luiz de Brito, e ſua ſegunda mulher D. Joanna de Ataide, ſegundo conſta de huma inſcripçaõ ſepulchral, que eſtá defronte da porta, e diz:

Aqui jaz o Senhor Luiz de Brito Nogueira, Senhor dos morgados de S. Lourenço de Lisboa, e Senhor dos morgados de Santo Eſtevaõ em a Cidade de Béja, o qual Senhor foy taõ bom cavalleiro em ſeu tempo, que o naõ houve melhor; e com elle jaz ſua mulher D. Joanna de Ataide de Souſa, a qual com ſeu conſentimento fez eſte Moſteiro, a que deixou toda ſua fazenda, porque naõ tinha filho, nem filha, e elle dito Senhor deixou ſua terça, porque tinha filhos de outra mulher, que herdavaõ ſeus morgados. Era 1523.

229 Pela vehemencia do terremoto memoravel cahio todo o tecto da Igreja, e ficaraõ as paredes do Coro, da torre, e de alguns dormitorios com ſuas ruinas, as quaes facilmente ſe podem reparar; os muros do Convento da parte do Caſtello cahiraõ, mas já ſe achaõ levantados. As peſſoas, que morreraõ neſte eſtrago, foraõ huma Religioſa, huma ſecular, huma criada, e huma eſcrava. Com o repentino temor deſte incidente, ſe viraõ obrigadas as Religioſas romper a clauſura, e parte dellas foraõ como poderaõ para caſa de ſeus pays, e parentes, outras ſe recolheraõ em huma barraca na quinta dos Religioſos Dominicos a Arroyos. Hoje ſe achaõ reſtituidas ao ſeu Moſteiro mais de trinta e nove Religioſas, além de ſeculares, e criadas.

230 Numerava eſta Freguezia antes do terremoto cento e cincoenta fógos, e ſeiſcentas e cincoenta peſſoas de communhaõ. Preſentemente conſta de cento e quarenta e tres fógos, e quatrocentas e oitenta e duas peſſoas, diſtribuidas pelas ſeguintes

Ruas, e Becos.

Rua direita de S. Lourenço, Rua nova das Farinhas, Beco das Atafonas, da Cruz, do Poço do Borratem, da Roſa.

Freguezias confinantes.

Senhora dos Anjos, S. Chriſtovaõ, Santa Juſta.

XXI.

S. Mamede.

231 CONforme eſcreve D. Rodrigo da Cunha, (1) parece que ſe eſtabeleceo eſta Paroquia em tempo do Biſpo D. Fr. Eſtevaõ II., pois da vida deſte Prelado conſta, que achando-ſe em Avinhaõ em 16 de Mayo de 1312, commetera a

[1] Cunha nos Biſpos de Lisb. part. 2. cap. 84.

Martim Mattheus, e a Pedro de Formaõ a inſtituiçaõ deſta Igreja, que entaõ ſe fundava; porém de huma Eſcritura, que ſe achava no ſeu cartorio, a qual vio, e examinou Jorge Cardoſo (1) ſe infere, que eſta Freguezia já eſtava erecta no anno de 1220, em cujo anno inſtituio neſta Igreja Maria Pires, mulher de Pedro Martins de Bulhaõ irmaõ do noſſo glorioſiſſimo patricio Santo Antonio, huma Miſſa cantada em ſua vida todas as Sextas feiras à honra da Santa Cruz, por quatro ſoldos de eſmola. Quaſi da meſma antiguidade era o nobre ſepulchro de pedra, em que por tradiçaõ conſtante jazia o pay do Bemaventurado Santo Antonio, a qual ſepultura eſtava collocada debaixo de hum arco junto aos degráos do adro deſta Igreja, ſegundo o antigo uſo daquelles tempos; e ficou da parte de dentro da Sacriſtia, que aqui ſe fez no anno de 1665, conforme ſe lembra o meſmo Jorge Cardoſo.

232 He eſta Igreja do Padroado Real, cujo Priorado era de lotaçaõ de duzentos e cincoenta mil reis, e cada Benificio dos quatro, que ha aqui, e apreſenta o Prior, he de trinta mil reis. Tem ſete Capellanias; huma do Santiſſimo de ſetenta mil reis; duas das Almas de cincoenta mil reis; huma que inſtituio a Condeſſa de Valladares de quarenta e oito mil reis; outra do Correyo mór de cincoenta mil reis; e outra de Joaõ Ribeiro, inſtituida na Capella do Senhor Jeſus, com a congrua de trinta mil reis.

233 Experimentou eſte Templo huma grande derrota, porque o incendio geral naõ ſó a reduzio a cinzas, mas todas as ſuas alfayas, e livros, que lhe pertenciaõ, em cujo fracaſſo morreriaõ quarenta peſſoas pouco mais, ou menos; fazendo mais deploravel perda a extinçaõ quaſi total de todas as propriedades dos ſeus limites Paroquiaes. Neſte deſampa-

---

[1] Cardoſ. no Agiol. Luſit. tom. 3. pag. 675.

paro ſe foy acolher o Paroco à Igreja de S. Chriſtovaõ, daqui paſſou para a de S. Patricio na calçada de S. Criſpim, onde exiſte ainda exercendo a ſua obrigaçaõ nas poucas ovelhas, que lhe reſtaraõ, eſperando augmento no rebanho, ſegundo a nova diviſaõ das Paroquias, que medita o vigilante, e piiſſimo Prelado.

234 Dentro do territorio deſta Freguezia ſe comprehende o ſeguinte

Collegio.

S. Patricio. Foy fundado por Antonio Fernandes Ximenes, que nelle inſtituio huma cadeira de Theologia Moral, deixando rendas ſufficientes aos Religioſos Carmelitas Deſcalços para eſte miniſterio; porém os Religioſos Jeſuitas lhe compraraõ todo o direito, que a elle tinhaõ, e ſe meteraõ de poſſe no anno de 1605. Padeceo tambem com o terremoto, e incendio, e ſe acha reparado.

Ermida.

S. Criſpim, e S. Criſpiniano. Eſtá junto das portas da Alfofa, e he adminiſtrada por huma grande Irmandade, que ſe compoem do officio de Çapateiro. Teve ruina, mas acha-ſe recuperada.

235 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de trezentos fógos, e mil trezentas e ſetenta peſſoas de communhaõ. Preſentemente ſe acha com doze fógos, e ſeſſenta Freguezes pouco mais, ou menos; porque os mais que eſcaparaõ, foraõ aſſiſtir para outras Freguezias. As ruas eraõ as ſeguintes, todas pela mayor parte deſtruidas, e deshabitadas, naõ ficando dellas mais que os nomes, e as ruinas.

Ruas.

Adro da Igreja, Arco da Piedade, Arco da Roſa, Calçada de S. Criſpim, Coſta, Coſta do Caſtel-

tello, Detraz da Igreja, Largo do Correyo, Largo do forno, Liſta, Muro do Correyo, Paſſadiço, Pedras negras, Rua direita, Sete Cotovelos, Terreirinho de Ximenes.

Becos.

Eſmeralda, Namorados.

Freguezias confinantes.

S. Chriſtovaõ, Santa Maria, Santa Maria Magdalena, S. Nicolao.

XXII.

Santa Maria.

236 TEve para ſi Miguel Leitaõ de Andrade, (1) que eſta Igreja fora mandada edificar pelo Imperador Conſtantino, ou por ſua Mãy Santa Elena, perſuadido da antiga conſtrucçaõ do edificio fabricado interiormente com grande numero de columnas, e varandas à maneira do inſigne Templo de Santa Sofia em Conſtantinopla erecto pelo meſmo Imperador. Outros creraõ, que tinha ſido a Meſquita mayor dos Mouros, e que ElRey D. Affonſo Henriques, quando ultimamente lhes ganhou Lisboa, a mandara purificar pelo Biſpo D. Gilberto. (2)

237 Porém de eſcrituras authenticas ſe moſtra, e de outros teſtemunhos authoritativos, (3) que aquel-

[1] Leitaõ nas Miſcellaneas pag. 56. Convém no meſmo o A. da Corograf. Port. tom. 3. pag. 342. [2] Garibai tom. 4. lib. 34 cap. 12. Marinho Antiguid. de Lisb. liv. 4. cap. 26. De la Clede Hiſtoir. de Portug. tom. 2 liv. 6. p. 102. Cunha nos Biſp. de Lisb. part. 2. cap. 2. n. 7. [3] Conſta da memoria, que o Meſtre Eſtevaõ, Chantre naquelle tempo de Lisboa, fez da Trasladaçaõ, e milagres de S. Vicente, a qual ſe vê tranſcripta no tom. 3. da Monarq. Luſit. no Appendice do fim, Eſcritura 25., onde fallando de ElRey D. Affonſo I. diz: *Gaudet & inſuper Eccleſiam, quam ipſe ad honorem Dei, & memoriam B. Virginis Mariæ conſtituit, & dicavit, manuque propria, ſumptuque fundatam* adi-

aquelle primeiro Monarca Portuguez fabricara eſte Templo deſde os alicerſes para cabeça, e reſidencia Metropolitica, dedicando-o ao culto de Maria Santiſſima, onde logo eſtabeleceo, e collocou por Biſpo a D. Gilberto, e eſte nomeou Conegos, ordenando-lhes viveſſem em commum; e em quanto ſe naõ fazia dormitorio junto à clauſtra da meſma Sé, lhes aſſignou ElRey trinta moradas de caſas na rua, que ainda hoje chamavaõ dos Conegos. (1)

238 Tinhaõ já paſſado cento e noventa e ſete annos, quando no anno de 1344 hum eſpantoſo terremoto arruinou a Capella mór, e eſteve em grande perigo o Templo todo. Acodio logo ElRey D. Affonſo IV. ao ſeu remedio, mandando-a reedificar com magnificencia, e liberalidade, elegendo-a para ſeu depoſito, e da Rainha D. Brites ſua mulher, onde jazem em primoroſos mauſoléos ao lado do Evangelho levantados do pavimento. Jazem mais com elle a Infanta D. Brites, biſneta dos meſmos Reys, e filha primogenita de ElRey D. Joaõ I. (2)

239 A Capella mór, que ainda hoje ſe vê, poſto que taõ desfigurada, naõ he a meſma que fez edificar ElRey D. Affonſo IV., porque abrindo eſta com hum grande terremoto ſuccedido em 24 de Agoſto de 1356, dia de S. Bartholomeu, e augmentando-lhe depois muito mais perigo, e ruina a vio-

---

ædificavit, & beneficiis amplioribus, &c. Eſta meſma Relaçaõ verteo
em Portuguez o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha na 2. parte do Cata-
logo dos Biſpos de Lisboa cap. 9. Confirma-ſe mais o ſobredito com o
livro velho chamado dos Obitos da meſma Sé, que allega Jorge Car-
doſo no tom. 3. do Agiologio Luſitano p. 674., e o A. do Santuar.
Marian. tom. 7. pag. 27., de que tambem faz memoria Brandaõ na Mo-
narquia Luſit. liv. 10. cap. 30. O meſmo ſegue Paes Viegas nos Princi-
pios de Portugal p. 181. [1] D. Nicol. Chron. dos Conegos Regr. liv. 5.
c. 8. Severim de Faria nos Diſc. var. Diſcurſ. 4 p. 163. Adverte bem D.
Rodrigo da Cunha na Hiſtor. Eccleſ. de Lisb. part. 2. cap. 2. n. 3., que
neſte modo de viver houvera variedade conforme os Prelados, e mui-
tas vezes ſegundo o voto dos meſmos Conegos. [2] Cunha nos Biſ-
pos de Lisb. part. 2. cap. 88. Monarq. Luſit. part. 7 liv. 10. cap. 5.

violencia de hum rayo, que ſobre ella cahio, tornou outra vez a ſer reedificada por ElRey D. Joaõ I., o qual mandou entaõ collocar aqui os tumulos dos ditos Reys, que ſegundo dá a entender Ruy de Pina, ainda naõ eſtavaõ alli até eſte anno. (1) Tem elles na face, que ſe deixa ainda ver eſculpidos alguns martyrios do glorioſo S. Vicente, e por cima tinha huma figura da Fama com buzina na maõ, a qual trombeta fora deſpojo da batalha do Salado, conforme os verſos, que ſe liaõ em tarja dourada.

Hæc Tuba, quam Mauris Alphonſus nomine quartus
Abſtulit, ut fama primus in orbe foret.
Dum reſonat Regem, partumque à Rege triumphum,
Alphonſum ad famam ſurgere, voce jubet.

240 Em correſpondencia deſtes tumulos eſtava da parte da Epiſtola o Altar do glorioſo Martyr S. Vicente noſſo Padroeiro, cujo precioſiſſimo corpo traſladado do Promontorio ſacro do Algarve ao porto de Lisboa, foy collocado neſta Igreja em 15 de Setembro de 1173. Com o tempo ſe deſvaneceo a noticia do lugar poſitivo, até que paſſados annos ſe deſcobrio caſualmente em 13 de Janeiro de 1614, ſendo Arcebiſpo D. Miguel de Caſtro, por cuja cauſa ſe fizeraõ na Sé grandioſas feſtas, que duraraõ deſde 14 de Março até 16 de Setembro. (2)

241 Conſtituida neſte grande Templo a Cathedral de Lisboa pelo Biſpo D. Gilberto no anno de 1150 com a formalidade, e numero de Conegos, Prebendas, e tudo que pertencia ao Coro, foraõ ſempre os noſſos Soberanos Reys, Pontifices, e Prelados naõ ſó conſervando, mas exaltando o ſeu culto com privilegios, rendas, e dignidades, em cujo eſta-

---

[1] Apud Monarq. Luſit. part. 7 liv. 7 c. 9. e liv. 10. cap 22. n 3.
[2] Aſſim o diz D. Rodrigo da Cunha na Hiſtoria Eccleſiaſtica de Liſboa part. 2. cap. 14. n. 7.; porém devia outra vez occultarſe o cofre; porque paſſados ſetenta e oito annos, no de 1692 ſe deſcobriraõ, como vimos na Vida do Arcebiſpo D. Luiz de Souſa pag. 231.

eſtado ſe conſervou até o reinado feliciſſimo de El-Rey D. Joaõ V., em o qual tempo, achando-ſe eſta Cathedral em Sé vacante pela morte do ſeu ultimo Arcebiſpo D. Joaõ de Souſa, ſe dividio o Arcebiſpado em duas Dieceſes por virtude da Bulla Aurea de Clemente XI. de 7 de Novembro de 1716, ficando eſta Sé com o titulo de Arcebiſpado Oriental, conſtituindo-ſe o ſeu Cabido de oito Dignidades a ſaber Deaõ, Chantre, Arcediago de Lisboa, Theſoureiro mór, Arcediago de Santarem, Meſtre Eſcola, Arcediago da terceira cadeira, Arcipreſte, vinte Conegos, quatro meyos Conegos, doze Quartanarios, dez Bachareis, e varios Capellães.

242 Depois pela Bulla *Salvatoris noſtri* de Benedicto XIV., expedida aos 13 de Dezembro de 1740 ſe abolio o titulo de Sé, e ſe condecorou com o nome honorario de Santa Maria; extinguindo-ſe juntamente naõ ſó a dignidade Archiepiſcopal, que ſe unio ao novo Patriarcado, e Metropoli de Lisboa erecto na antiga Capella Real, mas ficaraõ ſupprimidas, e extinctas para ſempre todas as ſuas Dignidades, Canonicatos, meyas Prebendas, e Quartanarias, removendo ElRey por virtude do meſmo *Motu proprio* a cada hum dos Conegos, que actualmente exiſtiaõ, de ſeus Canonicatos, e Prebendas; compenſando-lhes porém todo o prejuizo, que lhes reſultava, em outras honras, e equivalentes do ſeu Real theſouro; como foraõ aos Dignidades, e Conegos o habito de Chriſto, e a cada hum dos meyos Conegos o de Santiago; e aos Quartanarios o de Aviz, com tenças proporcionadas à ſua grandeza; expedindo hum Decreto ao Conſelho da Fazenda em 12 de Novembro de 1742, para todos ſerem pagos por mezadas pelo Theſoureiro da caſa da Moeda, e na ſua falta pela Theſouraria da Alfandega do Tabaco. Os quaes Conegos em Sabbado 17 de Novembro de 1742, foy o ultimo dia, que rezaraõ em Coro, expirando entaõ o ſeu titulo, habito, e re-

ſidencia totalmente. Exporemos em breve mappa os ultimos Conegos, que exiſtiaõ na Sé velha, com o rendimento de ſeus Beneficios, e compenſaçaõ que ſe lhes deu por virtude do tal Decreto.

Dignidades.

	Eſtevaõ de Barros Pereira.
Renda	1:658U347
Compenſa	1:790U000
Accreſcimo	131U653
	Antonio Miguel Aires.
	1:310U263
	1:410U000
	99U737
	Joaõ Sinel de Cordes.
	1:164U864
	1:290U000
	125U136
	Antonio Joſeph Reiſon.
	695U350
	790U000
	194U650
	Joſeph Antunes da Coſta.
	1:310U130
	1:400U000
	89U870

Conegos.

	Antonio de Caſtro Alvelos.
	1:215U830
	1:290U000
	74U170
	Antonio Alvares Cotrim.
	1:233U810
	1:310U000
	76U190

Tho-

	Renda	Compenſa	Accreſcimo
Thomé Eſtoff Ferreira.	1:175U663	1:260U000	84U337
Joaõ Chryſoſtomo da Silva.	1:168U200	1:250U000	81U800
Joaõ Guilherme Nobel.	1:183U650	1:270U000	86U350
Joaõ Pimenta e Antas.	1:202U755	1:280U000	77U245
Franciſco Carneiro de Figueiroa.	1:233U945	1:310U000	76U055
Silveſtre de Souſa Soares.	1:265U140	1:350U000	84U860
Manoel Gomes de Faria.	1:267U450	1:340U000	72U560
Filippe Neri Xavier.	1:159U758	1:240U000	80U242
Manoel de Aguiar.	1:205U818	1:280U000	74U182

Renda
Compenſa
Accreſcimo

Manoel Gomes Monteiro.
597U909
670U000
72U090

Manoel de Oliveira da Mata.
1:195U780
1:280U000
84U220

Rafael Monteiro da Silva.
1:155U770
1:230U000
74U230

Meyos Conegos.

Manoel de Souſa Rocha.
592U714
620U000
27U286

Clemente Botelho.
557U914
580U000
22U086

Miguel Joſeph.
575U901
600U000
24U099

Quartanarios.

Luiz de Azevedo.
280U472
290U000
9U528

Manoel de Paiva Reys.
280U472
290U000
9U528

Antonio Alvares.

Renda 280U472
Compenſa 290U000
Accreſcimo 9U528

Joſeph Gonçalves Vilella.

280U054
290U000
9U946

Joſeph de Lima Ribeiro.

280U054
290U000
9U946

Martinho de Figueiredo.

280U054
290U000
9U946

Antonio Barreto.

279U850
290U000
10U150

André Machado.

279U850
290U000
10U150

Manoel de Moraes Cabral.

279U850
290U000
10U150

243 Supprimidas as Dignidades, Canonicatos, e Quartanarias da Igreja de Santa Maria, e extincto o ſeu antigo Cabido, ſe erigio no meſmo Templo huma nova Baſilica por virtude das Bullas *Ea quæ providentiæ* de Benedicto XIV., paſſada em 14 de Julho de 1741, e da *Salvatoris noſtri* do meſmo Pontifice, ficando os Conegos novamente erectos, e os mais Miniſtros ſubordinados ao Patriarca, e o direito do Padroado competindo ao Rey. Teve prin-

principio eſta Baſilica Patriarcal de Santa Maria em 18 de Novembro de 1742, e conſta dos ſeguintes Miniſtros.

Hum Preſidente com habitos Prelaticios, cujo lugar naõ tem collaçaõ, e ſe intitula officio, o qual foy concedido por Benedicto XIV. em Bulla de *Motu proprio*, paſſada em Roma aos 17 de Agoſto de 1754, e aceita em Lisboa por Monſenhor Bernardes em 8 de Outubro do dito anno, e por elle ſentenciada em 12 do dito mez. Tem de rendimento annual o de huma Coneſia, que o Papa Benedicto XIV. ſupprimio, e lhe applicou.

Vinte e ſete Conegos, que tem de rendimento cada hum oitocentos mil reis.

Vinte Beneficiados, com quatrocentos mil reis.

Dezoito Clerigos Beneficiados, com duzentos mil reis.

Dez Padres Bachareis, com cem mil reis.

Seis Padres Capellães providos em ſeis Capellas, que inſtituío na meſma Igreja o Arcebiſpo D. Miguel de Caſtro, com obrigaçaõ de Coro, e canto de orgaõ, e de vinte e ſeis Miſſas ſómente por mez cada Capellaõ. Tem cada hum delles cento e quarenta e oito mil quatrocentos e quarenta reis.

Dous Padres Capellães providos em duas Capellas, que inſtituío o Conego Doutoral Joaõ de Azevedo com as meſmas obrigações. Tem cada hum cento cincoenta e oito mil ſetecentos e cincoenta reis.

Quatro Padres Capellães com cento e vinte tres mil reis, providos em quatro Capellas, que inſtituío Antonio Gonçalves Prégo com obrigaçaõ de Coro.

Seis Moços de Coro do numero, a que vulgarmente chamaõ Meninos do Coro, dos quaes o mais antigo tem trinta mil reis, e os outros vinte e ſeis mil reis cada hum.

Oito Moços, ou Meninos do Coro extranume-

rarios, cada hum com dezoito mil reis.

Dous Meſtres de Ceremonias, hum a que chamaõ o primeiro, tem vinte mil reis; o outro ſeis mil reis.

Seis Contraltos: dous com cento e vinte mil reis cada hum: dous com oitenta mil reis: hum com oitenta e dous mil reis, e outro com cincoenta mil reis.

Tres Tenores: dous com cento e vinte mil reis; e hum com cem mil reis.

Tres Contrabaixos com cem mil reis cada hum.

Dous Organiſtas: hum com oitenta mil reis, e dous moyos de trigo: outro com ſeſſenta mil reis, e hum moyo de trigo.

Hum Meſtre da Muſica com cem mil reis, e dous moyos de trigo.

Hum Meſtre da claſſe da Solfa com cincoenta mil reis.

Tres Curſores, ou Cuſtodios do Coro, que naõ tem ordenado eſtabelecido.

244 Conſta mais de huma Camera para o governo interior, e economico da dita Igreja, ſua fabrica, e Sacriſtia, em cuja adminiſtraçaõ ſe occupaõ.

Tres Camerarios, que he o Preſidente hum, e dous Conegos providos todos os annos pelo Prelado, a quem toca privativamente o governo todo, e tem cada hum oitenta mil reis.

Hum Secretario, que he hum Beneficiado provido todos os annos pelo meſmo Prelado, e tem ſeſſenta mil reis.

Hum Porteiro, que he hum dos Curſores com vinte mil reis.

Dous Letrados com ſetenta mil reis cada hum.

Hum Procurador, que cobra os fóros, com quatrocentos mil reis, cujo officio provê o Prelado.

Tres Procuradores para as cauſas, e mais dependencias, dos quaes hum tem ſeſſenta mil reis, e os dous trinta cada hum.

Hum

Hum Eſcrivaõ dos Emprazamentos com duzentos mil reis, cujo officio dá o Prelado.

Hum Védor da Sacriſtia, que he hum Conego, e tem livre do Coro o tempo, que preciſar para o ſerviço da Igreja.

Hum Theſoureiro da Fazenda, que he hum Beneficiado com o tempo livre do Coro, que for preciſo.

Hum Fabriqueiro, que he hum Conego, com a meſma liberdade, e todos tres providos pelo Prelado.

Hum Theſoureiro, que mora dentro da meſma Igreja, e tem cento e vinte mil reis.

Hum Altareiro com cento e dez mil reis.

Dous Moços da limpeza da Igreja, que tem cada hum por dia hum toſtaõ, quinze alqueires de trigo, e oito mil reis para veſtiaria cada anno.

Hum Sineiro com cincoenta mil reis, e os ſinaes livres.

Hum Armador com ſeſſenta mil reis.

Hum Meſtre de Latim com quarenta mil reis.

245 Conſiderada eſta Igreja como Paroquia, ſempre foy adminiſtrada por hum Cura, até que o Eminentiſſimo Prelado D. Thomaz de Almeida o collou com o titulo de Reitor. Rende quatrocentos mil reis. Conſta mais de hum Cura com a congrua *ad libitum* do Reitor: de hum Prioſte, que he hum dos Bachareis, o qual tem trinta e nove dias livres, e trinta mil reis de ordenado: de hum Eſcrivaõ do Prioſtado, que tambem he hum dos Bachareis, e tem nove dias livres, e hum capaõ: de hum Contador do Priorado, que tambem he hum dos Bachareis com os meſmos nove dias livres.

246 Exiſtiaõ neſta Freguezia as Irmandades ſeguintes. A Irmandade do Santiſſimo Sacramento, que apreſentava nove Capellas de varios inſtituidores, e de varias congruas. A Irmandade das Almas com ſete Capellães de cincoenta mil reis cada hum.

A

A Irmandade da Senhora da Piedade, que he dos Calafates com ſeu Capellaõ ſó para os Sabbados, Domingos, e dias Santos com vinte mil reis de congrua. A Irmandade de Santo Aleixo com ſeu Capellaõ de Domingos, e dias Santos, com cento e cincoenta reis de eſmola por cada Miſſa. A Irmandade do Senhor Jeſus da Boa Sentença com duas Capellas de cincoenta mil reis cada huma. A Irmandade de Jeſus Maria Joſeph, que he dos Correyos com ſeu Capellaõ de Domingos, e dias Santos, que tem de eſmola por cada Miſſa cento e cincoenta reis.

247 Havia mais neſta Igreja a Confraria de Santa Anna, que lhe fazia Novena, e feſta no ſeu dia, e tratava do ornato da ſua Capella. Outra Confraria da meſma Santa em huma Capella no Cruzeiro da Igreja, que era dos officiaes da caſa da Moeda, os quaes lhe faziaõ feſta no ſeu dia. A Confraria de Foreiros de Santo Amaro. A Confraria de Foreiros da Senhora a Grande. A Confraria de Santo Antonio, que he dos Meninos do Coro, os quaes concorrem para o gaſto dos dias da ſua Trezena, e os Conegos para os gaſtos da feſta do dia, e da ſua Trasladaçaõ.

248 As Capellas aqui eſtabelecidas ſaõ as ſeguintes.

Huma de Miſſa quotidiana, que inſtituío o Arcebiſpo D. Affonſo Furtado de Mendoça, com obrigaçaõ de confeſſar, a qual adminiſtra a Camera, e provê o Prelado: tem de congrua ſetenta mil reis.

Duas de Miſſa quotidiana, inſtituidas pelo Quartanario Manoel da Silva, que adminiſtra a Camera, com quarenta mil reis cada huma.

Huma de Miſſa quotidiana, cuja adminiſtraçaõ eſtá incorporada na Fabrica, e provê o Prelado: rende cincoenta mil reis.

Huma de Miſſa quotidiana, que inſtituío o Arcebiſpo D. Jorge de Almeida, de quarenta e ſeis mil reis, que adminiſtra a Camera, e provê o Prelado.

Huma com obrigaçaõ de duzentas e cincoenta Miſſas, que inſtituío Maria Machada, e rende trinta mil reis, a qual tambem a Camera a adminiſtra.

Huma com obrigaçaõ de cento e seſſenta e ſeis Miſſas, inſtituída pelo Conego Pantaleaõ Rodrigues Pacheco, que adminiſtra a Camera, e a dá o Prelado, rende vinte mil reis.

249 Além das ſobreditas Capellas, tem a Camera a adminiſtraçaõ de outras antiquiſſimas, as quaes por falta de renda ſe achaõ reduzidas por Breves Apoſtolicos ao numero de duas mil e oitenta e oito Miſſas, que todos os annos ſe mandaõ dizer. Ha mais eſtabelecidas neſta Igreja as Capellas ſeguintes.

Duas Capellas de S. Sebaſtiaõ pertencentes à Cadeira de Mafra ſupprimida, as quaes provê o Prelado, e rende cada huma cincoenta mil reis.

Huma de S. Bartholomeu, que rende cincoenta mil reis. Eſta Capella tinha quatro Mercieiros, com quatro mil e oitocentos reis cada hum.

Huma de S. Pedro, com obrigaçaõ de ſeſſenta e duas Miſſas, as quaes cumprem os Bachareis, a quem anda annexa pelo rendimento de hum moyo de trigo, vinte alqueires de cevada, e tres mil reis para a cera do Altar. Eſta Capella foy antigamente chamada do Santo Lenho, na qual eſtaõ enterrados Ruy Figueira, e ſeu pay Joaõ Gomes de la Higuera, e ſe deu depois ao Biſpo de Bona D. Pedro Fernandes, que lhe fez picar as cinco folhas de figueira, que tinhaõ as ditas ſepulturas.

Huma de S. Lourenço com obrigaçaõ de tres Miſſas ſómente em cada ſemana, e rende quarenta e quatro mil reis.

Duas de Noſſa Senhora da Conceiçaõ de Miſſa quotidiana, que adminiſtra a caſa de Jeronymo Leite de Vaſconcellos Pereira Malheiro, e rende cada huma quarenta e dous mil reis. Pertence a eſtas Capellas huma merciaria, que renderá quinze mil reis.

Hu-

Huma de S. Manços de duzentas Miſſas, e as quartas feiras do anno; he adminiſtrada pelo meſmo.

Havia a Capella chamada a Miſſa de S. Vicente, que quotidianamente celebravaõ os Bachareis por alternativa no Altar, onde eſtava o ſeu corpo, com o privilegio de ſer a propria do Santo em qualquer dia, ou feſtividade do anno ſem excepçaõ alguma. Conſtava eſta Miſſa de algumas Orações, que naõ ha nas outras Miſſas: era de hum ſó Padre; porém cantada a canto chaõ pelos Meninos do Coro, tocando-ſe em todo o tempo do Canon huma roda de campainhas, que eſtava na clauſtra por detrás da Capella do Santo, e ſe obſervava indiſpenſavelmente. No ſeu Oitavario era a Miſſa de tres Padres, cantada a canto de orgaõ pelos meſmos Meninos do Coro; e tudo ſe fazia por uſo antiquiſſimo.

250 Ha mais dez Capellas, que inſtituío ElRey D. Affonſo IV. no anno de 1355, com obrigaçaõ de Miſſa quotidiana, e de dizerem os Capellães em o Coro o Officio Divino rezado ao meſmo tempo, que os Conegos o fazem cantado, o que elles executavaõ na Capella de S. Ildefonſo. O Capellaõ mór tem de renda cento e ſeis mil reis, e hum moyo de trigo; e cada Capellaõ cento, e ſeis mil reis, e Medico, Cirurgiaõ, e botica, quando eſtaõ doentes, e tudo adminiſtra a Meſa da Conſciencia.

251 Pertencem a eſtas Capellas vinte e quatro Mercierias, doze para homens, e doze para mulheres com obrigaçaõ de aſſiſtirem de manhã, e de tarde aos meſmos Officios Divinos. Tem cada hum de mezada mil e duzentos reis, e pelo Natal tres mil reis, e outro tanto pelo S. Joaõ: tem mais hum pote de azeite de tres em tres mezes, e quarenta e oito alqueires de trigo. As Mercieiras tem de mezada cada huma dez toſtões, e tres mil reis pelo Natal, e outro tanto pelo S. Joaõ, vinte canadas de azeite, e quarenta e oito alqueires de trigo. Para vivenda, e recolhimento deſtes Mercieiros mandou o meſmo

Rey D. Affonſo IV. edificar hum Hoſpicio com diviſaõ (1) junto do mar, o qual por tradições achámos que fora no ſitio, em que ſe edificaraõ as caſas dos Senhores de Bellas, até às que foraõ dos Marquezes de Gouvea, defronte do campo chamado das Cebolas na Ribeira. Achava-ſe eſte Hoſpital dos doze Mercieiros antes do terremoto em humas caſas defronte da porta do Senado da Camera nas coſtas da Igreja de Santo Antonio, as quaes caſas foraõ muito antecedentemente Recolhimento de donzellas orfãs pelos annos de 1594. (2) E as doze Mercieiras aſſiſtiaõ em humas caſas na rua dos Conegos defronte da porta traveſſa da Baſilica de Santa Maria da parte do Norte.

252 Naõ foy pequeno o damno, que occaſionou a eſte antiquiſſimo Templo o horrido incidente do grande terremoto; pois com o ſeu impulſo extraordinario cahio a cupula, e fabrica exterior do Zimborio ſobre a nave do meyo da Igreja, e rompendo-lhe a ſua fortiſſima abobeda, veyo deſcançar no plano da meſma nave. Ao meſmo tempo cahio a torre da parte do mar, em que eſtava o Relogio, a qual com alguns ſinos ſe fez em pedaços. Dentro da Igreja cahio a Imagem de Noſſa Senhora, que eſtava no Altar mór, e ſe lhe ſeparou a cabeça do corpo, a qual ſe foy achar depois nos ſuburbios deſta Corte em caſa de huma mulher. O meſmo eſtrago experimentou a Imagem do Crucifixo, que eſtava no Coro de cima, e o magnifico orgaõ no corpo da Igreja.

253 O incendio furioſamente ſucceſſivo ainda lhe cauſou mayores prejuizos; ſendo irreparavel o desfazer naõ ſó o cofre, em que eſtava recluſo o corpo do glorioſo Martyr S. Vicente, mas o meſmo Corpo, de que ſe acharaõ depois no ſeu Altar pe-

[1] Conſta da Proviſaõ do anno de 1429 no liv. dos Teſtamentos Fol. 58. verſ. da Meſa da Conſciencia. [2] Oliveira Grandez. de Lisboa pag. 71.

pequenas Reliquias diſperſas, e queimadas. Queimaraõ-ſe tambem todas as Imagens ſagradas, retabolos, e ornamentos da meſma Igreja. Sómente as chammas, que acommeteraõ o Altar da Senhora chamada a Grande, refrearaõ a ſua voracidade para com a veneranda Imagem, e todo o ſeu ornato corporal, e ſitial do ſeu nicho. O fogo fez mais ruina em humas partes da Igreja, que em outras; e aſſim nella ſe vê eſtalado mais o tecto da nave da banda da terra, que da parte do mar; o meſmo ſe obſerva em outras Capellas interiores do clauſtro, experimentando total ruina, e irreparavel o ſeu antiquiſſimo cartorio, que todo ſe reduzio a cinzas, havendo bem pouco tempo, que o havia poſto em huma expedita arrumaçaõ a diligencia do Engenheiro mór Manoel da Maya. Naõ chegou eſte flagello à Sacriſtia; e por iſſo eſcaparaõ os ornamentos, e alfayas deſta Baſilica alli guardadas.

254 Entre as ruinas pereceraõ algumas peſſoas, eſpecialmente no adro com o precipicio da torre: taes foraõ o Beneficiado Franciſco de Sales de Freitas, e mais outro, que lhe ignoramos o nome, alguns Meninos do Coro, e o Cuſtodio delle Antonio Franciſco. O Conego Ludovici padeceo a infelicidade de lhe cairem algumas pedras da meſma torre, porém naõ morreo logo, mas dahi a poucas horas. Ao Beneficiado Lucas dos Santos lhe ſuccedeo o meſmo. Diſperſos, e afflictos os Miniſtros deſta Igreja, naõ achavaõ lugar opportuno para exercerem os actos do Coro, e mais Officios Divinos. Neſta urgencia ſe foraõ recolher em huma Ermida ao Cardal da Graça, onde rezaraõ hum ſó dia; logo ſe paſſaraõ para huma proxima barraca, em que rezaraõ ſete dias: mas por ſer pobre, e indecente, lhe aſſinou o Eminentiſſimo Cardeal Patriarca a Igreja do Senhor Jeſus da Boa Morte, onde ſe armou quadratura em 21 de Dezembro de 1755, em cujo dia repetindo a terra hum grande tremor, embaraçou

com

com o ſuſto naõ ſe executar a ordem do Prelado; o qual reſolveo ſe eſtabeleceſſem na barraca da Freguezia de S. Joſeph, o que fizeraõ deſde 24 do dito mez de Dezembro até 16 de Julho de 1757, em cujo dia paſſaraõ para a Igreja do Menino Deos, e dalli ſe transferiraõ para a de S. Roque, onde preſentemente reſidem.

255 Os Capellães das Capellas de ElRey D. Affonſo IV., que exiſtiaõ neſta Baſilica, e tinhaõ hido por ordem do Eminentiſſimo Prelado em Fevereiro de 1756 para a Ermida de S. Vicente Ferrer, ſituada às Olarias, ſe achaõ preſentemente reſtituidos a huma Capella junto da ſua antiga, que eſcapou do eſtrago neſta meſma Baſilica.

256 No deſtricto deſta Paroquia exiſtem os ſeguintes Templos.

Igrejas, e Ermidas.

Santo Antonio. Ordenou ElRey D. Joaõ II. no ſeu teſtamento, que ſe fizeſſe huma Igreja a Santo Antonio no meſmo lugar, e ſitio, onde naſceo em Lisboa, para o que lhe deixou mil juſtos de ouro, que importava em ſeiſcentos mil reis, dizendo, que queria foſſe a fabrica igual no goſto, e na riqueza. Cumprio eſta clauſula primoroſamente ElRey D. Manoel, e aſſim ſe deve a erecçaõ deſte edificio à piedade deſtes dous Monarcas: ao que attendendo o engenho do Arquitecto, fabricou o rotulo, que ſervia de grinalda ao arco da porta principal com letras de pedra formadas de troncos de arvores, e varios bichos eſculpidos, que vinhaõ a dizer: *Joannes II. Emmanuel I. Reges hoc opus conſtruxerunt.* (1) Tudo ſe verifica de huns Padrões, ou Diſticos latinos eſculpidos em pedra na Capella mór da parte da

---

[1] Souſa Hiſtor. Genealog. tom. 3. p. 138. Goes Chron. de ElRey D. Manoel part. 4. cap. 85. Cardoſo no Agiol. Luſit. tom. 3. p. 775.

da Epiſtola, e do Evangelho, e com mais clareza ſe comprova de hum letreiro, que eſtava em huma pedra dourada por baixo da tribuna da Camera, o qual tranſcreve Antonio Coelho Gaſco no livro m. ſ. das Antiguidades de Lisboa cap. 35., o qual he o ſeguinte:

O muito alto, e muito poderoſo Rey D. Joaõ o II. deſte nome, mandou em ſeu teſtamento paſſar eſta Capella do bemaventurado Santo Antonio da Sé, donde eſtava. E que neſte lugar, que foy a propria caſa, donde naſceo, à ſua honra ſe edificaſſe, por ſer tanta razaõ, que aonde a Noſſo Senhor aprouve, que taõ bemaventurado Santo naſceſſe, eſpirito de tanta ſantidade, e digno de tanta veneraçaõ, aſſi como natural deſta Cidade interceſſor della, e dos Reys deſte Reino foſſe venerado. E por ficar encommendado o cumprimento do teſtamento ao muito alto, e muito poderoſò Rey D. Manoel o primeiro deſte nome, a mandou fazer para louvor de Deos, e memoria das graças, que eſte Reino ſempre lhe deve, pola mercê que fez no deſejado naſcimento do muito alto, e muito excellente Principe D. Sebaſtiaõ a 20 de Janeiro de 1554, que he o dia em que ſe celebra a feſta do bemaventurado S. Sebaſtiaõ, ordenou que Franciſco Correa, que entaõ era Vereador, e ſervia de Provedor deſta Capella do bemaventurado Santo Antonio, antes de entrar à Miſſa do dia, o Sacerdote que a houver de dizer levantaſſe em canto ſolemne o Hymno Te Deum laudamus, *para que todos que ouvirem, venhaõ a ſaber a razaõ deſta nova extraordinaria ſolemnidade, e ſabida taõ obrigatoria cauſa, como foy para ſempre para eſtes Reinos a memoria de taõ grande beneficio, e por elle graças a Deos peçaõ por interceſſor o glorioſo Santo Antonio a vida, e ſaude do Principe Noſſo Senhor, com muitos, e muitos perpetuos annos de ElRey, e da Rainha Noſſos Senhores para ſeus ſerviſſos.*

Eſ-

Eſta inſcripçaõ me perſuade ſer apocrifo o que dizem ſe lê no Officio, e Hiſtoria da conquiſta de Tangere eſcrita por hum certo Alvaro, cujo apellido ſe ignora, no qual ſe affirma, que ElRey D. Affonſo V. mandara collocar no Templo de Santo Antonio deſta Cidade humas portas de bronze, que fizera conduzir de Tangere: donde ſe infere que já no tempo de ElRey D. Affonſo V. eſtava feito o Templo do Santo; o que he contra o que dizem os noſſos Hiſtoriadores, e conſta do mencionado letreiro. Refere iſto a Bibliotheca do Abbade Barboſa no tom. 4. pag. 10. accreſcentando mais para confirmar o pouco credito que ſe deve dar a eſta noticia, dizer: que o dito livro ſe conſervava na livraria do Senhor Infante D. Pedro, o que tal naõ ha, nem antes, nem depois do terrremoto; porque aſſim o examiney com exacçaõ.

257 Eſtabeleceo-ſe neſta Igreja huma Collegiada, que conſta de hum Capellaõ mór, que tem de ordenado trinta mil reis para caſas; ſeſſenta mil reis para huma mula; vinte mil e ſeiſcentos reis para barrete, e ſobrepeliz; e ſeſſenta mil reis pela Capella dos Irmãos Cidadãos vivos, e defuntos; e por Superintendente do Coro trinta mil reis, que tudo faz a ſomma de trezentos e dez mil reis. He elle ſó obrigado a ir ao Coro nos dias Claſſicos; e em quanto Capellaõ mór, he provido pelo Senado; quanto ao mais he provido pela Meſa. Conſta o Coro além do Superintendente, de dezanove Capellães Cantores, dos quaes ſeis tem cento e vinte mil reis, que inſtituio a piedade de ElRey D. Joaõ V.; tres tem noventa mil reis; e dez tem oitenta mil reis. O Preſidente do Coro, que he hum dos taes Capellães, tem mais vinte mil reis, e o meſmo tem o Regente do meſmo Coro. O primeiro Prioſte, e Eſcrivaõ do Coro tem cincoenta mil reis; e o ſegundo Prioſte dous mil e quinhentos reis. Ha mais quatro Meninos da Capella numerarios, que tem cada hum cin-

cincoenta e cinco mil reis ; e tres ſupranumerarios com vinte mil reis. Tem eſta caſa, e Igreja mais de vinte mil cruzados de renda, que a Meſa adminiſtra com muito zelo.

258 Com o repentino aſſalto do terremoto, e incendio ficou eſte grandioſo Templo arruinado, e mais que tudo conſumido, e desfigurado o formoſo embutido das ſuas pedras, de que o corpo todo, e tecto da Igreja era formado primoroſamente. Porém obſervou-ſe como prodigio, que a voracidade das chammas, abrazando os retabolos, e tudo que eſtava miſtico à tribuna do Santo, naõ offenderaõ a ſua veneranda Imagem, nem ouſaraõ entrar dentro, trocando o furor em reſpeito, ſegundo conjectura a piedade, e devoçaõ. Fez-ſe na Igreja hum ſufficiente commodo para o exercicio do Coro, e mais Officios Divinos, em quanto ſe cuida na reedificaçaõ fundamental.

Noſſa Senhora da Caridade. Foy edificada eſta Ermida pelos Irmãos da Caridade no anno de 1747, junto à Baſilica de Santa Maria da parte do mar. Padeceo baſtante ruina.

Noſſa Senhora da Conſolaçaõ. Ficava eſta Ermida, ou Capella por cima da porta da Cidade chamada a porta do Ferro, ou arco da Conſolaçaõ, e nella mandava a Irmandade da Miſericordia dizer huma Miſſa quando havia padecente, para que eſte adoraſſe ao Senhor no tempo, que por alli paſſava para o ſupplicio. Acha-ſe preſentemente deſtruida com o terremoto, e incendio: e depois ſe mandou demolir o arco, e ſe extinguio totalmente a ſua exiſtencia. Junto da eſcada, que ſubia para a tal Capella, eſtava hum marmore Romano a modo de hum marco pequeno com ſeu frizo, e huma inſcripçaõ, que dizia:

Æſculapio
Aug.
Sacrum
Cultor. Larum
Maliæ, et Malio-
li M. Coſſituo
Macrinus donavit.

O qual vem a dizer: *Eſte Templo he conſagrado a Eſculapio Auguſto, Marco Coſſituo Macrino o deu graciosamente a Malia, e Maliole amadores dos Deuzes Lares.* Lembra-ſe deſte marmore Antonio Coelho Gaſco nas *Antiguidades de Lisboa cap.* 50.

Senhor Jeſus dos Deſamparados, e Noſſa Senhora do Roſario. Principiou a fundarſe de novo eſta Ermidinha no anno de 1755 em a rua das Canaſtras, e no meſmo ſitio, onde havia eſtado huma caſa de Oraçaõ, que ſe havia abrazado com o fracaſſo de hum incendio; porém com o terremoto, e fogo do anno de 1755 ſe conſumio de todo.

Noſſa Senhora da Miſericordia. Fundou eſte ſumptuoſo Templo ElRey D. Manoel, e ſe concluio governando ElRey D. Joaõ III. no anno de 1534. Eſtabeleceo-ſe aqui huma nobiliſſima Irmandade, que na opiniaõ ainda dos Eſtrangeiros he de ſummo reſpeito. (1) Inſtituio-a no clauſtro da antiga Cathedral o Veneravel Fr. Miguel de Contreras, Religioſo Trinitario natural de Segovia, com approvaçaõ da Rainha Dona Leonor mulher de ElRey D. Joaõ II. no anno de 1498. Compondo-lhe o meſmo Veneravel Padre hum Compromiſſo fundado em tanto zelo do proximo, que parece foy inſpirado por Deos. Foy-ſe extendendo a Irmandade por todo

[1] Gil Gonçalv. de Avila nas Grandez. de Madrid lib. 4. apud Maced. nas Flor. de Eſpaña cap. 9. excel. 9. n. 2. Merveiù Memoires inſtructifs. pour un Voyageur tom. 2. p. 144. D. Franc. de Herrera na Vida do B. Obregon p. 151. Cardoſ. Agiol. Luſit. tom. 1. p. 284. Santuar. Marian. tom. 1. p. 64.

do o Reino, até que concluida eſta Igreja da Miſericordia, ſe transferio para ella em 25 de Março de de 1534 com huma prociſſaõ ſolemniſſima: e para ſe conſervar a memoria do Fundador, ſe fez hum aſſento no anno de 1575, em que a Meſa mandou ſe pintaſſe ſempre nas bandeiras da Caſa a copia, e retrato do ſobredito Religioſo no meſmo habito da ſua Ordem com eſtas letras F. M. I., que querem dizer Fr. Miguel Inſtituidor.

259 Começou eſta Irmandade por cem Irmãos cincoenta nobres, e cincoenta mecanicos: depois ſe alargou o indulto a ſeiſcentos. Compoem-ſe de hum Provedor, que ſempre he Cavalheiro, dos quaes expende hum Catalogo D. Antonio Caetano de Souſa no *tom.* 4. *do Agiolog. pag.* 26. deſde D. Pedro de Moura, que foy o primeiro até D. Pedro de Almeida Marquez de Alorna: tem mais hum Eſcrivaõ, hum Recebedor das eſmolas, dous Mordomos dos prezos, ſeis Viſitadores, e outros mais Irmãos competentes para o ſeu governo; mas todos eleitos por votos em dia da viſitaçaõ de Noſſa Senhora a 2 de Julho.

260 He o inſtituto deſta Irmandade acodir às neceſſidades do proximo, caſar orfãs, curar enfermos, ſuſtentar, e viſitar viuvas pobres, paſſar cartas de guia, ou de recomendaçaõ para commodo dos peregrinos, enterrar os defuntos, defender as cauſas dos prezos, ſuſtentallos, e livrallos dos carceres, acompanhar os juſtiçados até o patibulo, e finalmente concorrer para todo o exercicio, que for obra de caridade, e miſericordia; diſpendendo em todos eſtes actos grande ſomma de dinheiro, para que tambem concorre muito a piedade dos Catholicos, que a tem enriquecido com muitos legados, paſſando a renda deſta ſanta Caſa de cem mil cruzados cada anno.

261 Tem ella cinco actos publicos, em que devem aſſiſtir todos os Irmãos ſem falta. I. No dia da

Viſitaçaõ de Noſſa Senhora à eleiçaõ annual, e à feſta. II. Em dia de S. Lourenço para a eleiçaõ dos ſeis Viſitadores. III. Em dia de todos os Santos de tarde para a trasladaçaõ dos oſſos dos padecentes que morreraõ enforcados. IV. Em dia de S. Martinho Biſpo para o Officio ſolemne dos Irmãos defuntos. V. Em a noite de Quinta feira ſanta para a prociſſaõ com que viſitaõ as Igrejas. Antigamente ſe fazia eſta prociſſaõ com muita ſolemnidade, e penitencia. Referiremos o que achámos acerca diſto em huma fidedigna Relaçaõ daquelle tempo.

„ Partem da Igreja os Irmãos em anoitecendo, „ e vaõ pela rua nova ter a S. Franciſco, e dalli „ paſſaõ à Trindade, e deſcem ao Carmo, e dalli „ vaõ a S. Domingos, e tornaõ pelo Rocio, e pe- „ la Praça da palha, rua das Arcas, Correaria até „ a Sé, e da Sé tornaõ à Miſericordia, gaſtando „ niſto até a meya noite, e às vezes até a huma ho- „ ra. Os Irmãos ſeráõ ſempre duzentos e cincoen- „ ta, até trezentos, e todos vaõ veſtidos com ſuas „ veſtimentas pretas, e poſtos em ordem de prociſ- „ ſaõ com ſuas velas nas mãos.

„ Diante delles vaõ oitocentos, novecentos, até „ mil homens, e mulheres diſciplinando-ſe, os „ quaes todos vaõ veſtidos de veſtimentas pretas, e „ aſſim homens, como mulheres, ſe ferem com as „ diſciplinas, que tiraõ muito ſangue; e eſta pro- „ ciſſaõ vay repartida em tres, ou quatro eſtancias, „ e entre huma, e outra hum retabulo, ou Chriſ- „ to poſto na Cruz, e no meyo vaõ dez, ou doze „ Irmãos com ſuas varas regendo-os, e metendo-os „ em ordem.

„ Entre eſtes diſciplinantes vaõ muitos homens „ com barras de ferro, e Cruzes de páo grandes, „ e pedras às coſtas: e para claridade da gente le- „ vaõ cincoenta faroes de fogo, em que ſe gaſtaõ „ dous mil novelos de fiado de tomentos engraxa- „ dos em borras de azeite, e cebo para darem bom

„ lu-

„ lume, os quaes faroes vaõ poſtos em haſteas mui-
„ to compridas, e altas; e levaõ trinta lanternas
„ muito grandes metidas tambem em haſteas com
„ velas dentro acezas; e os Irmãos que regem, tra-
„ zem nas mãos quantidade de velas para tanto que
„ faltar proverem de outras: levaõ mais trinta ho-
„ mens com bacias nas mãos cheas de vinho cozi-
„ do, e os diſciplinantes molhaõ, e lavaõ nelle as
„ diſciplinas, porque lhe apertaõ as carnes. Da meſ-
„ ma maneira vaõ dez, ou doze homens com cai-
„ xas de marmelada feita em fatias, as quaes man-
„ daõ muitas peſſoas fidalgas, e devotas, que daõ
„ aos penitentes; e levaõ outras de confeitado, e
„ de cidraõ para os que enfraquecerem ſoccorre-
„ rem-lhe com hum bocado: e vaõ outros tantos
„ homens com quartas de agua, e pucaros nas mãos
„ dando agua aos que tem della neceſſidade. E tan-
„ to que chegaõ à caſa da Miſericordia eſtaõ Fy-
„ ſicos que expremem as chagas dos penitentes, e
„ lhas lavaõ com vinho para iſſo confeicionado, e
„ os apertaõ, e veſtem, e ſe vaõ curados para ſuas
„ caſas.

Recolhimento.

262 Aos lados da Igreja ſe fundaraõ dous magnificos Recolhimentos de donzellas orfãs, que ainda que ſeparados, tinhaõ communicaçaõ hum com outro, e com tribunas para a Igreja. A Meſa da Miſericordia o adminiſtra, e provê cincoenta e oito lugares para orfãs, dos quaes quarenta foraõ inſtituidos por Manoel Rodrigues da Coſta, Fidalgo, e Commendador da Ordem de Chriſto, que falleceo em Junho de 1684, deixando para cada orfã cem mil reis de dote. Os outros lugares ſaõ da Caſa. Havia finalmente neſta Igreja por detrás do Altar mór hum Coro, em que rezavaõ ſeſſenta Capellães as Horas Canonicas.

263 Succedendo o grande terremoto do primei-

ro

ro de Novembro, cahio do cruzeiro da Igreja huma porçaõ da abobeda, e hum campanario, que ficava por cima da porta da banda do terreiro; de cujo precipicio, e ruina morreraõ algumas peſſoas. Ficou o Padre Theſoureiro na Sacriſtia todo o Sabbado até quaſi noite, e as orfãs até eſſe tempo ſe conſervavaõ no Recolhimento; mas vendo que os tremores continuavaõ, ſe reſolveraõ a ſahir, e foraõ para a Horta da Bica do Sapato em companhia de hum homem do azul, que era o Porteiro, e do Padre Theſoureiro, que com grande enleyo, ſem ſe lembrar de mais nada, deixando as portas da Igreja, e da Sacriſtia abertas, expoz à mayor ruina toda a ſua fabrica, aſſim de ornamentos, que havia muitos, e excellentes, por ſe acharem de proximo reformados; como de prata, de que apenas por diligencia dos Officiaes da Juſtiça ſe livraraõ algumas alampadas; podendo livrarſe tudo com muito ſocego de ladrões, e do incendio; porque eſte naõ entrou na Igreja da Miſericordia, ſenaõ pelas nove horas da manhã no Domingo ſeguinte.

264 Abrazou-ſe finalmente o Recolhimento, e demolio-ſe com o incendio a Igreja, ficando todavia iſenta a Capella do Santiſſimo, onde eſteve ao deſamparo cinco, ou ſeis dias, em que durou o fogo. Tambem ficou illeſo o retabolo da Capella do Santo Chriſto dos padecentes, que já a eſte tempo haviaõ livrado a veneravel imagem, poſto que até agora ainda ſe naõ reſtituio, nem a inſtancias de cenſuras, que para eſte fim, e de outras mais couſas ſe tem publicado. Ficou da meſma ſorte reduzida a cinzas a caſa do Deſpacho, Secretaria, e Cartorio, ſem que ficaſſe couſa alguma. Abrazou ſe a ſagrada Reliquia do braço de Santa Anna, que eſtava em hum Oratorio na caſa da Meſa, ficando conſumida dentro do meſmo Relicario de prata; cujas cinzas, e dous oſſinhos, que moſtravaõ ſer de dedos, ſe conſervaõ ainda no meſmo Relicario, que

ſe

ſe mandou guardar com toda a decencia.

265 Paſſados alguns dias ſe ordenou, que os Padres continuaſſem na Capella do Sacramento a exercer os actos do Coro, o que fizeraõ em turmas, e aſſim continuaraõ até o dia de S. Thomé do meſmo anno, em que por medo do tremor de terra, que entaõ houve, ſe paſſaraõ para a barraca da Freguezia de S. Joſeph, onde ſó hum dia rezaraõ; porque aproveitando-ſe o Eminentiſſimo Prelado da meſma barraca, mandou ir para ella a Communidade da Baſilica de Santa Maria, e os Padres Capellães da Miſericordia paſſaraõ para a Ermida de Noſſa Senhora do Bom ſucceſſo na calçada do Lavre, e aqui rezaraõ até Setembro do anno de 1756. Depois com racionavel motivo foraõ para a Ermida de S. Pedro de Val de Pereiro, onde eſtiveraõ alguns dias. Ultimamente ſe transferiraõ para a Ermida de S. Vicente Ferrer às Olarias, onde actualmente exiſtem.

266 As Orfãs porém naõ ſe achando bem accomodadas na Bica do Sapato, para cujo ſitio ſe haviaõ refugiado, paſſaraõ para Belem, e aqui experimentando mayor deſcommodo, ſe lhe alugou as caſas de Diogo Liberato na rua dos Anjos defronte da traveſſa do Deſterro, onde permaneceraõ até o S. Joaõ de 1756, em cujo dia ſe mudaraõ para humas caſas nobres do Deſembargador Filippe Ribeiro da Silva, contiguas à Ermida de S. Vicente Ferrer, das quaes paſſaraõ para a calçada de S. André, accommodando-ſe nas caſas que deſoccuparaõ os Engeitados, pela paſſagem que eſtes fizeraõ para o Collegio de Santo Antaõ, pelo Natal do anno de 1762: e aqui preſentemente ſe achaõ mais bem accommodadas.

267 Neſte meyo tempo fazia tambem a Meſa diligencia pela ſua accommodaçaõ; porque ſuppoſto naõ faltavaõ aviſos da Secretaria de Eſtado, para ſe darem à Miſericordia os materiaes, que foſſem

ſem preciſos, era tal a deſordem, e confuſaõ daquelles primeiros dias, que naõ ſe podia pôr couſa alguma em execuçaõ; até que ſe reſolveo em fazer os actos da Meſa em huma barraca de panno, e taboas velhas, que eſtava na rua de S. Bento, a qual era de Antonio Rodrigues Gil Meſtre Carpinteiro, e Irmaõ da Miſericordia; e reformando-ſe eſta pelo tempo adiante com mais largueza, alli aſſiſtio a Meſa até o S. Joaõ de 1756; porque huma accommodaçaõ, que intentou fazer na Cotovia, naõ teve effeito; depois ſe paſſou para as caſas de Diogo Liberato, donde tinhaõ ſahido as Recolhidas; e ultimamente ſe eſtabeleceo a Meſa nas caſas, que alugou junto da Ermida de S. Vicente Ferrer às Olarias.

S. Sebaſtiaõ. Exiſtio primeiramente eſta Ermida na rua da Padaria, onde foy fundada no anno de 1471, conforme affirma Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira no ſeu Summario; porém com a ultima reedificaçaõ, que ſe lhe fez, tinha a porta para a parte da Miſericordia, e era adminiſtrada pelo Tribunal da Saude. Com o terremoto, e incendio ſe demolio de ſorte, que naõ ſe conhece o ſitio onde exiſtia.

268 Numerava eſta Paroquia oitocentos e noventa e ſeis fógos, e quatro mil e duzentas e cincoenta e cinco peſſoas de communhaõ. Hoje eſtá reduzida a huma deploravel decadencia; vendo-ſe deſerta, e arruinada huma grande parte das ſuas ruas, que eraõ as ſeguintes.

Ruas.

Albuquerque, Almargem, Arco da Conſolaçaõ, e de S. Franciſco, Baraõ, Calçadinha da Graça, e de Quebracoſtas, Campo das Cebolas, Canaſtras, Conegos, Cruzes da Sé, Direita de Santo Antonio, Detrás de Santo Antonio, Joaõ Fogaça, S. Joaõ da Praça, S. Jorge, Largo do Aljube, e da Baſilica, e das Cruzes da Sé, e do Senhor de Bellas,

Meyo

Meyo da Ribeira, Mercearias dos homens, e das mulheres, Parreirinha, Paſſadiço da Ribeira, Pateo de Santo Antonio, e da Audiencia, Portas do Ferro, e do Mar.

Becos.

Abreu, Alecrim, Aljube, Amada, Armazens, Bogio, Grinalda, Jaſmim, Leaõ, Mel, Merceeiras, Perola, Seixo da pate de baixo, e da parte de cima.

Freguezias confinantes.

S. Bartholomeu, S. Joaõ da Praça, S. Jorge, S. Mamede, Santa Maria Magdalena.

XXIII.

Santa Maria Magdalena.

269 NAõ obſtante haver padecido eſta Igreja por varias vezes alguns contratempos, como foraõ os incendios ſuccedidos no anno de 1369, em tempo de ElRey D. Fernando, e de ElRey D. Manoel (1) os terriveis effeitos da peſte do anno de 1560, e o memoravel eſtrago do furacaõ de vento no anno de 1600, cujos ſucceſſos arruinaraõ, e conſumiraõ a mayor parte dos documentos do ſeu Cartorio; todavia conſervava-ſe ainda nelle hum livro antiquiſſimo, que vimos, pelo qual conſtava, que na era de 1202, que correſponde aos annos de Chriſto de 1164, falecera D. Fuas, Prior deſta Igreja, e lhe deixara as terras, e herdade do Murganhal com hum encargo de Anniverſario, o qual ainda ſe fazia a 13 de Setembro.

270 Continuaõ as memorias deſta Paroquia ainda pelos annos de 1237, pois ſegundo refere o Chroniſta mór Fr. Franciſco Brandaõ, (2) por eſſe tem-

[1] Duarte Nunes Chronic. dos Reys de Portug. pag. mihi 165.
[2] Monarq. Luſit. liv. 16. cap. 12.

po reinando D. Sancho II., conſta de huma Eſcritura, que Joaõ Annes, e Ouroona Richardes pagavaõ às Religioſas de Chellas o foro de humas caſas, que eſtavaõ ſitas na Freguezia da Magdalena junto ao Paço dos navios de ElRey: *Quas habemus in Parochia Sanctæ Mariæ Magdalenæ circa Palatium navigiorum Regis.*

271 A' viſta deſta antiguidade tiveraõ alguns para ſi, que a cauſa de pertenderem os Irmãos do Santiſſimo deſta Paroquia hombrear nos actos publicos proceſſionaes com os da Freguezia de Noſſa Senhora dos Martyres, era reſpeitando a igual primazia das ſuas origens, e erecções; o que naõ póde ſer, porque a dos Martyres he ſem controverſia mais antiga. A razaõ fundamental deſta igual concurrencia procede da tradiçaõ, que ha de ſerem os Irmãos do Santiſſimo da Magdalena os primeiros, que neſta Cidade introduziraõ as oppas, ou capas vermelhas, ſem embargo, que naõ falta quem lhes refuta eſta primeira invençaõ. (1)

272 Sempre foy eſta Igreja do Padroado Real, como conſta do Cenſual da Mitra feito pelo Arcebiſpo D. Fernando de Menezes no anno de 1547, que vimos; e de hum contrato celebrado no anno de 1352, ſendo Biſpo de Lisboa D. Theobaldo, em que com authoridade Regia, ſendo Prior, ou Reitor o Meſtre Joaõ Fogaça, ſe dividiraõ os frutos deſta Igreja entre o Prior, e Beneficiados, que até aquelle tempo viviaõ juntos em humas caſas miſticas à Igreja. Preſentemente he do Padroado das Sereniſſimas Rainhas, e era reputado o ſeu rendimento até o dia do terremoto em ſeiſcentos mil reis.

273 Ha neſta Igreja cinco Beneficios de cem mil reis cada hum, que apreſenta, e colla o meſmo Prior. Havia mais de quarenta Capellães obrigados a dizer Miſſa neſta Igreja todos os dias. Conſtava ella

[1] Fr. Apollinar. na Demonſtr. Hiſtor. num. 151.

ella de onze Altares. O Altar mór era adminiſtrado pela Irmandade do Santiſſimo, a qual com toda a grandeza em as feſtas, que celebrava, dava bem a entender o ſeu zelo, e obſequio; apreſentando, e adminiſtrando vinte e huma Capellas de differentes ordenados.

274 No Altar da parte do Evangelho, e mais proximo à Capella mór, que era de Santa Anna, ſe havia collocado no anno de 1715 a ſagrada, e antiquiſſima Imagem do Senhor Jeſus dos Perdões, na qual o zelo do Padre Pedro de Oliveira inſtituio huma nobre Congregaçaõ, e em todas as primeiras Sextas feiras dos mezes ſe expunha o Santiſſimo no lado da meſma Imagem com muitas indulgencias. Participava eſta Irmandade de huma eſpecial Sacriſtia ornada com hum bom numero de Reliquias; entre as quaes ſe diſtinguia a do Santo Lenho, e hum oſſo de Santa Catharina, que deu o Biſpo de Tagaſte D. Manoel da Silva Francez, ſeu primeiro Protector.

275 Seguia-ſe a Capella de Santa Luzia, que em algum tempo feſtejavaõ os Correeiros. No outro Altar immediato, que era de S. Chriſtovaõ, eſtava collocada a bella Imagem do Menino Jeſus com o titulo de Bom Paſtor, e a de S. Tude; a cujos ſimulacros feſtejavaõ devotos particulares ſolemniſſimamente. O Altar, que ſe ſeguia, era dos Santos Apoſtolos, Simaõ, e Judas, onde tambem ſe venerava huma Imagem da Senhora Santa Anna. O ultimo Altar proximo à porta era o de S. Clemente.

276 Da parte da Epiſtola era o primeiro o de Noſſa Senhora das Candeas; o ſegundo o de S. Miguel, e Almas com vinte Capellães de cincoenta mil reis cada hum, extrahida toda eſta renda das eſmolas da bacia; o terceiro de S. Coſme, e S. Damiaõ, a quem feſtejavaõ os profeſſores da Medicina. O quarto de S. Eloy, cujo culto corria por conta dos Ourives da prata. O quinto, e ultimo era

de S. Sebaſtiaõ o mais antigo deſta Igreja, e a quem feſtejavaõ os Alfayates da rua do Principe.

277 Neſte florentiſſimo eſtado ſe achava taõ veneravel Paroquia, quando reſiſtindo vitorioſo o ſeu Templo ao incidente do terremoto, naõ pode todavia eſcapar ao incendio ſucceſſivo, que tudo reduzio nelle ao ultimo eſtrago, e deſtruiçaõ: livrandoſe unicamente o Santiſſimo Sacramento por diligencia do Paroco Joaõ Pinto da Cruz, que ſem algum ornato, mas como fugindo apreſſadamente de taõ violento inimigo, ſe foy refugiar abraçado com a ſagrada Pyxide em a Igreja de Santa Apollonia; donde veyo depois agregarſe à Freguezia de S. Juliaõ em huma pobre barraca no Terreiro do Paço, donde paſſou para a Freguezia de S. Martinho, em que ainda exiſte. Pereceraõ neſte horrivel fracaſſo cento e trinta e nove peſſoas.

278 Achavaõ-ſe erectas no territorio deſta Paroquia as ſeguintes

Ermidas.

Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ. Era huma pequena Ermida, que eſtava no meyo da rua dos Ourives da prata, a qual elles fabricaraõ à ſua cuſta no anno de 1697, e a tinhaõ muito bem ornada. O fogo a conſumio de ſorte, que naõ permanece della, nem ſinal onde eſteve.

Noſſa Senhora de Belem. Era hum Hoſpital, ou Albergaria, chamada Hoſpital dos Palmeiros fundado no anno de 1330, ſegundo ſe colligia de hum letreiro, que eſtava por cima da porta. (1) Tambem o incendio totalmente o conſumio.

279 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de oitocentos fógos, e tres mil ſetecentas peſſoas de com-

[1] Veja-ſe o Summario de Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira, e a Corograf. Port. 3. p. 453. e o Santuar. Marian. tom. 7. p. 144.

communhaõ: hoje acha-ſe com quatro fógos, e quatrocentas e trinta e quatro peſſoas diſperſas por varias barracas; porque as ruas totalmente ſe extinguiraõ com a ruina dos edificios: eraõ ellas as ſeguintes.

Ruas.

Arco do Caranguejo, Arco de D. Tereſa, Armazens, Caes da Pedra, (1) Calçada do Correyo, Calçada detrás da Igreja, Carneçarias, Celleiros, Confeitaria, Correaria, Eſcada de pedra, Fancaria, D. Gil e Annes, Hoſpital dos Palmeiros, Louceiras, D. Mafalda, Padaria, (2) Pedras negras, Pelourinho, (3) Porta de ferro, Porta do Terreiro,

---

[1] Eſte Caes, que ultimamente ſe havia ampliado, e reedificado com toda a fortaleza experimentou huma total ſubmerſaõ em o fatal dia do terremoto; tragando-o o mar com taõ exquiſito furor, e nelle a muitas peſſoas, que por muitos dias ſe lhe naõ pode conhecer fundo do ſeu abatimento. [2] Neſta rua, que era habitada de officiaes de Capateiro, houve no meyo della da parte direita, indo da Miſericordia para Santa Maria, humas caſas chamadas o Paço dos Tabelliães, onde como em Tribunal aſſiſtiaõ Notarios publicos, que faziaõ Eſcrituras, e outros inſtrumentos de compras, e vendas, &c. Da origem deſte quaſi Tribunal naõ ſe acha memoria; o que ſabemos he, que pelo deſconcerto dos tempos ſe foraõ em noſſos dias inſenſivelmente exonerando deſta obrigaçaõ alguns dos ditos Tabelliães, e os poucos, que ficaraõ reſidindo no dito Paço alcançaraõ de ElRey D. Joaõ V. a faculdade, que lhe ſupplicaraõ de ſervirem os Officios em ſuas caſas; por cujo motivo ficando devoluto o tal domicilio, o pedio ao ſobredito Monarca Felix Joſeph de Carvalho Moço da Prata, e Eſcrivaõ da Ouvidoria da Alfandega, o qual lho concedeo por hum Aviſo, que o Secretario de Eſtado Marco Antonio de Azevedo eſcreveo em 23 de Abril de 1749 ao Deſembargador Franciſco da Cunha Rego, Vereador mais antigo da Camera de Lisboa. [3] Neſte ſitio havia antigamente o coſtume de aſſiſtirem varios homens com ſuas meſas para eſcrever cartas, e petições às peſſoas, que tinhaõ dellas neceſſidade. Lembra-ſe diſto Damiaõ de Goes na Deſcripçaõ de Lisboa, que publicou na lingua Latina em o anno de 1554, onde diz: *E' regione hujus portorii forum quod veteris pali* (iſto he, Pelourinho velho) *vocatur, apparet, in quo ſemper non pauci homines menſis aſſiſtentes reperies, quos notarios, vel librarios vocare poſſimus, nullis tamen Civitatis miniſteriis obligatos. Hi omnes ex hoc vita genere ſibi alimentum ſu-*

ro, Portagem, Principe, Rua nova da parte dos Livreiros, Rua nova parte dos Mercadores, Rua da prata, Terreiro do Paço, (1) Traveſſa dos Armazens, Veropezo.

Becos.

Açougue, Cura, Eſpera rapaz, Martim alho.

Freguezias confinantes.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ, S. Juliaõ, S. Mamede, Santa Maria, S. Nicolao.

XXIV.

Santa Marinha.

280 DE huma inſcripçaõ, que eſtá ſobre a porta principal deſta Igreja da parte do Evangelho, conſta ter ſido ſagrada aos 12 de Dezembro de 1222, (2) e eſte he o documento mais certo da ſua antiguidade. Foy ella do Padroado Real, que ElRey D. Diniz deu a Pedro Salgado; hoje acha-

---

ſupeditant, quod omnium accedentium, menteſque ſuas explicantium ſenſum aſſequantur, ordineque in eodem ipſo loco ſubito ſchedis, ſcribant, petentibuſque dato pro ratione materiæ pretio, tradant; in tantum ut literas, epiſtolaſque amatorias, elogia, orationes, epitaphia, carmina, laudes, parentalia, petitiones, ſyngrapha, & cujuſcumque generis alia, quæ ab eis poſtulareris, ad ea habeant diſpoſitum ſcribendi ſtilum, quod nullibi in totius Europæ urbibus fieri vidi. O meſmo affirma Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira, como ſe lê no ſeu Summario impreſſo no anno de 1551. [1] Huma das mayores praças, que tinha Lisboa era eſte eſpaçoſo terrapleno, em o qual a viſta do Palacio Real, e outros illuſtres edificios da parte da terra com a variedade das muitas embarcações grandes, e pequenas no mar viſinho, formavaõ huma bella perſpectiva. Desfigurou tudo o terrivel incendio ſucceſſivo ao terremoto, reduzindo a cinzas quanto encerrava taõ famoſo Palacio; e ſobre tudo com perda irreparavel a precioſiſſima, e vaſta Bibliotheca Regia chea de innumeraveis corpos de livros rariſſimos, e codices m. ſ. O Palacio ſe tem demolido para ſe projectar outro artefacto, e formar huma nobiliſſima praça de Commercio, com varias accommodações para os Tribunaes. [2] Corograf. Port. tom. 3. pag. 363.

acha-ſe na Ordem de Chriſto. O ſeu Prior he de collaçaõ ordinaria, e tem alternativa com Roma: reputa-ſe o ſeu rendimento em ſetecentos mil reis, por lhe andar annexa a Capella, que aqui inſtituio o ſobredito Pedro Salgado. (1) Ha na Igreja cinco Beneficios com obrigaçaõ de Coro, que apreſenta o Prelado, e rende cada hum oitenta mil reis.

281 As Capellas aqui eſtabelecidas ſaõ as ſeguintes: huma do mencionado Pedro Salgado de Miſſa quotidiana com quarenta mil reis; eſtabeleceo mais o meſmo inſtituidor tres Mercieiras com a congrua de doze alqueires de trigo a cada huma, quinhentos reis em dinheiro, e caſas para morarem. No anno de 1621, inſtituio aqui outra Capella o Deſembargador Carlos Brandaõ Pereira de Miſſa quotidiana com a congrua de dezaſete mil e quinhentos reis cada anno, a qual ſe naõ ſatisfaz, e vay para os legados naõ cumpridos. Ha mais outra Capella de Miſſa quotidiana com huma livre cada ſemana, inſtituida pelo Fyſico mór do Reino Manoel Pereira da Coſta com a congrua de cincoenta mil reis. Foy muito pequeno o prejuizo, ou quaſi nada, que eſta Igreja experimentou no dia do grande terremoto. Conſtava antes delle de duzentos fógos diſtribuidos pelas ſeguintes

Ruas, e Becos.

Adro da Igreja, Calçada da Graça, e de Santa Monica, Beco do Agulheiro, e das Cabras, largo da Igreja, e de Santa Monica, rua Direita, e da Oliveirinha, e do Tijolo, Terreirinho, Traveſſa de Santa Monica.

Freguezias confinantes.

Santo André, S. Thomé, S. Vicente.

XXV.

---

[1] Brandaõ na Monarq. Luſit. liv. 17. cap. 19.

XXV.

S. Martinho.

282 A Fundaçaõ deſta Paroquia he reputada entre as antigas da Cidade, porque já deſde o anno de 1168, achamos em Eſcrituras memorias della. (1) Na meſma Igreja exiſte hum authentico documento da ſua antiguidade, pois entre a Capella de S. Franciſco, e o cunhal do arco do Coro eſtá hum nicho, que foy feito para confeſſionario, no qual ſe lê em huma pedra a inſcripçaõ ſeguinte:

XIII. K. Februarij. IHNVS Ramirus Hũ. Eccæ Priorus Prefectus Obijt E. M. CC. XXI.

Quer dizer: *Decimo tertio Kalendas Februarij Hieronymus Ramirus hujus Eccleſiæ Priorus Præfectus obiit æra* 1221. De cujo monumento ſe collige, que no anno de Chriſto de 1183, a que correſponde a data da era de 1221, lograva eſta Igreja a preeminencia de Priorado. Tambem conſta, que no primeiro de Mayo de 1191, aſſiſtira o Prior deſta Igreja ao Synodo, que na Cathedral fizera o Biſpo D. Sueiro Annes. (2)

283 Com o tempo ſe arruinou o primeiro edificio, e querendo o Conde de Villa Nova D. Gregorio de Caſtello Branco correr com o diſpendio da ſua reedificaçaõ, lhe lançou ſolemnemente a primeira pedra nos fundamentos da nova Igreja a 11 de Novembro de 1634, ſendo entaõ Prior della o Doutor Simaõ Torrezaõ Coelho Deputado do San-

to

[1] Vide Cunha no Catalogo dos Biſp. de Liſb. part. 2. cap. 7. n. 4.
[2] D. Nicol. de Santa Maria Chron. dos Coneg. Regr. part. 2. cap. 11. pag. 145.

to Officio, e Lente da Univerſidade. Da memoria deſta reedificaçaõ conſta, que a primeira pedra fundamental ſe collocara naquella parte, em que ſe levantou o cunhal da Igreja, ſobre que eſtá fabricado o arco do paſſadiço, que vay das caſas do Conde para a tribuna, e que a dita pedra eſtá coberta com outra, a qual tem gravada a ſeguinte inſcripçaõ.

✠
I H S.

Anno à Chriſto nato MDCXXXIV. ſedente ad Eccleſiæ Romanæ clavum Urbano VIII. P.M. Imperante Philippo Hiſpaniarum 4. & 3. hujus nominis Luſitaniæ Rege, Eccleſiam iſtam D. Martino Turonen. Epiſcopo, & pauperum patri dicatam, temporum injuriis, jam ac vetuſtate labentem, avita pietate, & regia magnificentia, propriis impenſis iterum à primis erexit fundamentis, & in elegantiorem faciem, quam quondam habuerat, reſtituere curavit D. D. Gregorius à Caſtelbranco, Comes Villæ Novæ, Sortelliæ, & Goeſiæ domus Dymnaſta, Regijque corporis Cuſtos maximus. XI. q. Novembr. die eidem Sanctiſſ. Præſuli ſacro, primum iſtum lapidem jecit.

284 Saõ as Sereniſſimas Rainhas Donatarias deſta Igreja, cujo Padroado ſe reputa render quatrocentos mil reis, pouco mais, ou menos, porque ſe extrahem da quarta parte dos dizimos de Barcarena, e Alverca. Pelo novo Regimento da Caſa da Supplicaçaõ ſe manda dar ao Paroco deſta Freguezia trinta mil reis em gratificaçaõ, e reconhecimento do trabalho, que tem com os prezos das cadeas do Limoeiro. Ha na Igreja quatro Beneficios, que apreſenta o Prior, os quaes ſaõ quatro Apreſtimos, ou Preſtimonios, que tem os Beneficiados ſeparados do monte grande; tres dos quaes rende cada hum oitenta mil reis, e o outro quarenta mil reis,

que os podem comer inteiramente em caſa, ſe naõ querem reſidir; porém reſidindo, tem além do groſſo do ſeu Beneficio noventa alqueires de trigo, e huma pipa de vinho cada hum, fóra o que rende o pé de Altar pro rata.

285 As Capellas, que ha neſta Igreja, ſaõ eſtas: huma de Miſſa quotidiana, e com a obrigaçaõ de ſe rezar hum Nocturno a 3 de Novembro pela alma de D. Lopo de Caſtellobranco, de que he administrador o Conde de Villa Nova, mas naõ ſe ſatisfaz, por ſer de tenue eſmola. Outra de quarenta mil reis, e de Miſſa quotidiana pela alma de D. Antonio de Caſtellobranco, a qual adminiſtra o Conde de Valladares, e ſe ſatisfaz. Outra de cem Miſſas de eſmola ordinaria ditas no Altar da Senhora da Piedade pela alma de Joaõ de Loredo. Ha outra deambulatoria, que ſe reduzio a ſeis mezes de Miſſas, inſtituida por Marianna Preta de Negreiros, que tem de congrua naõ mais que vinte e cinco mil reis, pagos como juro na Theſouraria do Tabaco.

286 Padeceo eſta Igreja ſuas ruinas com o eſpantoſo terremoto, abrindo-ſe, e cahindo aos ſeus impulſos algumas porções das abobedas, e paredes, e precipitando-ſe hum dos ſinos da ſua torre, que ſe fez em pedaços. Arruinaraõ-ſe tambem algumas caſas pertencentes à Meſa Prioral deſta Igreja, e outras mais da propria Freguezia, e com eſpecialidade as cadeas da Cidade, e da Corte, donde os prezos ſahiraõ francamente, e a Caſa da Relaçaõ experimentaraõ horrivel deſtroço. Neſta ruina falleceraõ à porta da Igreja ſete peſſoas, entre as quaes ficou incluſo Paulo Farinha Sargento mór Engenheiro, cuja capacidade, e intelligencia nas materias Mathematicas era digna de eſtimaçaõ; participando ſua mulher, e huma criada da meſma violenta morte, com que alli foraõ acommetidas.

287 Paſſado hum mez, em que a mayor perturbaçaõ dos animos ſe havia algum tanto ſerenado,

foy

foy eſta Freguezia ſituarſe na Ermida de Santa Barbara às Fontainhas, onde eſteve por eſpaço de nove mezes na companhia da de S. Jorge, em a qual Ermida ambos os Priores exercitaraõ por turnos os Officios Divinos, com huma alternada harmonia até Setembro de 1756, em cujo tempo, e dia do Santiſſimo Nome de Maria, ſe reſtituio a eſta antiga Igreja de S. Martinho já reparada o ſeu Prior Rodrigo Joſeph Dourado de Mariz Sarmento, celebrando nella em acçaõ de graças Pontificalmente o Excellentiſſimo Principal Portugal.

288 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de trinta fógos, e perto de trezentas peſſoas de communhaõ. Os meſmos conſerva ainda hoje, experimentando ſómente a diminuiçaõ nas peſſoas do Limoeiro, por ficar desfeita, e totalmente inhabitavel a cadea da Cidade. Eſta cadea, ou carcere de malfeitores, chamada Limoeiro, e a Caſa da Supplicaçaõ alli contigua foy obra ſumptuoſa, que mandou fazer ElRey D. Manoel, e ſegundo eſcreve o Chroniſta mór Fr. Franciſco Brandaõ, aqui habitaraõ as Commendadeiras de Santos pelos annos de 1405, quando eſtes Paços eraõ do Infante D. Duarte, filho de ElRey D. Joaõ I. (1)

Ruas.

He muito pequena a extenſaõ deſta Paroquia, porque naõ paſſa do beco do Bogio, que he huma rua, ou traveſſa, que fica logo abaixo da Igreja indo para a de S. Jorge, e acaba no fim da cadea até a Chancellaria excluſivè. Tem mais nos ſeus limites o pateo chamado do Carraſco, que fica para a parte eſquerda da Igreja.

Freguezias confinantes.

S. Jorge, Santiago.

---

(1) Goes Chron. de ElRey D. Manoel part. 4. cap. 85. Monarq. Luſit. liv. 17. cap. 57.

XXVI.

Noſſa Senhora dos Martyres.

289 A Primeira fundaçaõ deſta Igreja ſe deve aos Cavalleiros Eſtrangeiros, que ajudaraõ ao famoſo Heroe D. Affonſo Henriques na expugnaçaõ de Lisboa pelos annos de 1147. Havia o inclyto Rey mandado benzer eſte ſitio pelo Arcebiſpo de Braga D. Joaõ Peculiar, que o acompanhou neſta guerra, para ſervir de cemeterio decente aos corpos dos que morriaõ na conquiſta deſta Cidade, e logo aquelles Cavalleiros fizeraõ erigir nelle huma Ermida, onde collocaraõ a Imagem de Noſſa Senhora, (1) que haviaõ trazido na armada: e porque ſe reputavaõ por Martyres os que acabavaõ a vida derramando ſeu ſangue neſta empreza, ſe chamou delles a Senhora, e o Templo, ao qual depois de conquiſtada a Cidade ampliou mais o meſmo Rey.

290 Por eſta indubitavel origem ſem contradiçaõ alguma goza eſta Igreja da primazia entre as mais Paroquias da Corte, corroborando naõ pouco eſta preeminencia naõ ſó conſervarſe nella a primeira pia bautiſmal com a Inſcripçaõ, poſto que renovada no anno de 1602, de ſe ter alli bautizado o primeiro Chriſtaõ deſta Cidade, mas de eſtar de poſſe de tempo immemoravel de fazer com ſolemne prociſſaõ a feſta do Santiſſimo Sacramento na veſpera do Corpo de Deos, primeiro que nenhuma outra Freguezia da Cidade.

291 Foy eſta Igreja ſagrada, como conſta da ſua

---

[1] Por intervençaõ deſta ſagrada Imagem obrou Deos muitos milagres, o que dá a entender Camões no Soneto 50 da addiçaõ das Rimas apud Faria p. 351. Veja-ſe tambem o Santuar. Mariano tom. 1. e a Fr. Apollinar. da Conceiçaõ, que no livro intitulado *Demonſtraçaõ Hiſtorica* tratou largamente deſta Paroquia.

ſua Dedicaçaõ celebrada a 13 de Mayo, de que faz memoria o Martyrologio Luſitano, e por tres vezes tem ſido reformada a ſua architectura. A primeira no anno de 1598, em cuja obra, que durou quatro annos, ſe gaſtaraõ cinco mil cruzados extrahidos de huma finta, que ſe lançou por todos os ſeus freguezes. A ſegunda no anno de 1710, em que ſe deſpenderaõ mais de cincoenta mil cruzados. A terceira ſe concluio no anno de 1750 com o diſpendio de mais de cem mil cruzados, procedidos de eſmolas particulares, ficando deſta ultima vez reedificada na ultima perfeiçaõ, eſpecialmente na magnificencia interior do Templo, ſem duvida hum dos melhores da Corte.

292 O rendimento do Paroco he todo extrahido do chamado pé de altar, que importava quinhentos mil reis cada anno, dos quaes levava o dito Paroco metade, e a outra metade ſe repartia por tres Coadjutores. O Eminentiſſimo Patriarca apreſenta o Paroco com titulo de Cura, e eſte apreſenta o Theſoureiro, que terá de congrua cem mil reis. Naõ tem Beneficiados eſta Igreja, mas tem Coro onde rezaõ todos os dias as Horas Canonicas, que teve principio em Quarta feira mayor do anno de 1733. Conſta de nove Capellães cantores, que apreſenta, e adminiſtra a Irmandade do Santiſſimo com a congrua de cem mil reis huns, e cento e vinte outros.

293 Tem eſta Igreja varias Capellanias de diferentes inſtituidores, que adminiſtra, e apreſenta a meſma Irmandade do Santiſſimo, a ſaber: ſete de ſeſſenta mil reis pelas almas de Duarte Teixeira, e de Joaõ Vanganipe, e do Conego Manoel da Silva Cardoſo: huma de cem mil reis pela alma de Guilherme Cabral Botelho: huma de oitenta mil reis por Manoel dos Santos: duas Capellas, e meyo annal de Miſſas de ſetenta mil reis por Gonçalo Dias de Aguiar. A Irmandade das Almas com doze Capel-

pellães de cincoenta mil reis cada hum extrahidos do rendimento, e peditorio da bacia. Além deſtes Capellães apreſenta, e adminiſtra a meſma Irmandade oito Capellas de varios inſtituidores, que ſaõ quatro de ſetenta mil reis, tres de ſeſſenta, e huma de cincoenta. Na meſma Capella, ou Altar das Almas inſtituio Martim Gonçalves de Souto tres Capellas de cincoenta mil reis, que adminiſtra, e provê a Meſa da Miſericordia, e no Altar de Noſſa Senhora da Piedade inſtituio Manoel da Coſta Calheiros tres Capellanias de oitenta mil reis, que adminiſtra a Irmandade do Santiſſimo.

294 Além deſtas Capellanias diſpendia a Irmandade do Santiſſimo groſſo cabedal em muitas obras pias. Em eſmolas a freguezes neceſſitados tres mil cruzados cada anno. Dotava annualmente a doze donzellas com cem mil reis a cada huma; e dava mais ſeis dotes de cincoenta mil reis cada hum a moças donzellas, dous em dia de S. Joaõ Bautiſta, dous em dia de Santo André, hum em dia de Santa Barbara, e outro em dia da Senhora dos Martyres. Em fim he tal a caridade dos Irmãos do Santiſſimo deſta primacial Paroquia, que ſendo o ſeu rendimento nove contos e quinhentos mil reis pouco mais, ou menos, ſempre a deſpeza excedia todos os annos ordinariamente à receita.

295 A mayor parte deſta opulencia ſe deſtruio com o fatal terremoto, porque eſte a arruinou, e o incendio acabou de deſtruir naõ ſó a Igreja Paroquial, mas Templos, e propriedades, que havia em todo o ambito da ſua Freguezia: ſepultando-ſe entre as ruinas, e as chammas, o que naõ he poſſivel reduzirſe a calculo. Apenas eſcaparaõ dez familias no pateo de dentro chamado dos coches em o palacio do paço do Duque. Aqui ſe faz deploravel a grande perda do Cartorio da Sereniſſima Caſa de Bragança, que naõ havia muito tempo eſtava reduzido à mais diſtincta arrumaçaõ pela excellente idéa

do

do Meſtre de Campo General, e ſeu Guarda mór Manoel da Maya.

296 Paſſado o dia do terremoto foy eſta Paroquia refugiarſe em huma barraca, que por modo de Ermida com o titulo de Noſſa Senhora da Conceiçaõ ſe havia levantado na quinta das caſas, em que reſidem os Reverendos Doutores Ignacio Barboſa Machado, e ſeu irmaõ Diogo Barboſa em o ſitio de Relhafolles, e alli eſteve até veſpera de Natal, em cujo dia ſe transferio para a Ermida de Noſſa Senhora dos Martyres ſita ao Rego nas caſas dos herdeiros de Jacinto Dias Braga, onde ſe cantaraõ a primeira vez Matinas da feſtividade do Natal: aqui eſtiveraõ expoſtos à publica veneraçaõ, ainda que em pobre depoſito, os veneraveis oſſos, e Reliquias dos Santos Martyres, que padeceraõ por Chriſto na expugnaçaõ de Lisboa, e a quem as chammas unicamente perdoaraõ. Depois paſſou a Freguezia a eſtabelecerſe na Ermida de S. Pedro Gonçalves ao Corpo Santo em o meyo da Quareſma de 1756, onde preſentemente ſe acha.

297 Dentro dos ſeus limites ſe comprehende o

Convento.

S. Franciſco. Chamado da Cidade. Foy fundado pelo S. Fr. Zacharias, governando ElRey D. Affonſo II. no anno de 1217, e ampliado por outros Monarcas Portuguezes. Tem padecido varias ruinas por cauſa de incendios, como foraõ o de Junho de 1707, e o de 30 de Novembro de 1741, que reduzio a cinzas o Convento. Achava-ſe elle já recuperado deſde os alicerſes em tudo, que tocava da parte do Naſcente, e do Norte, e ſe hia continuando da parte do Poente: tendo-ſe gaſto na obra até o anno de 1755, em que ſuccedeo o terremoto, mais de ſeiſcentos mil cruzados, extrahidos naõ ſó da conſignaçaõ Regia, que eraõ cem mil cruzados em

dez annos, que lhes concedeo o Fideliſſimo Rey D. Joaõ V., e lhes continuou o Fideliſſimo Senhor D. Joſeph I.; mais de duzentos mil cruzados de eſmolas do Braſil; quarenta e tres, que deu a Santa Caſa de Jeruſalem; dezoito, que ſe tirou na Corte, e cinco do Biſpado do Porto.

298 Deſta ſorte ſe hia reſtabelecendo hum dos mayores edificios ſagrados, que tinha Lisboa, porque a Igreja era formoſiſſima. Conſtava de tres naves formadas com doze columnas de notavel altura. Era o ſeu Coro muito alegre, eſpaçoſo, e nobiliſſimo, e tinha o tecto de abobeda pintado de excellente architectura pelo famoſo Baccarelli. Ornavaõ a Igreja muitas Capellas, algumas de grande cuſto, e nellas ſe dava culto a muitas Imagens de Jeſus Chriſto, e de Maria Santiſſima; deſta eraõ mais de onze, tendo todas ſuas Irmandades, que tratavaõ dellas com exemplar devoçaõ; excedendo a todas a da Ordem Terceira, de que eraõ Irmãos todas as Peſſoas Reaes, e quaſi toda a Fidalguia da Corte, e innumeravel gente de todos os eſtados: dizem que em alguns annos chegou a numerar vinte mil Irmãos, e render ſeſſenta mil cruzados.

299 Achava-ſe neſta conformidade taõ grande Templo, e Convento, em que aſſiſtiaõ duzentos Religioſos, e elle com a duraçaõ de quinhentos e trinta e oito annos deſde a ſua primeira fundaçaõ, promettendo quaſi eterna permanencia, ſegundo a fortaleza, com que hia reedificado; porém o formidavel terremoto deſtruio, e abateo totalmente o Coro, Igreja, Capella mór, as varandas do clauſtro grande junto da Igreja, e os ſeus arcos, que ſe conſervavaõ na reedificaçaõ; e ſobrevindo logo o vehemente incendio converteo em cinzas a mayor parte do Convento, e Igreja com todos os viveres da Communidade, toda a ſua livraria, que conſtava de mais de nove mil volumes; todas as ſuas alfayas; as muitas, e precioſas da Veneravel Ordem Tercei-

ra; as da celebre, e antiga Irmandade da Madre de Deos, e ſua excellente Capella; a de todas as mais Irmandades, e ſe preſume, que derreteo a mayor parte da prata; pois até agora naõ tem apparecido mais que hum Calix, e hum Thuribulo. Sendo o mais ſenſivel deſte fracaſſo a morte de quaſi ſeiſcentas peſſoas, e doze Religioſos, que pereceraõ dentro da Igreja, e Convento, porque como a ruina foy ſubitanea naõ deu lugar a que a muita gente, que eſtava dentro podeſſe toda porſe em ſalvo.

300 Da obra nova ainda ficou livre a quadra, em que eſtá o Hoſpicio da Terra Santa para a parte do Sul, que conſta de tres Dormitorios, e de eſpaçoſas caſas de officinas: aqui ficaraõ poucos Religioſos, porque os mais ſe paſſaraõ para o ſitio de Campolide, onde fizeraõ logo huma pobre barraca de lona, para ſe abrigarem das inclemencias do tempo, e nella a primeira vez, que rezaraõ, foy em veſpera da Conceiçaõ da Senhora no meſmo anno: porém como eſtavaõ alli padecendo muitos incommodos, ſe reſolveraõ transferirſe para o ſitio do Rato, e na quinta de D. Elena, hoje dos Padres da Congregaçaõ de S. Filippe Neri, erigiraõ com o adjutorio de varias eſmolas huma Ermida de madeira com tres Altares, e ſeu Coro, onde em veſpera de Natal do dito anno deraõ principio aos Divinos Officios, e à erecçaõ de hum Conventinho com as accommodações poſſiveis, em que exiſtiraõ até que ſe transferiraõ para o ſitio antigo do ſeu Convento, que em Agoſto do anno de 1757 ſe principiou a deſentulhar.

Hoſpicio.

Dos Miſſionarios de Varatojo. Teve principio no anno de 1685 por mercê de ElRey D. Pedro II., e exiſtia na Cordoaria nova. Ficou totalmente deſtruido com o terremoto, e fogo. ElRey D. Joſeph I. lhe fez mercê para Hoſpicio de dous quartos das

caſas que foraõ dos Padres da Companhia na rua da Conceiçaõ à Cotovia.

Recolhimento.

De Meninas pobres. Foy eſtabelecido no anno de 1746 por Ignez de Jeſus Maria na rua do Ferregial; viviaõ de eſmolas, e andavaõ veſtidas no habito de Noſſa Senhora do Carmo. Deſtruio-ſe com o terremoto, e incendio.

Ermida.

Noſſa Senhora da Graça. Exiſtia nos Paços da Sereniſſima Caſa de Bragança. Foy reedificada no anno de 1712, e nella ſe faziaõ duas feſtas cada anno: a primeira em 4 de Outubro, e a ſegunda no dia oitavo da Conceiçaõ, cujo obſequio lhe tributavaõ os Academicos da Academia Real da Hiſtoria. Tambem o fogo lhe naõ perdoou, reduzindo-a a cinzas; devendo-ſe com razaõ lamentar entre as grandes perdas, que neſte infortunio padeceo Lisboa, naõ ſó a ruina deſte ampliſſimo palacio, mas o importante theſouro de alfayas precioſas, que os Monarcas Portuguezes alli conſervavaõ.

301 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de mil e ſeiſcentos fógos, e quaſi ſete mil peſſoas: Depois no anno de 1756 ſe deſobrigaraõ nella como freguezes duas mil e duzentas e oitenta e oito peſſoas de communhaõ: e na Quareſma do anno de 1757 ſe deſobrigaraõ mil e trezentas e cincoenta e cinco peſſoas. Repartiaõ-ſe pelas ſeguintes

Ruas.

Ametade, Arco de D. Franciſco, Barroca, Boaviagem, Cabides, Calçadinha, que vay para o Corpo Santo, Cheado, Commendadeira, Cordoaria Nova, e Velha, Corte Real, Cruzes de S. Franciſco, Cubertos, Cura, Direita dos Martyres, Di-

reita das portas de Santa Catharina, Ferregial, Figueira, Fontainhas, Fundiçaõ, Luiz de Caſtro, Manga, Oliveirinha, Oiteiro, Paço do Duque, Pelada, Parreirinha, Picadeiro das portas de Santa Catharina, Pocinho, Saco, Sobre o Muro, Terreiro de S. Franciſco.

Becos.

Amendoeira, Cancello de cima, e de baixo, Cortezia, Forno da Rocha, Manga, Pelada, Pedro Rodrigues. Quaſi todas eſtas ruas ſe vem deſertas, e confundidas.

Freguezias confinantes.

Noſſa Senhora da Encarnaçaõ, S. Juliaõ, S. Nicolao, S. Paulo, Sacramento.

XXVII.

Noſſa Senhora das Mercês.

302 ESTando a Santa Igreja de Lisboa em Sé vacante pela morte de ſeu Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, concedeo o Reverendo Cabido licença no anno de 1652 ao Deſembargador do Paço Paulo de Carvalho, para que ſe pudeſſe eſtabelecer em Igreja Paroquial huma Ermida ſita na rua Formoſa, e dedicada a Noſſa Senhora das Mercês, junto da qual havia hum Recolhimento de mulheres devotas, que depois ſe extinguio; a qual Ermida elle reedificara com grandeza, annexando-a em cabeça de hum morgado, que inſtituira. (1) Permittio-lhe o meſmo Cabido privilegio de poder, como Padroeiro, apreſentar Cura, Coadjutor, e Theſoureiro, cuja regalia herdaõ ſeus ſucceſſores, de quem he hoje ſeu ſobrinho o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Conde de Oeiras Sebaſtiaõ Joſeph de Carvalho e Mello, Secretario de Eſtado de El-

 Rey

[1] Santuar. Marian. tom. 7. pag. 91.

Rey Fideliſſimo dos Negocios do Reino.

303 Tem o Paroco predicamento de Cura, e de renda mais de trezentos mil reis: ao Coadjutor renderá cento e vinte mil reis, e ao Theſoureiro ſetenta mil reis. Conſta de duas Irmandades; a do Santiſſimo Sacramento, que apreſenta oito Capellas de Miſſa quotidiana, duas de ſeſſenta mil reis, huma de cincoenta, e as outras de quarenta. A Irmandade das Almas tem hum Capellaõ de Miſſa quotidiana com a congrua de cincoenta mil reis. As outras Capellas aqui inſtituidas ſaõ eſtas: huma pela alma do primeiro Padroeiro de ſeſſenta mil reis: outra que inſtituio o Padre Caetano Lopes Prior, que foy da Igreja da Magdalena, com a congrua de ſeſſenta mil reis: outra que inſtituio D. Antonia Maria do Amaral de cincoenta mil reis, e Miſſa quotidiana, da qual he hoje ſeu adminiſtrador Caetano Joſeph da Silva Sena.

304 Neſta Paroquial Igreja com o memoravel terremoto ſe arruinou a tribuna da Capella mór, a frontaria da Igreja, a torre dos ſinos, quebrando-ſe todos os que nella eſtavaõ, e com o ſeu precipicio ficoù deſtruido o Coro, e huma nobiliſſima caſa da tribuna, que alli tem o Padroeiro. Padeceraõ tambem conſideravel ruina mais de ſetenta propriedades de caſas dentro dos limites deſta Paroquia, das quaes a mayor parte ſe achaõ reſtabelecidas, em cuja deſtruiçaõ perderaõ a vida mais de noventa peſſoas. Obrigou eſte aperto ao Paroco transferir o Santiſſimo para a Ermida da Aſcenſaõ de Chriſto, ſita na Calçada do Combro, que ficou livre, e aqui eſteve em quanto a Igreja Paroquial ſe acabou de reedificar das ruinas, tornando a mudarſe para ella o Santiſſimo Sacramento com huma ſolemniſſima prociſſaõ a 22 de Mayo de 1757, onde permanece.

305 Os ſagrados edificios, que ſe achaõ erectos dentro do territorio deſta Freguezia, ſaõ os ſeguintes.

Con-

Convento.

Noſſa Senhora da Divina Providencia. De Clerigos Regulares de S. Caetano. He Caſa, que fundou o Padre D. Antonio Ardizone deſde o anno de 1650 por conceſſaõ de ElRey D. Joaõ IV., e ſe foy augmentando mais com a piedade, e grandeza do Senhor Rey D. Pedro II., que concedendo-lhe faculdade para mayor edificio, ſe lhe deu principio em 7 de Abril de 1698, lançando-lhe a primeira pedra o Cardeal Arcebiſpo D. Luiz de Souſa, a qual Igreja ſe naõ acabou. Todo eſte ſagrado edificio padeceo baſtante ruina com o terremoto, por cujo motivo paſſou a mayor parte dos Religioſos para a ſua quinta do Campo Grande, e outros para as caſas dos ſeus parentes: porém a diſpendio do Padre D. Luiz Caetano de Lima ſe reparou a Igreja, e o Convento de fórma, que os Religioſos ſe reſtituiraõ a elle pela Quareſma de 1757.

Collegio.

S. Pedro, e S. Paulo. Foy fundado no anno de 1632 por D. Pedro Coutinho Fidalgo de grande zelo pela Fé de Chriſto, pois o inſtituio para Seminario de Inglezes Catholicos Romanos, os quaes aprendem aqui Filoſofia, e Theologia Dogmatica para confutar os Hereges nas Miſsões de Inglaterra, e outros Paizes hereticos. He ſeu Protector o Inquiſidor Geral. A ruina que padeceo com o terremoto, ſe acha já recuperada.

Moſteiro.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. De Carmelitas Deſcalças. Fundou-o no ſitio dos Cardaes D. Luiza de Tavora, Commendadeira do Moſteiro de Santos pelos annos de 1681. Teve grande ruina pelo terremo-

moto eſte Moſteiro, e aſſim as Religioſas mandaraõ erigir barracas na ſua cerca, onde ainda ſe conſervaõ, em quanto ſe repara o Moſteiro, e Igreja.

Hoſpicios.

Noſſa Senhora dos Anjos. Eſtá ſituado na traveſſa do Oratorio, e he de Miſſionarios de Brancanes deſde o anno de 1717, porém fundado com melhor accommodaçaõ no anno de 1725. Pequeno prejuizo padeceo com o terremoto.

Noſſa Senhora do Carmo. De Religioſos Carmelitas da Provincia de Pernambuco.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. De Religioſos Franciſcanos do Rio de Janeiro, ſituado na traveſſa da Eſtrella, e eſtabelecido no anno de 1703.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Exiſtente na rua do Carvalho de Religioſos Franciſcanos da Ilha da Madeira. Todos eſtes tres Hoſpicios ſe achaõ reſtituidos da pequena perda, que tiveraõ com o terremoto.

Ermidas.

Noſſa Senhora da Ajuda, e Santos Fieis de Deos. Foy fundada no anno de 1551 por hum Affonſo Braz, e depois addicta à Archiconfraria do Hoſpital de Santo Eſpirito em Roma. Deſta Ermida eſcreve Fr. Agoſtinho de Santa Maria no Santuar. Mariano tom. 7. pag. 26.

Aſcenſaõ de Chriſto. Foy fundada no anno de 1500 por hum Antonio Simões de Pina. Ficou livre dos terriveis effeitos do terremoto.

Noſſa Senhora do Carmo. Erecta na rua Formoſa, de que he Padroeiro Manoel de Sampayo e Pina. Tambem o terremoto lhe naõ fez damno algum.

306 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de oitocentos e quarenta fógos: preſentemente ſe acha com diminuiçaõ, e tem as ſeguintes

Ruas.

Ruas.

S. Boaventura, Caetanos, Calçada do Combro, Cardaes, Carvalho, Cruz de Páo, Horta do Cabra, e do Conde de Soure, Jeſus, Moinho do vento, Roſa das Partilhas metade ſómente, rua Formoſa, Vinha.

Becos, e Traveſſas.

André Valente, Beco das Freiras, Conde de Soure, Fieis de Deos, Inglezes, Oratorio.

Freguezias confinantes.

Santa Catharina, Noſſa Senhora da Encarnaçaõ, Santa Iſabel.

XXVIII.

S. Miguel.

307 DA origem, e antiguidade deſta Paroquia naõ achamos outro documento mais do que a memoria, que Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira faz della no ſeu Summario impreſſo no anno de 1551, por onde ſe prova a ſua anterior exiſtencia. O Padre Antonio Carvalho no tom. 3. da Corografia diz, que ſe reedificara à fundamentis no anno de 1674, por eſtar ameaçando ruina o edificio antigo. He Igreja do Padroado Real, e o ſeu Paroco tem o predicamento de Prior com a lotaçaõ de trezentos mil reis. Ha nella quatro Beneficios com obrigaçaõ de Coro, os quaes apreſenta o meſmo Prior, e rende cada hum ſetenta até oitenta mil reis. Conſta das Irmandades ſeguintes: a do Santiſſimo Sacramento, que apreſenta huma Capella de ſeſſenta mil reis: a das Almas, que antes do terremoto apreſentava treze Capellas de cincoenta mil reis cada huma: a do Senhor Jeſus da Pobreza. Tem cinco Confrarias, a ſaber: a da Senhora Santa Anna; a da Senhora das Candeas, que algum tempo ſe intitulou dos Milagres pelos muitos, em que reſplandecia: a de Santo Antonio: e a de S. Sebaſtiaõ.

308 Naõ

308 Naõ ficou eſta Igreja iſenta dos eſtragos, que lhe cauſou o grande, e repentino terremoto; porque arruinando-ſe o tecto, que ficava ſobre o Coro, o proſtrou, com tudo o que comprehendia: tambem o precipicio das ſuas duas torres naõ ſó fez eſtremecer as paredes do lado eſquerdo, mas quaſi as de toda a Igreja. Eſte eſtrago obrigou a que ſe eſtabeleceſſe a Paroquia em humas caſas fronteiras ao Campo da Lã, donde ſe reſtituio para a ſua Igreja depois de reparada quanto foy poſſivel.

309 Conſtava antes do terremoto de oitocentos, e ſetenta fógos; e de tres mil e ſetecentas peſſoas de communhaõ. Depois experimentou a diminuiçaõ de ametade, porque as melhores propriedades de caſas, que eſtavaõ no ambito deſta Freguezia, ficaraõ ſummamente arruinadas, e ſeus inquilinos, e donos paſſaraõ para outros territorios; e para eſtas ruinas pobremente reparadas vieraõ aſſiſtir gentes humildes, e pela mayor parte homens de ganhar com a utilidade, que tem dos novos armazens da Alfandega, onde lidaõ. As ruas, inda que algumas deſtruidas, ſaõ as ſeguintes.

Ruas.

Adiça, Banda da Praya, Caſtello Picaõ, Chafariz de Dentro, Figueira, Largo do Adro, Pateo do Almotacé, Pateo das Canas, Rigueira, rua Direita de cima, e de baixo.

Becos.

Alcaçarias, (1) Alegrete, Alfama, (2) Azinhal, Bi-

---

[1] Exiſtem aqui os banhos chamados das Alcaçarias de grande utilidade, naõ ſó para quem os aluga, mas para remediar varios achaques, de que falla Mirandella no Aquilegio Medicinal cap. 1. §. 27.

[2] O P. D. Rafael Bluteau no Vocab Portug. diz que eſte he o bairro mais antigo de Lisboa. O nome he Arabigo, que quer dizer banho de agua quente, conforme explica Joaõ de Barros nas antiguidades do Minho cap. 2. E porque em Alfama ha grande copia de aguas calidas, e já as havia em tempo dos Mouros, por iſſo chamaraõ a eſte ſitio *Alfama*, que correſponde às Thermas dos Gregos. Os curioſos podem ver a Duarte Nunes na Deſcripçaõ de Portugal cap. 12. pag. 34.

Bicha, Cardoſa, Cativo, Cego, Corvina, Santa Elena, Formoſa, Mel, Mexias, Mortos, Pocinho, Terreirinho do Meſtre Leal.

Freguezias confinantes.

Santo Eſtevaõ, S. Pedro, Salvador.

XXIX.

S. Nicolao.

310 A Egregia, e notavel Freguezia de S. Nicolao he huma das antigas de Lisboa, pois conſta naõ ſó por tradiçaõ, mas pela Hiſtoria Eccleſiaſtica deſta Dieceſe, que o Biſpo D. Matheus a mandara de novo erigir no anno de 1280, poſto que neſte tempo ſe achava auſente em Italia. (1) E ſendo certo que ElRey D. Joaõ I. no anno de 1430 annexara a renda dos frutos deſta Igreja à Univerſidade de Lisboa, (2) bem ſe infere, que já antecedentemente eſtava eſtabelecida, e que era do Padroado Real.

311 Paſſados tempos foy preciſo reedificarſe, (3) e aſſim ſe transferio o ſeu Sacrario para a Ermida de Noſſa Senhora da Victoria, que eſtava dentro dos ſeus limites, onde permaneceo até 8 de Agoſto de 1627, em cujo dia ſe reſtituio ſolemnemente para a ſua Igreja reedificada, a qual ſe acabou de rebocar no anno de 1650, como conſta da Inſcripçaõ de huma pequena pedra, que eſtava collocada na parede da parte de fóra da meſma Igreja nas Coſ-

[1] Cunha nos Biſp. de Lisboa part. 2. cap. 54. [2] Leitaõ Ferreira Notic. Chronolog. da Univ. de Coimbr. num. 1231. [3] Nas ruinas da Igreja velha ſe acharaõ algumas antigas Inſcripções em pedras, como refere Luiz Marinho de Azevedo, e tranſcreve huma no cap. 8. do liv. 3. das Antig. de Lisboa: e dellas ſe moſtra haver neſte ſitio Templo erecto à Deuſa Tethis por voto dos marinheiros, e barqueiros Liſbonenſes no tempo da gentilidade, como bem ſe perſuade o mencionado Franciſco Leitaõ Ferreira.

tas da Capella de S. Bartholomeu, cujo letreiro dizia:

Aos 8 de Agoſto de 1627 ſe paſſou o Santiſſimo Sacramento de Noſſa Senhora da Victoria para eſta Igreja de S. Nicolao, e ſe rebocou com o dinheiro, que o Procurador, e Theſoureiro do Reino alcançaraõ da finta paſſada deſta Igreja 1650.

312 He hoje eſta Igreja do Padroado das Sereniſſimas Rainhas, e nella tem havido alguns Priores muito eſtimaveis pelas ſuas virtudes, como foy o Reverendo Prior Joaõ Piſſarro, que fallecendo a 6 de Mayo de 1660 com ſinaes de predeſtinado, ainda vive a memoria das ſuas virtuoſas acções em toda Lisboa. Rendia eſte Priorado antes do terremoto hum conto quatrocentos e quarenta mil reis, de que ao Prior naõ pertencia tudo, por tocar à Univerſidade de Coimbra huma terça parte, por lhe ſer annexa. Apreſenta o meſmo Prior dez Beneficios, que reſpectivè aos frutos renderá cada hum cincoenta mil reis certos. Conſta o Coro, além dos Beneficiados, de ſeis Capellães cantores com differentes ordenados. A Irmandade do Santiſſimo apreſentava vinte e ſeis Capellanias tambem de congruas diverſas; e a das Almas apreſentava quatorze Capellas de quarenta e oito mil reis cada huma.

313 Entre as mais Irmandades, que ſe achavaõ aqui eſtabelecidas, era veneravel por antiga a de Noſſa Senhora das Mercês; porque trazendo ſua origem de huma romagem, que certos devotos affervorados com o exemplo da feſta inſtituida em Alanquer pela Rainha Santa Iſabel, faziaõ todos os annos indo de Lisboa à Igreja da Merciana com hum cirio; no anno de 1431 naõ querendo admitillos os Mordomos da Merciana por cauſa da peſte, que entaõ affligia Lisboa, os taes Confrades voltando deſcontentes, eſtabeleceraõ a meſma Confraria em S. Nicolao com o novo titulo de Noſſa Senhora das Mer-

Mercês, e fazendo o ſeu Compromiſſo, naõ ſó lho approvou o Nuncio Jeronymo Riceno chamado Cabeça de ferro aos 27 de Janeiro de 1538, mas lhes deu faculdade para erigirem Capella com adro, e ſino. Eſte compromiſſo foy depois confirmado por D. Jorge de Almeida em 28 de Agoſto de 1565, o qual Compromiſſo nós vimos, e começava: *Conſiderando quaõ grandes, e maravilhoſas ſaõ as obras de Noſſo Redemptor, e Salvador, &c.* No anno de 1728 ſe agregou eſta Irmandade à Archi-Confraria de Santo Adriaõ de Roma, para participar das muitas graças, e indulgencias, que os Summos Pontifices lhe tem concedido.

314 No infauſto dia do grande terremoto experimentou eſta Igreja huma total, e horroroſa deſtruiçaõ, e com o incendio ſubſequente a perda de todo o ſeu movel precioſiſſimo; e para que a laſtima foſſe mais ſenſivel, morreraõ neſta tragedia dentro dos limites deſta Paroquia perto de quatro mil peſſoas. Ficando deſta ſorte a Freguezia arruinada, deſerta, e inhabitavel: paſſou o ſeu Paroco a eſtabelecerſe na Ermida de Noſſa Senhora da Pureza na calçada da Gloria, onde actualmente exiſte; havendo eſtado os primeiros dous mezes depois da fatalidade, unida com a Paroquia de Santa Juſta em a barraca do Rocio.

315 Dentro do ſeu territorio ſe achavaõ erectos os ſeguintes

Conventos.

Corpus Chriſti. De Religioſos Carmelitas Deſcalços. Foy fundado no anno de 1648, lançando-lhe a primeira pedra fundamental em 28 de Setembro o Arcebiſpo eleito de Lisboa D. Manoel da Cunha. E eſte meſmo lugar, que a aleivoſia do traidor Domingos Leite, dirigido pela obediencia Caſtelhana, havia eſcolhido para tirar nelle a vida a ElRey D. Joaõ IV., converteo a piedade da Sereniſſima

Rainha D. Luiza ſua mulher em templo conſagrado a Deos, a Maria Santiſſima, ao Anjo Cuſtodio, a S. Jorge, à Rainha Santa Iſabel, e ao bemaventurado Portuguez Santo Antonio em agradecimento de livrar milagroſamente a ElRey daquelle intentado parricidio. No anno de 1661, entregou a meſma Sereniſſima Rainha eſta Igreja, e Convento aos Religioſos Carmelitas. O terremoto, e incendio memoravel poz todo eſte ſagrado edificio na ultima miſeria, transformando em cinzas, o que nelle havia; ſendo a perda mais para ſentir, a da Procuradoria geral, onde ſe conſervavaõ os titulos, padrões, e eſcrituras originaes de todos os Conventos da Provincia, com outros muitos papeis de grande importancia de varias peſſoas deſta Corte, e Reino. Vendo-ſe neſte aperto os Religioſos, determinaraõ ir para o Campo do Curral, onde armaraõ huma decente barraca, e ſua Ermidinha, e aqui eſtiveraõ até a Quareſma do anno de 1757, em que foraõ habitar para hum novo Convento, e Igreja, que erigiraõ à fundamentis na Freguezia de S. Joſeph, no principio da rua chamada do Paſſadiço.

316 *Eſpirito Santo.* Dos Padres da Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri. O Templo foy reedificaçaõ mandada fazer por ElRey D. Manoel pelos annos de 1514, pois o antigo, ſegundo conſta de huma Eſcritura, que allega o Author da Corografia Portugueza no tom. 3. pag. 445, já eſtava erecto no anno de 1279. Para aqui ſe mudaraõ os Congregados veſpera da Aſſumpçaõ da Senhora em 14 de Agoſto de 1674, havendo permanecido na rua nova de Almada no ſitio chamado as Fangas da Farinha, onde o Veneravel Padre Bartholomeu do Quental ſeu Fundador havia inſtituido a Congregaçaõ em 16 de Julho de 1668.

317 Floreciaõ aqui eſtes ſabios Congregados no pratico beneficio da educaçaõ literaria, em que ſe deſtinaraõ a enſinar publicamente a Grammatica,

Fi-

Filoſofia, e Theologia, com grandes eſperanças de promover eſtas faculdades, ſegundo o abreviado ſyſtema do ſeu novo Methodo: porém ſobrevindo por Divina permiſſaõ o formidavel terremoto, e furioſo incendio, Templo, e Convento ſe reduziraõ a cinzas com tudo quanto occupavaõ, e com a morte de quatro Padres Congregados, e outras peſſoas, que morreraõ na Igreja, reputando-ſe entre as mais perdas, por notavel a de huma precioſiſſima Cuſtodia de diamantes, e a grande collecçaõ de eſtimaveis Reliquias, que ſe veneravaõ no altar de Jeſus Maria Joſeph, e a da immenſa copia de livros eſcritos em louvor da Mãy de Deos, que formavaõ huma ſingular, e diſtincta Bibliotheca Marianna. Os Padres depois do infortunio paſſaraõ para o ſeu Regio Convento das Neceſſidades, ſituado junto a Alcantara, onde exercitaõ o meſmo magiſterio com grande applauſo dos doutos.

Ermidas.

Aſcenſaõ de Chriſto. Eſtava no largo de Valverde, e era adminiſtrada por trinta peſſoas circumviſinhas. Foy erecta no anno de 1655, ſegundo conſta de hum letreiro, que ainda ſe lia por cima da porta traveſſa. Tinha ſeu Capellaõ com caſas contiguas para morar, e quarenta mil reis de ordenado. Junto deſta Ermida tivemos o noſſo naſcimento, em que vimos a primeira luz do mundo aos 2 de Fevereiro de 1701. Eſta memoria, que muitos teráõ por eſcuſada, nos deſculpa o amor da patria, o qual ſempre nos faz guardar no interior huma plena ſatisfaçaõ, e lembrança dos primeiros objectos, que conhecemos. Hoje porém nos ſerve de magoa a ſua deploravel ruina.

Noſſa Senhora da Palma. Ficava por detrás da Igreja de S. Nicolao. Da ſua primeira fundaçaõ ſe lembra Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira no ſeu *Summa-*

mario. Reedificou-ſe no anno de 1717, mas pelo terremoto teve ſua ruina, e depois total extinçaõ com o novo Plano da Cidade.

Noſſa Senhora da Vitoria. Foy fundada no anno de 1556, como conſtava da inſcripçaõ gravada em huma pedra ſobre a porta da Igreja. Fabricou-ſe naõ ſó com o producto de certas propriedades, que lhe deixou Margarida Lourenço, mas com varias eſmolas, que adquiriraõ os officiaes da Caldeiraria ſeus adminiſtradores, e com as rendas de hum Hoſpital chamado de Santa Anna ſituado às Fangas da Farinha, que incorporaraõ, e uniraõ à Ermida, com a meſma obrigaçaõ de curarem os enfermos. Tambem padeceo baſtante ruina com o terremoto, e fogo, e depois totalmente ſe extinguio com o Plano da Cidade.

Hoſpital.

318 Na Calçadinha chamada do Carmo, que pertencia aos limites deſta Freguezia, eſtava hum ſumptuoſo Hoſpital, em que ſe curavaõ com muita caridade, grandeza, e aſſeyo os Irmãos da veneravel Ordem Terceira do Carmo. Era neſte genero huma das obras magnificas da Corte, em que os Irmãos gaſtaraõ mais de cem mil cruzados, para que muito concorreo o grande zelo do ſeu Padre Commiſſario Fr. Joſeph de Jeſus Maria, que lhe deu principio no anno de 1704. Acha-ſe preſentemente irreparavel naõ ſó pelas ruinas, que lhe cauſou o terremoto, e incendio paſſado, mas com a erecçaõ da nova muralha, que ElRey mandou fazer para amparar a Igreja do Carmo.

319 Conſtava eſta Freguezia antes da infauſta tragedia, de dous mil trezentos e vinte e cinco fógos; e peſſoas de communhaõ nove mil e oitocentas e quatorze. Acha-ſe agora com quinhentos e ſetenta e cinco fógos, e com mil e quinhentas e vinte peſſoas de communhaõ, diſperſos, e abbarracados

dos por varias Freguezias da Corte. As ruas de que conſtava, todas eſtaõ deſtruidas, confuſas, e inhabitaveis; mas para que ſe naõ perca de todo a ſua memoria, eraõ as ſeguintes:

Ruas.

Arcas, Arco de Jeſus, Barreiro, Cabreiros, Cabriteiras, Calçada de Payo de Novaes, Calçado velho, Caracol do Carmo, Chancudo, Craſta, Crucifixo, Cutelaria, Douradores, Eſpingardeiros, Eſpirito Santo, Eſteiras, Lagar do Cebo, Meſtre Gonçalo, Mudas, Odreiros, Pedras negras, Pichellaria, Pinovai, Poço do Chaõ, Quebracoſtas, Salteiros, Servilharia, Sombreiraria, Forneiros, Valverde.

Becos.

Atafonas, Cardim, Carrança, Carretaõ, Deſnarigada, Formoſinha, Freira, Lamirante, Luzia, Manquinho, Mezes, Miſurada, Moças, Namorados, Pocinho, Refrigerio, Regalada, Rolim, Sardim, Seiraõ, Silveſtre.

Pateos.

Almas, Eſnoga, Valentim Lobo.

Freguezias confinantes.

Senhora da Conceiçaõ, S. Juliaõ, Santa Juſta, S. Mamede, Santa Maria Magdalena, Senhora dos Martyres, Santiſſimo Sacramento.

XXX.

Santa Igreja Patriarcal.

320 FOy conſtituida a Capella Real em Paroquia deſde 24 de Agoſto de 1709 por Breve do Papa Clemente XI., que começa *Piis Catholicorum Regum votis*: (1) e conſiderada eſta Igreja

(1) Codex Titul. S. L. E. P. tom. 1. pag. 2. Monarq. Luſit. liv. 15. cap. 43.

ja com ſemelhante regalia, conſta de hum Cura, que o Eminentiſſimo Cardeal Patriarca apreſenta como Capellaõ mór, o qual tem de ordenado trezentos mil reis; e de hum Coadjutor provido pelo meſmo Prelado com a congrua de cento, e cincoenta mil reis.

321 Pertence ao dito Cura adminiſtrar os Sacramentos a todas as peſſoas, que ſervirem, e reſidirem no Palacio de ElRey, ou ſejaõ ſeus criados, ou familias, e criados dos meſmos criados, com tanto que todos tenhaõ ſua reſidencia no meſmo Palacio; e poſto que tambem lhe pertença o direito referido pelo que reſpeita às proprias peſſoas dos criados de ElRey diſperſos pela Corte, ſe naõ extende às familias deſtes, e ſeus criados, que ſó ſaõ Paroquianos da Freguezia, onde habitaõ, como tudo conſta de hum Acordaõ da Relaçaõ Eccleſiaſtica de 15 de Dezembro de 1757 explicando a ſobredita Bulla. Tambem ſaõ freguezes deſta Paroquia todos os Miniſtros, e peſſoas, que ſervem a Santa Igreja Patriarcal, e Capella Real: e antes do terremoto lhe pertenciaõ os habitadores nos Cubertos da Ribeira das Náos, que eraõ mais de quatrocentas peſſoas, por terem ſua reſidencia dentro dos muros do Paço.

322 A Irmandade do Santiſſimo Sacramento aqui eſtabelecida em Novembro de 1709 pelo Fideliſſimo Rey D. Joaõ V., o qual ſe conſtituio por Juiz perpetuo, e a todos os ſeus criados elegeo para Irmãos do Santiſſimo, provê duas Capellas, huma de cento e vinte mil reis, e outra de cem: provê mais tres Acolytos, o primeiro com oitenta mil reis, o ſegundo com ſetenta, e o terceiro com ſeſſenta.

323 Ha aqui outra Irmandade da Senhora das ſete Dores, erecta com authoridade de Innocencio XIII. aos 7 de Mayo de 1723 por ſupplicas da Auguſtiſſima Rainha D. Maria Anna de Auſtria, a qual conſta de muitas Indulgencias, e graças con-

ce-

cedidas aos ſeus Confrades. (1) Teve origem eſta Irmandade na devoçaõ, e affecto, com que o Padre Bernardo Pinto dos Santos Capellaõ do Santiſſimo deſta Igreja, começou a venerar deſde o anno de 1716 a milagroſa Imagem de Maria Santiſſima pintada em hum ſingular quadro pelo inſigne Alberto Dureiro, em que ſe via morto o Author da Vida, e a piedoſa Senhora laſtimada. (2) Exiſtia eſte quadro em hum Altar dedicado à meſma Senhora com o titulo da Piedade, onde havia huma precioſa Cruz de cryſtal de roca da altura de dous palmos e meyo muito bem obrada, e metida em hum Sacrario com ſeus vidros. A todos os Fieis, que veneraſſem eſta Cruz, que foy feita em Roma, havia o Papa Benedicto XIII. concedido no anno de 1727 muitas Indulgencias. (3)

324 Exiſtia mais neſta Igreja hum copioſo, e eſtimavel Santuario de innumeraveis Reliquias de Santos diſtribuidas por todos os dias do anno. Era tambem obra Romana de eſpecial attençaõ a Pia Bautiſmal, naõ ſó pelo exquiſito, e diverſo genero de pedras, de que era fabricada, mas pelo bom goſto de todo o artefacto, com grades de bronze dourado de excellente lavor, que a cercavaõ, e hum eſtimadiſſimo quadro do Bautiſmo de Chriſto, feito em Roma pelo notavel Agoſtinho Maſſucci no anno de 1745. A eſtas, e outras innumeraveis precioſidades, que ornavaõ, e continha eſta Santa Igreja, conſumio o fatal incendio de fórma, que bem nos podemos lamentar com Iſaias. (*) Naõ ſe ſalvou della ſenaõ alguma prata derretida, da qual ſe tem fundido mais de trinta mil marcos. Hoje ſe acha eſtabelecida nas chamadas obras do Conde de

[1] Codex Titul. S. P. E. L. tom. 1. pag. 384. [2] Santuar. Marian. tom. 7. pag 158. [3] Codex ibid. pag. 397. [*] *Domus ſanctificationis noſtræ, & gloriæ noſtræ, ubi laudaverunt te patres noſtri, facta eſt in combuſtionem ignis, & omnia deſiderabilia noſtra verſa ſunt in ruinas. Iſai. 64.*

Tarouca em o ſitio da Cotovia, como já temos dito.

XXXI.

S. Paulo.

325 SE houvermos de dar credito á huns verſos, que em fórma de inſcripçaõ collocados ſobre a porta deſta Igreja, e abertos em pedra, diziaõ aſſim:

Numen adeſt intus, Paulo maiora canamus,
Regia dum mirum munera pandit opus.
Æra ſalutis habet bis ſeptem ſæcula Phæbi,
Bis ſex annorum ſi tamen excipias.

havemos de affirmar, que fora erecta no anno de 1412. (1) Porém da Relaçaõ de Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira conſta, que no anno de 1551 naõ havia ainda tal Paroquia, nem Igreja, e que a memoria mais antiga, que ha della he deſde o anno de 1572, de que faz mençaõ Jorge Braunio no Mappa de Lisboa; e aſſim com certeza ſe naõ póde fixar epoca verdadeira da ſua primeira origem.

326 O Paroco tem predicamento de Vigario, e lhe rendia ſeiſcentos mil reis a Igreja, de quem he Donatario o Eminentiſſimo Patriarca. Ha aqui hum Coadjutor, que apreſenta o meſmo Prelado, e tem de congrua a quarta parte do rendimento da Igreja. A Irmandade do Santiſſimo apreſentava dez Capellas, das quaes a mayor era de ſeſſenta e cinco mil reis. A Irmandade das Almas provia dezaſeis de cincoenta mil reis cada huma. Havia mais a Irmandade de Noſſa Senhora da Piedade com quatro Capellães de cincoenta mil reis cada hum: a Irmandade de Noſſa Senhora da Boa-Viagem, que era dos Sol-

da-

---

[1] Aſſim ſe perſuadio o Author do Santuar. Marian. tom. 1. pag. 493; mas o Author da Demonſtraçaõ Hiſtorica o reprova com razaõ em o num. 266.

dados da Junta com ſeu Capellaõ, a quem dava ſeſſenta mil reis.

327 Arruinou-ſe com o grande terremoto a Igreja, onde morreraõ mais de ſeſſenta peſſoas, e entre ellas dous Sacerdotes da meſma Igreja. Succedendo immediatamente o fogo, eſte acabou de deſtruir o Templo, e tudo mais, que nelle ſe comprehendia. Eſcapou unicamente o Santiſſimo Sacramento, que foy levado para a Igreja de S. Joaõ Nepomuceno, onde eſteve hum ſó dia: no Domingo ſeguinte à noite paſſou para a Igreja Paroquial de Santa Iſabel, e dahi voltou outra vez para o Templo de S. Joaõ Nepomuceno; até que fazendo-ſe huma Igreja de madeira junto da antiga, ſe reſtituio a ella veſpera do Corpo de Deos da meſma Paroquia em o anno de 1757.

328 Exiſtem dentro dos limites deſta Freguezia os ſeguintes Templos:

Collegio.

Noſſa Senhora do Roſario. De Religioſos Dominicos Irlandezes. Foy fundado no anno de 1659 pela Sereniſſima Rainha D. Luiza de Guſmaõ. (1) Padeceo eſta Igreja, e Convento grande ruina com o terremoto do primeiro de Novembro memoravel. Hum Religioſo Irlandez, que ſe achava neſſe tempo dando a communhaõ, animou fortemente aos Fieis; e deſembaraçando-ſe intrepido d'entre as ruinas, prevendo mayor perigo, naõ largando das mãos a ſagrada Pixide, com ella caminhou até a Igreja Paroquial de Santa Iſabel, acompanhado de innumeravel povo, que a altas vozes hia implorando a Miſericordia do todo Poderoſo. Depois ſe reſtituio para huma decente Ermida, que ſe fez no ſeu

 an-

[1] Santuar. Marian. tom. 7. pag. 83. e 131. Corograf. Port. tom. 3. pag. 488.

antigo Convento, onde era portaria, em quanto ſe naõ cuida em mayor commodo.

Hoſpicio.

S. Joaõ Nepomuceno, e Santa Anna. De Religioſos Carmelitas Deſcalços de Alemanha. Foy fundado no anno de 1737 pela Sereniſſima Rainha D. Maria Anna de Auſtria, por induſtria do Padre Fernando Maria de Santo Antonio, Miſſionario Apoſtolico Alemaõ da meſma Ordem. Dotou-o, e enriqueceo-o a Sereniſſima Fundadora com ſufficientes rendas, e alfayas no anno de 1752. Jaz aqui ſeu corpo. (1) Teve eſta Igreja pequena ruina, de que eſtá recuperada.

Ermida.

Noſſa Senhora da Graça, e S. Pedro Gonçalves. He Ermida antiga. Os homens maritimos feſtejaõ com muita ſolemnidade a Imagem de S. Pedro Gonçalves, que aqui ſe venera, ſahindo deſta Ermida em dia de Noſſa Senhora dos Prazeres com o Santo debaixo do Palio, e correndo as hortas, e ruas da Cidade com grande folia. Naõ padeceo ruina alguma eſta Ermida com os abalos do terremoto.

329 Conſtava eſta Paroquia de mil fógos, e quatro mil peſſoas. Depois do terremoto experimentou alguma diminuiçaõ de habitadores; mas hoje ſe vay recuperando, poſto que baſtantes propriedades eſtejaõ nas meſmas ruinas. Numerava as ſeguintes

Ruas.

Adro da Igreja, Bica grande, e dos olhos, Boavista, Caſa da Moeda, (2) Caſas novas, Calçada da Pa-

[1] P. Joſeph Ritter in vita Mariæ Annæ Regin. Portug. pag. 385. e 247. [2] Para eſta Caſa da Moeda, que he onde ſe lavra o dinheiro, e ſe depoſita todo o que vem das Conquiſtas, coſtuma ir ſempre huma Companhia de Infantaria com ſeus Officiaes para ſua guarda:

Paciencia, e de Salvador Correa, Cocheiras da praya, Defronte da Igreja, e da Moeda, Direita para a Cruz de Catequefarás, e para a rua de cima, e para o Corpo Santo, Detrás da Capella mór, Dentro do Forte, Fóra do Forte, Gaivotas, Largo do Corpo Santo, Pateo do Conde da Ilha, e do Elvas, Portas do Pó, Praya de S. Paulo, Remolares, rua de Cima.

Becos.

Apoſtolos, Aſſucar, Caes do Rocha, Carvalha, Carvaõ, Esfolabodes, Eſtopa, Franciſco André, Junta, Sampayo, Taboas, Tibau.

Freguezias confinantes.

Santa Catharina, Encarnaçaõ, Martyres, Santos.

XXXII.

S. Pedro.

330 NA Hiſtoria Eccleſiaſtica de Lisboa eſcrita pelo Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, achamos duas memorias quaſi repugnantes ſobre a origem deſta Igreja; porque na Vida do Biſpo D. Soeiro Anes cap. 18. diz, que no anno de 1191 dera eſte Prelado à fabrica da Sé a Igreja de S. Pedro de Alfama. E na vida do Biſpo D. Vaſco Martins cap. 90., affirma, que eſte Prelado eſtando em Santarem, commetera em 21 de Abril de 1344 a D. Diogo ſeu Vigario geral a inſtituiçaõ da Igre-

da: porém no dia do terremoto de 1755 ſuccedeo preoccupar tal medo aos Soldados da dita guarda, que a deſampararaõ, ficando ſó o Tenente, que era Bartholomeu de Souſa Mexia, com o Sargento, e tres Soldados, portando-ſe com tal valor, que trabalhou o poſſivel para que nem lhe chegaſſe o fogo, nem os ladroens que o acommetteraõ varias vezes com pretextos fingidos. Eſta acçaõ verdadeiramente honroſa lhe fez merecer o agrado de ElRey, que logo o nomeou Capitaõ da primeira Companhia que vagaſſe; e ſobre tudo merece que fique perpetuamente memoravel até no pequeno brado da noſſa penna.

Igreja de S. Pedro de Alfama. Donde parece ſe deve inferir, que eſta Igreja, ou tivera duas inſtituições; ou que a ſegunda fora reformaçaõ da primeira; mas de qualquer ſorte, ſempre ella he antiquiſſima, e hoje do Padroado das Sereniſſimas Rainhas.

331 Conſta de hum Prior, e dous Beneficiados, que apreſenta, e colla o meſmo Prior: a eſte renderá a Igreja duzentos mil reis, e a cada hum dos Beneficiados, ſeſſenta mil reis. A Irmandade do Santiſſimo apreſentava onze Capellas de varios inſtituidores, e differentes congruas. A Irmandade da Santa Cruz, e Almas, provia tres de cincoenta mil reis; e a Irmandade do Senhor Jeſus dos Afflictos huma de quarenta e quatro mil reis. As outras Irmandades, e Confrarias aqui erectas, como a da Senhora da Luz, do Soccorro, de Santa Anna, e Santo Antonio, feſtejavaõ os ſeus Patronos ſolemnemente em ſeus dias.

332 Experimentou com o ſoberbo terremoto eſta Igreja a ſua total ruina, ficando ſómente em pé a parede da parte do Evangelho ao Norte, com a Capella da Irmandade da Santa Cruz, e Almas; em cujo eſtrago morreraõ mais de cem peſſoas de ambos os ſexos. A meſma deſtruiçaõ padeceraõ quaſi todas as propriedades deſta Paroquia; porque conſtando ella de cento e oito, ſó ſeis ficaraõ capazes de ſerem habitadas. A' viſta deſte fatal cataſtrofe ſe foraõ refugiar os habitantes nos campos, e ſuburbios da Cidade, fabricando abrigos, e barracas para ſe recolherem em varias ſituações.

333 Vendo-ſe o vigilante Paroco Joſeph Xavier em taõ lamentavel deſarranjo, recorreo ao compaſſivo Monarca o Senhor D. Joſeph, o qual lhe mandou dar hum armazem ao Chafariz de ElRey para nelle erigir o ſagrado Tabernaculo, e adminiſtrar os Sacramentos ao povo. Mandou logo o Paroco ornar a caſa com toda a decencia, e fazendo conduzir para ella o mais precioſo movel, que podefal-

ſalvar, e ſobre tudo os ſagrados Vaſos (depois que a todo o riſco, e ſobreſalto conſumio as Fórmas) alli ſe eſtabeleceo deſde veſpera de Natal de 1755. Porém ſendo preciſa a caſa, ou armazem para ſe continuar a planta da nova Alfandega, mandou ElRey, que a Junta da Meſa do Bem Commum, e Commercio, fizeſſe a decente accommodaçaõ para a Paroquia. Eſta ſe fez exactamente na antiga Igreja, com toda a promptidaõ, grandeza, e ſegurança, para a qual ſe transferio o Sacramento com huma Prociſſaõ ſolemniſſima em 19 de Março dia do Senhor S. Joſeph do anno de 1757. Dentro do ſeu deſtricto exiſte a ſeguinte

Ermida.

Noſſa Senhora do Roſario. Eſtá ſituada no Campo da Lã com ſua Irmandade, que feſteja a Senhora em 15 de Agoſto com muita grandeza.

334 Numerava eſta Freguezia antes do terremoto, trezentos e cincoenta e dous fógos, e mil e quinhentas peſſoas de ambos os ſexos. Preſentemente ſe achaõ nas propriedades reedificadas cento e cincoenta fógos, e nelles ſetecentas peſſoas. As ſuas ruas eraõ as ſeguintes.

Ruas, e Becos.

Adiça rua em ſubida até a porta do Sol, Galé, Judearia, rua Direita de S. Pedro para o Chafariz, Beco de Alfama, e deſte até o Chafariz delRey, (1) Be-

[1] Corre com baſtante affluencia eſte Chafariz por ſeis bicas de bronze, e he a ſua agua moderadamente quente. Damiaõ de Goes na Deſcripçaõ de Lisboa, intitulada *Oliſipo*, impreſſa no anno de 1552, diz, que naõ vira outra agua melhor, nem ainda igual. *Hic autem ſaporis, & ſplendoris, & lenitatis præſtantia omnium fontium, quos unquam me videre meminerim, aquam, aut aquat, aut ſuperat.* Pelas meſmas palavras diz o meſmo Jorge Braunio no tom. 1. *Civit. Orb. terrar.* Luiz Mendes de Vaſconcellos no tratado do Sitio de Lisboa p. 130., diz, que eſta agua tem a propriedade de fazer boas vozes, e bom caraõ. Duarte Nunes approva o meſmo no capit. 12. da Deſcripçaõ de Portugal. Veja-ſe o Aquilegio Medicinal cap. 2.

Beco do Fogaõ, do Guedes, das Lavandeiras, do Prior.

Freguezias confinantes.

S. Joaõ da Praça, S. Miguel.

XXXIII.

Noſſa Senhora da Pena.

335 A Primeira inſtituiçaõ deſta Freguezia foy eſtabelecida na Igreja do Moſteiro de Santa Anna de Religioſas Terceiras de S. Franciſco, intitulando-ſe entaõ por eſſe motivo Paroquia de Santa Anna. Suppoem-ſe que ſeria erecta pelo Cardeal Arcebiſpo D. Henrique, deſmembrando-a de Santa Juſta, pois a memoria mais antiga da ſua exiſtencia he conſtar, que fora viſitada pelo Arcebiſpo D. Jorge de Almeida no anno de 1570.

336 Depois por juſtas cauſas unindo-ſe alguns freguezes com os Irmãos do Santiſſimo, paſſaraõ a Freguezia para huma Igreja, que ſe andava fazendo, dedicada a Noſſa Senhora da Pena, mudando para ella o Sacramento com ſolemne prociſſaõ em 25 de Março de 1705. (1) E caprichando em concluir o ſagrado edificio, o aperfeiçoaraõ de fórma, que era hum dos Templos excellentes, e em que gaſtaraõ groſſo cabedal.

337 O Paroco tem o predicamento de Cura, que naõ he collado, mas annualmente o apreſenta o Eminentiſſimo Patriarca. O ſeu rendimento ſe extrahe do chamado pé de altar, que ſe reputava huns annos por outros em quatrocentos mil reis. Ao Theſoureiro, que tambem he da apreſentaçaõ do Prelado, renderlhehia cento e cincoenta mil reis. A Irmandade do Santiſſimo apreſentava treze Capellas de varios inſtituidores, e congruas differentes, a ſaber: duas

[1] Santuar. Marian. tom. 7. pag. 147.

duas de ſetenta e dous mil e quinhentos reis cada huma, que inſtituio Maria Luiza de Bulhaõ com o rendimento na Alfandega deſta Cidade, e no Almoxarifado da caſa das Carnes, mas com a obrigaçaõ de ſerem Confeſſores os Capellães. Sete de ſeſſenta mil reis cada huma, que inſtituiraõ o Capitaõ mór Joaõ do Rego Barros, Pedro Jorge, Manoel Dias Vicente, e outros mais: huma de cincoenta mil reis, que a meſma Irmandade do Santiſſimo inſtituio pelos Irmãos vivos, e defuntos: duas de quarenta mil reis, que inſtituiraõ Catharina Pereira, e D. Anna de Menezes: e huma de trinta mil reis inſtituida por Antonio Antunes, que ſe acha reduzida a ſeis mezes. A Irmandade das Almas apreſentava oito Capellas de quarenta e cinco mil reis cada huma, e Miſſa livre cada ſemana; e a Irmandade da Senhora da Pena tem ſeu Capellaõ, a quem dá cincoenta mil reis.

338 Ficou eſta Igreja totalmente derrotada com o eſpantoſo terremoto, porque aos ſeus primeiros impulſos cahiraõ logo os remates das torres do frontiſpicio, que ſepultaraõ a algumas peſſoas, que vinhaõ fugindo para o adro; e abatendo-ſe immediatamente o tecto pintado de admiravel arquitectura pelo noſſo Portuguez Antonio Lobo, tirou a vida a muitas peſſoas, que eſtavaõ na Igreja; experimentando outras muitas a meſma fatalidade nas ruinas de varias caſas em os limites deſta Paroquia.

339 Neſte deſamparo lamentavel ſe foy valer o Paroco, e abrigarſe em huma Ermida, que fica à entrada da portaria do carro do Collegio de Santo Antaõ que foy dos Padres Jeſuitas, para onde mudou o Sacramento, e alli eſteve parte do mez de Novembro do fatal anno de 1755, exercendo os actos Paroquiaes, e depois ſe transferio para a Igreja do Recolhimento de Noſſa Senhora da Encarnaçaõ, e Carmo no ſitio de Rilhafolles, e dahi para a Ermida de Alexandre Metello, da qual paſſou pa-

ra a Freguezia que ſe acha reedificada.

340 Ha no territorio deſta Freguezia as ſeguintes Caſas Religioſas.

Conventos.

Santo Antonio dos Capuchos. De Religioſos Franciſcanos da Provincia de Santo Antonio. Foy fundada a Igreja em 15 de Fevereiro de 1570, e ſe diſſe nella a primeira Miſſa no anno de 1579. (1) Floreceo aqui neſte ultimo ſeculo Fr. Joaõ de S. Diogo, chamado vulgarmente Fr. Joaõ Peccador, varaõ de raras virtudes, ſingular penitencia, e continua oraçaõ, com eſpirito profetico; faleceo ſantamente em o anno de 1690. O ſeu corpo exiſte inteiro.

341 O prejuizo, que padeceo eſte Convento, e Templo com o terremoto, foy cair a abobeda do corpo da Igreja, que ſepultou dez mulheres, e hum homem: arruinou-ſe tambem a Capella chamada do Biſpo, a Capella do Santo Chriſto da Cerca, e a celebre capellinha do famoſo Preſepio tambem experimentou ſua ruina. O ſuſto, e receyo de mayor fracaſſo obrigou aos Religioſos levantar na Cerca para a parte do Norte huma barraca, e nella formaraõ huma decente Igreja, em que celebraraõ os Officios Divinos até 14 de Março de 1758, em cujo dia ſe mudaraõ para a ſua antiga Igreja reedificada, e em muita parte melhorada a diſpendio de varias eſmolas, em que ſe diſtinguio a generoſa liberalidade do Conde de Povolide ſeu Padroeiro na reedificaçaõ da Capella mór.

S. Vicente de Paulo. Dos Padres da Congregaçaõ da Miſſaõ, de quem já fallamos no tomo 2. part. 3. deſte noſſo Mappa cap. 3. §. 21. Experimentou pequena ruina com o terremoto.

Moſ-

[1] Cardoſ. Agiol. Luſit. tom. 1. p. 187. Carvalho Corograf. Port. tom. 3. p. 411.

Moſteiros.

Santa Anna. De Religioſas Terceiras Franciſcanas com obediencia à Provincia de Portugal. Foy fundado no anno de 1561 por ordem da Rainha D. Catharina, em huma antiga Ermida de Santa Anna, donde tomou o nome, ſendo as ſuas fundadoras vinte e quatro Recolhidas chamadas as Penitentes da Paixaõ de Chriſto, que exiſtiaõ no Caſtello. (1) Apreſenta ElRey neſte Moſteiro vinte lugares, como conſta de hum Alvará de ElRey D. Sebaſtiaõ, que vimos, feito em 24 de Setembro de 1577, e a Rainha apreſenta tambem dous lugares (2) inſtituidos pela Sereniſſima Rainha D. Catharina.

342 Cahio a Igreja com o terremoto, e do Moſteiro dous dormitorios, hum que ficava para à banda da portaria, e outro para a calçada do Lavre; cahiraõ mais tres varandas do Clauſtro, e varias caſas, e officinas; ficando ſepultadas neſtas ruinas cinco Religioſas, cinco ſeculares, cinco criadas, e huma educanda; além de outras, que ficaraõ eſtropeadas. Perſuadidas, e afflictas as Religioſas com eſte formidavel aſſombro, ſahiraõ da clauſura, e foraõ para a cerca do Collegio de Santo Antaõ, onde eſtiveraõ no Sabbado, e no Domingo, em cujo dia ſe mudaraõ para a quinta da Bempoſta do Sereniſſimo Infante D. Pedro, que lhe mandou fazer barracas promptiſſimamente, e aqui eſtiveraõ até veſpera de S. Joaõ de 1756, em que ſe recolheraõ para o ſeu Moſteiro reparado no ſummamente preciſo, em cujos Coros rezaõ, e exercitaõ todas as ſuas funções Regulares.

Noſſa Senhora da Encarnaçaõ. De Religioſas Commendadeiras da Ordem Militar de S. Bento de Aviz.

[1] Fr. Apolinar. no Clauſtro Franciſcan. p. 135. Corograf. Portug. tom. 3. p. 416. Agiolog. Luſit. tom. 2. pag. 271. Chriſtovaõ Rodrig. de Oliveira no Summario de Liſboa pag. 85. da impreſſaõ moderna.
[2] Soled. Hiſtor. Serafica part. 4. p. 525.

Foy eſte Moſteiro mandado edificar pela Infanta D. Maria, filha de ElRey D. Manoel, e nelle entraraõ a 15 de Setembro de 1630 as primeiras Religioſas fundadoras, que eraõ D. Luiza de Noronha, e Maria da Purificaçaõ do Moſteiro da Eſperança, e D. Antonia da Silva de Odivellas, por Breve de Paulo V., as quaes ſe transferiraõ deſde a Ermida de S. Mattheus, e palacio da Caſa de Caſcaes, ſito ao Borratem, onde haviaõ eſtado eſperando por empreſtimo, que ſe acabaſſe eſte Moſteiro deſde Agoſto de 1614. (1) A tençaõ da Infanta naõ foy edificar Moſteiro para Religioſas Commendadeiras da Ordem Militar de Aviz; o Papa Paulo V. he que fez a commutaçaõ a ſupplicas de ElRey D. Filippe II. (2) Eſtaõ eſtas Religioſas ſubordinadas ao Tribunal da Meſa da Conſciencia. No anno de 1734 a 10 de Agoſto, padeceo eſte Moſteiro hum terrivel incendio, que deſtruio huma grande parte do ſeu edificio. Paſſaraõ as Religioſas para o Moſteiro das Commendadeiras de Santos, onde eſtiveraõ hoſpedadas, até que ſe reedificou o ſeu Moſteiro ſumptuoſamente por ordem de ElRey D. Joaõ V., e ſe reſtituiraõ para elle.

343 Succedendo porém o infauſto, e formidavel tremor de terra, fez eſte eſtremecer, e abalar todo o Moſteiro de ſorte, que ſuppoſto o naõ precipitaſſe, lhe cauſou baſtantes ruinas; e deixando-o incapaz de ſe habitar, foraõ as Religioſas, que todas ſaõ Senhoras nobiliſſimas, abrigarſe cheas de ſuſtos, na Cerca do Collegio de Santo Antaõ, onde cada huma à ſua cuſta fez o ſeu abarracamento, e alli eſtiveraõ até 13 de Março de 1758, em cujo dia por ordem de ElRey Fideliſſimo D. Joſeph foraõ conduzidas em coches da Caſa Real para o ſeu antigo Moſteiro, que o meſmo Senhor com incompara-

F [1] Cardoſ. no Agiol. Luſit. tom. 2. pag. 297. [2] Lima Geograf. Hiſtor. 2. pag. 154.

ravel piedade lhe mandou concertar do melhor modo, que foy poſſivel, em quanto ſe cuida em reedificaçaõ mais ampliada.

Recolhimento.

Noſſa Senhora da Encarnaçaõ, e Carmo. Eſtá no ſitio de Rilhafolles, e lhe deu principio huma devota mulher, chamada Iſabel Franciſca no anno de 1704, dirigida pelo Padre Alvaro Cienfuegos Jeſuita, que depois foy Cardeal, e tinha vindo a Lisboa por Confeſſor de Carlos III. Foraõ-ſe aggregando outras devotas, e taõ affectas ao Recolhimento, que em veſpera de Natal de 1738 começaraõ a rezar em Coro o Officio de Noſſa Senhora; e em 24 de Março de 1740 obtiveraõ licença do Eminentiſſimo Cardeal Patriarca para ſe veſtirem com o habito de Noſſa Senhora do Monte do Carmo, de que actualmente uſaõ. De fórma ſe foraõ applicando à perfeiçaõ Religioſa, que pela Paſcoa de 1742 deraõ principio a rezar coralmente as Horas Canonicas, e com tanta regularidade o executaõ, que parece o ſeu Coro, e canto de huma Communidade mais obſervante da perfeiçaõ no culto Divino. Reſplandece eſte naõ menos no aſſeyo da ſua Igreja, que benzendo-ſe em 6 de Dezembro de 1746, e collocando-ſe nella a 4 de Fevereiro de 1748 o diviniſſimo Sacramento com grande feſtividade, em cujo dia fez Pontifical o Arcebiſpo de Lacedemonia D. Joſeph Dantas Barboſa, ſe celebraõ nella todas as ſuas feſtas com ſingular decóro, e grandeza. Perſuadido o Papa Benedicto XIV. da grande edificaçaõ, com que eſtas Recolhidas vivem, lhes fez a graça em Janeiro de 1758 de poderem trazer veo preto, como ſe foſſem Religioſas profeſſas; as quaes pelas virtudes preclaras, em que ſolidamente cultivaõ o eſpirito, ſervem de vivos exemplares da perfeiçaõ Religioſa. O pequeno damno, que lhes cauſou o terremoto, ſe acha reſtaurado.

Er-

Ermidas.

Senhor Jeſus da Salvaçaõ. He huma Ermidinha na Calçada de Santa Anna junto ao muro das Religioſas Commendadeiras, a qual he adminiſtrada por huma Confraria da Via-Sacra.

S. Lazaro. Neſta Ermida eſtá hum Hoſpital, que pertence à Freguezia de Santa Juſta.

Noſſa Senhora da Salvaçaõ. Fica junto ao Cemiterio, onde ſe enterraõ os pobres doentes, que fallecem no Hoſpital Real.

Via-Sacra. Eſtá contigua ao palacio do Deſembargador Alexandre Metello de Souſa no Campo do Curral. Nenhuma deſtas quatro Ermidas ſentio os effeitos do terremoto. Depois deſte ſe edificaraõ algumas Ermidas de frontal em o meſmo campo, e ſaõ as ſeguintes.

Senhora da Caridade. Que erigiraõ os Irmãos do meſmo titulo, por ſe haver deſtruido a que tinhaõ feito junto à Baſilica de Santa Maria.

O Senhor da Paz.

A Senhora do Roſario.

344 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de mil e trezentos e trinta e ſeis fógos, e de cinco mil e ſeſſenta e ſeis peſſoas de communhaõ. Depois do terremoto com as peſſoas que ſe abarracaraõ no campo chegou ao numero de mil quatrocentos e trinta e dous fogos. As ruas ſaõ as ſeguintes.

Ruas.

Santa Anna, Santo Antonio, Campo do Curral, Carreira dos Cavallos, Caſas dos Bernardos, Caſas da Miſericordia, Cemiterio, Cruz, Encarnaçaõ, S. Lazaro, Martim Vaz, Moinho do Vento, Moſteiro de Santa Anna, Muro dos Apoſtolos, Portaria do carro do Collegio, Recolhimento, Rilhafolles.

Freguezias confinantes.

Anjos, S. Joſeph, Santa Juſta, S. Sebaſtiaõ da Pedreira, Soccorro.

XXXIV.

Santiſſimo Sacramento.

345 TEve eſta Freguezia o ſeu principio na Igreja do Convento da Santiſſima Trindade, eſtabelecendo-a o Arcebiſpo de Lisboa D. Jorge de Almeida pelos annos de 1584 na primeira Capella da maõ direita a quem entrava na Igreja, e deſmembrando-a da Freguezia de S. Nicolao, e Martyres. (1) Depois no anno de 1664, deſavindo-ſe com os Religioſos os Irmãos do Santiſſimo, ſe paſſaraõ para a Igreja das Convertidas, onde eſtiveraõ pouco tempo, e os Bautiſmos ſe faziaõ na Paroquial dos Martyres com licença do Cabido. (2)

346 Havia-ſe dado principio a huma nova Igreja com o titulo do Santiſſimo Sacramento para ſervir de Paroquia no ſitio fronteiro ao Palacio do Marquez de Arronches, lançando-ſe a primeira pedra no edificio a 26 de Novembro de 1667, e eſtando feita grande parte, ſe demolio por embargos do meſmo Marquez, até que o Conde de Valladares offerecendo liberalmente terreno proprio defronte de ſeu palacio para fundamento da Igreja, ſe começou eſta a fabricarſe no anno de 1671, e concluindo-ſe no de 1685, para ella ſe transferio o Santiſſimo Sacramento ſolemnemente em a Dominga da Quinquageſima deſde a Igreja do Carmo. (3)

347 O Paroco, que tinha o predicamento de Cura, hoje tem o de Reitor, a que o elevou o Eminentiſſimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida,

---

[1] Cunha nos Biſp. de Lisb. part. 2. cap. 83. de cuja authoridade ſe prova, que eſta Freguezia naõ foy ſeparada de S. Juliaõ, como affirma Leitaõ Ferreira nas Noticias Chronologicas num. 1233. [2] Fr. Apolinar. na Demonſtraçaõ Hiſtor. num. 267. [3] Corografia Portug. tom. 3. p. 458.

da como Donatario deſta Igreja, a qual rendia quatrocentos mil reis; e ao Theſoureiro, que apreſentaõ alternativamente o Paroco, e a Irmandade do Santiſſimo, lhe rendia cento e vinte mil reis. Apreſentava a ſobredita Irmandade nove Capellas, quatro de eſmola de ſeſſenta mil reis com obrigaçaõ de confeſſar, e acompanhar o Santiſſimo, huma de cem mil reis com obrigaçaõ de Coro, para quando ſe eſtabeleceſſe; outra de oitenta mil reis com a meſma obrigaçaõ; e duas deambulatorias. Eſta meſma Irmandade ſe achava muito opulenta, e poſſuhia riquiſſimos ornamentos, e muitas peças, e cofres de prata, e eſtimadiſſimas Reliquias. (1) A Irmandade de S. Miguel, e Almas apreſentava quatro Capellães, hum com cincoenta mil reis, os outros com quarenta mil reis, e Miſſa livre.

348 Em o tremendo dia do terremoto, e memoravel incendio padeceo eſta Igreja huma total derrota; porque o Templo ſe arruinou, ſepultando ſetenta e cinco peſſoas; e todo o movel da Igreja ſe reduzio a cinzas; reputando-ſe a ſua perda em mais de duzentos mil cruzados, pois ſó eſcapou a ſagrada Pyxide com o Santiſſimo Sacramento. Com o ſuſto deſte laſtimoſo ſucceſſo paſſou logo o Paroco o Sacramento para a Ermida de Noſſa Senhora da Conceiçaõ dos Cathecumenos, refugiada, e ereƈta no Telheiro de aguas livres, onde eſteve tres mezes: depois ſe mudou para o Moſteiro das Religioſas Trinas ao Rato, onde permaneceo até ſe transferir para a nova accomodaçaõ, que ſe fez miſtica à meſma Igreja.

349 Den-

[1] Entre eſtas Reliquias, conforme a noticia, que nos mandou o Rev. Reitor deſta Paroquia Manoel Luiz Ribeiro, exiſtia o Calix, em que Chriſto Senhor Noſſo conſagrou ſeu precioſiſſimo ſangue, e fora dadiva do Biſpo do Porto D. Fr. Joſeph de Evora, quando veyo de Roma no anno de 1741; porém ſempre nos cauſou muita duvida, pois na *Vida de Chriſto* pag. 420. deixámos provado, que eſta Reliquia ſe conſerva na Cathedral de Valença.

349 Dentro do ambito deſta Paroquia exiſtem os ſeguintes

Conventos.

Noſſa Senhora do Carmo. De Religioſos Carmelitas Calçados. Foy eſte edificio verdadeiramente magnifico fundado no anno de 1389 pelo virtuoſo Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira, e começaraõ os Religioſos, que vieraõ da Villa de Moura, a exercer aqui os actos de Communidade no anno de 1397. Deſta ſagrada fabrica faz huma exacta Deſcripçaõ o ſeu grande Chroniſta Fr. Joſeph Pereira de Santa Anna. (1) Mas ſendo eſta obra taõ eſtimavel pela ſua grandeza, fortaleza, e arquitectura, muito mais o era pelas muitas, e importantes alfayas, que ſerviaõ ao adorno, e veneraçaõ. Tudo ſe perdeo fatalmente com o ſoberbo terremoto, e immediato incendio em o primeiro de Novembro infauſto; acabando a vida em taõ lamentavel tragedia quatorze Religioſos, que he perda para mais ſentirſe.

350 Neſta deſordem, e confuſaõ procurou a mayor parte da Communidade o refugio no ſitio da Cotovia dentro das obras do Conde de Tarouca; porém eſpalhando-ſe huma voz vaga, que o incendio hia chegando ao Caſtello, e que pegando facilmente no armazem da polvora, acabaria de desbaratar, e arrazar horrendamente a Cidade; compellidos deſte pavor, buſcaraõ mayor diſtancia, indo para o Campo Grande com a veneranda Imagem da Senhora do Carmo, que foy a que ſe pode ſalvar, e o Santiſſimo Sacramento, onde armando tendas de campanha, alli eſtiveraõ abarracados até veſpera de Natal do meſmo anno, em cujo dia paſſaraõ para o terreno contiguo ao arco das Aguas Livres acima do Rato, onde haviaõ mandado fabricar huma

[1] Pereira Chron. do Carmo tom. 1. part. 4. c. 1. Veja-ſe tambem Jorge Cardoſo no Agiol. tom. 3. p. 213.

ma Ermida com accommodaçaõ decente para os meſmos Religioſos. Mas como naõ pareceſſe juſto ao zeloſo Provincial deſamparar o antigo ſitio do ſagrado Convento, nem a companhia do venerando corpo do virtuoſo Condeſtavel, diſpoz à cuſta de grande diſpendio, e trabalho, que entre a portaria regular do Convento, e a do carro ſe erigiſſe nova Igreja, e proporcionados commodos, para onde com a brevidade opportuna ſe eſtabeleceraõ.

Santiſſima Trindade. De Religioſos Trinitarios. A primeira fundaçaõ deſte Convento foy, ſegundo eſcreve D. Rodrigo da Cunha, (1) no anno de 1294, dando-lhe a Cidade liberalmente aos primeiros fundadores, que vieraõ de Santarem, o ſitio em que ſe incluia huma Ermida de Santa Catharina, que lhes ſervia de Igreja, em quanto ſe edificava o novo Convento. Creſceo eſte à cuſta das eſmolas dos fieis, e particularmente da Rainha Santa Iſabel, a qual mandou lavrar nelle huma eſpecial Capella com o titulo da Conceiçaõ da Senhora, que foy a primeira neſte Reino dedicada a taõ ſoberano Myſterio, de que era devotiſſima. (2) Depois no anno de 1560 ſe melhorou o edificio com grandeza, e mageſtade; pois ſó no Templo ſe numeravaõ duzentos e trinta e hum palmos de comprido; e cento e vinte e dous de largo, cento e quarenta e oito de altura, com grande numero de ampliſſimas Capellas. Eſcapou felizmente a Igreja do fatal incendio, que em 22 de Setembro de 1708 devorou a mayor parte deſte Convento. (3)

351 Achava-ſe elle quaſi na ultima perfeiçaõ reputado entre os magnificos da Corte, quando aos violentos impulſos do ſempre memoravel tremor de terra cedendo a grandeza do edificio, em breves minutos ſe vio proſtrado, e reduzido a huma mon-

ta-

[1] Cunha Hiſtor. Eccleſ. de Lisboa part. 2. cap. 83. [2] Monarq. Luſit. liv. 19. c. 23. Corograf. Port. tom. 3. p. 460. [3] Anno Hiſtoric. tom. 3. pag. 87.

tanha de confuſa penedîa; acabando de transformar tudo em cinzas o implacavel incendio, que immediatamente lhe ſuccedeo. Conſumiraõ-ſe neſta lamentavel deſgraça mais de cem Imagens de vulto, que ornavaõ os dezoito Altares da Igreja. Eraõ a mayor parte dellas eſpecialiſſimas, e devotas: a do Santo Chriſto crucificado com o titulo de milagroſo; o Santo Chriſto do Coro; o Senhor morto; o Senhor dos Paſſos; a Senhora da Conceiçaõ; a Senhora da Salvaçaõ, e outras muitas, eſcapando unicamente o Senhor Reſgatado, poſto que debaixo das ruinas.

352 Naõ ficou ſendo menos deploravel a perda de innumeraveis Reliquias, que occupavaõ, e enchiaõ quatro Altares; entre as quaes eraõ precioſas as de dous corpos inteiros de S Liberato, e S. Bono: hum Santo Lenho de meyo palmo de alto, e hum dedo polegar de largo: hum eſpinho da Coroa do Senhor, e o Sudario ſanto tocado no verdadeiro, que ſe venera em Turim. Fez creſcer o augmento da perda a deſtruiçaõ da eſpaçoſa Sacriſtia com as ſuas eſtimadiſſimas, e cuſtoſas alfayas; onze cuſtodias, tres cofres, hum de valor de cinco mil cruzados; cento e dous caſtiçaes de pé alto; vinte e huma coroas; vinte e dous reſplandores, em que entrava hum de ouro cravado de diamantes; trinta e duas alampadas, das quaes duas da Capella mór cuſtaraõ ſeis contos de reis; dezanove cruzes, entre as quaes havia duas, que tinhaõ cuſtado ſeis mil cruzados; ſeis ciriaes de exceſſiva grandeza, e valor; e outras muitas peças de prata, que naõ referimos, por ſer mais memoravel a perda dos dous famoſiſſimos orgãos da Igreja, e do Coro magnifico, os quaes haviaõ cuſtado perto de cincoenta mil cruzados.

353 Entre eſtas perdas ſerá tambem muito ſenſivel, e quaſi irrecuperavel a grande collecçaõ de livros, que comprehendia a famoſa, e eſtimavel

Bibliotheca deſte Convento, que pela ſua raridade eſtava avaliada em duzentos mil cruzados: e por evitar palavras, todo o Convento com a ſua elevada torre ſe reduzio a terra, e a cinzas, naõ ficando em rigor nem ainda paredes, porque alguma, que em pé ſe ſuſtenta, ſerá preciſo demolirſe.

354 Ficaraõ ſepultados debaixo das ruinas quinze Religioſos, de que faremos memoria: o Padre Prégador geral Fr. Luiz de Salazar, de noventa annos de idade, e perfeito Religioſo, eſtava dizendo Miſſa no Altar de Santa Anna. O Prégador geral Fr. Joaõ de S. Felix, de ſetenta e ſeis annos, excellente Prégador, e ornado com as prendas de inſigne compoſitor de Muſica, e deſtro no orgaõ, e rebecaõ. O Padre Preſentado Fr. Joſeph de Gouvea, duas vezes Miniſtro do Livramento, e de cincoenta e oito annos de idade, Religioſo muito cheyo de zelo, e de temor de Deos, eſtava dizendo Miſſa na Capella do Reſgate. O Padre Meſtre Fr. Manoel de Santo Thomaz, de cincoenta annos de idade, e de grande ornamento da Religiaõ, muito exemplar, muito abſtinente, ſingular Theologo, e Letrado, prompto em todas as materias, em que o conſultavaõ, incanſavel no Confeſſionario, e em exercer os actos da Communidade. O Padre Fr. Antonio de Almeida, actual Procurador geral da Provincia, Religioſo de cincoenta e hum annos, e que tinha ſervido varios empregos na Religiaõ, eſtava confeſſando. O Padre Fr. Thomaz de S. Joſeph, de cincoenta e cinco annos, bom Theologo, Prégador, e de vida exemplar, pereceo indo da Sacriſtia para a Igreja. O Padre Fr. Vicente Ferreira, de cincoenta e cinco annos, que tinha ſido Prelado em Lagos, e Setubal, eſtava confeſſando. O Padre Fr. Joſeph da Expectaçaõ de exemplar procedimento, e bom Prégador. O Padre Fr. Manoel Ferreira, de trinta e dous annos, muito exemplar, e applicado à liçaõ dos livros: tinha acabado de celebrar Miſſa,

e

e recolhendo-ſe à ſua cella para recordar hum Sermaõ, que havia de prégar no dia ſeguinte, cahio a torre ſobre elle, e ſe achou depois meyo queimado em hum lanço das varandas. O Padre Fr. Domingos de Santa Anna, Cantor mór do Convento, de trinta e dous annos, excellente Muſico, e deſtriſſimo em tocar rebecaõ, e ſobre tudo de vida muito ajuſtada, pereceo eſtando dizendo Miſſa na Capella da Conceiçaõ. O Padre Fr. Joſeph Cabral, de trinta e hum annos, Prégador com boa aceitaçaõ, cahio do Coro, e veyo morrer na Igreja. O Padre Fr. Felix de Souſa, eſtudante Theologo de vinte e quatro annos, mas muito pacifico, e de grandes eſperanças, eſtava dando a communhaõ, quando ſuccedendo o repentino incidente do terremoto, fechando o vaſo das ſagradas Particulas, as quiz ſalvar fugindo para a Sacriſtia, onde pereceo, e junto a ella ſe deſenterrou depois de muitos mezes com o ſagrado Vaſo unido a ſeu peito. O Padre Fr. Bernardo de S. Luiz, eſtudante Theologo. O Padre Fr. Joaquim de Santa Anna, Organiſta, e Muſico de excellente voz. Fr. Giraldo da Luz, Religioſo leigo de cincoenta annos, e ſineiro muito zeloſo, e exacto na ſua obrigaçaõ, cahio com a torre, que o ſepultou.

355 Os mais Religioſos, que eſcaparaõ, ſem ſe vencerem do temor, que lhes repreſentava o exceſſo deſta tragedia, naõ deſampararaõ todavia o Convento, antes vendo que no pateo da porta do carro lhes ficara hum palheiro velho ainda cuberto, alli ſeis, ou ſete pobremente ſe accommodaraõ, e os outros foraõ para o ſeu Convento de Noſſa Senhora do Livramento, junto a Alcantara. Cuidaraõ logo em fazer no dito pateo huma Igreja, abrindo-lhe porta para a rua, e a tem ornado com ſeis Capellas, e com varias Imagens; collocando em hum dos Altares o Senhor Reſgatado, que ſalvaraõ illeſo d'entre as ruinas. Em hum celeiro, que alli eſtava no meſ-

meſmo pateo menos arruinado, fizeraõ ſeus cubiculos, onde habitaraõ mais de vinte Religioſos, para melhor celebrarem os Divinos Officios.

356 Numerava eſta Freguezia antes do terremoto ſeiſcentos e quarenta e dous fógos; e tres mil e quatrocentas peſſoas. Depois do terremoto, como ſe queimou quaſi toda a Freguezia, numera preſentemente ſituadas em barracas diſperſas, mil e cem peſſoas; e he eſta huma das Paroquias, que ficou bem deſtruida: as ſuas ruas, que hoje ſe vem quaſi ſolitarias, e confuſas, eraõ as ſeguintes.

Ruas.

Adro da Igreja, Arco de D. Manoel, Calçadinha do Carmo, Chiado, Condeça, Gallegos, Oliveira, Portaria do carro do Carmo, e da Trindade, Poſtigo de S. Roque.

Becos, e Traveſſas.

André Soares, Arcebiſpo, Cruz, Eſtevaõ Galhardo, Forno, largo do Carmo, Lavandeira, Loreto, Marqueza, Paſteleiro, Ricardo, Salema, Secretario de Guerra.

Freguezias confinantes.

Encarnaçaõ, Martyres, S. Nicolao.

XXXV.

Salvador.

357 COm a prodigioſa invençaõ da Santa Imagem de hum Crucifixo, que neſte ſitio ſe deſcobrio logo nos principios de Lisboa conquiſtada, ſe erigio huma Ermida com o titulo de Santo Salvador da Matta, à qual concorria muita gente pelos grandes prodigios, que Deos obrava por intervençaõ deſta veneranda Imagem. A devoçaõ continua do povo, e o concurſo dos fieis moveraõ ao Prelado Dieceſano, a que erigiſſe na Ermida huma Paroquia: quem elle foſſe, e em que anno ſe

eſta-

eſtabeleceo, naõ ſe ſabe com certeza: ſó achamos, que o Biſpo do Porto D. Joaõ Eſteves de Azambuja, que depois foy o ſegundo Arcebiſpo de Lisboa, conſtituira eſta Igreja em Priorado com Beneficiados, annexando-lhe a Igreja de Bemfica, de quem recebiaõ as duas partes dos dizimos, e a Sé a terceira parte, ficando todavia a apreſentaçaõ deſte Priorado incorporada no Padroado da Coroa.

358 Depois no anno de 1391 obteve o meſmo Prelado de ElRey D. Joaõ I. a mercê do Padroado deſta Igreja para ſi, e ſeus deſcendentes; e no meſmo anno alcançou de Bonifacio IX. hum Breve, que começa: *Ad ea, quæ Divini cultus augmentum*, (1) para fundar na dita Igreja hum Moſteiro de Religioſas Dominicas, e poderlhe annexar as rendas, e direito, que ao Prior, e Beneficiados da ſobredita Paroquia pertenciaõ; de tal fórma, que vagando os ditos Beneficios a Prioreza, e Freiras do Moſteiro podeſſem tomar poſſe das rendas, e convertellas em ſeus uſos: e para adminiſtrar os Sacramentos aos Freguezes, elle ſe obrigou a conſtituir hum Vigario, deputando-lhe ordenado competente para ſua ſuſtentaçaõ. E ſem embargo, que depois de começada a obra houveraõ duvidas com o Dieceſano de Lisboa, que dizia ſer em prejuizo das rendas Epiſcopaes; fez-ſe compoſiçaõ, pela qual o Biſpo do Porto, Prioreza, e Freiras largaraõ ao Prelado de Lisboa a terceira parte dos dizimos da Igreja do Salvador em 29 de Julho de 1393.

359 Tem o Paroco deſta Freguezia titulo de Vigario, que apreſentaõ os Condes dos Arcos, como deſcendentes de Joaõ Eſteves Alcaide mór de Lisboa, chamado o Privado, e irmaõ do ſóbredito Arcebiſpo D. Joaõ Eſteves de Azambuja, poſto que os Condes uſaõ hoje do appellido de Noronha.

Ren-

[1] Refere Soror Maria do Bautiſta no livro da Fundaçaõ deſte Moſteiro, pag. 22.

Rende a Vigairaria duzentos e cincoenta mil reis. Ha mais dous Capellães apreſentados pelo dito Conde, os quaes entraõ nas offertas com o Vigario, e com as Freiras, que levaõ metade. As Irmandades aqui eſtabelecidas, ſaõ a do Santiſſimo Sacramento, que por voto das Religioſas, e naõ por ſolemnidade de Corpo de Deos, faz todos os annos huma pompoſa prociſſaõ com o Santiſſimo na primeira Dominga depois da Aſcenſaõ do Senhor. (1) A da Senhora dos Remedios Imagem muito milagroſa. (2) A da Senhora do Roſario, e a da Senhora da Aſſumpçaõ.

360 Ha neſta Paroquia o ſeguinte

Moſteiro.

S. Salvador. De Religioſas Dominicanas. Foy fundado pelo Arcebiſpo de Lisboa D. Joaõ Eſteves de Azambuja no anno de 1391, cujo corpo jaz no Coro de cima com ſeu epitafio, que tranſcreve D. Rodrigo da Cunha. (3) Para effeito deſta inſtituiçaõ reduzio por Breve de Bonifacio IX., que acima allegamos, as rendas da Paroquia aqui exiſtente a huma Vigairaria, e com os frutos remanecentes eſtabeleceo renda fixa para as Religioſas, fazendo que ellas profeſſaſſem a Regra de S. Domingos, ſendo antecedentemente humas mulheres, que faziaõ vida penitente, e ſolitaria, a quem chamavaõ naquelles tempos *Emparedadas*, e viviaõ neſte ſitio em hum pobre Recolhimento. A Rainha D. Leonor, mulher de ElRey D. Joaõ II. lhe acabou o edificio no anno de 1478.

361 O

[1] Fr. Apollinario na Demonſtraçaõ Hiſtorica num. 161. [2] Santuario Mariano tom. 1. p. 45. [3] Cunha nos Biſpos do Porto part. 2. na addiçaõ ao cap. 23. diz, que eſte Arcebiſpo fallecera, ſegundo conſta do ſeu epitafio, a 23 de Janeiro de 1413, dous annos menos do que diſſemos a pag. 125. guiados pela authoridade do meſmo D. Rodrigo da Cunha.

361 O corpo da Igreja deſte Moſteiro, onde eſtá eſtabelecida a Paroquia inteiramente ſe arruinou com o terremoto de fórma, que ſerá impoſſivel repararſe, ſem a levantarem por toda a parte desde os alicerſes. Retirou-ſe o Santiſſimo para a Igreja do Menino Deos, onde eſteve dous mezes, e ſe recolheo para a caſa, que era da grade das Religioſas, onde interinamente eſtá ainda, tolerando ſómente com a neceſſidade do tempo a menor decencia do lugar. Das Religioſas morreraõ doze profeſſas, huma Noviça leiga, duas ſeculares, e huma criada. As mais que ficaraõ, ſahiraõ da clauſura, e humas foraõ para o Cardal da Graça, e ſe apoſentaraõ na quinta do Alcaide Fidalgo, outras eſtiveraõ no Campo Grande em caſa do Deſembargador Franciſco Lopes de Carvalho. Paſſados alguns mezes, ſe foraõ recolhendo para o Moſteiro, onde ſe achaõ já mais de oitenta exercendo os actos da Communidade.

362 Conſtava eſta Freguezia de duzentos e ſeſſenta e ſeis fógos, e mil e cincoenta peſſoas de communhaõ. Hoje terá menos ſetenta fógos diſtribuidos pelas ſeguintes

Ruas, e Becos.

Beco do Gracez, que ficou deſtruido, Calçadinha das Eſcolas geraes, Caſtello Picaõ, Largo da Igreja, tambem deſtruido, Loureiro, Rigueira, Traveſſa das Cruzes.

Freguezias confinantes.

Santo Eſtevaõ, S. Miguel, Santiago, S. Thomé, S. Vicente.

XXXVI.

Santiago.

363 O Documento mais verdadeiro, que ſe conſerva no Cartorio deſta Igreja, por onde ſe poſſa inferir a ſua antiguidade, he huma com-

poſiçaõ, que o Prior, e Beneficiados fizeraõ entre ſi no anno de 1337. No de 1371 ha memoria da ſua exiſtencia, porque tambem ſe conſerva a de ſeu Prior Joaõ de Soure Vigario geral do Biſpo Agapito Colona, de que ſe lembra a Hiſtoria Eccleſiaſtica de Lisboa. (1) Continuaõ as memorias até o anno de 1551, em que Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira faz della mençaõ no ſeu Summario; e deſde o anno de 1555 he o tempo donde começaõ a correr os aſſentos no livro mais antigo dos bautizados, que tem eſta Igreja, na qual todavia ſe conſerva a tradiçaõ de ſer erecta pelo primeiro Biſpo de Lisboa D. Gilberto. (2) No ſeu adro exiſtia collocada huma pedra antiquiſſima em que ſe lia:

Aſclepo Clicini
Decimi.

Da qual ſe lembra Cardoſo no *Agiologio tom. 2. pag.* 31. E era memoria que os moradores de Lisboa dedicaraõ ao Preſidente Aſclepo pelos annos 300 de Chriſto.

364 Participa o Paroco do honorifico titulo de Prior, e como Igreja do Padroado Real he apreſentada por ElRey. Rende-lhe duzentos e cincoenta mil reis, e cada hum dos tres Beneficios, que aqui ha, e apreſenta o Prior, renderá oitenta mil reis, ſervindo-o. As Capellas, que ha neſta Igreja ſaõ cinco, a ſaber: huma que inſtituio o Conego Magiſtral Nuno da Cunha Deça com oitenta mil reis de congrua, e com obrigaçaõ de rezar o Capellaõ no Coro com os Beneficiados, os quaes com o Prior, ſaõ os que a apreſentaõ: outra que deixou o Prior deſta Igreja André Franco com a congrua de cincoenta mil reis, de que ſaõ adminiſtradores os filhos de Joſeph de Souſa Carneiro: outra que inſ-

---

[1] Cunha Hiſtor. Eccleſ. de Lisboa part. 2. cap. 103. n. 2. [2] Corograf. Portug. tom. 3. p. 350.

inſtituio Pedro Nunes da Coſta Gentil com a eſmola de cincoenta mil reis : outra de ſeſſenta mil reis, que apreſentaõ os Cirieiros da Irmandade aqui erecta de Noſſa Senhora a Franca: (1) outra de cento e cincoenta reis cada Miſſa, que inſtituio Balthaſar Pinto, mas he ſó meyo annal, e ſaõ ſeus adminiſtradores os herdeiros de Dionyſio de Oliveira, Eſcrivaõ que foy da Chancellaria da Corte.

365 A pequena ruina que padeceo ſe acha reparada. Tem dentro do ſeu deſtricto as ſeguintes

Ermidas.

S. Braz. Vulgarmente chamada Santa Luzia, he Igreja iſenta, por ſer Commenda da Religiaõ Militar de Malta. O pequeno damno, que experimentou com o terremoto, ſe acha recuperado.

S. Filippe, e Santiago. Antigamente lhe chamavaõ Hoſpital dos Caſtelhanos. Adminiſtra-a Rodrigo Antonio de Figueiredo, que depois de a poſſuir, lhe ficou chamando a Ermida do Amparo, por cauſa de huma Imagem da Senhora com eſte titulo. Tem hum Altar, que pertence à Irmandade da Senhora Mãy dos Homens de Xabregas, por ſahir deſta Ermida o Terço, e a Irmandade, quando vay acompanhar os Irmãos, que fallecem. Tem mais outro Altar do Senhor Jeſus com o titulo de Reformador de Lisboa, que os Senhores deſta Caſa querem pôr em cabeça de morgado.

366 Conſtava eſta Freguezia de cento e vinte fógos, diſtribuidos pelas ſeguintes

Ruas.

Rua que vay do Limoeiro para as Portas do Sol, Rua que vay da Igreja de S. Braz para o Chaõ da Feira, Rua da Lagem, de huma parte ſómente, porque da outra pertence à Freguezia de S. Bartho-

[1] Santuar. Marian. tom. 1. pag. 336.

lomeu, Rua do Funil: Paſſadiço, que vay para os Loyos, ſómente de huma parte, Rua larga, que vay da Igreja para os Loyos.

Freguezias confinantes.

S. Bartholomeu, Santa Cruz, S. Martinho, S. Thomé.

XXXVII.

Santos.

367 SErve eſta Igreja do mayor padraõ da antiguidade, que tem o Chriſtianiſmo em Liſboa; porque neſte ſitio grangearaõ a coroa do Martyrio os glorioſiſſimos tres irmãos Veriſſimo, Maxima, e Julia na perſeguiçaõ do Imperador Diocleciano pelos annos de Chriſto 303. (1) Aqui lhe deraõ os Chriſtãos ſepultura, e lhe ergueraõ certo genero de Altar, ou Ermida; e os Santos como Protectores nacionaes deſta Cidade a defenderaõ milagroſamente de hum cerco apertado, que lhe poſeraõ depois os barbaros Alanos. (2)

368 Occupada Lisboa pelos Mouros, huma das Igrejas, que elles deixaraõ intacta aos Chriſtãos para celebrarem os ſeus Officios, foy eſta, em que eſtavaõ ſepultados os veneraveis corpos dos Martyres invictos, a quem pela fama dos prodigios, que Deos obrava por ſua interceſſaõ, lhes tinhaõ reſpeito os proprios Saracenos; e quando ElRey D. Affonſo Henriques houve de lhes conquiſtar ultimamente Liſboa, ſe viraõ eſtes Santos viſivelmente auxiliar o exercito Chriſtaõ contra os Arabes; por cujo motivo aquelle inclyto Heroe, tanto que ſe vio victorioſo, melhorou a antiga Ermida, fazendo erigir no meſmo lugar hum Templo mais am-

[1] Aſſim o diz Baronio nas Notas ao Martyrologio Romano em o primeiro de Outubro. [2] Monarq. Luſit. liv. 5. cap. 23.

amplo, dedicando-o ao nome trino dos Santos glorioſos Martyres. (1)

369 Paſſado pouco tempo, depois que a Ordem da Cavallaria de Santiago começou a florecer, e augmentarſe em Portugal, tratou ElRey D. Sancho I. de lhe fundar hum Convento, onde houveſſe Religioſos da meſma Ordem, para adminiſtrarem os Sacramentos aos Cavalleiros, que andavaõ na guerra, e ſerviſſe de ſepultura aos que morreſſem no Reino, e aſſim o fez edificar junto deſta Ermida no anno de 1192 ſendo entaõ Meſtre da Ordem D. Sancho Fernandes, e Prior do Convento D. Chriſtovaõ. (2)

370 Aqui viveraõ os Religioſos até o tempo de ElRey D. Affonſo III. no qual ganhando-ſe aos Mouros a Villa de Alcacer do Sal, paſſaraõ para ella os Sacerdotes deſte Convento de Lisboa, (3) e com eſta mudança elle ſe converteo em Moſteiro de Religioſas da meſma Ordem, occupando-o as mulheres, e filhas dos Commendadores, (4) e alli perſeveraraõ por muitos tempos, onde houveraõ Senhoras nobiliſſimas, e religioſiſſimas, até que no anno de 1490 ſe paſſaraõ para o novo Moſteiro de Santos, que lhes mandou edificar ElRey D. Joaõ II. transferindo-ſe juntamente com as Religioſas os corpos dos veneraveis Martyres com huma ſolemniſſima Prociſſaõ.

371 Ficando eſta Igreja deſoccupada, a elegeo o Cardeal Henrique, ſendo Arcebiſpo de Lisboa no

[1] Cunha nos Biſp. de Lisb. part. 1. cap. 18. num. 7. [2] Fr. Jeron. Roman. Hiſtor. da Caval. de Santiago m. ſ. cap. 4. [3] Fr. Jeronymo Roman. acima allegado, diz que a primeira mudança, que eſta Ordem fizera de Lisboa, fora para Mertola, e depois para Alcacer; porém o Chroniſta mór Fr. Antonio Brandaõ no livro 11. cap. 25. da Monarquia Luſitana o emenda, a quem ſeguimos. [4] Fr. Franciſco Brandaõ na Monarq. liv. 17. c. 57. affirma, que as Commendadeiras, e Freiras deſta Ordem eſtiveraõ primeiro na Villa da Arruda, donde vieraõ para eſte Moſteiro de Santos o Velho.

no anno de 1566 para Paroquia, (1) deſmembrando-a da Freguezia de Noſſa Senhora dos Martyres. (2) As caſas, e mais apoſentos ficaraõ vagos para as Commendadeiras por morte de ElRey D. Sebaſtiaõ; e parecendo a eſtas Senhoras mais util ao Moſteiro de Santos o Novo, venderem o dito ſitio, ſe contrataraõ com D. Luiz de Lancaſtre Commendador mór da Ordem de Aviz, e lho venderaõ por dez mil cruzados; mas porque a dita venda foy feita ſem conſentimento do Graõ Meſtre da Ordem, lha annullou D. Manoel de Seabra Biſpo Deaõ da Capella Real, indo no anno de 1593 viſitar o Moſteiro de Santos o Novo por ordem de ElRey Filippe II.

372 Conſta a Paroquia de hum Vigario do Padroado da Mitra, ao qual rende hum conto de reis: naõ tem Beneficio algum; ha porém doze Capellas com obrigaçaõ de Miſſa quotidiana, e de rezarem no Coro o Officio Divino, a cada hum dos quaes rende hoje oitenta mil reis pela diminuiçaõ do juro, porque antigamente rendia cem mil reis: adminiſtra, e provê eſtas Capellas a Irmandade do Santiſſimo em concurſo. He tambem adminiſtradora a meſma Irmandade de mais cinco Capellas, das quaes tres ſaõ de ſeſſenta mil reis, e duas de cincoenta com obrigaçaõ de Miſſa quotidiana.

373 A Irmandade de Noſſa Senhora da Piedade adminiſtra, e provê tres Capellas, das quaes huma he de ſeſſenta mil reis de Miſſa quotidiana, e com obrigaçaõ de ſe dizer às onze horas nos Domingos, e dias Santos de guarda: as outras duas ſaõ de cincoenta e cinco mil reis com obrigaçaõ de acompanharem todas as ſextas feiras do anno a Via-Sacra. A Irmandade das Almas adminiſtra, e provê ſeis Capellas de cincoenta mil reis cada huma com obrigaçaõ de Miſſa quotidiana, ſendo huma dita de madru-

---

[1] Conſta de hum aſſento, que ſe acha no principio do primeiro livro dos Bautizados deſta Paroquia. [2] Fr. Apolinar. na Demonſtraçaõ Hiſtor. num. 265.

drugada. Ha mais huma Capella de cincoenta mil reis, que adminiſtra, e provê a Irmandade dos Santos Martyres.

374 Naõ foy muito o prejuizo, que o horroroſo terremoto cauſou a eſta Igreja, porque ſómente ſentio alguma ruina no Coro facilmente reparavel; porém naõ obſtante, foy tal o ſuſto naquelles primeiros dias, que por cautella de mayor eſtrago, mandou o providente Paroco ſe mudaſſe o Santiſſimo para huma Ermida, ou barraca das caſas de D. Rodrigo de Noronha, contigua ao Convento dos Padres Mariannos. Depois ſe recolheo para a ſua propria Igreja, onde exercita os actos Paroquiaes. Dentro do territorio deſta Freguezia exiſtem os ſeguintes

Conventos.

S. Franciſco de Paula. De Religioſos Minimos. Foy fundado com o titulo de Hoſpicio no anno de 1719 à cuſta de eſmolas, que tirou Fr. Aſcenſo Vaquero, Religioſo leigo da meſma Ordem, e da Provincia de Andaluzia, peſſoa que conhecemos de eſtremada ſinceridade, e virtude. No anno de 1753 por Decreto de ElRey Fideliſſimo ſe começou nova fabrica com titulo de Convento, e ſe acha muito adiantada com os auxilios da Sereniſſima Rainha D. Maria Anna Victoria ſua protectora. Foy hum dos edificios mais bem livrados das violencias do terremoto.

S. Joaõ de Deos. De Religioſos Hoſpitalarios. Fundou-o no anno de 1629 D. Antonio Maſcarenhas Deaõ da Capella Real, Deputado da Meſa da Conſciencia, e Commiſſario da Bulla da Cruzada. Eſtes Religioſos adminiſtraõ aqui hum Hoſpital, que o meſmo Fundador eſtabeleceo para Clerigos pobres. Tambem o terremoto eſpantoſo naõ fez impreſſaõ, que prejudicaſſe a eſte Convento.

Noſ-

Noſſa Senhora do Livramento. De Religioſos da Santiſſima Trindade, no ſitio de Alcantara. A primeira fundaçaõ deſte Convento he do anno de 1679. A ſegunda, que agora exiſte, ſe deve ao zelo, e diſpendio de Fr. Jeronymo de Jeſus Religioſo da meſma Ordem, que fez concluir a fabrica no anno de 1698. (1) Com o terremoto experimentou naõ muita ruina, mas ſem embargo diſſo, ſe mandou logo apontoar; e como a Rainha noſſa Senhora he devotiſſima da ſagrada Imagem, que alli ſe venera de Maria Santiſſima com o titulo do Livramento, ordenou ſe fizeſſe promptamente na Cerca huma Igreja de madeira, onde ſe celebraraõ os Officios Divinos, e os Religioſos eſtiveraõ abarracados em apoſentos, e cubiculos tambem de madeira, em quanto ſe naõ poz expedito o Convento.

Noſſa Senhora das Neceſſidades. Dos Congregados do Oratorio de S. Filippe Neri. Foy edificado na eminencia, que domina a ribeira de Alcantara, junto de huma Ermida da Senhora, feita com as eſmolas dos Fieis, como publíca o letreiro, que eſtá na porta da meſma Ermida, cuja inſcripçaõ foy eſtipulada entre a Irmandade dos homens do mar, que as procurou, e Anna de Gouvea de Vaſconcellos ſobrinha do famoſo Franciſco Valaſco, que o permittio, por ſer ſenhoria do dito ſitio no anno de 1613. Sendo ultimamente ſenhor deſta Ermida, e de huma quinta a ella contigua Balthaſar Pereira do Lago, ElRey D. Joaõ V. lha comprou no anno de 1743, mandando reedificalla de novo, e fundar eſte ſumptuoſiſſimo edificio para habitaçaõ dos Padres Congregados, os quaes tomaraõ poſſe delle nas primeiras veſperas da Aſcenſaõ de Chriſto em 6 de Mayo de 1750.

375 Compoem-ſe eſte Regio artefacto de excellentes cellas, vaſtos dormitorios, e primoroſas offi-

---

[1] Corograf. Portug. tom. 3. pag. 531.

officinas; de huma delicioſa, e dilatada cerca, onde os jardins ornados com immenſa copia de flores, e grande numero de eſtatuas, e buſtos, bellas fontes de pedraria, compridos paſſeyos, e bem ordenadas ruas povoadas de arvores diverſas, formaõ primoroſamente o ſitio mais agradavel, que ſe vê em Lisboa, ſendo antes agreſte por natureza. Muito conduz para ennobrecer a mageſtade deſta obra o Palacio Real, que a hum dos ſeus lados mandou tambem traçar, e erigir o meſmo Soberano com tribunas para a Igreja, e onde hoje habita o Sereniſſimo Infante D. Manoel. Grandemente illuſtra tambem eſta Regia Caſa o admiravel Collegio eſtabelecido pelo meſmo Rey Fideliſſimo, para ſe enſinarem nelle naõ ſó as primeiras letras, mas todas as mais artes, e ſciencias, as quaes os doutos Congregados vincularaõ de tal ſorte com a virtude, que tem idoneos Meſtres para cultivar os ſeus alumnos em grande credito do ſeu novo Methodo. Lograõ mais hum rico movel de numeroſos, e ſelectos livros, e huma bem trabalhada collecçaõ de Maquinas, e inſtrumentos para todas as experiencias de ſeu Curſo Fyſico, a cujas lições recorrem em dias determinados naõ ſó a Nobreza, e literatos da Corte, mas as Peſſoas Reaes, que muitas vezes tem aſſiſtido às operações Fyſicas, e Mathematicas deſte Collegio.

376 Ficou a Igreja izenta, e livre dos perigoſos impulſos do grande terremoto; o Convento porém eſcapou da ultima ruina, a que eſtá expoſta a ſua elevada conſtrucçaõ por cauſa da previſta vigilancia do inſigne Caetano Thomaz, que na fundaçaõ mandou ſegurar com linhas de ferro todo o edificio, e agora para o ſeu reparo arbitrou o dito Architecto quarenta mil cruzados. Os Congregados todavia ſe abarracaraõ na cerca, onde tambem o Sereniſſimo Senhor Infante D. Manoel mandou fazer para ſi huma decente accommodaçaõ de madeira.

Noſſa Senhora da Porciuncula. De Religioſos Capuchos Francezes da Provincia da Bertanha, chamados vulgarmente Barbadinhos. Eſtabeleceraõ-ſe no anno de 1648 em humas caſas, de que lhes fez doaçaõ D. Maria de Guadalupe Duqueza de Aveiro. Naõ experimentou fracaſſo, nem ruina com o fatal terremoto.

Noſſa Senhora dos Remedios. De Religioſos Carmelitas Deſcalços. Foy fundado no anno de 1606, e para elle ſe paſſaraõ os Religioſos com huma devota Prociſſaõ em 3 de Mayo de 1611 deſde humas caſas, em que habitavaõ defronte da Igreja de S. Criſpim. Faz deſta Igreja, e Convento huma exacta deſcripçaõ o Author da Corografia Portugueza tom. 3. pag. 522. A ruina que eſta Igreja, e Convento padeceo com o terremoto, ſe acha recuperada.

Moſteiros.

Santo Alberto. De Religioſas Carmelitas Deſcalças. Fundou-o no anno de 1584 o Cardeal Alberto. Com o terremoto ficou taõ arruinado, que todas as Religioſas eſtiveraõ baſtante tempo abarracadas na quinta do Provedor dos Armazens a S. Sebaſtiaõ da Pedreira. Depois ſe retiraraõ para o Palacio do Conde da Ribeira à Junqueira, e dahi foraõ para o ſeu Moſteiro, onde eſtiveraõ abarracadas na cerca, em quanto ſe naõ concertou.

Santa Brigida. De Religioſas vulgarmente chamadas Inglezinhas; porque as primeiras Fundadoras, que foraõ quinze, vieraõ expulſas de Inglaterra, fugindo à herezia de Henrique VIII., e chegando a Lisboa no anno de 1594, ſe eſtabeleceraõ no bairro do Mocambo, e com eſmolas fizeraõ ſua Igreja, que a 17 de Agoſto de 1651 ſe queimou, e ſe paſſaraõ para o Moſteiro da Eſperança, onde eſtiveraõ hoſpedadas ſete mezes, até que ſe recolheraõ em humas caſas na meſma viſinhança, em quanto

to ſe naõ fez o novo Moſteiro, e Igreja, para cujo diſpendio concorreo Ruy Correa Lucas, e ſua mulher D. Milicia da Silveira. (1) O prejuizo, que lhe occaſionou o terremoto, ſe vay reparando.

Santo Crucifixo. De Religioſas Capuchas chamadas Francezas da primeira Regra de Santa Clara. Vieraõ as fundadoras de Pariz em companhia da Rainha D. Maria Franciſca Iſabel de Saboya ſua Padroeira, a qual lhes erigio o Moſteiro defronte de S. Bento, que o povoaraõ deſde o anno de 1667. Foy primeiramente da obediencia dos Nuncios deſte Reino, depois por Bulla de Clemente XII., ficou ſujeito ao Ordinario em 23 de Abril de 1739. (2) Os abalos do grande terremoto naõ lhe cauſaraõ ruina conſideravel: as Religioſas porém ſe abarracaraõ na ſua cerca, em quanto ſe naõ repararaõ os prejuizos.

Noſſa Senhora da Eſperança. De Religioſas Franciſcanas, que fundou D. Iſabel de Mendanha, Fidalga illuſtre, no anno de 1530, e entraraõ a povoallo no anno de 1536. (3) Padeceo a Igreja com o forte terremoto baſtante ruina em as abobedas, que foy preciſo apeallas por evitar mayor eſtrago; o meſmo experimentaraõ algumas porções do Moſteiro. Aſſuſtadas as Religioſas com taõ urgente motivo, ſe foraõ abarracar para a ſua cerca, onde exiſtiraõ algum tempo em companhia das Religioſas de Santa Clara, que ſe vieraõ aqui recolher, em quanto ſe naõ acabava hum ſumptuoſo Moſteiro, que o compaſſivo, e Fideliſſimo Senhor Rey D. Joſeph I. tem mandado edificar contiguo a eſte da Eſperança, para nelle ſe clauſurarem as duas Communidades de Santa Clara, e Calvario, que ficaraõ totalmente deſaccommodadas.

Noſſa Senhora da Nazareth. De Religioſas Recole-

[1] Corograf. Portug. tom. 3. p. 516. Ann. Hiſtor. tom. 2. p. 537. [2] Fr. Apollinar. no Clauſtro Franciſcano pag. 161. Corograf. Port. tom. 3. p. 515. [3] Cardoſo no Agiolog. tom. 1, pag. 18.

letas de S. Bernardo. Principiou em hum Recolhimento de mulheres penitentes, o qual ſe converteo em Moſteiro no anno de 1654 por diligencia do Padre Fr. Vivaldo de Vaſconcellos Monge Bernardo. Teve eſte Moſteiro inteira deſtruiçaõ com o grande terremoto; por cuja cauſa toda a Communidade ſe retirou para o da Eſperança, em cuja cerca eſtiveraõ abarracadas as Religioſas até 25 de Mayo de 1756, em que ſe foraõ clauſurar na quinta chamada dos Louros, ſituada no Campo pequeno, a qual ElRey lhes comprou por vinte mil cruzados.

Sacramento. De Religioſas Dominicas. Foy fundado pelo Conde de Vimioſo D. Luiz de Portugal, e ſua mulher D. Joanna de Caſtro no anno de 1612. Eſtaõ as Religioſas ſujeitas ao Geral da Ordem. O damno que lhe cauſou o terremoto, eſtá quaſi reparado.

Noſſa Senhora da Soledade. De Religioſas Trinas Recoletas. Foy fundado pelo illuſtre Flamengo Cornelio Wandali, ſobrinho do primeiro Biſpo de Gandavo D. Cornelio Janſenio em o anno de 1657. Começou-ſe a povoar em o de 1661, vindo as Fundadoras do Moſteiro do Calvario. Naõ foy conſideravel a ruina, que eſte Moſteiro experimentou em o dia do terremoto fatal: todavia as Religioſas com o ſuſto foraõ para a Portella, e eſtiveraõ abarracadas na quinta chamada do Meyo Milhaõ, donde ſe reſtituiraõ para o ſeu Moſteiro em 8 de Janeiro de 1757.

Ermidas.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Sita na rua do Acipreſte nas caſas de Joſeph Machado Pinto, Contratador que foy do Tabaco: parece ſer a meſma, a que o Author da Corografia Portugueza dá o titulo da Senhora da Caridade.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Sita nos quarteis de Alcantara, a qual ornaõ, e feſtejaõ os Soldados da dita Praça de armas.

Noſ-

Noſſa Senhora do Monſerrate. Na rua larga de S. Bento nas caſas de D. Antonio de Meneſes.

Senhor Jeſus da Via-Sacra. Contigua à Igreja do Moſteiro da Eſperança. Foy erecta pelos Irmãos da Via-Sacra, pouco antes do terremoto. Depois ſe começou a dizer nella Miſſa, e hoje he da invocaçaõ do *Eſpirito Santo*, onde os naturaes das Ilhas fazem todos os annos grande feſta. As Ermidas, que ſe erigiraõ neſta Freguezia depois do terremoto, ſaõ as ſeguintes.

Senhor Jeſus dos Navegantes. Na rua, que de novo ſe fez chamada do Quelhas para diante do Convento da Eſtrella: principiou de madeira, hoje ſe acha fabricada de cantaria lavrada.

Senhora da Lapa. Cuja Imagem, que he perfeita, mandou fazer o Padre Angelo de Siqueira, Clerigo Secular, e Miſſionario Apoſtolico. Junto deſta Ermida eſtá hum Recolhimento chamado das Orfãs deſamparadas, erecto pela exemplar piedade de Monſenhor Brandaõ, Prelado da Santa Igreja Patriarcal, que chegou nelle a recolher, e ſuſtentar caritativamente mais de ſeſſenta meninas, que andavaõ diſperſas, e expoſtas aos deſarranjos, e perigos, que occaſionara o formidavel terremoto. Porém eleito em Biſpo do Funchal, e transferindo-ſe para o governo do ſeu rebanho em o anno de 1757, ficou Monſenhor Sampayo ſubſtituindo a conſervaçaõ das ditas Orfãs, que preſentemente ſaõ ſó treze.

377 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de mil e oitocentos fógos, e peſſoas de communhaõ oito mil cento e cincoenta. Preſentemente ſe tem augmentado muito com a conſtrucçaõ de novos edificios, e propriedades, que formaõ largas, e eſpaçoſas ruas, das quaes a mayor parte ainda naõ tem nome, ſendo das antigas os ſeguintes.

Ruas.

Arcipreſte, S. Alberto, Amoreira, Santa Anna, Barbadinhos, Bellaviſta, da Meſquiſtella, S. Bento,

to, S. Bento das Trinas, Bernardas, Boaviſta, Caetano Palha, Calçada de S. Bento, Campo das Trinas, Caſas novas das Neceſſidades, Cura, Eſperança, Ferreiros, Freſca, Gaivotas, Guarda mór, Janellas Verdes, Ingleſinhas, S. Joaõ de Deos, Madres, Mandragoa, Marianos, Mercatudo, Olival, Palha, Pampulha, Pé de Ferro, Peſcadores, Poço dos Negros, Poyaes de S. Bento, Sacramento, Silva, Torre da Polvora.

Traveſſas.

Atafona, Caſtello Picaõ, Conde de Obidos, Doutor, Inglezinhas, Iſabeis, Oliveira, Paſtelleiro, Praya. (1)

Freguezias confinantes.

Noſſa Senhora da Ajuda, Santa Catharina, Santa Iſabel, S. Paulo.

XXXVIII.

---

[1] He muito para reparar o milagre continuo, que teſtifica a glorioſa memoria do martyrio dos Santos Veriſſimo, Maxima, e Julia, achando-ſe por todas as prayas contiguas a eſta Igreja humas pedrinhas roliças ſalpicadas de ſangue, e com huma Cruz nellas impreſſa, das quaes conſervamos algumas, e ſaõ tidas em grande eſtimaçaõ pelos devotos. Lembra-ſe dellas hum Hymno antigo, que refere Fr. Agoſtinho de Santa Maria na Hiſtoria Tripartita, onde ſe lê em huma Eſtrofe, fallando dos Santos Martyres.

Fracti ſunt laqueis, ſaxa per aſpera
Exculpſit fluidus ſanguis imaginem
Non vi, nec manibus, ſed cruce fulgida
Teſtantur lapides fidem.

E o Alferes Franciſco de Segura no Romanceiro dos Reys de Portugal part. 1. Rom. 26.

Ay en ti pedras redondas,
de las quales Plinio eſcrive
cerca de Santos el viejo,
que una Cruz a todas ciñe.
Que metidas en la maſſa,
ſi es que brevidad ſe pide,
ſazonan al punto el pan,
y dellas ſuelen ſervirſe.

XXXVIII.

S. Sebaſtiaõ da Pedreira.

378 REinando ElRey D. Joaõ IV., e eſtando a Santa Igreja de Liſboa em Sé vacante, ſe eſtabeleceo eſta Paroquia pelos annos pouco mais ou menos de 1652, edificando-ſe a Igreja à cuſta dos Freguezes, e junto de huma antiga Ermida com a meſma invocaçaõ, que era dos Carpinteiros da rua das Arcas, onde coſtumava aſſiſtir deſde que veyo da India o Patriarca de Alexandria D. Joaõ Bermudes, o qual fallecendo no anno de 1570, e mandando-ſe alli ſepultar, foraõ depois ſeus oſſos transferidos por ordem de D. Filippa de Tavora ſua ſobrinha, para o cruzeiro da Capella mór da nova Igreja, onde preſentemente jazem em ſepultura raza com as ſuas armas eſculpidas ſobre a campa, e com a humilde inſcripçaõ: *Sepultura do Patriarca Da Lexandria Dom Joaõ Bermudes.* (1)

379 Tem o Paroco predicamento de Vigario, que apreſenta o Eminentiſſimo Patriarca, e lhe rende trezentos e cincoenta mil reis. Exiſtem neſta Igreja quatro Irmandades: a do Santiſſimo, que apreſenta tres Capellas huma de ſetenta e tres mil reis, e as duas de ſeſſenta cada huma. Poſſue huma caſa de deſpacho das mais nobres, e aſſeadas, que tem a Corte, com hum precioſo movel de todos os paramentos precioſos para o culto Divino: a das Almas, que adminiſtra, e provê oito Capellas ſeis de ſeſſenta mil reis cada huma, e duas de cincoenta: a de S. Sebaſtiaõ, que apreſenta, e provê huma Capella de cincoenta mil reis: e a do Senhor Jeſus

[1] Deſte Patriarca eſcreve o P. Joſeph Caſſani tom. 7. pag. 318. na Continuaçaõ dos Varões illuſtres de Nieremberg. Cardoſ. Agiolog. tom. 2. p. 362. Ann. Hiſtor. tom. 1. p. 534., e Brandaõ na Monarq. Luſit. liv. 18. cap. 15.

ſus da Via-Sacra com ſeu depoſito, e Oratorio ſeparado pouco mais abaixo da Igreja. Ficou intacta eſta Igreja Paroquial dos horriveis impulſos do terremoto.

380 Dentro dos limites deſta Paroquio eſtá incluſo o ſeguinte

Convento.

Santa Rita. De Religioſos Agoſtinhos Deſcalços. Exiſte na eſtrada de Andaluz, e tomaraõ delle poſſe os Religioſos em 2 de Abril de 1749. Foy muito pequeno o damno, que lhe cauſou o terremoto.

Ermidas.

Santa Anna. Em Sete Rios na quinta de D. Antonio Ignacio da Silveira.

Santo Antonio. Na Cruz da Pedra.

Santo Antonio. Na quinta de Manoel Alvares Louſa, onde chamaõ o Pinhal.

Santo Antonio. Na quinta que foy do Duque de Aveiro.

Noſſa Senhora do Cabo. Na rua Direita, e nas caſas de Fernando Antonio Prégo.

Noſſa Senhora do Carmo. Ao Rego na quinta dos herdeiros de Antonio Furtado de Mendoça.

Noſſa Senhora do Carmo. Na quinta de Antonio das Neves Collaço às Picoas.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta de Rodrigo Ximenes.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta dos Louros. Eſta quinta comprou ElRey Fideliſſimo D. Joſeph I. por vinte mil cruzados para nella ſe clauſurarem as Religioſas Bernardas em 25 de Mayo de 1756.

S. Joaõ Bautiſta. Em Palhavã na quinta, e palacio, que foy do Conde de Sarzedas, e onde habitaraõ os Senhores D. Antonio, e D. Gaſpar Arcebiſ-

biſpo de Braga, e D. Joſeph que foy Inquiſidor Geral, filhos declarados de ElRey D. Joaõ V. Supposto naõ padecer eſta Ermida, nem o palacio ruina conſideravel, os Senhores ſe abarracaraõ no ſeu jardim com a mayor parte da ſua familia, mandando tambem apontoar o edificio para mayor ſegurança delle.

S. Joaõ Bautiſta. Na quinta das Larangeiras.

Noſſa Senhora dos Martyres. Na rua da Piedade ao Rego, e na quinta dos herdeiros de Jacinto Dias Braga.

Noſſa Senhora da Piedade. Em Campolide na quinta, que poſſuem os Padres Congregados do Oratorio. Todas eſtas Ermidas padeceraõ pouca ruina.

381 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de duas mil e cem peſſoas de communhaõ: preſentemente ſe lhe tem augmentado o numero, e ſe diſtribuem pelas ſeguintes

Ruas.

Convalecença, S. Franciſco Xavier, Palhavã, Pidade, Rua nova nas Picoas, Rua direita, do Rebello, Sete Rios, Traveſſa, que vay para a Carreira dos Cavallos.

Freguezias confinantes.

Senhora dos Anjos, Bemfica, Santa Iſabel, S. Joſeph, Pena, Santos Reys do Campo Grande.

XXXIX.

Noſſa Senhora do Soccorro.

382 HE eſta Paroquia filial da de Santa Juſta, donde ſe deſmembrou em tempo do Arcebiſpo D. Miguel de Caſtro, collocando-ſe na Igreja de S. Sebaſtiaõ da Mouraria, que era dos Artilheiros, pelos annos de 1596, e ſe começou a intitular Freguezia de S. Sebaſtiaõ da Mouraria Foyſe augmentando o numero dos Freguezes, e pare-

cendo pequena a Ermida, determinaraõ fabricar outro mayor Templo, para cujo edificio concorreo com o mayor gaſto Agoſtinho Franco de Meſquita, e ſua mulher D. Anna da Cunha, que como Padroeiros da Capella mór jazem alli ſepultados. Com tanto fervor ſe diligenciou a obra da nova Igreja, que em 29 de Setembro de 1646 foy nella collocado o Santiſſimo Sacramento, vindo em prociſſaõ da ſobredita Ermida, donde tambem ſe transferio a Imagem da Senhora do Soccorro, que deu titulo ao novo Templo, e Paroquia. (1)

383 Logo nos ſeus principios tiveraõ os Parocos predicamento de Curas, depois ſe intitularaõ Vigarios, que hoje conſervaõ, ſendo da collaçaõ Ordinaria, cujo rendimento extrahido dos direitos Paroquiaes chega a ſeiſcentos mil reis. Adminiſtra, e apreſenta a Irmandade do Santiſſimo ſeis Capellas de Miſſa quotidiana, tres das quaes rendem ſeſſenta mil reis cada huma, e as outras tres ſaõ de cincoenta. A Irmandade das Almas com a invocaçaõ de Santo André apreſenta dezaſeis Capellães de Miſſa quotidiana com cincoenta mil reis de congrua.

384 Ha mais neſta Igreja duas Capellas inſtituidas pelos Padroeiros, que apreſenta a Meſa da Miſericordia deſta Cidade com a congrua de trinta e cinco mil reis, e caſas para morar o Capellaõ junto à Capella mór da Igreja, onde tambem eſtaõ caſas para habitarem tres Mercieiras com obrigaçaõ de ouvirem as ditas Miſſas, e ſe lhes dá em dinheiro a cada huma quatorze mil e quatrocentos reis, e ſe lhes aſſiſte com Medico, e botica nas doenças. O Paroco tem caſas com os ditos Capellães com obrigaçaõ de tomar conta da reſidencia das Mercieiras.

---

[1] Corograf. Portug. tom. 3. pag. 408. Santuar. Marian. tom. 5. pag. 370.

385 No dia memoravel do grande terremoto ſe arruinou, e ficou por terra a Capella mór, e o cruzeiro da Igreja, como tambem as Capellas do Santo Chriſto, Noſſa Senhora do Soccorro a velha, e a de Santo Antonio, e o mais que permaneceo em pé, ficou ſummamente eſtremecido, e arruinado. Naõ morreraõ neſte eſtrago mais que quatro peſſoas, que foraõ o Padre Joſeph Formaõ Capellaõ das Almas, e tres mulheres. Cuidou-ſe logo em tranſportar o Sacramento para a Ermida de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, que eſtá na ſegunda portaria do Collegio que foy de Santo Antaõ, de donde paſſou para a meſma antiga Igreja.

386 No ſeu deſtricto ſe achaõ ſituados os ſeguintes

Collegios.

Santo Antaõ. Foy eſte Collegio de Jeſuitas fundado no anno de 1579 com adjutorio do Cardeal D. Henrique, em cujo magnifico edificio ſe lançou a primeira pedra a onze de Mayo. Concluido elle, vieraõ os Padres habitallo, vendendo aos Religioſos Gracianos a antiga reſidencia, ou primeiro Collegio, que poſſuhiaõ no bairro da Mouraria. Compunha-ſe eſta grandioſa fabrica de hum mageſtoſo Templo de pedraria, para cujo diſpendio concorreo a grande liberalidade da Condeſſa de Linhares D. Filippa de Sá, a qual eſcolheo para ſeu jazigo a Capella mór, primoroſamente obrada. Neſta Igreja ſe diſſe a primeira Miſſa no anno de 1652 em dia de Santo Ignacio, a quem ſe dedicou, com toda a ſolemnidade. (1) O Collegio ſe compunha de varios Cathedraticos Jeſuitas, que enſinavaõ publicamente as Artes, e Faculdades, diſtribuidos por diverſas Claſſes, e Aulas, onde a inſtrucçaõ dos eſtudantes ſe fazia gratuita.

[1] Cardoſo no Agiolog. Luſit. tom. 2. pag. 425.

387 Via-ſe eſte Convento, e Collegio ſumptuoſiſſimamente renovado, e augmentado em primoroſa Sacriſtia, excellentes torres, eſpaçoſos dormitorios, e em todas as mais partes, que ornaõ hum magnifico artefacto; tudo por actividade do Padre Joaõ Bautiſta Carbone, Jeſuita Napolitano, a quem ElRey D. Joaõ V. muito eſtimava, o qual ſendo Reitor do dito Collegio falleceo aqui a 5 de Abril de 1750; quando ſuccedendo o terrivel Metheoro do eſpantoſo terremoto, ſe precipitou o zimborio da Igreja, ficando eſta em muitas partes arruinadiſſima, e huma das ſuas torres: o meſmo eſtrago experimentou o Convento, principalmente o dormitorio, que cahia para a parte das Claſſes; perecendo neſta fatalidade tres Religioſos, que eraõ o Padre Marcello Leitaõ, e dous Cathedraticos, além de outras vinte peſſoas ſeculares. Foraõ logo os Padres refugiarſe na ſua cerca, na qual ſe abrigou tambem innumeravel povo; e fazendo varios abarracamentos para ſeu commodo, e huma Igreja de madeira, alli ſe conſervaraõ, em quanto naõ foraõ expulſos de todo.

Santo Antaõ o Velho. Chamado vulgarmente o Colleginho. De Religioſos Eremitas de Santo Agoſtinho, ſituado na raiz do Caſtello, no bairo da Mouraria. Foy a primeira habitaçaõ, que os Padres Jeſuitas tiveraõ neſte Reino, e onde aſſiſtio S. Franciſco Xavier, antes que foſſe allumiar o Oriente com as luzes do Evangelho. Dizem alguns, que fora morada dos Templarios; outros affirmaõ, (1) que fora meſquita dos Mouros, e que a Rainha D. Leonor mulher de ElRey D. Joaõ II. a mandara purificar, e erigir nelle o Moſteiro de Religioſas Dominicas, que depois paſſaraõ para o ſitio da Annunciada, por troca, que fizeraõ com os Padres de

San-

---

[1] Cardoſo no Agiolog. Luſit, tom. 1. p. 105. e tom. 2. p. 424. Santuar. Marian. tom. 1. p. 118.

Santo Antaõ Abbade, e eſtes com os Jeſuitas, os quaes ultimamente o venderaõ aos Religioſos Gracianos aos 28 de Abril de 1594, que até hoje o poſſuem, e habitaõ como Collegio, onde ha eſtudos de Theologia, em que lem quatro Meſtres, que regem as quatro cadeiras, e daqui ſahem muitos operarios para as Miſsões, que a Religiaõ manda para o Eſtado da India. Padeceo eſte Collegio grande eſtrago no dia do terremoto, pois todo elle ficou arruinado, e a ſua Igreja cahio toda por terra, excepto a Capella mór, e ficando debaixo do entulho ſete mulheres, todas eſcaparaõ, poſto que mal tratadas, e feridas. Os Religioſos ſe abarracaraõ na ſua cerca, onde fizeraõ huma Capellinha para os Officios Divinos, em quanto ſe naõ reedificava o Collegio, e a Igreja.

Jeſus. Eſte Collegio he dos Meninos Orfãos, ſituado na rua da Mouraria. Teve ſua primeira fundaçaõ pela Rainha D. Brites, mulher de ElRey D. Affonſo III., e Mãy de ElRey D. Diniz, o qual Collegio dotou depois a Rainha D. Catharina, mulher de ElRey D. Joaõ III. (1) Pelo Regimento, com que ſe governa eſte Collegio feito em 20 de Agoſto de 1615, conſta ſer inſtituido no anno de 1549 a inſtancias do Padre Pedro Domenec, natural de Catalunha, Conego de Barcelona, e Capellaõ do dito Rey, por Breve, que paſſou o Nuncio deſte Reino D. Joaõ Arcebiſpo Sepontino, no qual Breve ſe involvia naõ ſó o titulo da invocaçaõ, que era o da Senhora de Monſerrate, mas ſe nomeava huma tal Confraria do Menino Jeſus, donde talvez naſceria o chamarſe o Collegio de Jeſus. A inſtituiçaõ ſó dá faculdade para aceitarem naõ mais que trinta Orfãos deſamparados, preferindo ſempre os naturaes de Lisboa, e ſeu Arcebiſpado. (2) Ultimamente ſe ha-

[1] Monarq. Luſit. liv. 18. cap. 9. [2] Faria Aſia Portug. tom. 2. p. 288. Cardoſ. Agiolog. tom. 3. p. 874. Oliveira Grandez. de Lisb. pag. 68.

havia reedificado todo eſte Collegio deſde os alicerſes por ordem, e diſpendio do Fideliſſimo Rey, e Senhor D. Joſeph, e concluido no anno de 1754, como conſta da inſcripçaõ de hum padraõ gravada em pedra, que eſtá no pateo, ou portaria. Com o terremoto padeceo ſua ruina, cahindo huma porçaõ de parede para a parte, que confina com a rua de Joaõ de Oiteiro: eſtalaraõ, e abriraõ varias abobedas, e paredes, mas tudo facilmente reparavel. Ninguem pereceo nas ruinas, nem no Collegio, porque ſe foraõ logo abarracar na cerca. Preſentemente aſſiſtem aqui poucos Collegiaes por falta de rendas ſufficientes. Tem hum Provedor, ou Conſervador, que hoje anda em hum dos Deputados da Meſa da Conſciencia: tem mais hum Reitor Clerigo, hum Vice-Reitor, e hum Meſtre de Latim.

Ermida.

Noſſa Senhora da Saude. Foy eſta Ermida erecta, e dedicada pelos Artilheiros a S. Sebaſtiaõ: e collocando-ſe nella a Imagem de Noſſa Senhora da Saude em 20 de Abril de 1662, em cujo dia ſahio com ſolemne prociſſaõ da Igreja dos Meninos Orfãos, onde havia eſtado noventa e tres annos, deſde entaõ ſe começou a intitular a Ermida de Noſſa Senhora da Saude. (1) Arruinou-ſe com o terremoto; porém já ſe acha reparada, e ſe diz nella Miſſa. Fronteiro da Igreja dos Meninos Orfãos eſtá hum nicho, onde ſe venera huma Imagem do noſſo glorioſo Patricio Santo Antonio, com quem os Lisbonenſes tem grande devoçaõ.

388 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de mil e ſeiſcentos fógos, hoje ſó ſe acha com oitocentos e quarenta diſtribuidos pelas ſeguintes

Ruas.

[1] Santuar. Marian. tom. 1. pag. 264.

Ruas.

Amoreira, Calçada do Collegio, Canos, Capellaõ, Carreirinha, Cavalleiros, Collegio, Collegi-nho, Detrás de S. Domingos, Entre as hortas, Joaõ de Oiteiro, Largo da Igreja, S. Lazaro, Livreiros, Mouraria, Parreiras, Paço do Bemformoſo, Rua nova da Palma, Sima, Suja, Tendas, S. Vicente.

Becos.

Amoreira, Barbaleda, Cozinheiro, Craſto, Jaſmim, Mello, Tres Engenhos.

Freguezias confinantes.

Anjos, Santa Juſta, Pena.

XL.

S. Thomé.

389 SUppoſto naõ poder averiguarſe a verdadeira origem deſta Igreja he ſem duvida, que ella goza de huma grande antiguidade. Do primeiro livro dos Privilegios, e Mercês de Reys, e Principes fol. 25., que ſe conſervava no cartorio de Santa Maria, conſtava que ElRey D. Dinis com a Rainha Santa Iſabel fizera doaçaõ ao Moſteiro de Alcobaça do Padroado da Igreja de S. Thomé pelos annos de 1320. Conſta mais, que no anno de 1414 mandara a Univerſidade entaõ exiſtente em Lisboa, tomar poſſe deſta Igreja, que tinha vagado por morte de ſeu Prior Gomes Joaõ. (1) Dos tempos mais chegados a nós temos memorias da ſua exiſtencia no anno de 1551, ſegundo o Summario, que entaõ imprimio Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira. E na Sacriſtia deſta Igreja exiſte huma ſepultura de Affonſo Gomes de Abreu, e ſua mulher Maria Antunes, que falleceo aos 11 de Janeiro de 1591.

390 He

[1] Leitaõ Ferreira Notic. Chronolog. n. 587. pag. 256.

390 He eſte Priorado de concurſo, e da apreſentação Ordinaria, da lotação de trezentos mil reis liquidos, depois de tirada a terça em todos os frutos, excepto offertas, Capellas, e Laudemios, que paga à Univerſidade de Coimbra. Tem cinco Beneficios, que apreſenta o Prelado, e rende cada hum oitenta mil reis. Inſtituio aqui o Padre Henrique Fernandes Homem huma Capella de cento e cincoenta mil reis, que adminiſtra, e provê em concurſo a Ordem Terceira da Graça. A Irmandade das Almas provê tres Capellas de cincoenta mil reis cada huma. Ha mais a Irmandade do Senhor Jeſus do Penedo com ſeu Capellaõ.

391 Fez o terremoto eſtremecer, e cauſar alguma ruina neſta Igreja, mas naõ derrubou ſenaõ algum eſtuque, e pintura da abobeda da Capella mór, e azulejos do Coro, tendo a felicidade de naõ morrer peſſoa alguma dentro da Igreja, poſto que pereceraõ no meſmo dia trinta e nove paroquianos em outras partes diverſas. A Imagem do Senhor Jeſus do Penedo, que era de barro mas muito antiga, e feita na India, caindo do Altar, e Capella em que eſtava, ſe fez em pedaços; mas os Irmãos da ſua Irmandade mandaraõ fazer outra da meſma grandeza, que ſe collocou ſolemnemente no meſmo Altar em 3 de Mayo de 1757. Os actos Paroquiaes ſe fizeraõ ao principio na meſma Igreja, da qual ſe mudou o Santiſſimo para a do Menino Deos onde eſteve até dia de S. Bartholomeu do anno de 1762, em que ſe transferio para a ſua propria Igreja.

392 Dentro dos limites deſta Freguezia exiſte o ſeguinte

Hoſpicio.

Menino Deos. He eſte hum Recolhimento de Mantelatas da Ordem Terceira de S. Franciſco de Xabregas; onde tambem ha Hoſpital para enfermos da meſma Ordem. Teve principio a ſua fundaçaõ no an-

anno de 1710; porém a 4 de Julho de 1711 lhe lançou a primeira pedra no edificio a Mageſtade de El-Rey D. Joaõ V. concorrendo com grande eſmola para continuaçaõ da obra. A Ordem Terceira ſe obrigou por huma eſcritura a pagar todos os annos ſetenta mil reis ao Prior, e Beneficiados deſta Paroquia pela falta da regalia das feſtas, que a meſma Ordem executa com os Religioſos neſte Hoſpicio, e por poderem ſepultar na ſua Igreja os Terceiros. Ficou eſta Igreja livre do perigo, e para elle foraõ os Conegos, e mais Baſilica de Santa Maria reſidir; ſendo a primeira vez, que exerceraõ os actos Eccleſiaſticos dia do Anjo Cuſtodio do anno de 1757, havendo antecedentemente eſtado na barraca da Freguezia de S. Joſeph. As enfermarias porém deſte Hoſpicio, e a caſa do deſpacho da Ordem Terceira ficaraõ muito arruinadas.

393 Conſtava eſta Paroquia antes do terremoto de duzentos e ſetenta e cinco fogos; hoje numera duzentos e cincoenta exiſtentes em caſas; e em barracas quarenta e tres: peſſoas de communhaõ neſte preſente anno, ſaõ novecentas e oitenta e nove, diſtribuidas pelas ſeguintes

Ruas.

Adro da Igreja, Calçada do Menino Deos, Calçadinha detrás da Igreja, Calçadinha de S. Thomé, Cego, Eſcolas Geraes, Hoſpital do Menino Deos, Portas do Sol, Portaria do Salvador, Rigueira.

Becos.

Era, Funil, Maldonado, Norte, Oliveirinha.

Freguezias confinantes.

Santo André, Santa Cruz do Caſtello, Santa Marinha, Salvador, Santiago, S. Vicente.

XLI.

S. Vicente.

394 ESTabeleceo ſe eſta Paroquia dentro do inſigne, e ſumptuoſo Templo de S. Vicente de Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho, que apreſentaõ o Cura, ſobre a qual juriſdiçaõ houve grandes demandas com a Mitra, que vieraõ finalmente a reſolverſe no anno de 1541, em que julgou o Arcebiſpo D. Fernando de Vaſconcellos ſer a Paroquia do Convento de S. Vicente iſenta da juriſdiçaõ Ordinaria, que o Papa Paulo III. confirmou aos 12 de Junho no anno oitavo de ſeu Pontificado. (1)

395 Rende eſta Igreja ao Cura duzentos e cincoenta mil reis certos, e a Irmandade do Santiſſimo apreſenta quatro Capellas de quarenta e cinco mil reis cada huma, e Miſſa livre. A das Almas provê duas da meſma congrua. Ha mais as Irmandades de Noſſa Senhora das Neceſſidades, e a de Noſſa Senhora do Pilar, que naõ tem Capellães. Comprehende o ſeguinte

Convento.

S. Vicente. De Conegos Regulares de Santo Agoſtinho. Foy fundado primeiramente pelo Veneravel Heroe D. Affonſo Henriques para jazigo dos Cavalleiros Alemães, que morriaõ na expugnaçaõ de Lisboa, lançando-lhe elle meſmo a primeira pedra fundamental aos 21 de Novembro de 1147. (2) Entre aquelles illuſtres Cavalleiros, que entaõ morreraõ, reſplandeceo em prodigios hum chamado Henri-

[1] Cunha nos Biſp. de Liſb. part. 2. cap. 4. num. 7. Souſa Hiſtor. Genealog. tom. 12. liv. 13. p. 130. [2] D. Nicol. de Santa Maria Chron. dos Coneg. Regr. part. 2. cap. 3. num. 3.

rique, natural de Colonia, de cuja ſepultura rebentou, e ſe produzio huma palmeira, que com o ſeu contacto dava ſaude aos enfermos. (1) Depois foy eſta Igreja, e Convento reedificado magnificamente por ElRey Filippe II., cuja primeira pedra lhe lançou o Cardeal Alberto em 25 de Agoſto de 1582, eſtando preſente o dito Rey, o qual mandara demolir huma Igreja, que ElRey D. Sebaſtiaõ havia começado a fundar à borda do Tejo na ponta do Terreiro do Paço junto à Alfandega, collocando nos ſeus alicerſes a primeira pedra em Março de 1571, e havendo-ſe trabalhado nella alguns annos, com o parecer de muitas peſſoas prudentes, que obſervaraõ incongruencias naquelle ſitio para o culto Divino, ElRey Filippe a mandou desfazer, e applicar a meſma conſignaçaõ, e materiaes para a Igreja de S. Vicente de Fóra, onde pelos frizos da cimalha real ha flechas aſpadas, que bem moſtraõ ſer pedras do Templo demolido, pois que ElRey D. Sebaſtiaõ o fundava com o intuito de o dedicar ao invicto Martyr S. Sebaſtiaõ, para ſer cabeça de huma nova Ordem Militar, intitulada da Flecha, que meditava inſtituir. (2) Paſſados vinte e tres annos, que ſe gaſtaraõ neſta ultima fabrica, ſe collocou na ſua Igreja o Santiſſimo Sacramento em 18 de Mayo de 1605. (3) He todo eſte edificio magnifico, e de primoroſa arquitectura; cujo tecto da ſua nobiliſſima Portaria foy pintado pelo famoſo Bacarelli com a delineaçaõ, e regras de admiravel perſpectiva.

396 Aos violentos impulſos do terremoto eſtremeceo todo eſte grande edificio, e ſe proſtrou logo cahindo no meyo da Igreja o ſeu formoſo, e admiravel zimborio, e muitas pyramides, que por ornato o cercavaõ: a meſma ruina padeceo o Convento,

[1] Cunha nos Biſpos de Liſboa part. 1. cap. 33 n. 8. Marinho de Azev. Antig. de Lisboa liv. 4. cap. 28. [2] Faria nas Rim. de Cam. Oitav. 3. p. 119. Santuar. Marian. tom. 1. p. 217. [3] Cunha nos Biſpos de Lisboa part. 2. cap. 4. n. 7.

to, em o dormitorio de cima da parte do Naſcente com outras muitas porções da ſua fabrica, mas ſem o infortunio de perecer nelle mais que huma, ou duas peſſoas; porém na Freguezia morreraõ mais de cincoenta e ſete, e ſe arruinaraõ muitas propriedades de caſas em todo o ſeu ambito, em que entrou o palacio do Conde de Val de Reys, o de D. Joſefa Helena, o de D. Diogo de Napoles, o em que morava Pedro Janſen, o de Ruy Vaz de Siqueira, o de Joſeph Galvaõ de Lacerda, e outros mais; de que alguns já ſe repararaõ; outros jazem nas meſmas ruinas. Transferiraõ-ſe logo os Religioſos para a ſua cerca, onde ſe abarracaraõ; naõ deixando com tudo de exercitar exemplarmente a virtude da caridade para com o povo afflicto, e deſamparado, que ſe foraõ valer do ſeu abrigo, e piedade. Tem-ſe feito alguns reparos no Convento mais preciſos.

Moſteiro.

Santa Monica. De Religioſas de Santo Agoſtinho. Foy fundado no anno de 1586, por D. Maria de Abranches, Senhora illuſtre, filha de Alvaro de Abranches Capitaõ mór de Azamor; a qual no primeiro de Janeiro do ſobredito anno lhe lançou a primeira pedra fundamental com ſuas proprias mãos; e começou a povoarſe de Religioſas deſde onze de Outubro do meſmo anno. (1) Arruinou-ſe, e deſtruio-ſe neſte Moſteiro com o extraordinario terremoto a porçaõ mais moderna do ſeu edificio, fundindo-ſe perto de cento e ſeſſenta commodos, que eſtavaõ perfeitamente acabados: neſtes eſtragos pereceraõ ſete Religioſas; entre as quaes ſe faziaõ diſtinctas na pratica das virtudes Soror Magdalena de Chriſto, Soror Perpetua das Brotas, e Soror Maria Leocadia: morreraõ tambem duas ſeculares, duas

[1] Anno Hiſtoric. tom. 1. pag. 16.

duas criadas, e huma negra, e na Igreja ſe proſtrou, e deſtruio totalmente a Capella mór com a morte de algumas peſſoas.

397 Eſte ſucceſſo taõ eſpantoſo motivou a toda a Communidade, que conſtava de cento e noventa e duas Religioſas, além de muitas ſeculares, educandas, e criadas, que por todas faziaõ o numero de trezentas peſſoas, a irem refugiarſe para a cerca; e ſahindo pelas oito horas da noite com grande trabalho, alli paſſaraõ até o Domingo pela manhã cheyas de ſuſtos, e afflições: daqui ſe mudaraõ para a quinta contigua chamada do Abelha, e fazendo erigir promptamente hum Altar, nelle ſe celebrou Miſſa para cumprirem com o preceito, e rezaraõ o Officio Divino. Paſſaraõ neſte ſitio todo aquelle dia, e noite calamitoſamente ſem abrigo algum, até que a meſma neceſſidade lhes fez lembrar o refugio da quinta da Mitra, que o Eminentiſſimo Patriarca poſſue em Marvilla. Com eſta determinaçaõ ſe pozeraõ ao caminho proceſſionalmente, e nelle gaſtaraõ deſde as oito horas da manhã do dia terceiro de Novembro até ás cinco horas da tarde do meſmo dia, em que chegaraõ muito quebrantadas de forças mas naõ de animo. Accommodaraõ-ſe em algumas caſas do Palacio, que lhes mandou franquear Sua Eminencia, onde exiſtiraõ exercitando recta, e exemplarmente as ſuas obrigações Religioſas, em quanto ſe naõ reſtituiraõ para o ſeu antigo domicilio.

Hoſpicio.

Noſſo Senhor Jeſus Chriſto. De Religioſos Thomariſtas da Ordem de Chriſto. Arruinou-ſe com o terremoto.

398 Conſtava eſta Freguezia de quinhentos e quarenta e quatro fógos; hoje ſe acha com diminuiçaõ de cincoenta pouco mais ou menos, diſtribuidos pelas ſeguintes

Ruas.

Ruas.

Adro de Santo Eſtevaõ, Adro da Graça, Alfurja, Arco de S. Vicente, Atafonas, Cruz de Santa Elena, Cruz do Máo, Eſcolas Geraes, (1) Loureiro, Marco Salgado, Monſinhos, Oiteiro da Amendoeira, e da Fundiçaõ, Pateo da Atafona, Tijolo, Tilheiro de S. Vicente, S. Vicente, Vigario.

Becos, e Traveſſas.

Amador, Beguinas, Clerigos, Corretor, Mó, Traveſſa das Bruxas, e de Santa Marinha, e de Santa Monica.

Freguezias confinantes.

Santa Engracia, Santo Eſtevaõ, Santa Marinha, Salvador, S. Thomé.

CAPITULO III.

Igrejas Paroquiaes no Termo de Lisboa.

1 O Que chamamos Termo de Lisboa terá quando muito o eſpaço de nove legoas de comprido, ſe contarmos de Oeiras até Santiago dos Velhos; e de largo pouco mais de tres legoas. Luiz Mendes de Vaſconcelos lhe configurou mayor ex-

[1] Neſta rua, que ſobe para o Convento de S. Vicente de Fóra, ſe conſervaõ humas caſas com o nome de *Eſcolas geraes*, onde eſtiveraõ os Eſtudos publicos na ſegunda mudança, que ElRey D. Manoel no anno de 1503 mandou diſpor em fórma de Univerſidade, para alli ſe enſinarem as Sciencias. Depois paſſaraõ eſtas caſas a varios poſſuidores; e antes do terremoto as poſſuhia o Capitaõ mór do Sardoal Franciſco Xavier de Mendoça, e habitava nellas Monſenhor Amaral. Com o terremoto ſe arruinaraõ grandemente. Os curioſos podem ler a Fr. Franciſco Brandaõ na 5. parte da Monarquia Luſitana liv. 16. cap. 82, e ao Beneficiado Franciſco Leitaõ Ferreira nas Noticias Chronologicas da Univerſidade de Coimbra num. 930.

extenſaõ em todo o ſeu ambito, porque diz que terá dez legoas de comprido, contando de Torres até Caſcaes, e cinco de largo. (1) O certo he que todo eſte circuito he hum terreno muito povoado, alegre, e fertil, por onde antigamente os Sereniſſimos Reys de Portugal tinhaõ ſuas caſas de recreaçaõ, e regalo, convidados da bondade do ſitio, que por todas as partes merece ſer buſcado, e habitado. (2) Hoje bem póde livremente chamarſe huma Cidade continuada, cujos habitadores, e colonos ſaõ muito aptos para a lida do campo, e naõ menos as mulheres, as quaes ſaõ aſſiſtidas de hum animo taõ varonil, que metem em grande admiraçaõ aos eſtrangeiros. (3) Compoem-ſe de trinta e tres Freguezias repartidas pelos Lugares ſeguintes. (4)

I.

Ameixoeira.

2 AFfaſta-ſe eſte Lugar de Lisboa pouco mais de huma legoa para o Norte. Eſtá em hum ſitio elevado que o faz ſer alegre, e lograr hum ar ſalutifero. He terra de ElRey, e conſta de ſetenta viſinhos ſubordinados nas cauſas Civeis, e Crimes ao Corregedor do bairro de S. Paulo de Liſboa. A Paroquia he dedicada a Noſſa Senhora com o titulo da Incarnaçaõ, cuja Imagem he antiquiſſima,

[1] Vaſconcel. no Sitio de Lisb. p. 165. [2] Monarq. Luſit. liv. 17. cap. 23. E Damiaõ de Goes na Deſcripçaõ de Lisboa que compoz em Latim, diſſe: *Quo excurſu crebra villarum ſuburbanarum ædificia, mira elegantia, & amænitate conſtructa, licet cernere.* [3] *Cùm paſſim in Luſitania videantur mulieres adeo generoſæ, ac robuſtæ; cujuſmodi ventitant Oliſiponem ex pagis, & viculis circumvicinis, quæ gentes exteras non minus Chriſtiano pudore, quàm maſculo robore in ſtuporem ſui adducunt.* Diſſe o P. Bento Fernandes tom. 2. in Geneſ. cap. 24 ſect. 3. n. 10. [4] O P. Santa Maria no Ceo aberto pag. 493. diz que o Termo de Lisboa comprehende cincoenta e nove Paroquias: devia figurarlhe mayor extenſaõ.

ma, e por ella obra Deos muitos milagres. Foy achada entre hum funchal, donde em outro tempo foy invocada com eſte titulo, que conſervou até o anno de 1541. (1) O edificio da Igreja he antes do anno de 1500; porque no de 1664 ſe começou a reedificar à cuſta de ElRey, e tambem de eſmolas particulares.

3 Era eſta Igreja annexa à Freguezia do Lumiar; porém no anno de 1536 ſe deſmembrou della, para ſe eſtabelecer nova, e diſtincta Paroquia, obtendo para iſſo Breve do Nuncio Apoſtolico, que ou era Marcos Vigerio, ou Pompeyo Zambucari, cuja iſençaõ foy depois confirmada por varias Bullas Pontificias, que ſe guardaõ no Cartorio da Igreja. O Paroco até o anno de 1726 teve o titulo de Cura, hoje he collado no de Reitor, que apreſenta a Meſa da Confraria da Senhora, e lhe renderá cem mil reis. Ha na Igreja tres Irmandades, a do Santiſſimo com muitas indulgencias, a da Senhora do Roſario incorporada na do Santiſſimo, e a das Almas.

4 Foy eſte ſitio habitado pelos Romanos, como conſta da inſcripçaõ aqui achada no anno de 1720. (2) Depois os Mouros fizeraõ grandes tulhas, ou covas para recolherem os ſeus frutos, das quaes pelo tempo adiante ſe ſerviraõ tambem os Templarios, a que ſe ſeguiraõ os Cavalleiros da Ordem de Chriſto.

5 No deſtricto deſta Freguezia ha as ſeguintes

Ermidas.

Santo Antonio. Na quinta de Manoel de Foyos de Souſa, que edificou ſeu pay o Doutor Luiz de Foyos de Souſa Vereador da Camera de Lisboa no anno de 1684.

S

[1] Santuar. Marian. tom. 1. pag. 423. [2] Cardoſo no Diccionar. Geograf. tom. 1. p. 443.

S. Bento. Na quinta do Doutor Antonio Falcaõ de Serpa Sotomayor, e edificada no anno de 1631 por Bento Rodrigues Taveira.

S. Gonçalo de Amarante. Na quinta de Luiz Franciſco Pimentel Coſmografo mór do Reino, o qual a tem reformado, e augmentado com grande aſſeyo.

6 Havia mais a Ermida de *Jeſus Maria Joſeph* nas caſas do morgado, que inſtituio o Conego da Sé de Evora Joſeph Pinto de Amaral; e outra de *Santo André*; mas ambas ſe achaõ profanadas, e deſtruidas. O que ainda permanece, he junto da Paroquia huma albergaria, ou hoſpital para agazalhar peregrinos, adminiſtrado pelos Confrades de Noſſa Senhora.

II.

S. Antaõ do Tojal.

7 CHamaõ vulgarmente a eſte Lugar *Santo Antonio do Tojal*, que diſta de Lisboa tres leguas para o Norte, junto à eſtrada que conduz para Vialonga. Eſtá elle ſituado em planicie cercada de montes, e o terreno pela mayor parte cuberto de olivaes, que o fazem algum tanto melancolico. A Igreja Paroquial dedicada a Santo Antaõ he da Mitra, e antiquiſſima, pois nella ſe conſerva ainda hum Antifonario com Miſſa propria do Santo, de tempo immemoravel: e já o Biſpo de Lisboa D. Domingos Jardo no ſeu teſtamento, que fez em 19 de Dezembro de 1291, faz memoria da ſua quinta de Pero Viegas, que, como diz D. Rodrigo da Cunha, (1) he a de Santo Antonio do Tojal; ſitio de que os Prelados de Lisboa ſempre fizeraõ muito caſo.

8 O Arcebiſpo D. Fernando de Vaſconcellos devia fundar mayor Igreja augmentando a obra com Palacio, e Jardim; e mandando lavrar na torre da

(1) Cunha na Hiſtor. Eccleſ. de Lisboa part. 2. cap. 69. n. 7.

Igreja em huma das faces, que hoje olha para o chafariz, o anno em que fizera a obra, que foy no de 1554. (1) Ultimamente o Eminentiſſimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida a mandou reedificar toda, reduzindo-a a hum mageſtoſo Templo com hum nobiliſſimo frontiſpicio, ao qual ornaõ algumas eſtatuas de Santos feitas na Italia de fino jaſpe, fazendo collocar na torre harmonioſos ſinos; e na praça, e eſtrada chafarizes de excellente agua, que em beneficio publico fez conduzir de longe por aqueducto cuſtoſo de muitos arcos.

9 O Paroco tendo antecedentemente o titulo de Vigario, o Senhor D. Thomaz primeiro Patriarca de Lisboa o collou no de Prior em o anno de 1734, a quem rende quatrocentos mil reis; e o primeiro, que obteve eſte caracter, foy o Reverendo Doutor Feliz Dantas Barboſa, irmaõ do Excellentiſſimo Arcebiſpo de Lacedemonia, que preſentemente reſide na ſobredita Igreja com exemplar zelo do Culto Divino.

10 Ha na Igreja huma Collegiada, que o meſmo Eminentiſſimo Patriarca eſtabeleceo no anno de 1730, e conſta de dous Beneficiados com cem mil reis cada hum, e de quatorze Capellães Cantores de eſcolhidas, e excellentes vozes, dos quaes oito tem cento e vinte mil reis, caſas pagas, e as Miſſas livres: quatro tem cento e vinte mil reis, e as Miſſas cativas; e deſtes quatro ha dous, que pelas ſuas vozes ſerem melhores tem mais cada anno trinta e oito mil e quatrocentos reis cada hum.

11 Conſta mais de quatorze Capellanias, das quaes nove ſaõ Capellães os meſmos Cantores, e rendem cento e vinte mil reis; huma de oitenta mil reis annexa ao Cantor mais antigo, que chamaõ Primicerio, mas naõ tem obrigaçaõ de Coro. Ha outra Capella inſtituida em Noſſa Senhora do Roſario que

[1] Diſſemos na Vida deſte Prelado cap. 2. §. 11, n. 46. deſte Tomo.

que rende cincoenta mil reis, e adminiſtra o Guarda Repoſta Antonio da Cunha. A Irmandade das Almas provê, e adminiſtra duas, huma de cincoenta mil reis, e outra de vinte mil reis para Domingos, e dias Santos. A Irmandade dos Paſſos provê outra com obrigaçaõ de dizer o Capellaõ Miſſa todas as Sextas feiras do anno, a quem dá ſeis mil trezentos e ſeſſenta reis. Tem mais eſta Igreja quatro Confrarias, Santo Antaõ, Santo Antonio, S. Joaõ Bautiſta, Noſſa Senhora do Roſario; e quatro Irmandades, a do Santiſſimo, a do Senhor dos Paſſos, a das Almas, e a da Ordem Terceira inſtituida na Ermida do Eſpirito Santo. Dentro dos ſeus limites ſe incluem as ſeguintes

Ermidas.

12 *Noſſa Senhora da Apreſentaçaõ.* Na grandioſa quinta do Deſembargador Gonçalo Joſeph da Silveira Preto em Pinteos.

Noſſa Senhora do Carmo. Na quinta das Carrafoiças.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta dos Padres Loyos em Pero Viegas.

Eſpirito Santo. No ſitio mais deſafogado que tem eſte Lugar.

S. Joaõ Bautiſta. Na quinta do Valle, ou do Lago.

S. Roque. Junto à ponte do rio chamado das Gallinhas, de cuja Ermida, e Santo já fallamos no tomo 2. parte 3. deſte Mappa cap. 7. §. 3. n. 28.

13 Além deſtas Caſas pias ha o nobiliſſimo Palacio junto da Igreja Paroquial, que o meſmo primeiro Eminentiſſimo Patriarca D. Thomaz reduzio a melhor policia, accreſcentando-o, e augmentando-o com generoſa liberalidade, e enriquecendo-o de excellentes adornos proprios de hum Principe. Com eſte meſmo animo diſpoz ſe formaſſe hum delicioſo, e dilatado Jardim junto ao Palacio que o domina, re-

repartindo o plano em formoſiſſimos quadros ennobrecidos com bellas eſtatuas de pórfido. Alli ſe vem entre o matizado das plantas os buxos, e as murtas ſempre verdes fingir varias figuras, que a arte com prolixa, mas admiravel cultura as obriga repreſentar. Vem-ſe muitas fórmas de fontes, de flores, e de arvores exquiſitas, mas eſtereis, que ſó por fruto daõ ſombra aos que paſſeaõ por ſuas dilatadas ruas. Servem de remate ao principal quadro do jardim, em fórma cylindrica, dous viveiros de pombos domeſticos, que na variedade de ſuas cores, e copioſos gyros que fazem pelo ar, e pelo campo, augmentaõ a recreaçaõ aos olhos. He fabrica certamente viſtoſa, à qual concorrem muitas peſſoas de differentes partes ſó para lograrem a formoſura de hum theatro magnifico, e de taõ apraſivel amenidade onde o veraõ, e o inverno

Naõ lhe impede gozar de Abril eterno.

14 Numera eſte Lugar perto de mil peſſoas repartidas pelos ſitios, e aldeas de Santo Antonio das lebres, Manjoeira, Murteira, Pinteos, &c. ſubordinados à Correiçaõ do Miniſtro do bairro da Ribeira deſta Cidade.

III.

Appellaçaõ.

15 DIſta de Lisboa duas legoas para o Norte, e meya do rio de Sacavem que lhe ſerve de grande conveniencia. O ſitio he baixo, cercado de montes, porém ameno, e ſadio. A Igreja Paroquial he dedicada a Noſſa Senhora da Incarnaçaõ, que hoje eſtá novamente reedificada ao moderno, e foy fundada por Bartholomeu de Oliveira Botelho, Commendador da Ordem de Chriſto, no anno de 1594 onde jaz, e ſua mulher. No anno ſeguinte foy ere-

cta em Paroquia pelo Arcebiſpo D. Miguel de Caſtro, ſendo antecedentemente os ſeus moradores ſujeitos no eſpiritual à Freguezia de Unhos, donde ſe deſmembraraõ.

16 Tem o Paroco titulo de Cura, que apreſenta *ad nutum* Jorge de Meſquita da Silva Maſcarenhas deſcendente do fundador, e rende cincoenta mil reis. Ha na Igreja quatro Capellanias: huma que inſtituio Miguel da Paz com quarenta mil reis: outra que inſtituio o Dezembargador Franciſco da Fonſeca Siſnel com ſeſſenta mil reis, que apreſenta o Senado da Camera de Lisboa: outra que inſtituio o fundador, e apreſenta o Padroeiro: outra das Almas com cincoenta mil reis, cuja Irmandade tem muitos privilegios concedidos pelo Papa Innocencio XII. Conſta o Lugar de cincoenta moradores ſujeitos ao Corregedor da repartiçaõ do bairro alto. Tem no ſeu limite as ſeguintes

Ermidas.

Santo Amaro. Na quinta de Antonio de Abreu do Rego, irmaõ de Monſenhor Soares.

Santo Antonio. Na quinta que poſſue D. Urſula, irmã de Joſeph Pinheiro de Azevedo Theſoureiro das deſpezas do Conſelho da Fazenda.

IV.

Arranhol.

17 EStá ſituado eſte Lugar em hum monte diſtante da Cidade cinco legoas para o Norte. A Igreja Paroquial eſtá fóra do povoado, e he da invocaçaõ de S. Lourenço, cujo Paroco tem ſó o titulo de Cura, a quem o Prior de S. Chriſtovaõ de Lisboa apreſenta annualmente com a congrua de hum moyo de trigo, trinta alqueires de cevada, hu-

huma pipa de vinho, e quatro mil e quinhentos reis em dinheiro. Conſta eſte Lugar de trinta fogos ſujeitos ao Corregedor da Mouraria, e ha no ſeu deſtricto as ſeguintes

Ermidas.

Noſſa Senhora da Ajuda. Eſtá fóra do povoado, e tem ſeu Ermitaõ, que apreſenta o meſmo Prior de S. Chriſtovaõ.

Noſſa Senhora da Incarnaçaõ. Eſtá na aldea chamada Algobellas, que ſe compoem de dezaſete viſinhos.

V.

Barcarena, ou Barquerena.

18 PElas raizes de varios montes, cujos cimos guarnecem baſtantes moinhos de vento, eſtá ſituada a povoaçaõ deſte Lugar affaſtada de Lisboa duas legoas para o Noroeſte. He a ſua Paroquia titular de S. Pedro, cujo Paroco, que tem o predicamento de Cura, he apreſentado pelo Prior de S. Martinho de Lisboa annualmente, e renderá o Curato duzentos mil reis. Ha neſta Igreja tres Irmandades, a do Santiſſimo, a de Noſſa Senhora do Roſario, e a das Almas.

19 Conſta a Freguezia de duzentos e ſeſſenta viſinhos, repartidos pelos caſaes de Caruncho, Leaõ, Lecea, Queluz, Ribeira, Serra de cabanas, Telaide, Torcena, Valejas. A mayor parte deſtes Lugares fertiliza abundantemente a ribeira chamada de Barcarena, que neſte ſitio dá exercicio à Fabrica Real da polvora reedificada no anno de 1729 por Antonio Cremer. Eſtaõ todos eſtes moradores ſujeitos ao Corregedor de S. Paulo para a deciſaõ das ſuas cauſas. Ha no ſeu deſtricto as ſeguintes

Er-

Ermidas.

Noſſa Senhora do Amparo. No Lugar do Leaõ, ou Layaõ.

Santo Antonio. Na quinta de Franciſco Leitaõ de Faria no Lugar de Troſena.

Santa Barbara. Na quinta que foy de Domingos Pires Bandeira no Lugar de Telaide.

S. Bento. No Lugar de Valejas.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta de Antonio Luiz Sinel de Cordes.

Senhor Jeſus Rey dos Reys. Na quinta de Joſeph de Brito de Miranda.

S. Miguel. No Lugar da Serra de Cabanas.

S. Sebaſtiaõ. No Lugar de Barcarena.

Noſſa Senhora do Soccorro.

Confina eſta Freguezia com a de S. Romaõ de Carnexide, com a de Noſſa Senhora do Amparo de Bemfica, com a de Noſſa Senhora da Miſericordia de Bellas, com a de S. Domingos de Ranna, com a de Rio de Mouro, com a da Purificaçaõ de Oeiras.

VI.

Bemfica.

20 NA eſtrada, que conduz para a Villa de Cintra, fica eſte Lugar apartado de Lisboa pouco mais de huma legoa para o Norte, e por eſtar em ſitio aprazivel, e ameno, grangeou o nome que lhe deraõ. A ſua Igreja Paroquial tem por orago a Noſſa Senhora do Amparo, que apreſentaõ as Religioſas do Moſteiro do Salvador, as quaes recebem os dizimos, e ao Cura renderá trezentos mil reis. Hoje ſe acha a Igreja nobremente reedificada com eſmolas naõ ſó do povo, mas da pia generoſidade de ElRey, para a qual tem concorrido.

21 Conſta a Freguezia de trezentos e cincoenta

vi-

viſinhos repartidos por eſtes Lugares: Adeaõ debaixo, e de cima, Alfarrobeira, Alfornel, Alfragide, Barcal, Bomnome, Brandoa, Buraca, Burrel, Calhao, Calhariz, Caranque, Caſal das Cruzes, e do Mercador, e da Serra, Caſtellos de cima, e debaixo, Correa, Cruz da pedra, Cruzes, Eſtrada da Luz, Falgueira, Feteira, Granja, Junqueira, Lage, Louro, Maya, Mira, Monſanto, Montijo, Montinel, Noidel, Oiteiro, Paian, Pinheiro, Penedo, Porcalhota, Preza, Reboleira, Salgado, Salrego, Saraiva, Serra, Tojal, Val de Tereſa, Venda nova, Vinteira.

22 Dentro dos ſeus limites exiſtem os ſeguintes

Conventos.

S. Domingos. De Religioſos Dominicos. Foy fundado por ElRey D. Joaõ I. em huma Caſa de recreaçaõ, que tinha neſte lugar, intervindo para ſe erigir eſte Convento o grande Juriſconſulto Joaõ das Regras, que jaz aqui ſepultado. Tomaraõ os Religioſos poſſe do Convento em 22 de Mayo de 1399. A Igreja, que hoje ſe vê, foy reedificada no anno de 1630 pelo memoravel Padre Fr. Joaõ de Vaſconcellos, ſendo alli Prior.

Santo Antonio. De Religioſos Capuchos no ſitio da Cruz da pedra, a que chamaõ a Convaleſcença, que com eſte titulo começou no anno de 1640, e paſſou a Guardiania no de 1720, e ultimamente foy reedificado no de 1746.

Ermidas.

Santa Anna. Na quinta de Mauricio da Coſta.

Santo Antonio. Na Porcalhota, e na quinta que foy de Lourenço Luiz Galvaõ Eſtribeiro menor de ElRey.

Santo Antonio. Nas caſas que foraõ de Fernaõ Joſeph da Gama.

San-

Santo Antonio. Na quinta da Coſta em Payan.

Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ. Na quinta que foy do Deſembargador Antonio de Baſto Pereira no Lugar de Noidel.

Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ. Na quinta que foy de Joaõ Pedro Ludovici.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta do Secretario de Eſtado, que foy, Diogo de Mendoça Corte Real.

Eſpirito Santo. Em Bemfica.

Familia Sacra. Na quinta que foy de D. Affonſo Manoel de Menezes.

S. Franciſco. Na quinta do Oiteiro.

Jeſus Maria Joſeph. Na quinta do Caminha em Calhariz.

Noſſa Senhora da Piedade. Na quinta de Antonio Xavier Leitaõ Eſcrivaõ dos Moedeiros.

Noſſa Senhora da Saude. Em Calhariz.

Noſſa Senhora . . . . . Na quinta de Joſeph de Oliveira em Montijo.

Noſſa Senhora . . . . . No Pinheiro.

Noſſa Senhora . . . . . No Lugar da Brandoa.

No deſtricto deſta Freguezia eſtá a grande, e famoſa quinta do Marquez de Fronteira, cuja Poetica deſcripçaõ ſe póde ver nas Horas ſucceſſivas de Aleixo Collotes de Jantillet. Confina eſta Freguezia com a de S. Sebaſtiaõ da Pedreira, com a de Noſſa Senhora da Ajuda, com a de S. Romaõ de Carnaxide, com a de S. Lourenço de Carnide, com a do Nome de Jeſus de Odivellas, com a de Bellas, com a de Barcarena.

VII.

Bucellas.

23 NA diſtancia de quatro legoas para o Norte eſtá fundado eſte Lugar em ſitio baixo, e cercado de montes; porém aprazivel, onde ſe

ſe produzem as melhores cerejas, e onde exiſte huma grande fabrica de ſerrar pedras. A Paroquia he dedicada a Noſſa Senhora da Purificaçaõ, e he Templo que indica mageſtade, porque além de ſer eſpaçoſo, e elevado, eſtriba-ſe em oito columnas, e tem huma bem lançada eſcada por onde ſe ſobe para o Coro. A Capella mór foy ſagrada pelo ſeu Prior D. Jorge de Ataide, ſendo entaõ Biſpo de Viſeu, em 23 de Janeiro de 1569, como conſta da inſcripçaõ que ſe lê no Altar mór. O Priorado he pingue, e renderá quatro mil cruzados, e cada hum dos quatro Beneficios, que tem a Igreja, oitenta mil reis, e tudo da apreſentaçaõ da Sereniſſima Caſa do Infantado.

24 Ha no adro deſta Igreja hum famoſo marmore Romano de dez palmos de alto, com huma carapuça quadrada com ſua moldura ao redor, e lhe chamaõ a Memoria: tem eſta inſcripçaõ:

D. M.
L. P. J. L. F. Tuſ-
ſia: *Edo*: *Ann.*
XXVIII.

Quer dizer: *Eſte tumulo he conſagrado aos Deoſes das almas. Aqui jaz Lucio Publio filho muito amado de Julio Lucio, e de Tuſſia Edomicilia, que morreo de vinte e oito annos.* (1)

25 Conſta eſta Paroquia de tres Irmandades, a do Santiſſimo, a de Noſſa Senhora do Roſario, e a das Almas. Em toda a Freguezia haverá quatrocentos viſinhos, diſtribuidos por varios Caſaes, e Lugares ſujeitos ao Corregedor do bairro do Rocio; e no ſeu deſtricto ſe incluem as ſeguintes

Ermidas.

Santa Anna. Em Villanova.

Noſ-

[1] Ref. Antonio Coelho Gaſco nas Antiguidades de Lisboa cap. 49.

Noſſa Senhora da Boa morte. Na quinta do Capitaõ Nicolao Cardoſo.

Noſſa Senhora da Incarnaçaõ. Na quinta do Excellentiſſimo Duque de Lafões no ſitio da Romeira.

Eſpirito Santo. No adro da meſma Igreja Paroquial, junto da qual ha huma albergaria para peregrinos.

Santa Maria Magdalena.

Noſſa Senhora da Paciencia.

Noſſa Senhora da Paz.

Noſſa Senhora Piedade.

S. Sebaſtiaõ.

VIII.

Camarate.

26 FIca eſte Lugar diſtante de Lisboa duas pequenas legoas para o Norte em ſitio deſigual compoſto de montes, e valles, mas povoado de muitas quintas, e vinhas, onde ha excellentes frutas. Tem a Paroquia o titulo de Santiago, e o ſeu Paroco o de Cura, que apreſentaõ os Freguezes deſde o anno de 1511, em que ſe deſanexaraõ da ſujeiçaõ Paroquial de Sacavem, e lhe rende noventa mil reis. Ha na Igreja tres Irmandades, a do Santiſſimo, a de Noſſa Senhora do Roſario, e a das Almas. Compoem-ſe a povoaçaõ de cento e noventa viſinhos ſubordinados ao Corregedor do bairro do Caſtello. Dentro dos ſeus limites eſtá edificado o ſeguinte

Convento.

27 *Noſſa Senhora do Soccorro.* De Religioſos Carmelitas calçados. Foy primeiramente huma Ermida, que edificara o Santo Condeſtavel na quinta de que lhe fez mercê ElRey D. Joaõ I. da qual tomando poſſe os Religioſos, ſe eſtabeleceo nella huma

Vigairaria da Ordem no anno de 1602; e no Capitulo que ſe celebrou no Convento da Vidigueira a 26 de Abril de 1608, ſe fez Priorado eſte Convento, e foy o ſeu primeiro Prior Fr. Sebaſtiaõ da Silva, Religioſo de grande exemplo, e virtude. (1)

Ermidas.

S. Joſeph. Na quinta de Antonio Salter de Mendoça em Val de Freiras.

S. Pedro Apoſtolo. Na entrada do Lugar.

IX.

Campo grande.

28 NA diſtancia de tres quartos de legoa affaſtado de Lisboa para o Norte ſe vê eſte grande, e eſpaçoſo terreno, em ſitio alto, lavado dos ventos, e por iſſo ſalutifero, cercado de quintas, hortas, e palacios, que em toda a ſua circunferencia terá hum quarto de legoa, por cuja longitude alcançou o nome de Campo grande, tendo antigamente o de Alvalade, que ſe fez famoſo pela reconciliaçaõ, e ajuſte de paz que a Rainha Santa Iſabel no anno de 1323 fez celebrar neſte ſitio entre ſeu marido ElRey D. Diniz, e ſeu filho o Infante D. Affonſo, que ambos eſtavaõ diſpoſtos combaterſe em rigoroſa batalha. (2) Ainda ſe acha diſto memoria em hum Cruzeiro de pedra à entrada do Campo.

29 A Igreja Paroquial he dedicada aos Santos Reys Magos, cujo Paroco apreſentaõ os Freguezes, e tem de congrua vinte e oito mil reis além do que lhe rende o pé de altar. Conſta de tres Irmanda-

[1] Carvalho na Corograf. Port. tom. 3. pag. 618. Santuar. Marian. tom. 7. pag. 187. Sá nas Memor. Hiſtoric. tom. 1. pag. 482. num. 705.
[2] Monarq. Luſ. liv. 19. cap. 36. e na part. 7. liv. 4. cap. 13.

dades, a do Santiſſimo, a da Senhora do Roſario, e a das Almas. Numera novecentos fogos ſubordinados ao Corregedor do bairro Alto para a deciſaõ das ſuas cauſas. Dentro do ſeu deſtricto ſe achaõ erectas as ſeguintes

Ermidas.

Santa Anna. Na quinta do Doutor Leal.
Santo Antonio.
S. Caetano. Dos Padres Theatinos no meſmo Campo.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ.
Jeſus Maria Joſeph.
S. Joaõ Bautiſta.
Noſſa Senhora das Mercês.
Noſſa Senhora dos Milagres. Na quinta do Ceboleiro.
Noſſa Senhora da Piedade. Na quinta da Condeſſa de Meſquitella.
Noſſa Senhora da Nazareth. Em Palma.
Os Santos Reys. Na quinta do Ferro.

X.

Carnaxide.

30 EM ſituaçaõ fragoſa, e na diſtancia de duas legoas de Lisboa para o Poente eſtá eſte Lugar, cuja Igreja Matriz he dedicada a S. Romaõ, na qual apreſenta Cura o Prior de Santa Cruz do Caſtello deſta Cidade, o qual tem de congrua hum moyo de trigo, huma pipa de vinho, e o que rende o pé de altar. Tem duas Irmandades, a do Santiſſimo, e a das Almas, e conſta de trezentos viſinhos ſubordinados ao Corregedor de S. Paulo, e diſtribuidos pelos Lugares de Algez, Alfragide, Barronhos, Jamor, Ninha a Paſtora, Ninha a velha,

lha, Outorella, Quejas, Romeiras. No ſeu deſtricto ſe achaõ erectos os ſeguintes

Conventos.

31 *Noſſa Senhora da Boa Viagem.* De Religioſos Arrabidos. Fica legoa e meya affaſtado de Lisboa para a parte da foz do Tejo, e fundado à borda delle deſde o anno de 1618.

Santa Catharina de Ribamar. Dos ditos Religioſos Arrabidos, e pouco diſtante do da Senhora da Boa Viagem; porém fundado ſobre a elevaçaõ de hum monte ſobranceiro ao meſmo rio, deſde o anno de 1551. No de 1634 ſe ampliou o edificio com titulo de Guardiania. O Cardeal Arcebiſpo D. Luiz de Souſa reedificou a Igreja primoroſamente, de que hoje he Padroeira a Caſa do Duque de Lafões, como herdeira da Caſa de Arronches.

S. Joſeph de Ribamar. De Religioſos tambem Arrabidos. Foy fundado defronte da Torre velha no anno de 1559 por D. Franciſco de Guſmaõ, e ſua mulher D. Joanna, e goza hoje o ſeu Padroado o Excellentiſſimo Marquez de Valença. Exiſte neſte Convento o eſtimavel quadro do Senhor S. Joſeph com a tradiçaõ de ſer vera effigie, e retrato do Santo, como diſſemos na ſua Vida.

Ermidas.

Santo Antonio. Na quinta do Rodiſio.

Noſſa Senhora do Cabo. Na Aldea de Algés. A Imagem da Senhora he milagroſa, e concorre a viſitalla muita gente em romaria.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. No Lugar de Outorella.

Noſſa Senhora da Graça. Na quinta dos Religioſos da Graça.

S. Joaõ Bautiſta. No Lugar de Ninha a Paſtora.

S.

S. Joaquim. No Lugar de Quejas.

Noſſa Senhora do Roſario. No Lugar de Ninha a Velha.

Noſſa Senhora do Roſario, e S. Gonçalo. Na quinta do Conego Manoel Gomes Monteiro.

Noſſa Senhora da Salvaçaõ. No Convento de Santa Catharina.

Noſſa Senhora da Saude. Na quinta dos Grillos. Confina eſta Freguezia com a da Igreja da Ajuda, com a de Barcarena, com a de Oeiras, e com a de Bemfica.

XI.

Carnide.

32 ESTá ſituada eſta povoaçaõ em huma Campina, que participa de bons ares, affaſtada de Lisboa huma legoa para a parte do Noroeſte. He a ſua Igreja Paroquial dedicada a S. Lourenço, e o Paroco he Vigario collado, que apreſentaõ os Religioſos de Noſſa Senhora da Luz da Ordem de Chriſto, ao qual rende oitenta mil reis. Tem tres Irmandades, a do Santiſſimo, a da Senhora do Roſario, e a das Almas. Numera duzentos e vinte viſinhos ſujeitos ao Corregedor de S. Paulo, e ſe incluem no ſeu deſtricto os ſeguintes

Conventos.

33 *S. Joaõ da Cruz.* De Carmelitas Deſcalços. Foy fundado pela Senhora D. Maria filha illegitima de ElRey D. Joaõ IV. no anno de 1681.

Noſſa Senhora da Luz. De Religioſos da Ordem Militar de Chriſto. Fundou-ſe eſte Convento em huma antiga Ermida, que no anno de 1463 haviaõ erecto à Senhora da Luz os viſinhos deſte Lugar, e o devoto Pedro Martins tambem daqui natural, para memoria do milagre, e beneficio que a Senho-

ra lhe fez de o livrar do cativeiro de Mouros, onde eſtava prezo, trazendo-o prodigioſamente a Portugal com as meſmas cadeas, que muito tempo eſtiveraõ collocadas na Ermida velha. ElRey D. Joaõ III. no anno de 1545 deu eſta Ermida aos Religioſos da Ordem de Chriſto para fundarem o Convento, cuja Capella mór mandou fazer no anno de 1575 a Senhora Infanta D. Maria filha de ElRey D. Manoel, com ſumptuoſa, e mageſtoſa arquitectura, e alli eſtá ſepultada. (1)

Moſteiros.

34 *Noſſa Senhora da Conceiçaõ.* De Religioſas Recoletas de Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Foy fundado por Nuno Barreto Fuzeiro, e ſua mulher D. Maria Pimenta no anno de 1694, e as Religioſas entraraõ em dia de Noſſa Senhora dos Prazeres de 1699.

Santa Tereſa. De Religioſas Carmelitas Deſcalças. Foy fundado no anno de 1642 pela Senhora Michaella Margarida filha do Imperador Rodolfo II. em hum terreno que foy do Correyo mór Antonio Gomes da Mata. (2) A Senhora D. Maria filha de ElRey D. Joaõ IV. naõ ſó ſe educou neſte Moſteiro deſde o anno de 1649, mas o reedificou, e mandou ſepultarſe nelle no Coro debaixo.

Hoſpital.

Fundou eſte Hoſpital a Sereniſſima Infanta D. Maria, filha de ElRey D. Manoel, com huma liberalidade Regia naõ ſó no material do edificio, que he excellente, e regular, concluido no anno de

[1] Fr. Roque do Soveral na Hiſtor. da Senhora da Luz. P. Telles na Chronic. da Comp. p. 2. l. 5. c. 51. Faria na Europ. Port. t. 3. p. 3. Cardoſ. no Agiol. Luſit. tom. 2. p. 175. Carvalho na Corograf. tom. 3. p. 643. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 98. [2] Lima Geograf. Hiſtor. tom. 2. p. 166.

de 1618, mas no formal, e fundo, com que o dotou para a ſua ſubſiſtencia. He adminiſtrado pelos Religioſos de Noſſa Senhora da Luz, e ſujeito ao Tribunal da Meſa da Conſciencia. (1)

Ermidas.

Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ. Na quinta de Joſeph Falcaõ de Gamboa.
Eſpirito Santo.
S. Sebaſtiaõ.

XII.

Charneca.

35 POuco mais de huma legoa para o Norte ſe affaſta de Lisboa eſte Lugar, cuja Paroquia he dedicada a S. Bartholomeu, e em cuja veſpera, e dia ſe coſtuma fazer na ſua praça huma feira franca. O Cura he apreſentado annualmente pelo Prior do Lumiar. He eſte Lugar de cento e trinta viſinhos ſujeitos à Correiçaõ de Alfama, e comprehende as ſeguintes

Ermidas.

Santa Anna. Na quinta de Balthazar da Silva.
Santo Antonio.
Santa Luzia.
Noſſa Senhora dos Remedios. Na quinta nova.
Noſſa Senhora da Saude. Na quinta da Granja, que poſſue Domingos de Oliveira Braga, Theſoureiro que foy do Senhor Infante D. Antonio. He Ermida novamente reedificada com primor, e ſe diſſe nella a primeira Miſſa em dia do Santiſſimo Nome de Maria do anno de 1749.
S. Sebaſtiaõ.

---

[1] Santuar. Marian. t. 1. p. 103. Oliveir. Grandez. de Lisboa p. 84.

XIII.

Santo Eſtevaõ das Galés.

36 FIca eſte Lugar ao Poente de Lisboa na diſtancia de quatro legoas, em ſitio elevado, e lhe deu nome o Santo a quem he dedicada a Igreja Matriz, a qual ſe deſmembrou da de Santa Maria de Loures. Apreſentaõ os freguezes ao Cura, a quem rende cento e ſeſſenta mil reis com o pé de altar. Conſta de cem viſinhos ſubordinados ao Corregedor da Rua nova.

XIV.

Fanhões.

37 EXiſte eſte Lugar affaſtado de Lisboa tres legoas para o Norte, e a ſua Paroquia he dedicada a S. Saturnino advogado dos meninos quebrados. Deſmembrou-ſe da Freguezia de Santo Antaõ do Tojal; mas ſempre lhe ficou de alguma ſorte ſubordinada; pois em dia da Prociſſaõ do Corpo de Deos da Freguezia de Santo Antaõ he obrigado a ir o Procurador da Irmandade do Santiſſimo de Fanhões aſſiſtir com a ſua Cruz na Igreja de Santo Antaõ, como tambem no dia do Santo: nem na Paroquia de S. Saturnino ſe podem cantar Miſſas, ou fazer quaeſquer feſtividades, ſem ſe dar parte ao Prior de Santo Antaõ do Tojal. O Cura de Fanhões he apreſentado pelos Freguezes, e lhe rende perto de duzentos mil reis. Tem a Igreja dous Capellães das Almas com cincoenta mil reis cada hum. Conſta de cento e quarenta fogos ſubordinados ao Juiz do Crime da Ribeira, e no ſeu limite ſe acha erecta a

Ermida.

S. Juliaõ. Na Cabeça de Montachique.

XV.

Frielas.

38 JUnto ao rio, que corre de Sacavem, diſtante de Lisboa duas legoas para o Norte, eſtá fundada eſta povoaçaõ nas margens de huns montes, porém com alegre viſta. Houve antigamente aqui huns grandioſos Paços, que ElRey D. Diniz no anno de 1313 honrou, erigindo nelles huma Capella de Santa Catharina com ſeu Capellaõ de Miſſa quotidiana, e com obrigaçaõ de rezar nella as Horas Canonicas todos os dias. Depois deu eſtes Paços ElRey D. Fernando aos Religioſos de S. Jeronymo no anno de 1378. Hoje ſe achaõ desfeitos, e arruinados. (1)

39 A Igreja Parroquial he dedicada a S. Juliaõ, e Santa Baſiliza, e he Igreja antiga, pois já no anno de 1191 o Biſpo de Lisboa D. Soeiro Anes, na diviſaõ que fez das Igrejas do Biſpo, e Cabido, entre as que reſervou para ſi, foy huma a de Frielas, que antecedentemente pertencia à Fabrica da Sé. (2) O Paroco tem o titulo de Prior, que apreſenta a Abbadeſſa do Real Moſteiro de Odivellas, ao qual rende trezentos mil reis. Numeraõ-ſe na povoaçaõ trezentos viſinhos, a mayor parte delles peſcadores, ſujeitos ao Juiz do Crime do bairro da Sé. Eſtá no ſeu deſtricto a

Ermida.

40 *Noſſa Senhora do Monte.* Edificada no cimo de hum monte de admiravel viſta, e na quinta da Ramada, Reguengo de Sacavem, a que deu principio Lopo de Abreu no anno de 1579, e paſſados

---

[1] Brand. na Monarq. Luſ. liv. 18. cap. 46. [2] Cunha nos Biſp. de Lisboa part. 2. c. 18. n. 6.

vinte annos a reedificou; porém no anno de 1686 a augmentou muito mais Miguel de Souſa Ferreira, e a acabou de aperfeiçoar ſeu filho Manoel de Souſa Soares no anno de 1699; o que tudo conſta de huma inſcripçaõ, que eſtá por baixo do pulpito. O Author do Santuario Mariano Fr. Agoſtinho de Santa Maria applaude ſummamente eſta Ermida, e diz que no aſſeyo, e adorno he das mais attendiveis, que ha no termo de Lisboa. (1) Tambem o Juriſconſulto Manoel Alvares Pegas falla honorificamente deſta quinta. (2)

XVI.

Granja de Alpriate.

41 DIſta eſta povoaçaõ de Lisboa para o Norte tres legoas, e jaz em hum ameno valle. A ſua Paroquial Igreja he dedicada a S. Sebaſtiaõ, Commenda da Ordem de Chriſto, de quem he Commendador o Conde de Valladares. Foy annexa a Santa Iria da Azoya, que pela diſtancia, e diſcommodo, que dava aos moradores da Granja, eſtabeleceraõ Freguezia ſeparada na dita Igreja de S. Sebaſtiaõ, a qual, ſegundo as memorias de alguns, dizem que fora ſagrada, e por antiga ſe foy arruinando, deſorte, que ſe lhe mandou tirar o Sacrario, e ſó alguns dias celebravaõ nella Miſſa. Deve-ſe o ſeu reſtabelecimento ao Reverendo Padre Franciſco de Souſa da Coſta, o qual entrando alli por Capellaõ começou com tanta efficacia, e zelo, a cuidar da reforma, e culto da Igreja, que com eſmolas a reduzio ao eſplendor com que hoje ſe vê, obtendo do Eminentiſſimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida faculdade para nova erecçaõ de Sacra-

[1] Santuar. Marian. tom. 1. p. 372. [2] Pegas Reſoluc. Forenſ. part. 2. cap. 9. n. 265.

crario, e alcançando do povo a congrua de quarenta mil reis para ſua ſubſiſtencia, e caſas onde reſide, que com huma Capella, que tambem ſerve, terá de renda cem mil reis. Com eſte diſpendio, e beneficio ficou o povo na poſſe de apreſentar o Capellaõ, bem contra vontade do Commendador. Conſta de cento e trinta viſinhos ſubordinados ao Juiz do Crime da Ribeira. Ha aqui huma nobre quinta do Monteiro mór, e no ſeu deſtricto exiſtem as ſeguintes

Ermidas.

A Degollaçaõ de S. Joaõ Bautiſta. Na quinta chamada do Herdeiro.

Noſſa Senhora da Nazareth. Na quinta chamada do Carlos.

XVII.

S. Joaõ da Talha.

42 DUas legoas e meya para o Norte, ſe affaſta de Lisboa eſta povoaçaõ, cuja Igreja Paroquial, que deu o nome à terra, he Vigairaria que apreſenta a Univerſidade de Coimbra deſde o anno de 1388, em que o Prior de Sacavem dimitio de ſi eſte Lugar a quem pertencia, por lhe ficar livre a ſua Igreja. Conſta de trezentos viſinhos ſujeitos à Correiçaõ do Limoeiro. No ſeu deſtricto ha a ſeguinte

Ermida.

Santa Catharina. No Lugar do Budel, onde ſe vem ainda as ruinas de huma antiga torre.

XVIII.

Santa Iria.

43 QUaſi na meſma diſtancia de duas legoas e meya de Lisboa eſtá ſituada eſta povoaçaõ, cuja Igreja Matriz he hum Curato, que apreſenta o Prior de Santo André deſta Cidade, donde teve origem o Priorado, ficando elle por eſſa cauſa conſervando o titulo de Reitor de Santa Iria. Tem o Cura de congrua hum moyo de trigo, huma pipa de vinho, e com os mais beneſes lhe renderá tudo duzentos mil reis. Conſta de duzentos viſinhos ſujeitos ao Corregedor do bairro do Limoeiro. Exiſte nos ſeus limites o

Convento.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. De Religioſos Arrabidos, que foy primeiro habitado pelos Padres Jeronymos, e deſpovoando-o, tomaraõ delle poſſe os Religioſos da Provincia da Arrabida no anno de 1584, e entre os ſeus Conventos he hum dos perfeitiſſimos.

Ermida.

Santa Maria Magdalena. Exiſte no Lugar da Povoa chamada de D. Martinho, onde os moradores contribuem para a congrua de hum Capellaõ, que lhes diz Miſſa nos dias de preceito, quando naõ podem ir ouvilla à Matriz de Santa Iria.

XIX.

S. Juliaõ do Tojal.

44 COm pouca diſtancia de Santo Antaõ do Tojal para o Norte fica eſte pequeno Lugar, cujo Paroco tem o titulo de Cura apreſentado

annualmente pelo Prior dos Conegos Regrantes de S. Vicente de Fóra, ao qual daõ hum moyo de trigo, huma pipa de vinho, ſeis cantaros de azeite, e dez mil reis em dinheiro, além do que lhe rende o pé de altar. Conſta de cem viſinhos ſujeitos ao Juiz do Crime da Ribeira. Ha no ſeu deſtricto as ſeguintes

Ermidas.

Noſſa Senhora da Apreſentaçaõ. Na quinta da Ponte, huma das mais pingues do ſitio, que poſſue Joſeph Felix Rebello Eſcrivaõ no Conſelho da Fazenda.

Noſſa Senhora do Carmo. No Lugar do Zambujal.

Eſpirito Santo. Defronte da Matriz.

S. Sebaſtiaõ. Fica eſta Ermida na eſtrada que vay para Vialonga, e pouco mais para cima de hum poço publico chamado de Santa Clara. Os moradores do Tojal tem grande fé com a imagem do Santo, que ſe venera neſta Ermida.

Noſſa Senhora do Soccorro. Na quinta chamada antigamente do Arraes, que hoje poſſuem os Religioſos Vicentes. He das mais dilatadas, frutiferas, e rendoſas, que ha no Termo de Lisboa, onde os Padres tem gaſto muitos mil cruzados com grandeza verdadeiramente Regia, naõ ſó na cultura do dilatado terreno de que conſta, caſas, e officinas; mas na conducta do rio Trancaõ, que a fertiliza perennemente a pezar de outras quintas circumviſinhas, que tambem ſe utiliſavaõ das ſuas aguas.

XX.

Loures.

45 AO Norte de Lisboa na diſtancia de duas legoas eſtá ſituada eſta povoaçaõ em lugar alto, e alegre. A Matriz he dedicada a Noſſa Se-

Senhora da Aſſumpçaõ, e he Freguezia antiga, pois della ha memoria antes do anno de 1250, em tempo do Biſpo de Lisboa D. Ayres Vaſques. (1) O Paroco tem titulo de Vigario, e numera novecentos viſinhos diſtribuidos pelos Lugares de Alvogas, Barro, Calvos, Caneſſas, Covaõ, Codiceira, Granja, Marnotas, Mealhada, Montemór, Murteira, Palhaes, Pinheiro, Ponte de Frielas, Ponte de Louſa, Tojalinho, Val de Nogueira, ſubordinados ao Corregedor da Rua nova. Incluem-ſe nos ſeus limites o ſeguinte

Convento.

Eſpirito Santo. De Religioſos Arrabidos, ſituado na ladeira de hum oiteiro alegre, proximo ao Lugar da Mealhada, e duas legoas diſtante de Lisboa. Teve ſeu principio no anno de 1575, em que o fundou Luiz de Caſtro dos Rios. (2)

Ermidas.

Santa Anna. No Lugar de Alvogas.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta da Promealha.

Noſſa Senhora dos Enfermos. No Lugar de Caneſſas, e na quinta chamada dos Fetaes, onde concorre muita gente em romaria, por ſer a Imagem da Senhora milagroſa. Della eſcreve o Author do Santuario Mariano em o tom. 7. pag. 193.

S. Joaquim, e Santa Anna.

Santa Luzia. Na ponte de Louſa.

Noſſa Senhora dos Prazeres. Em Palhaes, na quinta que hoje poſſue o Conde de Caſtello Melhor.

Noſſa Senhora do Roſario. No ſitio da Paradella, na quinta que foy de Antonio Wamplate.

Noſ-

---

[1] Cunha Hiſtor. Eccleſ. de Lisboa pag. 164. [2] Agiolog. Luſit. tom. 2. pag. 272.

Noſſa Senhora da Rotunda. No Lugar que chamaõ a dos Calvos, na quinta do Conde de Valladares.

Noſſa Senhora da Saude. Na dilatada eminencia de hum monte no Lugar de Montemór, à qual concorre muita gente de romagem no primeiro Domingo de Setembro.

S. Sebaſtiaõ.

XXI.

Louſa.

46 ESte Lugar, que fica duas legoas e meya para o Norte de Lisboa, tem a ſua Paroquia dedicada ao Apoſtolo S. Pedro. Os Freguezes apreſentaõ o Paroco, que tem titulo de Cura, a que daõ cento e vinte mil reis. Compoem-ſe de duzentos viſinhos ſujeitos ao Corregedor da Rua nova, e tem nos ſeus limites as ſeguintes

Ermidas.

O Eſpirito Santo.

S. Juliaõ.

XXII.

Lumiar.

47 O Sitio em que eſtá fundada a Igreja Paroquial deſta povoaçaõ, dedicada ao glorioſo Precurſor S. Joaõ Bautiſta, e S. Mattheus, diſta de Lisboa pouco mais de huma legoa para o Norte, em hum terreno plano, alegre, e de bons ares. Neſte Lugar teve ElRey D. Affonſo III. huma caſa de campo, à qual chamavaõ o Paço; e depois pela poſſuir Affonſo Sanches, filho baſtardo de ElRey D. Diniz, chamaraõ o Paço de Affonſo Sanches.

48 Em huma terra da ſobredita quinta fundou

de novo o Biſpo de Lisboa D. Mattheus, eſtando em Unhos, eſta Igreja, e a erigio em Paroquia a 2 de Abril de 1276, cujo Padroado doou D. Tereſa, Senhora de Albuquerque, viuva já entaõ do dito D. Affonſo Sanches, ao Moſteiro de Odivellas em 21 de Agoſto de 1334, (1) por cuja doaçaõ apreſenta a Abbadeſſa o Priorado, que rende quinhentos mil reis, e dous Beneficios que alli ha. Conſta a Paroquia de quatrocentos viſinhos, e do ſeguinte

Convento.

Noſſa Senhora da Porta do Ceo. De Religioſos Franciſcanos da Provincia de Portugal no ſitio de Telheiras, fundado por hum Principe da Aſia chamado D. Joaõ, Senhor de Candia, o qual paſſando a eſte Reino, e inſtruido na Fé por eſtes Religioſos, lhes edificou o Convento no anno de 1633, onde depois de fallecer em Lisboa no anno de 1642, ſe começou a eſtabelecer a Communidade. Jaz o Fundador em elevada ſepultura de marmore, que elle fez erigir ao lado da Capella mór. (2)

Ermidas.

Eſpirito Santo.
S. Sebaſtiaõ.

XXIII.

Milharado.

49 QUatro legoas ao Norte diſta eſte Lugar de Lisboa. He a ſua Igreja Paroquial dedicada ao Arcanjo S. Miguel, e tem por Paroco hum Cura, que annualmente apreſentaõ o Prior,

[1] Brand. na Monarq. Luſit. liv. 17. c. 23. [2] Soledade no tom. 5. da Hiſtor. Serafic. num. 892.

Prior, e Beneficiados da Freguezia de S. Nicolao de Lisboa. Conſta de trezentos viſinhos diſtribuidos pelos Lugares da Bituaria, Canas, Charneca, Caſtelpicaõ, Cartexaria, Cachoeira, Ceiceira grande, e pequena, Jurumelo, Pouſada, Povoa da Galega, Prizinheira, Rolia, Sobreira. Inclue-ſe no ſeu deſtricto a ſeguinte

Ermida.

Noſſa Senhora da Victoria. No Lugar da Cartexaria. Foy fundada no anno de 1550 por Joaõ Lopes lavrador, e ſua mulher Filippa Gonçalves.

XXIV.

Odivellas.

50 O Valle de Odivellas eſtá quaſi duas legoas de Lisboa para o Norte. A Paroquia he dedicada ao Menino Jeſus, e os freguezes apreſentaõ o Paroco annualmente com o predicamento de Cura. Conſta de trezentos viſinhos repartidos pelos Lugares da Barroſa, Bica, Moreira, Pombaes, Porto, Frigache, &c. ſubordinados à Correiçaõ do bairro Alto. Comprehende o ſeu limite o ſeguinte

Moſteiro.

51 *S. Diniz.* De Religioſas Bernardas. Eſtá ſituado em huma planicie, que cercaõ tres montes viſinhos, junto a hum dos quaes, que fica para o Occidente, corre hum pequeno rio, o qual entrando na cerca do Moſteiro, e regando o ſeu jardim de Val de flores, ſahe a fertilizar algumas quintas daquelles contornos, e a incorporarſe com outro pequeno riacho, que corre ao pé do monte da Senhora da Luz, e ambos ſe vaõ recolher no eſteiro do mar junto a Frielas.

52 Foy edificado eſte Moſteiro por ElRey D. Diniz, que lhe lançou a primeira pedra com grande ſolemnidade em 27 de Fevereiro de 1295, e ſe veyo a concluir com todas as ſuas officinas no anno de 1305. Por muitos titulos, e circunſtancias he digno de attençaõ eſte Moſteiro pela grandeza do Templo; pelo aſſeyo, e adorno das ſuas Capellas; pela mageſtade, e apparato do culto Divino; pela opulencia, com que o dotou o Rey ſeu fundador; pelo grande numero de Religioſas, e ſuas admiraveis vozes, que tanto encarece, e applaudia no ſeu tempo Luiz Mendes de Vaſconcellos; (1) e finalmente por outros muitos argumentos, com que poucas Igrejas, e Communidades ſe lhe podem igualar.

53 Honra muito eſta Caſa o Regio monumento de ElRey D. Diniz, o qual jaz na Igreja junto da porta da Sacriſtia em ſepultura de pedra elevada de bom lavor, e cercada de grades de ferro com o retrato do ſeu corpo em cima eſculpido em marmore; e em huma das bazes, ſobre que aſſenta a ſepultura, ſe vê a effigie de hum uſſo, debaixo do qual eſtá a figura de hum homem cravando-lhe hum punhal, que tudo allude ao caſo milagroſo, que ſe conta na vida do ſobredito Rey. (2)

Ermida.

Senhor Jeſus Roubado. Principiou eſta Ermida em hum Cruzeiro de pedra, que o devoto Antonio dos Santos erigio no anno de 1744 em o meſmo ſitio, em que foy achada a ſagrada Pyxide, roubada do Sacrario da Freguezia de Odivellas no anno de 1671. Depois continuaraõ os devotos a concorrer de fórma, que he hoje hum dos Santuarios muito frequentado dos Fieis: e ſe entre os Confrades houvera melhor eco-

---

[1] Vaſconcel. Sitio de Lisboa pag. 210. [2] Brandaõ na Monarq. Luſit. liv. 17. c. 21. Cunha na Hiſt. Eccleſ. de Lisboa part. 2. cap. 82.

economia, poderaõ ter feito hum formoſo Templo, mais amplo, e com melhor formalidade.

XXV.

Oeiras.

54 SUpposto que o Lugar de Oeiras foſſe eregido em Villa a 7 de Junho de 1759 por mercê do Fideliſſimo Rey D. Joſeph I. da qual o meſmo Senhor creou Conde de juro, e herdade a Sebaſtiaõ Joſeph de Carvalho ſeu Secretario de Eſtado, como da ponte para cá pertence ao Termo de Lisboa, me pareceo conveniente fallar deſte ſitio.

55 Eſtá elle affaſtado da Cidade tres legoas ao Poente, e o faz muito fertil, e appeticivel hum rio que lhe paſſa pelo meyo, fazendo trabalhar muitas azenhas. A ſua Igreja Paroquial, que ha pouco ſe reedificou por actividade de Antonio Rebello Theſoureiro geral da Bulla da Cruzada, tem o titulo da Senhora da Purificaçaõ, e o Paroco o nome de Cura, apreſentado pelo Prior, e Beneficiados de S. Lourenço de Lisboa. Compoem-ſe de quatrocentos viſinhos diſtribuidos pelos Lugares de Arieiro, Barril, Cacilhas, Caſal da Medroſa, Ceirogato, Eſpargal, Eſpargueira, Feitoria de S. Giaõ, Lage, Laveiras, Murgalhal, Paço de Arcos, Porto Salvo, Terrugem, Villa de Buſſicos, Villa Fria. No ſeu deſtricto exiſte o ſeguinte

Convento.

Vallis Miſericordiæ. De Religioſos Monges Cartuxos de S. Bruno, de quem já fallamos no tom. 2. part. 3. deſte Mappa cap. 3. §. 7. num. 4. A ſua Igreja achey que fora fundada no anno de 1614, ſegundo conſta da Inſcripçaõ ſeguinte:

Anno

Anno Dnï 1614 die 8 Decembr.
Ego Hier. Iſat , & Tingit. Eps.
Ad honorem B. Mariæ Virginis
Primum hunc lapidẽ benedixi
In alma Carthuſiæ Vallis Miſericordiæ
Sedente S. P. Paulo 5. Pont. Max.
Et Philippo 2. Portug. & Hiſp. Rege.

56 Dentro dos ſeus limites exiſtem as ſeguintes

Ermidas.

Noſſa Senhora dos Anjos. Na quinta do Forneiro.
Santo Antonio. Em Laveiras.
Santo Antonio. Na quinta da Boiça.
S. Bartholomeu. Na quinta do Barril.
Noſſa Senhora do Bom Succeſſo. Na quinta da Ponte.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ. No Lugar de Cachias.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na Feitoria.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta do Reguengo.
Noſſa Senhora do Egypto.
Senhor Jeſus dos Navegantes. Em Paço de Arcos.
S. Joaõ Bautiſta. No Forte das Mayas.
S. Joaõ Bautiſta. Na quinta do Jardim.
S. Joaõ Nepomuceno. Na quinta da Medroſa.
S. Joſeph. Na quinta da Coſta.
S. Lourenço. Na Cabeça ſeca.
Madre de Deos. Em Villa Fria.
Noſſa Senhora da Penha de França. Na quinta dos Valles.
S. Pedro. Em Cacilhas.
Noſſa Senhora da Piedade. Na quinta do Couto.
Noſſa Senhora da Piedade. Na quinta do Quintaõ.
Noſſa Senhora do Porto Salvo. No Lugar de Caſpolima.

Na Fortaleza de S. Juliaõ ha huma Igreja Paroquial com o titulo de Santa Barbara. O Paroco

tem predicamento de Cura, que apreſenta o Provedor dos Armazens, e conſta de cem viſinhos, além das Companhias do preſidio, e Artilheiros.

XXVI.

Olivaes.

57 PRolonga ſe de Lisboa eſte ſitio o eſpaço de legoa e meya para o Nordeſte, e nelle ha huma Paroquia, cuja Igreja he dedicada a Noſſa Senhora com o titulo dos Olivaes, por apparecer milagroſamente a ſua Imagem no tronco de huma oliveira neſte meſmo ſitio. A Freguezia he antiquiſſima, pois conſta que o ſeu Prior offerecera a Igreja para habitaçaõ dos primeiros Congregados dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangeliſta no anno de 1420. Depois no anno de 1483 o Cardeal Arcebiſpo D. Jorge da Coſta a unio à Capella de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ do Convento de Santo Eloy, cujo Reitor percebe os dizimos deſta Freguezia, e apreſenta hum Vigario com a congrua de cem mil reis. Conſta a Paroquia de novecentos viſinhos ſubordinados ao Corregedor de Alfama, e tem no ſeu deſtricto os ſeguintes

Conventos.

S. Bento. De Conegos Seculares de S. Joaõ Evangeliſta, a que o vulgo chama S. Bento dos Loyos. Eſtá fundado eſte Convento nas margens do Tejo meya legoa para o Oriente de Lisboa. Havia D. Eſtevaõ de Aguiar D. Abbade de Alcobaça edificado alli huma Ermida ao grande Patriarca S. Bento (e foy a primeira caſa que o Santo teve em Lisboa) com o deſignio de formar alli hum Collegio, ou Hoſpicio para a ſua Ordem; porém ſobrevieraõ-lhe embaraços, que lhe impediraõ os ſeus projectos. Governa-

nava entaõ o Reino ElRey D. Affonſo V. com a Sereniſſima Senhora D. Iſabel ſua mulher, a qual ſendo ſummamente affecta ao ſagrado Evangeliſta, tratou de lhe edificar hum Convento, cuja idéa lhe embaraçou a morte.

58 Fazendo porém teſtamento, mandou ſe edificaſſe o Convento, para o que deixou oito mil coroas de ouro, e que depois de acabado ſe entregaſſe aos Bons homens de Villar, e que foſſe cabeça da Congregaçaõ. Deu logo ElRey cumprimento a eſta vontade da Rainha; e mandando pedir a Ermida ao D. Abbade a entregou aos Padres, que tomaraõ poſſe della no anno de 1455, e logo ſe comeҫou a fundar a nova Caſa, e juntamente a ſer cabeça da Congregaçaõ, a qual no anno de 1461 por Breve de Pio II. ſe começou a denominar dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangeliſta, cujo Convento principiou a governar o Padre Joaõ Rodrigues.

59 Com os tempos ſe foy conſumindo a primeira fabrica, até que o Veneravel Padre Antonio da Conceiçaõ lhe deu principio no anno de 1600 com ſete toſtões, que lhe haviaõ dado de eſmola. A Capella mór correo por conta de D. Joanna de Noronha, filha dos Condes de Linhares. (1)

Noſſa Senhora da Conceiçaõ do Monte Olivete. De Religioſos Agoſtinhos Deſcalços. He fundaçaõ da Rainha D. Luiza mulher de ElRey D. Joaõ IV., e lhe lançou a primeira pedra no edificio ElRey D. Affonſo VI. em 15 de Mayo de 1666, (2) aſſiſtindo a eſte ſolemne acto toda a Corte, e Communidade de Noſſa Senhora da Graça. Em 23 de Outubro de 1683 padeceo a Igreja, e Convento hum incendio, que em duas horas conſumio grande parte da ſua primeira fabrica.

S.

[1] S. Maria no Ceo aberto liv. 1. cap. 6. e liv. 2. cap. 25. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 275. Carv. na Corograf. tom. 3. p. 593. [2] Santuar. Marian. tom. 1. p. 477.

S. Cornelio. De Religioſos Arrabidos. Foy fundado para Convalecença no anno de 1674 pelo Sargento mór Joaõ Borges de Moraes, em huma Ermida de Noſſa Senhora da Eſtrella; depois paſſou a Convento no anno de 1718. Naõ ſabemos o fundamento que houve para os devotos, que concorrem a eſta Igreja, offerecerem ao Santo certos cornihos, ou de cera, ou de prata; acçaõ, que como já diſſemos em outra parte, e bem reparou o douto Feijó, (1) involve hum culto irriſorio, que a prudencia politica muitas vezes coſtuma tolerar ao povo material, e rude.

Moſteiros.

60 *Santo Agoſtinho.* De Religioſas Agoſtinhas Deſcalças. Foy fundado no ſitio do Grillo pela Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ, mulher de El-Rey D. Joaõ IV., e lhe deu principio em 2 de Abril de 1663, ſendo a primeira Fundadora a Veneravel Madre Sor Maria da Preſentaçaõ, que veyo com outras cinco Religioſas do Moſteiro de Santa Monica de Lisboa. (2)

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. De Religioſas de Santa Brigida. Eſtá fundado no ſitio de Marvilla pelo Arcediago de Lisboa Fernando Cabral em 18 de Março de 1660. Neſte ſitio renovou o primeiro Patriarca de Lisboa D. Thomaz de Almeida o antigo Palacio, e quinta da Mitra, enriquecendo o de nobiliſſimo ornato, e com eſpecialidade duas grandes ſalas, em que mandou collocar os verdadeiros retratos de todos os Excellentiſſimos Arcebiſpos de Lisboa em quadros renovados pelo excellente pincel do inſigne Franciſco Vieira, por ordem do Senhor Rey D. Joaõ V. Direy a diſpoſiçaõ com que alli eſ-

[1] Feijó no Theatro Critico tom. 7. diſc. 8. n. 25. [2] Santuar. Marian. tom. 7. pag. 10.

eſtaõ collocados, que naõ he chronologica, e inſinuarey os caprichos pitoreſcos do meſmo Artifice com que os illuſtrou.

O primeiro retrato da primeira ſala naõ tem nome. Fatal deſcuido!

O ſegundo retrato he de *D. Antonio de Mendoça*, filho do primeiro Conde de Val de Reys, e decimo oitavo Arcebiſpo. Como elle vinculou toda a ſua fazenda na Caſa de Val de Reys, fingio-lhe Vieira no meſmo quadro hum painel pendurado, que repreſenta Eneas com o pay às coſtas, e hum mote na moldura, que diz: *Pius in Parentem.*

O terceiro he do Cardeal *D. Luiz de Souſa*, decimo nono Arcebiſpo. Tem huma inſcripçaõ dos ſeus titulos honorificos em hum dobrado, e fingido papel encoſtado a hum grande copo de criſtal com as ſuas armas expreſſadas à imitaçaõ dos vidros de Alemanha, e he o que o retrato tem do pincel de Vieira. Moſtra o tal copo eſtar cheyo de agua.

O quarto he de *D. Rodrigo da Cunha*, decimo ſetimo Arcebiſpo. Eſte retrato he antigo, foy retocado por Vieira, que lhe accreſcentou huma livraria, cujos titulos dos livros ſaõ os que o meſmo Arcebiſpo compoz. Tem eſtes diſticos, que dizem:

Invida naturæ potuit tibi tollere vitam
Mors, vitam Famæ tollere non poterit.
Vivit adhuc, ſpiratque ſimul tua Præſul imago.
Vivit in his libris, ſpirat in hac tabula.

O quinto he de *D. Jorge da Coſta*, chamado o Cardeal Alpedrinha, e oitavo Arcebiſpo. Eſtá encoſtado a hum bofete, em que tem hum livro aberto, onde ſe vê a eſtampa do paralytico com a cama às coſtas, a quem Chriſto diſſe: *Tolle grabatum tuum*; e allude à fugida occulta, que o Cardeal Arcebiſpo fez para Roma, por contradições que teve com o Principe D. Joaõ, que ſuccedeo no Reinado a ElRey D. Affonſo V. Em cima do bofete ſe

vê

vê hum globo, onde ſe diviſa huma roda de navalhas, em lembrança do que devia à Infanta D. Catharina, empreza de que ſempre uſou. As ſuas armas proprias eſtaõ em hum ſuppoſto retrato do meſmo Cardeal Arcebiſpo, expreſſadas na moldura no canto do painel.

O ſexto he *D. Joaõ Manoel*, decimo ſexto Arcebiſpo, e Vice-Rey de Portugal.

O ſetimo he *D. Affonſo Furtado de Mendoça*, decimo quinto Arcebiſpo.

O oitavo he *D. Miguel de Caſtro*, decimo quarto. Deſte Arcebiſpo naõ ſe achou em todo Portugal outro retrato mais que hum feito depois delle morto, com os olhos fechados, e deitado: e dizendo ElRey a Vieira, que era preciſo reſuſcitallo, elle o expreſſou com a maõ eſquerda no peito, e com a direita apontando para hum relogio, que moſtrava em duas aberturas adequadas o numero do dia, e o nome do mez em que fallecera, e no termo inferior do dito relogio o anno: e para ſignificar que o tal relogio alli ceſſara, fez-lhe o apontador cahido no bufete; e para dar ſatisfaçaõ à ordem do Rey, figurou-lhe no fundo hum medalhaõ pendurado com a reſurreiçaõ de Lazaro, e hum letreiro na moldura, que diz: *Veni foras.*

O nono he *D. Jorge de Almeida*, decimo terceiro Arcebiſpo.

O decimo he o Cardeal Rey *D. Henrique*, duodecimo Arcebiſpo. Eſtá elle figurado em hum jardim ſolitario em acto penſativo, com hum maço de papeis nas mãos, e eſtas encruzadas. Ao lado direito huma eſtatua de bronze, que repreſenta a Luſitania, com a ſua lança cahida, e a figura diſpoſta de modo, que eſtá ſem cabeça, porque juſtamente fica cortada com a moldura para diſſimular o conceito. Junto do pedeſtal da dita figura eſtá huma planta de cardo ſeco com dous caracoes pegados. Da parte eſquerda eſtá hum bufete de pedra avermelha-

da, e ſobre eſte hum livro grande fechado, que tem no lombo eſcrito hum letreiro, que diz: *Reino de Portugal.* Sobre o dito livro eſtá huma coroa de louro, e ſobre ella huma Coroa Real, e hum coelho, ſymbolo de Heſpanha, que deſde hum canto puxa pela laurea, e tomba a dita Coroa Regia.

O undecimo he *D. Fernando de Vaſconcellos e Menezes*, undecimo Arcebiſpo. Tem na fingida parede do ſeu quarto pendurado hum *Agnus Dei* de Paulo III., que foy o Pontifice, que o creou Arcebiſpo.

O duodecimo he o Cardeal Infante D. *Affonſo*, decimo Arcebiſpo. Eſtá expreſſado de modo, que moſtra por meyo de jeroglificos, eſtimar, e favorecer mais fervoroſamente a Theologia, que a Filoſofia.

O decimo terceiro he *D. Martinho Vaz da Coſta*, irmaõ do Alpedrinha, nono Arcebiſpo. Moſtra elle eſtar lendo humas Concluſões, em que ſe vê na Dedicatoria o ſeu nome; e em huma urna Indiana, as ſuas armas. Eſta he a ſerie confuſa dos Arcebiſpos de Lisboa, que naquellas duas ſalas ſe vem collocados, podendo eſtar por melhor ordem, e completos com os mais retratos que faltaõ.

O meſmo Eminentiſſimo Prelado mandando fazer à borda da praya huma calçada mageſtoſa, ſervio com eſta grande obra de utilidade ao bem commum, a que o ſeu nobre eſpirito muito attendia.

61 *S. Felis, e Santo Adriaõ.* De Religioſas Conegas Regrantes de Santo Agoſtinho. Eſtá fundado eſte Moſteiro no fim de hum Valle, que chamaõ de Chellas, muito freſco, e aprazivel por cauſa das muitas hortas, e quintas, que o cercaõ, affaſtando-ſe de Lisboa meya legoa pelo Tejo acima quaſi do Meyo dia para o Norte. He fundaçaõ antiquiſſima, e dizem alguns, (1) que no tempo da Gen-

[1] Luiz Marinho Antiguid. de Lisboa liv. 2. cap. 1.

Gentilidade habitaraõ nelle Virgens Veſtaes, o que he muito duvidoſo.

62 Depois no principio da Chriſtandade ſe edificou Templo, dedicando-o aos glorioſos Martyres S. Felis, e Santo Adriaõ, que em diverſos tempos, e por varios caſos vieraõ aportar a eſte ſitio, onde entaõ chegava o mar pelo valle de Xabregas. Permaneceo eſte Templo no imperio, e ſujeiçaõ dos Arabes, mas naõ conſta ſe na mayor furia, e perſeguiçaõ delles conſeguio a meſma liberdade. O que ſe tem por mais certo he, que as Reliquias dos Santos ſe eſconderaõ pelos Chriſtãos, e que recuperada Lisboa ultimamente pelo invicto Rey D. Affonſo Henriques, ſe deſcobriraõ, e a Igreja ſe renovou.

63 Logo nos principios deſta reſtauraçaõ fez ElRey D. Sancho I. no mez de Agoſto de 1192 mercê deſta Igreja a certos Religioſos, cuja ordem ſe ignora. Depois no reinado de ElRey D. Affonſo III. no anno de 1271, conſta que já havia Religioſas, mas que ordem profeſſaſſem, he ponto controverſo; porque o Chroniſta Fr. Luiz de Souſa pertende foſſem Dominicas; e o Chroniſta mór Fr. Antonio Brandaõ he de parecer, que ſempre foraõ Conegas Regrantes. (1) Ultimamente foy eſta Igreja aperfeiçoada no anno de 1690, e he o ſeu Moſteiro ſubordinado ao Prelado Dieceſano.

Ermidas.

Santo Antonio. Na quinta da Concha.
Santo Antonio. No Braço de prata.
S. Bento. Na quinta dos Padres Loyos.
Bom Paſtor. Na rua nova.
Noſſa Senhora do Carmo. No Condado.

Noſ-

[1] Souſa Chron. de S. Doming. liv. 1. cap. 13. e 14. Brand. na Monarq. Luſit. liv. 10. cap. 35. Veja-ſe a D. Rodrig. da Cunha no Catal. dos Biſpos de Lisboa part. 2. cap. 38. n. 6.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta do Bizato.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta do Marquez de Marialva.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Em Cabo ruivo.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ. No ſitio do Candieiro.
Jeſus Maria Joſeph. Na quinta dos Mozinhos.
Jeſus Maria Joſeph. Em Marvilla.
S. Joaõ Bautiſta. Na Panaſqueira.
Madre de Deos. Em Alfundaõ.
Madre de Deos. No Cabeço.
Noſſa Senhora das Mercês. Na Bella viſta.
Noſſa Senhora da Piedade. Dos Padres Trinos.
Noſſa Senhora da Purificaçaõ. Na quinta da Flamenga.

XXVII.

Povoa.

64 ESte Lugar, que diſta de Lisboa pouco mais de legoa e meya, conſta de huma Freguezia, cuja Igreja he dedicada a Santo Adriaõ, a qual ſe deſannexou da Paroquia de Loures pelo deſcommodo que experimentavaõ os Freguezes moradores neſte Lugar, eſpecialmente no tempo de inverno; e aſſim eſtabelecendo congrua ao Paroco, ſaõ elles os que o apreſentaõ com titulo de Cura, e com huma Capella, que tem annexa, lhe renderá o Curato duzentos mil reis. Tem ſetenta fogos, e perto de quatrocentas peſſoas. No ſeu deſtricto exiſte a

Ermida.

Noſſa Senhora do Bom Succeſſo.

XXVIII.

XXVIII.

S. Quintino.

65 DIſtante de Lisboa cinco legoas para o Norte ſe vê eſte Lugar em ſitio alto. A ſua Igreja Matriz he dedicada a Noſſa Senhora da Piedade, cujo Paroco tem o titulo de Vigario. Ha no ſeu deſtricto duas

Ermidas.

Eſpirito Santo.
Noſſa Senhora da Fé.

XXIX.

Sacavem.

66 NAs margens de hum viſtoſo rio, que deſemboca no Tejo duas legoas diſtante do Oriente de Lisboa, eſtá edificada eſta povoaçaõ em lugar fertil naõ ſó pelo terreno, mas pelo bom commodo do porto. A ſua Paroquia he antiga, pois deſde o anno de 1191 temos della memoria, (1) e he dedicada a Noſſa Senhora da Purificaçaõ, ſendo o ſeu Padroado da Real Caſa de Bragança, que apreſenta o Prior, e eſte a ſeis Beneficiados. Conſta de novecentos viſinhos ſujeitos à Correiçaõ de Alfama. Incluem-ſe no ſeu deſtricto os ſeguintes Templos.

Moſteiro.

Noſſa Senhora dos Martyres. De Religioſas Capuchas da primeira Regra de Santa Clara. Foy fundado no anno de 1577 por Miguel de Moura Secretario

[1] Cunha na Hiſtor. Eccleſ. de Lisboa part. 2. c. 18. n. 6.

rio de Eſtado, e Eſcrivaõ da Puridade de ElRey D. Sebaſtiaõ, e ſua mulher Brites da Coſta, no ſitio onde eſtava huma antiga Ermida com o meſmo titulo da Senhora dos Martyres, a qual havia erigido ElRey D. Affonſo Henriques para memoria de huma milagroſa batalha, que alli alcançara dos Mouros. (1)

Ermidas.

Eſpirito Santo.

S. Joſeph. Na quinta Conde de Alvor.

Noſſa Senhora Madre de Deos. Na quinta da Francelha, que poſſue Eſtevaõ da Coſta Solano, Theſoreiro que foy da Alfandega deſta Cidade.

Noſſa Senhora da Saude.

S. Sebaſtiaõ. Na quinta do Viſconde.

Noſſa Senhora da Victoria.

68 No braço de mar, que por aqui entra, exiſte hoje huma barca chamada da carreira, que por invençaõ engenhoſa de Bento de Moura facilita muito a paſſagem de huma para outra parte. Antigamente havia huma ponte de que ſe lembra Franciſco Dolanda, como refiro no Roteiro Terreſtre; a qual depois que cahio, nunca mais ſe levantou por incuria dos Portuguezes, ſegundo bem deplora o Author do Santuario Mariano. (2)

XXX.

Santiago dos Velhos.

69 NEſte pequeno Lugar, que fica huma legoa para diante de Bucellas, ha huma Freguezia, que conſta de noventa fogos, com hum Cu-

---

[1] Brand. na Monarq. Luſit. liv. 10. cap. 27. Far. tom. 3. da Europ. pag. 14. Marinho de Azev. nas Antig. de Liſb. liv. 4. cap. 24. Cardoſ. no Agiolog. tom. 1. p. 451. e tom. 2. p. 309. Leitaõ nas Miſcellan. dialog. 2. pag. 39. Santuar. Marian. tom. 1. p. 128. Barboſa Bibliot. tom. 3. p. 478.

[2] Santuar. Mar. t. 1. p. 129. Veja-ſe tambem a Monarq. Luſ. l. 10. c. 27.

Cura que o povo apreſenta. A invocaçaõ da Matriz deu nome ao Lugar.

XXXI.

Sapataria.

70 JAz em hum ſitio baixo, e na diſtancia de quatro legoas e meya para o Norte. A ſua Matriz he conſagrada a Noſſa Senhora da Purificaçaõ, e o ſeu Cura he apreſentado pelo Prior de S. Juliaõ da Cidade, e lhe rende oitenta mil reis. Conſta de quatrocentos viſinhos repartidos pelos Lugares ſeguintes: Bica, Bouço, Caſalcochim, Gallegos, Gudeis, Limões, Malforno, Moita, Moitellas, Molhados, Sarreira, Silveira. Contem nos ſeus limites eſtas

Ermidas.

Noſſa Senhora do Deſterro.
Eſpirito Santo.
S. Giraldo.
Noſſa Senhora da Guia.
S. Martinho.
Noſſa Senhora da Salvaçaõ.
S. Sebaſtiaõ.

XXXII.

Via-Longa.

71 EStabeleceo-ſe eſta povoaçaõ, a que muitos intitulaõ Villa-Longa, em ſitio alto, e alegre affaſtado de Lisboa tres legoas ao Norte. A ſua Paroquia dedicada a Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ he annexa à Paroquial de Santo André da Cidade, e o Cura de Via-Longa paga à de Santo André oito mil reis por conta das offertas; porque no an-

no de 1390 os moradores de Via-Longa fizeraõ à ſua custa huma Ermida, e pediraõ licença ao Prelado, que entaõ era D. Joaõ Annes, para terem Capellaõ, que lhes adminiſtraſſe os Sacramentos ſem prejuizo dos direitos Paroquiaes de Santo André.

72 Depois no anno de 1440 tornaraõ a ſupplicar os moradores ao Prelado Diecesano lhes conceceſſe poderem ter Cura ſeparado com a condiçaõ de ſe repartirem as offertas entre o Prior de Santo André de Lisboa, e o Cura de Via-Longa, o qual ſeria apreſentado pelo dito Prior, e os Beneficiados. Sobre isto houveraõ varias demandas, e o que preſentemente ſe obſerva he dar o Cura de Via-Longa oito mil reis ao Prior de Santo André, e o povo daquelle Lugar apreſentar o Cura, a quem rende o Curato trezentos mil reis. Conſta a Freguezia de ſeiſcentos viſinhos, e comprehende nos ſeus limites os Templos ſeguintes.

Convento.

Noſſa Senhora do Amparo. De Religioſos Capuchos. Intitula-ſe eſte Convento a Caſa nova da Capucha, e eſtá fundado em huma baixa do Lugar da Verdelha, cuja erecçaõ ſe deve a Pedro de Alcaçova Carneiro primeiro Conde da Idanha a nova, e Vedor da Fazenda de ElRey D. Joaõ III. do qual Convento tomaraõ poſſe os Religioſos no anno de 1553. (1)

Moſteiro.

73 *Noſſa Senhora dos Poderes.* De Religioſas obſervantes Clariſtas. Foy a ſua fundadora D. Brites de Caſtello-Branco, filha de Heitor Mendes Valente, Alcaide mór de Terena, a qual obteve Breve de

---

[1] Carvalho na Corograf. Port. tom. 3. p. 596. Clauſtr. Franciſc. pag 47. Santuar. Marian. tom. 1. p. 455.

de Pio IV. no anno de 1561 para eſta fundaçaõ, e o meſmo Pontifice declarou na Bulla, que foſſe o Moſteiro dedicado a Noſſa Senhora dos Poderes, naõ obſtante pedir a Inſtituidora o titulo para a Senhora da Incarnaçaõ. Até o anno de 1574 eſtiveraõ as Religioſas ſubordinadas ao Prelado Dieceſano; porém no ſeguinte deraõ obediencia à Provincia de Portugal, e no meſmo anno ſe transformaraõ de Terceiras em Religioſas de Santa Clara, cuja Regra obſervaõ. (1)

Ermidas.

Noſſa Senhora da Graça. Na quinta, e Palacio do Conde de Val de Reys. He huma das Ermidas nobres, e das mais aſſeadas que temos viſto.

Noſſa Senhora das Mercés. Na quinta do Duque de Cadaval no ſitio da Alfarrobeira. Aqui ſuccedeo aquella deploravel batalha de 20 de Mayo de 1449, em que morreo o Infante D. Pedro filho de ElRey D. Joaõ I.

XXXIII.

Unhos.

74 ESTá fundado eſte Lugar junto do rio de Sacavem na diſtancia de duas legoas de Liſboa para o Norte. A ſua Igreja, naõ obſtante dizer o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, (2) que fora erecta no anno pouco mais, ou menos de 1277 pelo Biſpo D. Mattheus, conſta de huma carta original de ElRey D. Affonſo III., que exiſte no Cartorio deſta Igreja, que já no anno de 1257 eſtava eſtabelecida.

75 He ella do Padroado da Sereniſſima Caſa de Bragança, e rende ao Paroco quatrocentos mil reis

 com

[1] Cardoſ. no Agiol. Luſ. tom. 1. p. 201. e tom. 2. p. 223. Soledade tom. 5. Hiſt. Seraf. liv. 1. cap. 19. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 438.
[2] Cunha Catalog. dos Biſp. de Lisboa pag. 179.

com o Beneficio que lhe he annexo. Permaneceo com o titulo de Vigairaria até os principios do Seculo decimo ſexto, em que ſendo provido pelo Senhor D. Jayme I. do nome, e IV. Duque de Bragança o Padre D. Gonçalo Fernandes Conego Regular de Santo Agoſtinho, teve a denominaçaõ de Prior, com a qual foraõ collados todos os ſeus ſucceſſores; os quaes apreſentaõ dous Beneficios de oitenta mil reis cada hum. Compoem-ſe eſte Lugar de duzentos viſinhos ſubordinados à Correiçaõ de Alfama. Dentro dos ſeus limites ha as ſeguintes

Ermidas.

Noſſa Senhora da Eſperança. Na quinta da Malvazia. Foy fundada por D. Brites de Velaſco, e ſe celebrou nella a primeira Miſſa no anno de 1599.

Noſſa Senhora da Nazareth. No Lugar do Catejal. He Imagem milagroſa, com quem os moradores de Lisboa tem muita devoçaõ. (1)

Noſſa Senhora do Populo. Na quinta da Bouça contigua ao Lugar de Unhos.

S. Sebaſtiaõ. Situada no arrebalde deſte Lugar. Foy fundada pelos annos de 1531.

Nas Antiguidades de Lisboa, que eſcreveo Antonio Coelho Gaſco, ſe lembra elle no *cap.* 50. de ver na Igreja de Unhos huma pedra de ſepultura Romana, cujo cippo dizia aſſim:

Julius : Ita-
licus : Auguſ-
Tal : H.S.E.

Iſto he: *Aquì eſtá enterrado Julio Italico Sacerdote de Auguſto.*

---

[1] Santuar. Marian. tom. 1. pag. 473.

SUM-

SUMMARIO
DOS CAPITULOS, E MATERIAS, *que contém eſte Tomo.*

CAP. I. Explicaçaõ das Taboas Topograficas, em que ſe comprehendem as principaes Povoações da Provincia da Eſtremadura, pag. 1.
CAP. II. Da Cidade de Liſboa, 52.
§. I. Sitio, clima, e origem da dita Cidade, 53. 56.
§. II. Nações varias, que a dominaraõ, 62.
§. III. Fortificaçaõ antiga, e moderna, 75.
§. IV. Multidaõ de ſeus habitadores, 84.
§. V. Novo plano regular da Cidade, 90.
§. VI. Catalogo de ſeus Prelados, 94.

Biſpos certos.

Paulo, pag. 96.
Goma, ou Gomarelo, 97.
Viarico, 98.
Neufridio, 99.
Ceſario, ibid.
Theodorico, 100.
Ara, ibid.
Landerico, ibid.

Biſpos em tempo de Reys Portuguezes.

D. Gilberto, 101.
D. Alvaro, 103.
D. Soeiro I., 104.
D. Soeiro Viegas II., 105.
D. Payo, 106.
D. Joaõ I., 107.

D.

D. Aires Vaz, ibid.
D. Mattheus, 108.
D. Eſtevaõ Annes de Vaſconcellos, 109.
D. Domingos Jardo, 110.
D. Joaõ Martins de Soalhães, 111.
D. Fr. Eſtevaõ II., 112.
D. Gonçalo Pereira, 113.
D. Joaõ Affonſo de Brito, 114.
D. Vaſco Martins, ibid.
D. Eſtevaõ Annes III., 115.
D. Theobaldo, ibid.
D. Reginaldo, 116.
D. Lourenço Rodrigues, ibid.
D. Pedro Gomes Barroſo, 117.
D. Fernando, ibid.
D. Vaſco II., 118.
D. Agapito Colona, ibid.
D. Joaõ de Ais, 1 9.
D. Martinho, ibid.
D. Joaõ Annes, 120.
Mappa geral de todos os Biſpos, 121.

Arcebiſpos.

I. D. Joaõ Annes, 123.
II. D. Joaõ Eſteves d'Azambuja, Cardeal, 124.
III. D. Diogo Alvares, 125.
IV. D. Pedro de Noronha, 126.
V. D. Luiz Coutinho, 128.
VI. D. Jayme, Cardeal, 130.
VII. D. Affonſo Nogueira, 131.
VIII. D. Jorge da Coſta, Cardeal, 133.
IX. D. Martinho da Coſta, 135.
X. D. Affonſo Infante, e Cardeal, 136.
XI. D. Fernando de Vaſconcellos e Meneſes, 139.
XII. D. Henrique Cardeal, e Rey, 141.
XIII. D. Jorge de Almeida, 143.
XIV. D. Miguel de Caſtro, 145.

XV. D. Affonſo Furtado de Mendoça, 146.
XVI. D. Joaõ Manoel, 147.
XVII. D. Rodrigo da Cunha, 149.
XVIII. D. Antonio de Mendoça, 150.
XIX. D. Luiz de Souſa, Cardeal, 151.
XX. D. Joaõ de Souſa, 154.

Patriarcas.

I. D. Thomaz de Almeida, Cardeal, 156.
II. D. Joſeph Manoel, Cardeal, 160.
III. D. Franciſco de Saldanha, Cardeal, 161.
Mappa chronologico dos Arcebiſpos, e Patriarcas de Lisboa, 163.
§. VI. Da Capella Real, e Santa Igreja Patriarcal de Lisboa, 163.
§. VII. Igrejas Paroquiaes dentro da Cidade, 204.

Paroquias.

I. Noſſa Senhora da Ajuda, 205.
II. Santo André, 217.
III. Noſſa Senhora dos Anjos, 226.
IV. S. Bartholomeu, 234.
V. Santa Catharina, 238.
VI. Chagas de Jeſus, 245.
VII. S. Chriſtovaõ, 247.
VIII. Senhora da Conceiçaõ, 248.
IX. Santa Cruz do Caſtello, 254.
X. Senhora da Encarnaçaõ, 260.
XI. Santa Engracia, 269.
XII. Santo Eſtevaõ, 278.
XIII. S. Joaõ da Praça, 280.
XIV. S. Jorge, 282.
XV. S. Joſeph, 283.
XVI. Santa Iſabel, 291.
XVII. S. Juliaõ, 299.
XVIII. Santa Juſta, 307.

XIX. Senhora do Loreto, 322.
XX. S. Lourenço, 329.
XXI. S. Mamede, 331.
XXII. Santa Maria, 334.
XXIII. Santa Maria Magdalena, 361.
XXIV. Santa Marinha, 366.
XXV. S. Martinho, 368.
XXVI. Senhora dos Martyres, 372.
XXVII. Senhora das Mercês, 379.
XXVIII. S. Miguel, 383.
XXIX. S. Nicolao, 385.
XXX. Patriarcal, 391.
XXXI. S. Paulo, 394.
XXXII. S. Pedro, 397.
XXXIII. Senhora da Pena, 400.
XXXIV. Santiſſimo Sacramento, 407.
XXXV. Salvador, 414.
XXXVI. Santiago, 417.
XXXVII. Santos, 420.
XXXVIII. S. Sebaſtiaõ, 431.
XXXIX. Senhora do Soccorro, 433.
XL. S. Thomé, 439.
XLI. S. Vicente, 442.

Conventos, Hoſpicios, e Collegios.

Noſſa Senhora dos Anjos, 273. 382.
Santo Antaõ, Collegio que foy de Jeſuitas, 435.
— o Velho, Collegio de Agoſtinhos Calçados, 436.
Santo Antonio dos Capuchos, 402.
— da Cruz da Pedra, 432.
— Hoſpicio de Piedoſos, 316.
Aſſumpçaõ na Cotovia, 295.
Senhora de Belem. De Religioſos Jeronymos, 210.
S. Bento, 293.
Boa Hora. De Agoſtinhos Deſcalços, 304.
— Morte. De Congregados da Caridade, 295.
Brunos, 286.

S.

S. Camillo de Lellis, 316.
Senhora do Carmo, 409.
— Carmelitas do Maranhaõ, 286.
— De Pernambuco, 382.
Conceiçaõ. De Religioſos Capuchos, 231.
— Da Ilha da Madeira, 382.
— De Religioſos Arrabidos, 317.
— De Religioſos Hoſpitalarios, 255.
Collegio dos Cathecumenos, 267.
Corpo Santo. De Dominicos Irlandezes, 395.
Corpus Chriſti. De Carmelitas Deſcalços, 286. 387.
Cotovia. Vide Aſſumpçaõ.
Senhora do Deſterro. De Religioſos Bernardos, 227.
S. Domingos, 311.
Santo Eloy, 236.
Eſpirito Santo. De Congregados do Oratorio, 388.
Eſtrella. De Monges Benedictinos, 295.
S. Franciſco da Cidade, 375.
— de Borja, 297.
— de Paula, 423.
— Xavier, 273.
Senhora da Graça. De Religioſos Agoſtinhos Calçados, 220.
Hoſpicio de Clerigos Pobres, 266.
Jeſus. De Religioſos Terceiros Franciſcanos, 241.
— Collegio de Meninos Orfãos, 437.
— De Religioſos Thomariſtas, 445.
S. Joaõ de Deos. De Religioſos Hoſpitalarios, 423.
— Nepomuceno. Carmelitas Deſcalços Alemães, 396.
Santa Joanna, 286.
Senhora do Livramento. De Religioſos Trinitarios, 424.
Senhora da Nazareth. Collegio que foy de Jeſuitas, 231.
Mercenarios, 287.
Senhora das Neceſſidades. Real caſa dos Congregados do Oratorio, 424.

S. Patricio. Collegio que foy de Jeſuitas, 333.
Pauliſtas, 243.
S. Pedro de Alcantara. Religioſos Arrabidos, 265.
S. Pedro, e S. Paulo, 381.
Senhora de Penha de França. De Agoſtinhos Calçados, 228.
Senhora da Porciuncula. Capuchinos Francezes, 426.
Divina Providencia. De Clerigos Regulares, 381.
Senhora dos Remedios. De Carmelitas Deſcalços, 426.
Santa Rita. De Agoſtinhos Deſcalços, 432.
S. Roque. Caſa profeſſa que foy de Jeſuitas, 265.
Senhora do Roſario. Vide Corpo Santo.
Santiſſimo Sacramento de Religioſos Pauliſtas. Vide Pauliſtas.
Santiſſima Trindade, 410.
Varatojo, 296. 377.
S. Vicente. De Conegos Regulares, 442.
— de Paulo, 402.
Xabregas. De Religioſos Franciſcanos, 272.

Moſteiros, e Recolhimentos.

Santo Alberto de Carmelitas Deſcalças, 426.
Senhora dos Anjos. Recolhimento, 277.
Santa Anna. De Religioſas Franciſcanas, 403.
Annunciada. De Religioſas Dominicas, 287.
Santa Apollonia. De Religioſas Franciſcanas, 275.
Bom Succeſſo. De Religioſas Dominicas, 211.
Santa Brigida, 426.
Calvario, 211.
Senhora do Carmo. Recolhimento, 244.
Santa Clara. Religioſas Franciſcanas, 275.
Conceiçaõ. Carmelitas Deſcalças, 381.
Santo Crucifixo, 427.
Encarnaçaõ. De Commendadeiras de Aviz, 403.
— Recolhimento do Caſtello, 255.
— Recolhimento em Rilhafolles, 405.

Eſperança. Religioſas Franciſcanas, 427.
Eſpirito Santo. Recolhimento, 244.
Flamengas. Vide Senhora da Quietaçaõ.
Francezinhas. Vide Santo Crucifixo.
Senhora da Lapa. Recolhimento de Orfãs deſamparadas, 429.
Madre de Deos. Religioſas Franciſcanas, 273.
Santa Martha. De Religioſas Franciſcanas, 288.
Menino Deos. Terceiras Mantelatas, 440.
Meninas pobres, 378.
Miſericordia, 357.
Santa Monica. Religioſas Agoſtinhas Calçadas, 444.
Senhora da Natividade. Recolhimento de Convertidas, 267.
Senhora da Nazareth. Religioſas Bernardas, 427.
Senhora da Quietaçaõ. Religioſas Clariſtas Deſcalças, 212.
Senhora dos Remedios. Religioſas Trinas, 295.
Senhora do Roſario. Religioſas Dominicas, 330.
Sacramento. Religioſas Dominicas, 428.
Salvador. Religioſas Dominicas, 416.
Santos o Novo. Commendadeiras de Santiago, 274.
Senhora da Soledade, 428.

Igrejas, Collegiadas, Seminarios, Ermidas, e Hoſpitaes.

Noſſa Senhora dos Afflictos, 212.
Senhora da Ajuda, e Santos Fieis de Deos, 382.
— do Alecrim, 268.
Santo Amaro, 212.
Santo Ambroſio, 297.
Senhora do Amparo, 317.
Santa Anna, 277. 297. 432.
Santo Antonio, 213. 231. 297. 350. 432.
Senhora da Annunciaçaõ, 213.
Aſcenſaõ de Chriſto, 382. 389.
Senhora da Aſſumpçaõ, 364.

Santa Barbara, 231.
Senhora de Belem, 364.
— do Bom Succeſſo, 289.
S. Braz, 419.
Senhora do Cabo, 432.
— da Caridade, 353. 406.
— do Carmo, 244. 298. 382. 432.
Santa Catharina. Seminario, 238.
Senhora da Conceiçaõ. Collegiada, 252. Ermidas, 213. 231. 277. 297. 428. 432.
— da Conſolaçaõ, 353.
S. Criſpim, e Criſpiniano, 333.
Senhora da Eſcada, 317.
Eſpirito Santo, 244. 256.
S. Filippe, e Santiago, 419.
S. Franciſco, 298.
— de Borja, 297.
Senhora da Gloria, 289.
S. Gonçalo, 232.
Senhora da Graça, 213. 317. 378.
Hoſpital do Carmo, 390.
— de Todos os Santos, 318.
Jeſus Maria Joſeph, 232.
— dos Afflictos, 297.
— dos Bemcaſados, 297.
— da Boanova, 279.
— dos Deſamparados, 354.
— dos Navegantes, 429.
— da Salvaçaõ, 406.
— da Via Sacra, 406. 429.
S. Joaõ Bautiſta, 214. 232. 297. 432.
S. Joaquim, e Santa Anna, 213.
Senhora da Lapa, 429.
S. Lazaro, 406.
Senhora do Livramento, e S. Joſeph, 214.
S. Luiz Rey de França, 289.
Senhora Madre de Deos, 277.
— Mãy dos Homens, 297.

— dos Martyres, 433.
— do Menino Jeſus, 298.
S. Miguel, 257.
Senhora dos Milagres, 298.
— da Miſericordia, 354.
— de Monſerrate, 429.
— do Monte, 232.
— do Monte agudo, 233.
— da Nazareth, 214. 233.
— da Oliveira, 305.
— da Palma, 389.
— do Paraiſo, 277.
— da Paz, 406.
— da Piedade, 297. 433.
— do Populo, 214. 233.
— dos Prazeres, 297.
— da Pureza, 290.
Senhor dos Paſſos, 225.
S. Pedro, 297.
— de Alcantara, 277.
— Gonçalves, 396.
Senhora dos Remedios, 233. 279.
Santa Roſa, 233.
Senhora do Roſario, 277. 399. 406.
— da Salvaçaõ, 406.
— da Saude, 438.
S. Sebaſtiaõ, 360.
Senhora da Victoria, 390.
S. Vicente Ferrer, 233.
CAP. III. Igrejas Paroquiaes no Termo de Lisboa, 446.

Paroquias.

I. Ameixoeira, 447.
II. Santo Antaõ do Tojal, 449.
III. Appellaçaõ, 452.
IV. Arranhol, 453.
V. Barcarena, 454.

VI. Bemfica, 455.
VII. Bucellas, 457.
VIII. Camarate, 459.
IX. Campo grande, 460.
X. Carnaxide, 461.
XI. Carnide, 463.
XII. Charneca, 465.
XIII. Santo Eſtevaõ das Gallés, 466.
XIV. Fanhões, ibid.
XV. Frielas, 467.
XVI. Granja de Alpriate, 468.
XVII. S. Joaõ da Talha, 469.
XVIII. Santa Iria, 470.
XIX. S. Juliaõ do Tojal, ibid.
XX. Loures, 471.
XXI. Louſa, 473.
XXII. Lumiar, ibid.
XXIII. Milharado, 474.
XXIV. Odivellas, 475.
XXV. Oeiras, 477.
XXVI. Olivaes, 479.
XXVII. Povoa, 486.
XXVIII. S. Quintino, 487.
XXIX. Sacavem, ibid.
XXX. Santiago dos Velhos, 488.
XXXI. Sapataria, 489.
XXXII. Via-Longa, ibid.
XXIII. Unhos, 491.

Conventos, e Moſteiros do Termo.

S. Domingos de Bemfica, 456.
Santo Antonio da Cruz de pedra, ibid.
Noſſa Senhora do Soccorro de Camarate, 459.
Noſſa Senhora da Boa Viagem, 462.
Santa Catharina de Riba mar, ibid.
S. Joſeph de Riba mar, ibid.
S. Joaõ da Cruz de Carnide, 463.

Noſ-

Noſſa Senhora da Conceiçaõ de Carnide, 464.
Santa Tereſa, ibid.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ de Santa Iria, 470.
Eſpirito Santo de Loures, 472.
Noſſa Senhora da Porta do Ceo do Lumear, 474.
S. Diniz de Odivellas, 475.
Vallis Miſericordiæ de Oeiras, 477.
S. Bento dos Olivaes, 479.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ do Monte Olivete, 480.
S. Cornelio, 481.
Santo Agoſtinho, ibid.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ, ibid.
S. Felis, e Santo Adriaõ, 484.
Noſſa Senhora dos Martyres de Sacavem, 487.
Noſſa Senhora do Amparo de Via-Longa, 490.
Noſſa Senhora dos Poderes de Via-Longa, ibid.

ROTEIRO TERRESTRE DE PORTUGAL,

EM QUE SE ENSINAÕ POR JORNADAS, E SUMMARIOS naõ ſó os caminhos, e as diſtancias, que ha de Lisboa para as principaes terras das Provincias deſte Reino, mas as derrotas por traveſſia de humas a outras povoações delle.

INTRODUÇAÕ.

ESTE Roteiro, que pelo aſſumpto havia de ſervir de complemento ao noſſo Mappa de Portugal, apparece agora com antecipaçaõ depois da quinta Parte delle a inſtancias da curioſidade. Eu já havia reflectido ſer ſummamente importante o conhecimento das eſtradas com as diſtancias, que entre ſi guardaõ os lugares, por onde ſe diſcorre, naõ ſó para o bom commodo dos viajores, ſegurança das expedi-

ções militares, [1] e facil conducta dos generos concernentes ao commercio reciproco, mas ſobre tudo para o ſoccorro, que contribue à verdadeira poſiçaõ, e noticia local das terras, que he a baze da Geografia, e huma das principaes luzes da Hiſtoria. [2]

2 Confeſſo porém, que deſde que emprendi eſta Obra, me preoccupou baſtantemente o cuidado o poder ſatisfazella neſta parte pela falta, que tinhamos deſta inſtrucçaõ; e ſendo-me quaſi impoſſivel poder indagar iſto peſſoalmente, como era preciſo, de algum modo o conſegui, valendo-me da intervençaõ de meus amigos Antonio Daniel, Tenente do Correio mór deſte Reino, e de Manoel Gomes Rebello, Official antigo do meſmo expediente, os quaes mandando pedir a todos os Correios aſſiſtentes das Provincias os Itinerarios, que dos ſeus deſtritos havia até Lisboa, os mais delles, informando ſe de peſſoas práticas, remeteraõ relações provavelmente bem averiguadas, de que formey o preſente Roteiro com a melhor formalidade, e exacçaõ, que foy poſſivel; ſem embargo de que em algumas partes vay diminuto, naõ ſó por falta de noticias, e algumas indigeſtas, mas por ſer eſta huma empreza verdadeiramente deſigual ao meu talento, e mais propria de pulſo ſuperior.

3 A verdade he, que parte deſte projecto naõ ſó foy já intentado, mas poſto em execuçaõ por ElRey Filippe IV. deſde o anno de 1638, quando governava eſte Reino; porque deſejando ſaber as diſtancias, que havia de humas a outras terras delle, paſſou hum Decreto, para que os Corregedores das Comarcas fizeſſem tirar com individuaçaõ o calculo deſtas medidas pelas terras da ſua alçada, encarregando a diligencia ao Duque de Villa Hermoſa. As liſtas, ou relações originaes, que ſe remetteraõ a Madrid, me communicou já ha tempos o erudito Fr. Franciſco de Santa Maria, Religioſo Au-

[1] *Primùm itineraria omnium regionum, in quibus bellum geritur, pleniſſimè debere habere per ſcripta, ita ut locorum intervalla non ſolùm paſſuum numero, ſed etiam viarum qualitates perdiſcat.* Vegecio lib 3 *de Re militari* cap. 6 [2] *Eſt autem itinerum notitia non tantùm mercatoribus neceſſaria, qui per varias regiones peregrinantur, ſed exactiori locorum deſcriptioni plurimùm inſervit, & totius Geographiæ fundamentum eſt.* Simlerus *in præfat. Itiner. Antonini.* E mais para diante: *Affert etiam Itinerum cognitio multum lucis Hiſtoriarum lectioni* Veja-ſe Monſ. D' Audiffret no Pref. da Geogr. tom. 1. e ao P. Segura na 1. *p. do Norte Critico diſc.* 2. § 5.

Auguſtiniano, que a morte nos uſurpou taõ depreſſa, as quaes em dous volumes de folha exiſtem preſentemente na inſigne livraria do Convento de N. Senhora da Graça deſta Corte, e dellas me aproveitey quanto a alguns Summarios ſómente: porém eſtaõ defeituoſas, e incompletas; porque embaraçando-ſe com outras averiguações, deixaõ em muitas de correſponder as repoſtas aos interrogatorios.

4 Tambem o laborioſo, e diligente Padre Antonio Carvalho da Coſta [1] prometteo hum Roteiro breve de Lisboa para as principaes povoações do Reino; mas ſem duvida ficou ſó na promeſſa, pois naõ me conſta que alguem o viſſe; de ſórte, que eſta minha idéa, officioſa em beneficio publico do Reino, ſem mais intereſſe, que ſeu o proprio luſtre, bem póde merecer o titulo de primeiro Itinerario, que até agora ſe tem viſto diſpoſto para o noſſo particular Paiz.

5 Nelle, depois de dar huma breve noticia das Vias Militares, que no tempo dos Romanos diſcorriaõ pelas noſſas terras, e de algumas pontes, que atraveſſavaõ pelos noſſos rios [memoria, que achey naõ ſer impropria do aſſumpto preſente] entro a delinear o Itinerario moderno, conſtituindo a Cidade, e Corte de Lisboa, centro de todos os Roteiros, que diſtribuo para as principaes povoações das Provincias, e deſtas faço produzir, e derivar outras Vias por traveſſia, que ſervem como ramos, que vaõ pegar nos lugares circumvizinhos mais notaveis. E porque naõ foy poſſivel demarcar por jornadas, e mansões todos os intervallos, que ha de huns a outros ſitios, reduzi alguns a compendios, ou ſummarios; fazendo porém muito pelos orientar, ou ajuſtar à melhor arrumaçaõ, com que humas terras ſe correm com outras, regulando-me para iſſo pelo Mappa de Joaõ Bautiſta Homannu. Naõ ſey todavia ſe acertey em todos os rumos.

6 O ponto central, que elegi para delles lançar os Roteiros para as mais partes, pareceo-me ſer adequado, e util para a clareza. Lisboa, como Corte do Reino Portuguez, he o coraçaõ da ſua Monarquia, naõ tanto pela vantajem do feliciſſimo ſitio, em que eſtá, quanto pela grande capacidade, e conveniencia do commercio, que tem; onde à maneira

A ii do

[1] Na Corograf. Portug. t. 3. no princip. do liv. 2.

do coraçaõ nos corpos viventes, que he o principal fundamento, que vivifica todos os ſeus membros, aſſim Lisboa com huma facil, e continua diſtribuiçaõ communica, e reparte a ſubſtancia vital dos cabedaes a todas as partes mais remotas das ſuas Comarcas; ou já pelas veas dos portos, e trajectos dos rios, ou pelas vias das eſtradas, por meyo das quaes recebe tambem com reciproca affluencia a fertilidade, e regalo dos frutos, que todas as terras deſte Continente lhe eſtaõ tributando, como a Princeza.

7 Em nenhum tempo melhor que no pacifico, e fauſto reinado delRey D. Joaõ V. ſe verificou toda eſta felicidade, pois a effeitos de ſeu heroico eſpirito ſempre pio, auguſto, e providente, vimos as ruas, e as praças de Lisboa mais largas, e as eſtradas, que nos conduzem a ella, mais eſpaçoſas. Obſervou Tibullo, [1] que os moradores dos ſuburbios de Roma cantavaõ louvores a Marco Meſſalla, porque havia mandado reedificar os caminhos Tuſculano, e Albano, pelos quaes voltavaõ ſeguros para as ſuas terras, ainda que foſſem de noite, ſem perplexidade alguma:

- - - - - - - Hìc glarea dura
Sternitur; hìc apta jungitur arte ſilex.
Te canit agricola, è magna cùm venerit urbe
Serus, inoffenſum retuleritque pedem.

8 Porém a incomparavel providencia de Sua Mageſtade, eximindo de todos eſtes deſcommodos a ſeus vaſſallos, perpetuou os ſeus louvores; porque mandou ampliar os caminhos, e deſimpedir as eſtradas, fez facilitar a communicaçaõ deſſa fertilidade, e multiplicou juntamente as occaſiões, de que podeſſem todos com ſuavidade vir lograr a miudo os mimos da Corte, e gozar da mageſtoſa preſença de hum Monarca verdadeiro Tito, igualmente benefico, ſoberano, e affavel. He o que por eſte motivo cantou hum noſſo Poeta grande imitador dos antigos. [2]

9 Ago-

[1] Tibul. l. 1. eleg 7. ad fin. [2] D. Luiz de Lima part. 2. epigr. 60.

Hìc auguſta patent, ſpatioſaque ſtrata viarum,
Teque jubente, cita jungitur arte ſilex.
Urbs tua ſic populis ſedet undique pervia Princeps,
Quique & inoffenſum fertque, refertque pedem.
Obice jam dempto properat, geſtitque viator;
Sicque datur citiùs Principis ore frui.

9 Agóra hum dos pontos principaes, que neſte aſſumpto ſe faz preciſo advertir, he ſobre o calculo das leguas. Neſte Reino naõ ha medida certa itineraria, e por iſſo encontramos pelas Provincias tanta irregularidade neſte particular; pois vemos que as leguas da Eſtremadura pela mayor parte ſaõ pequenas, as do Alentejo mayores, e as de Trás os Montes, e Algarve demaſiadamente compridas: donde diſſe bem o Padre Argote, [1] que entre as leguas Portuguezas apenas ſe achaõ duas, que convenhaõ no comprimento; e tudo naſce, porque vulgarmente ſe medem as leguas por eſtimativa.

10 No ſyſtema do Engenheiro mór [2] deve computarſe a legua por huma hora de caminho a paſſo cheyo, e ordinario, dando a cada legua trez mil paſſos geometricos, e a cada paſſo geometrico cinco pés geometricos, que fazem quaſi ſete palmos de craveira. Naõ quizera metter agora ao Leitor em prolixas averiguações deſte ponto, que póde ver em outros Authores mais de eſpaço; [3] ſó he bem que ſaiba terſe obſervado ordinariamente, que hum Poſtilhaõ, ou Correio, indo a pé, caminha em vinte e quatro horas de veraõ quatorze leguas, e de inverno treze; e indo pela poſta, anda nas vinte e quatro horas trinta leguas.

11 Da medida do pé horario, que ſe determina mediante as vibrações de hum pendulo, quando ſe praticaſſe univerſalmente, diz Pedro Du-Val, [4] que reſultariaõ certas as diſtancias itinerarias em toda a parte; e já hoje alguns Geografos peritos uſaõ deſte engenhoſo inſtrumento para regularem ſem fallencia as leguas, e intervallos progreſſivos. [5] Porém em quanto ſe naõ obſerva geralmente, ou naõ ſe tomaõ outras precauções para eſta medida, me foy preciſo accommodar na aſſinaçaõ das leguas com a vulgar eſtimativa do Paiz, praticada entre os caminhantes, que mais curſaõ as eſtradas; e por iſſo advirto, que entre nós naõ merecem muito credito os Itinerarios de Cherubim Stella, Joaõ Maria Vidari, e D.

---

[1] Argote nas Antig. da Chancel. de Braga p. 202. [2] Manoel de Azev. Fort. no Modo de fazer as Cartas Geograf. pag. 4. [3] Cluverio na Geograf. Fort. no Engenh. Portug. t. 2. l. 1. c. 6. Fr. Bern. de Brit. na Monarch. Portug. p. 2. l. 5. c. 11. Barreir. na Corograf. fol. 61. [4] Du-Val Trat. do Uſo do Globo, e do Mappa. [5] D. Jorge Juan nas Obſerv. Aſtronomic. feit. por ordem del Rey Filippe V. l. 8. c. 1. ha pouco impreſſ.

e D. Pedro Ponton; naõ ſó porque erraõ os nomes das noſſas terras nas poucas viagens, que por eſte Reino deſcrevem, mas tambem, porque naõ acertaõ na medida actual, que ha entre terra, e terra.

12 Neſta, e nas mais noticias, que pertencem ao noſſo Reino, ſaõ ordinariamente miſeraveis os Authores Eſtrangeiros; [1] porque ou ſeja por malicia, ou ignorancia, humas vezes eſcrevem o que naõ ſe deve dizer, outras dizem o que naõ he; e deſte defeito fiquey ſummamente eſtimulado, quando li no Tomo xv. do *Eſtado preſente da Europa* o que ſeu Author eſcreve modernamente de Portugal. Elle diz o que nunca houve: miſtura o antigo com o moderno ſem o ſeparar: erra os nomes das peſſoas conſpicuas, e pouco acerta com a época dos tempos: de huma particularidade tira concluſões univerſaes para informar ao mundo dos noſſos coſtumes; em fim omitto muitas patranhas, que o Author refere, porque naõ he eſte o lugar para criticas. E aſſim tornando à falta das medidas itinerarias, parece-me que ſe evitaria eſte inconveniente, ſe ſe abraçaſſe o arbitrio de mandar collocar nas entradas, e ſahidas das povoações do Reino, e de eſpaço a eſpaço por todos os caminhos mais frequentados cruzeiros de pedra, em os lados de cujas bazes eſtiveſſem numeradas as diſtancias das leguas, ou dos paſſos, que ha de hum a outro lugar, calculados todos por huma medida certa.

13 Imitariamos niſto louvavelmente aos Romanos, que aſſim o uſaraõ para guia dos paſſageiros por todas as terras do ſeu Imperio em columnas altas, e groſſas; e já ElRey D. Joaõ V. com advertida providencia fez dar principio a eſte bem commum, mandando pôr no caminho Real de Mafra padrões com letras gravadas em lingua vulgar, que declaraõ a ſeparaçaõ das eſtradas, e a diſtancia, que ha dalli até às mais proximas povoações.

14 Parece-me que tenho dado aos Leitores a razaõ, que baſta para penetrarem naõ ſó os fundamentos da minha idéa, e o caracter da Obra, mas poder merecerlhes tambem a deſculpa dos defeitos della, para que talvez concorreraõ muitos ac-

---

[1] *Quòd ſiqui exteri res* Luſitanas *attigerunt, pauci ii ſanè ſunt admodùm, idque adeò dubia plerumque fide fecerunt, ut ſæpe tota errent viâ.* Metel. in Præfat. ad libr. Oſorii de Reb. *Emman.*

accidentes inevitaveis, os quaes poderá emendar o tempo com a diligencia, que applicar outro qualquer zeloſo do bem publico em o deſempenho deſte projecto.

15 Paſſemos agora a dar huma noticia previa, e ſummaria das Vias Militares, e Pontes, que havia neſte Reino em tempo dos Romanos. He de ſaber, que a mayor obra publica, mais magnifica, e mais util, que os Romanos fabricaraõ por todas as terras do ſeu dominio, foy a das Vias Militares, ou Calçadas, e Eſtradas Reaes. Diſcorriaõ ellas deſde os ultimos fins do Occidente, que era a Luſitania, até além de Babylonia Oriental, e de Norte a Sul deſde a Eſcocia até Africa. Com eſta continuada progreſſaõ, e ſerie de caminho hiaõ parar todos como em centro no meyo da praça de Roma junto ao Coliſſeo, onde eſtava huma baliza, ou meta, que ſe chamava *Umbilicus Urbis.*

16 Nas Taboas Geograficas de Peutinger, que vem no fim do Tratado doutiſſimo, que deſte aſſumpto compoz Nicoláo Bergier, [1] ſe obſerva, que as taes Eſtradas eſtavaõ lançadas pelas terras do Imperio Romano da meſma fórma, que vemos deſcriptos os rumos, ou linhas nas Cartas de marear, pelos diverſos ramos, que enlaçavaõ, e faziaõ pegar huns caminhos com outros caminhos, até pararem nas povoações, a que ſe dirigiaõ. A eſte fim rompiaõ por entre penhaſcos, e rochedos, circulavaõ montanhas, e valles, atraveſſavaõ ribeiras, e rios por cima de mageſtoſas pontes, procurando ſempre neſta obra verdadeiramente Regia a fortaleza della, e a commodidade dos paſſageiros, que em qualquer tempo, e a qualquer hora, ou foſſem a pé, ou a cavallo, nunca achavaõ embaraço algum.

17 Eraõ as Eſtradas pela mayor parte eſpaçoſas, cujo pavimento compunhaõ pelo meyo pedras pretas, a que chamavaõ *Silice*, e guarneciaõ as ourellas outra caſta de pedrinhas mais miudas, como caſcalho, a que chamavaõ *Glarea*, todas perfeitamente unidas humas às outras; de cuja conſtrucçaõ, arquitectura, e aſſeyo tinhaõ cuidado diverſos Magiſtrados, e Perſonagens, a quem os Imperadores davaõ eſte officio, e ſuperintendencia com o honroſo titulo de *Triumviri*

[1] Apud Bergier tom. 2. *Hiſtoire des grands Chemins de l'Empire* in fine.

ri viarum curandarum, cujo cargo ainda hoje exiſte em Roma, reſtituido à ſua antiga mageſtade por Martinho V. e augmentado por outros Summos Pontifices. (1)

18 Pelas margens deſtas Eſtradas ſe viaõ collocados de quarto a quarto de legua naõ ſó certos poyaes de pedra, para delles ſe montarem a cavallo os paſſageiros, mas columnas altas, e groſſas, em que eſtava gravado em Latim o numero das milhas, que tinhaõ andado, e as que lhe faltavaõ andar dalli para diante. De todas eſtas medidas, e diſtancias bem calculadas mandaraõ os Imperadores compor hum Itinerario, de que ſe extrahio o Codice, que hoje exiſte, chamado de Antonino, (2) do qual injuſtamente faz pouco caſo o Padre Larramendi, como ſe póde ver no *Diario de los Literatos de Eſpaña* tom. 2. pag. 16.

19 Deſte Itinerario, principiado por Julio Ceſar, continuado por Octaviano, publicado por hum dos Imperadores Antoninos, e aperfeiçoado por Theodoſio o Mayor, ſe aproveitavaõ naõ ſó os poſtilhões para ſaber onde haviaõ de pernoitar, e mudar de cavallo, mas ſervia muito para a jornada dos Pretores, Preſidentes, e Legados, que com os ſeus Miniſtros paſſavaõ de Roma a viſitar as ſuas Provincias, e Conventos Juridicos, e ſobre tudo para a marcha das Tropas, a cujos Cabos ſe dava ſempre hum deſtes Itinerarios, ou Roteiros para por elle ſe governarem nas marchas, e ſaber por onde haviaõ de ir, e onde haviaõ de aquartelarſe. (3)

20 Da magnificencia deſtas obras Romanas participou o noſſo Reino em muitas partes delle, de que apenas hoje ſe vem as ſuas ruinas. Quanto às pontes, a que permanece com menos leſaõ, he a do Tamega, rio, que paſſa por dentro da Villa de Chaves, e conſta de dezaſeis arcos, que occupaõ o comprimento de noventa e dous paſſos geometricos, tendo de

---

(1) Jacob Cohellio in *Notitia Cardinalatûs* c. 15. Congregat. 16. pag. 96
(2) Plutarc. in vita C. Gracchi Muratori tom. 8. Scriptor. Italic. pag 474 (3) S. Ambroſio ſuper Pſ. 118. *Miles, qui ingreditur iter, viandi ordinem non ipſe diſponit ſibi.... ſed Itinerarium ab Imperatore accipit, & cuſtodit illud, præſcripto incedit ordine, rectâque viâ conficit iter, ut inveniat commeatuum parata ſibi ſubſidia, &c.* O meſmo dizem Zurita, e André Schott no Prefacio do Itinerar. de Antonino: *Ducibus verò, militibusque, ac Proconſulibus, & Prætoribus in Provincias proficiſcentibus compoſitum apparet Itinerarium, ne aberrarent à via, &c.* Vegecio *De Re militar* l. 3. c. 6.

de alto trinta e dous palmos craveiros, e de largo vinte e ſeis, incluindo a groſſura do parapeito. (1) E he couſa para reparar, que ſemelhante edificio ſe conſerve ainda taõ fixo ha tantos annos.

21 Havia tambem a ponte, que os Romanos edificaraõ ſobre o rio de Sacavem, cujos veſtigios ainda permaneciaõ no anno de 1570, pois delles ſe lembra o curioſo Franciſco Dolanda no cap. 7. do ſeu ſingular Tratado da *Fabrica, que fallece à Cidade de Lisboa*; cujo livro, porque nunca ſe imprimio, he viſto de bem poucos. E ſuppoſto que o Reverendo Doutor Ignacio Barboſa Machado o allega no ſeu eruditiſſimo Tratado Hiſtorico-Juridico do *Aqueducto de Lisboa*, he ſó pela informaçaõ, que nós lhe communicámos, e elle pode adquirir da primeira Parte do noſſo *Mappa de Portugal.* No lugar citado diz pois o tal Author, fallando com ElRey D. Sebaſtiaõ: *A primeira das pontes foy ſobre o rio de Sacavem, como ſe vem claros, e manifeſtos o começo, e o fim, e eſta deve V. Alteza mandar reedificar, porque he proveitoſa muito, e tambem para paſſar por ella a Corte, ſem o rodeio de ir ao Tojal.*

22 Outra ponte fizeraõ os Romanos ſobre o rio Tejo em Santarem, de que o mencionado Franciſco Dolanda diz, que ainda ſe conſerva alguma memoria nas junqueiras, onde chamaõ a *Terruja*, palavra derivada do Francez [quando eſtes occuparaõ Santarem no tempo de Carlos Magno] de *Torre roxa*, porque era o pégaõ da ponte de tijolo vermelho, como teſtifica o meſmo Author. Aſſim de Abrantes, onde diz que eſtavaõ os pégões, e montes de pedra, havia outra ponte magnifica; para reedificar as quaes traz o allegado Franciſco Dolanda dous deſenhos muito bons.

23 Porém deixando a noticia de outras pontes, e tornando às Vias Militares, que os Romanos fabricaraõ em noſſas terras, dellas farey aqui reſumida lembrança, ſegundo as expoem o Itinerario de Antonino, aproveitando-me do que acerca deſte aſſumpto eſcreveraõ o Meſtre André de Reſende nas *Antiguidades da Luſitania*, e o exacto Argote nas *Memorias do Arcebiſpado de Braga*, e os Commentadores de Antonino, accreſcentando tambem alguns reparos meus.

 §. I.

(1) *Monarch. Luſitan.* apud Argote nas *Memor. de Braga* t. 1. l. 2. c. 3. n. 462.

§. I.

Da primeira Via Militar, que de Lisboa ſahia para Merida.

Equa bona Coina 12U paſſos, ou 3 leguas.
Cetobriga Setubal 12U paſſos.
Ciciliana. Mais depreſſa me atrevera a dizer, que eſta povoação era, onde hoje eſtá *Agualva*, duas leguas de Setubal, que fazem os 8U paſſos, que lhe dá Antonino, do que *Alcaçovas*, como querem alguns, pois eſtá muito mais afaſtada. Reſende de *Equa-bona* paſſa logo a *Ciciliana*.
Malceca Marateca 16U paſſos.
Vaſconcellos nos *Eſcolios a Reſende* emenda a diſtancia deſtes 16U paſſos em 8U ſómente.
Salacia Alcacer do Sal 12U paſſos.
Ebora Evora 44U paſſos.
Eſtas quarenta e quatro milhas, que o Itinerario de Antonino conta de Alcacere a Evora, fazem onze leguas; mas como bem adverte Gaſpar Barreiros na *Corografia pag.63.v.* comprehendem-ſe nas nove grandes, que hoje contaõ os caminhantes de hum a outro ſitio mencionado.

24 De Evora paſſava ao Guadiana, e ſe mettia em Caſtella até Merida; mas he de advertir, que o Itinerario de Antonino, conforme o Codice Blandiniano, aſſigna a eſte caminho 161U paſſos. O exemplar de Zurita, chamado Napolitano, lhe dá 177U Reſende augmenta-o a 203U paſſos, e Vaſconcellos a 212U.

§. II.

Da ſegunda Via Militar para Merida.

Aritio-Pretorio Benavente, ou Salvaterra 38U paſſos.
Abelterio Alter do Chaõ 28U paſſos.
Admira-me achar em todos os Codices do Itinerario de Antonino as vinte e oito milhas de diſtancia, que ſaõ ſete leguas entre Benavente, ou Salvaterra, e Alter do Chaõ; ſendo que hoje contamos dezoito leguas de hum lugar a outro.
Matuſaro Ponte de Sor 24U paſſos.

Vaſ-

Vaſconcellos nos *Eſcolios de Reſende* l. 3. pag. 249. primeiro poem eſta eſtancia de *Matuſaro*, e depois a de *Alter*; e parece que aſſim deve ſer, ſegundo vemos em quaſi todos os Mappas, a ſituaçaõ deſtas terras, regulando direitamente a Via Militar; porém no Mappa antigo de Abrahaõ Ortelio eſtá primeiro *Abelterium*, e depois *Matuſarum*.

Ad Septem Aras Aſſumar 48U paſſos.

Conforme a arrumaçaõ do Mappa de Ortelio, bem ſe regula o progreſſo, que deſcreve o Itinerario de Antonino; porque de *Matuſarum* ao ſitio chamado *Ad Septem Aras* contarſe-hiaõ as oito milhas; mas ſe *Matuſaro* he a Ponte de Sor, e *Ad Septem Aras* a Villa de *Aſſumar*, devemos dizer, que ou a conta dos 8U paſſos, que lhe dá o Itinerario, eſtá errada, porque devem ſer mais, ou que a mudança feita por Vaſconcellos eſtá racionavel.

Budua . . . . 12U paſſos.

Daqui paſſava a Plagiaria, e ſe mettia em Merida.

§. III.

Da terceira Via Militar para Merida.

Jerabrica	Alenquer	30U paſſos.
Scalabin	Santarem	32U paſſos.
Tubucci	Abrantes	32U paſſos.
Fraxinum	Alpalhaõ	32U paſſos.
Medobriga	Aramenha	30U paſſos.
Ad Septem Aras	Aſſumar	14U paſſos.

Daqui paſſava a Plagiaria, e dahi ſe mettia em Merida.

§. IV.

Da Via Militar, que ſabia de Lisboa para Braga.

Jerabrica	Alenquer	30U paſſos.
Scalabin	Santarem	32U paſſos.
Cellium	Ceice	32U paſſos.
Conimbrica	Condeixa a Velha	34U paſſos.
Eminio	Agueda	40U paſſos.
Talabrica	Aveiro	10U paſſos.
Langobrica	Feira	18U paſſos.

Calem	Porto	13U paſſos.
Bracara	Braga	35U paſſos.

Eſta Eſtrada, como bem adverte o Padre Argote tom. 2. l. 3. cap. 9. das *Memorias de Braga*, era quaſi a meſma, que ainda hoje ſe pratica; poſto que em algumas partes ſe differençe da Romana.

§. V.

Da primeira Via Militar, que de Braga ſahia para Aſtorga.

Salacia	Salamonde	20U paſſos.
Preſidio	Codeçoſo do Arco	26U paſſos.
Caladuno	Ciada	26U paſſos.
Ad Aquas	Chaves	18U paſſos.
Pinetum	Val de Telhas	20U paſſos.
Roboretum.	Daqui para diante ſahe fóra de Portugal.	

25 A mayor parte deſta Eſtrada diſcorria por cima de montanhas, mas por planicies commodas, e para fugir de más paſſagens, fazia alguns rodeyos, donde procede naõ concordar o Itinerario de Antonino nas diſtancias, que aſſina a eſta Via Militar com a Eſtrada actual, que hoje ſe pratica; porque de Braga a Chaves contamos quinze leguas, e o Itinerario da Eſtrada Romana conta vinte e duas e meya. Os curioſos, ſe quizerem, podem ver a deſcripçaõ deſta Eſtrada Real no tom. 2. das *Memorias de Braga* do Padre Argote, que com eſpecial miudeza a deſcreve deſde pag. 571. até 594.

§. VI.

Da ſegunda Via Militar para Aſtorga.

Aquis Celenis	Faõ	165 eſtadios.
Vico Spacorum	Foz do rio Ancora	195 eſtadios.
Duo Pontes	Rio de Vigo	150 eſtadios.

Eſta Eſtrada parte della era terreſtre, e parte maritima, porque ſahindo de Braga, ſe encaminhava para o rio Cavado, e alli ſe embarcavaõ os paſſageiros, e caminhavaõ até *Aquas Celenas*, e por iſſo eſtas diſtancias maritimas ſe deſcreviaõ por eſtadios.

§. VII.

Da Terceira Via Militar para Aſtorga.

Salaniana	junto de Viana	21U paſſos.
Aquis Originis	jà cahia fóra dos limites de Portugal.	

Eſta Via Militar Romana, a que hoje chamaõ a Geira; era huma das mais ſoberbas Eſtradas, que os Romanos fabricaraõ. Trata della com individuaçaõ o Padre Argote tom. 2. alleg. l. 3. cap. 10. e 11.

§. VIII.

Da quarta Via Militar para Aſtorga.

Limia	Ponte de Lima	19U paſſos.
Tude	Tuy	24U paſſos.

§. IX.

Da Via Militar, que corria de Xerez para Béja.

Balſa	Tavira	24U paſſos.
Oſſonoba	Eſtombar	16U paſſos.
Aranni	. . . . .	60U paſſos.
Rarapia	. . . .	32U paſſos.
Ebora	Evora	44U paſſos.
Serpa	Serpa	13U paſſos.
Fines	Paimogo	20U paſſos.
Aruci	Moura	22U paſſos.
Pace Julia	Béja	30U paſſos.

A ordem, com que as terras deſta Via eſtaõ lançadas no Itinerario de Antonino, eſtá perturbada, como bem advertem os ſeus Expoſitores, talvez por vicio dos copiſtas.

26 De todas eſtas Eſtradas Reaes, ou grandes caminhos, que os Imperadores Romanos mandaraõ fazer em Portugal, naõ exiſtem mais, que humas pequenas memorias em alguns padrões, porque o tempo tudo arruina, e conſome, (1) e cada vez mais, pois já hoje naõ ha memoria da Via Militar, que

(1) Reſend. de *Antiquit Luſit.* lib. 3.

que ſahia de Lisboa para Sacavem, e daqui diſcorria até Roma, como Franciſco Dolanda obſervou no anno de 1570, e o eſcreve no curioſo Tratado, que referi acima Cap. 7. por eſtas formaes palavras.

27 *E naõ pudera eu crer eſta couſa, ſe quando parti de Lisboa, indo a Roma, logo em Sacavem naõ achara a Via Romana, e a Ponte quebrada no rio, e nas charnecas de Montargil, alli onde chamaõ as Meſtas, as calçadas de Silice, e em Caſtella nos barcos d' Alconete, e na antigualha de Capara, e depois em Aragaõ, Lerida, e Catalunha, e depois em França na Cidade de Nimes, onde eſtá o famoſiſſimo Anfiteatro, e memorias dos antigos, e depois em o Fóro de Julio em Provença, em Antibo, e nos Alpes, e por toda a Liguria, e Toſcana, ſempre achando a meſma calçada, que achey, ſahindo de Lisboa, até entrar em Roma.* Porém deixadas eſtas deploraveis ruinas, paſſemos ao noſſo principal aſſumpto.

DIVISAÕ I.

Roteiro de Lisboa para as principaes povoações da Provincia da Eſtremadura.

ESta Provincia, que, ſe attendermos à etymologia rigoroſa do ſeu nome, impropriamente conſerva, e explica o que tem, porque a ſua extrema naõ he o rio Douro, mas o Mondego, e o Tejo, comprehende-ſe dentro dos limites de quarenta leguas em todo o ſeu comprimento, e nas vinte da ſua mayor largura. He a parte do Reino, que fica mais ſobranceira, e debruçada para a coſta do mar Oceano, que a provê de muito, e ſaboroſo peixe; em tudo o mais he fertil, rica, habitada, cultivada, e capaz das marchas de exercitos; e ainda que tenha algumas terras aſperas, ſaõ pouco fragoſas. Divide-ſe preſentemente em nove Comarcas, que vem a ſer: *Lisboa, Torres Vedras, Alenquer, Leiria, Thomar, Ourem, Santarem, Setubal, e Abrantes.* Para as ſuas principaes povoações daremos os roteiros por jornadas, e as diſtancias por ſummarios, na fórma ſeguinte.

CA-

CAPITULO I.

Summario das diſtancias, que ha de Lisboa aos lugares, e povoações do ſeu Termo.

De Lisboa a

Adeaõ de cima	1 leg. e 1 q.	Boa viagem	2. leguas.
. . . . de baixo	1 e 1 q.	Bom ſucceſſo	1 e 1 q.
Ado Baço	4 e meya.	Bucellas	4.
Alcantara	meya.	Bucicos	3 e meya.
Alfarrobeira	1.	Buraças	1 e 1 q.
Alfornel	1.	Burrel	1 e 1 q.
Alfragide	1 e meya.	Cabeça de Montach.	3.
Algobellas	4 e meya.	Calhariz	1.
Alpriate	3.	A dos Calvos	3.
Alvogas	2.	Calhao	3. quart.
N. S. da Ajuda.	1.	Camarate	2.
Santo Amaro	3 quart.	Campo grande	1.
Ameixoeira	1 e 1 q.	. . . . . pequeno	meya.
S. Antonio do Tojal.	3.	Campolide	meya.
B. Antonio	1.	Caneſſas	2 e meya.
Appellaçaõ	2.	A dos Caons	2.
Arieiro	2.	Caranque	
Arranhol	5.	Carnide	1 e 1 q.
Arroyos	1 quarto.	Carnexide	2.
Barçal	1.	Cartexaria	4.
Barcarena	2.	Carvalhal	4 e meya.
Barril	2 e meya.	Caruncho	2.
Barro	2.	Caſtellos	1.
Barroſa	1 e meya.	Caſtejal	2 e 1 q.
Barronhos	2.	Caxoeira	4.
Belém	1.	Cazainhos	3.
Bemfica	1.	Cazal cochim	4 e meya.
Bempoſta	4 e 1 q.	Cazellas	meya.
Bica	1 e meya.	Caxias	1 e meya.
Bituaria	4.	Ceiceira grande	4.

Cei-

De Lisboa a

Ceiceira pequena	4 leguas.	Lecea	2 leguas.
Ceirogato	2 e meya.	Laveiras	2 e 1 q.
Charneca	1 e 1 q.	A dos Limões	4 e meya.
Charnec. do Milhar.	4.	Loures	2.
Chellas	meya.	Loural	4 e meya.
Codiceira	2 e meya.	Louro	1.
A dos Comundos	4 e meya.	Louriceira	4 e meya.
Convalecença	3 quart.	Louza	2 e meya.
S. Cornelio	1.	Lumiar	1 e meya.
Eſpargueira	3.	N. Senhora da Luz	1.
Eſpragal	3 e 1 q.	Maya	1 e 1 q.
S. Eſtevaõ das Galés	4.	Malforno	4 e meya.
Falagueira	1.	Marnotas	2 e meya.
Fanagueira	1.	Marvilla	3 quart.
Fanhões	3.	Mato	4 e meya.
Feteira	1 e 1 q.	Mealhada	1 e 3 q.
Freixeiras		Meleſſas	2 e meya.
Freixial	4 e 1 q.	Milharado	4.
Frielas	2 e meya.	Mira	1.
A dos Gallegos	4 e meya.	A dos Molhados	4 e meya.
A dos Gudeis	4 e meya.	Moita	4 e meya.
Granja de Alpriate	3.	Moitellas	4 e meya.
Grillo	3 quart.	Monſanto	meya.
S. Joaõ dos Montes		Montinel	1 e 1 q.
S. Joaõ da Talha	2 e meya.	Morzinheira	4 e meya.
S. Joſeph de Ribam.	1 e meya.	Murgalhal	2 e 1 q.
Jamor	2.	Murtal	
Santa Iria	2 e meya.	Murteira	2.
S. Juliaõ do Tojal.	2 e meya.	Ninha a paſtora	2.
Junqueira	3 quart.	Ninha a velha	2.
Jurumello	4.	Noidel	1.
Laranjeiras	meya.	Odivellas	1 e meya.
Lage	2 e 1 q.	Oeiras.	3.
Leaõ	2.	Olivaes	1 e meya.

Oli-

De Lisboa a

Oliveiras	meya.
Outorella	2.
Outeiro	1.
Outeiro das Doudas	4 e meya.
Paço d'arcos	2 e meya.
Palhavã	meya.
Panaſqueira	1.
Pedrouços	1 e 1 q.
Penedo	1.
Pero negro	4 e meya.
Pimenteira	meya.
Pinheiro	2.
Pinteos	2 e 3 q.
Poço do Biſpo	3 quart.
Pombaes	1 e meya.
Porcalhota	1 e meya.
Portella	1.
Povoa de S. Adriaõ	1 e meya.
. . . da Gallega	4.
. . . de S. Martinho	3.
Pouzada.	4.
Porto ſalvo	1 e meya.
Preza	1.
Prizinheira	4.
Quéluz	2.
S. Quintino	5.
Reboleira	1 e meya.
Reys	3 quart.
Ribeira de baixo	2.
Ribeira de cima	2.
A da Rolia	4.
Ribas	3.
Rego	meya.
S. Romaõ	
Romeiras	2.
Sete rios	meya.
Sacavem	2.
Santiago dos velhos	5.
Sapataria	4 e meya.
Sarreira	4 e meya.
Silveira	4 e meya.
Terrugem	2 e meya.
Tilheiras	1.
Tojal	3.
Tojalinho	2.
Torcena	2.
Torneiro	2 e 1 q.
Torre da Bizoeira	3.
Trigache	1 e meya.
Valejos	2.
Via longa	3.
Verdelha	3.
Villa verde	4 e meya.
Vinteira	1 e meya.
Villa de Rey	4 e 1 q.
Unhos	2 e meya.
Xabregas	meya.
Xamboeira	4 e 1 q.

Outros muitos ſitios de varios nomes tem o Termo da Cidade de Lisboa, que pelos occuparem poucos moradores, naõ ſe faz aqui mençaõ delles.

CAPITULO II.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Torres Vedras, *em que ſe contaõ ſete leguas ao Norte.*

De Lisboa ao Lumiar	1	A' Enxara dos Cavalleiros	1
Do Lumiar a Loures.	1	A' Cadreceira	1
A' Cabeça de Montachique	1	A Torres Vedras	1
A' Povoa	1		

§. I.

Roteiros traverſos de Torres Vedras para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para a Villa das Caldas, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Norte.*

De Torres ao Ramalhal	1	A' Roliça	1
Do Ramalhal a S. Giaõ	1	A' Villa de Obidos	1
A N. S. da Miſericordia	1	A's Caldas	1

§. II.

Roteiro de Torres Vedras para a Villa de Mafra, *em que ſe contaõ trez leguas ao Sudueſte.*

De Torres a Azueira	1	A Mafra	1
Da Azueira ao Gradil	1		

§. III.

Roteiro de Torres Vedras para a Villa de Alenquer, *em que ſe contaõ quatro leguas ao Leſte.*

De Torres à Serra de S. Giaõ	1	A' Eſpiçandeira	1
A' Ald. Galeg. da Mercian.	1	A Alenquer	1

§. IV.

Roteiro de Torres Vedras para a Villa de Peniche, *em que ſe contaõ quatro leguas ao Noroeſte.*

De Torr. às pont. de Vill. Fac.	1	Cruz da Lagoa	1
Lourinhã	1	Peniche	1

§. V.

§. V.

Roteiro de Torres Vedras para a Villa da Ericeira, *em que ſe contaõ tres leguas ao Oeſte.*

De Torres à Ponte do Rol	1	A' Ericeira	1
A' Labogeira	1		

§. VI.

Roteiro de Torres Vedras para a Villa do Cadaval, *em que ſe contaõ quatro leguas ao Nordeſte.*

De Torres ao Ramalhal	1	Venda de Fernaõ da Cunha	1
Cabeça do Bombarral	1	Cadaval	1

§. VII.

Roteiro de Torres Vedras para a Villa da Alhandra, *em que ſe contaõ cinco leguas ao Sueſte.*

De Torres à Ribaldeira	1	Arruda	1
Aos Chãos de eſtira corda	1	Alhandra	2

O meſmo he para Alverca; e dos Chãos de eſtira corda ſe divide o caminho para Villa Franca, Povos, e Caſtanheira, e dalli para qualquer deſtas Villas fazem duas leguas.

§. VIII.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Mafra, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Noroeſte.*

De Lisboa a Loures	2	A' Abrunheira	1
A' Cabeça de Montachique	1	A Mafra	1
Ao Pinheiro da Seiceira	1		

No tempo de Veraõ ſe vay tambem por Odivellas.

§. IX.

Summario das diſtancias, que ha de Torres Vedras às terras da ſua Correição.

De Torres Vedras a

Alhandra	4 para Sueſt.	Enxar. dos Cavall.	2 para Sueſt.
Alverca	4 para Sueſt.	Ericeira	3 para Sud.
Arruda	3 para Leſt.	Lourinhã	3 para Nort.
Bellas	6 para Sud.	Mafra	3 para Sud.
Cadaval	4 para Nord.	Povos	4 para Sueſt.
Caſcaes	8 para Sud.	Sobr. demont. agr.	2 para Sueſt.
Caſtanheira	5 para Leſt.	Villa Franca	5 para Sueſt.
Chileiros	3 para Sud.	Villa Verde	3 para Nord.
Colares	7 para Sud.		

CAPITULO III.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Alenquer, *em que ſe contaõ oito leguas ao Norte.*

De Lisboa ao Camp. grand.	1	De Bucellas a Alenquer	3
Do Camp. grand. a Bucellas	4		

Por outro caminho.

De Lisboa a Sacavem	2	De Alverca à Caſtanheira	4
De Sacavem a Alverca	2	Da Caſtanheira a Alenquer	2

§. I.

Summario das diſtancias que ha da Villa de Alenquer às terras principaes da ſua correição.

De Alenquer a

Aldea Galeg. da Merc.	2 Nort.	Obidos	5 Nort.
Caldas	6 Nort.	Selir do Porto	7 Nort.
Chamuſca	7 Leſt.	Ulme	7 Nord.
Cintra	9 Sud.		

§. II.

§. II.

Summario das diſtancias, que ha da Villa de Alenquer não ſó aos lugares do ſeu termo mas à Villa de Torres Vedras.

De Alenquer a

		T. Vedr.
Santa Anna	meya.	3 e m
Abrigada	1.	3 e m
Antas	1 e q.	3 e m.
Aparel	1 e m.	3 e m
Atoug. das Cabr.	1 e m.	4 e m.
Azedia	1.	3.
Bairo	1.	4 e m.
Bufuaria	1.	3.
Caban. do Cham.	1.	3 e m.
----- de Torreſ.	1 e m.	3 e m
Cachoeiras	2.	4.
Cadafaes	1.	4.
Canados	meya.	3 e m.
Carneiros	1.	3.
Carnota	1.	
Carregado	1.	ſ.
Camarnal	meya.	4 e m
Carvalhal	meya.	3 e m
Caſaes	1.	4 e m
Corſoaria	1.	
Eſpiçandeira	1 e m.	3 e m.
Eſtrabeiro	1.	3 e m.
Folhandal	meya.	3 e m.
Gataria	1.	3.
Gavinheira	1.	3.
Guizandaria	1.	ſ.
Labrugeira	1 e m.	2 e m
Mata do Pereir.	1 e m.	2 e m
Mato	1.	3.
Meca	1.	4.

De Alenquer a

		T. Vedr.
Memvezinho	1 e m.	3.
Moinh. do vent.	1.	3.
Moita	1.	4.
Monſaravia	1 e m.	3.
Monte de leg.	1 e m.	ſ.
Montougil	1.	3 e m.
Olhavo	1 e q.	3.
Ota de cima	1.	ſ.
--- de baixo	1.	ſ.
Palaios	1 e m.	2 e m.
Palhacana	1 e m.	
Pancos	1 q.	3 e 3 q.
Paul	1.	
Penados	1 e m.	3.
Pedra do ouro	meya.	4.
Pen. firm. da vẽt.	2.	2 e m.
--- da mata	1.	3 e m.
Pereiro	1 e m.	2 e m.
Pipa	1.	3.
Porcariça	1 e q.	3.
Porto	1 q.	3 e 3 q.
Prateiro	1.	3.
A dos Quentes	2.	
Santa Quiteria	1.	
Refugidos	meya.	4.
Ribafria	1 e m.	2 e m.
Serra	1.	4.
Silv. da Mach.	1.	3 e m.
---- do Pinto	1.	3.
Sopo	1.	3.

De Alenquer a

		T. Vedr
Tojal	1 e m.	3.
Torre derrub.	meya.	4.
Val de Figueir.	meya.	3 e m.
Valverde	1 e m.	3.

De Alenquer a

		T. Vedr.
Ventoſa	2.	
Villa Nova da Rainha	1.	5.

§. III.

Roteiro de Lisboa para a Villa das Caldas, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Norte.*

De Lisboa a Loures	2	Torres	2
A' Cabeça de Montachiq.	1	S. Giaõ	2
Povoa	1	Azambujeira	2
Enxára dos Cavalleiros	1	Obidos	1
Mata da Guerra	1	Caldas	1

Pelas eſtradas de Runa fazem ſó treze leguas, que he, paſſada a Mata da Guerra, tomar a eſtrada da maõ direita, ir a Runa, e ſahir à Bugalheira, e aſſim ſe evita huma legua.

Por outro caminho, indo pelas Villas.

De Lisboa a Sacavem	2	Moinho novo	1
De Sacavem a Alverca	2	Ota	1
Alhandra	1	Cercal	2
Villa Franca	1	Sancheira	2
Povos	1	Caldas	1
Caſtanheira	1		

Eſta jornada tambem ſe faz pelo Tejo acima até Villa Nova da Rainha, em que ſe contaõ nove leguas, e dahi ſe ſegue a meſma viagem.

§. IV.

Roteiros traverſos das Caldas para algumas terras circumvizinhas, e primeiramente para a Cidade de Leiria, *em que ſe contaõ nove leguas ao Nordeſte.*

Das Caldas a Selir do Mato	1	Aljubarrota	1
A Charnais	1	Cruz da legua	1
Valbom	1	Batalha	1
Alcobaça	1	Leiria	2

§. V.

§. V.

Roteiro das Caldas para Santarem, *em q̃ ſe contaõ ſete leguas ao Leſte.*

Das Caldas à Fanadia	1	Malhaqueijo	1
A' Mata d' Albergaria	1	Pero Filho	1
Rio Mayor	1	Santarem	1
Eſcuſa	1		

§. VI.

Roteiro das Caldas para Peniche, *em q̃ ſe contaõ quatro leguas ao Oeſte.*

Das Caldas a Obidos	1	A' Atouguia	1
Ao Furadouro	1	A Peniche	1

CAPITULO IV.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Leiria, *em que ſe contaõ vinte e tres leguas ao Norte.*

De Lisboa a Sacavem	2	Aos Candieiros	1
De Sacavem até Ota	8	Ao Moliano	2
De Ota a Tagarro	2	A' Venda dos Carvalhos	2
A' Venda da Agua	1	A S. Jorge	1
A' Venda da palhoça	1	A Leiria	2
A' Venda da Coſta	1		

Eſta jornada ordinariamente ſe reputa por vinte e duas leguas, e aſſim ſe paga, por ſerem pequenas as leguas das Villas. Note-ſe que neſta eſtrada deſde a Venda da Coſta até à Venda dos Carvalhos he má a paſſagem, por ſer pelo pé da ſerra; naõ fallando no Moinho Novo, e no Carregado, que em tempo de Inverno he trabalhoſo.

§. I.

Roteiro de Leiria para Coimbra, *em q̃ ſe contaõ doze leguas ao Norte.*

De Leir. à Vẽd. dos Machad.	1	A' Villa da Redinha	2
Daqui à Venda do Gallego	1	A Porto Qualheiro	1
A' Venda da Boiça	1	Ao Cartaxo	1
A' Venda Nova	1	A Condeixa	1
A' Villa do Pombal	1	A Coimbra	2

Tem

Tem alguns Ribeiros arrebatados no tempo de Inverno.

§. II.

Summario das diſtancias, que ha de Leiria para as terras da ſua Correiçaõ, e algumas mais circumvizinhas.

De Leiria a

Alcobaça	5	Sud.	Maiorga	4	Sud.
Alfeizeraõ	7	Sud.	Obidos	10	Sud.
Aljubarrota	4	Sud.	Ourem	4	Leſt.
Alpedriz	3	Sud.	Pederneira	5	Sud.
Alvorninha	8	Sud.	Peniche	11	Sud.
Atouguia	12	Oeſt.	Pombal	5	Nord.
Batalha	2	Sud.	Porto de mós	3	Sud.
Santa Catharina	3	Sud.	Povoa de Mont.	2 e meya.	
Cellas	6	Sud.	Redinha	7	Nort.
Coz	3	Sud.	Selir do mato	8	Sud.
Ega	9	Nort.	Soure	6	Nort.
Evora de Alcob.	5	Sud.	Turquel	6	Sud.
S. Martinho	7	Sud.			

CAPITULO V.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Thomar, *em que ſe contaõ vinte e duas leguas ao Nordeſte.*

De Lisboa a Santarem	14	Ponte de Pedra	1
A' Cruz da entrad.	1	Val de Tancos	1
Dahi a Alviella	1	Guerreira	1
Depois à Azinhaga	1	A Thomar	1
A' Golegã	1		

Pelo caminho de Pernes, em que ſe contaõ as meſmas vinte e duas leguas, mas he peyor eſtrada.

De

De Lisboa a Santarem	14	Ao Pé de caõ	1
A Pernes	3	A Payalvo	1
A' Zibreira	1	A Thomar	1
A Torres Novas	1		

§. I.

Roteiros traverſos de Thomar para algumas terras circumvizinhas, e primeiramente para Abrantes, *em que ſe contaõ quatro leguas ao Sueſte.*

De Thomar a S. Pedro	1	A' Amoreira	1
Dahi a Martinchel	1	A Abrantes	1

A meſma jornada por Punhete, em que ſe contaõ cinco leguas com paſſagem no Zezere.

De Thomar à Guerreira	1	Ao Campo da A moreira	1
Ao Monte do Seixo	1	A Abrantes	1
A Punhete	1		

§. II.

Roteiro de Thomar para Leiria, *em que ſe contaõ ſete leguas ao Noroeſte.*

De Thomar a Val dos Ovos	1	Ao Homem morto	1
A Alcochete	1	A Sete rios	1
A' Aldea da Cruz	1	A Leiria	2

A meſma jornada por Gondomarias, em que ſe contaõ as meſmas ſete leguas, he peyor eſtrada.

De Thomar a Val dos Ovos	1	Gondomarias	1
Alcochete	1	Sete rios	1
Pinheiro	1	Leiria	2

§. III.

Roteiro de Thomar a Coimbra, *indo por Alvayazere, por onde coſtuma ir o correyo, em que ſe contaõ treze leguas ao Norte.*

De Thomar à Venda Nova	1	Alvayazere	1
A Ceras	1	Venda das Papas	1
Ao Pereiro	1	Venda do Negro	1

Anciaõ	1	Alcabideque	1
Junqueira	1	Venda do Cego	1
Rabaçal	1	A Coimbra	1
Fonte cuberta	1		

A meſma jornada pela Perucha, em que ſe contaõ as meſmas treze leguas; mas he eſtrada melhor para o tempo de veraõ, que de inverno.

De Thomar a Val dos Ovos	1	Ao Arneiro	1
A Chaõ de maçans	1	A' Pulga	1
A Rio de couros	1	A Anciaõ	1
A Perucha	1		

Daqui para diante corre a meſma eſtrada, como no Roteiro acima.

A meſma jornada, indo pelo Cabaſſo, em que ſe contaõ as meſmas treze leguas, e he peyor caminho, a ſaber:

De Thomar à Venda Nova	1	A's Vendas dos Moinhos	1
Ao Pereiro	2	Ao Paſtor	1
Ao Cabaſſo	1	A Pudentes	1
A' Venda do Barqueiro	1	A Chaõ de Lamas	1
A' Tojeira	1	A Coimbra	1
A' Venda das Figueiras	1		

§. IV.

Roteiro de Thomar para Caſtello-Branco, *por Villa de Rey, em que ſe contaõ quinze leguas ao Nordeſte.*

De Thomar às vend. dos Reis	2	A' Sobreira	1
Daqui à Barca	1	A Monte gordo	2
A' Villa de Rey	1	A Sarzedas	1
A Cardigos	2	A Caſtello-Branco	3
A' Corticada	2		

Pora todas eſtas terras vay correyo.

§. V.

Roteiro de Thomar para Ourem, *em q̃ ſe contaõ tres leguas ao Noroeſte.*

De Thomar ao Val dos Ovos	1	A Ourem	1
A Chaõ de Maçans	1		

§. VI.

Summario das diſtancias, que ha de Thomar às Villas da ſua Correiçaõ.

De Thomar a

Abiul	5 Nor.	Maçans de camin.	5 Nort.
Aguas Bellas	2 Leſt.	Maçaõ	7 Sueſt.
Aguda	5.	Pampilhoſa	12 Nord.
Alváres	10 Leſt.	Paio de Pelle	3 Sul.
Alvaro	12 Leſt.	Pedrógaõ grande	8 Nort.
Amendoa	4 Leſt.	Pias	3 Nort.
Aréga	5 Nort.	Ponte do Sor	10 Sueſt.
Aſſinceira	1 em Leſt.	Punhete	3 Sueſt.
Atalaya	3 Sul.	Puſſos	4 Nort.
Chaõ de couce	6.	Sardoal	5 Sueſt.
Dornes	3 em. Nort.	Sovereira formoſa	7 Nord.
Ferreira	2 em. Sueſt.	Tancos	3 Sul.
Figueiró dos Vin.	6 Nort.	Villa de Rey	4 Sueſt.

§. VII.

Roteiro de Lisboa para Figueiró dos Vinhos, *em que ſe contaõ vinte e oito leguas ao Nordeſte.*

De Lisboa a Santarem	14.	A Thomar	1.
De Santar. ao Borrado.	1 em.	Ao Pintado	1.
A' Ponte d'Alviella	meya.	A Seras e Frexo	1.
A' Ponte d' Almonda	1.	Ao Pereiro	1.
A' Golegã	1.	Ao Rego da murta	meya.
A' Atalaya	1.	A Cabaços	meya.
A' Aſſinceira	1 em.	A' Arega	1.
A' Garreira	meya.	A Figueiró	1.

Eſta jornada tambem ſe faz embarcando-ſe em Lisboa, e caminhando até Tancos, em que ſe contaõ dezanove leguas, e dahi pela Aſſinceira ſe ſegue a meſma derrota.

CAPITULO VI.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Abrantes, *em que ſe contaõ vinte e tres leguas ao Nordeſte.*

De Lisboa até Santarem	14	A' Cardiga	1
De Santarem às Barrocas	1	A Tancos	1
A' Ponte d' Alviella	1	A Punhete	1
A' Ponte d' Almonda	1	A Abrantes	2
A' Golegã	1		

Entre Tancos, e Punhete paſſa o rio Zezere, que tem barca ſempre de veraõ, e de inverno.

§. I.

Roteiros traverſos de Abrantes para algumas terras circumvizinhas, e primeiramente para Caſtello-Branco, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Nordeſte.*

De Abrantes ao Penaſcoſo	3	Ao Perdigaõ	3
Do Penaſcoſo ao Maçaõ	1	Aos Amarellos	3
A's Vendas Novas	2	A Caſtello-Branco	2

§. II.

Roteiro de Abrantes para a Cidade de Evora, *em que ſe contaõ dezoito leguas ao Sul.*

De Abrantes ao Azedo	2	A Cabeçaõ	2
Do Azedo à Ponte do Sor	3	A Pavia	1
A' Galvea	2	A Arrayolos	3
A Santa Margarida	2	A Evora	3

Por outra eſtrada.

De Abrantes ao Azedo	2	A' Caſa branca	2
A' Ponte do Sor	3	Ao Vimieiro	2
A' Galvea	2	A Santa Juſta	2
A Avís	2	A Evora	3

§. III.

§. III.

Roteiro de Abrantes para a Villa de Eſtremoz, *em que ſe contaõ quinze leguas ao Sueſte.*

De Abrantes ao Azedo	2	Ao Ervedal	2
Dahi à Ponte de Sor	3	Ao Cano	2
A Benavilla	3	A Eſtremoz	3

Na Ponte do Sor ha huma ribeira, que de inverno admitte paſſagem em barca para qualquer parte; as outras ribeiras tem pontes.

§. IV.

Roteiro de Abrantes para a Cidade de Portalegre, *em que ſe contaõ doze leguas ao Leſte.*

De Abrantes à Caſa branca	3	A Gafete	1
Dahi ao Gaviaõ	1	A Alagoa	2
A Toloſa	3	A Portalegre	2

CAPITULO VII.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Santarem, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Nordeſte.*

De Lisboa a Sacavem	2	A' Caſtanheira	1
De Sacavem à Povoa	1	A Villa-Nova	1
A Alverca	1	A' Azambuja	1
A Alhandra	1	Ao Cartaxo	2
A Villa Franca	1	A Santarem	2
A Povos	1		

§. I.

Roteiro de Santarem para Coimbra, em que ſe contaõ vinte e tres leguas ao Norte.

De Santarem a Tremes	3	Ao Pombal	4
De Tremes a Abrahaõ	2	A' Redinha	2
A Porto de Mós	3	A Porto Coelheiro	1
A Leiria	3	A' Condexa	2
De Leiria aos Machados	1	A Coimbra	2

Por

Por outro caminho, em que ſe contaõ vinte e huma leguas, a ſaber:

De Santarem à Golegã	4	A's Cacharias	1
A Paialvo	3	Ao Pombal	4
A Chaõ de maçãs	2		

Daqui para diante ſe ſegue a meſma derrota.

§. II.

Summario das diſtancias, que ha da Villa de Santarem às Villas da ſua Correiçaõ.

De Santarem a

Alcanede	4 para Nor.	Erra	7 para Sud.
Alcoentre	4 para Poent.	Golegã	4 para Nord.
Almerim	1 para Sueſt.	Lamaroſa	6 para Sueſt.
Aveiras de cima	4 para Sud.	Monte argil	7 a Lesſueſt.
. . . . de baixo	3 e m. a Sud.	Mugem	2 para Sul.
Azambuja	4 para Sul.	Salvaterr. de Mag.	4 para Sul.
Azambujeira	2 para Poent.	Torres Novas	5 para Nord.

§. III.

Summario das diſtancias, que ha da Villa de Santarem a alguns lugares do ſeu Termo.

De Santarem a

Adovagar	3.	Alcoentrinho	3.
Agua Peneira	2.	Alforzomel	2.
Albergaria	2.	Almoſter	2.
Alcaidaria	2.	Alpiarça	1.
Alcanhoins	1.	Aramenha	1.
Alcobacinha	1 e m.	Arrifana	3.

Ar-

De Santarem a

Arrezario	2.
Arneiro dos Borralh.	1 e meya.
Arruda	3.
Atalaya	2.
Azinhaga	3.
Azinheira	3 e meya.
Azoia debaixo	1.
. . . . de cima	3.
Alfouvres	2.
Bairro falcaõ	2.
Bompalreu	2 e meya.
Cabanas	1 e meya.
Calla	3.
Caparota	2.
Carrapateira.	2.
Carrigueira	4.
Carvalho	2.
Cartaxo	2.
Caſal de Santa Maria	2.
. . . . do Paul	1 e meya.
Caſaes	1 e meya.
. . . . de S. Braz	3.
. . . . dos Cardiaes	1 e meya.
. . . . de Porto máo	1.
Caxalinhos	2.
Chouto	4.
Corredoira	2.
Correas	3.
Caſevel	3.
Chamuſca	3.
Comeira	3.
Curutello	1.
Detràs da Serra	5.
D. Belida	2.
D. Conſtança.	3.
Eireira	3.
D. Fernando.	1 e meya.
Fontainhas	meya.
Fonte da Pedra	2.
Grainho	1.
Gucherre	2.
S. Joaõ da Ribeira	3.
Joaninho	2.
Lamaroſa	3.
Lobo morto	4.
Louriceira	2.
Louroſa	3.
Maçuſſa	3.
Malhaqueijo	2.
Marmelheira.	3.
Monchaõ	2.
Monſarias	1 e meya.
Nabaes	2.
Oiteiro da Vargea	1.
Pero filho	1.
Pé da Serra	5.
Pimenteira	1.
Pombal	2 e meya.
Pontével	3.
Porto de Mugem	2.
Pouſas	3.
Povoa dos Gallegos	1 e meya.
. . . . Nova	1 e meya.
. . . . de trez	3.
. . . . do Baixinho	1 e meya.
Ribeira de S. Joaõ	3.

De Santarem a

. . . . de Mugem	3.	Valle	1.
. . . . de Pernes	3.	Val de Figueira	1 e meya.
Rio Mayor.	4.	Val de Donzellas	1.
Romeira.	1 e meya.	Val de Cavallos	2.
Senterra	3.	Val de Pinta	3.
Soudos	1 e meya.	Vaqueiros	4.
Souriſſo	3.	Ventozella	3.
Tanquinhos	6.	Verdelho	2.
Torre do Biſpo	2.	Villa gateira	1.
Tojoſa	2.	Vil. Nova d'Almoſt.	3.
Topineira	3.	Vitureira	2.
Tremes	3.	Virtudes	3 e meya.
Vallada	3.	Ulme	3.

§. IV.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Torres-Novas, *em que ſe contaõ dezanove leguas ao Nordeſte.*

De Lisboa a Sacavem	2	Da Povoa a Alverca	1
De Sacavem à Povoa	1		

E daqui pela meſma eſtrada, que aſſinámos até Santarem, e de Santarem a Torres-Novas, que fazem cinco leguas.

Por outro caminho, em que ſe contaõ vinte leguas.

De Lisboa a Loures	2	A' quinta de D. Duraõ	1
De Loures ao Trociſal	4	A' Venda da Pia	1
A Torres Vedras	1	A Rio maior	1
Ao Ramalhal	2	A Alcanede	3
A Martim Joannes	1	A Torres Novas	4

§. V.

§. V.

Summario das diſtancias que ha da Villa de Torres Novas para algumas terras circumvizinhas.

De Torres-Novas a

Abrantes	5	Sueſte.	Punhete	3	Sueſte.
Aceiſſeira	2	Leſt.	Ourem	3	Nort.
Atalaya	1	Nord.	Santarem	5	Sudueſt.
Golegã	1	Sul.	Tancos	2	Sueſte.
Leiria	7	Nort.	Thomar	3	Nordeſt.
Porto de Mós	4	Noroeſt.	Ulme	4	Sul.

CAPITULO VIII.

Roteiro de Lisboa para Setubal, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita por mar	3	Dahi a Palmella	1
Dahi aos Olhos da agua	1	A Setubal	1

Por outro caminho.

De Lisb. a Alhos Vedr. por mar	2 e m.	Dahi aos Olhos da agua	1 e m.
		Dahi a Setubal	2

Por outro caminho.

De Lisb. ao Barreir. por mar	2	A Palmella	1
Dahi a S. Anton. da Charneca	1	A Setubal	1
A' Barra cheia	1		

Por outro caminho.

De Lisb. a Coina por mar	3	Dahi a Setubal	1 e m.
Dahi a Azeitaõ	1 e m.		

Por outro caminho.

De Lisboa ao Seixal por mar	2	De Coina a Setubal	3
Dahi a Coina	1		

Por outro caminho.

De Lisboa a Caſſilhas por mar	1	Dahi a Coina	1 e m.
Dahi ao rio do Judeo	1 e m.	Dahi a Setubal	3

§. I.

Roteiro traverſo de Setubal para Monte-Mór o Novo, *em que ſe contaõ onze leguas ao Naſcente.*

De Setub. a Aguas de Moura	3	A's Silveiras	2
Dahi à Landeira	1	A Monte-Mór	2
A Cabrella	3		

Por outro caminho.

De Setubal ao Eſpilra	4 e m.	Dahi às Silveiras	2
Dahi às Vendas Novas	2 e m.	A Monte-Mór	2

§. II.

Roteiro de Setubal para Alcacer do Sal, *em que ſe contaõ ſete leguas ao Sueſte.*

De Setub. a Aguas de Moura	3	A Albergue	1
A Palma	2	A Alcacer	1

§. III.

Summario das diſtancias, que ha de Setubal às Villas da ſua Correiçaõ.

De Setubal a

Alcacer do Sal	7	Sul.	C,amora Correa	8	Nordeſt.
Alcochete	4	Nort.	Canha	7	Leſte.
Aldea Gallega	4	Nort.	Cezimbra	4	Oeſt.
Alhos Vedros	3	Nort.	Coina	3	Noroeſt.
Almada	6	Noroeſt.	Grandola	12.	
Azeitaõ	1 e m.	Nort.	Lavradio	4	Noroeſt.
Barreiro	4	Noroeſt.	Moita	3	Nort.
Cabrella	7.		Palmella	1	Nordeſt.

DIVISAÕ II.

Roteiro de Lisboa para as principaes terras da Provincia do Alentejo.

CHama-ſe eſta Provincia *Alemtejo*, ou *Tranſtagana*, por ficar da outra parte do rio Tejo a reſpeito da Cidade de Lisboa. Divide-ſe dos Reinos de Caſtella, eſpecialmente da ſua Eſtremadura, pela parte do Naſcente, e por eſte lado tem de comprimento quarenta leguas, contando deſde Mertola a Montalvaõ. Pela banda do Sul confina com a Provincia, e Reino do Algarve, de quem o ſepara a Serra de Monchique, logrando por eſta raia ſó vinte leguas pouco mais, ou menos de largura. Ao Poente lhe fica o mar Oceano ſervindo de margem, e pelo Norte o aparta o Tejo da Beira, e Eſtremadura Portugueza.

He a mais plana entre as outras Provincias do Reino, de menos montes, e poucos rios, mas de grandes charnecas; abundante de paõ, caça, e vinho, e por iſſo com grande commodidade para ſuſtentar exercito moderado, tendo ſervido por varias vezes o ſeu terreno de theatro da guerra, de que procede conſervar lugares, e praças de armas muito bem fortificadas. Tambem he a Provincia, por onde ſe póde caminhar por poſtas, e a que tem melhores eſtalajens, e mais bem providas para commodo dos paſſageiros. Conſta de oito Comarcas, para as quaes daremos Roteiros utiliſſimos.

CAPITULO I.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Evora, *em que ſe contaõ vinte leguas ao Sueſte.*

De Lisb. a Ald. Gallega	3	A Monte-Mór o Novo	2
Dahi aos Pégões	5	A Patalim	2 e m.
A' Vendas Novas	3	A Evora	2 e m.
A's Silveiras	2		

§. I.

Roteiros traverſos de Evora para outras povoações circumvizinhas, e primeiramente para a Moita, *em que ſe contaõ dezoito leguas ao Poente.*

De Evora a Monte-Mór	5	A Aguas de Moura	3
Dahi às Silveiras	2	A' Moita	6
A' Cabrella	2		

§. II.

Roteiro de Evora para Alhos Vedros *, em que ſe contaõ dezoito leguas e meya ao Poente.*

De Evora a Monte-Mór	5	A Aguas de Moura	5
Dahi às Silveiras	2	A Alhos Vedros	6 e m.

§. III.

Roteiro de Evora para o Lavradio *, em que ſe contaõ doze leguas ao Poente.*

De Evora a Monte-Mór	5	A Aguas de Moura	3
A's Silveiras	2	Ao Lavradio	7
A's Vendas Novas	2		

§. IV.

Roteiro de Evora para o Barreiro*, em que ſe contaõ dezanove leguas e meya ao Poente.*

De Evora a Monte-Mór	5	A Aguas de Moura	3
A's Silveiras	2	Ao Barreiro	7 e m.
A's Vendas Novas	2		

§. V.

Roteiro de Evora para Caſſilhas *, em que ſe contaõ vinte e huma leguas ao Poente.*

De Evora a Monte-Mór	5	A Aguas de Moura	3
Dahi às Silveiras	2	A Palmella	3
A's Vendas Novas	2	A Caſſilhas	6

§. VI.

Roteiro de Evora para Almada, *em que ſe contaõ vinte e duas leguas ao Poente.*

De Evora a Montemor 5.

E dahi ſegue a meſma eſtrada até Palmella, que fazem quinze leguas; e de Palmella até Almada, que fazem ſete, e por todas as vinte e duas.

§. VII.

Roteiro de Evora para Setubal, *em que ſe contaõ dezaſeis leguas ao Poente.*

De Evora a Monte-Mór	5	Dahi a Setubal	9
Dahi às Silveiras	2		

§. VIII.

Roteiro de Evora para Alcacer do Sal, *em que ſe contaõ nove leguas ao Poente.*

De Evora à Torre da Géſteir.	2	A Rio Mourinho	2 e m.
A Santiago do Eſcoiral	2	A Alcacer do Sal	2 e m.

§. IX.

Roteiro de Evora para Garvaõ, *em que ſe contaõ dezoito leguas ao Sul.*

De Evora a Aguiar	4	Aos Longueiros	2
Dahi a Viana	1	A Aljuſtrel	2
A Villa-Nova	1	A' Defeza	3
A Ferreira d'Aves	3	A Garvaõ	2

Neſta jornada entre os Longueiros, e Aljuſtrel ſe tem de paſſar a ribeira chamada do Roxo.

§. X.

Roteiro de Evora para Mertola, *em que ſe contaõ vinte leguas ao Sul.*

De Evora a Aguiar	4	A Béja	3
A Agua de Peixes	2	Ao Valcovo	8
A Villa Ruiva	1	A Mertola	1
A' Cuba	1		

Neſ-

Neſta derrota ſe paſſaõ algumas ribeiras, e rios, o Garavia, o Tegres, e o Cobres.

§. XI.

Roteiro de Evora para Serpa, *em que ſe contaõ doze leguas ao Sul.*

De Evor. à Torr. dos Coelheir.	3	A' Vidigueira	2
A Benalverge	2	A Serpa	5

Paſſaõ-ſe neſta jornada as ribeiras Morteira, e de Peixes.

§. XII.

Roteiro de Evora para Moura, *em que ſe contaõ onze leguas ao Sueſte.*

De Evor. a S. Mig. do Machede	1	A Alqueva	1
A Monte de trigo	3	Ao rio Guadiana	2
A Amieira	2	A Moura	2

§. XIII.

Roteiro de Evora para Mouraõ, *em que ſe contaõ nove leguas ao Naſcente.*

De Evora à Vendinha	5	Dahi a Mouraõ	3
Dahi ao Reguengo	1		

Paſſa-ſe por aqui o rio Guadiana, que divide as duas Villas Monſarás, e Mouraõ fronteiras, e huma legua diſtantes.

§. XIV.

Roteiro de Evora para Elvas, *em que ſe contaõ doze leguas ao Nordeſte.*

De Evora a Evora monte	4	A Elvas	6
A Eſtremoz	2		

§. XV.

Roteiro de Evora para Olivença, *em que ſe contaõ doze leguas ao Naſcente.*

De Evora ao Alandroal	7	A Olivença	2
A Jurumenha	3		

§. XVI.

§. XVI.

Roteiro de Evora para Campo-Maior, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Nordeſte.*

De Evora a Eſtremoz 6 - A Campo-Mayor. 8

§. XVII.

Roteiro de Evora para Portalegre, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Nordeſte.*

De Evora a Souzel	7	A Portalegre	5
A Fronteira	2		

§. XVIII.

Roteiro de Evora para a Ponte do Sor, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Norte.*

De Evora ao Vimieiro	5	A' Ponte do Sor	5
A Avís	4		

§. XIX.

Roteiro de Evora para Tancos, *em que ſe contaõ dezanove leguas ao Norte.*

De Evora a Arrayolos	3	A Montargil	3
A Pavia	3	A Tancos	9
A Cabeçaõ	1		

§. XX.

Roteiro de Evora para Santarem, *em que ſe contaõ doze leguas ao Noroeſte.*

De Evora a Monte-Mòr	5	A Coruche	4
A Lavre	3		

§. XXI.

Roteiro de Evora para Banavente, *em que ſe contaõ dezaſete leguas ao Noroeſte.*

De Evora a Monte-Mór	5	A's Vendas Novas	2
A's Silveiras	2	A Benavente	8

§. XXII.

§. XXII.

Roteiro de Evora para Coruche *, em que ſe contaõ doze leguas ao Noroeſte.*

De Evora a Monte-Mór	5	A Coruche	4
A Lavre	3		

§. XXIII.

Roteiro de Evora para Marvaõ *, em que ſe contaõ dezaſeis leguas ao Nordeſte.*

De Evora a Souzel	7	A Portalegre	5
A' Fronteira	2	A Marvaõ	2

§. XXIV.

Summario das diſtancias, que ha de Evora às Villas da ſua Correiçaõ.

De Evora a

Aguias	7	Noroeſt.	Monte-Mór	5	Noroeſt.
Alcaçovas	5	Sudueſt.	Montouto	5	Naſcent.
Canal	6	Lesnord.	Pavia	6	Noroeſt.
Eſtremoz	6	Nordeſt.	Viana	5	Sul.
Lavre	8	Poente.	Vimieiro	5	Nordeſt.

§. XXV.

Summario das diſtancias, que ha de Evora a outras povoações.

De Evora a

Alvito	6	Sul.	Béja	9	Sul.
Alter do Chaõ	11	Nort.	Benavilla	8	Nort.
Alter Pedroſo	11	Nort.	Borba	8	Nord.
Azeitaõ	16	em. Poẽt.	Cabeço de vide	11	Nord.

De Evora a

Erra	12	Noroeſt.	Redondo	5	Nordeſt.
Ervedal	7	Nort.	Torraõ	7	Sudueſt.
Fronteira	9	Nordeſt.	Veiros	8	Nordeſt.
Monçarás	9	Naſcent.	Villa de Frades	7	Sul.
Mora	7	Nort.	Villa Viçoſa	8	Nordeſt.
Portel	6	Sueſt.			

§. XXVI.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Eſtremoz, *em que ſe contaõ vinte e huma leguas ao Naſcente.*

De Lisboa aos Pégões	5	A Arrayolos	3
A' Vendas Novas	3	A' Venda do Duque	3
A Montemór	4	A Eſtremoz	3

§. XXVII.

Roteiro de Eſtremoz para Portalegre, *em que ſe contaõ oito leguas ao Norte.*

De Eſtremoz a Veiros	2	A Portalegre	4
A Monforte	2		

§. XXVIII.

Roteiro de Eſtremoz para a Villa de Moura, *em que ſe contaõ treze leguas ao Sul.*

De Eſtremoz ao Alandroal	3	A Mouraõ	1
A Terena	1	A Moura	5
A Monçarás	3		

§. XXIX.

Roteirõ de Lisboa a Montemór o Novo, *em que ſe contaõ quinze leguas.*

De Lisboa a Aldea Galega	3	A's Silveiras	2
Aos Pegões	5	A Montemór	2
A's Vendas Novas	3		

§. XXX.

Roteiro de Montemór a Elvas, *em que ſe contaõ quinze leguas.*

De Montemór a Arrayolos	3	A Eſtremoz	3
A' Venda do Duque	3	A Elvas	6

§. XXXI.

Roteiro de Montemór a Béja, *em que ſe contaõ doze leguas.*

De Montem.aSant.doEſcoir.	2	A Alvito	1
A Vianna	4	A Béja	5

§. XXXII.

Roteiro de Montemór a Evora, *em que ſe contaõ cinco leguas.*

DeMontemór a Patalim 2 e m. - A Evora 2 e m.

CAPITULO II.

Roteiro de Lisboa para Béja, *em que ſe contaõ vinte e duas leguas ao Sueſte.*

De Lisboa à Moita	3	A Rio Mourinho	2
Dahi à Palhota	2	Ao Torraõ	3
A Aguas de Moura	3	A Alfundaõ	4
A Porto Carvalho	2	A Béja	3

Por outro caminho, que ſeguem os Almocreves.

De Lisboa à Moita	3	A' Palhota	2
A' Palhota	2	A'Quint.de D.Rodrig.	1 e m.
A Aguas de Moura	3	A Odivellas	3
A Palma	2	A Alfundaõ	1 e m.
A Alberge	1	A Béja	3
A Porto de Lama	2		

Por outro caminho, que ſeguem os Eſtafetas.

De Lisboa a Aldea Gallega	3	A's Vendas Novas	3
Dahi às Rilvas	2	A's Silveiras	2
Aos Pégões	3	A Montemór	2

A S.

A S. Braz	4	A Alvito	1
A Viana	2	A Béja.	5

Por outro caminho, que ſeguem as carruagens.

De Liſb. a Aldea Gallega	3	A Agua de Peixes	meya.
Dahi até às Silveiras	10	A Villa Ruiva	1
A Santiago do Eſcoiral	3	A' Cuba	1 e m.
A S. Braz	3	A Béja	3
A Viana	2		

§. I.

Summario das diſtancias, que ha da Cidade de Béja às Villas da ſua Correiçaõ.

De Béja a

Agua de Peixes	4	Nort.	Oriola	5	Nort.
Albergaria	4	Nort.	Portel		
Alvito			Serpa	4	Sueſt.
Beringel	1	Nort.	Torraõ	7	Nort.
Fáro	3	Nort.	Vidigueira	4	Nord.
Ferreira	3	Poent.	Villa de Frades	4 m.	Nord.
Ficalho	8	Naſc.	Villa Alva	4 m.	Nort.
Moura	7	Naſc.	Villa Ruiva	5	Nort.
Odemira	14	Poent.	Villa-Nov. de Alv.	6	Nort.

§. II.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Odmira*, em que ſe contaõ vinte e ſete leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita por mar	3	A Melides por charneca	6
Da Moita a Setubal	3	A Santiago de Cacem	3
A' Comporta por mar	3		

Eſte tranſito, que he de charneca, e arêas, tem tambem duas ribeiras pequenas, que paſſar.

De Santiago ao Cercal 4 - Do Cercal a Odemira 5

Eſtas cinco leguas do Cercal a Odemira he caminho de de ſerra, porém ſoffrivel; e ha hum ribeiro, em que entra a maré, que de inverno tem ſuas enchentes. Toda eſta derrota he a ordinaria.

Por outro caminho.

De Lisboa à Moita	3	A Aguas de Moura	2
A Marateca	5		

Aqui ſe paſſa huma ribeira grande.

De Aguas de Moura à Palma 2

Neſte caminho, ſuppoſto ſer de charneca, ha tambem outra grande ribeira.

De Palma a Alcacer 2

Ha aqui outra ribeira.

De Alcacer à Grandola 4

Eſtas quatro leguas todas ſaõ de charneca.

De Grandola a Odemira 11

Entre o eſpaço deſtas onze leguas ha cinco ribeiras, que paſſar; huma tem ponte, as mais ſaõ caudaloſas de inverno, e naõ tem ponte.

§. III.

Roteiro de Lisboa a Meſſejana, *em que ſe contaõ vinte e huma leguas.*

De Lisboa à Moita	3	A Val de juizo, ou Arcaõ	1
A Palhota	2	A Niza	3
A Aguas de Moura	3	Bairros	1
A Palma	2	Alvallade	2
A Alberges	1	Meſſejana	2
A Alcacer do Sal.	1		

Em todas eſtas terras ha ſoffriveis eſtalagens.

Por outro caminho.

De Lisboa pela meſma eſtrada até Alberges	11	A Val de Reys	meya.
		A Porto de Lama	meya.

Quin-

Quinta de D. Rodrigo	2	Figueira dos Cavalleiros.	2
Agua do Paço	1	A Meſſejana	4

Por outro caminho.

De Lisboa à Moita	3	Grandola	6
A Palmella	2	Alvalade	5
Setubal	1	Meſſejana	2
Comporta por mar	3		

O Correyo vay a Meſſejana, que diſta ſeis leguas grandes com duas ribeiras, de que huma chamada a Douroana, he caudaloſa de inverno: Por Garvaõ ſe evita por ter duas pontes, porém he mais diſtante. De Meſſejana paſſa o Correyo a Béja, em que ha huma ribeira grande, e caudaloſa, outra mais pequena, e ſaõ ſeis leguas; de ſórte que diſta Odemira de Béja doze leguas, ficando-lhe o Campo de Ourique, e ſua Comarca de permeyo.

As Villas do Campo de Ourique, com quem ha mais communicaçaõ, ſaõ eſtas:

Garvaõ q́ diſta de Odemira	4	De Almodovar à de Collos	4
De Garvaõ a Ourique	2	A Sines	9
De Ourique a Almodovar	3		

Com o Reino do Algarve ha tambem communicaçaõ, por ſer Odemira a ultima da Provincia do Alentejo. Della diſta Lagos onze leguas ſem embaraço dos rios, por haver barcos certos, e promptos.

§. IV.

Roteiro de Lisboa para Alvito, *em que ſe contaõ dezoito leguas ao Sueſte.*

De Lisboa à Moita	3	A's Alcaçovas	5
Dahi a Aguas de Moura	5	A Villa-Nova	2
A Porto Carvalho	2	A Alvito	1

Por outro caminho, que he indo por Montemór, por onde vai o Eſtafeta, e ſaõ vinte e duas leguas.

De Lisb. a Ald. Gallega	3	A Montemór	2
Aos Pégões	5	A Viana	6
A's Silveiras	5	A Alvito	1

Por

Por outro caminho ſe contaõ vinte leguas, indo por Palma.

De Lisboa à Moita	3	A Alcacer	2
A Aguas de Moura	5	Ao Torraõ	5
A Palma	2	A Alvito	3

§. V.

Summario das diſtancias, que ha de Alvito às terras principaes circumvizinhas.

De Alvito a

Aguiar	2	Nort.	Portel	4	Naſcent.
Alcacer	8	Noroeſt.	Torraõ	3	Poent.
Beringel	3	Sul.	Viana	1	Nort.
Cuba	3	Sul.	Villalva	1	Sueſt.
Evora	6	Nordeſt.	Vidigueira	3	Sueſt.
Ferreira	3	Sudueſt.			

CAPITULO III.

Roteiro de Lisboa para Villa-Viçoſa, *em que ſe contaõ vinte e ſeis leguas e meya ao Naſcente.*

De Lisboa atè Montemór	15	A Eſtremoz	3
Dahi a Arrayolos	3	A Villa-Viçoſa	2 e m.
A' Venda do Duque	3		

Por outro caminho.

De Lisboa a Montemór	15	A' Venda do Redondo	4
A Evora	5	A Villa-Viçoſa	4

§. I.

Roteiros traverſos de Villa-Viçoſa para algumas terras circumvizinhas, e principalmente para Portalegre, *em que ſe contaõ oito leguas ao Norte.*

De Villa-Viçoſa a Monforte	4	A Portalegre	4

§. II.

Roteiro de Villa-Viçoſa para Olivença, *em que ſe contaõ cinco leguas ao Naſcente.*

De Villa-Viçoſa ao Forte	1 e m.	A Olivença	2
A Jurumenha	1 e m.		

§. III.

Roteiro de Villa-Viçoſa a Mouraõ, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Sul.*

De Villa-Viçoſa ao Alandroal	1	A Monçarás	3
Dahi a Terena	1	A Mouraõ	1

§. IV.

Summario das diſtancias, que ha de Villa-Viçoſa às terras de ſua Correiçaõ.

De Villa-Viçoſa a

Alter do Chaõ	7 Noroeſt.	Monforte	4 Nort.
Arrayolos	8 Poent.	Portel	9 Sudueſt.
Borba	m. Poent.	Souſel	4 Noroeſt.
Chancellaria	10 Noroeſt.	Villa-Boim	3 Nordeſt.
Evora-Monte	4 Poent.	Villa-Fernand.	3 e m. Nort.
Monçarás	5 Sul.		

§. V.

Roteiro de Lisboa para Arrayolos, *em que ſe contaõ dezoito leguas ao Naſcente.*

De Lisboa a Aldea Gallega	3	A's Silveiras	2
Aos Pégões	5	A Montemór	2
A's Vendas Novas	3	A Arrayolos	3

Por outro caminho.

De Lisboa a Aldea Gallega	3	A Lavre	4
A Rilva	1	A Arrayolos	5
A Canha	4		

Por

Por outro caminho.

De Lisboa a Eſcaroupim	12	A N. Senhora das Brotas	5
A N. Senhora da Gloria	2	A Arrayolos	3
A Coruche	2		

§. VI.

Roteiro traverſo de Arrayolos para Tancos, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Norte.*

De Arrayolos a Pavia	3	A Montargil	3
A Cabeçaõ	1	A Tancos	7

§. VII.

Roteiro de Arrayolos para Elvas, *em que ſe contaõ doze leguas ao Nordeſte.*

De Arrayolos a Eſtremoz 6 - A Elvas 6

§. VIII.

Summario das diſtancias, que ha de Arrayolos a outras terras circumvizinhas.

De Arrayolos a

Aguias	3	Nort.	Montemór	3	Poent.
Avís	6	Nort.	Pavia	3	Nort.
Coruche	8	Noroeſt.	Vimieiro	2	Nordeſt.
Evora-Monte	4	Naſcent.			

CAPITULO IV.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Elvas, *em que ſe contaõ trinta leguas ao Naſcente.*

De Lisboa até Montemór o Novo	15	A Eſtremoz	3
Dahi a Arrayolos	3	A Alcaraviça	2
A' Venda do Duque	3	A Elvas	4

§. I.

§. I.

Summario das diſtancias, que ha de Elvas às Villas da ſua Correiçaõ.

De Elvas a

Barbacena	2	Noroeſt.	Olivença	4	Sul.
Campo-Mayor	3	Nort.	Ouguella	4	Nort.
Mouraõ	8	Sul.	Terena	5	Sudueſt.

CAPITULO V.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Portalegre, *em que ſe contaõ trinta leguas ao Naſcente.*

De Lisboa a Aldea Gallega	3	A Souzel	3
Dahi atè Arrayolos	15	A Fronteira	2
De Arrayolos ao Vimieiro	2	A Portalegre	5

Por ſegundo caminho, em que ſe contaõ trinta e duas leguas.

De Lisboa a Aldea Gallega	3	A Monforte	4
Dahi a Arrayolos	15	A Portalegre	4
Dahi a Eſtremoz	6		

Por terceiro caminho.

De Lisboa a Eſcaroupim	11	Ao Crato	2
A' Ponte do Sor	12	A Portalegte	4
A' Chancellaria	3		

Por quarto caminho mais obliquo.

De Lisboa atè Santarem	14	A' Caſa branca	3
De Santarem à Gollegã	5	Ao Gaviaõ	1
A Tancos	2	A Gáfete	4
A Punhete	1	A Portalegre	4
A Abrantes	2		

§. I.

Roteiro de Portalegre a Elvas, *em que ſe contaõ oito leguas ao Sueſte.*

De Portalegre a Aſſumar	3	A Elvas	3
A' Aldea de Santa Olaya	2		

§. II.

Roteiro de Portalegre a Campo-Maior, *em que ſe contaõ oito leguas ao Sueſte.*

De Portalegre a Arronches	4	A Campo-Mayor	4

§. III.

Summario das diſtancias, que ha de Portalegre às Villas da ſua Correiçaõ.

De Portalegre a

Alegrete	2	Sul.	Marvaõ	2	Nordeſt.
Alpalhaõ	4	Noroeſt.	Meadas	5	Naſcent.
Arronches	4	Sul.	Montalvaõ	6	Noroeſt.
Aſſumar	3	Sul.	Niza	6	Noroeſt.
Arez	6	Poent.	Povoa	4	Nort.
Caſtello de Vide	2	Nordeſt.	Villa Flor	6	Noroeſt.

CAPITULO VI.

Roteiro de Lisboa para o Crato, *em que ſe contaõ vinte e oito leguas ao Naſcente.*

De Lisboa a Eſcaroupim 11.

Dahi ſegue-ſe a meſma derrota pela eſtrada, que fica apontada no terceiro caminho de Portalegre.

§. I.

Summario das diſtancias, que ha da Villa do Crato às Villas da ſua Correiçaõ.

Do Crato a

Alvaro	15		Gaviaõ	5	Noroeſt.
Amieira	4	Nort.	Olleiros	14	Nort.
Belver	5	Nornor.	Pedrogaõ pequen.	10	Nort.
Cardigos	9	Nort.	Proença a Nova	9	Nort.
Carvoeiro	7	Nort.	Toloſa	3	Nort.
Certã	12	Nort.	Villa-Nova de Cardig.		*ut ſup.*
Cortiçada. *Vid.* Proença a Nov.			Villa-Nova de Saõ Joaõ de Gáfete.		*ut ſuprà.*
Envendos	6	Nort.			
Gáfete	2	Nort.			

Da Villa de Alvaro ſó pertence ao Priorado do Crato a juriſdiçaõ Eccleſiaſtica.

Da Villa de Cardigos ſó lhe pertence a juriſdiçaõ ſecular.

CAPITULO VII.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Ourique, *em que ſe contaõ vinte e cinco leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita	3	A Grandola	6
A Palmella	2	A Alvalade	5
A' Setubal	1	A Ourique	5
A' Comporta	3		

§. I.

Roteiro de Lisboa para Meſſejana, *em que ſe contaõ vinte e huma leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita	3	A Palma	2
Dahi à Palhota	2	A Alberges	1
A Aguas de Moura	3	A Alcacer do Sal	1

A Val de Guizio	1	A Alvalade	1
A Niſa	3	A Meſſejana	2
Aos Bairros	2		

Por outro caminho.

De Lisboa à Moita	3	A' Quinta de D. Rodrigo	2
Dahi até Alberges	8	A Agua do Paſſo	1
De Alberges a Val de Rey	m.	A' Figueira dos Cavalleiros.	2
A Porto de Lama	m.	A Meſſejana	4

§. II.

Summario das diſtancias, que ha de Ourique às Villas da ſua Correiçaõ.

De Ourique a

Aljuſtrel	4	Nort.	Meſſejana	4	Nort.
Almodovar	3	Sul.	Padrões	4	Naſc.
Alvalade	4	Nort.	Panoyas	3	Nort.
Caſtro-Verde	2	Nord.	Santiago de Cacem	8	Nor.
Collos	4	Poent.	Sines	9	Poent.
Entradas	4	Nord.	Villa-Nova de Mil fontes	8	Poent.
Garvaõ	2	Poent.			
Mertola	8	Naſc.			

DIVISAÕ III.

Roteiro de Lisboa para as principaes terras da Provincia da Beira.

JA' diſſe na 1. *Parte do Mappa de Portugal*, que eſta Provincia ſe chama *Beira*, por ſer antigamente habitada dos povos *Berones*, ſegundo affirma Fr. Bernardo de Brito. Fica no coraçaõ do Reino; e das partes, em que elle ſe divide,

de, he ella a mayor porçaõ, grandemente montuoſa, e com alguns rios arrebatados. Daõ-lhe os Geografos trinta e ſeis leguas de comprido, e outras tantas de largo, pouco mais, ou menos. Para commodidade dos paſſageiros he o terreno fertil, e em partes ameno; poſto que em algumas eſtalajens naõ ſe experimente taõ bom tratamento, como em outras Provincias.

Os Francezes, e Italianos, coſtumados à delicia dos ſeus paizes, e abundancia das oſtarias, ſaõ os mais queixoſos, quando chegaõ a tranſitar, ou girar por eſtas partes; e aſſim recommendaõ nas inſtrucções, que fazem para os viajores, levem comſigo aquella proviſaõ, que for poſſivel, por naõ experimentarem a penuria das eſtalajens da Beira. Em algumas aſſim he, em outras naõ, porque em toda a parte ha hum bocado de máo caminho, e he neceſſario attender ao eſtylo dos paizes, e à frequencia dos paſſageiros.

CAPITULO I.

Roteiro de Liſboa para a Cidade de Coimbra, *em que ſe contaõ trinta e quatro leguas ao Norte.*

De Liſboa a Sacavem	2	Lamaroſa	1
De Sacavem à Povoa	1	Payalvo	1
A Alverca	1	S. Lourenço	1
A Alhandra	1	Chaõ de Maçans	1
A Villa-Franca	1	Rio de Couros	1
A Povos	1	Perucha	1
A' Caſtanheira	1	Arneiro	1
A Villa-Nova	1	Gaita	1
Azambuja	1	Anciaõ	1
Cartaxo	2	Junqueira	1
Santarem	2	Rabaçal	1
Lagar	1	Fonte Cuberta	1
Ponte d'Alviella	1	Alcabedeque	1
Almonda	1	Venda do Cego	1
Gollegã	1	Coimbra	1
Eſpraganal	1		

Por outro caminho, que ſe aparta na Caſtanheira, e he melhor para tempo de inverno, e neſta jornada contaõ-ſe vinte e ſeis leguas da Caſtanheira por diante, a ſaber:

De

De Liſboa à Caſtanheira 8
Da Caſtanh. ao Moinh. Novo 1
A Ota 2
A Tagarro 2
A' Venda da Coſta 3
Ao Laranjo 2
Aos Carvalhos 2
A' Batalha 2
A Leiria 2
Ao Pombal 2
A' Redinha 2
A Porto Coelheiro 2
A Condeixa 2
A Coimbra 2

§. I.

Roteiros traverſos de Coimbra para algumas terras principaes circumvizinhas, e primeiramente para Aveiro, *em que ſe contaõ nove leguas ao Noroeſte.*

De Coimbra aos Fornos 1
Dahi aos Marcos 1
A Murtede 1
A' Venda Nova 1
A Samel 1
A Mamaroſa 1
A Palhaça 1
Ao Salgueiro 1
A Aveiro 1

§. II.

Roteiro de Coimbra para o Porto, *em que ſe contaõ dezoito leguas ao Norte.*

De Coimbra aos Fornos 1
Dahi ao Carquejo 1
A' Mealhada 1
A Pedreira 1
A Avelans 1
A Aguada 1
Ao Sardaõ 1
Ao Vouga 1
A Albergaria Nova 1
A Albergaria Velha 1
Ao Pinheiro 1
A Oliveira de Azemeis 1
A Santo Antonio 1
A Souto redondo 1
A Grijó 1
Aos Carvalhos 1
Ao Porto 2

§. III.

Roteiro de Coimbra para Viſeu, *em que ſe contaõ treze leguas ao Nordeſte.*

De Coimbra a Eiras 1
A Botaõ 1
Ao Galhano 1
A S. Antonio do Cantaro 1

A

A Freirigo	1	A Tondella	1
Ao Barril	1	A' Sabugoſa	1
Ao Criz	1	A Fail	1
Ao Caſal de Maria	1	A Viſeu	1
A S. Joaninho	1		

§. IV.

Roteiro de Coimbra para a Guarda, *em que ſe contaõ vinte e duas leguas ao Naſcente.*

De Coimbra às Torres	1	A Torrozelo	1
Aos Carvalhos	1	A' Maceira	1
A Algacia	1	A Pinhancos	1
A Santo André	1	A Vinhó	1
A' Ponte da Murcella	1	A Sampayo	1
Aos Poços	1	A' Villa Cortez	1
A' Moita	1	A Cortiçó	1
A' Venda do Valle	1	A Celorico	1
A' Venda do Porco	1	A' Lagioſa	1
A Galizes	1	A' Faya	1
A' Chamuſca	1	A' Guarda	1

§. V.

Roteiro de Coimbra para o porto de Figueira, *em que ſe contaõ ſete leguas ao Poente.*

De Coimbra a Faveiro	1	A Mayorca	1
A' Pereira	1	Ao Minhoto	1
A S. Baraõ	1	A' Figueira	1
A Montemór	1		

Para Buarcos saõ oito leguas, ſeguindo a meſma derrota.

§. VI.

Roteiro de Coimbra para a Lapa, *em que ſe contaõ dezanove leguas ao Nordeſte.*

De Coimbra a Eiras	1	A Mortagua	3
Ao Botaõ	1	A Brida	1
Ao Galhano	1	A S. Joaninho	2

A

A Tondella	1	A' Pedroſa	1
A' Sabugoſa	1	A's Fontainhas	1
A Fail	1	Ao Oiteiro de Ferreira	1 em.
A Viſeu	1	A' Lapa	1
A Cavernais	1 em.		

§. VII.

Summario das diſtancias, que ha da Lapa a algumas terras principaes circumvizinhas.

Da Lapa a

Armamar	5	Peſqueira	7
Cernancelhe	1	Pinhel	8
Cerolico	5	Ranhados	4
Freixo de Nemaõ	6	Torre de Moncorvo	10
Guarda	9	Trancoſo	4
Lamego	6	Trevões	5
Leomil	2	Villa-Nova de Foſcóa	8
Penella da Beira	4	Villa-Real	9

§. VIII.

Summario das diſtancias, que ha de Coimbra às Villas de ſua Correiçaõ.

De Coimbra a

Alvayazere	8	Sul.	Celeviſa	6	Naſcent.
Ançã	2	Sul.	Cernaxe dos alhos	2	Sul.
Anciaõ	6	Sul.	Coja	8	Naſcent.
Arganil	7	Naſcent.	S. Comba Daõ	6	Nordeſt.
Avó	9	Naſcent.	Eſgueira	8 em.	Nor.
Bobadella	12	Naſcent.	Fajaõ	9	Naſcent.
Botaõ	2	Nordeſt.	Goes	5	Naſcent.
Buarcos	8	Poent.	Mira	7	Noroeſt.
Cantanhede	4	Noroeſt.	Mirand. do Corvo	4	Sueſt.
Carvalho	4	Sul.	Pena-Cova	3	Nort.

Pe-

De Coimbra a

Pereira	2	Poent.	Redondos	6	Sul.
Podentes	3	Naſc.	Tentugal	2	Poent.
Pombalinho	4	Sul.	Vacariça	3	Nort.
Pombeiro	5	Naſc.	Villa-Nova d'Anços	4	Poent.
Pov. de S. Chriſtin.	2m	Nort.	Villa-Nov. de Monç.	4	Nort.
Rabaçal	3	Nort.			

CAPITULO II.

Roteiro de Lisboa para as Villas de Eſgueira, *e* Aveiro, *em que ſe contaõ quarenta e duas leguas ao Norte, indo paſſar a barca no campo de Coimbra.*

De Lisboa à Caſtanheira	8	Aos Creſpos	3
Ao Carregado	1	A' Almagreira	2
Ao Moinho novo	1	A's Caſas velhas	1
A Ota	1	A Villa-Nov. d'Anços	1
A Tagarro	2	A Fermozelhe	1
A' Venda d'Agua	2	A Pereira	1
A' Palhota	1	A Tentugal	1
A' Venda da Coſta	1	A Villa-Nova	1
Aos Candieiros	1	A Cantanhede	1
Ao Boliano	2	A' Camarneira	1
Aos Carvalhos	1	A' Mamaroſa	1
A S. Jorge	1	A' Palhaça	1
A' Cortiça	1	Ao Salgueiro	1
A Leiria	1	A Eſgueira	meya.
Aos Machados	1	A Aveiro	meya.

Por outro caminho já fica aſſinado no §. 1. do Cap. 1. deſta Diviſaõ III.

§. I.

Roteiro traverſo de Aveiro para o Porto, *em que ſe contaõ dez leguas ao Norte.*

De Aveiro a Ovar por barco	5	Ao Corvo	1
De Ovar a Cortegaça	1	Ao Chamorro	1
A Paramos	1	Ao Porto	1

Por outro caminho, para quem naõ quer ir embarcado.

De Aveiro a Angeja	1	A Cortegaça	1
A Salreu	1	A Paramos	1
A Santiaes	1	Ao Corvo	1
A Vanca	1	Ao Chamorro	1
A' Ponte Nova	1	Ao Porto	1

Advirta-ſe, que ainda que naõ ſe vá ao Porto pelo rio, ſempre em Angeja ſe paſſa a barca em tempo de inverno.

§. II.

Roteiro de Aveiro para Viſeu, *em que ſe contaõ onze leguas ao Naſcente.*

De Aveiro a Eixo	1	A Monte tezo	1
A' Palhaça	1	A' Portella	1
A' Arrancada	1	A S. Miguel de Oiteiro	1
A' dos Ferreiros	1	A' Cruz alta	1
A Cabeça de caõ	1	A Viſeu	1
A' Urgueira	1		

§. III.

Roteiro de Aveiro para Vouſella, *em que ſe contaõ nove leguas ao Naſcente.*

De Aveiro à Palhaça	2	A's Bemfeitas	1
A' Arrancada	1	A Ponte-fóra	1
A' dos Ferreiros	1	A Santiaguinho	1
A's Talhadas	1	A Vouſella	1

CAPITULO III.

Roteiro de Liſboa para a Cidade de Viſeu, *em que ſe contaõ quarenta e ſete leguas ao Nordeſte.*

Eſte Itinerario já fica explicado acima na derrota de Coimbra, e dahi para Viſeu, e aſſim he ſuperfluo repetillo.

§. I.

Roteiro traverſo de Viſeu para Lamego, *em que ſe contaõ nove leguas ao Norte.*

De Viſeu ao Campo	1	A' Senhora da Ouvida	1
A' Ponte do Almargem	1	A Bigorne	1
A Rio de Mel	1	A' Cruz da Cam.	1
A Mamouros	1	A Lamego	1
Ao Craſto	1		

§. II.

Roteiro de Viſeu para a Guarda, *em que ſe contaõ dez leguas ao Naſcente.*

De Viſeu a Fagilde	1	A Cerolico	1
A Quintella	1	A' Lagioſa	1
A's Chans	1	Ao Porto de Carne	1
A Fornos	1	A Cabadoide	1
A Figueiró	1	A' Guarda	1

§. III.

Summario das diſtancias, que ha de Viſeu às Villas, e Concelhos, da ſua Correiçaõ.

De Viſeu a

Alva	3	Naſc.	Coja	8	Sul.
Azere	5	Sul.	Currellos	4	Sul.
Azurara	2	Sueſt.	Enfias	6	Naſc.
Banho	3	Noroe.	Ferreira d' Aves	4	Naſc.
Barreiro	1	Sul.	Folhadal	3	em. Sul.
Béſteiros	3	Sul.	Gafanhaõ	4	Nort.
Bobadella	7	Sul.	Guardaõ	4	Poent.
Canas de Sabugoſa	2	Sul.	Gulfar	4	Naſc.
Canas de Senhorim	3	Sul.	Lafões	3	Noroe.
Candoſa	5	Sul.	Lagares	5	

De Viſeu a

Moens	3	Nort.	S. Joaõ do Monte	5	Poent.
Mortagoa	7	Sul.	Sandomil	7	Sul.
Mourás	3 e m.	Sul.	Santa Comba Daõ	5	Poent.
Nogueira	7		S. Pedro do Sul	3	Noroe.
Oliv. do Conde	5	Sul.	Satam	3	Naſc.
Oliv. de Frades	4	Noroe.	Senhorim	2	
Oliv. do Hoſpital	6	Sul.	Silvares	5	Sul.
Ovoa	6	Sul.	Sinde	5	Sul.
Penalva d'Alva	8	Sueſt.	Taboa	6	Sul.
Penalva do Caſtell.	3	Sueſt.	Tavares	3 m.	Naſc.
Perſellada	6		Trapa	4	Noroe.
Pinheir. de Azere	6	Sul.	Treixedo	4	Sueſt.
Povolide	2 m.	Nort.	Vide de Foz de Pióḍaõ		
Ranhados	1 q.	Naſc	Villa-Cov. de Sub.	8	Sueſt.
Reriz	5	Nort.	Villa do Sul	4	Nort.
Sabugoſa	2	Poent.			
S. Joaõ de Arêas	5				

CAPITULO IV.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Lamego *, em que ſe contaõ cincoenta e cinco leguas ao Nordeſte.*

Eſta derrota ſe faz indo de Lisboa até Santarem, onde ſe contaõ quatorze leguas. De Santarem para Coimbra, que fazem vinte leguas. E de Coimbra para Lamego, em que ſe completaõ vinte e huma leguas, da maneira ſeguinte

De Lisboa até Coimbra	34	Vouſella	1
De Coimbra aos Fornos	1	S. Pedro do Sul	1
A' Mealhada	2	Cobertinha	1
Avelans	1	A Alva	1
Sardaõ	2	Caſtro Dairo	1
Aguada	1	Collo de pito	1
A' dos Ferreiros	1	Bigorne	1
A's Talhadas	1	Povoa	1
Ponte-fóra	2	Lamego	1
Santiaguinho	1		

§. I.

§. I.

Roteiro traverſo de Lamego para a Moimenta da Beira*, em que ſe contaõ quatro leguas ao Naſcente.*

De Lamego a Ferreirim	1	Ao Sarzedo	1
Dahi à Granja Nova	1	A' Moimenta	1

§. II.

Roteiro de Lamego para a Lapa*, em que ſe contaõ ſeis leguas*

De Lamego a Mós	1	A' Lamoſa	2
A Mondim	1	A' Lapa	1
A Alvite	1		

§. III.

Roteiro de Lamego para Villa-Real*, em que ſe contaõ quatro leguas ao Nordeſte.*

De Lamego ao Pezo da Reg.	1	A' Comieira	1
Dahi a Santa Martha	1	A Villa-Real	1

§. IV.

Roteiro de Lamego para o Porto*, em que ſe contaõ quatorze leguas ao Poente.*

De Lamego a Santiaguinho	1	Fonte Sagrada	1
Dahi a Mezamfrio	1	Baltar	1
Teixeira	1	Ponte Ferreira	1
Carraſqueira	1	Vallongo	1
Gieſta	1	Venda-Nova	1
Canavezes	1	Porto	1
Arrifana	2		

§. V.

Roteiro de Lamego para Braga*, em que ſe contaõ quatorze leguas ao Noroeſte.*

De Lamego a Santiaguinho	1	A Teixeira	1
Dahi a Mezamfrio	1	Ao Carneiro	1

A' Ovelha	1	Venda da Serra	1
Amarante	1	Guimarães	1
Lixa	1	Eſtalagem do Rio	1
Deveza da Eſcorva	1	Aos quatro irmãos	1
Pombeiro	1	A Braga	1

§. VI.

Summario das diſtancias, que ha de Lamego às Villas, e Concelhos da ſua Correiçaõ.

De Lamego a

Alvarenga	7	Sudueſte.	Moiment.daBeir.	4	Naſcente.
Arcos	4 e m.	Naſc.	Mondim	2	Naſcente.
Arégos	4	Poente.	Moſſaõ	5	Poente.
Armamar	2 e m.	Naſc.	Nagoſa	4 e m.	Naſc.
Arouca	8	Poente.	Paiva	8	
Barcos	5	Naſcent.	Parada do Biſpo	2	Nordeſte.
Barqueiros	2 m.	Noroe.	Parada de Eſter	5	
Britiande	1	Sueſte.	Paſſó	2	Naſcente.
Cabril	6	Poente.	Pendilhe	4	Sul.
Caria	5	Naſcent.	Pera e Peva	4	Naſcente.
Caſtello	3 e m.	Naſc.	Pezo da Regoa	2	Norte.
Caſtrodairo	4	Sudueſt.	Pinheiros		
Chavães	4 e m.	Naſc.	Reſende	3	Poente.
S. Chriſt. da Nog.	5 m.	Poent.	Ribellas	1 e m.	Sul.
S. Coſmado	3	Naſcente.	Sande	m.	Nordeſt.
Ermida	5	Poente.	Sanfins	6	Poente.
Ferreiros	5	Poente.	Sinfães	5	Poente.
Fontéllo	2	Nordeſte.	Sever	2	Naſcente.
Fragoas	4	Naſcente.	Taboaço	5	Naſcente.
Goujoim	3	Naſcente.	Tarouca	2	Sueſte.
Granja do Fedo	4	Naſcente.	Teixeira	3	Poente.
Lalim	2	Sueſte.	Tendães	5	Poente.
Lazarim	2 e m.	Naſc.	Valdigem	1	Nordeſte.
Leomil	3	Naſcente.	Varzea da Serra	3	Sul.
Longa			Ucanha	1 e m.	Naſc.
Lumiares	2	Naſcente.	Villa Cova	4	Sul.
S. Mart. de Mour.	2	Poente.	Villa Seca	3	Naſcente.

§. VII.

§. VII.

Roteiro de Liſboa para a Villa da Moimenta da Beira, *em que ſe contaõ cincoenta e quatro leguas ao Nordeſte.*

Eſta derrota ſe divide em quatro jornadas. Primeira de Liſboa até Santarem, que fazem quatorze leguas. Segunda de Santarem a Coimbra, em que contaõ vinte leguas. Terceira de Coimbra a Viſeu, em que ha treze leguas. Eſtas tres jornadas já eſtaõ aſſinadas; reſta ſó declarar o caminho, que vay de Viſeu para a Moimenta da Beira, em que ſe numeraõ ſete leguas, da maneira ſeguinte.

De Liſboa a Viſeu	47	Lamas	1
De Viſeu a Cavernaes	1	Segões	1
Dahi à Pedroſa	1	Granja de Paiva	1
Fontainhas	1	Moimenta	1

Por outro caminho, indo por Thomar.

De Liſboa a Thomar	21	Foz d'Arouce	2
Dahi ao Pintado	1	S. Miguel	1
Ceras	1	Cortiça	1
Pereiro	1	Sampayo	1
Cabaços	1	Pinheiro d'Azere	1
Vendas de Maria	1	Santa Comba	1
Vendas dos Moinhos	1	Fonte do Salgueiro	1
Eſpinhal	1	Viſeu	4
Corvo	2	Moimenta	7

§. VIII.

Roteiros traverſos da Moimenta da Beira para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para Villa Real, *em que ſe contaõ oito leguas ao Norte.*

Da Moimenta a Contim	1	Folgoſa	1
A Goujim	1	Galafulla, paſſando o Douro	1
Villa Seca	1	Villa-Real	3

§. IX.

§. IX.

Roteiro da Moimenta da Beira para S. Joaõ da Peſqueira, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Norte.*

Da Moimenta a Guedieiros	1	Dahi à Villa de Trovões	1
Dahi a Paredes da Beira	1	A S. Joaõ da Peſqueira	3

§. X.

Roteiro da Moimenta para Braga, *em que ſe contaõ dezaſete leguas ao Noroeſte.*

Da Moimenta a Teixeira	7	Venda da Serra	1
Dahi ao Carneiro	1	Guimarães	1
Amarante	2	A' Barca	1
Lixa	1	Aos quatro irmãos	1
Deveza da Eſcorva	1	A Braga	1

§. XI.

Roteiro da Moimenta para o Porto, *em que ſe contaõ vinte leguas ao Noroeſte.*

Da Moimenta ao Sarzedo	1	Canavezes	1
Do Sarzedo à Granja Nova	1	Aos quatro irmãos	1
A Ferreirim	1	Ao Caſtro	1
Lamego	1 q.	Arrifana de Souſa	1
Santiaguinho	1	Paredes	1
Mezam-frio	1	Baltar	1
Teixeira	1	Ponte Ferreira	1
Carraſqueira	1	Val-longo	1
Fonte do Mel	1	Venda-Nova	1
Venda da Gieſta	1	Porto	1

§. XII.

Roteiro da Moimenta à Torre do Moncorvo, *em que ſe contaõ nove leguas ao Norte.*

Da Moimenta a Fonte Arcada	1	A Penedono	1
Dahi a Chuzendo	1	Villa de Ranhados	1

Se-

Sedavim	1	Barca do Pocinho	1
Sevadelhe	1	A'Torre do Moncorvo, paſſando o rio Douro	1
Freixo de Nemaõ	1		

§. XIII.

Roteiro da Moimenta para a Praça de Almeida, *em que ſe contaõ doze leguas ao Naſcente.*

De Moimenta à Villa da Rua	1	Santa Eufemia	1
Villa da Ponte	1	Valbom	1
Sarzeda	1	Pinhel	1
Torrinha	1	Pereiro	1
Moreirinhas	1	Valverdinho	1
Cótimos	1	Almeida	1

§. XIV.

Roteiro da Moimenta para a Villa de Trancoſo, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Poente.*

Da Moimenta à Villa da Rua	1	Bem vende	1
Ao Garajal	1	Rio de Mel	1
Ponte do Abbade	1	Trancoſo	1

§. XV.

Summario das diſtancias, que ha da Moimenta da Beira para algumas povoações mais principaes.

Da Moimenta a

Ao Convento de Caria	m.	Ao Convento de Taboſa	m.
Ao Convento de Salzeda	2	A' Lapa	2
Ao Convento de S. Joaõ de Tarouca	2	A Sernancelhe	2
		A Leomil	m.

CAPITULO V.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Pinhel, *em que ſe contaõ cincoenta e cinco leguas e meya ao Nordeſte.*

De Lisboa a Santarem	14	De Thomar à Venda Nova	1
De Santarem a Thomar	8	Ceras	1

Pereiros	1	Chamuſca	1
Cabaços	1	C,aragoça	1
Barqueiro	1	Torrezello	meya.
Vendas de Maria	meya.	Maceira	1
Venda dos Moinhos	1 e m.	Pinhanços	1
Eſpinhal	1	Vinhó	1
Corvo	2	Sampaio	meya.
Foz d'Arouce	2	A Villa Cortez	1
S. Miguel de Poyares	1	A Carrapichana	meya.
Ponte da Murcella	1	A Cortiçó	1
Cortiça	1	Celorico	1
Moita	1	Baraçal	1
Venda do Valle	1	Souro Pires	3
Venda do Porco	1	A Pinhel	1
Galizes	1		

Por outro caminho, indo por Coimbra, ſe contaõ cincoenta e ſete leguas, e por Leiria fazem cincoenta e nove e meya; mas eſta eſtrada ſerve para quando os campos vaõ cheyos de agua em tempo de inverno.

§. I.

Roteiro de Pinhel para a Guarda, *em que ſe contaõ cinco leguas ao Sul.*

De Pinhel a Aldea Nova	1	Dahi a Rapoulla	1
Dahi às Freixedas	1	Dahi à Guarda	1
Dahi ao Carvalhal	1		

§. II.

Roteiro de Pinhel para Trancoſo, *em que ſe contaõ quatro leguas ao Poente.*

De Pinhel a Valbom	1	Ao Amial	1
A' Povoa	1	A Trancoſo	1

§. III.

Roteiro de Pinhel para a Praça de Almeida, *em que ſe contaõ tres leguas ao Naſcente.*

De Pinhel ao Pereiro	1	De Valverde a Almeida	1
Do Pereiro a Valverde	1		

§ IV.

§. IV.

Roteiro de Pinhel pora Caſtello-Rodrigo, *em que ſe contaõ tres leguas ao Nordeſte.*

De Pinhel a Villar-Torpim	2	Dahi a Caſtello-Rodrigo	1

§. V.

Roteiro de Pinhel para Celorico, *em que ſe contaõ cinco leguas a Sudueſte.*

De Pinhel a Souro Pires	1	A Celorico	1
Ao Baraçal	3		

§. VI.

Summario das diſtancias, que ha de Pinhel às Villas da ſua Correiçaõ.

De Pinhel a

Aguiar da Beira	7	Noroe.	Horta	6	Noroe.
Alfayates	8	Sueſt.	S Joaõ da Peſqueir.	10	Norte.
Algodres	4	Norte.	Lamegal	2	Poent.
Almeida	3	Naſc.	Langroiva	3	Norte.
Almendra	5	Norte.	Marialva	4	Norte.
Carapito	5	Noroe.	Matança	7	
Caſtanheira	11	Noroe.	Meda	6	Noroe.
Caſteiçaõ	5		Moreira	4	Poent.
Caſtello-Bom	6	Sueſt.	Muxagata	5	Norte.
Caſtello-Mendo	4	Sueſt.	Nemaõ	6	Nord.
Caſtello Rodrigo	3	Nord.	Paradella	10	
Cedavim	6	Noroe.	Paredes	9	Noroe.
Ervedoſa	10	Noroe.	Pena-Verde	6	Noroe.
Eſcalhaõ	4	Nord.	Penedono	7	Noroe.
Figueiró da Granja	8		Penella	7	
Fonte Arcada	8	Noroe.	Ponte		
Fornos			Povoa	7	
Guilheiro	7	Noroe.	Ranhados	6	

De Pinhel a

Reigada	2	Naſc.	Trovões	8	Noroe.
Sinco Villas	2	Naſc.	Valença do Douro	11	Noroe.
Sernancelhe	8	Noroe.	Val de Coelha	4	Naſc.
Sindim	10	Noroe.	Val-longo	8	
Soutello	10		Varzeas	9	Noroe.
Souto	6 e meya.		Veloſo		
Tavora	11	Noroe.	Villa-Nov. de Foſc.	6	Nort.
Touça	6	Noroe.	Villar Mayor	6	Sul.
Trancoſo	4	Poente.			

§. VII.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Trancoſo, *em que ſe contaõ cincoenta e quatro leguas ao Nordeſte.*

De Lisboa a Thomar	22	Venda do Porco	1
A Ceras	2	Galizes	1
Aos Pereiros	1	Chamuſca	2
Cabaſſos	1	C,aragoça	1
Venda de Maria	1	Maceira	1
Venda das Figueiras	1	Pinhanços	1
Eſpinhal	1	Vinhó	1
Corvo	2	Cortiçó, paſſando por Villa-Cortez, e Sampayo	2
Foz d'Arouce	2	Carrapichana	1
S. Miguel de Poyares	1	Celorico	2
Ponte da Morcella	1	Frontilhuro	1
Sobreira	1	Fiães	1
Poços	1	Trancoſo	1
Moita	1		
Venda do Valle	1		

Por outro caminho, que ſegue o Correyo, indo por Viſeu.

De Viſeu a Povolide	1 e m.	Penaverde	1
A Roriz	1	Caſaes do Monte	1
Eſmolfe	1	Venda do Cego	1
Sezures	1	Trancoſo	1
Forninhos	1		

§ VIII.

§. VIII.

Roteiro de Trancoſo para Lamego *, em que ſe contaõ dez leguas ao Noroeſte.*

DeTrancoſ.a Bem-vend.	1	Alvite	1 em.
Dahi à ponte do Abbade	1	Mondim	1
A' Lapa	1 em.	Villa meã	1
Lamoſa	meya.	Britiande	1
Ariz	meya.	Lamego	1

§. IX.

Roteiro de Trancoſo para Almeida*, em que ſe contaõ ſete leguas ao Naſcente.*

De Trancoſ. à Povoa delRey	2	Pereiro	1
Dahi a Val bom	1	Valverde	1
Pinhel	1	Almeida	1

§. X.

Roteiro de Trancoſo para a Torre do Moncorvo *, em que ſe contaõ dez leguas ao Nordeſte.*

De Trancoſo à Moreira	1	Freixo de Nemaõ	1
Dahi ao Carvalhal	1 em.	Santo Amaro	1
Ao Convento dos Villar.	1 em.	A' Barca do Douro	1
A' Meda	1 em.	A' Torre do Moncorvo	1
Fonte Longa	1 em.		

Por outro caminho.

De Trancoſo a Valcovo	1	Marvaõ	1
Rabaçal	1	Barca do Douro	1 em.
Venda da Barriga	2	Torre do Moncorvo	1

§. XI.

Roteiro de Trancoſo à Guarda *, em que ſe contaõ cinco leguas ao Sueſte.*

De Trancoſo aos Carnicaes, ou à Fonte de Cal	1	Ponte do Ladraõ	1
Baraçal	1	Cabadoide	1
		Guarda	1

CA-

CAPITULO VI.

Roteiro de Lisboa para a Cidade da Guarda, *em que ſe contaõ cincoenta e tres leguas ao Nordeſte.*

De Lisboa a Thomar	22	Venda do Porco	1
De Thomar a Seras	2	Venda Nova	1
Pereiro	1	Chamuſca	1
Cabaços	1	Torrozello	1
Venda de Maria	1	Maceira	1
Venda dos Moinhos	2	Pinhanços	1
Eſpinhal	1	Vinhó	1
Venda do Corvo	2	Carrapichana	2
Foz d'Arouce	2	Cortiçó	1
S. Miguel	1	Celorico	1
Ponte da Morcella	1	Lagioſa	1
Cortiça	1	Cabadoide	1
Moita	1	Guarda	1
Venda do Valle	1		

Por outro caminho, indo pela eſtrada de Abrantes, em que ſe contaõ cincoenta e huma leguas.

De Lisboa a Abrantes	23	Soalheira	2
Dahi a S. Domingos	3	Atalaya	1
A' Palhota	2	Quartaõ	1
Cardigos	1	Capinha	2
Cortiçada	1	Peraboa	1
Sobreira formoſa	1	Caria	1
Monte gordo	1	Belmonte	1
Sarzedas	1	Vendas da Vella	2
Juncal	2	Guarda	2
Tinalhas	1		

§. I.

Roteiros traverſos da Cidade da Guarda para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para a Cidade do Porto, *em que ſe contaõ vinte e ſeis leguas ao Noroeſte.*

D. Guarda à Ponte do Ladr.	2	Maceira	2
Dahi à Quinta dos Vermelh.	1	Antas	1

Souto

Souto de Vide	1	Geſtoſo	1
Caſtendo	1	Marujal	1
Bacim	1	Africana	1
Cavernais	1	Cabeçais	1
Luſtoſa	2	S. Vicente	1
S. Pedro do Sul	2	Terreiro	1
Trapa	1	Carvalhos	1
Ponte dos Ovos	1	Porto	2
Manhouce	1		

Os rios principaes, que ſe atraveſsaõ neſta jornada, ſaõ: o Mondego, o Vouga, e o Paiva.

§. II.

Roteiro da Guarda para Lamego, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Noroeſte.*

Da Guarda a Cabadoide	1	Aguiar da Beira	1
A' Ponte do Ladraõ	1	Quintella	1
Forno telheiro	1	Alvito	2
Aldea Nova	1	Mondim	1
Cariz	1	Britiande	1
Eirado	1	Lamego	1

§. III.

Roteiro da Guarda para a Praça de Almeida, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Nordeſte.*

Da Guarda a Joaõ Bragal	1	Freixo	1
Urgeira	1	Aldea-Nova	1
Pinzio	1	Almeida	1

§. IV.

Roteiro da Guarda para a Torre do Moncorvo, *em que ſe contaõ doze leguas ao Norte.*

Da Guarda ao Recamondo	1	Venda da Barriga	1
Avelans da Ribeira	1	Marvaõ	1
Alverca	1	Villa-Nova de Foſcoa	1
Cerejo	1	Ao Douro	1
Cótimos	1	A' Torre do Moncorvo	1
Corilcada	2		

§. V.

§. V.

Roteiro da Guarda para Caſtello-Branco, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Sul.*

Da Guarda às Vend. da Vella	2	Quartaõ	2
Belmonte	2	Atalaia	1
Caria	1	Lardoſa	1
Peraboa	1	Alcains	1
Capinha	1	Caſtello-Branco	1

§. VI.

Roteiro da Guarda para a Covilhã, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Sudueſte.*

Da Guarda às Vend. da Vella	2	Teixoſo	1
A Belmonte	2	A' Covilhã	1

§. VII.

Roteiro da Guarda para a Villa do Fundaõ, *em que ſe contaõ nove leguas ao Sudueſte.*

Da Guarda às Vend. da Vella	2	Ferro	1
Belmonte	2	Fundaõ	4
Caria	1		

§. VIII.

Roteiro da Guarda para a Villa do Sabugal, *em que ſe contaõ cinco leguas ao Naſcente.*

Da Guarda a Panoyas	1	Val Mouriſco	1
Adaõ	1	Sabugal	1
Pega	1		

§. IX.

Roteiro da Guarda para a Villa de Manteigas, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Poente.*

Da Guarda à Curujeira	1	Val de Moreira	1
Famelicaõ	1	Sameiro	1
Valhelhas	1	Manteigas	1

§. X.

§. X.

Roteiro da Guarda para a Praça, e Villa de Penamacor, *em que ſe contaõ nove leguas ao Sul.*

Da Guarda a Panoyas	1	Val de lobo	1
A Santa Anna	1	Meimoa	1
A Pouſa-foles	1	Santo André	1
Aguas Bellas	1	Penamacor	1
Urgeira	1		

§. XI.

Roteiro da Guarda para a Praça, e Villa de Alfaiates, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Naſcente.*

Da Guarda a Villa Mendo	2	Nave	1
Marmeleiro	1	Alfaiates	1
Rapoula de Coa	1		

§. XII.

Roteiro da Guarda para a Villa de Villar-Mayor, *em que ſe contaõ cinco leguas ao Naſcente.*

Da Guarda a Villa Fernando	2	Ponte de Siqueiros	1
Ao Monte Margarida	1	Villar-Mayor.	1

§. XIII.

Roteiro da Guarda para a Villa de Linhares, *e dahi até à Villa da* Cea, *em que ſe contaõ ſete leguas ao Poente.*

Da Guarda a Miſarella	1	Villa de Gouvea	1
Prados	1	Villa de Santa Marinha	1
Linhares	1	Villa de Cea	1
Villa de Mello	1		

§. XIV.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Cea, *em que ſe contaõ quarenta e quatro leguas ao Nordeſte.*

Eſta derrota faz-ſe partindo de Lisboa para Thomar, até onde ſe contaõ vinte e duas leguas. De Thomar ſegue as meſ-

mas eſtradas do caminho, que vay para Pinhel; mas chega ſómente a Torrozello, e dahi à Villa de Cea, que he huma legua. Eſta derrota he mais breve, e direita por eſta eſtrada, que pela de Coimbra, em que ſe contaõ quarenta e ſeis leguas, ou pela de Leiria, em que ha quarenta e ſete leguas.

§. XV.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Gouvea, *em que ſe contaõ quarenta e oito leguas ao Nordeſte, indo pela eſtrada de carruagens.*

De Lisboa à Caſtanheira	8	Cernache	1
Dahi a Ota	2	Cruz dos Moroiſſos	1
Eſpinhaço de Caõ	1	Coimbra	1
Rio Mayor	1	Mealhada	3
Truquel	1	Mortagua	2
Alcobaça	2	Ponte do Criz	1
Aljubarrota	1	S. Comba Daõ	1
S. Jorge	1	Cancella	1
Batalha	1	Guarita	1
Leiria	2	Carregal	1
Venda dos Machados	1	Oliveira do Conde	1
Venda do Gallego	1	Ervedal	2
Pombal	1	Seixo	1
Venda do Diabo	1	Lagarinhos	2
Redinha	1	Gouvea	1
Condexa	3		

Por outro caminho, que ordinariamente ſeguem os Almocreves, e peſſoas que vaõ a cavallo.

De Lisboa a Santarem	14	Seras	1
A Val de Figueira	1	Pereiro	1
Ponte de Alviella	1	Cabaços	1
Ponte de Almonda	1	Vendas de Maria	1
Golegã	1	Venda dos Moinhos	1
Atalaya	1	Venda do Paſtor	1
Cenceira	1	Villa-Flor, ou Barrocas do Corvo	1
Guerreira	1		
Thomar	1	Corvo	1
Pintado	1	Foz d'Arouce	1

Ven-

Venda-Nova	2	Chamuſca	1
Ponte da Murcella	1	Torrozello	1
Sobreira	1	Maceira	1
Poços	1	Santa Comba	1
Valle	1	Lagarinhos	1
Venda do Porco	1	Gouvea	1
Galizes	1		

§. XVI.

Roteiro traverſo de Gouvea para a Cidade de Viſeu, em que ſe contaõ ſeis leguas ao Norte.

De Gouvea às Contenſas	2	Tagilde	1
Meſquitella	1	Viſeu	1
Mangualde	1		

§. XVII.

Roteiro de Gouvea para a Praça de Almeida*, em que ſe contaõ doze leguas ao Nordeſte.*

De Gouvea a Villa Cortez	1	Soilo Pires	1
Carrapichana	1	Pinhel	1
Cortiçó	1	Pereiro	1
Celorico	1	Carvalhal	1
Maçal	1	Valverdinho	1
Baraçal	1	Almeida	1

§. XVIII.

Summario das diſtancias, que ha da Guarda às Villas da ſua Correiçaõ.

Da Guarda a

Açores	2	Norte.	Cea	6	Poente.
Alvoco da Serra	9	Suduest.	Celorico	3	Noroeſt.
Baraçal	3	Noroeſt.	Codeceiro	2	Suſudue.
Cabra	5	Noroeſt.	Covilhã	7	Suſudue.
Caſtro-Verde	6	Poente.	Folgozinho	4	Poente.

Da Guarda a

Forno Telheiro	3	Noroeſt.	Midões	9	Poente.
Gouvea	5	Poente.	Moſteiro	8	Noroeſt.
Jarmello	3	Sul.	Oliveirinha	11	Noroeſt.
Lagos da Beira	10	Poente.	Seixo		
Linhares	3	Noroeſt.	S. Romaõ	7	Poente.
Loriga	8	Sudueſt.	Torrozello	9	Sul.
Louroſa	10	Poente.	Vallazim	8	Poente.
Manteigas	6	Poente.	Valhelhas	3	Suſudue.
Santa Marinha	5	Poente.	Villa Cova a Coelheira	9	Suſudue.
Mello	5	Poente.			
Meſquitella	4	Poente.			

CAPITULO VII.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Caſtello-Branco*, em que ſe contaõ trinta e ſete leguas ao Nordeſte.*

De Lisboa até Abrantes	23	Perdigaõ	3
De Abrantes a Maçaõ	4	Cernadas	2
Venda Nova	2	Caſtello-Branco	3

§. I.

Roteiro de Caſtello-Branco à Covilhã*, em que ſe contaõ onze leguas ao Norte.*

De Caſtello Branco a Alcains	3	Fundaõ	1
Alpedrinha	3	Covilhã	3
Compoſta	1		

§. II.

Summario das diſtancias, que ha de Caſtello-Branco às Villas da ſua Correiçaõ.

De Caſtello-Branco a

Alpedrinha	5	Norte.	Belmonte	11	Nordeſt.
Atalaya	4	Nordeſt.	Bempoſta	6	Naſcent.

Caſ-

De Caſtello-Branco a

Caſtello-Novo	5	Norte.	Salvat.doEſtremo	8	Naſcent.
Idanha a Velha	7	Naſcent.	Sarzedas	3	Poente.
Idanha a Nova	5	Naſcent.	Segura	7	Naſcent.
Monſanto	7	Naſcent.	Sortelha	10	Naſcent.
Penagarcia	9	Naſcent.	Touro	12	Naſcent.
Penamacor	8	Nordeſt.	S. Vicente	5	Norte.
Proença a Velha	6	Nordeſt.	Villa-Velha de Rodaõ	5	Sul.
Roſmaninhal	6	Sueſte.	Zibreira	10	Naſcent.
Sabugal	11	Nordeſt.			

DIVISAÕ IV.

Roteiros de Lisboa para as principaes povoações da Provincia do Minho.

A Porçaõ do Reino mais povoada, e mais fertil he a do Minho, que, ſegundo os melhores Geografos, tem dezoito leguas de comprido, e doze de largo na mayor extensaõ de Naſcente a Poente. O rio Minho ſepara eſta Provincia de Galiza pela banda do Norte, pela do Sul confina ella com a Beira, ao Naſcente a divide a ſerra do Maraõ da Provincia de Trás os Montes, e da parte do Poente lhe ſerve de moldura o Oceano. He cortada de ſete rios caudaloſos, dos quaes ſeis vaõ deſembocar ao mar, o Douro, Leça, Ave, Neiva, Lima, e Minho, além de infinitos outros rios, que entraõ nos capitaes, que para commodo dos paſſageiros eſtaõ ſujeitos a mais de duzentas pontes de cantaria lavrada, e outras de pedra toſca, e madeira.

As eſtradas por todo, ou quaſi todo o ambito deſta Provincia, tem todas as circunſtancias, que fazem agradavel o caminho aos viajores, e lhes facilita, e ſuaviza quaeſquer difficuldades, ou aſpereza, que poſſaõ encontrar. Conſta de ſeis Comarcas, para as quaes daremos os Roteiros ſeguintes.

CA-

CAPITULO I.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Guimarães, *em que ſe contaõ ſeſſenta leguas ao Norte.*

Eſta derrota he quaſi a meſma, que havemos aſſinar no caminho de Braga, e por iſſo deixemos de o fazer aqui.

§. I.

Summario das diſtancias, que ha de Guimarães aos Coutos, Villas, e Concelhos da ſua Correiçaõ.

De Guimarães a

Abbadim	5	Nord.	Monte longo	2	Nort.
Aguiar da Penha	10	Naſc.	Moreira de Rei		
Amarante	5	Naſc.	Ovelha	6	
Athei	6	Naſc.	Parada de Bouro		
Cabeceiras de Baſto	5	Naſc.	Pedraido		
Canavezes	5		Pombeiro	1	
Cepães			Pouſadella		
Cerolico de Baſto	5	Naſc.	Refoyos de Baſto		
S. Cruz de Riba Tam.	4		Ribeira de Pena	8	
Felgueiras	2	Naſc.	Ribeira de Soás	4	
Fonte Arcada			Roças	5	Nort.
Geſtaço	5		Ruivaes	6	
Gouvea de Riba Tam.	5		Serva	7	
Hermello	7		Taboado		
Jalles	12		Thuias	6	
S. Joaõ de Rei	3		Tibães	3	Nort.
Lagioſa			Travanca		
Lanhoſo	3	Nort.	Vieira	3	Nord.
Louſada	3	Nord.	Villa-Boa de Roda	4	Nord.
Mancellos			Villa-Cahiz	5	
Meinedo			Vimieiro	4	Noro.
Mondim	6		Unhaõ	2	Sul.
Monte alegre	12				

CA-

CAPITULO II.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Braga *, em que ſe contaõ ſeſſenta leguas ao Norte.*

De Lisboa ao Porto	52	Villa-Nova de Famelicaõ	1
Do Porto à ponte de Leça	1	Santiago da Cruz	1
Ao Caſtelejo	1	A Taboſa	1
A Carriça	1	A Braga	1
Barca da trofa	1		

§. I.

Roteiro traverſo de Braga a Chaves*, em que ſe contaõ quinze leguas ao Nordeſte.*

De Braga ao Carvalho Déſte	1	Venda Nova	1
Ao Pinheiro	1	Venda da Serra	1
Pardieiros	1	Alturas	1
Penedo	1	Carvalhelhos	1
Salamonde	1	Boticas	1
Ruivaes	1	Caſas Novas	1
Campos	1	Chaves	1

CAPITULO IV.

Roteiro de Lisboa para Viana*, em que ſe contaõ ſeſſenta e duas leguas ao Norte.*

Reparte-ſe eſta derrota em quatro viagens. A Primeira, partindo de Lisboa, ſe vay até Santarem, onde fazem quatorze leguas. Dahi para Coimbra, em que ſe contaõ vinte leguas. De Coimbra ao Porto dezoito, e do Porto até Vianna dez, da maneira ſeguinte.

De Lisb. até à Cidad. do Port.	52	Rates	1
De Port. ao Senhor do Padraõ	1	A' terra Negra	1
A' Moreira	1	Barca de Lago	1
A' Magdalena	1	Redemoinhos	1
Caſal de Pedro	1	Viana	2

§. I.

Roteiro traverſo da diſtancia, que ha de Viana até Melgaço, *em que ſe contaõ doze leguas ao Norte.*

De Viana a Caminha	3	Monçaõ	2
De Caminha a Villa-Nova	2	Melgaço	3
A Valença	2		

§. II.

Roteiro de Viana para Braga, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Naſcente.*

De Viana à Senhor. das Neves	1	A' Senhora do Bom deſpacho	1
A's Boticas	1	A' Ponte de Prado	1
Ponte de Anhel	1	A Braga	1

CAPITULO IV.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Barcellos, *em que ſe contaõ ſeſſenta leguas ao Norte.*

De Lisb. até à Cidad. do Port.	52	A Lameira	1
Do Porto ao Padraõ	1	Aos nove Irmãos	m.
Ao Convento da Moreira	1		

O Eſpaço deſta legua he perigoſo de inverno pelos grandes atoleiros, que ha.

A' Magdalena	m.	Ponte de Arcos	m.
Ao Caſal de Pedro	1	Ponte da mulher morta	m.

Neſte tranſito, que he junto da Villa de Rates, ha huma ribeira, que paſſar.

Cacabaya	1 e m.	Barcéllos	meya.

De Cacabaya a Barcéllos ha outro ribeiro, que de inverno he de má paſſagem.

§. I.

§. I.

Summario das diſtancias, que ha de Barcéllos às terras principaes circumvizinhas.

De Barcéllos a

Braga	3	Porto	7
Eſpoſende	2	Rates	2
Faō	2	Vianna	4
Fralães	2	Villa do Conde	3
Guimarães	4	Villa-Nova de Famelicaō	3
Ponte de Lima	5		

CAPITULO V.

Roteiro de Lisboa para a Cidade do Porto, *em que ſe contaō cincoenta e duas leguas ao Norte.*

De Lisboa até Coimbra	34	Albergaria Nova	1
De Coimbra aos Fornos	1	Pinheiro da Bempoſta	1
Carquejo	1	Oliveira de Azemeis	1
Mealhada	1	S. Joaō da Madeira	1
Pedreira	1	Souto Redondo	1
Avelans	1	Grejo	1
Aguada	1	Carvalhos	1
Sardaō	1	Rechouſſa	1
Ponte da Vouga	1	Porto	1
Albergaria Velha	1		

§. I.

Summario das diſtancias, que ha da Cidade do Porto às Villas, e Concelhos circumvizinhos.

Do Porto a

Aguiar de Souſa	3	Avintes	2
Arrifana de Souſa	6	Azurara	4

Do Porto a

Bayaõ	9	Pena fiel	6
Bem Viver	6	Refoyos	4
Gaya	3	Porto Carreiro	6
Gondomar	meya.	Povoa de Varzim	4
S. Joaõ da Foz	meya.	Soalhães	8
Maya	4	Tibães	8
Melres	4	Villa do Conde	4
Matozinhos	1	Vimieiro	8

§. II.

Roteiro do Porto a Ponte de Lima *pela eſtrada de Barcéllos, em que ſe contaõ doze leguas ao Norte.*

Do Porto ao Padraõ da legua	1	Barcéllos	1
Dahi à Moreira	1	Senhora da Portella	1
Magdalena	1	Senhora Apparecida	1
Caſal de Pedro	1	Portella de Santo Eſtevaõ	2
Carvalho	2	Ponte de Lima	1

Pela eſtrada de Braga ha treze leguas.

Do Porto à Ponte de Leça	1	Braga	1
Caſtellejo	1	Prado	1
Carriça	1	Moure	1
Trofa	1	Aguães	1
Villa-Nova de Famelicaõ	1	Ponte Nova	1
Santiago da Cruz	1	Ponte de Lima	1
Teboſa	1		

DIVISAÕ V.

Roteiros de Lisboa para as principaes povoações da Provincia de Tràs os Montes.

COmo ſeja preciſo para haver de entrar neſta Provincia ſubir os montes do Maraõ, e as ſerranias do Gerez, dahi veyo chamarſe eſta Regiaõ a Provincia de Tràs os Montes, que aſſim ſe conſidera reſpectivamente à do Minho. O ſeu ambito occupa mais de cento e trinta leguas, conforme o calculo de Joaõ Salgado de Araujo, e quaſi que todo elle he de fórma quadrada; por iſſo advirto, que em todos os Mappas deſte Reino, illuminados por Eſtrangeiros, ſe accreſcenta erradamente a eſta Provincia toda a Comarca de Pinhel, que pertence à Beira.

He aſpero o ſeu terreno, e por eſſa cauſa as ſuas leguas ſaõ reputadas por mayores, ainda que as diſtancias ſejaõ de menos paſſos. Reparte-ſe em quatro Comarcas, cujos Roteiros ſaõ os que ſe ſeguem.

CAPITULO I.

Roteiro de Lisboa para a Villa da Torre do Moncorvo, *em que ſe contaõ ſeſſenta e tres leguas ao Nordeſte, que ſe reputaõ por ſeſſenta e ſete.*

De Lisboa a Santarem 14 - De Santarem a Thomar 8

De Thomar ſegue o meſmo caminho, que aſſinámos de Lisboa para Trancoſo até Celorico, que fazem trinta; e dahi ſe aparta caminhando para S. Martinho, que ſaõ 3

De S. Martinho ao Rabaçal	2	De Marvaõ ao Pocinho	2
Do Rabaçal a Marvaõ	3	Dahi à Torre do Moncorvo	1

Neſta derrota ſe paſſaõ algumas vinte ribeiras, que quaſi todas tem ponte, o Douro particularmente, e em todas as manſões ha eſtalagens.

§. I.

Roteiros traverſos da Villa de Moncorvo para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para a Cidade de Bragança, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Norte.*

Do Moncorvo à Portella	1	Grijó	1
Junqueira	1	Val de Prados	1
Santa Comba	2	Quintella	1
Trindade	1	Fernande	1
Bornes	1	Sortes	1
Val bem feito	1	Bragança	1

Por eſte caminho ha boas eſtalagens, e onze ribeiras, que ſe paſſaõ ſem perigo, huma das quaes ſe chama a *Villariça*, que he indo da Junqueira para Santa Comba.

§. II.

Roteiro de Moncorvo para Freixo de Eſpadacinta, *em que ſe contaõ cinco leguas ao Naſcente.*

Da Torre a Mós	2	De Mós a Freixo	3

§. III.

Roteiro de Moncorvo para a Cidade de Miranda, *em que ſe contaõ treze leguas ao Nordeſte.*

Da Torre a Carviçaes	2	A Sindim	3
Ao Mogadouro	4	A Miranda	2
A Villadella	2		

§. IV.

Roteiro de Moncorvo para Chaves, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Norte.*

Da Torre à Portella	1	Rio Torto	1
A Villa-Flor	2	Val Paſſos	1
Meirelles	1	Ervões	1
Frechas	2	S. Lourenço	2
Mirandella	1	Chaves	1
Eixes	1		

§. V.

Roteiro de Moncorvo para Villa-Real, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Noroeſte.*

Da Torre a Villa-Flor	3	Parafita	2
Abreiro	2	Juſtes	1
Monte febres	2 e m.	Villa-Real	2
Murça	1 e m.		

§. VI.

Summario das diſtancias, que ha da Villa da Torre de Moncorvo às terras da ſua Correiçaõ.

Da Torre de Moncorvo a

Abreiro	5	Norn.	Monforte de rio liv.	12	Norn.
Agua Revez	9	Poent.	Mós	2 m.	Poent.
Alfandega da Fé	4	Nort.	Murça de Panoya	8	Poent.
Anciães	4	Poent.	Nuzellos	9	Nort.
Caſtro Vicente	5	Nort.	Pinhovello	8	Nord.
Chacim	7	Nort.	Sampayo	3	Nort.
Cortiços	7	Norn.	Sezulfe	8	Nort.
Frechas	5	Nort.	Torre de D. Chama	9	Noro.
Frexiel	4	Noro.	Valdaſnes	6	Nort.
Freix. de Eſpadacint.	5	Sueſt.	Villas-Boas	4	Nort.
Lamas de Orelhaõ	6	Noro.	Villa-Flor	3	Norn.
Linhares	5	Poent.	Villarinho da Caſtan.	3	Poent.
Mirandella	6	Nort.			

CAPITULO II.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Miranda, *em que ſe contaõ ſetenta e ſeis leguas ao Nordeſte, que ſe reputaõ por oitenta.*

Faz-ſe eſta derrota pelo meſmo caminho, que aſſinámos de Lisboa para a Torre do Moncorvo, e dahi para Miranda, como já fica dito.

§. I.

§. I.

Summario das diſtancias, que ha da Cidade de Miranda às Villas da ſua Correiçaõ.

De Miranda a

Algozo	4	Oesſud.	Rebordainhos	8	Norte.
Azinhoſo	7	Sul.	Sanſeriz		
Bempoſta	5	Sul.	Val de Paſſó	13	Norte.
Frieira	6	Norte.	Villarſeco da Lõba	17	Norte.
Mogadouro	7	Sudue.	Vimioſo	3	Oesnor.
Penas de Royas	7		Vinhaes	13	Nornor.

CAPITULO III.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Bragança, *em que ſe contaõ ſetenta e cinco leguas ao Nordeſte.*

He eſta viagem pela meſma derrota, que fica aſſinada para a Torre de Moncorvo, e dahi para Bragança; porém indo por outras terras, ſe evita huma legua, da maneira ſeguinte.

Do Moncorvo à Portella	1	Fernande	2
A Santa Comba	2	Quintella de Lampaças	1
Burga	1	Bidoido	2
Bornes	1	Rebordãos	1
Val bem feito	1	Bragança	1

§. I.

Roteiro de Bragança para Chaves, *em que ſe contaõ doze leguas ao Poente, pela eſtrada dos Correyos.*

De Bragança a Grandais	1	Villa-Verde	1
Caſtrellos	1	Vinhaes	1

Até aqui ſe tem de paſſar os rios Baceiro, e Tuella.

So-

Sobreiró	1	Val d'Armeiro	1
Val Paſſos, ou a Curopos	1	Villartam	1

Aqui ſe paſſa o rio Rabaçal.

Lebuçaõ	1	Fayões	1
Monforte	1	Chaves	1

Eſtas doze leguas he no tempo de veraõ, que de inverno he preciſo rodear tres leguas, por paſſarem as aguas dos rios acima na ponte de Val de Telhas.

§. II.

Roteiro de Bragança para Miranda, *em que ſe contaõ nove leguas ao Sul.*

De Bragança à Villa de Outeiro	3	Dahi a Vimioſo	3
		Dahi a Miranda	3

Por outro caminho.

De Bragança a Rio frio	2	S. Joanico	2
Paradinha	1	Malhadas	2
Quinta de Val de pena	1	Miranda	1

CAPITULO IV.

Roteiro de Lisboa para Villa Real, *em que ſe contaõ cincoenta e nove leguas ao Norte.*

Faz-ſe eſta jornada pela derrota de Lamego, até onde ſe contaõ 55

De Lameg. ao Pezo da Regoa	1	A' Comieira	1
Santa Martha	1	A Villa-Real	1

Por outro caminho, indo pela eſtrada do Porto.

De Lisboa ao Porto	52	Amarante	2
Do Porto à Venda Nova	1	Ovelha	1
A Val longo	1	Campeam	2
Baltar	2	Arabães	1
Arrifana	2	Villa-Real	1
Villa meã	2		

§. I.

Roteiro traverſo de Villa-Real para a Torre de Moncorvo, *em que ſe contaõ onze leguas ao Sueſte.*

De Villa-Real a Alvites	1	Abreiro	1
Juſtes	1	Villas-Boas	1
Parafita	1	Villa Flor	1
Cadaval	1	Carraſcal	1
Murça	1	Moncorvo	2

§. II.

Roteiro de Villa-Real para Chaves, *em que ſe contaõ nove leguas ao Norte.*

De Villa-Real a Eſcariz	1	Sobroſo	2
Amezio	1	Villa-Verde de Oura	1
Villa Pouca	2	Chaves	2

§. III.

Roteiro de Villa-Real para Mirandella, *em que ſe contaõ dez leguas ao Naſcente.*

De Villa-Real a Alvites	1	Palheiros	1
Juſtes	1	Franco	1
Parafita	1	Lamas	1
Cadaval	1	Mirandella	2
Murça	1		

§. IV.

Roteiro de Villa-Real para Amarante, Guimarães, *e* Braga, *que todas lhe ficaõ ao Noroeſte.*

De Villa-Real a Arabães	1	A Caramos	1
A Campeam	1	Pombeiro	1
Ovelha	2	Guimarães	1
Amarante	1	De Guimar. aos quat. Irmãos	2
De Amarante a Lixa	1	A Braga	1

DIVISAÕ VI.

Roteiros de Lisboa para as principaes povoações do Reino, e Provincia do Algarve.

SEm embargo de ſer montuoſa eſta Provincia, he todavia fertil. Tem dezaſeis leguas de fronteira com Andaluzia apartada pelo Guadiana, que ſe naõ vadêa. Attendendo à aſpereza da mayor parte das ſuas eſtradas, ſe reputaõ as leguas por cincoenta em qualquer viagem deſta Provincia, ou ſeja pouca, ou muita a diſtancia, que ſe caminha.

Os productos deſte Reino, que conſiſtem em excellentes vinhos, uvas, e figos paſſados, amendoas, e em muitos generos de peixes goſtoſos, ſervem grandemente ao commercio, e contrato naõ ſó das nações do Norte, que os conduzem daqui as ſuas terras, mas aos proprios nacionaes, que por tranſporte vem com elles fertilizar as mais Provincias do Reino, obrigando-os eſte intereſſe a tranſitar com mais frequencia pelas terras deſta Regiaõ.

CAPITULO I.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Faro, *em que ſe contaõ trinta e nove leguas ao Sueſte, as quaes ſe reputaõ, e coſtumaõ pagarſe por cincoenta.*

De Lisboa à Moita	3	Caſtro	3
Aguas de Moura	5	Sembrana	3 e m.
Alberges	3	Amexial	3 e m.
Quinta de D. Rodrigo	4	S. Bras	5
Figueira dos Cavalleiros	3	Faro	2
Aljuſtrel	4		

Pou outro caminho.

De Lisboa a Aldea Gallega	3	A Viana	6
A Montemór o Novo	12	Alvito	1

Béja	5	Almodovar	3
Entradas	5	Loulé	9
Craſto	2	Faro	2

§. I.

Summario das diſtancias, que ha de Faro às terras do ſeu Termo.

De Faro a

Alagoa	7	Eſtombar	6
Alcantarilha	5	Eſtoi	2
Alferce	6	Monchique	11
Algos	4	Nexe	2
Alportel	2	Olhaõ	1
Alvor	7	Pera	5
Ameixoeira grande	8	Pixaõ	2
Ameixoeirinha	7	Quelfez	2
Santa Barbara	2	S. Joaõ da Venda	1
S. Bras	2	Silves	7
S. Bartholomeu	6		

CAPITULO II.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Lagos, *em que ſe contaõ trinta e ſete leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita por mar	3	Villa-Vova de mil fontes	7
Setubal	3	Odeſeixas	6
Comporta	3	Aljeſur	2
Melides	6	Benſafrim	4
Santo André	2	Lagos	1

Quem naõ quer ir à Comporta, onde o barco he incerto, póde logo da Moita tomar o caminho ſeguinte.

Da Moita à Palhota	2	Alcacer do Sal	4
A Aguas de Moura	3	Melides	6

Daqui continúa a eſtrada para diante, como fica dito acima.

§. I.

§. I.

Roteiros traverſos de Lagos para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para Faro, *em que ſe contaõ onze leguas ao Naſcente.*

De Lagos a Alvor	1	A' Eſtalajem da Nora	2
Dahi a Villanova de Portimaõ	1	A' Quinta de Quarteira	1
Ao Lugar da Alagoa	1	A S. Lourenço do Almancil	2
Ao Lugar de Porxes	1	A Faro	1
Ao Lugar de Pera	1		

§. II.

Roteiro de Lagos para Silves, *em que ſe contaõ quatro leguas ao Nordeſte.*

De Lagos a Villa-Nova de Portimaõ	2	Dahi a Silves pelo rio, ou por terra	2

§. III.

Roteiro de Lagos para Sagres, *em que ſe contaõ ſete leguas ao Sudueſte.*

De Lagos até à Vill. do Biſpo 5 - Dahi a Sagres 2

§. IV.

Roteiro de Lagos para Albufeira, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Naſcente.*

De Lagos ao lugar de Pera 5 - Dahi a Albufeira 1

§. V.

Roteiro de Lagos para Loulé, *em que ſe contaõ dez leguas ao Naſcente.*

De Lagos à Quinta da Quart. 8 - Dahi a Loulé 2

§. VI.

Roteiro de Lagos para Tavira, *em que ſe contaõ quinze leguas ao Naſc.*

De Lagos até Loulé 10 - Dahi a Tavira 5

Por Faro ſaõ dezaſeis leguas.

§. VII.

Roteiro de Lagos para Caſtro-Marim, *em que ſe contaõ vinte leguas ao Naſcente.*

De Lagos a Tavira	16	Dahi a Caſtro-Marim	4

Indo por Loulé ſaõ dezanove.

§. VIII.

Roteiro de Lagos para Alcoutim, *em que ſe contaõ vinte e ſeis leguas ao Nordeſte.*

De Lagos a Caſtro-Marim	20	Dahi a Alcoutim pelo Guadiana, ou pela ſerra	6

§. IX.

Roteiro de Lagos para a Villa do Biſpo, *em que ſe contaõ cinco leguas ao Sul.*

De Lagos ao lugar de Budes	2	Ao lugar da Rapozeira	1
Dahi ao lugar da Figueira	1	A' Villa do Biſpo	1

§. X.

Roteiro de Lagos para a Cidade de Béja, *em que ſe contaõ vinte e tres leguas ao Nordeſte.*

De Lagos ao lugar de Odeſceix.	7	A' Meſſejana	2
A' Villa de Odemira	4	A Aljuſtrel	1
A' Aldea de Santa Luzia	4	A Béja	5

Por outro caminho mais breve, indo pela ſerra.

De Lagos ao lugar de Monchique	5	A Gravaõ	1
A' Eſtalajem da Palhota	4	Panoyas	1
A' Igreja de Santa Clara	m.	Meſſejana	1
A S. Martinh. das Amoreir.	m.	Aljuſtrel	1
		Béja	5

§. XI.

§. XI.

Roteiro de Lagos para a Villa de Ourique, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Norte.*

De Lagos a S. Martinho das Amoreiras	12	Dahi a Ourique	2

§. XII.

Roteiro de Lagos para Evora, *em que ſe contaõ vinte e nove leguas ao Nordeſte.*

De Lagos atè Meſſejana	15	Aguiar	2
Dahi à Villa de Ferreira	4	Evora	4
Alvito	4		

§. XIII.

Roteiro de Lagos para a Vidigueira, *e* Villa de Frades, *em que ſe contaõ vinte e tres leguas ao Nordeſte.*

De Lagos a Aljuſtrel	16	Cuba	2
A' Aldea do Ervedel	2	Vidigueira, ou Villa de Frades	1
Beringel	2		

§. XIV.

Roteiro de Lisboa para Albofeira, *em que ſe contaõ trinta e ſeis leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita	3	Val de Santiago	3
Aguas de Moura	5	S. Martinho	2
Palma	2	Santa Clara	3
Alcacere do Sal	3	S. Marcos	3
Val de Guizios	1	S. Bartholomeu	2
Bairos	4	Albufeira	3
Alvalade	2		

Neſta jornada ſe paſſaõ ſeis ribeiras.

Por Lagos ha 35 leguas e meya, a ſaber:

De Lisboa a Setubal	6	A Aljeſur	1
A' Comporta	m.	A Lagos	5
A Melides	5	A Alvor	1
A Villa-Nov. de mil font.	6	A Villa-Nov. de Portim.	1
Odeſeixes	6	A' Albufeira	4

Por eſta jornada naõ ha ribeiras que paſſar.

Pelo Serro do Malhaõ ha 38 leguas, a ſaber:

De Lisboa à Moita	3	A Craſto	3
A Aguas de Moira	5	A Almodovar	3
A Palma	2	Ao Serro do Malhaõ	5
A' Figueira	8	A' Albufeira	5
A Aljuſter	4		

Tem eſta jornada nove ribeiras que paſſar.

As terras principaes, e circumvizinhas a eſta Villa, contando de Albufeira até Caſtro Marim, ſaõ eſtas:

De Albufeira a Loulé	3	A Tavira	5
De Loulé a Faro	2	A Caſtro Marim	3

E contando de Albufeira até Lagos.

De Albufeira a Villa-Nova	4	A Lagos	1
A Alvor	1	A' Villa do Biſpo	5

§. XV.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Loulé, *em que ſe contaõ trinta e ſete leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita	3	Quinta de D. Rodrigo	1
Dahi à Palhota	2	Figueira dos Cavalleiros	3
Aguas de Moura	3	Aljuſtrel	4
Palma	2	Caſtro	3
Alberges	1	Almodovar	3
Val de Reis	m.	Corte Figueira	3
Porto de Lama	m.	Loulé	6
Porto delRey	2.		

Por

Por outro caminho mais breve.

De Lisboa à Moita	3	Ourique	3
Setubal	3	Corte Figueira	6
Santiago de Cacem	10	Loulé	6
Panoyas	5		

§. XVI.

Roteiro de Lisboa para Villa-Nova de Portimaõ, *em que ſe contaõ trinta e oito leguas ao Sul.*

De Lisboa a Setubal	6	Villa-Nova de mil fontes	7
De Setubal à Comporta	3	Odeſeixas	6
Melides	6	Allezur	2
Santo André	2	Villa-Nova de Portimaõ	6

Por outro caminho.

De Lisboa à Moita	3	Val de Santiago	7
Aguas de Moira	5	Palhota	6
Alcacere do Sal	5	Monchique	4
Bairos	8	Villa-Nova de Portimaõ	4

CAPITULO III.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Tavira, *em que ſe contaõ quarenta e huma leguas ao Sul, e ſe reputaõ por cincoenta.*

De Lisboa à Moita	3	Entradas	2
A' Palhota	2	S. Marcos	2
Aguas de Moira	3	S. Joaõ	2
Palma	2	S. Sebaſtiaõ	1
Alberges	1	A' dos Caros	2
Porto da Lama	1	A' dos Vargens	1
Porto DelRey	2	Aos Giões	1
Quinta de D. Rodrigo	1	Zambujal	2
Figueira	2	Tavira	7
Aljuſtrel	4		

Por outro caminho, indo pela eſtrada de cima.

De Lisboa à Moita	3	Ao Ameixial	7
Da Moita ſegue a meſma eſtrada até Aljuſtr. em q̃ ha	19	A S. Braz	5
De Aljuſtrel a Craſto	3	A Tavira	4

§. I.

§. I.

Summario das diſtancias, que ha de Tavira às terras da ſua Correiçaõ.

De Faro a

Alcoutim	9	Nordeſt.	Conceiçaõ	1	
Alte	8	Noroeſt.	Do deleite	6	Nort.
Ameixial	9		Fuzeta	2	
Arenilha	4		Giões	9	Nort.
Azinhal	5	Nordeſt.	Loulé	6	Poent.
Azor	7		Luz	1	
Benafins	7		Martim longo	9	Nort.
Boliqueime	8	Poent.	Moncarapacho	2	Sul.
Cacella	2	Naſcent.	Pereiros	7	Nort.
Cachoupo	5	Noroeſt.	Sellir	8	Poent.
Santa Catharina	2	Nort.	Vaqueiro	6	
Caſtro-Marim	4	Nordeſt.			

§. II.

Varios Roteiros por traveſſia na viagem do Algarve.

De Lisboa a Lagos	50	A' Albofeira	3
De Lagos a Villa-Nova de Portimaõ	3	A Faro	2
Daqui a Silves	2	A Tavira	5
A' Alagoa	3	A Caſtro Marim	5

§. III.

Outra traveſſia.

De Lisboa a Sagres	50	De Loulé a Faro	2
De Sagres a Lagos	7	De Faro a Tavira	5
De Lagos a Villa-Nova	3	De Tavira a Caſtro Marim	5
Daqui à Alagoa	2	Daqui a Alcoutim	6
Da Alagoa a Albufeira	3	Daqui a Mertola	5
Da Albufeira a Silves	3	De Mertola para Lisboa	34
De Silves a Loulé	6		

§. IV.

Outra traveſſia.

De Sagres a Lagos	7	Daqui a Loulé	3
De Lagos a Villa-Nova	3	Daqui a Faro	2
Daqui a Silves	2	Daqui a Tavira	5
De Silves à Alagoa	3	De Tavira a Lisboa	40
Daqui à Albufeira	3		

DISTANCIAS

De Lisboa às principaes terras de Portugal.

De Lisboa a

Abrantes	23	Angeja	
Aguas Bellas	20	Arrayolos	18
Alcacer do Sal	14	Arega	
Alcobaça	18	Arruda	6
Alcochete	3	Aſſumar	
Alcoentre	11	Atalaya	19
Aldea Gallega	3	Atouguia	10
. . . da Merciana	9	Aveiro	43
Alegrete	38	Avintes	
Alenquer	7	Aviz	25
Alfayates		Azambuja	10
Alhandra	5	Azeitaõ	7
Alhos Vedros	3	Barbacena	
Aljubarrota	18	Barcéllos	59
Almada	1	Barreiro	2
Almeida	60	Batalha	20
Almeirim	15	Béja	24
Alter do Chaõ	30	Bellas	1 m.
Alverca	4	Benavente	9
Alvor		Boarcos	39
Alvorninha	13	Borba	26
Amarante	62	Braga	60

De Lisboa a

Bragança	77	Eſgueira	35
Bucellas	4	Eſtremoz	24
Cadaval	12	Evora	20
Caldas	14	Fáro	50
C,amora	7	Feira	48
Campo Mayor	33	Figueiró dos Vinhos	28
Carnota	9	Freixo de Eſpadacinta	
Caſcaes	5	Galveas	
Caſtanheira	7	Gaviam	28
Caſtello-Branco	40	Golegã	18
Caſtello de Vide	32	Gouvea	51
Caſtello-Melhor		Guimarães	60
Caſtro Daire		Guarda	54
Caſtro Marim	50	Jerumenha	29
Cea		Lafoens	
Celorico		Lagos	37
Certã		Lamego	55
Cezimbra	6	Lavradio	2
Chacim		Leiria	22
Chamuſca	18	Loulé	50
Chaves	68	Lourinhã	10
Chileiros		Mafra	6
Cintra	5	Maçaõ	
Coimbra	34	Mayorga	
Coina	3	Mertola	34
Collares	6	Meſſejana	21
Coruche	14	Miranda	79
Covilhã	15	Moita	4
Coz	19	Moncorvo	67
Crato	28	Monſanto	
Ega		Montemór o Novo	15
Elvas	30	. . . . . . o Velho	36
Enxara dos Cavalleiros	5	Moira	30
Ericeira	7	Mouraõ	
Eſcaroupim	11	Mugem	12

Na-

De Lisboa a

Nazareth	20	Serpa	30
Niza	16	Setubal	6
Obidos	14	Silveiras	13
Oeyras	3	Silves	50
Olivença	34	Sines	20
Ourem	25	Sobral	6
Ourique	25	Soure	30
Otta	11	Tagarro	12
Palmella	5	Tancos	20
Pampilhoſa		Tarouca	
Pederneira	18	Tavira	50
Pegões	8	Tentugal	35
Pedrogaõ Pequeno	32	Thomar	22
Penamacor	50	Tibaens	
Peniche	12	Torraõ	18
Perucha	25	Torres Novas	19
Pernes	18	Torres Vedras	7
Pias		Trancoſo	55
Pinhel	55	Vallada	12
Pombal	28	Valladares	76
Portalegre	32	Valença do Minho	70
Porto	52	. . . . . da Beira	
Porto de Mós	19	Varatojo	7
Povos	7	Viana do Alentejo	21
Punhete	21	. . . do Minho	62
Rabaçal	30	Vendas Novas	11
Rates		Vidigueira	25
Redinha	28	Villa do Conde	57
Redondo		Vialonga	3
Salvaterra de Magos	10	Villa-Flor	
Sampayo		Villa-Franca	6
Sandomil		Villa-Nova de Cerveira	76
Santarem	14	Villa-Real	71
Santiago de Cacem	22	Villa-Verde	9
Sardoal	24	Villa-Viçoſa	26 m.

Vil-

De Lisboa a

Villar Mayor		Ulme	16
Vimieiro	21	Unhaõ	
Viſeu	47	Unhos	2

FIM.

Hic labor extremus, longarum hæc meta viarum.
Hinc me digreſſum veſtris Deus appulit oris.
[Æneid. l. 3.]

Bibliot

(207)